ÁLVARO MIRANDA SANTOS

SÍMBOLOS E SOCIEDADES

REALIDADE DO IMAGINAL

REALIDADE DO CULTURAL

Para uma perspectiva psicossociológica da EXPRESSIVIDADE

Para a Biblioteca do ISPA
um dos do princípio, na fundação
Sempre [illegible]
Cª 93.05.17

Ref. 7126
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

COIMBRA
1991

DISSERTAÇÃO PARA DOUTORAMENTO
EM PSICOLOGIA SOCIAL
APRESENTADA À
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

À ALZIRA

em gratidão

À INÊS

AO JOÃO

em esperança

Γνωτι σεαυτον

"Non enim proprie loquendo sensus aut intelectus cognoscunt sed homo per utrumque".

TOMÁS DE AQUINO

"Das Material der analytischen Psychologie, ihre wesentlichen Tatsachen, sind menschlische Aussagen und zwar solche die öfters und an verschiedenen Ortem und zu verschiedenen Zeiten übereinstimmend vorkommen".

KARL GUSTAV JUNG

"Each Culture has its own eidos and ethos just each Personality has its own cognitive and affective Patterns".

LAWRENCE K. FRANK

"El hombre no ha tenido nunca verdadero empeño en conocer lo humano".

J. ORTEGA Y GASSET

"Seul a une arché
un sujet qui a un telos".

PAUL RICOEUR

Deo gratias agimus quod ignorantiam nostram non ignoramus

AGRADECER... CAMINHANDO

O primeiro é, simultaneamente, interpelação e agradecimento. Dirige-se, por significação própria, aos estudantes e colegas meus, agora, os quais comigo construiram, desde o início — 1979 — a cadeira de *Diagnóstico psicológico e técnicas projectivas*, resistindo activa e actuantemente, ou seja, evidenciando, ao verbalizar as suas dificuldades, os mais variados estereótipos e uns quantos modelos de teorias implícitas da personalidade — T. I. P.. Um particular relevo convém ser dado a tudo o que consiste em *psicopatologizar* quer o diagnóstico (compreensivelmente) quer as técnicas projectivas (muito menos compreensivelmente). Desaparecida a cadeira como parte integrante do currículo da Faculdade, a perspectiva rigorosamente ou especificamente psicológica sobre a personalidade assim como sobre as técnicas projectivas será o que esse grupo de doze anos escolares dela fizer, em insubstituível recriação pessoal, específica em si mesma e especificante da prática.

Para a Fundação Calouste Gulbenkian, da parte deles e particularmente da minha, vai o 2º agradecimento que é, temporalmente o 1º. Graças à Fundação é que fui construindo a perspectiva original e originante, em re-descoberta, dum Rorschach (1921) e dum Murray (1935), em base de K. Jung (dedicação exclusiva e diversificante: Leuven, 1974-77), ao reflectir sobre *Símbolos e sociedades* e sobre a minha investigação, conduzida em Portugal e em Angola, por aprofundamentos sucessivos.

Para Mme Depuydt-Berte, o meu reconhecimento. Nesse período de 1974-77, tudo fez para problematizar, quase contrariar o projecto de despsicopatologização e subsequente alternativa de realce para a significação vivida, acerca das técnicas projectivas,

tendo como base a reflexão em comum sobre a fantasia e o "àrreton" (K. Jung). Esta saudável "resistência" crítica, praticada com *magistral* lucidez, constituiu a "mola real" para o avanço deste projecto que se formalizou em *o mundo imaginal*. Posteriormente, através duma prática pedagógica aturada (1977-90) tornou-se exigência do *mundo cultural*. Duas *realidades*, inseparavelmente distintas e distintamente inseparáveis.

Para o Prof. J. Nuttin, por todo o apoio concedido e pela participação constante nos seus Seminários *Motivação e perspectiva temporal*, o agradecimento claro pelo que essa participação contribuiu para o alargamento diversificante da tridimensionalidade temporal. Secundariamente, por me ter proporcionado, em 1965, o T. A. T. banto de Maria Leblanc.

Para os meus colegas de Faculdade, pelo empenho e interesse demonstrado sobre a conclusão da pesquisa, cada um a seu modo, implícita e explicitamente, vai o meu reconhecimento singelo e sincero, tanto mais verdadeiro e prospectivante quanto caminharmos, cada um ainda a seu modo, para uma ciência psicológica, enfim, epistemologicamente específica e exigentemente científica.

Finalmente, à Congregação dos Padres do Espírito Santo que, na sua característica de lucidez em abertura, por actualização enquanto missionária, sempre me deu vela panda, particularmente nos últimos anos, o melhor e mais sincero agradecimento consiste em mostrar que, em termos de investigação, a confiança não foi traída, tendo em conta os vários trabalhos anteriores e, principalmente este, publicados. E os próximos, se Deus quiser.

SIGNIFICAÇÃO DE CONJUNTO

Singularmente significativa me parece esta reflexão de L. Frank: *Each culture has its own eidos and ethos just each personality has its own cognitive and its affective patterns*. E isto para introduzir esta significação-abertura de conjunto sobre a temática que me proponho equacionar.

E assim, à primeira vista, *Símbolos e sociedades* pode aparecer como um título demasiado vasto na sua formulação geral. Justifica-se, por isso, uma explicitação em dois sub-títulos, um pouco mais restritos, ainda que um pouco problemáticos por virtude do contraste dos elementos em presença. *Realidade do imaginal, realidade do cultural* constituem os dois sub-títulos a darem, pelo facto mesmo, a possível leitor, interessado e/ou investigador uma formulação mais clara e clarificante.

Parecerá claro e pode ficar esclarecido que se torna impossível discorrer sobre a *realidade do imaginal* que somos (Psicologia), sem ter em conta a *realidade do cultural* que igualmente somos (Psicossociologia), assim como a inserção concreta que nos situa num espaço-tempo de *quadros societais* (Sociologia), não esquecendo, antes pelo contrário, a *realidade biótica* que também somos (Bio-fisiologia). Ao passo que esta, a biótica, se apresenta como realidade de base (tantas vezes afirmada ou tida por quase, se não mesmo única), aquela, a societal, pode ser clara a fundamentadamente afirmada como original, embora por vezes se relegue para o desconhecimento ou se exalte exageradamente, como se de uma realidade metafísica se tratasse. Ambas se encontram claramente presentes no lugar-comum: "somos produto da sociedade" a contrastar com a anterior "somos produto da hereditariedade".

A realidade *cultural*, por seu lado, evidencia-se cada vez com mais e melhor fundamento como realidade específica e especificante. No entanto, impossível se torna descobrir e discorrer sobre a realidade cultural sem ter em conta a realidade *imaginal*, a qual, em perspectiva de ciência psicológica, é a realidade fundamental. Com efeito, constitui e dá fundamento a toda e qualquer outra.

Descobrir e discorrer sobre cada uma delas torna-se impraticável sem ter em conta a realidade subjacente a todas elas, presença presentificante, espécie de pano de fundo ou realidade de topo, para qualquer tipo de análise-descoberta do humano, enquanto passivo e enquanto activo, qual seja o *símbolo*.

O símbolo, por si mesmo, reveste duas facetas, particularmente relevantes para o presente desta reflexão, no sentido de enfatizar poderosamente o cultural e o imaginal. O símbolo apresenta-se simultaneamente como criação de alguém, em ressonância amplificante dentro de um grupo ou de vários grupos, como forma da *sociabilidade* (Psicossociologia). Apresenta-se igualmente como dotado duma vertente de mobilidade e de transformação, por e para descoberta de novos tipos de expressão, da e de cada *personalidade* (Psicologia). E, simultaneamente, apresenta-se como algo que harmoniza,por um lado e,pelo outro, principalmente regula senão padroniza, podendo chegar ao extremo de uniformizar expressões diversas e diversificantes, produzindo uma certa regularidade nas manifestações adentro e afora do grupo, indo mesmo até à inevitável institucionalização, rigorosa por vezes, e temos a *sociedade* (Sociologia).

Daí um percurso curioso e quase sempre originante, em termos de relação dos símbolos para as sociedades e das sociedades para os símbolos: ambas as realidades, sociedade e símbolo, traduzem-se no dia-a-dia experiencial de cada um dos humanos e na realidade científica das ciências psicológicas pela *realidade cultural* e pela *realidade imaginal* ou pela *realidade imaginal* e pela *realidade cultural*, conforme se enfatiza a *psicossociologia* — técnicas de observação e produtos culturais — ou a *psicologia (psicoprognóstico)* — técnicas projectivas e protocolos.

A mim, como aprendiz de psicologia, não me pertence nem

me compete e também não me interessa, discorrer sobre a génese da imagem ou sobre a génese da cultura, a forma da imagem ou a forma da cultura, a causa da imagem ou a causa da cultura... Como aprendiz de psicologia, encontro-me perante dados incontestáveis que são o mundo das imagens, vividas, vivenciadas e vivenciais e o mundo das culturas, vividas, vivenciadas e vivenciais. Numa palavra e numa realidade: cada personalidade e a personalidade, cada cultura e a cultura. São esses mundos, imaginal e cultural que me ocupam na prática psicológica, que me preocupam na investigação científica e que me superocupam na prática pedagógica, de qualquer objectivo que seja.

Mundo cultural e mundo imaginal que se manifestam no sonho, durante o sono ou durante a vigília; que se evidenciam nas manifestações colectivas duma certa regularidade como são os ritos, assim como nos seus fundamentos que são os mitos; que aparecem duma forma meridianamente clara e clarificante na expressão estética, ética, científica e técnica assim como nas manifestações-produtos estéticos, éticos, científicos e técnicos. Quatro grandes grupos de objectos-dados a ser analisados, igualmente, apesar das semelhanças e das diferenças. Encontram-se semelhanças, mas não demasiado semelhanças a ponto de dificultarem ou impossibilitarem apelar para as diferenças; encontram-se diferenças mas não demasiado diferenciadoras a ponto de dificultarem ou impedirem apelar para as semelhanças. Com efeito, semelhanças e diferenças encontram-se referenciadas, directamente e fundamentalmente à personalidade: o sonho enquanto vertente "arracional" e claramente individualizada; o rito enquanto vertente ainda em parte "arracional" e fortemente socializada; o mito enquanto conteúdo fundamental, sempre presente em qualquer expressão; finalmente a criação, como vertente englobante — cognição e apreciação — fortemente personalizada e personalizante.

Através da dinamicidade do mundo imaginal e do mundo cultural acontecem em cada personalidade, quer em "queda" livre quer em "queda" orientada, descobertas enriquecedoras, graças à mobilidade das imagens assim como dos conjuntos socio-culturais.

Neste contexto, qualquer análise e/ou intervenção, em prática psicológica, pode e deve contar com a realidade destes dois mundos, tão reais como qualquer outro, tão presentes como qualquer outro, tão actuantes como qualquer outro. Sem exagero, *podia* ir mais longe e lançar a *possibilidade* de serem mais reais, mais presentes e mais actuantes do que qualquer outro. Com efeito, a personalidade, cada personalidade actua e/ou manifesta-se não a partir do que a rodeia, mas sim e sempre a partir da cognição-apreciação do que a rodeia.

Aqui *pode* acontecer a viragem que *se postula* inevitável, indispensável, insubstituível, a consistir em vermos a certeza, vivermos da certeza e actuarmos como técnicos na certeza de que a cognição-apreciação dependem basicamente e prioritariamente da realidade do mundo imaginal, como ponto de partida e da realidade do mundo cultural, como ponto de referência.

Isto quer dizer: *viragem para uma perspectivação imaginal da expressividade e para uma perspectivação cultural da expressividade.*

À GUIZA DE EXPLICITAÇÃO

Ao organizar e escrever "Diagonais da aculturação" (1961), sub-intitulei-o "ensaio de portugalidade". Independentemente dos tempos e/ou dos ventos podia escrever agora e com o mesmo interesse, ao introduzir esta pesquisa: "raízes da angolanidade". Não pelo que é mas apenas pelo que podia ser; não pelo que afirma mas apenas pelo que anuncia; não pelo que pretende ou ousa mas apenas pelo que tenta...

Talvez mais ainda, será de raízes das raízes que se trata. Com efeito, se as pessoas forem consideradas as raízes ou as componentes radicais das sociedades, sem que pelo facto mesmo esta seja apenas quer o seu somatório quer a sua negação — longe de tais modelos pseudo-científicos — certo é que os conteúdos vivenciais, assim como os conteúdos culturais aparecem e

podem afirmar-se cientificamente como as raízes das raízes, isto é, das personalidades.

Se a personalidade se puder definir como uma hierarquização de níveis de actividade, ontogeneticamente observáveis na sua sucessão; se a personalidade puder ser definida como uma convergência de aspectos, experimentalmente demonstrável nas mais diversas situações e a partir dos mais diversos pontos de observação; se se puder definir a personalidade como harmonia de dimensões, de todas as potencialidades pessoais, desde as mais conhecidas até àquelas que representam ainda simples hipóteses, embora indispensáveis para uma inventariação mais adequada da e de cada personalidade, verifica-se que a análise dessa personalidade tem sido praticada com mais ou menos profundidade, duma forma mais ou menos englobante, numa perspectiva mais ou menos respeitante da totalidade dos dados em observação, conforme as experimentações as mais diversas e as teorias as mais diversificantes, resultantes ou não dessas experimentações.

No que diz respeito a conjuntos socio-culturais diferentes do conjunto dito "ocidental", encontramo-nos perante uma descrição-informação sobre as personalidades e um conhecimento sobre a personalidade, basicamente estruturado — se não é exagero exprimir-me assim — a partir das observações de etnólogos e/ou antropólogos de profissão e de ocasião. Sem qualquer ponta de dúvida, trata-se dum conjunto de observações, em muitos casos seguras, por se apoiarem em contactos directos, pessoais, tantas vezes em contactos mais íntimos de comunicação verbal directa quando não em comunidade de vida como se verifica no caso de missionários que se têm dedicado também à observação etnográfica. Encontramo-nos, portanto, perante observações fiéis à "realidade" concreto-sensível e vivida, na maior parte dos casos, garantidas por uma objectividade específica. Os elementos recolhidos, por vezes minuciosos e abundantes, mostram-nos o homem, fornecem-nos uma imagem da personalidade através de ou a partir das suas obras ou das suas produções. São as obras ou os produtos que recebem a maior evidenciação. São as "produções" que constituem o ponto de partida para a definição do

homem enquanto seu autor ou "produtor". Para a personalidade.

Deste modo se pôde chegar e ainda se chega à definição de modelos comportamentais ou condutais; deste modo se pôde determinar e se continua a determinar em tantos casos a sua estrutura, a sua história mesmo, tantas vezes; e sempre a sua vitalidade a partir da atenção prestada ao papel que essas "produções" exercem, maior ou muito eficiente, menor ou pouco eficiente ou mesmo em vias de desaparecimento. Por outras palavras, desse modo, se concluiu a uma imagem da cultura ou conjunto de modelos socio-culturais e a uma imagem da personalidade ou conjunto de modelos condutais, como síntese e fundamento dos modelos socio-culturais.

Caberia, no entanto, perguntar: até que medida a personalidade no todo ou em parte se encontra suficientemente definida, descrita ou observada deste modo?

A partir desta interrogação e nesta etapa da reflexão, torna-se possível senão operacional e em qualquer caso, com interesse, formular a hipótese duma etapa diferente ou distinta e *apenas*, em termos de investigação transcultural, em dois momentos:

— Será que a obra esgota as potencialidades do seu autor, as "produções" as capacidades do seu "produtor", ou seja,as expressões, a expressividade radical que é cada personalidade e as personalidades no grupo em que interagem? Numa outra formulação seria possível dizer: haverá algo com interesse a descobrir para além das observações dos etnólogos ou dos antropólogos sem que tal represente, longe disso, qualquer tipo de tentativa de contradição ou de substituição? E se houver, *o quê*?

A personalidade agente ou em acção. Adentro. Afora. Nos vários níveis de actividade. Nos seus diferentes aspectos. Focalizando as diversas potencialidades.

Mas, tal descoberta realizar-se-á, como?

O ponto de incidência directo seria a *expressão*, mais ou menos pessoal, por *criatividade*, em maior ou menor grau, a partir duma aprendizagem que é inserção progressiva e transformação enriquecedora, *sociogénese*, dos conteúdos culturais dum grupo determinado. Conteúdos estes que podem ser reconhecidos ou não reconhecidos, actuais assim como do passado ou do

futuro, válidos ou não válidos, eficientes ou não eficientes. Encontramo-nos perante toda uma série de variáveis a ter presentes na sua considerável variedade e variabilidade para que a investigação tenda para um aprofundamento válido em si mesmo e valioso para o conhecimento dos sujeitos em situação e, noutro registo, das descrições-conclusões dos etnólogos e dos antropólogos.

Ir às *raízes* implica tentar uma investigação da personalidade enquanto personalidade, isto é, expressividade ou capacidade expressiva, considerada em si própria, na totalidade ou sob qualquer dos seus aspectos, dimensões ou níveis enquanto pontos de referência e/ou de focagem. Por outras palavras, dar o realce devido à *PERSONALIDADE*.

A partir da diferença e da diferenciação das culturas, tento perspectivá-la quer enquanto conteúdo quer enquanto factor da sociogénese ou desenvolvimento da personalidade na e pela comunicação, particularmente através de interacção cultural, tendo em conta um enquadramento societal definido, quer em *sociedades tribais* quer em *sociedades industriais*, isto é, dar realce à *SOCIEDADE*.

A partir da diferença e da diferenciação das culturas, perspectivando-as quer enquanto conteúdo quer enquanto expressão da mesma personalidade, a personalidade aparece como analisável, particularmente evidenciando a significação ou a capacidade de atribuir significação ao real, especificamente claro na actividade *simbolizante*. Aparece em toda a sua força o *SÍMBOLO*.

Em resumo:aprofundar, especificando,a presença do *símbolo*, como específico da actividade da *personalidade em sociedade*.

Por agora, um agora que foca particularmente a fundamentação experimental, só uma conclusão é válida: *a conclusão metodológica*.

Apenas podemos concluir quão longe se poderia chegar se tentássemos ou conseguíssemos "tentar" um levantamento psicológico dos principais grupos culturais tanto em Portugal como em Angola tendo como objectivo preciso e da maior importância a busca das dominantes e das variantes culturais. Angolanidade, Portugalidade. Para uma prática psicológica mais adequada.

Simplesmente.

E para concluir em vistas do futuro que pode vir a ser promissor, o importante é definir, construindo, os instrumentos de análise, capazes e adequados; o importante é construir, praticando, instrumentos de análise cada vez mais finos, minuciosos, precisos. Válidos, numa palavra. E valiosos para as raízes humanas dos grupos e da sociedade: *as populações*. As "gentes".

CONCRETIZANDO UM POUCO MAIS

Símbolos e sociedades...

Parece-me que o primeiro cuidado a ter ao começar uma investigação transcultural, quer a nível das técnicas quer a nível do técnico, seria o de referenciar as diferenças entre sujeitos pertencentes a culturas ou a grupos linguísticos diferentes, ao menos. Não importa por agora o exame do sujeito enquanto tal. Não interessa definir uma personalidade kioka ou minhota, cuanhama, algarvia, bundo ou beirã. Antes de tudo procurar mostrar a partir das respostas às estampas do T.A.T.: 1. — a operacionalidade destas estampas, positiva ou negativa, ambas com igual interesse, suficiente ou insuficiente; 2. — o método que se encontra na base desta investigação, o trans-cultural; 3. — e, principalmente, a importância do símbolo como expressão ou manifestação especificamente humana e como base dos grupos socio-culturais. Nem sequer se pretende que se possa definir um sistema de símbolos, específico dum grupo determinado. Simplesmente, procura-se ver se a referência serve para diferenciar os sujeitos como igualmente e diferentemente os grupos: *símbolos e sociedades*.

Tomo aqui sociedade no sentido lato ou vasto, preferencialmente referenciado aos elementos culturais sistematizados. Sociedade é sinónimo de contexto, no qual acontece a interacção de grupos socio-culturais, institucionalizados ou não, grupos cujos elementos próprios é uma certa cultura ou conjunto de

esquemas de pensamento e acção e seus conteúdos, os conhecimentos e os valores comuns, a níveis diversos, aos membros desse grupo. Entenda-se, sociedade, claramente diferente da sua "organização", isto é, o estado.

Convém referir que símbolo, aqui, é tomado no seu significado preciso de algo estabelecido ou contruído por personalidades, adentro duma cultura e em referência a uma grupo donde tira o seu conteúdo total. Portanto, muito aquém ou além do índice ou indicativo, convencional, ocasional e artificial ou superficial e também do sinal, o qual contém uma referência física a algo de físico que aconteceu e é patente ou revelável.

Símbolo, portanto, é o protótipo de elemento cultural. Embora não seja o único. É, igualmente, o específico dum grupo socio-cultural. Funciona como incentivo especificamente humano, sendo como é exclusiva e especificamente criação humana. Os exemplos abundam em qualquer manual ou tratado de psicologia social em que são sobejamente evidenciadas a variabilidade espacio-temporal, assim como a variação cultural das dimensões e o que mais é, da própria personalidade. Símbolos que se podem referir a níveis de diversidade maior ou menor nas atitudes dos sujeitos, tendo presente a clara estratificação dos elementos culturais. Símbolos que representam, numa análise sociológica ou dos estratos ditos sociológicos, o gonzo, o ponto intermédio em que a uniformidade quase se desvanece e se afirma cada vez mais a variedade, a variabilidade senão a imprevisibilidade.

Símbolos e sociedades é um "pré-texto" para um problema de fundo: a sociedade ou a dinâmica do institucional é o objecto específico da *Sociologia*: o tratado do "socius" enquanto enquadrado numa sociedade dada. O símbolo ou o criativo é objecto específico da *Psicologia*: é a personalidade, interagindo que cria e recria ou transforma.

Atribui-se a um missionário, já no leito de morte, bispo duma região africana (República Popular do Congo), e longas décadas antes de ser bispo em contacto directo com as populações em causa, o seguinte traço d'humor: "só uma pequena ou grande coisa me entristece, ao partir, depois de tantos anos de labor pastoral por estas paragens: o que terão estes sujeitos, lá dentro da

cabeça? Se fosse possível rachá-la e ver o que está lá dentro..."

O missionário desejava abrir a cabeça para ver... Nós pretendemos — será pretensão ou possibilidade? — conhecer o que se passa lá dentro sem abrir a cabeça ou fazer qualquer outra operação deste género quer em relação a grupos diferentes quer em relação aos grupos a que pertencemos. Mais neste caso porque podemos facilmente atribuir aos outros aquilo que é apenas vivência nossa ou teorização das nossas vivências. Conhecer o que se passa lá dentro, *convidando-os a pronunciar-se sobre imagens ou cenas que os podem "tocar" em maior ou menor proporção.* O primeiro grande problema é saber se essas imagens os tocam ou lhes dizem qualquer coisa e, portanto, se eles conseguem expressar-se, tais quais são, na sua globalidade e exprimir o que pensam e sentem, o que vivem... Se, por hipótese, essas estampas conseguem que eles expressem algo da sua realidade vivencial, qual será esse nível vivencial é o segundo problema. Não ficará algo ainda de secreto, de profundo, de diferente daquilo que conseguimos, o "seu grande tesouro"? O terceiro problema será de saber: se algo resta e disso temos mais ou menos provas, o que nos resta fazer? Persistir na hipótese de "rachar"? Ou simplesmente, depois da experimentação praticada, ensaiar outras hipóteses e outros instrumentos, mais adequados, mais em consonância com as formas de comunicação desse povo-cultura?

Se depois de todo este caminhar em busca de algo por e para definição de alguém não conseguimos nada ou apenas coisas convencionais, em qualquer caso sempre parcial então, ao menos neste momento, duas hipóteses se poderiam formular ainda: será por virtude da situação dos sujeitos ou por virtude dos instrumentos?

Se é devido aos sujeitos, haveria uma primeira questão a formular, frontalmente: o que valem ou o que significam os dados dos nossos sujeitos ocidentais, os sujeitos da nossa cultura? Estamos convencidos que sabemos o que se passa dentro deles porque eles falam a mesma língua que nós, língua enquanto mera convenção de sinais? Mas, os símbolos? O que se passará a nível dos símbolos? Até que medida todas as nossas interpretações não serão senão leituras superficiais do que se passa entre nós e den-

tro de nós, a partir de meia-dúzia de modelos que todos recebemos, que todos reproduzimos e que todos fazemos reproduzir na exacta medida em que os afirmamos como existentes à base dumas técnicas que nada mais dizem do que o simples bom-senso? O que se passará a nível do "imaginal" dos nossos contemporâneos, dos nossos vizinhos, dos que partilhamos uma mesma cultura dita ocidental, pior, pretensiosamente civilizada? O imaginal pode ser diferente do que nós convencionalmente supomos, repetindo todos os modelos tradicionais sobre a personalidade. E são tantos e tão arreigados em nós e/ou no grupo. E os técnicos das ciências psicológicas servem para reforçar esses lugares-comuns dum modo extremamente sofisticado. Nós, técnicos, estamos convencidos de termos os nossos concidadãos na ponta do nosso "bisturi" envelhecido, empobrecido e inadequado mas convencionalmente valorado por toda uma série de modelos socio-culturais meramente convencionais. Seguramente, se outros nos escapam aqueles que se diferenciam culturalmente de nós é porque os nossos próprios con-culturais nos escapam e nós nem disso nos damos conta. Nós apenas lhes aplicamos abusivamente uma teoria sobre a qual o menos que poderemos dizer é que é contestável e uma fórmula histórica e praticamente restrita e limitadíssima. A teoria freudiana, com os seus retoques maiores ou menores, mais ou menos interessantes, no entanto afirmando sempre radicalmente a oposição entre consciente e inconsciente ou entre indivíduo e sociedade, seria um dos exemplos. É bem claro na acepção clássica e bem espelhada e perfeitamente repetida de projecção, sempre mecanismo inconsciente e/ou do inconsciente, dotado dum conteúdo bem limitado e restrito, quase que identificando inconsciente recalcado com personalidade.

Isso quer dizer que as ciências psicológicas assim como as técnicas se encontram destituídas de qualquer valor teórico e/ou de aplicação? Afirmar o que acima ficou dito pode ser negar valor a tudo o que se tem feito neste domínio, mesmo no que respeita às técnicas ditas projectivas? Poder-se-á chegar à afirmação de que cultivar a psicologia é um contra-senso ou apenas um serviço ao poder estabelecido? Arrancar as interrogações, convertendo as frases supra em afirmações é ser duplamente vítima dos modelos

mais retrógrados quer em relação à ciência em geral quer em relação às ciências psicológicas, em particular. Consistiria em repetir simplesmente aquilo que os não informados acerca das ciências psicológicas afirmam num desrespeito total da actividade honesta dos outros, por convicção infundada de constituírem as suas ciências ou as suas práticas como paradigma do saber. Pior ainda: quando os psicólogos repetem, como papagaios amestrados, o que outros, os de fora, dizem a nosso respeito parecem querer tapar o fosso da sua ignorância e da sua incompetência com ditos que apenas tiram o seu valor — se é que o possuem — de estarem na moda. Isso faz-me pensar na anedota já tão antiga de um professor de Faculdade que se referia aos psicólogos dizendo que eles eram uns seres bizarros: começavam a construção da casa pelo tecto. Vê-se bem que se tratava de alguém a reduzir a personalidade ao organismo ou aos componentes anatomo-fisiológicos. Só que era de formular duas pequenas e singelas perguntas: de que tecto estará a falar? De que serve um edifício que não passa nunca do alicerce? Para nada.

Haveria uma segunda consideração a equacionar: se o defeito das conclusões vier dos próprios resultados? Aí muitas considerações haveria a tecer a tal respeito. No entanto, na base, todos nós lhes conhecemos bastantes limitações. Ninguém melhor do que nós. E nesse melhor do que nós, encontra-se muito interesse: ninguém pode reconhecer melhor as fraquezas do que aquele que conhece o que se passa por inteiro. Quem conhece apenas as fraquezas não conhece a totalidade e não pode falar acerca da totalidade. Simples bom-senso. Se nós conhecemos os defeitos estamos aptos, igualmente, a reconhecer quer sob o aspecto de tentativa, quer sob o aspecto de sucesso que nos encontramos já bastante longe da singela observação do que se passa a partir da experienciação pessoal ou dos sucessos pessoais ou do vulgarmente dito "golpe de vista" ou "olho clínico" sem nunca se "inclinar" para o que quer que seja senão para si próprio.

Portanto, se os resultados são correctamente obtidos, objectivamente analisados e rigorosamente quantificados nada haverá a dizer a seu respeito nem a respeito dos instrumentos que lhes serviram de base. No caso contrário, se eles são obtidos sem o

mínimo de respeito pela situação estandardizada, porque tecnicamente correcta ou em vias de construção, de correcção, então não há nada que hesitar em os deixar de lado. No entanto, é conveniente lembrar que a partir desse critério muitos resultados quer da história, quer da biologia, da sociologia como da antropologia poderão merecer o mesmo destino. Mais ainda: neste domínio o controle é muito mais difícil e as conclusões muito mais falíveis e carentes de suporte experimental do que nas ciências psicológicas.

Finalmente, tudo pode servir apenas para ir mais além quer das restrições ou limitações quer das imperfeições e das pobrezas.

Conseguindo ou não captar o mundo "imaginal" dos sujeitos doutras culturas diferentes da cultura ocidental, procurar reflectir sobre as duas hipóteses significa que nos encontramos no bom caminho: por e para um aprofundamento das técnicas projectivas quer do conceito de projecção quer da teoria subjacente a uma imagem restrita da projecção; por e para uma perspectiva especificamente humana (psicológica?) das técnicas e dos resultados em psicologia. Em qualquer sociedade, em qualquer grupo socio-cultural.

Sendo assim, a investigação transcultural pode contribuir para uma certa ênfase ou uma ênfase certa no sentido da renovação da reflexão científica ou da prática reflexiva em tudo aquilo que constitui a observação psicológica, ou seja, a observação da expressividade (humana). Em qualquer latitude, em qualquer longitude que os humanos se encontrem interagindo, isto é, expressando-se perante o mundo físico ou *natura*, o mundo biótico ou *vita* e o mundo humano ou *cultura*, há que lhes dar uma atenção adequada.

Por outras palavras: poder-se-ia falar de objecto científico da física sem os físicos que são humanos? Poder-se-ia falar do objecto científico da... fisiologia sem os fisiólogos que são humanos? Os humanos e só eles construíram os objectos científicos ou as diversas ciências que os analisam, cada uma delas no sentido da sua clara autonomia e da sua rigorosa definição epistemológica, sem "independências". Para quando os humanos ocuparem-se ou preo-

cuparem-se dos humanos, directamente e especificamente, por intermédio da construção do objecto científico, epistemologicamente específico da ciência psicológica a autonomizar, sem "independência"?

Se não vier a acontecer a nível da Universidade e numa Faculdade que tem por nome essa mesma ciência, a Psicologia, onde poderá acontecer?

Para finalizar em síntese-abertura:

SÍMBOLOS, enquanto manifestações exclusivamente humanas que são, apontam para uma referenciação dupla:
referência cultural
referência pessoal

SOCIEDADES, enquanto manifestações ainda exclusivamente humanas que são, apontam para uma referenciação dupla:
referência grupal
referência institucional.

PERSONALIDADE, sem a qual não aconteceriam nem instituições, nem grupos que as dinamizem a dentro das quais se inserem;
sem a qual a cultura não teria qualquer sentido, pois encontra-se na sua base de criação e na sua base ainda mais importante de transformação, uma outra forma de criação.

A PERSONALIDADE, por seu lado, comporta uma referenciação, a apontar para a sociedade ou para o grupo e para a instituição: INTERACÇÃO

A PERSONALIDADE, por seu lado, ainda, comporta outra referenciação, a apontar para o símbolo ou para a cultura e para a "pessoa": EXPRESSÃO

Uma vez mais: *perspectiva psicossociológica da expressividade.*

I — A REALIDADE DO IMAGINAL

PARA UMA PERSPECTIVAÇÃO IMAGINAL DA EXPRESSIVIDADE

INTRODUÇÃO

Este título que pode ser ou ser visto como afirmação, despertará imediatamente uma certa surpresa, apenas atenuada pelo vocábulo imaginal. Este vocábulo tem um certo interesse pois, eventualmente pode desviar de imaginário, por contraste ou não. Imaginário, principalmente, embora imaginal também, os dois estabelecem um certo ou um considerável contraste, ou um contraste mesmo directo com o outro vocábulo, real. Ou realidade.

Aqui se encontra a base do interesse possível desta reflexão. Por outras palavras, esta será a hipótese a desenvolver. *O imaginal é real. Ou uma realidade*. Realidade *científica* e simultaneamente *vivencial*. A qual, por seu lado, vai constituir o fundamento do objecto científico, a ser analisado por uma ciência específica: *a ciência psicológica*.

Desenvolver esta hipótese será a primeira tarefa que vou tentar levar por diante. Um por diante de tal modo aberto que terá dificuldade em terminar ou acabar. Tarefa aberta à investigação futura, no presente mediato, no aproveitamento total dum passado que passou. Irreversivelmente. E dum futuro, a construir. Por outros.

Apesar de claramente orientada para o futuro, esta hipótese radica-se num passado longínquo, quer como vocábulo, quer sobretudo como realidade vivencial. Num caso e no outro, ora numa perspectiva predominantemente *metafísica* e acessoriamente *têandrica* (sec. IV e V); ora numa perspectiva já mais *dialéctica*, em manifestações e propostas *ascetico-místicas* (sec. IX a XI) quer no *meio cristão* quer no *meio muçulmano*; ora ainda numa perspectiva directamente *antropológica*, por e para análise compreensiva das actividades humanas, particularmente na *vertente*

racional (Tomás de Aquino), por um lado e pelo outro na *vertente mística* (Boaventura).

Até aqui e num realce cada vez mais intenso e mais explícito da realidade do imaginal, a actividade humana que se encontra em foco, a expressão pessoal que tem o maior interesse, tanto em meio cristão (Boaventura e Tomás de Aquino) como em meio muçulmano (Ibn Sinna - Avicena) é a fantasia, em reciprocidade constante com a intelecção. Foi atingido o cimo cimeiro da importância atribuída a esta expressão humana.

O mundo imaginal é um mundo tão real como qualquer outro, mais vulgarmente referidos e mais pormenorizadamente analisados, sob as mais diversas formas e com os mais diversos métodos.

O mundo imaginal apresenta-se e afirma-se como um mundo especificamente humano. Podemos situá-lo aquém ou além dos outros dois, entre os outros preferencialmente, mediano-mediador dos outros

Mundo imaginal, *CADA PERSONALIDADE*: o que cada um constrói do que experiencia, vivenciando e do que vivencia experienciando; trata-se do aspecto genético, de génese constante de imagens, em qualquer dos níveis da personalidade, quer imagens novas quer simplesmente renovadas.

Mundo imaginal, A PERSONALIDADE: a formação-estruturação-construção original, a síntese que é sintetização de elementos diversos de níveis diferentes e de aspectos distintos, na base da transformação-renovação constante, manifestação clara da característica de fundo, a criatividade, ou seja, a não repetitividade de comportamentos, pois não se encontram inscritos no código ou programa genético, nem são impostos por instituições.

Mundo imaginal, porque resultante da FANTASIA, actividade de "fabricação" de imagens; da MEMÓRIA, actividade de "selecção" de imagens; de IMAGINAÇÃO, actividade de transformação de imagens. Nos dois últimos casos, trata-se de imagens reais, consequentemente, de realidade, pessoal ou *da* personalidade, pessoal ou de *cada* personalidade porque personalizante. Imagens não simplesmente re-apresentadas ou reconhecidas em repetitividade, mas simbolizadas porque em constante

re-elaboração. No caso da fantasia, trata-se de imagens, primordialmente possíveis, no extremo, a ficção ou simples futuríveis quanto aos dados e quanto aos meios de os conseguir; no outro extremo ou extremo do extremo, a "rêverie" que consistiria em simples deleite.

Será um facto, a presença-consistência do *mundo imaginal.*

Vamos agarrar, o mais cuidada, cerrada e objectivamente possível os dados da observação, quer dada quer provocada, quer ainda historico-cultural: para determinar como se manifesta esse mundo imaginal.

Pouco a pouco foi-se acentuando uma desfiguração ou desvirtuação destas actividades, embora delas se servindo constantemente, pois torna-se impossível prescindir delas. A "leitura" das mesmas é que se foi empobrecendo, por reduções sucessivas, apesar da sua importância ser fundamental para a incipiente investigação experimental. Com efeito, os sucessos retumbantes na descoberta do mundo físico, quer pela prática da observação, quer pela prática da aplicação conduziram à glorificação "triunfante" da razão, a ponto de lhe ser prestado culto mais tarde em altar adrede preparado, na "Cidade das luzes". Simultaneamente, a desconsideração acentua-se em relação à imaginação, à própria intelecção e particularmente em relação à fantasia. Esta, com efeito, foi considerada, como não podia deixar de ser na própria "cidade das luzes", "la folle du logis" ou "la maitresse d'erreur et de fausseté", com repercussões negativas no campo da actividade e das reflexões místicas. Esta desvalorização atinge o seu auge no racionalismo cientista do século XIX, por oposição-substituição do racionalismo metafísico, assim como no positivismo racionalista, o qual tentou "fechar", sistematizando, todo o saber, baseando-se no postulado axiomático, implícito ou explícito, de a humanidade ter atingido o estádio final-definitivo da "evolução", constituído pelo "estádio positivo", segundo Comte ou pela etapa da "civilização" segundo L. H. Morgan.

No entanto, pelos fins *do século XIX, a imaginação emerge* e atrai a atenção dos investigadores, os quais se debruçam quer sobre o homem quer sobre a história, quer ainda sobre a ciência e seus produtos. Ao mesmo tempo, nas próprias traduções do

grego, o vocábulo fantasia é sistematicamente vertido por imaginação. Isto conduz a uma confusão e subsequente perda de informação sobre o que se passa. Apenas com uma excepção, qual grito no deserto da auto-suficiência do racionalismo cientista: Jacob Frohschammer, a reivindicar os direitos da fantasia como actividade específica de todo o humano. E não só aparece a sua obra *Die Phantasie als Grundprinzip des Weltprozesses* (München, 1877) como há ainda uma outra excepção, embora com outro eco e numa perspectiva bastante diferente, em virtude da sua obra plurifacetada: Th. Ribot e o *Essai sur l'imagination créatrice* (Paris, 1900).

Daí, já *no século XX*, todas as *investigações sobre a imagem*, apesar da voga, de colorido gnoseológico, e das "fantasias", mais ou menos intermediárias, entre a representação e a imagem tomam grande incremento. Ambas as designações, no entanto, apoiam-se, em última análise na moda com todas as ambiguidades que o vocábulo em si comporta. Deste modo ficariam apontadas, com alguns pormenores de permeio as vias percorridas pelo vocábulo *imaginal*, nas suas diversas concretizações pontuais, quer em termos de imagem quer em termos de actividade de fabricar, retomar ou seleccionar imagens. Imaginal significa apenas que diz respeito, aponta ou referencia a imagem que somos, que temos e que construímos, transformando e transformamos construindo. Imagem de tudo. Principalmente, de nós próprios.

Toda a hipótese merece atenção. Para confirmar ou para infirmar não importa. A atenção que se lhe dedica é o que vale, no sentido da descoberta e definição tecnico-científica do que se passa e é passível de observação e/ou análise.

Toda a observação concreta apoia-se na *experimentação*, seja *dada*, seja *provocada*. Adentro da experimentação provocada, a concretude do *mundo imaginal*, em diferença, foi agarrada a partir duma *observação de campo*, em meio socio-cultural diferente do ocidental. Aconteceu em meio banto, concretamente em Angola. Referenciando as culturas diria, em meio bakongo e linguisticamente o fiote. As técnicas usadas para a observação psicológica,na vertente psicossociológica,foram duas: a primeira,

o *teste das três personagens*; a segunda, o *Thematic Apperception Test*, bipolarmente: um, o clássico ou euro-americano; outro, o recente, construído para o meio banto: e em passação simples ou singela das 15 estampas do T. A. T. banto e em passação mista, começando ora pelo T. A. T. europeu ora pelo T. A. T. banto.

Adentro da experimentação dada, haverá oportunidade de analisar manifestações tipicamente humanas e poderíamos dizer quase universais. Refiro-me ao transe e à possessão assim como ao modelo, igualmente universal, quase mito fundamental que é o labirinto, a fazer pensar ou em quase equivalência com os "mandala" do Extremo-Oriente.

No entanto, a *experimentação dada*, em ciências psicológicas, comporta uma outra manifestação, mais rica, embora menos agradável: as *alterações da personalidade*. E adentro destas, particularmente as alterações classificadas sob a epígrafe: *alucinação*. Qualquer delas, a seu modo, mostram à saciedade o quanto a imagem é uma realidade autónoma, em manifestação exclusiva ou monopolizante e a que fica reduzida a personalidade assim como o real quando as imagens pessoais são a única realidade.

Se estas observações experimentais sugerem, mostram ou fundamentam a *realidade do imaginal* que somos, resta aproveitar esta "descoberta" para o *serviço a prestar aos humanos*, realçando esta "nova" perspectivação ou focagem do mundo humano que somos.

Mundo imaginal que somos, que é *cada* personalidade, que é, consequentemente *a* personalidade, só em tridimensionalidade podemos conseguir uma "hermenêutica compreensiva (o *verstehen Wir* de Dilthey) de cada personalidade. Muito particularmente no que toca à utilização das técnicas projectivas. E à sua base e razão de ser da sua designação, *a projecção*. Projecção esta que só pode ser expressão concreta dum projecto. O projecto, por seu lado, só pode ter sentido admitindo a tridimensionalidade temporal, com particular relevo para a atitude de tarefa aberta. Evidentemente, ao futuro. A construir, expressando-se.

Deste modo, a primeira grande aplicação de "a realidade do imaginal" encontra-se na orientação vocacional. Tal aplicação implica uma certa desvaloração do passado, na sua faceta patogé-

nica, por simples compulsão de repetição. Não há desvalorização do passado, mas duma certa forma de o ver, de leitura. O passado, com efeito, é basal. Mas, na sua faceta de re-construção. Tal aplicação implica igualmente ou traduz-se praticamente na afirmação de que se torna indispensável ter em conta a urgência da tarefa, em termos de irreversibilidade, a qual consiste em despsicopatologizar as técnicas projectivas.

Urgente, igualmente, aprofundar as sugestões que deixo no sentido de voltar *às fontes originais das técnicas projectivas*: a referência a ser revista — *L. Frank*; o iniciador a ser re-descoberto, ou seja, como caminhar *de Murray a Murray*; alargando, para melhor compreensão, convém situar as mesmas *técnicas projectivas* no *contexto socio-cultural* do seu aparecimento e da sua divulgação, senão mesmo da sua redução a simples manifestação dum "inconsciente" recalcado.

Para finalizar, uma nova forma de ver ou de perspectivar *a prática psicológica*. Há que fugir à projecção, no sentido pejorativo e vivencial para encontrar e praticar o sentido técnico-científico e pessoal. Personalizante. Para *os intervenientes* na situação prática da actuação psicológica.

RESUMO - ABERTURA

O texto que ora apresento em acto académico assemelha-se a uma espécie de vitral, em dominância de ingenuidade. Desse modo, aí se poderá encontrar uma variedade em ausência de certezas: ausência duma ou de doutrinas; ausência duma ou de conclusões invariáveis para ficar apenas uma aturada pesquisa com a presença de hipóteses, de pistas possíveis, de tentativas calculadas, de bosquejos trabalhados, apontando para uma *caminhada*.

Este o sentido que lhe imprimi, hesitando vários anos. Esta a possível operacionalidade que outros utilizarão criativamente, em aproveitamento diversificante e superante.

Duma forma geral tudo gira em torno do *IMAGINAL*:

1ª possibilidade: — somos mundo imaginal, vivencialmente. Ou seja, a personalidade é, tecnico-cientificamente, mundo de imagens;

— somos mundo imaginal, criativamente. Ou seja, a personalidade desenvolve-se desenvolvendo o seu mundo de imagens;

— somos mundo imaginal, operacionalmente. Ou seja, a personalidade é, vantajosamente, observada adentro da hipótese, segundo a qual se projecta no futuro, desenvolvendo constantemente o seu mundo imaginal.

2ª possibilidade: — a personalidade que somos pode ser analisada tecnico-cientificamente numa perspectivação estatico-descritiva como mundo de imagens que ela é, em si mesma;

— a personalidade que somos pode ser analisada tecnico-cientificamente numa perspectiva dinamico-estruturante, como desenvolvimento-transformação, desde o ventre materno até à morte, como mundo de imagens que cada uma é, em criação-recriação personalizante.

— a personalidade que somos pode ser analisada tecnico-cientificamente numa perspectivação de prática variada ou problemática de aplicação como mundo de imagens que é, em observação do projecto pessoal, para serviço a prestar.

Em resumo:

Mundo imaginal é o que somos — vivências;
é o que criamos — desenvolvimento;
é o que observamos — prática psicológica.

O mesmo é dizer: a personalidade, enquanto tal,
é mundo imaginal
cria-se mundo imaginal
lê-se mundo imaginal.

LIMITES ILIMITADOS

Em suma, vou tentar um esquema que possa sintetizar as diferenças e as semelhanças. Dum lado, podemos colocar as representações, as imaginações, as fantasias, as lembranças, etc., conteúdos vivenciais de alguém; do outro, o representar ou representar-se, o imaginar ou imaginar-se, o fantasiar ou fantasiar-se, o recordar-lembrar ou o lembrar-se-recordar-se que são actividades da personalidade... de cada personalidade.

Por vezes acontecerá avançar pontos de vista, perspectivas e, principalmente, opções que podem parecer, podem ser ou não pessoais. Demasiado pessoais mesmo, conforme as leituras. Porção inevitável duma situação pessoal e duma conjuntura epistemológica.

A conjuntura epistemológica permite, senão mesmo exige, que se "ponham cartas na mesa", principalmente da parte daqueles que têm, podem ter algo de diferente, possivelmente novo, a avançar. Para que tal avanço ou clarificação se consiga, há que partir da certeza que se encontra um mínimo de interesse em tal atitude; os elementos avançados, por serem pessoais e, principalmente, fundamentados devem poder constituir ponto de partida de discussão clara, de controvérsia forte, de reflexão enriquecedora, proveitosa.

O próprio da investigação é caminhar sempre, ir mais além. Em consequência, porque se trata de investigação em base de hipóteses e de opiniões, o primeiro dever é a crítica e a primeira atitude é a atenção aos elementos da crítica. Até porque situados no mesmo espaço epistemológico das ciências psicológicas — possibilidade e/ou realidade — somos companheiros e não adversários, caminheiros e não guardas. Condição para um diálogo sincero, directo e exigente: abstrair de espectadores.

Por este motivo circunstancial, ser o Prof. Doutor Viegas Abreu o responsável por esta reflexão revestiu-se de considerável interesse por ir ao encontro de quem poderia fazer a crítica mais radical e mais elucidativa, pelo facto mesmo. Mais radical, atendendo a todas as observações experimentais e às investigações praticadas em torno da motivação que constitui paradigma fundamental para esclarecer-destrinçando, na floresta das teorias em torno da personalidade, a personalidade vivente. E isto em perspectiva de temporalidade, porque o futuro, dimensão especificamente humana, constitui a chave da compreensão da personalidade enquanto projecto: *Motivação*.

E porque projecto, quando e na medida em que é actualizado, isto é, realiza a sua passagem a acto ou expressão — actualização — pode ser vista e, vantajosamente no ponto de vista operacional, deve ser vista como *projecção*.

Esse sentido de projecção que procuro advogar como válido e apresentar como valioso ou capaz de responder à tal especificidade da dimensão temporal de futuro na personalidade, constitui algo a elucidar em todos os seus meandros e escaninhos e, por isso, encontro-me nas condições óptimas de conseguir essa elucidação crítica.

E tudo isto graças à actividade de fantasia ou capacidade de elaborar, re-elaborar as mensagens sensori-perceptivas, directas ou indirectas e de as transformar em mundo imaginal.

Uma crítica radical e elucidativa constituirá o melhor aproveitamento desta situação privilegiada que é o acto pedagógico de "provas académicas".

Graças ao Prof. Doutor Viegas Abreu.

Bem Haja.

I PARTE

PROBLEMÁTICA TEÓRICA

a hipótese e suas coordenadas

argumento

A história da cultura constitui a demonstração clara de que todo e qualquer novo invento, longe de determinar o que quer que seja, apenas abre uma porta.

Sem mandar ninguém entrar.

Sendo assim, o computador, banalidade dos princípios do século XXI, encontra-se dotado dum poder evocativo, tão grande ou maior que o dum Rorschach ou dum T.A.T., a não ser que o próprio computador nos "obrigue" a *descobrir*, na sua real plasticidade, o Rorschach, o T.A.T., etc. como "media" privilegiados de expressividade pessoal do mundo imaginal que somos.

Mundo imaginal que constitui a realidade fundamental de tudo o que é cultura, isto é, ciência, arte e técnica.

E das realidades ciência, arte e técnica quem duvida?

Também não se pode duvidar da realidade do *imaginal*.

I — "MUNDUS IMAGINALIS"

Bachelard fica bem a iniciar esta reflexão com esta afirmação paradoxal: *"Un être privé de la fonction de l'irréel est un névrosé aussi bien que l'être privé de la fonction du réel"*.

Real-irreal ou realidade-irrealidade são vocábulos ou perspectivas anti-téticas, o mesmo é dizer, antagónicas. O que afirma um deles é negado pelo outro. E vice-versa. São irredutivelmente inconciliáveis. A acrescentar, haveria que ter em conta o seguinte e que vem muito a este propósito: falar da realidade do imaginal pode parecer pretensão de conciliar o inconciliável, de reduzir a antítese a uma síntese forçada ou, pior, a uma síntese arbitrária.

Daí parece impor-se, metodologicamente, uma reflexão cautelar ao introduzir a reflexão sobre a hipótese do mundo imaginal, tendo em conta a emergência do conceito. Em seguida, para não ficar muito no geral, pareceu oportuno avançar com uma situação diferente que é a própria obra d'arte. Se este recurso à obra d'arte tiver uma certa validade, pode-se avançar para a problematização do convencional, o qual afirma a existência do mundo sensível, seguramente, assim como do mundo intelectível, embora quase que apenas implicitamente.

Introduzir a afirmação da concretude desse outro mundo que é o mundo imaginal comporta uma dificuldade suplementar. E de grande monta ou duma certa gravidade. Quase exclusivamente negativa. Talvez por isso pode ser interessante ir mais longe, evidenciando, quase que em termos de pressuposto, a operacionalidade do próprio conceito imaginal. Se o equacionamento da problemática tiver um mínimo de consistência, de coerência e de validade pode avançar-se para a abertura da tese.

Começar pela reflexão cautelar, virá a propósito embora possa parecer um certo exagero. No entanto, uma perspectivação mínima adentro da história das "ideias" e uma prospecção superficialmente praticada quer sobre os conteúdos semânticos do vocábulo quer sobre os modelos correntes diferenciáveis, impõem uma tal reflexão. Apresenta-se como cautelar, por se ter em conta as leituras parciais e, por vezes, parcializantes e, também, no sentido de facilitar o enquadramento do que aqui e agora se propõe como hipótese.

Com efeito, o mundo imaginal constitui mesmo um outro mundo aquém ou além dos outros dois de cuja existência quase ninguém duvida, podíamos dizer mesmo, duma forma diferenciada, ninguém duvida.

Reflexão cautelar

Ao falar da realidade dos mundos, talvez possa parecer que parto duma afirmação baseada sobre reflexões, apoiada num ou em vários axiomas, deduzindo coerentemente os elementos a coordenar. Mas, a afirmação duma distinção rigorosa e nítida entre os mesmos talvez se possa facilmente fundamentar a partir duma análise diferenciada das suas manifestações.

A realidade dos mundos, no entanto, não vai ser preocupação de base nem objectivo de ponta a atingir nestas reflexões. Se à realidade atribuirmos um sentido metafísico, esta reflexão de tipo ontológico encontra-se completamente fora de propósito. Qualquer intenção ou qualquer acção que vise tal problemática não tem aqui o menor sentido ou minimamente cabimento. Não se trata, decididamente, nem de um trabalho de gnoseologia, nem sequer de epistemologia nem, muito menos, de ontologia.

Singelamente, trata-se de uma reflexão acerca da actividade de observação experimental sobre dados captáveis por quem quer que se debruce sobre o que se passa à nossa volta, adentro das expressões humanas, em atitude de análise rigorosamente objectiva.

E não vale a pena "insistir" na impossibilidade de separar, de tentar separar ou de didacticamente separar, apenas para melhor e mais adequada análise. Quando acontece alguém insistir em que o "outro" separa (sendo normalmente esse outro aquele cuja preocupação científica se debruça sobre os fenómenos humanos) o que "na realidade" anda sempre misturado, "na realidade" se encontra sempre muito ligado, tudo ao fim e ao cabo se encontra relacionado com tudo, tal insistência apresenta-se como tarefa vã. Com efeito, para quem critica a tentativa científica debruçada sobre o humano, por separar o que "na realidade" se encontra relacionado, reflecte como se houvesse *uma* realidade e essa fosse aquela de que se faz uma ideia própria e/ou subjectiva. Seja dito de passagem: negar valor objectivo, em nome "*da* realidade", aos resultados obtidos por observação dos fenómenos humanos, apresenta-se como atitude curiosa por quem pratica a observação experimental. De que realidade se trata? A da "sua" ciência, se se trata dum cultor de outros domínios do saber de observação experimental? A da "sua" leitura, em termos empírico-vivenciais, do que se passa em si ou à sua volta? Uma amostra-síntese desta atitude bastante frequente encontra-se na afirmação tradicional: "cada um tem a sua psicologia". Por aqui se pode compreender com clareza a atitude daquele técnico do domínio da intervenção a partir das ciências bio-fisiológicas: "eu gosto de ouvir os psicólogos, para ver se estou d'acordo com eles". Claro: a psicologia verdadeira é "aquela que confirma as *minhas* vivências, interpretadas a partir da *minha* forma de as ler". No outro caso, o das ciências já bem estabelecidas (paradigma-juiz para os dados das ciências humanas) encontramo-nos em face duma mistura da atitude anterior, com outros elementos. Com efeito, em qualquer ciência, a sua prática teórica ou a sua prática aplicada ou as duas são sempre as de uma personalidade. Com uma agravante, neste segundo caso da prática aplicada: quem toma esta atitude tem direito, por hipótese, à competência na esfera que lhe é própria[1] e, por isso, supõe-se no direito de se sentir ou de ser tido por compe-

[1] Em muitos casos ou na maior parte dos casos trata-se duma competência de referência ou na repetição abreviada de afirmações de outros.

tente no domínio dos outros. Mas apenas porque a sua competência lhe vem dum estatuto, apoiado no facto de essa ciência ou essa prática se encontrar dotada de um alto grau de consideração junto da opinião pública ou no grupo comunidade em que o sujeito exerce as suas actividades[2].

Num ramo do saber como a ciência psicológica, verifica-se por um lado, que nem a nível jurídico-legal nem a nível psicossociológico se encontra definido qualquer estatuto e muito menos qualquer possibilidade de o definir e/ou de o aceitar; por outro lado, deparamos com um contra-estatuto, pseudo-epistemologicamente[3] definido e, principalmente, aceite. Pseudo-epistemologicamente aceite, pois apoia-se numa afirmação, comummente empregue e que não passa dum paralogismo: "a psicologia existe desde que existe o homem". O que diria alguém perante uma afirmação do teor seguinte: "a química existe desde que existem os gases" ou "a astronomia existe desde que existem os astros"? (A. M. Santos, 1975). Seria de ter presentes as dificuldades consideráveis, por oposição às suas investigações, que teve de superar Cl. Bernard, o fundador da Fisiologia, com a sua descoberta da "função hepática", por afirmar a existência dum "meio interior" em termos de organismo. E isto há pouco mais de século e meio. Hoje trata-se duma tese, no caso de Cl. Bernard, não apenas adoptada unanimemente por todos os bio-fisiologistas mas também afirmada a existência desse meio interior, como absolutamente indispensável para a autonomia do ser vivo. Por outro lado, parece esquecerem-se as dificuldades dum Lavoisier, há dois

---

[2] M. Orlindo Gouveia Pereira: "Contudo, como pode o médico ser "perito", ser "especialista em relações humanas" se ignora o seu próprio papel no "grupo de dois" que estrutura a relação médico-doente?" *Psiquiatria clínica*, 1981, 2,: 87. Toda a reflexão é interessante. Basta ter presente o título: "Análise psicossociológica da relação médico doente".

[3] Afirmar que se trata de algo pseudo-epistemologicamente definido merece a seguinte observação: de facto baseia-se numa História da Ciência, basicamente "memória colectiva", fundamentalmente dogmática, por reducionismos sucessivos; de facto, apoia-se nos triunfos das ciências físico-matemáticas e respectivas aplicações, num quase constante realce dos sucessos, claramente presentes na actualidade em termos de Cibernética e de Informática.

séculos, ao propor a sua nova química contra a química do "flogisto", apenas porque reinava a euforia de todo e cada um ser um físico à imagem e semelhança de Newton. Seria de atender à lição de extraordinária simplicidade expressa no Relatório à Academia das Ciências e depois Prefácio ao "Novo tratado elementar de Química" em que Lavoisier diz com despretensão: "Quando comecei a escrever este livro, tinha por objectivo apenas, dar mais desenvolvimento ao "Mémoire" que tinha lido em sessão pública da Academia das Ciências (Abril de 1787) sobre a necessidade de reformar e aperfeiçoar a nomenclatura da Química... De facto, pensando que me estava a ocupar apenas da nomenclatura, que tinha por único objectivo aperfeiçoar a linguagem da Química, o meu livro transformou-se, insensivelmente, nas minhas mãos, sem que me fosse possível defender-me disso, num *tratado elementar da química*".

Destes exemplos, não representativos, embora fosse útil e fácil multiplicá-los, seria de propor uma espécie de visão de síntese, muito ao propósito das considerações introdutórias até agora desenvolvidas: o que haveria a propor seria uma leitura arracionalista da própria História *das Ciências*, rompendo com a história-apologia do dogmatismo da Ciência, ou história racionalista da Ciência. Racionalista, porque se encontra em adoração diante duma certa "ideia" de Razão, à qual presta culto exclusivo e exclusivista enquanto instrumento ou apoio da análise.

História arracionalista das Ciências, principalmente, porque baseada numa procura ou busca do humano (à Diógenes) que é toda a ciência, pois só ele a faz, pode fazer e fazer aplicar... E humano é algo mais do que razão e/ou ideia. Há a ter em conta o seu aspecto arracional que não arracionalista, sempre diferente daquele que foi erigido em absoluto pela doutrina freudiana ou pelos freudianos, falando de contra-razão apenas por oposição a uma razão divinificada. Apenas o humano nos pode interessar, humano analisado em si mesmo e por si mesmo, sem desconhecer outras análises, nem a elas se submeter, sempre e só em busca do humano que opera em muitas outras actividades que

não apenas na razão, embora por razão em termos de análise. Mas não só nem principalmente, talvez[4].

Em suma: seria de realçar que não é questão de se reclamar um estatuto, nem demonstrar que se merece. Talvez apenas uma tentativa de mostrar a total carência de sentido no contra-estatuto do psicólogo. Não se trata de reclamar um novo espaço científico, pois a mole de observações experimentais, o rigor e a operacionalidade das aplicações vão tão longe e com tão subido interesse que até mesmo quem tenta negar espaço científico à Psicologia se apropria dos seus dados, em termos de ciências psicológicas.

Operacionalidade do conceito

Antes de tudo e acima de tudo, o que me preocupa é avançar para a afirmação dum mundo diferente, dum método adequado e duma linguagem capaz de traduzir essa diferença. Esse mundo é o *mundo imaginal*. Enquanto facto observável, não enquanto realidade ontológica ou conclusão lógico-gnoseológica.

A designação de "mundus imaginalis"[5] surge por virtude da exigência de definição de conteúdos, sem qualquer outra conotação.

Acontece servir igualmente e ao mesmo tempo para distinguir o que se apresenta confuso, para clarificar o que se apresenta obscuro e para situar o que parece atópico. Isso mesmo afirma, doutro modo, quem primeiro lançou tal designação: "ao propor para título desta conversação duas palavras latinas "*mundus imaginalis*", a minha intenção é tematizar um sector preciso do real, correspondendo a um modo preciso da percepção". Tratando-se de algo preciso ou delimitado, urgente se torna dar-lhe todo o relevo e conferir-lhe um tópico tipificante. Contri-

[4] Justificar-se-ia falar de irracionalismo científico para designar as constantes extrapolações de "cientistas" para além do seu domínio de investigação.

[5] Aparecido pela primeira vez no século IV, com Mário Vitorino, como adiante se mostrará com certo pormenor.

bui um pouco para atingir esse objectivo, recorrer à terminologia latina, directa ou indirectamente, pois oferece a vantagem de permitir uma referenciação técnica fixa, à qual podemos recorrer e a partir da qual podemos avaliar os diversos equivalentes, mais ou menos flutuantes, que nos apresentam as línguas modernas do Ocidente (H. Corbin, 1964:3).

Após esta pequena justificação da opção assumida, numa perspectiva terminológica, H. Corbin realiza toda uma distinção comparativa que muito pode contribuir para a clarificação do real observado ou em observação. Deste modo é que, para exemplo quase exemplar, há que ultrapassar o vocábulo imaginário sem que tal implique uma crítica para quem o usa, sendo apenas uma tentativa para o re-descobrir, talvez para o re-valorizar positivamente. Torna-se claro para quem quer que se debruce sobre a linguagem popular ou técnica que o equivalente de imaginário é, obviamente, o irreal, algo de exterior ou fora do vivencial e/ou do real, particularmente do real sensível e ainda fora de toda a referência espacio-temporal como ainda de qualquer referência humana, propriamente. O imaginário é utópico, no sentido global de utópico, como adiante melhor situarei[6]. No entanto, quando no meio ocidental se usa e abusa dessa perspectivação, como é o caso do racionalismo positivista, quando, mesmo involuntariamente, se pensa e valora adentro desses esquemas tradicionais, isso não impede que representa pura perda por deficiente leitura e insuficiente captação de toda uma riqueza experiencial, de grupo e individual, proveniente doutras sociedades e/ou grupos culturais.

Em aplicação concreta a partir do quotidiano que é o nosso

---

[6] A H. Corbin assiste uma razão suplementar e própria que vale a pena referir. Com efeito, a sua situação, pela premência das circunstâncias e pela força da riqueza dos conteúdos na diversidade das vivências pessoais em conjuntos socio-culturais diferentes "il me fallait absolument trouver un autre terme. C'est que, depuis un bon nombre d'années déjà, j'ai été, par vocation et par profession, l'interprète de textes arabes et persans dont j'aurais trahi à coup sûr les intentions si, pour les traduire, je m'étais contenté purement et simplement, fût-ce avec toutes les précautions possibles, du terme *imaginaire*. Il me fallait absolument trouver un autre terme, si je ne voulais pas fourvoyer le lecteur occidental qu'il s'agit d'arracher à des habitudes de pensée depuis longtemps acquises, pour l'éveiller à un (autre) ordre de choses..." (H. Corbin, 1964: 6).

torna-se indispensável referir o equívoco que pode introduzir tudo o que hoje se diz e escreve, particularmente no ponto de vista sociológico sobre a dita "civilização" da imagem (cinema, rádio, televisão, ilustrados, etc.). Com efeito, a imagem fica pobremente reduzida à apresentação sensorial ou aos efeitos duma excitação sensorial, a qual, para manter todo o seu interesse, na fugacidade da excitação, tem que ser substituída incessantemente por outro(s) diferente(s). E assim se perde a riqueza diversificante dum mundo específico, dotado de significações próprias e de conteúdos diferenciadores para se cair no banal imaginário, provocado por excitações adrede preparadas. Daí, verificar-se o sucesso sucessivo das vedetas, canções ou cantores e a consequente fabricação de imaginários, vazios de conteúdo pessoal[7].

Seria então de perguntar: como acontece tal mundo imaginal? Ou seja, quais as suas manifestações, quais os seus produtos, quais as actividades que se encontram na base dessas manifestações e desses produtos? Porquê, tal mundo? O que aproveita para um aprofundamento diversificante da expressividade humana? Como, afinal? Há que ir um pouco além ou diferentemente. Na medida em que a mesma depreciação envolve imaginário e utópico, realçar a realidade profunda e o sentido concreto do "fora de lugar" confere maior riqueza e maior diversidade ao que é ou está no lugar.

Com efeito, o "país" do "não onde" é, paradoxalmente, o país de que todo o "onde" recebe a sua conotação, ou seja, a partir do qual se definem os diversos "ondes". Como o "fora da casa", na amêndoa, é a referência fundamental para a própria amêndoa. O

---

[7] G. Durand falaria duma nova fúria iconoclasta. E pergunta-se como é que "a civilização que regorgita d'imagens... de inúmeros meios de reprodução iconográfica pode ser crismada de iconoclastia?" É claro, há várias formas: umas por defeito, rigoristas (Bizâncio, séc. VI e VII); outras mais insidiosas, que procuram preservar o significado em detrimento da aparência imagética. Mas, há "uma iconoclastia mais subversiva, destruidora do significado veiculado pelos ícones... a iconoclastia por excesso, por evaporação do significado constitui a característica, imensamente agravada, da cultura ocidental" (G. Durand, 1963, 3-4). Seria apenas de lembrar o mote do autor da "Galáxia Gutenberg": "The medium is the message"; e as suas intermináveis consequências negativas na aprendizagem, entenda-se, humana e apenas humana.

onde, propriamente, é a referenciação sensorial e o não onde constitui uma referenciação não sensorial, a definir os diversos espaços sensoriais. Este é o mundo do interior, invisível, esotérico, face ao outro, o mundo exterior, do visível, do exotérico. Numa palavra, do mundo cultural face ao mundo natural. Sair do "onde", da categoria "ubi" é deixar as aparências exteriores ou naturais ou físicas que envolvem as realidades interiores, "escondidas".

Deixando esta distinção, de tipo metafísico, e esta comparação efectuada em forma quase alegórica, venhamos a algo mais de tipo observação experimental e nesta a algo de tipicamente actividade pessoal e seus resultados. O mundo imaginal seria — será — um mundo que acontece "abaixo" do mundo da inteligibilidade pura, a forma sem conteúdo e "acima" do mundo directo e imediato, dado pelos sentidos (conteúdos empíricos). Em termos mais actuais o "mundo dos sonhos", e/ou dos "devaneios" e/ou dos "símbolos" e/ou das "meditações"...

A realidade do mundo imaginal pode ser apontada em primeira e leve amostra a partir do que acontece com a obra d'arte. A realidade da obra d'arte não é a realidade dum objecto sensorial, experimental ou metafísico, sendo, no entanto, real graças a esta "outra coisa" que o diferencia do objecto da natureza sensorial, experimental ou metafísica. Trata-se duma outra realidade para o sujeito que a contempla e, principalmente, para o sujeito que a cria, adentro do seu estilo e inspiração. É, portanto, legítimo concluir: a imagem (e cada imagem) não é realidade objectal, é realidade pessoal; a imagem (e cada imagem) não é uma representação do objecto é uma expressão do sujeito quer como criante quer como contemplante (re-criante). Cada imagem, a imagem, todas as imagens, em cada caso, são, estruturantemente, o mundo imaginal ou o conteúdo expressivo de cada personalidade. Desse modo se compreende que as técnicas projectivas sejam expressivas ou possibilitantes da expressão duma personalidade.

Voltando: um quadro pertence ao mundo físico, enquanto confeccionado a partir dos materiais sensoriais. Mas, apenas

porque para a contemplação activa de muitos essa é a condição[8]. No entanto, enquanto quadro, criação de um e contemplação ou re-criação de muitos, não é físico nem experimental, não é metafísico nem experiencial. Mas, expressão pessoal, enquanto criado pelo seu autor e re-criado por quem o contempla activamente. É fácil, é lógico concluir: pertence efectivamente ao *mundo imaginal*. Ele e todas as realidades do mesmo género. As qualidades dum quadro que é um poema ou dum poema que é quadro, duma catedral que é romance ou dum romance que é catedral, duma escultura que é conto ou dum conto que é escultura constituem um convite forte do artista criante ao contemplante no sentido de este expressar algo que constitui, na diferença da expressão, o traço de união entre os dois.

Não se reveste de qualquer significado com interesse, apontar para este ou aquele tipo de paralelismo entre o mundo das imagens — imaginal — e o mundo dos objectos — objectal. Extremizar no mundo empírico — empirismo — ou extremizar no mundo das ideias — idealismo — não passa de gnoseologia ou de definição da verdade.

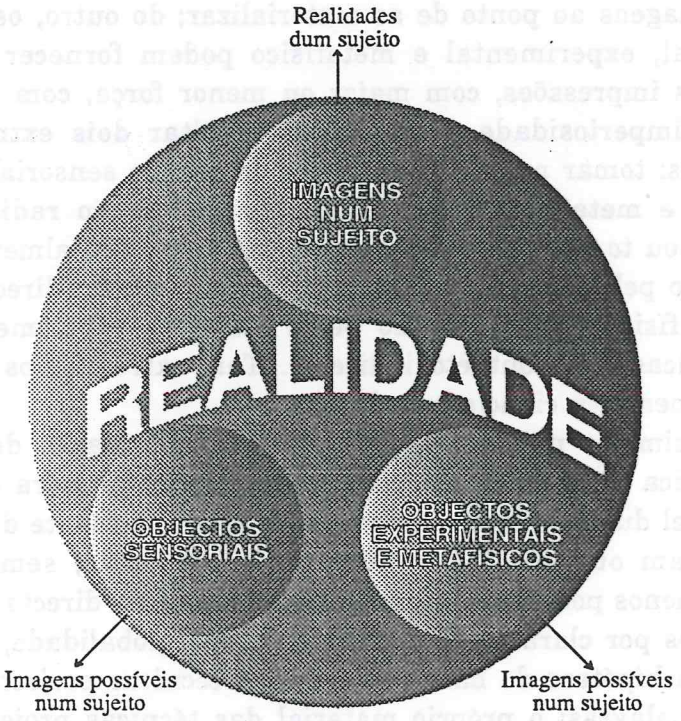
E o que preocupa na prática psicológica, o que se tenta analisar, o que nos propomos determinar não é a verdade nem os meios ou instrumentos de a atingir, nem sequer a "verdade de cada um" como se costuma "remendar" numa tentativa metaficizante. O que a prática psicológica tenta é encontrar-determinar a *expressividade de alguém*. As imagens, o mundo imaginal que é a personalidade, referem-se aos objectos que são imagens e constituem presença no sujeito como porção da realidade do mundo, quer sensorial, quer experimental ou metafísico, o qual continua a ser-lhe exterior.

Se o nosso existir dependesse do paralelismo seria impossível ou impensável. Pois existir é criar-se constantemente (Psico-

[8]Falar de "reificação" da imagem só o poderá ser neste sentido. De resto, a própria materialidade é transparência. Quem a capta, pelo facto mesmo a destrói. A obra d'arte, apesar de traduzida a nível sensorial, apesar de se encontrar no mundo físico, integrada nas leis físicas e dependente da constituição dos órgãos, permanece algo de irreal, contem algo de irrealidade e, talvez por isso, talvez nessa medida, liga o sujeito-autor ao sujeito-contemplador, aquém ou além da fisiologia de estímulos específicos.

logia do desenvolvimento) e re-criar o mundo sensorial, experimental e metafísico (Psicologia social). No fundo, o que acontece sempre e inequivocamente é uma actividade de *fantasia*, ou seja, um trabalho de relacionamento dos elementos da percepção dos três mundos, sensorial, experimental e metafísico com o mundo pessoal. Qualquer dado de que se trate: uma esfinge, uma pedra, uma sereia ou uma casa, uma pessoa, é algo que num momento dado, directa ou indirectamente[9], no todo ou em partes, entrou no mundo de expressividade que é *o* sujeito e desse modo passou a fazer parte do mundo imaginal que *cada* sujeito é.

Gráfico 1



[9] O sensorial não será a base da nossa elaboração do real, qualquer que ele seja mas constitui seguramente, denominador comum das suas diversas modalidades.

A fantasia, pelo facto mesmo, encontra-se no centro das expressões de cada personalidade, pois é a fantasia que fundamentalmente permite a cada uma, relacionar o mundo dos objectos com o mundo das imagens, em constante relacionamento e sem reversibilidade ou paralelismo. Pelo contrário, em sempre possível transformação do mundo imaginal pelo mundo objectal ou do mundo objectal pelo mundo imaginal. Com efeito, trata-se de realidades simplesmente *diferentes* e *igualmente* realidades: dum lado, as imagens que elaboro pela fantasia e que posso comunicar sem deixarem de me pertencer; do outro, os objectos que se apresentam no dia-a-dia e de que posso formar imagens sem nunca os esgotar.

Por outras palavras: dum lado, o sujeito pode objectivar as suas imagens ao ponto de as materializar; do outro, os mundos sensorial, experimental e metafísico podem fornecer as mais diversas impressões, com maior ou menor força, com maior ou menor imperiosidade. Daí, podem resultar dois extremismos possíveis: tomar por objectos únicos do mundo sensorial, experimental e metafísico o que é apenas elaboração radicalmente pessoal ou tomar por realidades únicas o que actualmente nos é oferecido pelas impressões sensoriais, em contacto directo com o mundo físico e re-elaborado pelas reflexões experimentais ou metafísicas, em contacto indirecto. Tais extremismos anulam, radicalmente, a ciência psicológica.

Assim, os protocolos dos sujeitos em situação de prática psicológica não podem ser considerados pura ou mera exteriorização fiel duma imagem imposta pela estampa diante da qual se encontram ou pelo maior número de respostas, sem mais, e muito menos podem ser considerados a tradução directa de objectos, tidos por claramente definidos na sua globalidade, pois iria contra a hipótese de base das próprias técnicas projectivas. Por outras palavras: o próprio material das técnicas projectivas só pode ser considerado projectivo, na medida em que se aproxima, sem se identificar, por um lado, com o mundo das imagens ou mundo imaginal e pelo outro, com o mundo dos objectos quer sensoriais, quer experimentais e metafísicos. Consequentemente, os protocolos são sempre reais, enquanto expressão do mundo

imaginal, claramente real, para alguém, igualmente real. Os protocolos vão permitir dizer algo real, concreto, vivencial acerca de alguém real, concreto, vivente.

"Mundus imaginalis" é o mundo da personalidade, porque se pode demonstrar ser o mundo especificamente humano: especificamente humano, enquanto construção de si próprio — *personalidade* — e enquanto construção de tudo o que a rodeia, a seu modo e em sempre possível renovação — *cultura*.

Relativamente ao que rodeia a personalidade ou cada personalidade, temos dois tipos de mundos, perfeitamente distintos e perfeitamente distinguíveis, por quem quer que se debruce sobre esta problemática[10]. Dois mundos igualmente reais na sua diferença, para cada um e para todos. Com efeito, ninguém diz de um tronco de árvore a boiar na água dum rio, seguindo a corrente de montante para juzante: eis o princípio de Arquimedes. Diz, simplesmente, eis um tronco de árvore que desliza ao sabor da corrente. Se se dispuser a ver doutro modo, simplesmente outro, nem melhor nem pior, nem mais sábio nem menos sábio, nem mais avançado nem mais primitivo, poderá dizer: eis uma manifestação em que se pode observar o princípio de Arquimedes e o princípio dos planos inclinados ou uma manifestação que se pode *explicar, aplicando* o princípio de Arquimedes. Do mesmo modo: porque se sucedem as noites aos dias? Pergunta desnecessária, esta. Está-se mesmo a ver: o sol nasce e o sol põe-se, nasce no oriente e põe-se no ocidente. Salta aos olhos: o sol gira em torno

---

10 Tal atitude implica um repúdio de igual força e de não menos igual consistência, do idealismo solipsista em que o mundo é apenas o que é para o sujeito assim como do empirismo sensista ou do realismo empirista em que o mundo é o que dele consigo captar nas impressões sensoriais, ou seja, o que existe, independentemente do sujeito que o capta.

Consequentemente, se ao largo da explicitação da hipótese apresentada, puder acontecer qualquer dúvida ou objecção ao que fica dito, a única possibilidade de explicação é que se trata duma cedência a um dos dois modelos filosóficos e suas respectivas repercussões, mais ou menos inconscientes. E isto, apenas porque não se conseguiu corresponder ao convite de se situar aquém ou além dos mesmos. Até porque é um facto, para toda a gente, a transformação das imagens porque re-construídas ao serem evocadas em memória e em imaginação ou ao entrarem em confronto com as imagens criadas pela actividade de fantasia ao apurar algo de novo perante os dados objectivos quer do mundo concreto quer do mundo abstracto.

da terra. E, no entanto, num outro tipo de observação, a observação experimental, o sol encontra-se parado, girando a terra em torno do seu eixo. Seria agora de afirmar, abordando o tema dum outro ângulo:"ao menos os astronautas vêem a rotação da terra..." No entanto, o correcto será dizer que os astronautas vêem a terra a rodar. A rotação duma esfera em torno do seu eixo, imaginário(?) não é o mesmo que essa esfera a rodar, por exemplo, por um plano inclinado.

E assim, de novo a mesma conclusão: trata-se de duas realidades igualmente reais, segundo as perspectivas de quem as observa. Indo um pouco mais além: no caso da rotação da terra e da fixidez-estabilidade do sol, ainda seria de formular a hipótese de que a estabilidade-fixidez do sol é relativa à galáxia solar. Em princípio, a galáxia solar é móvel, em relação a outras galáxias-ponto do orbe ou do universo, fixos ou móveis. Finalmente, poderíamos afirmar que tudo isto, conhecido e para conhecer, é maravilhoso, na sua harmonia, harmonioso na sua diversidade e diverso na sua unidade e simplicidade. Encontrar-nos-íamos noutra "esfera" ou noutro nível de observação sobre o que nos rodeia: seria, será, é ainda um outro mundo. Real, embora diferente

Por contraste enquanto objectos e por semelhança enquanto formas de conhecimento, poder-se-ia obter este quadro de conjunto:

Quadro 1

FORMAS DE CONHECIMENTO / OBJECTO DE CONHECIMENTO	Sensorial	Experimental		Metafísico
Astros	este astro	os corpos celestes	o astro	ser extenso
Minerais	este granito	os granitos	o granito	ser extenso
Vegetais	esta violeta	as violetas	a violeta	ser vivo
Animais	este canário	os canários	o canário	ser vivo
Humanos	esta personalidade	as personalidades	a personalidade	ser pessoal

Para uso da reflexão que aqui nos ocupa, centrada sobre a identidade-realidade do mundo imaginal, conteúdo da personalidade, seu ingrediente de fundo, estaríamos a fundamentar, por situações concretas, a afirmação de que podemos considerar a existência de três mundos: a par do mundo *intelectível-abstracto*, de existência duvidosa, para muitos, (os quais, apesar disso, seriam incapazes de negar a existência do mundo científico e/ou técnico) e a par do *mundo sensorial-concreto* de cuja existência alguns só duvidam por uma questão de coerência de fundo com o sistema adoptado, o *mundo imaginal-pessoal*, totalmente outro, radicalmente original, originalmente específico, especificamente pessoal.

Explicitação da hipótese

Explicitando um pouco mais a hipótese: do mundo imaginal, para além da operacionalidade do conceito para quem dele já falou, pouco mais, aqui e agora, haveria a dizer. Com efeito, a sua existência ficará clara desde que, a partir da prática experimental, provocada ou dada e a partir duma problemática aplicada fique demonstrada a sua factualidade.

Seria, neste momento, de relancear apenas um pouco do olhar sobre os outros dois mundos de referência: o mundo sensorial-concreto ou dos objectos sensoriais e o mundo intelectível-abstracto ou dos objectos intelectíveis. A começar por uma reflexão que a ambos diz respeito seria de "jogar" ao paradoxo, tendo em conta o emprego abusivo, porque exclusivo ou exclusivista, de concreto, em termos de valor, por supervaloração, em contraste com o abstracto, desvalorado. Seria de afirmar com legitimidade: o mais concreto de todos é o abstracto. Com efeito, é o abstracto que dá consistência experimental incontestável e/ou lógica ao concreto, senão mesmo, inteira razão de "ser pensado"[11]. Se

[11] Indo mais longe era fácil desenvolver a problemática esboçada,

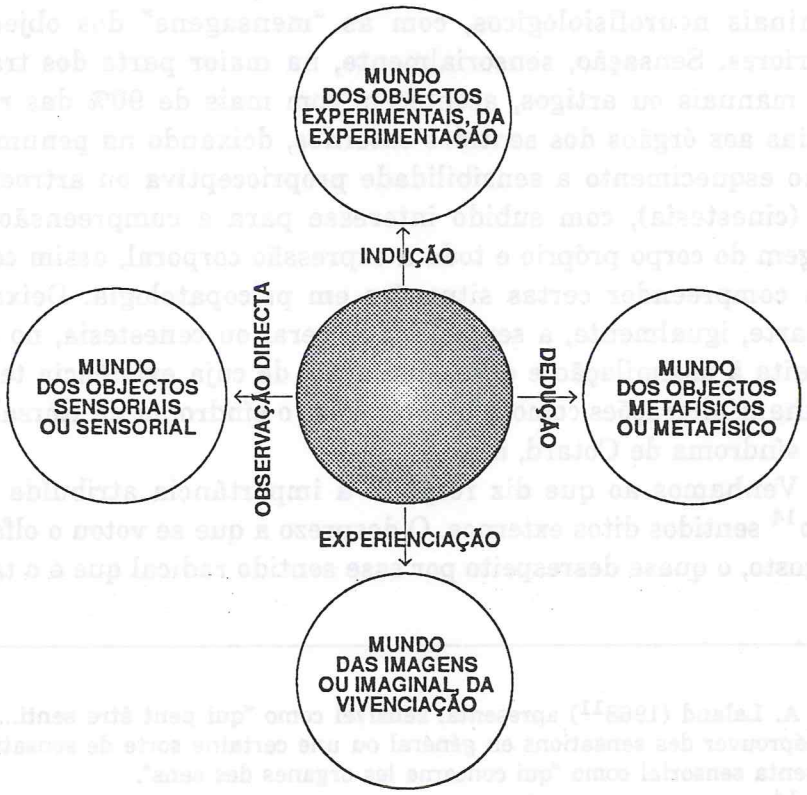
viéssemos agora a sensível e a intelectível, haveria outras diversas considerações a explanar. E, para não fugir a uma perspectiva rigorosamente científica, focalizando o tema a partir duma reflexão histórico-filosófica[12], (Gráfico 2) vou adoptar uma perspectiva psicossociológica ou, mais correctamente, historico-cultural na análise dos dois vocábulos. Até porque, é a norma, adentro duma investigação que procura permanecer fiel à metodologia de observação experimental; é vantajoso para afirmar a validade científica de observação em ciências psicológicas; é promissor, para ir mais longe, mais fundo, e mais especificamente na promoção duma melhor imagem compreensiva e duma compreensão mais adequada ao humano, colocar-me numa perspectiva científica em psicologia. Quando se trata duma análise de conteúdo

---

demonstrando que o concreto é o que há de mais falível e pouco fiável. A não ser que continuemos a acreditar na lenda, fabricada a partir de Descartes com toda a virtuosidade, no prolongamento de "Os académicos" que se reportam a Sexto Empírico e colegas, segundo a qual os *sentidos nos enganam*. Para ilustração avança-se o exemplo do pau metido na água que é visto como partido. Quem repara que na demostração se realça o engano — pseudo-engano — dum sentido que é a visão, em contraste com a certeza —pseudo-certeza, se os sentidos nos enganam — dum outro sentido, o tacto? Equívocos e/ou estereotopias curiosas. Mais ainda, pois pretendemos demonstrar o engano e o desengano apoiados no mesmo sentido, a vista. Olhando para o recipiente com a água e o pau, vemos este partido. Retirando do recipiente com água, o mesmo pau e olhando-o com o mesmo sentido da vista, vemo-lo como não partido. O mesmo sentido faz e desfaz o engano. Indo mesmo ao extremo: para quem atribui valor quase exclusivo ao conhecimento experimental, como único válido ou como único fiável (não na minha hipótese, pois se trata de níveis de actividade com igual e diferente interesse) deveria estar mais convencido de que o pau está partido na medida em que esta certeza se apoia na lei física da refracção dos raios luminosos, através dum meio líquido. Tal como a rotação da terra contraria os dados imediatos de visão, a certeza do pau inteiro carece inteiramente de base experimental, dispondo apenas duma simples base experiencial. Igualmente válida. Mas diferentemente.

[12] O que seria deveras interessante e complementar. Mas bem a despropósito, apesar de ser a tentação maior por virtude da facilidade bibliográfica e da dissertação aceitável desde que se aceite o mínimo de pressupostos que se colocariam na base das deduções, em clara coerência entre si, para um máximo de conclusões.

Gráfico 2



de vocábulos, há que tentar uma leitura historico-cultural de cada um deles para chegar à evidenciação do interesse ou não interesse, da operacionalidade ou não operacionalidade do seu uso.

Mundo sensorial

Assim, sensível, sensorial[13] diz respeito na quase totalidade

[13] H. Piéron (1963³) apresenta assim sensação: "une stimulation, externe ou interne, engendre une sensation dans la mesure où elle influence le comportement, avec possibilité de manifestations immédiates ou seulement différées".

se não unanimidade dos autores e das suas obras, àqueles conteúdos que são fornecidos directamente a partir do contacto dos terminais neurofisiológicos, com as "mensagens" dos objectos exteriores. Sensação, sensorialmente, na maior parte dos tratados, manuais ou artigos, acontecem com mais de 90% das referências aos órgãos dos sentidos externos, deixando na penumbra ou no esquecimento a sensibilidade proprioceptiva ou artrocinética (cinestesia), com subido interesse para a compreensão da imagem do corpo próprio e toda a expressão corporal, assim como para compreender certas situações em psicopatologia. Deixa-se de parte, igualmente, a sensibilidade geral ou cenestesia, no que respeita à assimilação e desassimilação, de cuja existência testemunham alterações como a hipocondria, o síndroma de Korsakoff ou o síndroma de Cotard, etc. .

Venhamos ao que diz respeito à importância atribuída aos cinco[14] sentidos ditos externos. O desprezo a que se votou o olfacto e o gosto, o quase desrespeito por esse sentido radical que é o tacto

---

A. Laland (1968[11]) apresenta: sensível como "qui peut être senti... qui peut éprouver des sensations en général ou une certaine sorte de sensation", apresenta sensorial como "qui concerne les organes des sens".

[14] Não vale a pena continuar a falar dum sexto sentido ou dum sétimo sentido. Não passam de pobres remendos numa psicologia diferencial dos sexos, a qual por nada ter de psicologia e tudo de anatomia, precisou de recursos grandemente imaginativos para justificar-explicar situações socio-culturais com uma pseudo-explicação psicológica. Trata-se dum tema de subido interesse para uma compreensão mais objectiva do que se passa quer no homem quer na mulher e para uma evidenciação da pobreza por quase equivocidade de grande parte do que se diz e escreve, a partir ou não de sondagens de opinião e quejandos. As observações de campo e de laboratório em Psicologia social da inteligência esclarecem muitos dos temas a este respeito.

"As minhas reflexões propunham-se demonstrar que a inferioridade feminina não é biológica e que a misoginia não possui uma base biótica mas psicótica". James Hillman, *The Mythe of Analysis*, Three Essays in archetypal Psychology, Evanston, 1972, p. 292. (Publicitariamente, a tradução francesa joga num título chamariz: "Le mythe de la Psychoanalyse" (1977) com bibliografia seleccionada.

Num outro ponto de vista, seria ainda de referir mais um outro trabalho, característico de outros tantos pontos de vista: Castiglione, Piccolomini & Bandello, *Images de la femme dans la littérature italienne de la Renaissance, Prèjugés misogynes et aspirations nouvelles*, Paris, 1980.

mereciam uma análise diferencial para que a atenção não continue a ser tão diferenciadora. A prevalência da vista sobre o ouvido e dos dois sobre os outros, poderia permitir considerações de grande interesse para uma compreensão mais global da personalidade (e de cada personalidade) com repercussões grandemente vantajosas num futuro mais clarificante para a interacção entre as personalidades. Especialmente importante, enquanto base, seria o aumentar de interesse pelo futuro das técnicas psicológicas em particular, já não falando do que em perspectiva psicopedagógica, pode resultar para prevenção ou, ao menos, superação da hipertrofia da vista e do ouvido, no nosso mundo do "audio-visual"[15] e, talvez, da situação de insucesso e/ou desinteresse escolar.

De qualquer modo, a presença do mundo sensorial ou o facto de um mundo sensível ou sensorial não oferece qualquer dúvida a ninguém ou é mesmo o mais forte ou mais impositivo — com certa ambiguidade — quanto à sua validade e/ou viabilidade. Trata-se mesmo, provavelmente, da única realidade para a maior parte das pessoas se não mesmo para muitos técnicos[16]. Por mais simples que seja uma sondagem feita nos mais diversos meios é bem clara a convergência senão unanimidade no estabelecer duma identidade entre mundo sensível e mundo concreto e entre estes e o real. Assim é que, o falar de mundo sensível e concreto é o mesmo que falar dos minerais, dos metais e dos gazes, etc. também chamado mundo físico ou físico-químico. Por outro lado, haveria ainda

---

15 "Nous serions stupides de ne pas faciliter par tous les moyens possibles notre départ du monde visuel fragmentaire qu'est celui de l'académisme pédagogique actuel... Il faut aborder les media comme des sources de nouvelles habitudes de perception... Comme le disait un cadre de IBM: comparés à leurs grands-parents, mes enfants avaient déjà vécu plusieurs vies quand ils sont entrés à l'école". Assim se exprime o Autor de *Understanding media* (p. 14, 10 e 11, Paris, 1964), enfatizando inúmeras situações problemáticas, fundamentando-se correctamente como em *The Gutenberg Galaxy* (Toronto, 1962), colocando frente a frente as ditas civilizações da idade oral até à imprensa e à nossa era electrónica. (Marshall McLuhan)

16 Seria de lembrar um facto comum a todos os que frequentaram a Escola primária: as definições de substantivo concreto e de substantivo abstracto que aí eram propostas invariavelmente a todas as crianças, dentro e fora do país. Substantivo concreto aquele que se refere a objectos que se podem ver, apalpar; substantivo abstracto é aquele que se refere a qualidades que se não podem ver nem apalpar, etc..

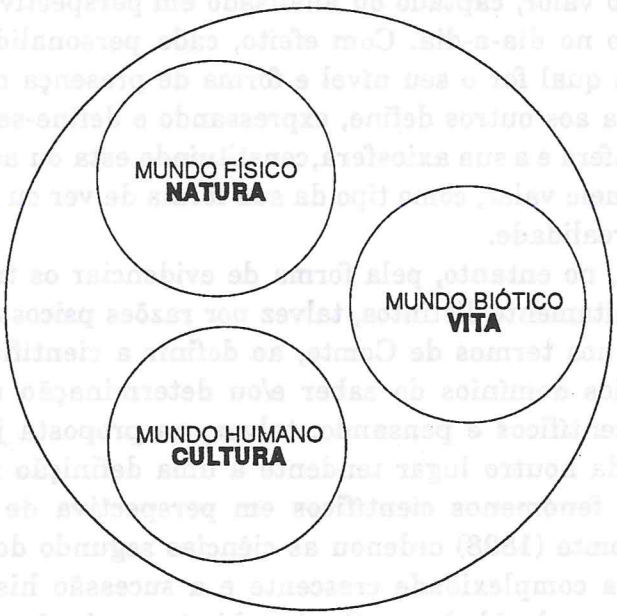
a realçar o falar das plantas e dos animais, também chamado mundo biótico ou organísmico: natural ou da natureza (*natura*) para toda a gente, mundo da vida ou vital (*vita*). Finalmente, haverá a considerar o mundo humano basicamente *cultura*. Este mundo cultural, quer na sua faceta de produtos culturais os mais variados, quer na sua faceta de capacidade de criação cultural, é também um facto evidente.

Em qualquer dos casos, trata-se de elementos sensoriais ou elementos cuja existência e presença são facilmente verificáveis a nível sensorial e verificados por quem quer que seja através dos terminais nervosos ou, noutra perspectiva, através dos objectos que excitam as extremidades neurofisiológicas do sistema nervoso central ou cérebro-espinal. Esta sensorialidade de base que fornece segurança a qualquer, de qualquer "realidade" torna-se a prova mais concludente da afirmação da presença deste mundo perante qualquer personalidade na comunidade. Este apelo ao "senso-comum" vem a propósito. Com efeito, muitas reflexões em psicologia, com grande aparato científico, isto é, grande número de quadros estatísticos e alguns cálculos, nada mais fazem do que confirmar o "senso-comum". Para não formular uma reflexão demasiado directa em termos de psicologia acerca do interesse de tais considerações e, talvez, para maior força de clareza e rigor, vou formular as seguintes hipóteses: se a astronomia tivesse por actividade final da sua laboração confirmar os dados sensoriais, ainda seria astronomia? Ainda demonstraria ou afirmaria a rotação da terra e a estabilidade do sol adentro da nossa galáxia? No entanto, o que se me afigura deveras importante é que, apesar de demonstrada a rotação da terra, tal não invalida que, a nível dos sentidos, o sol ande de oriente para ocidente em qualquer parte da terra em que nos encontremos. E, se nos parece que estamos parados é porque, experimentalmente, nos encontramos sem referência, ou seja, sem possibilidade de agarrar a relatividade da nossa impressão.

Este polo de referenciação do mundo imaginal é o mundo concreto-sensível. É ele que constitui a par do mundo abstracto-intelectível os conteúdos que vão dar origem às imagens reais que é o mundo imaginal. Ele serve igualmente de fonte inesgo-

tável, em cada personalidade, ao longo do seu desenvolvimento,

Gráfico 3



para a descoberta de sempre novos ou renovados conteúdos (imagens possíveis) para o mundo imaginal. Da realidade deste mundo concreto-sensorial ninguém duvida, a não ser em certas formas de problematização gnoseológica: impos-se, e impor-se-á sempre a quem quer que tente uma análise-compreensão da e de cada personalidade, particularmente aos praticantes da psicologia, na análise, em termos de problemática geral de aplicação assim como análise especial, em perspectiva psicossociológica dos protocolos, colhidos a partir das técnicas projectivas.

No mundo concreto-sensorial, realcei a distinção dos três núcleos: *natura*, *vita*, *cultura*.

Podia não o ter feito. Achei, no entanto, que seria mais interessante e operacional fazê-lo. Apesar de se poder considerar

uma outra forma de apresentar o mundo concreto-sensorial: seria em dois grandes grupos, correspondendo aos dois grandes grupos do mundo abstracto-intelectível. Num ficaria o "mundo natural" englobando o mundo físico-químico e o mundo bio-físico e,no outro,o mundo da cultura[17].Por outro lado, haveria o mundo do ser e do valor, captado ou analisado em perspectiva empírica, do seu uso no dia-a-dia. Com efeito, cada personalidade, a seu modo, seja qual for o seu nível e forma de presença no mundo e co-presença aos outros define, expressando e define-se afirmando a sua ideosfera e a sua axiosfera,constituindo esta ou aquela ideia, este ou aquele valor, como tipo da sua forma de ver ou de apreciar qualquer realidade.

Optei, no entanto, pela forma de evidenciar os três mundos como perfeitamente distintos, talvez por razões psicossociológicas. Pensando nos termos de Comte, ao definir a cientificidade progressiva dos domínios do saber e/ou determinação rigorosa de objectos científicos e pensando, talvez, na proposta já por mim apresentada noutro lugar tendente a uma definição rigorosa de grupos de fenómenos científicos em perspectiva de génese da ciência. Comte (1828) ordenou as ciências segundo dois critérios distintos: a complexidade crescente e a sucessão histórica. Em função da complexidade, partiu dos objectos mais simples para os mais complexos[18] e dos primeiros a ser cientificados para os que

---

17 Parece legítimo, segundo o modo tradicional de falar do humano, particularmente quando se usa a fórmula em que alguém procura manifestar a sua tolerância compreensiva: "é natural o que ele fez", "é próprio da natureza humana"... Reflectir em termos actuais, particularmente em perspectiva psicossociológica, o humano em nada é natural, simplesmente porque é humano. Ou seja, o humano é totalmente diferente, pois a sua diferença característica ou a sua característica específica é a cultura. Em perspectiva lógica, sempre que num objecto se verifica a presença duma característica específica e original, toda a estrutura fica modificada e esse objecto é totalmente outro. O exemplo banal é o do oxigénio e do ozónio em química ou o da água, cujas características são radicalmente outras tendo em conta os seus componentes, dois gases: oxigénio e hidrogénio.

18 Curiosamente, apesar de o fundador de "O Positivismo" saber respeitar, e agir em consequência, a complexidade crescente dos fenómenos e objectos do conhecimento científico, modernamente, hoje mesmo, ainda se continua e são tantos os que pretendem, mesmo entre os cultores das ciências da personalidade, tratar do mais complexo a partir do mais simples, como se o

receberam mais tarde um tratamento científico em toda a linha, constituindo por esse facto um domínio autónomo do saber ou da investigação científica. Assim passou-se da física ou astrofísica com Newton, para a química com Lavoisier e para a biologia com Lamarck e a fisiologia com Cl. Bernard e mais discutivelmente, mas com intenção inegável, para a física social, mais tarde, sociologia com Comte (A. M. Santos, 1975).

Deste modo torna-se legítimo na explicitação do mundo concreto-sensorial, falar do mundo físico, em termos de natureza, englobando a física e a química: *natura*. Se passarmos ao mundo da vida, encontramos a mesma perspectivação, embora em termos de simples anatomia com Lamarck e só posteriormente, com C. Bernard em termos de fisiologia. Num caso como no outro é válido falar de *vita* e de mundo biótico ou biofísico apesar do equívoco desta última designação. Trata-se dum mundo que manifesta características próprias, perfeitamente definidas. A ninguém oferece dúvidas o serem próprias e perfeitamente definidas, embora se verifique aqui um certo número de tentativas de reduzir os fenómenos de organização aos fenómenos de estrutura, reduzir os fenómenos vitais aos fenómenos astrofísicos.

Finalmente, o mundo humano que para Comte se reduzia ao mundo societal, a ser analisado exclusivamente pela "física social", em termos de sociedade ou estruturas institucionais, no que esse mundo engloba de especificamente humano. Mas, as "tribulações" dos fenómenos de expressão, o mesmo é dizer, das ciências psicológicas, não se limitam apenas a esta mais ou menos negação da sua individualidade. Várias outras manifestações aconteceram, principalmente reduções, que na sua ambiguidade, só agudizaram a situação periclitante da psicologia, com claras incidências na actualidade mais actual e, pior ainda, sem que disso as pessoas se dêem conta. A começar pelo começo, com a

---

complexo fosse puro somatório do simples... curioso atavismo ou simples não-sentido. Esses mesmos esquecem igualmente o cânon de Ll. Morgan, embora em sentido inverso: não se deve explicar o inferior pelo superior (como o praticou Darwin e tantos outros em antropomorfismo acientífico) nem vice-versa, o superior pelo inferior (como pretende hoje a legião dos adeptos do zoomorfismo (Miranda Santos, 1972, 1ª parte).

obra de W. Fechner, *Elemente der Psychophysik* (1860) ou o psiquismo tratado segundo o modelo astrofísico, ainda que ou porque com intenções ou preocupações mais ou menos panteístas. Posteriormente, a primeira grande ciência psicológica a evidenciar-se em seu nome, a psicologia social, é ela própria reduzida ao modelo astrofísico com P. Lilienfeld, embora sem grande repercussão no meio científico[19]. O que se compreende sem dificuldade: o peso do modelo astrofísico e a confusão do psiquismo com o organismo pesavam demasiado na mentalidade ambiente para não dar relevo, nem no momento nem posteriormente à obra de Lilienfeld, ocupando W. Wundt o primeiro plano durante mais de um século com a sua Psicofisiologia. Este sucesso, simplesmente por ser prolongamento e quase repetição de lugares-comuns, ainda que apoiados na observação laboratorial (Leipzig, 1879), obscureceu mesmo outros trabalhos, mais originais e com maior interesse para o futuro, produzidos pelo mesmo Wundt[20]:

---

[19] P. V. Lilienfeld — *Gedanken ueber Socialwissenschaft der Zukunft*. Dritter Theil: *die sociale Psychophysic*, (Mitau, 1877). Sintomático, ao menos, desde o princípio primeiro duma certa individuação da psicologia, a vertente social no aspecto sociocultural aparece de seguida. Daí, poder concluir-se para a importância atribuída, desde o início, embora em forma inadequada ao tema da interacção, até porque, reduzindo a psicofísica a partir da divulgação da obra de Cabanis "Les rapports du physique et du moral dans l'homme" à "ciência das relações da alma e do corpo", interessava analisar como é que o "organismo social" (Erste Theil) vê, organiza, regulamenta essas relações. Assim se compreende que vinte anos depois apareça uma apologia clara desta perspectiva. Muito aperfeiçoada: *Naturvoelker und Kulturvoelker. Ein Beitrag zur Socialpsychologie* (A. Vierkandt, Leipzig, 1896).

Mais curioso é ainda, para o presente propósito, que Vierkandt, discípulo directo de Wundt, procure ordenar regularmente toda uma série de factos e fenómenos sociais em torno dum centro que é psicológico e que hoje se poderia denominar personalidade, enquanto actividade reflectida: a primeira caracteriza a vida dos selvagens e a segunda a vida dos civilizados.

[20] Wundt, logo no início da Voelkerpsychologie lança com clareza esta definição de "psicologia étnica": análise dos fenómenos que resultam da acção recíproca, exercida pelos indivíduos, uns sobre os outros. Realçando uma outra perspectiva avança: "a psicologia étnica tem por objecto os fenómenos psicológicos que se encontram na base do desenvolvimento geral das sociedades humanas e o aparecimento de produtos colectivos dum valor geral. Embora empregando as expressões *volksseele* e *volksgeist*, prefere *volkseele*, até porque de tal tem uma ideia clara, embora confusa para tanta gente, mesmo nas línguas novi-latinas. Para Wundt e a tradição alemã, prolongada e apro-

Voelkerpsychologie: eine Untersuchung der Etwicklungsgesetze von Sprache, Mythus und Sitte, Leipzig, 1900-20.

Tendo em conta a pequena amostra das divergências em torno dos fenómenos de expressão ou das ciências psicológicas, difícil se torna conseguir um mínimo de convergência de perspectiva perante tanta profusão de modelos, mesmo alguns atavismos senão estereotipias no que diz respeito ao humano. Em breve bosquejo de síntese, poder-se-ia formular quatro exemplos-paradigma de tais atavismos, realçando a sua dependência progressiva ou a influência dos mais antigos sobre os mais recentes.

Para começar, seria interessante partir do mais recente, a última manifestação, embora pobremente conduzida, mas a que mais proximamente nos toca e/ou nos interessa: o condicionamento cultural, tão impropriamente dito aculturação[21]. Uma tal

---

fundada por Jung e toda a psicologia analítica, alma é sinónimo de unidade pessoal. Vejamos: alma "nada mais é do que a ligação real dos fenómenos psíquicos", dir-se-ia hoje, das expressões pessoais. O que se passará com S. Freud e o emprego frequente de "Seele", traduzido na S. E. por "mind"?

Já em 1869 Wundt havia desenvolvido temas a este respeito em *Vorlesungen ueber die Menschen und Thierseele*. Mais claramente, no entanto, o afirma polemicamente em resposta a uma crítica de Wille, sobre o conceito de alma (*Philosophen Studien*, 2º Vol., 3º fasc.). Num tempo, igualmente de largas repercussões, Wundt lança algo de muito mais profundo e interessante para o futuro do que a obra sempre realçada e sempre paradigmatizada do seu pensamento. Trata-se do tema do sentimento e da representação. Afirma: confundiu-se durante muito tempo sentimento — *Gefuehl* — com sensação —*Empfindung*. Posteriormente o vocábulo *Gefuehl* passou a designar as impressões de prazer e dor, para significar finalmente a mais simples das emoções. Tudo bem visto, sentimento opõe-se a sensação ou impressões sensoriais directas e distingue-se das representações — Vorstellungen — a parte mais objectiva. (Em "Sentimento e representação", n. VIII dos Essays, (Leipzig, 1885).

[21] Esta forma de apresentar a aculturação é de todas a mais clara manifestação da divulgação por assonância, ao arrepio de tudo o que se fez, pensou, escreveu e investigou sobre o assunto. Com efeito, desde o início, este sentido de aculturação = condicionamento cultural, mais ou menos ligado a educação, confundida com instrução (tudo isto demonstrarei brevemente) se encontrava completamente ausente e nem sequer se formulava de longe este sentido. É, no entanto, um dos mais divulgados, tantas vezes, ao mesmo tempo que se propõe a preservação do património cultural, como se se procurasse praticar o tradicionalismo, condicionando as pessoas ao passado. Mais grave ainda, acerca deste tema é a ignorância que demonstra tal uso do vocábulo, relativamente a

perspectiva parte do pressuposto de que existe uma oposição senão mesmo um conflito entre personalidade e cultura. A *cultura*, aquela realidade que na presente hipótese funciona como a síntese-súmula do mundo humano (tal como *vita*, para o mundo biótico e *natura* para o mundo físico-químico) a cultura que é exclusivamente e especificamente humana, vista em oposição com a personalidade é um não sentido quase aberrante. Especificamente humana, a cultura é-o de facto: quer enquanto ideias e valores em cada personalidade, sua base de desenvolvimento e manifestação da sua criatividade; quer enquanto produtos culturais, manifestações sensoriais da criatividade individual e/ou grupal. Neste último sentido seria de realçar, entre outras manifestações, as instituições e/ou organizações, enquanto formas de sociabilidade quer organizada quer espontânea e, em ambos os casos, instituições e/ou organizações unifuncionais, plurifuncionais e suprafuncionais. Isto e muito mais constituem manifestações da personalidade enquanto cultura. Daí ser legítimo afirmar, em síntese, facilmente fundamentável, que a personalidade é especificamente cultura e a cultura é radicalmente personalidade. Isto ficará clarificado quando fundamentar *a realidade do cultural* [22].

Estribando-nos nesta perspectiva psicossociológica, seria fácil ir um pouco mais longe e sugerir a validade da leitura dum novo tipo de fenómenos que são só fenómenos de expressão, agora na realidade da sua dupla faceta: fenómenos de expressão autónoma, em concretização clara na personalidade e fenómenos de expressão heterónoma em concretização clara na sociedade. Será para outra oportunidade (A. M. Santos, 1990).

---

duas Enciclopédias portuguesas em que se demonstra a importância da reflexão de fundo praticada por três técnicos durante alguns anos e que se sintetizou no célebre *Memorandum de 1936* (Redfield, Herskovits, Linton), posteriormente corroborado com investigações de campo por dois dos seus autores. Esquece-se, igualmente, o Simpósio de 1956.

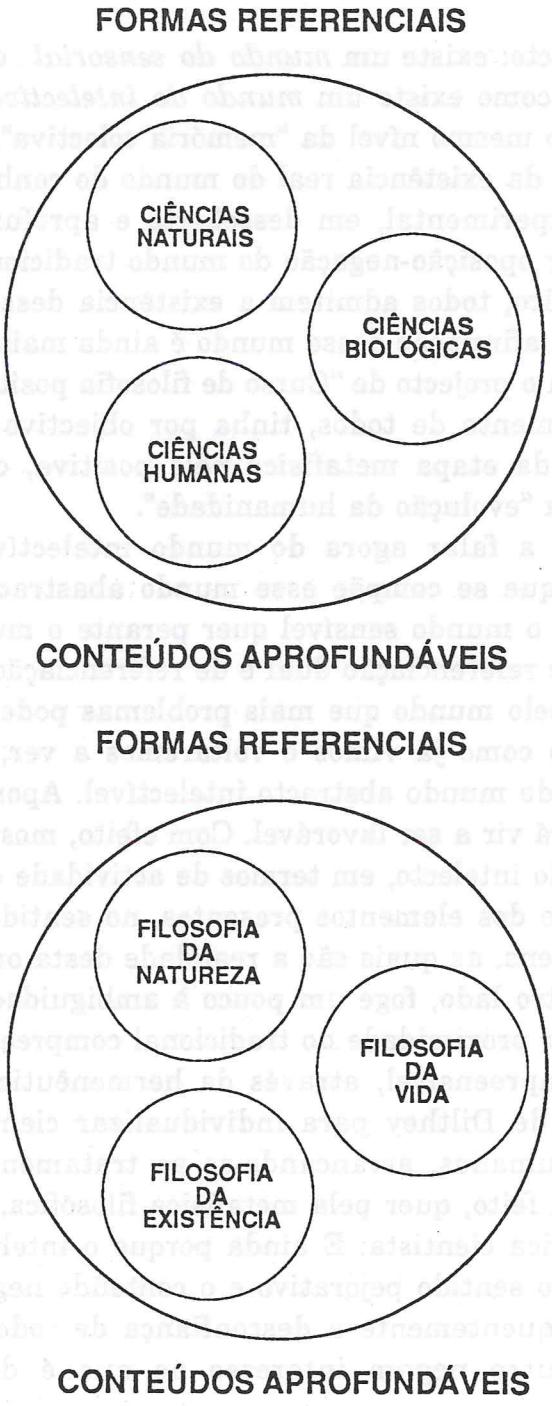
[22] T. II de Símbolos e sociedades.

Mundo intelectível

É um facto: existe um *mundo do sensorial* ou da sensibilidade. Assim como existe um *mundo do intelectível* ou da inteligibilidade. Ao mesmo nível da "memória colectiva", em forte dose de "apologia" da existência real do mundo do conhecimento científico e/ou experimental, em descoberta e aprofundamento progressivos, por oposição-negação do mundo tradicional do conhecimento filosófico, todos admitem a existência desse mundo. Indo mais longe: a afirmação desse mundo é ainda mais clara se tivermos em conta o projecto de "Curso de filosofia positiva" pois, como é do conhecimento de todos, tinha por objectivo demonstrar a substituição da etapa metafísica pela positiva, como momento *derradeiro* da "evolução da humanidade".

Haveria a falar agora do mundo intelectível e dos dois mundos, de que se compõe esse mundo abastracto-intelectível, quer perante o mundo sensível quer perante o mundo imaginal, em termos de referenciação dual e de referenciação grupal.
Começando pelo mundo que mais problemas pode levantar, sem grande razão como já vimos e voltaremos a ver, vamos tentar uma análise do mundo abstracto intelectível. Apontar para intelectível poderá vir a ser favorável. Com efeito, mostra ou realça a intervenção do intelecto, em termos de actividade ou acção, por e para captação dos elementos presentes, no sentido de os constituir em imagens, as quais são a realidade desta ou da personalidade. Por outro lado, foge um pouco à ambiguidade presente no inteligível por proximidade do tradicional compreensível. Como é sabido, o compreensível, através da hermenêutica constituiu o golpe genial de Dilthey para individualizar cientificamente os fenómenos humanos, arrancando-os ao tratamento inadequado que deles era feito, quer pela metafísica filosófica, quer por uma certa metafísica cientista. E ainda porque o inteligível acarreta consigo todo o sentido pejorativo e o conteúdo negativo e inadequado, consequentemente a desconfiança de todos os que dum modo ou doutro negam interesse ao que é desse domínio.

Gráfico 4


FORMAS REFERENCIAIS
CIÊNCIAS NATURAIS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CIÊNCIAS HUMANAS
CONTEÚDOS APROFUNDÁVEIS
FORMAS REFERENCIAIS
FILOSOFIA DA NATUREZA
FILOSOFIA DA VIDA
FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA
CONTEÚDOS APROFUNDÁVEIS

O mundo abstracto-intelectível compreende o mundo das realidades abstractas, neste vocábulo realçando o processo de as descobrir ou reconhecer e o mundo das realidades intelectíveis, realçando o processo de se agir ou agitar[23]. Esta bipolaridade aumenta consideravelmente se nos colocarmos no plano metafísico. Com efeito, qualquer sistema filosófico, quer comporte apenas análise do ser (ontologia) quer comporte também análise dos valores (axiologia) caracteriza-se pelo mínimo de pressupostos caminhando para um máximo de conclusões, construídas com rigor, coerência ou unidade de sistemática interna. Neste contexto ou neste sentido, se compreende que as divergências, parciais ou totais, têm grande probabilidade de serem bastante numerosas. No entanto,se os sistemas se confinam a conteúdos pontuais e/ou parciais e, ainda para mais, apenas repetidos ou repetitivos, no que toca à prática-teórica ou à prática-aplicada, então as divergências são inúmeras senão incontáveis. Se tivermos em conta os sistemas socio-culturais de referência e/ou a diversidade do sentimento de pertença ao grupo, as divergências adquirem uma diversidade que, na prática psicológica tem bastante interesse. Assim, se nos colocamos no plano das técnicas projectivas, a sua prática torna-se impossível, em termos de serviço a cada personalidade, sem ter em conta esta diversidade[24].

A bipolaridade da análise e da observação diminui, quase ao ponto de desaparecer, se nos colocarmos no plano científico-experimental. Na verdade, já pelo efeito mágico que o vocábulo ciência exerce, a nível da opinião pública, já pelo respeito que o qualificativo de experimental merece nos meios eruditos, o mundo científico é, globalmente, o mundo da convergência. Com diferencia-

---

[23] O vocábulo inteligível parece comportar origens ou etimologias diferentes ou conteúdos semânticos diversos: ora as ligações que *a* e *cada* personalidade pode estabelecer entre os elementos-componentes de qualquer objecto ou realidade, concreta ou abstracta; ora as ligações que as personalidades podem estabelecer entre si, preferencialmente de convergência — caso das análises ou dos conhecimentos — ou em sentido preferencialmente de divergência — caso de valoração ou dos valores (A. M. Santos, 1972, IV parte).

[24] A Psicologia social actual,especificamente psicológica,atribui o realce conveniente a esta situação, enfatizando dois temas: uma certa definição de cultura e os níveis de recriação dos conteúdos culturais.

ções, compreensíveis psicossociologicamente falando: o máximo da convergência, encontra-se claramente no domínio das ciências físico-químicas ou astrofísicas, de um modo global, adentro das ciências tradicionalmente chamadas naturais, em parte porque o controle exercido por um qualquer cidadão se torna praticamente impossível, tal é o nível de complexidade de análise que se atingiu e o nível sofisticado da utensilagem empregue. Resulta daí, compreensivelmente, a crença generalizada nos dados da física; aprofunda-se, diversifica-se e, de novo, sob outra forma, volta a servir de paradigma, ao menos em formas de linguagem, para outras ciências, desde as biológicas até às humanas. Efectivamente, as manifestações nestes domínios das ciências físicas são suficientemente espectaculares, para dificultarem se não impedirem um mínimo de espaço de reflexão, em aprofundamento e diversificação[25]. Por esse motivo se torna compreensível que o "funcionamento" da personalidade com os seus quinze biliões — ou talvez mais — de neurónios seja comparada com um função matemática ou combinatória desses elementos, em conexões sinápticas, espécie de aparelho com as suas montagens e as suas programações, levando ao máximo as operações lógicas, indispensáveis ao seu comportamento adaptativo. De passagem, seria de perguntar: se fosse "adaptativo" teria chegado à formalização dos modelos cibernéticos? Escusado se torna referir que o modelo cibernético caiu em cheio para confirmar as teorias elementaristas e seus cultores, duma psicologia atomista que não passa de simples leitura, dita psicológica, das estruturas anatomo-fisiológicas do sistema nervoso, basicamente descontínuas, assim como a velha concepção reflexa da actividade nervosa (N. Wiener e outros)[26].

---

[25] Citaria, apenas de memória: as máquinas electrónicas mais conhecidas ("de calcular", "de traduzir", "de pensar") levaram à possibilidade de construir "cérebros electrónicos" (o "homeóstato" de Ashby, a "tartaruga" ou máquina "docilis-speculatrix" de Grey-Walter) e mesmo de conseguir aparelhos capazes de aprender a ler (a "lermatrix" de K. Steinbuch). Seria de ter em conta todas as investigações sob a designação comum de "inteligência artificial".

[26] Conviria ter presente o paralogismo que se verifica na aceitação do modelo cibernético para a análise da própria situação humana de comunicação. Apesar de ser a negação directa da própria expressividade humana, professada por todos os literatos, especificamente manifestada na língua e na

Uma manifestação clara de toda esta problemática pode-se ver generalizada, em termos de opinião pública, perante quem ousava duvidar, humoristicamente que fosse, das viagens interplanetárias e da própria alunagem.

No polo oposto ao das ciências astrofísicas e mesmo das bio-fisiológicas, encontramos o máximo de divergência, relativamente aos dados evidenciados pelas ciências humanas. Neste caso, domina e com mais força, sé é possível[27], a contestação generalizada dos dados da investigação cuidada, levada a efeito

---

linguagem em termos de diferencialidade a partir de cada sujeito que recebe a mensagem; apesar de na aplicação à comunicação humana, o modelo cibernético restringir a análise desta comunicação aos meios físico-mecânicos da transmissão da mesma, torna-se impressionante o seu emprego se não abuso, dentro e fora do País. Em Portugal encontra-se demonstrado esse emprego nos textos de apoio e nos livros-padrão e até nos livros técnicos sobre os problemas da comunicação em geral e sobre a análise da linguagem, em particular. Basta ter presente o uso de "in-put" e "out-put" do "I. R. M." e outros semelhantes em ciências biológicas e em ciências psicológicas e não menos em ciências sociológicas.

Para melhor realçar o paralogismo poder-se-ia lembrar aquela situação de um português que, após ter adquirido uns livros, ouviu da parte do vendedor nessa livraria espanhola: "quiere Ud. que le haja un paquete?". Volta-se para outro português e quase segreda: "mania destes espanhóis, de chamar paquete àquilo que toda a gente *está a ver* que é um embrulho..."

[27] Graças a uma divulgação comercial cada vez maior e mais rendável do já sabido, embora com uma roupagem, por vezes, mais ou menos psiquedelicizada, a confusão não cessa de aumentar. Em relação ao nosso meio, poder-se-ia dizer que a psicologia ou a manipulação de certa informação psicológica dá lucro a todos menos aos licenciados em psicologia. Coloquei licenciados, porque ninguém pode propor a prescrição de fármacos — e ainda bem — a não ser com licenciatura em medicina. No entanto, qualquer um, mesmo não licenciado ou sem preparação específica, se acha apto ou se encontra no "direito" de "receitar" lugares-comuns de psicologia em manifesto prejuízo das personalidades em questão. De vários, acontecidos efectivamente, daria apenas dois exemplos: aquele jovem que, por virtude da sua pequena paragem na pre-adolescência, foi aconselhado a ler a brochura "Prodigiosas vitórias da psicologia moderna", verificando em si muitos mais sintomas e/ou doenças do que a de que se queixava, a partir dos exemplos contados no texto em apoio duma psicologia que parte das situações patológicas; ou aquela jovem que atirava contra o pai — com ou sem razão: nela e nele que abandonara a mãe da jovem e vivia com outra — todas as acusações de certa "psicanálise de bolso" no intuito de lhe extorquir dinheiro. Se calhar, até isso é explicável pela mesma...

por pessoas competentes, em laboratórios especializados e com utensilhagem e métodos de tratamento adequados à observação rigorosa dos fenómenos humanos, particularmente dos fenómenos caracteristicamente pessoais. Chega-se mesmo a afirmar que, no fundo, dizem-se as mesmas coisas de sempre, apenas por palavras diferentes[28]. Contestação essa a contrastar com a aceitação fácil quase antecipada de tudo o que reproduz e/ou repete os modelos teóricos tradicionais e/ou vigentes. Um fenómeno deveras interessante a analisar com mais pormenor, entre nós, em perspectiva psicossociológica. E com bastante interesse ou vantagem

---

[28] Sem jogar no extremo do "Círculo de Viena", base da perspectiva neo-positivista que pretende, dum modo geral, "qualquer ciência ser apenas uma linguagem bem feita", podemos concordar que tudo é uma questão de linguagem, quer em si mesma como forma de comunicação, quer em relação ao que se pretende nomear, particularmente se for diferente. Mesmo em física: ninguém se lembrou de apelidar os componentes do átomo de sub-átomo 1, 2 e 3 mas sim de inventar uma nova palavra — para uma nova realidade — electrão, neutrão e protão, até ver... Do mesmo modo, em psicologia, não se pode apelidar de condicionamento aquilo que está mais que demonstrado que o não é, nem afirmar que somos produto da sociedade e, as mesmas vozes "pregarem", ao mesmo tempo, a "revolta contra a sociedade" e muito menos propalar que todos somos condicionados e que todos somos neuróticos. Se todos somos condicionados, ninguém o é, ou seja, tal reflexão encontra-se destituída de valor operacional, pois todos nos encontramos em igualdade de situação. Se todos somos neuróticos, ninguém o é pois é essa a condição humana. E tantos outros exemplos poeriam ser aduzidos em perspectiva de linguagem. Um outro flagrante: apelidar de conflito de gerações o que, numa análise rigorosa, não passa de simples diferenças de nível etário, com ou sem diferença de conteúdos, de ideias e de valores, o que pode ser vantajoso, principalmente a diferença se for aproveitada; apelidar de crise aquela etapa do desenvolvimento humano que marca o acesso à "noção de Eu" (adolescência) por contraste com o acesso ao sentimento do Eu (2ª infância), a partir da prática da capacidade hipotetico-dedutiva, fundamental porque específica para a emergência primeira da personalidade na globalidade das suas manifestações ou expressões, em termos de afirmação da subjectividade, a qual acontecerá nos finais da adolescência, assim como a capacidade hipotetico-dedutiva acontece pelos finais da pre-adolescência; continuar a identificar pré-adolescência com puberdade, englobando a adolescência na própria puberdade e reduzindo esta mesma puberdade ao aparecimento das características secundárias da sexualidade, características estas que demonstram uma pre-adolescência já bem instalada pois, como se sabe, a própria gonadotropina ou hormona gonadotrófica, é segregada pela hipófise juntamente com outras hormonas, bastante importantes neste período, e algumas delas precedendo a própria gonadotropina, etc..

para a própria prática psicológica em benefício de quem dela possa vir a beneficiar.

As ciências da vida, sob este ponto de vista de análise, encontram-se numa situação intermédia. No entanto, uma situação mais próxima das ciências físico-químicas do que das ciências humanas, na consideração do público em geral e, em especial, na consideração dos técnicos. Tal facto deve-se, provavelmente, à "eficiência" de intervenção "dos fármacos" — estes actuam independentemente da colaboração do paciente — aplicados como são a partir da preparação técnico-científica ou das aplicações de biologia e de fisiologia, em particular, em termos de clínica médica[29]. Deve-se particularmente ao alto valor que todo e qualquer dos humanos atribui à *vida*; tanto mais quanto nunca ninguém conseguiu defini-la em si ou por si mesma e toda a gente, desde os mais conceituados técnicos até ao simples cidadão dela tem uma ideia, a qual se encontra na base do super-valor que ela representa para cada um:"a vida é o conjunto de forças — modelo físico —... que resistem à morte". Alguns já falaram e com certo fundamento metafísico e outros já consentem em dizer que a vida é movimento... imanente ou não[30]. No entanto, ainda falta quem fundamente que a "vida" é, basicamente-especificamente, no humano, "aspiração a viver"[31]. O que é aspiração? poder-se-á

---

[29] Na classificação das ciência, proposta pela Unesco, a medicina aparece no número das ciências aplicadas. No entanto, poderíamos aduzir aqui a reflexão de Fr. Jacob na sua "Logique du vivant" (1970: 115-126) que nos faz esquecer uma lógica puramente formal, mecânica e mesmo morfológica, para realçar uma lógica organizacional ou finalizada (R. Ruyer — *Néo-finalisme*, Paris, 1952) operatória e criativa (P. Chauchard, *La création évolutive*, Paris, 1957). Numa linguagem mais apropriada, a personalidade, muito mais que o organismo vai além do "dessin" da forma para um "dessein" do todo (gestalt).

[30] Adentro da tradição tomista, inspirada (como a tradição averroista) em Aristóteles, encontramos esta definição que tem algo de muito interessante ainda não suficientemente aprofundado. Seria mais uma perspectiva medieval a ressurgir, pletórica de significado como tantas outras que já se encontram aceites, por exemplo: o causafinalismo ou a causa final, a intencionalidade, a fantasia...

[31] Uma análise psicossociológica em torno dos ritos e dos mitos subjacentes ou dizendo respeito ao enterro e à morte, assim como dizendo respeito ao nascimento e à geração e/ou vida pode dar uma leve imagem dum fundamento possível. Em ciências psicológicas, conviria levar a efeito uma análise

diferenciar de desejo? Como diferenciar? O desejo enquanto ligado directamente, na literatura literária e alguma que se supõe científica, a satisfação (gratificante — não gratificante) pode-se distinguir de aspiração por esta se encontrar directamente relacionada com perfacção, o mesmo é dizer em perspectiva psicológica, com desenvolvimento. O que se pode entender por "viver"? Muito há a descobrir neste domínio para uma análise mais adequada da e de cada personalidade[32], particularmente a partir do que nos é dado observar nas situações extremas do suicídio entre os adolescentes quer na sua faceta actualizada do suicídio "repentino" (?) quer do suicídio "lento" ou situação de droga (em elevada frequência, comparativamente com o passado) entre os adolescentes e/ou os jovens de hoje, no mundo ocidental. Será diferente noutros mundos?

Rapidamente, aqui fica, em bosquejo de traços vincados, a afirmação da realidade desse mundo abstracto-intelectível. Realidade tão real que é dela que dependem e para ela confluem os valores e as ideias de fundo para a compreensão da personalidade e para as vivências de cada personalidade. É dela que partem as possibilidades e a ela que se referem as imagens *reais* que constituem o mundo imaginal[33].

---

técnica, com incidência particular entre os adolescentes. Compreensivelmente: de que se trata, afinal? De puberdade, capacidade genésica, geração, vida ou de adolescência, personalidade, desenvolvimento em termos de assunção pessoal e personalizante de um projecto existencial? (J. Cazeneuve, 1958). Cfr. A. M. Santos: O equívoco da adolescência (a publicar).

[32] Paul Ricœur, Philosophie de la volonté: *I — Le volontaire et l'involontaire* (Paris, 1967²); 1ª parte: *Decidir*; 2ª parte: *Agir*; 3ª parte: *Consentir*.

[33] Apesar de bosquejo, o que aqui fica pode, poderá apontar para o grande interesse de que se reveste, em análise-compreensão da e de cada personalidade, as considerações praticadas em torno do mundo abstracto-intelectível, nas suas duas grandes unidades sistemáticas do mundo científico — de si tripartido — e de mundo metafísico — também tripartido. Se este pode repugnar a alguns técnicos do real, dado que a sua estrutura e o nível do processo praticado para a sua concretização apenas se distingue num grau, do nível do mundo que toda a gente, entre os técnicos, aceita como real que é o mundo científico, há que propor: ou se aceitam os dois ou se rejeitam os dois. Deste modo, poderá começar a aparecer, com muita probabilidade, a existência dum mundo científico dos fenómenos humanos ou dos fenómenos de expressão,

Em suma, com facilidades diferentes e por vários lados, torna-se claro que é possível chegar à afirmação da existência destes dois mundos. Até porque, na prática mais banal, são apresentados ou vistos como mais ou menos diferentes senão mesmo opostos[34]. Na minha hipótese, o mundo do sensível e o mundo do intelectível são tão reais um como o outro, ainda que diferentemente. Com efeito, é bom insistir, esclarecendo, que não se trata de substituir um pelo outro, nem de contestar o que é conhecido dum pelo que é conhecido do outro e vice-versa. Não se trata, também, em consequência, de reduzir um ao outro estes dois mundos diferentes, nem sequer valorar os dados de um e desvalorar os dados do outro, de exaltar uma perspectiva e rebaixar a outra.

Mundo imaginal

Trata-se, numa forma muito simples, embora contestável e contestada, que ambos deixem de se disputar um terceiro mundo em exclusivo proveito seu[35]. De que terceiro mundo se tratará?

---

deixando para os fenómenos bióticos o conceito de organização e para os fenómenos físico-químicos o conceito de estrutura. Para todos igualmente haveria um outro nível de análise que é o nível metafísico: ontologia (antropologia, teologia natural, cosmologia) e axiologia.

[34] Bastaria ter presente o uso e abuso do contraste estabelecido entre a claridade meridiana das certezas científicas e o "obscurantismo supersticioso" e atrasado do "povo ignaro", pouco esclarecido.

[35] Tradicionalmente e ainda mesmo na quase actualidade (J. Strasser, Paris, 1967) há quem proponha uma espécie de novo "Tratado de Tordesilhas" entre a Ciência, entenda-se, a Ciência físico-matemática que trataria de tudo, inclusive do homem enquanto biologia e a Filosofia que se encarregaria do espírito. Pode ser interessante assinalar que já E. Minkowski (1932) por um lado e H. Ey (1973: 47), por outro falam em termos de "terceiro mundo" ao analisar o fenómeno alucinatório. Esse mundo seria a resultante do acto de alucinar até à inversão da dialéctica sujeito-objecto, mundo subjectivo-mundo objectivo. O acto de alucinar será, para o sujeito, realizar o próprio movimento que o leva a submeter o mundo ao "seu" mundo. Na fórmula de H. Ey: "Halluciner, c'est pour le sujet s'objectiver en tout ou en partie. C'est cette objectivation

Qual a sua estrutura? De que elementos se compõe? Como é que se encontra definido? O que aqui se propõe é descobri-lo e analisá-lo tal qual ele é, de o conhecer e apreciar enquanto tal na sua autonomia significativa ou na sua significação autónoma se a pode ter, isto é, se houver demonstrações capazes de clarificar a sua significação e a sua autonomia, assim como fundamentar, operacionalmente, uma prática válida em si mesma e valiosa, para quem dela puder vir a aproveitar.

Que terceiro mundo, afinal? Numa perspectiva historico-cultural, vou tentar evidenciar este terceiro mundo, propondo uma contraposição de modelos senão atavismos que nos vêm do século XIX e se radicaram bastante se é que não se radicalizaram mesmo no século XX. Esta situação aconteceu, principalmente, a partir da euforia primeira do que se convencionou apelidar de revolução industrial (que também foi a primeira) assim como da segunda euforia que corresponde mais ou menos à primeira revolução electrónica[36] (mais ou menos situada a partir do fim da 2ª grande guerra, concretamente após os anos cinquenta). Esses modelos ou esses atavismos podem se sintetizar em dois grupos de qualificativos, quase por oposição na vertical e por identidade na horizontal. Teríamos assim esta sequência:

Sensível = Material = Concreto =Consistente= Experimental = Positivo= Objectivo = Científico = REAL

↕ ↕ ↕ ↕ ↕ ↕ ↕ ↕ ↕

Imaginário = Formal = Abstracto = Ideal = Filosófico = Fictício = Subjectivo= Metafísico=IRREAL

Ser real é ser captado-experenciado pelos órgãos dos sentidos externos. E assim se compreende, enquanto realidade e enquanto origem, a confusão tradicional dos conteúdos, atribuídos ao

---

qui fait de ses images... des objets". Interessante, até porque haverá oportunidade de discutir a base destas e de semelhantes reflexões a partir de definição proposta por H. Ey: "alucinação é a percepção-sem-objecto-a-percepcionar".

[36] A Revista Time resolveu declarar o transistor como a personagem do ano em 1982.

vocábulo experiência, facilmente confundido com experimental. A experiência é a base da certeza e da segurança: "vai por mim que tenho experiência" dizem uns. "A vossa experiência é apenas o prolongamento dos vossos próprios fracassos", dizem outros. De pouco vale este jogo de oposições ou de acusações recíprocas adentro daquilo que se convencionou chamar de "conflito de gerações". Neste contexto o que pode interessar é reparar na confusão subjacente a tudo isto: *a confusão* entre *experimental*, de experiência científica e *experiencial*, de vivência pessoal. E isto, ao menos, no que diz respeito à análise da actividade humana. O que se opõe ao material, assim como ao experimental, ao objectivo e ao concreto não pode não deixar de ser ideal ou espiritual, inexistente porque metafísico, o mesmo é dizer, abstracto o qual não anda longe do imaginário.Acontece, com frequência, um certo tipo de conselhos ou ajuizamentos acerca de certas situações humanas: "deixa-te de abstracções" que equivale, mais ou menos, a "deixa-te de fantasias", quase sinónimo de "deixa-te de teorias" pois o que importa é "ter os pés na terra", na medida em que só o dinheiro conta. Para muita gente, o próprio do filósofo é deixar correr a fantasia em torno de coisas mais ou menos ideais, se não idealistas, no fundo, simples irrealidades ou coisas irreais. Em "divertimento", por contrapartida, algo de real, seguro, claro, preciso, etc. é o que é científico, consequentemente positivo, já que o "estádio positivo" sucede ao "metafísico" e este ao "religioso".

Assim se apresentando os conteúdos na generalidade da utilização destes vocábulos (Quadro 2),que mundo é esse que, por hipótese, se situa entre o mundo sensível e o mundo intelectível? Situa-se aqui, como é óbvio a dificuldade maior no que diz respeito à hipótese com que me encontro a trabalhar. A minha proposta de reflexão vai num sentido diferente da tradição positivista e/ou neo-positivista, assim como da renascença dum certo tomismo, a corrente neo-tomista do século XIX/XX. Com efeito, nem se trata de sacrificar aos três "estádios" do desenvolvimento da humani-

Quadro 2

MUNDO / MODELOS	Concreto-sensorial	Abstracto-intelectível
em geral	mundo da extensão	mundo das formas
	" da quantidade	" da qualidade
	" do tempo contínuo	" do tempo reversível
	" do espaço estático	" do espaço dinâmico
	" do "alógico"	" da lógica
	" dos simbolizáveis	" das simbólicas
variação grupal	mundo sensível	mundo inteligível
	" próximo	" remoto
	" experiencial	" experimental
	" da memória	" da imaginação
	" material	" imaterial
	" físico	" metafísico
	" natural	" cultural
	" exterior	" interior
	" empírico	" racional
	" dos objectos	" das ideias
	" real	" irreal

dade, dividindo os três níveis do saber nem de reivindicar igualdade de oportunidades para a filosofia e para a ciência[37].

Muito menos ainda se trata de aceitar como válido o que se procura fazer hoje a coberto, ao menos em parte, do prestígio cada vez maior e mérito universalmente reconhecido de J. Piaget e dos seus trabalhos. Muito particularmente no que diz respeito à quase identificação — para tanto, confusão aceite ou procurada — entre as estruturas operacionais da vida psíquica e a epistemologia genética do saber. Será continuar no atomismo, sob manifestações diversas[38] falar da personalidade em termos de

---

[37] J. Maritain — *Distinguer pour unir ou les degrés du savoir*, Paris, 1940[3]. J. Strasser — *Phénoménologie et sciences humaines*, Louvain, Paris, 1967.

[38] Apontar ainda hoje, como acontece em vários manuais, o método associativo ou "associação das ideias" como um método da psicologia é disso a confirmação mais flagrante. Toda a gente pretende que se trata duma análise das ideias ou dos conceitos em termos de "lógica vitoriana" com J. Stuart Mill e os seus antecedentes nas correntes empiristas, a meio caminho entre a lógica e a gnoseologia. Hoje é moda, mas não é diferente, empregar-se outros vocábulos:

verdade ou falsidade, de moralidade ou imoralidade e das técnicas projectivas em termos de distorção ou de tomar a situação alucinatória como uma forma de conhecimento.

Por me parecer operacional e ainda pelo grande interesse que me parece representar no conjunto da investigação em busca da evidenciação da ciência psicológica, proponho que se distinga claramente os dois mundos:o mundo sensível-concreto e o mundo intelectível-abstracto. Deste modo poderemos evitar as oposições tradicionais e as conexões do senso-comum acima enumeradas. Nesta mesma linha se situa o que já foi afirmado relativamente à confusão-oposição entre sensível-real e entre intelectível-irreal. A hipótese, pelo contrário, situa-se no oposto e procuro demonstrá-lo:*real* é igualmente, o mundo sensível e o mundo intelectível. Ainda que *diferentemente*, em função da manifestação diferenciada de cada uma dessas *realidades*. De tal modo que seria legítimo afirmar que o concreto é uma forma de abstracção e que o abstracto é uma forma de concretização[39]. Sem paradoxo.

Como *cada* personalidade é real a nível sensorial, esse mundo é real nas manifestações as mais diversas em e de cada personalidade.Como *a* personalidade é igualmente real, enquanto objecto intelectível duma ciência que se denomina psicologia, a

---

"combinatória de elementos moleculares", "circuitos de transmissões", "circuitos de conexões" e quejandos tais. Em concretização actual: "...toute justification des méthodes scientifiques respose, en fin de compte, sur une analyse psychologique, car c'est en étudiant la manière dont se sont constitués nos instruments psychologiques de pensée que nous pouvons juger de leur valeur, de la manière dont chacun de nous peut les employer efficacement ou, au contraire, en mésurer...c'est la science psychlogique qui fournit aux autres à la fois leurs instruments psycho-logiques et leurs fins individuelles" J. Chateau, *Les sources de l'imaginaire* (Paris, 1972). Bela confusão entre psicologia, observação experimental da personalidade e lógica ou analítica, transcendental ou não, dos conceitos e dos métodos assim como entre psicologia e epistemologia ou análise filosófica do conhecimento científico e, finalmente, entre psicologia e gnoseologia.

[39] O concreto e o abstracto constituem as duas faces dialécticas do mesmo caminho para o encontro do conhecente e do conhecido... O concreto é opaco e incomunicável, sempre inteiramente "outro"... A abstracção tenta uma síntese "desindividualizando as características". Igor Caruso, Le symbole, *Cahiers Rech. Débats*, 1959, p. 47.

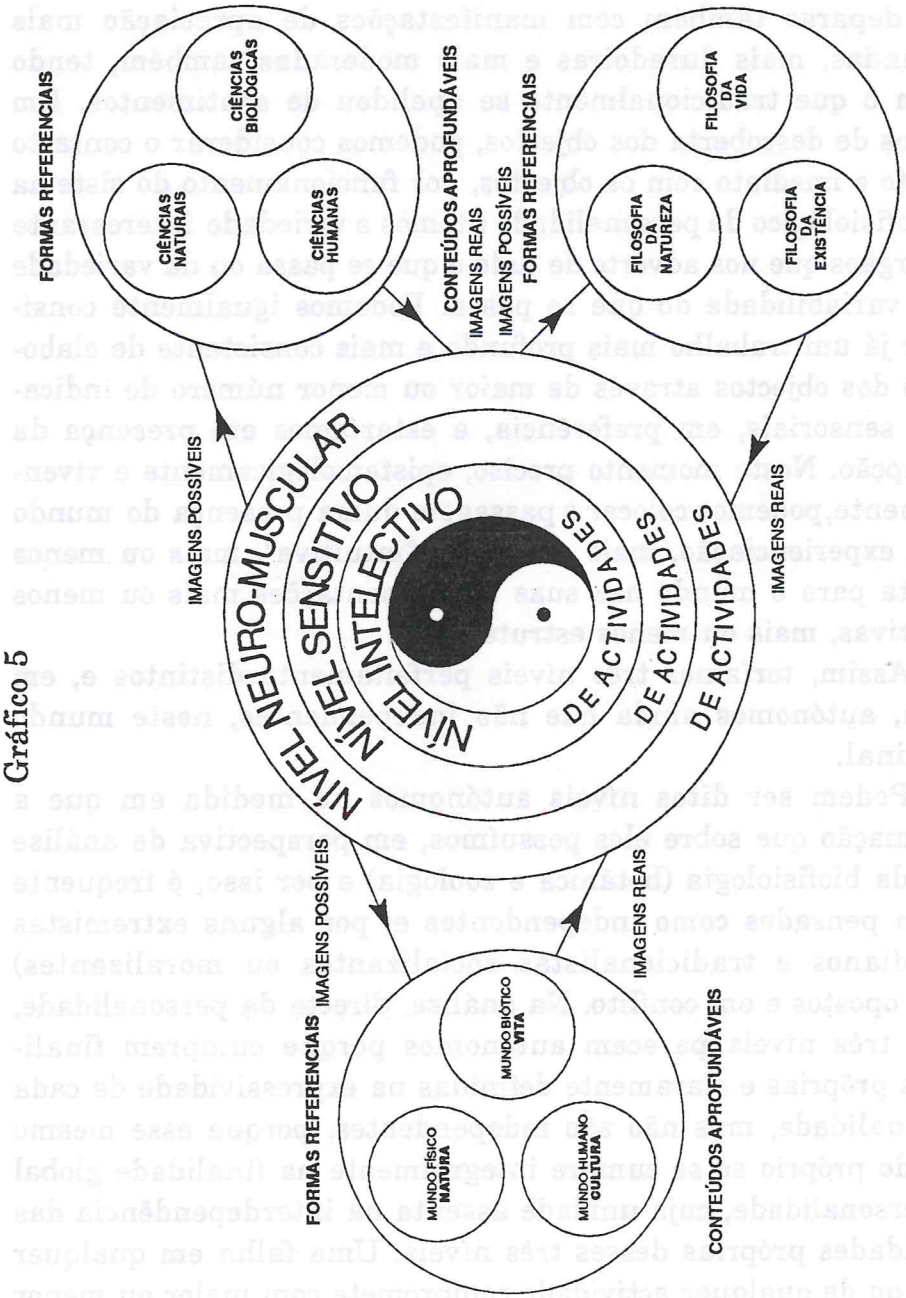
personalidade faz parte do mundo intelectível. Ou seja: *o mundo imaginal*, enquanto conjunto dos conteúdos vivenciais *de cada* personalidade e enquanto conteúdo próprio *da* personalidade, formalmente falando, é diferente: porque é *da* personalidade, participa do mundo intelectível, é como ele abstracto; mas não só: porque é de *cada* personalidade, participa do mundo sensível, é concreto como ele. E não apenas nem um nem outro, nem o somatório dos dois. É sim e só, um mundo diferente

Pormenorizando um pouco mais: o mundo imaginal pode acontecer a três níveis diferentes de actividade, na personalidade e em cada personalidade: o nível de actividade neuro-muscular (automática), compreendendo as actividades instintivas (em termos de contacto com valores) e as actividades de tipo reflexo (em termos de contacto com os objectos). Inúmeras são as actividades da personalidade e de cada personalidade adentro deste nível, são actividades que se revestem duma importância considerável para a expressividade no dia-a-dia, com a sua variedade repetitiva ou a sua repetitividade variada.

Por outro lado, a actividade da e de cada personalidade acontece a nível intelectivo ou da capacidade hipotético-dedutiva ou da manipulação das proposições, por lógica interna da dedução e sem recurso à sua verificação experiencial e/ou experimental: a lógica das proposições, assim como a manipulação do passado e, principalmente, do futuro, quer em termos de probabilidade quer em termos de possibilidade, indo até à manipulação do futuro em termos de futuribilidade. E isto, tanto no que se reporta aos objectos, como no que se refere aos valores. Finalmente, como repetidamente digo, porque não nos encontramos numa análise gnoseológica do que se passa na relação do sujeito com os objectos do conhecimento, mas numa tentativa de ciência psicológica ou de análise das expressões da e de cada personalidade, torna-se impossível compreender, desse modo, a actividade intelectiva sem a actividade sensorial.

Teríamos assim, o nível da actividade sensorial, no qual se supõe poder funcionar o imaginário. Nesse nível sensorial, podemos encontrar uma actividade em termos de apreciação e assim

Gráfico 5


FORMAS REFERENCIAIS
CIÊNCIAS NATURAIS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CIÊNCIAS HUMANAS
CONTEÚDOS APROFUNDÁVEIS
IMAGENS REAIS
IMAGENS POSSÍVEIS
FORMAS REFERENCIAIS
FILOSOFIA DA NATUREZA
FILOSOFIA DA VIDA
FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA
CONTEÚDOS APROFUNDÁVEIS
IMAGENS POSSÍVEIS
NÍVEL NEURO-MUSCULAR
NÍVEL SENSITIVO
NÍVEL INTELECTIVO
DE ACTIVIDADES
DE ACTIVIDADES
DE ACTIVIDADES
IMAGENS REAIS
IMAGENS POSSÍVEIS
FORMAS REFERENCIAIS
MUNDO FÍSICO NATURA
MUNDO BIÓTICO VITA
MUNDO HUMANO CULTURA
IMAGENS REAIS
CONTEÚDOS APROFUNDÁVEIS

deparamos com aqueles valores que fazem "vibrar" as componentes bio-fisiológicas da personalidade, assim como as componentes bio-químicas e teremos manifestações de emotividade;podemos deparar também com manifestações de apreciação mais profundas, mais duradoiras e mais moderadas também, tendo assim o que tradicionalmente se apelidou de sentimentos. Em termos de descoberta dos objectos, podemos considerar o contacto directo e imediato com os objectos, por funcionamento do sistema neurofisiológico da personalidade e temos a variedade interessante dos órgãos que nos adverte de tudo o que se passa ou da variedade e da variabilidade do que se passa. Podemos igualmente considerar já um trabalho mais profundo e mais consistente de elaboração dos objectos através de maior ou menor número de indicativos sensoriais, em preferência, e estaríamos em presença da percepção. Neste momento preciso, epistemologicamente e vivencialmente,podemos colocar a passagem duma presença do mundo como experienciação, mais ou menos "intuitiva", mais ou menos directa para o mundo nas suas experimentações mais ou menos objectivas, mais ou menos estruturadas.

Assim, teríamos três níveis perfeitamente distintos e, em suma, autónomos ainda que não independentes, neste mundo imaginal.

Podem ser ditos níveis autónomos na medida em que a informação que sobre eles possuímos, em perspectiva de análise vem da biofisiologia (botânica e zoologia) e por isso, é frequente serem pensados como independentes e, por alguns extremistas (freudianos e tradicionalistas socializantes ou moralizantes) como opostos e em conflito. Na análise, directa da personalidade, estes três níveis parecem autónomos porque cumprem finalidades próprias e claramente definidas na expressividade de cada personalidade, mas não são independentes, porque esse mesmo sentido próprio só se cumpre integralmente na finalidade global da personalidade, cuja unidade assenta na interdependência das actividades próprias desses três níveis. Uma falha em qualquer nível ou de qualquer actividade compromete com maior ou menor incidência a unidade de cada personalidade, não atingindo esta os objectivos ou finalidades que lhe são próprias ou que se pro-

punha como próprias. A existência desses três níveis aparece como a única forma de compreender as situações de perturbação, mais ou menos grave, da unidade que caracteriza a personalidade, assim como sobre as fases do desenvolvimento, observadas em perspectiva de continuidade, por "sucessão cronológica, por integração sucessiva e por estruturação de conjunto" (Piaget, 1956), como o mostra a observação em psicopedagogia e em psicologia do desenvolvimento.

Torna-se indispensável, pensando num amanhã da análise compreensiva da personalidade, realçar uma disjuntiva que, historico-culturalmente, não o é. Com efeito, a perspectiva tradicionalista da dualidade — (epifenomenismo e paralelismo) — que se concretiza por uma simples concomitância entre o organismo e a mente ou outra perspectiva qualquer, só conseguem tornar os três níveis, em si mesmos, incompreensíveis sem mais. Por uma razão simples, apesar da longa e negativa tradição bi-substancialista cartesiana, com os seus inúmeros avatares, (*Les rapports du physique et du moral dans l'homme* — Cabanis (1802) seria um intermédio a considerar) e culminar no mais recente, mais negativo até porque melhor aceite e melhor aceite por conferir um ar de modernidade, não passando, apesar de tudo, de uma estereotipia: a dualidade consciente-inconsciente. Neste caso, ainda com uma agravante: quase que fica reduzida ao inconsciente a ou cada personalidade, para o que concorre, indevidamente, quer a substantivação de inconsciente (qualificativo verbal) com maior peso, quer a confusão entre consciência e consciência moral, com menor peso. Semelhante a este atavismo só se apresenta o da dualidade máquina-homem ou máquina-consciência, tão difícil de sustentar técnicamente, como o da substância extensa e substância pensante[40].

---

[40] Esta insistência pode parecer a uns demasiado insistente se não a despropósito e a outros demasiado concisa senão cabalística. O que aqui se procura é simplesmente alertar. Com efeito, os primeiros podem não se dar conta de que os atavismos, principalmente quando os seus conteúdos são inconscientes, agem em nós, pelo facto mesmo, sem nos darmos conta disso, como a Psicologia social o demonstra. Há que ter tal facto presente. Para os segundos, tenta-se alertar para uma leitura crítica de certos lugares comuns, embora não vindo a propósito fornecer a fundamentação que essa leitura

A história das Ciências facilita a perspectiva da unidade dos três níveis de actividades, acima realçados, assim como dos aspectos e das dimensões. Uma tal unidade manifesta-se em termos de convergência ou construção progressiva — unificação — e não de estaticidade; em termos de diversificação perante a variedade das circunstâncias e da leitura que dele vamos fazendo, como a Psicologia social da afectividade e a psicologia social da percepção abundantemente o demonstram com experimentações de campo e experimentações de laboratório. Deste modo, é legítimo afirmar: cada personalidade pode assumir a "duração" do seu caminhar (temporalidade) na prossecução do projecto existencial, segundo a sua informação sobre os objectos e a sua constelação dos valores[41].

A estes três níveis, podemos verificar quer actividades de elaboração de imagens — por hipótese: fantasia — quer actividades de selecção de imagens — por hipótese: memória — quer actividades de transformação de imagens — por hipótese: imaginação. Ou seja: o mundo imaginal é estruturado, na sua globalidade, por todo o conjunto de *imagens reais* que a personalidade e cada personalidade se constrói a partir dos outros dois mundos. Mas, e encontra-se aqui algo de importante, esse mundo imaginal também é estruturado a partir da possibilidade de *a* e *cada* personalidade construir novas imagens dos outros dois mundos, *imagens possíveis*. No entanto, quer as imagens reais ou sejam, as já colhidas, quer as imagens possíveis ou sejam, as que podem ser colhidas através das actividades próprias, constituem um mundo real, realmente existente ou consistente. Deste modo, o mundo imaginal é simultaneamente *o mundo vivencial* de cada personalidade e *o mundo experimental* da personalidade. Mundo vivencial porque se encontra basicamente constituído e estruturado por vivências ou experiências experienciais. Mundo experi-

possui e que vale a pena aprofundar. No correr do texto haverá oportunidade de exemplificar.

[41] Apontando já para uma terceira parte desta reflexão, seria de referir que nos encontramos no fulcro da questão em torno das técnicas projectivas, enquanto prática e enquanto teoria.

mental, porque é essencialmente constituído por imagens reais e possíveis, as quais *na* personalidade são a base da sua expressividade e em *cada* personalidade são a base da diversidade das suas expressões.

Daí é legítimo dizer-se que o mundo imaginal é um mundo de símbolos: os símbolos são imagéticos. As imagens são simbólicas[42]. De tudo se pode formar e a partir de tudo se pode transformar uma imagem. A tudo isto se pode aplicar um símbolo: ou *criando-o*, actividade *simbolizante*; ou *re-criando-o*, actividade *simbólica*; ou entrando no *seu uso* progressivo e aprofundado, *sociogénese*. Em tudo joga ou entra o símbolo, por excelência significante, porque por excelência criação da personalidade e irradiação do grupo. Trata-se da linguagem e mais concretizadamente da língua. É na e pela linguagem-língua que se estabelece a relação entre os mundos e que se constrói e re-constrói o mundo imaginal. Em termos tradicionais, é pela linguagem que o sujeito "toma posse" do que será progressivamente o "seu mundo" em termos de aprendizagem que é desenvolvimento[43] e diversificação que é enriquecimento, assim como os mundos "entram" progressivamente num sujeito na medida em que é falante, ou seja, significante[44].

Dum outro ângulo, o mundo abstracto-intelectível é o mundo das formas referenciais ou formas de leitura-compreensão de fundo: por um lado, lidamos com formas experimentais, por outro lidamos com formas metafísicas. Na medida em que se trata dum mundo real, essas formas são também reais, ou seja, têm consistência própria. Na medida em que são formas referenciais nelas podem verificar-se transformações, pontuais e/ou de fundo, a partir duma melhor e mais adequada captação do mundo

---

[42] Num segundo tomo, tentarei fundamentar, alargando e diversificar re-estruturando estas e outras hipótese porque falarei da realidade do cultural.

[43] Por contraposição a adestramento ou aquisição de comportamentos diferentes, por condicionamento reflexo — Behaviorismo e reflexionismo e seu avatar a cibernética — para além do código genético e da sua maturação.

[44] "... conduziu todos os animais perante o homem a ver como ele os denominaria: cada um devia ter o nome que o homem lhe desse. O homem atribuiu um nome a todos os animais domésticos e selvagens assim como às aves do céu..." Génesis, 2: 19-20.

concreto-sensorial, em termos de novas ou diferentes manifestações ou em termos de novas ou diferentes possibilidades de leitura. Para exemplo, poderia servir o que se verifica em relação à investigação física: assim da física newtoniana passou-se à física dos "quanta" de Plank, a qual se verificou inadequada em relação aos fenómenos da física atómica[45].

Do mesmo modo se pode reflectir sobre o que aconteceu à psicologia e à própria sociologia. Relativamente à psicologia, se puder ser admitida a hipótese de um novo grupo de fenómenos em história da ciência (A. M. Santos, 1970 e 1990), um passo decisivo será dado no sentido duma psicologia radicalmente diferente, tanto na sua leitura como na sua feitura. Por outras palavras: uma psicologia que fuja simultaneamente e com igual força ao "tradicionalista" físico-psicologismo e ao "revolucionário" socio-psicologismo.

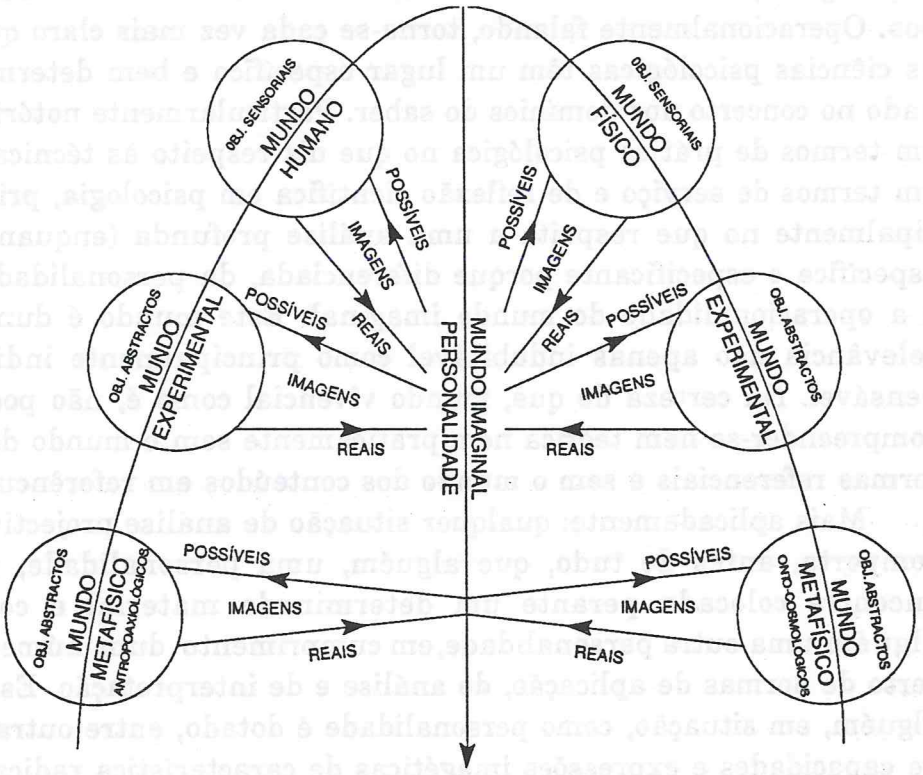
Assim, se poderá mais facilmente compreender que o outro mundo, o concreto-sensorial, seja constituído pelos conteúdos de/em referência: porque de conteúdos se trata, a sua característica própria é serem passíveis de sempre novas explicitações de conteúdo. Desses conteúdos, porém, ninguém contesta a realidade, pois constitui crença comum que essa é a realidade, real por excelência, sem se reparar no paralogismo de que dessa realidade, real por excelência, há e haverá leituras sucessivas diferentes, essa realidade comporta formas diferentes de realidade, como acima ficou exemplificado. Sinal esse de que não pode

---

45 "Trata-se, efectivamente, dum problema fundamental: a técnica experimental, com os seus melhoramentos trazidos pela nova época coloca à disposição da ciência novos aspectos da natureza que não podem ser descritos com a ajuda de conceitos ordinários... E para além dessas numerosas controvérsias, o verdadeiro problema consiste em não haver nenhuma linguagem em que se possa exprimir de forma coerente a nova situação... Não podemos falar de átomos, empregando uma linguagem do dia-a-dia... Concretamente, a aplicação dos conceitos de física clássica à química foi um erro. Em consequência, sentir-nos-emos, hoje, menos inclinados a pensar que os conceitos de física quântica se possam aplicar, sem desconfiança, a toda a biologia ou a outras ciências... A introdução dum novo conceito representa não apenas uma verdadeira transformação da linguagem mas também uma verdadeira transformação nas ideias científicas e tais transformações não se impõem facilmente". W. Heisenberg, *Physics and Philosophy, The revolution in modern Science*; N. Y., 1953 (p. 222, 9, 67, tr. fr.).

ser considerada a realidade por excelência.

Gráfico 6



Resulta aqui uma compreensão mais fácil do mundo imaginal enquanto constituído por um conjunto de realidades que são imagens (e de imagens que são realidades) de dois mundos diferentes: do concreto-sensorial e do abstracto-intelectível. Deste modo, se do mundo imaginal nos voltamos para o mundo abstracto-intelectível ou para o mundo concreto-sensorial, tanto podemos ter em conta imagens-realidades possíveis como imagens-realidades reais. As reais encontram-se definidas, embora passíveis de redefinição. As possíveis são aquelas que acontecerão

como outras ou irão modificar as que se encontram já reais[46].

Em suma: parece legitimar-se, quer em termos de análise historico-cultural, quer em termos de análise-definição de objectos científicos que seja válido para a investigação em ciências psicológicas, considerar a existência diferenciada de três mundos. Operacionalmente falando, torna-se cada vez mais claro que as ciências psicológicas têm um lugar específico e bem determinado no concerto dos domínios do saber. Particularmente notória, em termos de prática psicológica no que diz respeito às técnicas, em termos de serviço e de reflexão científica em psicologia, principalmente no que respeita a uma análise profunda (enquanto específica e especificante porque diferenciada, da personalidade) é a operacionalidade do mundo imaginal. Este mundo é duma relevância não apenas indubitável como principalmente indispensável. Na certeza de que, mundo vivencial como é, não pode compreender-se nem teórica nem praticamente sem o mundo das formas referenciais e sem o mundo dos conteúdos em referência.

Mais aplicadamente: qualquer situação de análise projectiva comporta, antes de tudo, que alguém, uma personalidade, se encontre colocada perante um determinado material e com alguém, uma outra personalidade, em cumprimento dum número certo de normas de aplicação, de análise e de interpretação. Esse alguém, em situação, como personalidade é dotado, entre outras, de capacidades e expressões imagéticas de característica radicalmente privada, incomunicada, a não ser que se operacionalize uma dialéctica de objectivação dessas imagens ou do seu mundo imaginal, por intermédio dos diversos tipos de linguagem. No entanto, há que ter presente, ser linguagem é ser armadilha, se não se tem em conta a contextura socio-cultural da personalidade em questão, com as suas invariantes, variantes e variáveis. Desse modo, a linguagem será o veículo duma manifestação objectiva, por interacção em termos de intersubjectividade: as imagens são verbalizadas e são, por isso mesmo, captadas, directamente, numa

46 A psicologia social ao fundamentar, em perspectiva específica a transformação cultural, (não societal pois é fenómeno sociológico, não social, é vocábulo ambíguo) demonstra claramente que se trata dum facto e deveras interessante.

personalidade enquanto expressão própria e noutra personalidade enquanto objecto de interpretação técnica.

Interpretação, como? A partir de si, simples subjectividade ou mundo imaginal? A partir da sua bagagem técnica, simples função instrumental, matematização da situação? A partir da sua concepção da personalidade? E qual a validade objectiva dessa concepção?

Aqui todo o problema que resta equacionar. Mas se resta este problema e se ele tem consistência é porque o mundo imaginal tem uma consistência própria.

Como tentarei demonstrar.

II — IMAGEM - REALIDADE

Se alguém descreve a um amigo uma paisagem do seu conhecimento e do seu gosto ou uma situação concreta da sua experiência vivencial seria de se perguntar: de que se trata? De algo real ou de algo irreal em quem faz e em quem ouve a descrição, tomando conhecimento ou descobrindo que gosta?

Adentro da hipótese que procuro explanar e fundamentar, a resposta pode ser uma e só uma: trata-se de algo *real* e *apenas real*. Por um lado, *real* em quem descreve pois acontece que *foi* real, a nível sensorial directo, em contacto directo, num espaço e num tempo dados, bem definidos embora já passados. *Real* em quem descreve, ainda porque presentemente vivencial ou pessoal enquanto imagem actual na medida em que re-elabora ou procura apenas comunicar com alguém essa sua vivência[47]. Por outro

---

[47] Antigamente, adentro doutros modelos teóricos apelidava-se de representação, como se se tratasse de reprodução fiel de algo que se presentificava tal e qual. Modernamente ainda, em Sartre por exemplo, esta forma de falar encontra-se presente, por uma visão estática da reprodução, compreensivelmente, na medida em que tudo se passa numa base e numa manifestação sensorial, de retrato fiel, como que impresso nos neurónios como afirmam outros. Mas já no fim do século, E. Durkheim lançava a reflexão noutra direcção ao falar das representações colectivas contrapondo-as às individuais, em ambos os casos dotadas de forte dinamicidade e um seu discípulo foi mais longe e com grande variedade de demonstrações, afirmando que nunca se reproduz nada de nada do passado, até porque nenhuma representação é estática. Tudo o que no presente nós presentificamos resulta duma elaboração desse mesmo passado (Halbwachs, 1925). Certa divulgação das doutrinas freudianas insiste nesta ideia da representação, consequentemente estática: assim ao praticar em termos terapêuticos o método associativo — o vício da psicologia que "sempre" foi lógica de associação de ideias que não o eram mas simples sensações — parte-se do princípio que aquilo de que um sujeito fala, associando, é a reprodução fiel do que foi vivido em etapas anteriores e associa ao agora, falando.

lado, para a segunda que recebe a comunicação da vivência presente e experienciação passada e presente trata-se igualmente duma realidade, presente enquanto imagem, tão real que ela pode valer pela sua própria experienciação da realidade, tão real que ela a pode comunicar em termos de realidade vivencial e assim de seguida até um número indefinido de elos duma cadeia de informação. As experiências de boatos aí estão para o demonstrar e as situações laboratoriais de rumor mostram claramente o mesmo.

A realidade desta imagem — paisagem ou situação — é uma realidade igualmente realidade, embora de tipo diferente daquela que habitualmente se diz realidade, isto é, da empírico-sensorial. Com efeito, esta realidade-imagem, encontra-se muito próxima, por virtude dessa característica, das realidades do tipo experimental e mesmo metafísico. É uma realidade que não se presta a uma verificação ou experiência por contacto directo ou imediato. No entanto, isso não impede que possa ser recebida com certeza e segurança, por virtude da confiança que alguém deposita em quem lhe comunica algo ou pela confiança que lhe merece quem dela lhe fala. Trata-se duma realidade que pode vir a ser ou não sensorial. No entanto, é realidade desde já, enquanto imagem, a qual se aceita e se assume como tal.

Arrancar com a perspectiva de *mundo imaginal* pode ou não trazer algo de novidade? Difícil se torna responder por sim ou não. Antes porém, uma reflexão de carácter geral e com uma certa pertinência. Impõe-se, soberanamente, realçar o seguinte: supor que inesperadamente e definitivamente, se inunda tudo de luz, em claridade meridiana, é a pior treva, a da ilusão.

No entanto, algo de novo se pode encontrar nesta quase reflexão introdutória sobre a hipótese da realidade do mundo imaginal, em termos de investigação em Ciências psicológicas. Isso diz respeito mais à metodologia do que se pode referir aos conteúdos. Estes, ainda que tantas vezes radicalmente diferentes, giram em torno do que sempre foi e continua a ser o ponto de aplicação ou objecto de interesse ou elemento de observação: a personalidade. Pode tratar-se de conteúdos claramente diferentes mas só se forem perspectivados tecnico-cientificamente em base experimen-

tal que não em base sensorial ou em perspectiva experiencial. A diferença de conteúdos, a atingir por vezes viragens radicais, encontra-se patente no hoje da personalidade, unidade dinâmica, à base da observação experimental, em contraste com o ontem da mesma personalidade quer como somatório, de definição lógica, por género e espécie — animal+racional — quer como oposição--conflito, a nível metafísico — corpo-alma, matéria-espírito, id--super-ego — em contraste com o ontem-hoje da descrição-somatório pseudocientífica — ser bio+psico+social.

No hoje-amanhã da definição que ora procuro propor, pode-se verificar a base duma observação experimental, adequada à especificidade do humano e o topo duma prestação de serviço técnico adequado às situações específicas de todo e de cada um dos humanos.

Novidade não se pode encontrar aqui, em virtude de a preocupação dos humanos pelo humano ser mais antiga do que a própria atenção do humano pelo não humano. Se na Grécia do (pseudo) milagre grego[48] se pode falar de início da reflexão filosófica, em Tales e nos físicos da Jónia, algo de bastante claro e de muito mais rico se pode ver nas reflexões e analogias senão alegorias, nas tragédias, por exemplo, em que o humano se encontra fortemente em foco[49], na própria mitologia, claramente apresen-

---

[48] Milagre que não foi... como não foi a tal mudança radical tão apregoada, o corte-interrupção tão proclamado, a síntese original definitória de novos caminhos para a compreensão do físico, do vivo tão exaltados. Uma etapa entre outras, embora com conteúdos próprios e significado próprio. E mesmo assim, já algo havia de muito belo, profundo e fecundo na unidade em que o humano era visto na tradição judaica e nos textos da Bíblia vetero-testamentária.

[49] Quando se atribui o relevo conhecido aos físicos da Jónia parte-se, quase seguramente, duma visão fisico-matemática da ciência, visão essa supervalorada e exemplarmente prègada para as ciências, em virtude da qual, as ciências humanas ou não são ciências, para serem filosofia ou não agarram o humano, porque não podem agarrá-lo porque lhes escapa sempre.

Por outro lado, "o homem é lugar e núcleo dinâmico de coordenação entre unidades isomórficas de níveis diferenciados — físico, biológico, instintivo, espiritual — cada um dos quais estudados pelas respectivas ciências. J. C. Casellas — Un paradigma interdisciplinar de formación; el hombre educable (*Rev. esp. Ped.*, 2 1983, XLI, 162:608).

Um pequeno exemplo da actualidade da confusão. Se cada nível ou pers-

tada nas obras atribuídas a Homero. Consequentemente, já na Grécia, o humano aparece em grande relevo, a ponto de se encontrar quase supervalorado por ser joguete indefeso e injustamente maltratado na medida em que é, indirectamente, vítima das quezílias dos deuses[50]. Por todos estes dados, se pode supor encontrar-se aqui a possível justificação da conhecida frase de Ebbinghaus: "A psicologia tem um longo passado e uma curta história", assim como o célebre prolóquio vulgarizado, clara estereotipia, tantas vezes manejado contra a prática psicológica, embora carecendo — ou talvez por isso — minimamente de fundamentação na observação científica: "a psicologia existe desde que existe o homem". E isto, claramente, apenas porque o homem é o seu objecto sensorial: cada homem. A inevitável confusão entre objecto sensorial duma ciência — este granito, esta planta, este homem — e o objecto científico — o granito, a planta, o homem (A. M. Santos, 1972, V Parte),

Esta dupla vertente da problemática em torno da novidade que não acontece ou que acontece, pode aparecer mais clara se a concretizarmos pontualmente — em pontos paradigmáticos — por volta do século IV, por volta ainda do século XI e também por volta do século XIII. Este ponto pode ser magnificamente ilustrado por dois nomes: Tomás de Aquino e Boaventura. O primeiro ponto concretiza-se em Marius Victorinus; e o ponto intermédio claramente intermediário fica evidenciado com o grupo dos místicos vitorianos e seus contemporâneos.

Antes de rápida amostragem do pensamento, inserto nestes três marcos temporais, pode ser útil senão mesmo vantajoso, equacionar uma certa problemática, um pouco geral, quer porque adequada a outras circunstâncias, quer porque bastante generalizada adentro de quem sofre dos seus próprios limites, transfor-

---

pectiva ou conteúdo é estudado por uma ciência específica ou diferente, o homem é, na sua análise-compreensão, um somatório de elementos heteróclitos, porque separados na sua inventariação interpretativa pela respectiva ciência, epistemologicamente definida.

[50] Ch. Moeller — *Sagesse grecque et paradoxe chrétien*, Leuven, 1948, já não falando do potente e diversificado pensamento hebraico.

mados em algo de único e exclusivo. Essa problemática é particularmente pertinente no caso da temática que em traços rápidos vai acontecer aqui. Uma pergunta a define: será que a informação reflectida é "defeito" e a falta, simplesmente, de informação é "virtude"? Diversificando: encontra-se, por vezes, quem queira fazer crer (como no caso de M. Blondel e as críticas negativas acerca da "sua" filosofia cristã) que constitui defeito a presença de informação, evidentemente correcta e/ou reflectida. Ou seja: que não se levantariam certas questões, não se debateriam certos temas nem se equacionariam certos problemas; que não se problematizariam certos dados, recebidos, repetidos e, por vezes, passados em julgado, nem se alargaria o leque das possibilidades de reflexão se não se possuísse "certa" informação, se não se tivesse percorrido "certo" caminho de reflexão. Penso que posso retomar o que tenho dito e escrito: está certo. Ou seja: o caminhar duma reflexão comporta incidências claras, quer positivas quer negativas e as referências pessoais, assumidas dinamicamente, talvez criativamente vão incidir, em grande probabilidade senão mesmo certeza sobre a perspectivação duma temática, em elaboração ou em sistematização. Seria de perguntar singelamente: qual o inconveniente, principalmente, se tudo acontece em termos metodológicos, correctamente? Qual o inconveniente se, na sequência ou contra a sequência, novas facetas da realidade, diferentes variáveis duma circunstância são evidenciadas e convenientemente tratadas?[51]

Uma vez mais há que perguntar: será que a informação, reflectida, é claro e não repetida, é "defeito" e a falta simplesmente de informação, incapaz de dar algo diferente em termos de refle-

---

51 Quem será capaz de encontrar algo de negativo na fenomenologia actual? E, no entanto, foi um investigador e aturado pesquisador das "coisas" medievais que realçou a intencionalidade. E isto, em contracorrente quer da gnoseologia reinante, quer do cientismo triunfante, numa só palavra do fenomenismo amarfanhante.O nome: Franz Brentano, mestre de Ed. Husserl sistematizador da Fenomenologia.Seria bom não esquecer outros nomes célebres: Meinong, Stumpf e Scheller. Seria ainda útil re-lembrar que a obra em questão é anterior a 1847 e a sua tradução francesa, por exemplo, é de 1943. A obra: *Psicologia do ponto de vista empírico*. O seu "objecto autêntico são os fenómenos psíquicos, tomados no sentido de estados efectivos" (p. 112, Paris, 1943).

xão, será "virtude"? Nem só os chamados obscurantistas são os únicos obscurantistas. Todo o fanatismo é obscurantista.

Vamos a concretizar um pouco mais.

Este texto, em forma de tema, seria um ponto de chegada da caminhada que precede e poderia circunscrever, com a clareza desejável, os seus limites. Haveria que analisar a situação respectiva do mundo imaginal em relação ao mundo intelectível e em relação ao mundo sensível e assim mostrar em que medida esta situação é homologável. É vantajoso e simultaneamente temporão. Ficam ainda tantos pontos, temas ou problemas para esclarecer, sem dúvida .

O que aqui se vai tentar, no entanto, é apenas a clarificação duma hipótese, pelo que, tudo o que se procura evidenciar, aparece a título de indicativo e, por vezes, de simples esboço.

Na medida em que o mundo imaginal é o fulcro da problemática, a sua análise leva a interrogar-nos sobre o lugar, o papel e a significação do mundo imaginal, enquanto "leitura" científica da personalidade e, ao mesmo tempo, enquanto perspectiva epistemológica da investigação científica, sobre a personalidade. Assim sendo, uma análise a fundo e/ou de fundo obrigaria a uma longa reflexão num considerável volume, cuja oportunidade ainda não chegou: o tema da personalidade ainda é insuficientissimamente admitido como autónomo; as reflexões sobre o lugar epistemológico da psicologia nem sequer esboçadas se encontram[52]; bastantes indicativos acima assinalados exigem maior rigor e mais precisão, até porque a própria fisiologia, enquanto prática e a própria sociologia enquanto teoria, senão mesmo a história da ciência, mais propriamente, das ciências, cada uma em particular, carecem de vigorosa diferenciação e de mais clara precisão em termos epistemológicos. (A. M. Santos, 1990).

O mundo imaginal não pode ser reduzido, como já foi referido, nem aos dados sensoriais e/ou excitações — empirismo — nem a "puras categorias" do entendimento e/ou "formas a priori da sensibilidade" — idealismo — nem ainda aos objectos científi-

[52] Da literatura consta uma certa soma de reflexões e de iniciativas, por vezes interessantes. No conjunto, apresentam-se como díspares, distantes do tema, ao lado ou redutivamente negativas. Embora, se vão prestando serviços.

ficos e/ou metafísicos — racionalismo positivista ou positivismo cientista. Em qualquer dos casos seria reduzir, praticar a redução tradicional da observação experimental em psicologia quer aos dados da bio-fisiologia, quer às reflexões logico-gnoseológicas, quer ainda às teorizações sociológicas.

Partamos de uma analogia:como descrever/explicar as fases da lua? As fases da lua podem-se descrever/explicar pelos movimentos da mesma lua, enquanto planeta satélite da terra. Igualmente, embora de uma forma indirecta podem-se analisar a partir do facto de ser um satélite do sol que a terra também é e da qual ela é satélite.

No entanto, olhar o planeta através das "vibrações luminosas", assim como a imagem do planeta e de qualquer dos seus movimentos no espaço ou a própria imagem de planeta ou de luz não podem ser considerados simples movimentos no espaço ou simples manifestações de movimento. Venhamos a algo que nos diz respeito mais perto, até por causa das analogias, abusivas, arrancadas à Cibernética. É um facto que nenhuma mensagem pode ser transmitida sem os impulsos eléctricos, provocados pela vibração da placa, ao contacto da voz ou pelos contactos mecânicos de quem opera telegraficamente com o sistema morse. Será legítimo concluir que os conteúdos da comunicação ou mensagem — conhecimentos e valores — são eléctricos? Será a electricidade e/ou a mecânica que "produzem" ou "fabricam" os conteúdos de qualquer comunicação?

O problema de fundo que já considerei noutro lugar (A. M. Santos, 1972) é constituído pela especificidade humana quer da temporalidade quer da significação, pois se trata de dimensões tipicamente humanas. Indo um pouco mais longe, seria mesmo de acrescentar que aqui se encontra presente o monopólio arbitrário, já *superado* no pensamento medieval desde N. de Cusa até Tomás de Aquino, de Jakob Böhme a Roger Bacon, monopólio esse consagrado na consideração exclusiva da causalidade material ou o predomínio da causalidade eficiente; ou seja, todo o consequente implica um antecedente que o explica, o mesmo é dizer, todo o antecedente só o é no e pelo consequente que "produz" ou a que dá concretude. Ao contrário, para o pensamento medie-

val e em certas escolas ao longo dos séculos, a causalidade final é também um facto e tem como ponto principal da sua aplicação demonstrar ou, simplesmente, demonstra e afirma que o consequente pode preceder, particularmente no que toca aos fenómenos humanos, o antecedente. E isto particularmente em termos de mundo imaginal, ou seja, que a acção é precedida pela sua própria hipótese. Isto é, a imagem.

Assim é que já desde os fins do século XIX se julgava improcedente, ineficaz e inadequada a causalidade material para a compreensão-explicação dos fenómenos de personalidade[53]. Mais recentemente, até se propõe a sua mesma inutilidade para os próprios fenómenos da vida, simplesmente[54].

---

53 "As leis da associação, como as expos a Escola inglesa são absolutamente incapazes de nos dar conta dos fenómenos da vida do espírito. Somos inevitavelmente levados a considerar nestes fenómenos uma lei de organização, de sistematização, *de finalidade* se preferirmos, absolutamente irredutível às leis de associação por continuidade e por semelhança". Fr. Paulhan, La finalité comme propriété des phénomènes psychiques,*Rev.Phil.*,1888,13,26:105. É esta perspectiva de finalidade que tenta desenvolver ao apontar para o não-sentido epistemológico da redução das combinações mentais às combinações químicas. Mais do que isso, afirma: "um homem ilógico é aquele em que coexistem ou se sucedem com frequência ideias que não se encontram em harmonia, isto é, que não estão numa relação perfeita de finalidade". *Id.*, *Ibid.*. Deste modo se pode concluir, considerando "as diversas faculdades como que diversos pontos de vista dum mesmo facto,*a finalidade psíquica*" *Ib.*,*Ibid.*p.138.

Seria de nomear só de passagem, a mesma perspectiva lançada por W. Dilthey, mais cedo, por outras razões muito mais fortes e num outro contexto muito mais sólido, em termos de fundamentação das ciências humanas, através da hipótese duma "Crítica da razão histórica", necessária enquanto autónoma, como afirmou no discurso dos seus 70 anos em 1903. Em *Die Geistige Welt*, p. 15 da trad. fr. (s/d). Mais claro ainda foi num texto anterior "Ideias acerca duma psicologia descritiva e analítica (1894)" ao afirmar claramente:"*Die Natur erklären wir,das Seeleben verstehen wir*" *Ibid.*,p. 150. Resumo-fundamento da vasta obra, não terminada, a qual contem a distinção de fundo e de ressonâncias ainda não suficientemente aproveitadas, entre "Die Geisteswissenschaften" e "Die Naturwissenschaften", a que apôs um título deveras significativo: *Einleitung in die Geisteswissenschaften*, publicada em 1883, aos seus cinquenta anos.

54 R. Ruyer, de cuja autoridade nestes domínios não se pode duvidar e de cujas análises acerca das fronteiras do vivo e do não vivo muitos ensinamentos podemos ainda hoje colher, resume ele próprio deste modo a sua obra de fundo a que deu o título bem sugestivo: *Néo-finalisme* (Paris, 1952 (a)): "Depois de ter realçado o carácter contraditório da negação de *toda* a finalidade e a impossibilidade, por outro lado, de conceber a actividade finalista do

Assim é que ainda no dia-a-dia dos meios psicopedagógicos, particularmente em termos de divulgação, por vezes, inconsequente, fala-se a propósito de tudo e de nada em criatividade numa extensão desmedida a que corresponde uma compreensão mínima, senão muitas vezes equívoca. "Criatividade... actividade criativa... criador... criação..." na maior parte dos casos a referência primeira, por vezes exclusiva ou única é algo que alguém faça, mesmo e quase sobretudo que seja uma criança ou um jovem. Mais rigorosamente, aparece a criatividade referida a obras d'arte, leis científicas e/ou suas aplicações (técnicas!), mesmo uma instituição: objectos de variada espécie, simples manifestações, numa palavra, produtos. Será que o produto pode dar conta do sentido criador da personalidade? Não nos encontraremos na tal mentalidade causalística, de causa (eficiente, antecedente) e efeito (produzido, consequente) tão frequente em prática psicológica com a fórmula: estímulo (S) (causa, antecedente) → reacção (R) (efeito, consequente)? Todos os produtos irão provavelmente aumentar, em termos quantitativos, quer os objectos sensoriais, captados através principalmente, da sensibilidade extereoceptiva, quer os objectos inteligíveis, captados pela nossa reflexão, alargando assim o mundo concreto-sensorial e o mundo abstracto-intelectível.

No entanto, continua sem resposta, a pergunta: qual o sentido destes objectos, isto é, qual a actividade que lhe deu origem? Com efeito, o aparecimento dos objectos-produto só podem adquirir significado a partir do objectivo ou finalidade (causa final) que se propos o seu produtor. Tal finalidade, por seu lado, precedeu a sua feitura manifestativa. Esta feitura manifestativa — de novo, a hipótese — provém unicamente do mundo imaginal, basicamente o seu "feitor" — mundo mediano e mediador. É a potencialidade criativa dessa personalidade que constitui a base do sentido-fim dessa criatividade. E a base dessa mesma potencialidade,

---

homem consciente sem a ligar a um mundo orgânico, ele próprio finalizado, tentamos que para descrever os factos, se tornava indispensável estabelecer uma distinção fundamental entre, por um lado, os domínios unificados de acção e os sistemas, simplesmente ligados por acções sucessivas". (269).

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

enquanto traduzindo-se no dia-a-dia pelas mais diversas manifestações é a imaginação-fantasia.

Este mundo imaginal, enquanto mundo de imagens, mundo da e de cada personalidade, entretece toda a relação humana ou o que se passa em toda a comunicação humana, quer particular quer por intermédio dos meios de comunicação social. Mundo desconhecido senão ou porque suspeito, mundo, em última análise, desprezado, como desprezada foi e é a actividade que lhe dá origem e consistência,a fantasia[55].Este mundo imaginal chamou a atenção de variadíssimos autores, não tanto para o definir como principalmente, para o utilizar nas mais diversas práticas de intervenção psicológica, em quase abuso como acontece com as formas de intervenção freudiana.

Deve-se a Frétigny e Virel (1969, p. 23) a primeira tentativa de definição, ou seja, delimitação das práticas que tocam com maior ou menor clarificação o mundo imaginal. Foram ao ponto de apresentarem uma espécie de quadro de conjunto das "Formas de pensamento onírico", numa razoável diferença com a hipótese aqui apresentada, fundamentada e em vias de clarificação. Em pequeno distanciamento, seria mais correcto falar de formas dialógicas do que de formas dialécticas. Com efeito, o mundo imaginal na sua especificidade, base radical de todos os fenómenos de expressão só poderá ser "agarrado" em si mesmo e por si mesmo. Torna-se indispensável evitar dois descaminhos igualmente frequentes e inconsequentes: deduzi-lo causalmente, de algo diferente senão alheio e reduzi-lo a algo presumivelmente semelhante, em aparência. De facto, tentar a aproximação tecnico-científica do mundo imaginal consiste, a médio prazo, em procurar o que "se revela", em si mesmo e por si mesmo, neste facto-fenómeno e tentar determinar os conceitos explícitos assim como os implícitos

55 Demonstração desse facto, com base numa análise historico-cultural, em perspectiva psicossociológica e, por outro lado, a partir duma "observação de campo" por análise de três coortes ou grupos etários de jovens portuguesas — 1963, 1968, 1973 — é o "Mémoire" de licenciatura, por mim apresentado à Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education — Université de Louvain — 1977. Demonstrado que está, de diversos pontos de vista, não vale a pena repeti-lo aqui. Procurar-se-á, tanto quanto possível, mais e melhor, para além do já analisado, visto e reflectido.

no facto mesmo dessa revelação.

Aquilo que o fenómeno "desvela" é um acto, por assim dizer, global da personalidade, a tomar conhecimento fundamental de si própria, não apenas no seu presente presentificante, mas também num seu passado imagético que é futuro na própria reconstrução constante que é a lembrança, no seu futuro imagético que é passado no projecto que dele um dia formou. Cada um dos três — tridimensionalidade — futuro, passado e presente, analisados não apenas em si próprios, como principalmente, nas interpretações projectivas que fazem da expressividade de fundo em cada personalidade, em descoberta constante ou a descobrir constantemente. Convém realçar claramente que, em ciências psicológicas, não tem sentido epistemológico nem significado observacional, quer o tempo cronológico (a "devorar os seus próprios filhos") quer o tempo físico (indefinido, sem sucessão nem medida). Por outras palavras, qualquer expressão humana, em si mesmo considerada e enquanto temporal.

Longe vai a ideia — lugar-comum, slogan — de que aqueles que não conseguem fazer ciência, dedicam-se a fazer história da ciência. Seria, no entanto, de puxar a ideia para o campo mesmo da história: ou se faz ou se escreve história. Quem a fará, realmente, o que a faz ou o que a escreve? Será a mesma? Se forem formas diferentes, cada um faz a sua. Daí, perguntar-se: qual a mais válida? Para quê, uma tal pergunta, se quem a faz se perde sem alguém que a escreva e quem a escreve, escreveria sobre o nada sem alguém que a fizesse.

Passemos para a história da ou das ciências. Das ciências preferivelmente. Com efeito, a história da ciência foi e continua a ser polémica: o seu objectivo foi substituir a filosofia na exacta medida em que entrávamos na fase positiva: "curso de filosofia positiva" (A. Comte). Ao contrário, história das ciências, leva a pensar que houve quem fez ciência e não escreveu história e houve quem escrevesse história e não fez ciência; houve até quem fez as duas ou no seu ramo ou no ramo dos outros. E aqui uma nova variante: se no ramo dos outros, pode acontecer ser mais objectivo, geral, talvez imparcial ao deixar escapar ou passar pormenores cuja significância desconhece ou deprecia. Ao contrá-

rio, no caso da história da ciência feita por quem pratica a ciência em causa, os factos e os valores são agarrados com a sua significância própria, mas talvez por selecção até porque para fazer, minimamente, história científica da(s) Ciências(s) é inevitável praticar um mínimo de selecção dos dados a conjugar, relacionando ou a relacionar, conjugando. Apontar para a generalidade objectivante ou para a generalidade subjectivante é um risco que há a correr, que é inevitável correr. Contanto que se justifique, minimamente, comunicando ou abrindo a regra de jogo aos outros. Desse modo, o proveito quer para quem comunica quer para quem recebe a comunicação é o máximo possível. Se o construir.

Passemos à disjuntiva pejorizante: quem não faz ciência faz história. É vulgar dizer-se. É vulgar também sofrer-se com o tom pejorativo do lugar-comum que se atira à face das pessoas. No entanto, talvez baste uma pergunta simples: o que é a história? Em geral o que se pensa, o que se pratica, o que se publica, o que se usa é "memória" colectiva dum grupo nacional, dum grupo ideológico, dum grupo técnico ou científico. Desse modo acontece como algo que vai agir no sentido de dar coesão ao grupo, em termos de favorecer a busca-afirmação de referências, fundamentando-as. A coesão do grupo é o objectivo primeiro e último, se possível, mantendo o tipo e os mantenedores do poder ou promovendo a substituição quer do tipo quer dos mantenedores do poder.

Passando agora, mais de perto, à história da ciência, quase se repete a mesma situação, acima esboçada a propósito da história em geral ou da história geral. Desse modo fácil será compreender a resistência, por vezes feroz, até chegar ao esmagamento de qualquer tentativa de alargamento do leque das ciências e subsequente leque das práticas ou, melhor dito, da diversificação dos objectos científicos com a diversificação simultânea dos domínios de observação assim como dos campos de aplicação ou da técnica. Os exemplos são sobejamente conhecidos. Bastaria lembrar as dificuldades levantadas à tese de Claude Bernard, o criador-sistematizador da fisiologia, ao definir a "função hepática" e a inevitável existência dum "meio interior" e não menos inevitável afirmação de algo que não é "palpável", como seja, a função. E isto, há pouco mais de um século, tratando-se hoje de temas e problemas

adoptados unanimemente por todos os bio-fisiologistas, muito particularmente o meio interior como absolutamente indispensável para a autonomia do ser vivo. Por outro lado, parece esquecerem-se as dificuldades.

Podemos esboçar uma espécie de classificação dos obstáculos que dificultam a diversificação dos domínios do saber ou dos campos de análise do que se passa. Seriam os seguintes: o fixismo no passado, claro, objectivo e clarificante; o negativismo do passado, obscurantista, estabelecido e limitante; o mobilismo do presente, a única forma de não ser vítima do passado nem de vitimar o futuro; o compassismo dialéctico, em que o tempo — Kronos, devorador dos seus filhos — é que comanda por sobre as cabeças dos feitores da história e dos escrevinhadores da mesma história. E apenas um obstáculo: a índole metaficizante das ciências e, principalmente, da ciência, que iam ou ia adquirindo o seu estatuto próprio e impondo delimitações às outras, reais ou possíveis. Podíamos falar ainda de outros obstáculos: o dogmatismo do quotidiano, particularmente no que respeita às ciências humanas e, especialmente, às ciências psicológicas, por supervalorização do utilitário; a dogmatização da eficiência, por oposição sistemática do prático ao teórico, supervalorando aquele; a dogmatização do racional ou da racionalidade e/ou do irracional, noutra faceta da mesma dogmatização, quer em ciência experimental quer em reflexão metafísica. E apenas um obstáculo: o reducionismo secularizante, ideológico.

A alternativa, superadora de todos os obstáculos, de índole mais ou menos metafísica é falar de história como historicidade ou criatividade histórica (A.M. Santos, 1966) ou de história genética; é falar de ciência, enquanto falsificação constante de hipóteses estabelecidas (K. Popper, 1959), ou seja, dar formulação, constantemente renovável, dos dados de observação reais, a partir dos possíveis e que se venham a afirmar como reais. A ciência é um facto em génese constante e uma actividade em renovação permanente por virtude da própria dinamicidade do seu autor. História genética, ou seja, análise permanente da génese progressiva do conhecimento experimental, através da problemática de aplicação dos mesmos conhecimentos aos diversos

sectores do real ou dos diversos domínios do saber: "Du monde de l'a-peu-près à l'univers de la précision" (A. Koyré, 1957).

Por esta via e prosseguindo este objectivo é fácil concluir que só uma história da ciência que seja uma história das ciências ou histórias da ciência é que pode levar a bom termo uma reflexão adequada. Com efeito, desse modo ficará ultrapassada definitivamente, a memória colectiva, na medida em que se tenta fazer a história da ciência que acontece e porque acontece. Principalmente para que aconteça. Só que, para que assim possa acontecer, há que admitir que a história(s) da(s) ciência(s) não é apenas, nem principalmente, nem especificamente a história das verdades mas, também, principalmente, especificamente, a história dos erros. Erros, é claro, aquelas descobertas, aquelas outras facetas do real evidenciadas ou, ao menos, as hipóteses que ficaram eclipsadas, pelo brilho duma descoberta, da formulação duma lei, da aplicabilidade das duas e/ou da fulgurância do génio dum homem.

Daí, a história-génese é sempre futura porque é feitura e leitura de algo que acontece para que aconteça ainda. Pode ser também e com vantagem, re-feitura por re-leitura do já feito e do já lido para que não seja definitivamente feito nem definitivamente lido.

Se esta breve introdução tem um certo sentido, apesar da sua brevidade enquanto resumo de algo extenso e fundamentado ao longo de bastantes anos de docência da "História da psicologia", esquematizado no "Da ou duma história da Psicologia" (Coimbra, 1975), aqui e agora tal sentido será posto à prova. Ao problematizar esta hipótese vai-se ao encontro duma aplicação nestes pequenos apontamentos sobre alguns momentos, objectivamente seleccionados, adentro da história do pensamento humano. Por outras palavras: vou tentar uma re-leitura para feitura duma nova ciência que dá por um nome demasiado antigo e que se encontra em cheio na actualidade de certas práticas.

Vou tentar dizer algo acerca do mundo imaginal procurando alguns momentos curiosos, talvez paradigmáticos, autênticas *vias* principais *do imaginal.*

III — VIAS DO IMAGINAL *

1) Prenúncios do imaginal

A palavra "imaginalis" que todos os dicionários latinos referem é atribuída a Mário Vitorino, pensador cristão do século quarto, na sua obra "Adversus Arrium" (1, 19)[56], mais ou menos no sentido de figurativo. Ao contrário de outros comentadores latinos, M. Vitorino movimenta-se preferencialmente no plano metafísico, onde a imagem é manifestação de essência, ao passo que os outros se orientam preferencialmente para uma prática de pendor místico-moralizante. Acontece assim, apesar do platonismo dominante, na divulgação do neo-platonismo, pois o estoicismo aponta para uma ética prática, fugindo à ética contemplativa. Tal atitude leva a pensar em concreto a pessoa, claramente em função da vontade e da liberdade. A salvação individual tem prioridade sobre a contemplação teofânica do cosmos. A reflexão sobre a trindade, pelo circunstancialismo das polémicas correntes, vai levar a um aprofundamento da compreensão-conhecimento da personalidade[57]. A "mens" é a primeira grande concretização da personalidade na qual o "amor" quase se sobrepõe à

---

* Um particular bem haja ao Prof. Doutor Geraldes Freire pela atenção com que re-viu o texto no que respeita às traduções do latim medieval.

56 "Si imago Dei Christus, de Deo Christus. Imago enim *imaginalis* imago. *Imaginalis* autem Deus; imago autem Christus. Sed imago imaginalis imago est et quod imaginale est principale. Imago autem secunda et aliud secundum substantiam ab eo quod imaginale. Sed non intelligimus ibi imaginem secut in sensibilibus. Hic enim nec substantiam intelligimus imaginem: umbra enim..."

57 A controvérsia em torno do "filioque", ou da processão divina do Filho.

inteligência. A perspectiva da pessoa, historicamente, encontra-se ligada ao caminho da evidenciação da realidade de amor na história individual.

Deste modo, ao propor o qualificativo de *imaginalis*, M. Vitorino tenta nitidamente uma aproximação entre a imagem e o que ela expressa ou mostra figurando, ou seja, a figuração. A imagem constitui, consequentemente, a realidade do mundo da personalidade, em presença e/ou em contacto com os outros mundos. Até porque, para M. Vitorino, o que na imagem interessa são os aspectos psicológicos, ainda que num plano, preferentemente mais ou menos metafísico. Para Agostinho seria espelho e possibilidade ou enigma, expressão real e sempre possível de algo. Plano do conhecimento ou, mais correctamente da expressividade. Para M. Vitorino, a imagem é mais do domínio da substância profunda e só acessoriamente da actividade ou actividades. daí que a imagem tenda para o mais adequado. Quando procede do intelectível, tende para a semelhança e para o menos adequado ou mesmo o dissemelhante quando se volta para o sensorial. No entanto, obviamente, tal sensorial encontra-se sempre passível duma visão mais adequada do conjunto do real que se oferece à nossa observação.

Lembrando: para Platão a ideia é a forma essencial e como que transcendente das coisas, as quais coisas, para ela não passam de imagens — eikônes: são visíveis no sentido de se oferecerem ao espírito. Etimologicamente é sabido, εικω diz semelhança. Daí poder concluir-se que há uma relação entre o mundo do sensível e o mundo do inteligível.

A ideia de fundo, no entanto, de M. Vitorino, começa a esboçar-se com Hilário de Poitiers: toda a imagem exprime ou expressa a forma daquilo de que é imagem. A imagem é presença do modelo e sua referenciação[58]. Boécio é o pensador que mais profundamente e diversificadamente se encontra presente no pensamento ocidental no que toca às realidades e às noções de intelecto, pessoa, forma, etc.[59]. No *De consolatione philosophiae*

---

[58] *De Trinitate*, VIII, 48: 271B-272A. *De symbolo*, 15, P. L., 10: 492A.

[59] Boécio, *De consolatione philosophiae*, V, VI, 12, C. C. 9, p. 102.

aparece bastante clara a noção-realidade de imagem. Isso o demonstra uma das afirmações mais conhecidas: "a imagem é uma manifestação de presença". Deste modo sintetiza e afirma toda uma utilização do vocábulo, em foco na maior parte dos autores latinos. Indo um pouco mais longe, pode-se afirmar que o papel principal atribuído por Boécio à imagem, acontece no que toca ao conhecimento. Com efeito, a inteligência-compreensão de algo exige a actividade preliminar da imaginação ou actividade de construção da imagem[60]. Para mais um exemplo seria de transcrever uma frase que não pode deixar dúvidas a ninguém, apesar da sua formulação bastante simples: "Toda a imagem se assemelha à coisa de que é imagem"[61].

Do mesmo modo antes e numa confluência singular entre o Oriente médio e o Ocidente, Agostinho de Tagaste assume um papel ímpar, em muitos domínios e até no que respeita a *eidos* e a *imago*. Assim, frequentemente é afirmado que "a imagem, toda a imagem é semelhança com aquilo de que é imagem...verifica-se imagem quando acontece uma dependência expressiva de alguém"[62]. Esta afirmação, de tonalidade neoplatónica, em termos indirectos e bem reais de participação[63] tem a vantagem de levar a distinguir convenientemente imagem de semelhança e ambas estas realidades, de igualdade[64]. Ao passo que igualdade

---

60 Boécio - *In Librum de Interpretatione*, 1, P. L., 64, 409 C.

61 Boécio - *Ibid.*, 410 A.

62 Agostinho (S.) — *De Genesi ad litteram, imperfectus liber*, XVI, 57, (P. L., 34, 242).

63 "O semelhante difere da semelhança como o homem forte difere da força... Deste modo as coisas semelhantes só o são por participarem da semelhança como o que é forte participa da força. É preciso reconhecê-lo: trata-se duma linguagem pouco própria quando se diz que a nossa imagem é a nossa semelhança, embora possamos dizer com verdade que ela é a nossa semelhança". Continuando a explicação, afirma: "Acontece com a semelhança que se comunica o que acontece com a força que torna forte tudo o que o é. A força para ser forte não precisa de participação do que quer que seja; pelo contrário o que é forte só o pode ser pela participação na força" (Ibidem).

64 Na bela expressão de Agostinho, conservando todo o sabor do texto original: "Ubi *imago*, continuo similitudo non continuo equalitas; ubi *equalitas*, continuo similitudo non continuo imago; ubi similitudo non continuo imago, non continuo equalitas". No que aqui de perto nos toca e constitui

aponta para o absoluto como fundamento ou situa-se na ordem do absoluto, imagem e semelhança apontam para o relativo ou situam-se na ordem do relativo. Duma outra forma, a qual vem ao nosso propósito de situar o mundo imaginal que somos entre o mundo do sensível e o mundo do intelectível, na dupla faceta de imagem possível de qualquer deles, sendo já imagem real de ambos: "na imagem não pode haver imediatamente igualdade, pois, em geral, faltam à imagem variadas características do original, embora possa acontecer semelhança, pois doutro modo não seria minimamente imagem. A aplicação à prática psicológica é clara e largamente operacional: toda a imagem expressa um modelo. De modo algum a imagem pode reproduzir e muito menos igualar o modelo quer por imitação — teoria tradicional — quer por identificação ou quejandos mecanismos, comuns na linguagem popular e retomados senão reforçados pelos freudianos. A imagem é realidade criada directamente por uma personalidade.

É uma constante no pensamento de Agostinho o realce atribuído à expressividade da imagem. Dessa expressividade resulta um certo tom do domínio do conhecimento, atribuído à imagem, pelo jogo do espelho e do enigma. Será pela analogia? Independentemente disso, algo se encontra adquirido: a personalidade situa-se, em maior ou menor grau, na semelhança com que conhece, quer aprovando quer desaprovando. Por outras palavras: se a consideramos em termos de semelhança ou expressando algo, ela é imagem desse algo; mas, se a consideramos em busca de algo mais, a personalidade é feita à imagem desse algo. Conhecimento e realização pessoal caminham juntos. Conhecer-se como mundo imaginal, quer do mundo sensorial, para nova análise de elementos a descobrir, quer do mundo intelectivo, seja para novas descobertas de relações, seja ainda para evidenciação de novas relações entre as relações é tender para exprimir

---

elemento de grande importância, vamos à explicitação de imago: "Ubi imago continuo similitudo non continuo equalitas: ut in speculo est imago hominis, quia de illo expressa est; est etiam necessario similitudo, non tamem equalitas quia multa desunt imagini quae tamen insunt illi rei de qua expressa est". *De 83 Questiones*, Q. 74, P. L. 40., 885-6. Em termos psicológicos: semelhança e apenas porque elaboração activa, da parte de cada personalidade.

cada vez mais adequadamente a realidade e, em consequência, mais concretamente, se expressar a si próprio. A personalidade enquanto mundo imaginal não é nenhum dos outros dois mundos nem se poderá reduzir a nenhum dos dois. Seria, quase por analogia, o caminho de um para o outro, em contínua elaboração por contínua re-elaboração. Até porque o mundo intelectível se encontra no sensorial e o sensorial pode revelar o intelectível. E tudo isso, a personalidade o vive em termos ou em actividades de conhecer e de valorar. A personalidade, o conhecimento e o valor são três dados iguais e praticamente constituem uma e mesma coisa.

A personalidade é mundo imaginal porque contem o que expressa a seu modo, não apenas dos outros dois mundos, mas o seu próprio mundo como acontece na prática da análise psicológica. À imagem de ou segundo tal modelo tem implicações tão grandes que leva Agostinho a pronunciar-se deste modo:"há quem suponha que pode haver imagem sem semelhança. No entanto, não oferece dúvidas a ninguém: o que não se assemelha em nada a alguém não é de modo algum a sua imagem"[65].

Entre os comentadores gregos[66] no plano intelectivo-metafísico, a imagem refere-se sempre ao mundo invisível e neste ao mais invisível, o das realidades metafísicas. Assim o queria o ambiente do período helenístico. Protótipo da helenização do pensamento judaico-cristão que é Clemente de Alexandria. Vai apontar para o homem "logikos", à semelhança do "Logos". A imagem para ser imagem tem de dizer algo de alguém, como já se afirmava no seu tempo [67]. Já para Atanásio, a imagem não é tanto o que mostra, como a imagem platónica das ideias, mas principalmente a relação que pode estabelecer. Por seu lado, em Basílio encontramos um certo sentido prospectivo da imagem, a sua significação em termos de futuro é fundamental. Gregório de Nissa lança a ideia de coincidência entre imagem e arquétipo, sendo aquela a força deste. A imagem não é uma realidade está-

---

65 *De Genesi ad litteram, imperfectus liber*, 62, P. L., 34, p. 245-6).

66 Colhi alguns dados da obra de R. Javelet (1967).

67 *Stromates*, II, 22, G. C. S 22, p. 124.

tica pois vai avançando até à identidade com arquétipo. Graças ao Eros ou aspiração a conhecer ou atingir o arquétipo, torna-se amor. Pois, segundo a frase célebre, "contemplar é devir o que se vê"[68]. A imagem encontra-se na base de todo este dinamismo. Platão afirma mesmo que ser à imagem é participar. Para Gr. Nissa, a participação acontece pelo conhecimento, fase por fase, até à realização progressiva da imagem à semelhança. A imagem, numa palavra, é o aspecto originário e terminal da semelhança, em realização. A semelhança é a característica dinâmica e/ou dinamizante da imagem[69].

Encontra-se uma como que característica pessoal da imagem, enquanto criativa em J. Damasceno, o qual tem particular relevância no que aqui nos ocupa, por ter participado na controvérsia dos iconoclastas; "é a semelhança com o modelo que caracteriza a imagem, o que implica uma diferença em relação ao mesmo". E mais adiante: "uma imagem é a semelhança, é a figuração, o vestígio (indício) de algo; mostra por si mesma o modelo"[70] o mesmo é dizer, expressa o modelo. A semelhança ou dissemelhança encontra-se fora das categorias da causalidade, pois nesta a causa é sempre diferente do efeito. Ao passo que na imagem, não havendo produção e sempre diferença, a semelhança não é produção e a dissemelhança não é diferença. Por isso é que a semelhança e a dissemelhança ao mesmo tempo, é o que caracteriza a imagem. Nos fins do século XIX, De Regnon resumia assim o pensamento de J. Damasceno: "A imagem assemelha-se ao modelo (omoiôma); dela depende, por expressão (ektyrôma); destina-se a manifestá-lo, a mostrá-lo ('ekfantoriké kai deiktiké)[71]. Compreensivelmente, a imagem que é captada por visão directa não precisa de qualquer operação mental para estabelecer uma relação. A imagem pela semelhança-disseme-

---

[68] *De homo* op., 2, P. G., 44, 138 b.

[69] São variadíssimos os prolóquios latinos neste sentido: "similia de similitudine in consimilibus gaudent" (P. L. 194, 1863 C, 1881C); "Similis similem quaerit" (P. L., 184, 587 D); "Talis unusquisque est qualis illud est quod diligit" (P. L., 148, 165D); "Similitudo conglutinat" (P. L. 195, 665 C).

[70] *De imagine*, I, 9 e III, 16, P. G., 94, 1240 C e 1337 AB.

[71] P. De Régnon — *Études sur la sainte Trinité*, 1898, XVIII, p. 323.

lhança ela própria é relação. A expressividade caracteriza directamente a imagem, quer enquanto imagem dos outros dois mundos, no mundo imaginal, quer expressando o próprio mundo imaginal.

Para Justino, por seu lado, a imagem (eikón), assim como os símbolos são figurativos e de si mesmos significantes. Por analogia, o pensamento de Justino pode ter uma certa relevância para o que procuramos neste momento: "nós geramos a palavra e, no entanto, não há divisão entre ela e nós. Nós vemos dum primeiro fogo nascer outro fogo sem que fique diminuído o fogo que serve para o acender". "Do mesmo modo, a luz provem do sol, está unida a ele e, no entanto, não se confunde com a sua origem"[72]. Para Ireneu a imagem é manifestação, do homem todo, enquanto personalidade. Esta encontra-se entre dois polos: racional e livre, plenamente responsável, pode tornar-se plasma, imagem do terrestre (sensorial)... e igualmente tornar-se pneuma, imagem do celeste (intelectível) nas suas diversas fases ou manifestações[73].

Do mesmo modo, Tertuliano resiste a uma imagem demasiado gnóstica da personalidade, para afirmar a unidade como base da acção expressiva. A imagem não é igualdade, mas apenas semelhança, mais expressão do que reprodução.

Em suma: não se pode considerar que estes autores falem da imagem como se ela fosse algo inanimado, directamente e uma vez por todas, esculpida, obra da inteligência ou da mão artesanal. Trata-se duma imagem da imagem, sendo esta algo de vivente, vivência pessoal e personalizada. Imagem exige semelhança mais do que causa, uma relação mais do que uma produção. Imagem convida a pensar não apenas numa identidade de substância mas principalmente em características pessoais. A imagem, embora pessoal, no entanto, diz respeito a algo, com o qual se assemelha, como um indicativo, um vestígio. Daí que o mundo imaginal é imagem na personalidade que o explicita ou manifesta nas diversas circunstâncias do seu dia-a-dia e, parti-

---

[72] *Diálogo* LXI, 2, H, 1, p. 287.

[73] *Adversus Haereses*, V, 9, 3, W. H., 2, p. 243, IV, 4, 3, W. H., 2, p. 340-1.

cularmente, na circunstância duma análise psicológica, sendo ao mesmo tempo e com a mesma força, realidade imagética de tudo o que se passa à volta dessa personalidade, enquanto mundo científico-metafísico e enquanto mundo sensorial. A personalidade é desenvolvimento quer ao nível sensorial quer ao nível intelectivo, seja experimental seja metafísico: em todos os níveis há explicitação, perfacção, criatividade: é o mundo imaginal em enriquecimento constante. É especificamente humano, cada um criar-se a sua personalidade. É cientificamente humano determinar as linhas gerais, as componentes de base da personalidade. Na base de todos esses componentes, encontra-se o fundamento de toda a *expressividade, o próprio mundo imaginal* que é *a personalidade* e o *mundo imaginal próprio de cada personalidade*. Mundo imaginal em manifestação por análise científica *da* personalidade; mundo imaginal em manifestação em cada momento da prática psicológica com *cada* personalidade.

Directa ou indirectamente, em contextos e em reflexões de referências muito diferentes das que procuramos aqui praticar, encontramos estas ideias de base sobre a imagem, sobre o mundo imaginal. Isto no que se refere ao contexto em que pensou, falou e escreveu Mário Vitorino. Não se podendo esquecer o contexto de fundo das reflexões elaboradas pelos pensadores cristãos, tanto latinos, como gregos. Ou seja, o texto do Génesis: (I, 26) "*Faciamus hominem secundum imaginem nostram et secundum similitudinem*. A Escola bíblica de Jerusalém, num aprofundamento etnológico, arqueológico e antropo-histórico, comenta deste modo: "semelhança" (similitudinem) atenua a força de imagem (imaginem) que inclina para o lado da paridade ou igualdade. joga com esta perspectiva, como veremos. E o texto continua (v. 27): "Deus criou o homem à sua imagem. À imagem de Deus o criou. Homem e mulher os criou". Apesar do sentido plural de homem, daí o plural de "dominem", o A. sublinhou que desde o início era homem e mulher, igualmente humanos.

2) Diversificação do imaginal: entre a cruz e o crescente

Afirmar o mundo imaginal como realidade não corresponde a uma exigência gnoseológica, possibilitando, quando muito, uma compreensão diferente da investigação científica, embora o possa permitir; também não constitui um requinte de ética, partindo dele para uma espécie de visão ideal do humano ou da própria vida humana, embora permita a abertura a novos horizontes; nem constitui tão pouco nem muito menos, uma divagação filosófica ou ideológica.

A afirmação do mundo imaginal, adentro duma investigação em Ciências psicológicas, constitui simplesmente o resultado duma atenção específica, dedicada ao experiencial de cada humano, dele colhendo a riqueza diversificada e a originalidade incontestável das vivências; constitui igualmente uma forma que procura ser inteiramente adequada à prática psicológica, no que toca particularmente às técnicas projectivas, assim como no que toca à prática psicoterapêutica, particularmente adentro da oniroterapia.

Talvez valesse a pena acrescentar apenas o seguinte, com particular incidência em meios do cientismo tradicional, quer positivista, quer racionalista: as reflexões apologéticas e as descrições místicas dos autores em análise não são, nem de longe nem de perto as únicas apologéticas ou místicas. Se em toda a Idade Média — séculos IX, XI, XIII — se fazia apologética pelas realidades teológicas, relativas ao transcendente, hoje faz-se igualmente apologética por realidades teológicas, embora de outro tipo: as realidades técnicas, científicas, ideológicas sobretudo, realidades *primeiras* por absolutização. Toda a apologética é contra-apologética ou a contra-apologética constitui uma forma de apologética. O que conta são os conteúdos em questão. E estes conteúdos não são objectividade, mas significação, não são resultados de observação experimental mas supervaloração de alguns dados de observação experimental. Por outras palavras, são conteúdos desvalorados para supervalorar outros, conforme o grupo de referência ou de pertença de quem os pratica. Para quem os

pratica, os conteúdos, vividos e vivenciais, manifestam as opções das respectivas personalidades. Deste modo, pensemos o que pensarmos desses conteúdos, melhor das personalidades que os manifestam ou expressam, enquanto praticantes de investigação ou de intervenção a partir dos dados da psicologia, a nossa observação não pode ignorar essas manifestações, essas expressões diferentes de personalidades diferentes, não pode seleccionar manifestações humanas, se todas são de humanos. Nem negativa nem positivamente. O papel do psicólogo é dar atenção ao que é humano,especificamente humano embora não exclusivamente, ao que é humano por inteiro, qualquer que seja a nossa opção, acerca do humano.

Lançando uma vista de conjunto sobre os pré-escolásticos, particularmente os místicos do século XI e XII, uma ideia ressalta imediatamente: a diferença entre inteligência e razão. Ao passo que esta se encontra "vocacionada" para o mundo "exterior", experimental, aquela o estaria para as realidades "interiores", metafísicas. E parece ser uma grande riqueza a descobrir ou a colocar em foco, mais uma das várias que "a noite de dez séculos" (só porque fanaticamente ignorada e desvalorada) gerou inventando, produziu descobrindo. Diferença esta, grande e favorável, em perspectiva medieval, entre inteligência (hoje reduzida ao extremo de simples associação de estimulações, a conduzir automaticamente à solução de problemas, o principal dos quais é a adaptação) e a razão (hoje discursiva ou desveladora de articulações entre as estimulações ou das bases experimentais de qualquer fenómeno que sobre si atrai a atenção dos observadores). Há que ir um pouco mais longe e mais diversificadamente.

O que se torna interessante para a hipótese em foco, aqui, é que ambas — inteligência e razão — lidam com dados invisíveis ou não sensoriais,melhor,supra-sensoriais,como é, por exemplo, qualquer princípio de física ou de biologia, mesmo de sociologia e como é igualmente qualquer princípio de metafísica, como a beleza, o ser ou a potência. Não há ciência quer experimental quer metafísica sem o "distanciar-se" do sensorial ou o "conver-

ter-se" ao supra-sensorial[74].

Vejamos, em termos de inteligência e/ou de contemplação, outra grande descoberta e uma prática concreta dos pré-escolásticos, na linguagem dum dos seus maiores representantes, Hugo de S. Victor: a personalidade é dotada dum olhar para ver o mundo de fora e o que lá se encontra, o olhar sensorial, realçando a importância da anatomo-fisiologia e do corpo, dum outro olhar para ver em si mesma e tudo o que nela se encontra, é o olhar da razão. Encontra-se dotada ainda dum outro olhar, o da contemplação (para Hugo) e da inteligência para Ricardo de S. Victor, para ver o que há dentro do mundo, beleza, harmonia, Deus. Th. Gallus diz, por seu lado, com vigor: "A razão apalpa (método experimental), a inteligência vê (método contemplativo)". A inteligência agarra e vê, a razão demonstra e explica.

Tem de se verificar uma referência à realidade sensorial para que aconteça a imagem. Embora não só. Mas, uma vez acontecida é e permanece realidade, outra é claro, embora tão real como a que lhe serviu de ponto de partida[75]. Poder-se-ia dizer que todo o nosso conhecimento é reconhecimento, mais ou menos adequado que leva o sujeito-imagem ao estado de sujeito-seme-

---

74 "Et ipsa anima, quasi in medio quodam erat...acceperat oculum quo extra se mundum videret et ea quae in mundo erant. Et hoc erat oculus carnis. Alium oculum acceperat quo seipsam videret et ea quae in ipso erant et hic est oculus rationis. Alium rursum oculum acceperat quo intra se Deum videret et ea quae in Deo erant et hic est oculus contemplationis" Hugo de S. Victor, P. L. 176, 329, CD.

Por outro lado, encontra-se uma visão clara da unidade de cada humano, unidade de estrutura e não de somatório. São três as coisas que perfazem o humano, nada será perfeito na ausência de qualquer delas: "Tria haec imago erant potentiae creatoris; et sapientiae et amoris, quia hic erant et ibi erant. Sed hic in imagine erant, ibi in veritate; tamen ubique erant et idem erant, quia hoc hic erat quod ibi erat... potentia signun fuit rerum immensitas, sapientia, pulchritudo et bonitas, utilitas... Sunt enim tria haec quae omne rationale perficiunt, nec sine his perfectum est aliquid... neque in unitate dividi quia unum sunt" *Id. Ibid.*, 230-1, 6-A. Cf. Richard 196, 118 D e 119 A.

75 Guilerme de S. Teodorico afirma: "Sensus enim vel anima hominis cum se movet ad sentiendum, sentiendo mutatur in id quod sentit..." Doutro modo não aconteceria sensação, isto é, informação. Do mesmo modo para as realidades não sensoriais: "Etenim sicut se habet sensus exterior corporis ad corpora et corporalia sic est interius ad similia sibi, id est, ad rationabilia ac divina vel spiritualia" *Speculum Fidei*, P. L., 180, 391A e 390 D.

lhança. A imagem que se torna semelhança é personalidade que caminha para a semelhança, uma espécie de "intencionalidade". É evidente: não pode, de modo algum ser um meio ou apenas um meio, intermediário passivo do conhecimento. É algo dinâmico, em transformação sempre possível, para uma adequação cada vez maior ou não, com o real de que é imagem: caminho para algo, participação de algo, adequação a algo é intencionalidade para uma presença. Hoje diríamos e ainda dentro da hipótese, imagem seria uma espécie de luminosidade, com ela e por ela faz-se luz constantemente pela própria actividade da fantasia ou iluminação (A.M. Santos, 1977) uma espécie de sinderesis, a imagem que somos aponta para a realidade que é, quer a nível sensível, quer a nível intelectível em constante superação ou recriação transformante, imagem que é, cada vez mais, semelhança.

Os mundos intermediarizados pelo mundo imaginal encontram-se pré-figurados em Hugo de S. Victor pelo grupo de conhecimentos, directos e imediatos — pelos sentidos — pelos grupos de conhecimentos que dizem respeito à razão científica ou mundo das ciências e pelo grupo das actividades do espírito ou mundo metafísico. Gonzo entre os três,o nosso mundo imaginal. Textualmente encontra-se entre o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos, a alma que se apresenta quase sempre com o sentido de unidade pessoal, se olharmos os textos em termos de psicologia vocativa ou atenta às aspirações e menos descritiva ou atenta às faculdades[76]. Por outro lado, o mundo imaginal é o que se tem (habita), a personalidade é o que tem (habens) e ambos são, ambos existem. Apelando para a origem etimológica, podíamos asseverar que o mundo imaginal é, rigorosamente uma *ex-sistentia* que define cada personalidade. Porque *sistentia* trata-se de algo que se sustem, se "aguenta" por si mesmo, quase substância (demasiado extenso como conceito) mas onde intervém o conceito de qualidade, a qualidade do que é próprio, valor específico da personalidade. *Ex* implica a ideia de origem dessa "sistentia", o mundo de ter ou de obter o que é. Indica uma relação. Relação

76 "In humana natura alia substantia est corpus et alia est anima, cum tamen non sit nisi in una persona" Ricardo de S. Victor, *De Trinitate*, cp. X, P. L., 196, 930 CD.

como característica, propriedade singular da personalidade. Não somos produto de nada, somos e autonomizamo-nos em relação à base biótica e ao meio socio-cultural. A personalidade apresenta-se não apenas como relação, mas como nó de relações, enquanto tal existente, como o mundo imaginal, para consigo próprio, para com outrem e para com o princípio fundamental e/ou de origem. Neste domínio, ao inquirir a realidade há que ter em conta a diferença entre *quis* e *quid*. *Quis* ou esta personalidade e *quid* ou a personalidade constituem igualmente polo da investigação psicológica, ainda que pese duramente sobre a perspectiva da ciência e da prática psicológicas a confusão que se arrasta há séculos. *Quis* ou o sujeito a quem se aplica qualquer observação técnica e o *quid* se se pratica uma investigação científica[77].

Imagem e semelhança, duas palavras sempre a par nestes autores, os pré-escolásticos de índole mística e para eles duas realidades psicologicamente distintas. Talvez fosse preferível dizer duas perspectivas. A imagem pode ser considerada a realidade pessoal, vivencial. A semelhança pode ser o modo como as realidades são a personalidade ou o modo de a imagem, as imagens se realizarem[78].

---

[77] "Secundum intentionem quaerentis, habita e habens". Nada se pode fazer em termos de leitura ontológica. Aqui só a leitura observacional ou experimental interessa. Alguém não pode ser tudo em actualidade (em acto) mas sim em virtualidade (potência). "Videtis quia ad interrogationem quid, respondetur nomen generale vel speciale, definitio... Ad interrogationem autem quis, nomen proprium reddi solet vel aliud quod aequipollet. Per quid itaque inquiritur de proprietate communi, per quis de proprietate singulari... Per quid interrogamus ut certificemur de qualitate substantiae per quis ut certificemur de proprietate personnae" Richard de S. Victor, *De trinitate*, L. IV, cp. VII, P. L. 196, 934D, 935 AB.

[78] É a força dos dois vocábulos gregos *éikôn* e *homoiôsis*. Pelo facto de ser também imagem, a realidade quer empírica, quer experimental quer metafísica, torna-se mais ou menos progressivamente inteligível ao sujeito. De novo o dinâmico da personalidade pelo dinâmico da imagem e o dinâmico da imagem pelo progressivo da semelhança. "Nam cum cogitat aliquid, totum est in mente quod cogitat; et quod totum simul meminit totum simul cogitat et vult cogitare et meminisse, hoc est amat habere mentem et cogitationem... Et si se singula tota simul vel ament vel cogitent vel meminerint non majora erunt tota simul tria quam vel mens tota pariter recolens, vel cogitatio tota cognoscens, vel amor totus diligens... Hoc videns anima in se esse, imo hoc videns se esse..." Guilherme de S. Teodorico, *De natura corporis et animae*,

É isto a personalidade: a imagem, aperfeiçoada pela libertação das preocupações inadequadas, das valorações apressadas senão das supervalorações ao arrepio da percepção e da intelecção. Como se duma escultura se tratasse.

No fundo, a imagem é manifestação de liberdade por um processo de libertação[79]. A liberdade não consiste no conhecer mas sim no valorar e daí a imagem se encontrar no domínio da liberdade e a semelhança no domínio do conhecer. Numa outra perspectiva: a imagem ou mundo imaginal é o ambiente humano em que a personalidade é o centro catalizador em actividade de transformação constante para uma cada vez maior semelhança. Os grandes operadores desta imagem-semelhança para Ricardo e Hugo são a *cognitio*, aspecto cognitivo da personalidade diríamos hoje, e a *affectio* ou o aspecto afectivo da mesma[80]. Duas irmãs gémeas[81], englobando a totalidade do real, presente, passado e futuro, o mesmo é dizer, o mundo imaginal, enquanto esta personalidade. Esta, na prática psicológica é captada por inteiro enquanto futuro a construir no presente, a partir dum passado em reconstrução constante. Ponto fulcral nos místicos medievais: uma re-descoberta aprofundante de Mário Vitorino, passando por Boécio, para uma definição mais clarificante do mundo imaginal, em si mesmo e por diferenciação dos outros dois mundos de que é imagem. Para Mário Vitorino é uma questão de palavras "intelectíveis" e "intelectuais"[82]. Para Boécio há uma outra forma

---

Lib. II, P. L., 180, 721, CD. De novo a alma, para os medievais dos séculos XI - XII, é fundamentalmente caminhar, "energia" mais do que algo substantificado, algo que se explicita, se expressa em "élan" do que algo estático definido e definitivo. É próprio da alma-personalidade desenvolver-se na totalidade pela actividade de cada uma das partes, até à semelhança mais semelhante com o exemplar.

79 "In quantum liber ad imaginem, in quantum rationalis ad similitudinem" Ricardo de S. Victor, P. L. 196, 1126 BC.

80 Cf., P. L. 196, 3AB (Ricardo); P. L. 176, 322 BC, 177, 490C, acrescentando S. Bernardo, cognitio e devotio. P. L. 183, 352.

81 Ricardo de S. Victor: "uxores geminae" P. L. 196, 18, 10 A.

82 "Intellectibilia sunt ea quae vere sunt; alia quae tantum sunt intellectualia". O neoplatónico a falar. *Adv. Ari.*, IV, 2.

de diferença: "intelectíveis" e "inteligíveis"[83]. No entanto, para os autores do século XI - XII o problema avoluma-se, exigindo uma nova grelha de leitura que não será a última, o mesmo acontecendo com a presente hipótese, mas que diversifica e aprofunda a análise para garantia de maior objectividade. Assim, Ricardo no seu "Benjamin Major" é claro: mundo imaginal é a consciência que construímos do mundo sensível e do mundo intelectível. A forma pela qual o sujeito se forma ou constrói imagens destes dois mundos é que vai mostrar que, apesar de ser forma, principalmente é conteúdo vivencial desses dois mundos. Na certeza de que as realidades desses dois mundos são algo mais ou diferente das imagens que deles construímos enquanto realidades em nós. Isto é o que somos e que a prática psicológica tem de ter em conta. Com efeito, dum lado temos um tipo de imagens pela actividade de *cogitatio*, do outro, novo tipo de imagens pela actividade de *meditatio* e, finalmente, imagens do outro graças à *contemplatio*[84]. A *cogitatio* trata dos dados sensoriais, na sua diversidade dispersiva com um mínimo de convergência por semelhanças e diferenças. A *meditatio* procura ir além das simples semelhanças e diferenças, definindo categorias e sistemas ou formulando leis, a partir da observação experimental diríamos hoje[85]. Finalmente, a *contemplatio* dispõe de maior possibilidade de movimento, de voos mais "livres", agarrando de tudo apenas o fundamental, o essencial[86]. Em suma, três origens para as imagens do mundo imaginal que somos, todos e cada um de nós, nas nossas diversas actividades em busca do conhecimento e da apreciação das realidades, quaisquer que elas sejam[87]. A *cogitatio*,

---

83 P. L., 64, 118. "Est théôrètikès pars una de intellectibilibus alia de intelligibilibus".

84 Ricardo de S. Victor, P. L., 196, 66 D. Hugo de S. Victor, P. L., 175, 116D.

85 P. L., 196, 67D; 175, 117 AB.

86 P. L., 196, 66 D. Hugo emprega uma analogia curiosa: a contemplatio é "fogo puro", a cogitatio é "chama e fumo" e a meditatio é "chama sem fumo". P. L. 175, 117 CD.

87 In cogitatione, evagatio, in meditatione investigatio et in contemplatione admiratio. Ex imaginatione cogitatio, ex ratione meditatio et ex intelligentia, contemplatio". P. L., 19667 A. É curioso o emprego de investi-

quer *cognitio*, quer *affectio*, borboleteia de flor em flor, ao passo que a *meditatio* incide com perseverança na determinação das leis ou princípios subjacentes e, enfim, a *contemplatio* tende para as unidades unificantes das diversidades que ainda restam[88]. Não há dúvida, como na explanação da hipótese lembrava, que se trata da mesma realidade sujeito-mundo-imaginal, é ela que possui a diversidade das imagens, oriundas desses três mundos sem estabelecer oposições, sem definir supervalorações, sem reduzir a qualquer deles a diversidade que os caracteriza[89].

Conviria também aproveitar a descrição de Ricardo sobre os "céus" para vincar a realidade do mundo das imagens. Há três "céus". O primeiro divide-se em dois: aquela faceta que se socorre da imaginação apenas e a que recorre à imaginação interpenetrada com a razão. Já o segundo comporta outros dois aspectos da contemplação: aquele em que a razão se debruça sobre as realidades invisíveis, apoiada pela imaginação e aquele em que a razão se debruça sobre si ou atinge a plena consciência de si. Ao chegar ao terceiro céu, o da inteligência pura, perante os mistérios transcendentes, ela agarra quer o que a ultrapassa mas não contradiz a razão, quer o que a ultrapassa e, aparentemente, contradiz e estamos perante "os excessos místicos"[90].

---

gação para a meditação e de admiração para contemplatio. Quantas aplicações para a prática psicológica e para a justificação epistemológica da(s) ciência(s) psicológica(s)...

88 Ricardo S. Victor, P. L. 196, 67 B.

89 Torna-se inevitável realçar a contradição interna de quem afirma simultaneamente a insondabilidade e a indefinível riqueza da personalidade, impossível de atingir "cientificamente" e, por outro lado, empregam na sua análise os esquemas mais simples ou simplistas do género S, com ou sem O e R, ou estímulo e reacção com ou sem organismo, com importância pelo meio. Ou ainda do género de um *id*, indefinível ou só captável através das suas representações — quais? — e um *super ego*, indefinido, tendo um ego de permeio, simples compromisso, mais ou menos utópico, sem lugar próprio, entre os dois, eles mesmos indefinidos

90 Ut hoc triplex coelum congrua possimus distinctione discernere, primum dicatur *imaginale*, secundum est rationale, tertium intelectuale... In primo itaque coelo continentur omnium visibilium imagines et similitudines, ad secundum vero pertinent visibilium omnium rationes, deffinitiones et invisibilium investigationes. Ad tertium autem spectant spiritualium ipso-

Mas, no conjunto, há uma ideia curiosa, de vanguarda no pensamento, ao menos enquanto "agarrado" dentro da hipótese presente. É Hugo que a avança. Consiste no seguinte: a captação do real acontece em torno do intelectível, ou seja, aquele nível em que a actividade simbólica e/ou simbolizante constitui a forma ou o nível específico enquanto actividade das personalidades, enquanto actividades reais e sensíveis. São actividades reais e sensíveis embora os produtos, não enquanto significantes mas enquanto significados sejam, não sensíveis, mas inteligíveis, construção pura de alguém, em acolhimento ou não do grupo[91]. O símbolo é, em consequência disso e para isso, a grande componente, senão mesmo a fundamental, do mundo imaginal. Por outras palavras, o símbolo constitui a maior parte dos conteúdos vivenciais de alguém. De tal modo que o anterior "conhece-te a ti mesmo" ganha outra concretude ou amplidão: além das actividades de alguém e em alguém, há antes de tudo e principalmente os conteúdos vivenciais do mundo sensível, do mundo intelectível, quer científico quer metafísico. Mais aplicadamente: o conhecimento de si próprio, *a fortiori*, o conhecimento na e pela prática psicológica, só é possível se consistir na captação das diversas imagens, construídas pelo sujeito, por cada sujeito, a partir das realidades dos mundos. Poder-se-ia chegar mesmo a afirmar, ao menos como hipótese, que todo o conhecimento técnico, em prática psicológica, é comunhão com o mundo imaginal que cada personalidade é. A imagem, com efeito, não é apenas meio e muito menos, meio passivo. Já realçamos acima que é dinâmica, semelhança intencional com o "exemplar", quer no caso da percepção, a partir dos dados sensoriais, quer no caso da "intelecção" a partir dos dados intelectuais. Por outras palavras, tudo o que elaboramos, criando, "à nossa imagem", a partir dos elementos

---

rum, etiam divinorum comprehensiones et contemplationes". Benjamin Major, L. III, c. VIII, P. L., 196, 118B-D. Em 119A completa o pensamento: "Sicut corporalia corporali sensu videre solemus invisibiliter, praesentialiter atque corporaliter, sic utique intellectualis ille sensus invisibilis capit, invisibiliter quidem sed praesentialiter, sed essentialiter". *Benjamin Mayor*, L. III, cp. VIII, P. L. 196, 118B-D.

[91] P. L., 176: 743AB, 217C, 218A, 225 AB, 234C, 46A.

que se nos oferecem e das actividades empregues na sua captação, tudo isso constitui a realidade que somos nós próprios. É real connosco e em nós. Tudo é real em nós. Independentemente de o ser também (é outro domínio da reflexão: gnoseologia) por hipótese, em si mesmo. A Psicologia-descrição da autoria dos Hugos, dos Ricardos, dos Guilhermes, dos Bernardos e antes de todos, dos Anselmos encontra-se verbalizada, adentro da contextura socio-cultural do tempo, com vocábulos senão mesmo perspectivas, mais ou menos contaminados, evidentemente, de platonismo neo-platonizante, quer cristão quer muçulmano e, talvez, a partir da própria experiência do êxtase, quase aparentado ao "relaxe" do ioga.

Deste modo, será interessante realçar esses pensadores excepcionais e esses místicos de grandes "excessos" vivenciais que foram Ibn Sinnâ, Ibn Arabî e outros. Primeiro, porque se encontram no mesmo período temporal; segundo, porque se filiam no mesmo platonismo neoplatonizante; terceiro porque pensaram e podem-se continuar a pensar na Ibéria e continuam a ser hoje mestres incontestados no Irão, com escolas fundadas e discípulos a elaborar aprofundamentos; uma quarta razão, complementar, seria e será a de mostrar que o valor dos autores citados não lhes advém se serem místicos (muçulmanos ou cristãos é irrelevante) mas de serem personalidades que viveram e pensaram, viveram e analisaram, viveram e afirmaram a importância dum mundo específico e de mundos diferentes, assim como da sua presença em cada humano ou na personalidade[92]. É claro

---

92 Por virtude da escassez de fontes, da míngua de informação e da quase ausente reflexão sobre a cultura e a perspectiva senão mística muçulmanas, socorri-me do especialista, internacionalmente reconhecido, do qual recebi a primeira sugestão para a hipótese que desenvolvo. E isto, particularmente, nos seus estudos de fundo sobre a "História da filosofia islâmica" (até à morte de Averroes,1198, constituindo a 1ª parte, Paris, 1964;a 2ª parte, da morte de Averroes até aos nossos dias, Paris, 1974). Particularmente significativo para o efeito é o estudo "En islam iranien: aspects spirituels et philosophiques (Paris, 1971-73, em 4 tomos); ainda "Sohravardî: L'archange empourpré" (Paris, 1976). Principalmente: "L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn-Arabî" (Paris, 1958, 1976²), assim como "Avicenne et le récit visionnaire" (Teheran, 1954, 2 tomos). As obras de Henri Corbin, o autor, são ainda mais numerosas e diversificadas e as suas ideias encontram-se difundidas

que a prática de leitura vai ser a mesma que foi praticada em relação aos místicos cristãos, tendo presentes as reflexões cautelares já explicitadas. Torna-se difícil para nós compreender este realce, obscurecidos como nos encontramos pela importância atribuída a esse divulgador que foi Ibn-Roch ou Averrois[93], a tal ponto que se fica com a impressão de que o pensamento de Ibn Arabî e, particularmente, de Ibn Sinna ficaram submersos nessa divulgação e nessa exaltação. No entanto é tudo ao contrário:

por artigos e conferências diversas.

Seria de ter em conta a obra de fundo, da autoria de Avicena, para o caso presente: *De anima*, na tradução latina de Gundissalinus, restituída por S. van Riet e com introdução longa e documentada de G. Verbeke, em dois títulos: *Avicenna latinus, IV-V, Liber de anima seu Sextus de naturalibus*, Leuven-Leiden, 1968). A introdução de Verbeke leva por título "Le De anima d'Avicenne, une conception spiritualiste de l'homme"; o segundo título diz; "Science de l'âme et perception sensible", para introduzir os tomos I, II, III, do *De anima* (Leuven-Leyden, 1972).

93 Averróis deve grandemente a sua irradiação ou até a sua preferência por um certo meio intelectual ocidental, como o demonstra a prioridade concedida à re-impressão das suas obras completas, à super-exaltação dele feita por E. Renan. Foi proposto como herói do pensamento livre, como se não se filiasse num "credo". Só que era outro. Foi dito pedra angular em todas as "impiedades", particularmente por contraste com um certo Ocidente. Et. Gilson "joga" em confronto com esta opinião radical, seguramente parcial, desenvolvida por E. Renan em "Averroes et averroisme" (Paris, 1852), ao afirmar: "a filosofia árabe oferece um exemplo quase único duma elevada cultura, suprimida quase instantaneamente sem deixar vestígios e quase esquecida do povo que a criou" (p. III). Como se tal fosse possível. Aliás, as pesquisas aturadamente realizadas por H. Corbin, entre outros, demonstram à saciedade a perenidade dessa filosofia árabe. Um certo estilo de reflexão e conteúdos muito diversos, ao longo dos séculos, a mostram também. Por outro lado, uma certa forma de compreender a personalidade, o que mais nos interessa, e toda a riqueza que ela contem, permanece igualmente e, depois de uma certa desconsideração, volta a subir à luz da reflexão científica. Demonstrando-o, sob o ponto de vista heurístico, temos a amostra representativa dos trabalhos de M.-T. d'Alverny em *Archives d'histoire doctrinale et littéraire au Moyen-Âge* : 1961, 28: 281-316; 1962, 29: 217-33; 1963, 30: 221-72; 1964, 31: 271-86; 1965, 32: 257-302; 1966, 33: 305-27; 1967, 34: 315-48; 1968, 35: 280-318. Ét. Gilson conclui: "on ne conçoit pas une histoire des théologies chrétiennes au moyen-Âge qui ne tiendrait pas compte d'Avicenne, ni même d'Averroes" (*Ibid*. 1969, 44: 120, n. 26). P. M. De Contenson, por seu lado, afirma algo de semelhante: "On peut considérer comme établi que vers 1230, à Paris, Avicenne l'emporte dans l'opinion courante, sur les autres philosophes aristotelisants alors connus".Avicénnisme latin et vision de Dieu (*Ibid*.,1959,34: 51).

Ibn-Sinna e Ibn Arabî apesar de o segundo sempre ter vivido no Oriente e de o primeiro ter nascido, passado a sua adolescência no Ocidente onde conheceu Averrois, "viajou" para Oriente. No entanto, o pensamento, quer dum quer doutro divulgou-se, irradiou por todo o Ocidente e por todo o Oriente[94].

Avicena, está fora de dúvida, representa uma forma de pensamento cheia de interesse, largamente divulgado[95] assim como fortemente contestado, servindo por igual para apoio a certas afirmações[96]. E isto, principalmente porque o tomou de Aristóteles, mas criando perspectivas próprias, apesar de serem algumas vezes simples comentários. Deste modo, por contraste e por opo-

---

[94] São várias as versões latinas do Autor: "Notes sur les traductions médievales des oeuvres philosophiques d'Avicenne" demonstram-no claramente: M. T. d'Alvéry, em *Arch. hist. doct. litt. Moyen-Âge* 1952, 27: 337-58. Por seu lado e com a autoridade que lhe reconhece H. Corbin "L'enquête est menée de façon si pertinente qu'elle nous semble aboutir à des résultats tout à fait concluants et dont le sens est tel que nous n'avons, pour notre part qu'à nous réjouir", (*Avicenne et le récit visionnaire*, T. 2, Teheran, 1954, p. 314 em Postscriptum), S. Pinès em "La philosophie orientale d'Avicenne et sa polemique contre les bagdadiens" (*Arch. hist. doct. litt. moyen-Âge*, 1952, 27: 5-37) demonstra claramente o seguinte: O *Kitâb al-Insâf* (Livro da arbitragem justa) devia conter, seg. Avicena, em exposição as divergências doutrinais opondo orientais e ocidentais, servindo aqueles de coberta para o próprio Avicena que atacava os filósofos de Bagdad, ocidentalizantes.

[95] Na opinião de G. Verbeke, especialista dos escritos árabes medievais, a partir duma tese de Doutoramento sobre o *Pneuma* (se. IV), coloca os fins do século XII como o início dessa divulgação, por intermédio da tradução para latim do "De anima, liber sextus de naturalibus", graças a um eclesiástico de Toledo — Gundissalvus ou Gundissalinus — ajudado por um sábio judeu Ibn Dawud. (Cf. M.- T. d'Alvéry, Avicenna latinus I, em *Arch. histo. doct. litt. moyen-Âge*, 1961, 28: 285). Por seu lado, o profundo conhecedor destes assuntos, Et. Gilson afirma: "nous avons conduit l'analyse des classifications de l'intellect jusqu'au point d'insertion de l'avicennisme dans la tradition chrétienne. Que le *De anima* de Gundissalinus marque ce point d'insertion, c'est ce que nous avions déjà signalé" (Pourquoi St. Thomas a critiqué S. Augustin, *Arch. hist. doct. litt. moyen-Âge*, 1926, 1: 5-127). La preuve ... en reliant Gundissalinus à la tradition greco-arabe dont il dépend" (Et. Gilson *Arch. hist. doct. litt. moyen-Âge*, 1929-30, 4: 5-107, com os textos latinos de 108-58) no "Les sources greco-arabes de l'augustinisme avicennisant".

[96] São lhe atribuídos, entre outros, estes conteúdos doutrinais: eternidade do mundo e subsequente não necessidade da criação, acção dos astros no comportamento humano e o intelecto agente supra-individual. Cfr. R. De Vaux, *Notes et textes sur l'avicennisme aux confins des XII-XIII siècles* (Paris, 1934, p. 30 e ss.).

sição de afirmações com S. Boaventura e numa certa proximidade pelo platonismo neoplatonizante encontra-se Avicena, com subido interesse na medida em que agarrou Aristóteles com perspectivas diversas muito próprias, num quase alerta aos exageros do racionalismo praticado por alguns, embora não puxando (falha) para a complementaridade de perspectiva dos valores, mas antes para a importância mais tarde atribuída ao "mundo imaginal".

É ainda em torno da "*Psyché*" que a nossa reflexão sobre estas épocas vai incidir. Mas não se trata propriamente da alma=espírito mas de "Psyché". Porque para estes autores do médio-oriente e do próximo oriente é a triologia corpo, alma, espírito que conta. Em que sentido, então, falar de alma, porquê um tal título em dezenas de publicações desta época? Será uma espécie de ludíbrio? Não o será se tivermos em conta o conteúdo semântico do vocábulo e o colocarmos no seu rigoroso plano não de alma, mas de "Psyché"[97]. Se pensarmos um pouquinho na sua oposição a "Physis", torna-se ainda mais evidente que "Psyché" só pode significar, numa leitura actual[98] a expressividade-unidade pessoal, como adiante melhor realçarei.

Podemos voltar a Avicena e ao seu pensamento original. Não impede que o seja, o facto de o seu pensamento se encontrar na sequência, ainda que não na dependência, de alguns autores interessantes, na opinião de Et. Gilson (1969), os quais muito

---

[97] Com efeito, no testemunho de Verbeke, "Psyché" teve uma transformação semântica notável, senão radical. Desde Sócrates, para quem designa não um "sopro" (Spiritus), nem um alento (suspiro) ou quejandos tais, mas a unidade da pessoa que conhece e que aprecia, que pensa e que age. Se repararmos bem, o próprio Aristóteles ou o seu ordenador dos materiais não usou "peri somatos", nem muito menos "peri nous", porque nem o corpo nem o espírito nem os dois associados constituem a unidade pessoal, como se acreditou depois, na esteira do infeliz bissubstancialismo cartesiano, infelizmente muito seguido logo de seguida por extremizações parciais e parcializantes, mesmo extremizantes, bem patentes nos avatares respectivos dessas posições, quer materialistas, quer espiritualistas, por esforço apologístico. Para o nosso caso, Aristóteles é categórico: "*peri Psychés*". Para a nossa hipótese não o é menos: "a personalidade só pensa com "imagens", e só pode ser pensada, como imaginal. (*De anima*, III, 431a).

[98] A leitura contrária acontece em muitos outros casos, por exemplo, de Demócrito e dos seus átomos, de Galeno e dos seus humores, etc..

ajudarão a compreender a diversidade e a originalidade do seu pensamento, adentro da tradição árabe e muçulmana. O texto importante parece ser o de Alexandre d'Afrodísio, em Alexandria e Atenas, situando-se entre 150 e 250, D. C., com um trabalho de grande importância e valor para a filosofia medieval, seja árabe seja cristã: "De intellectu et intellecto". Dando um pequeno salto, para a época, ajuda ainda a compreender Avicena, o filósofo Al-Kindi, século IX, com a sua obra "De intellectu", retomando alguns elementos de d'Afrodísio. Teríamos a realçar, mais um nome e uma obra "De intellectu et intellecto" de Alfarabi (+950) (Munck, ^{2}1927). A nossa hipótese de "mundo imaginal" pode ser vista, directamente (indirectamente muita outra coisa o mostra) nestas diferenças estabelecidas por estes autores: a alma é o sujeito que intelege: o intelecto é o suporte da intelecção; a intelecção é a actividade de inteligir e o inteligível são os objectos de intelecção ou a forma pela qual os objectos são apreendidos[99]. Para Avicena são importantes as imagens-arquétipos, uma espécie de mundo do imaginável, mundo imenso do imaginável, universo do símbolo, mundo da recordação, quer respeitante ao passado quer respeitante ao futuro. Torna-se claro que a obra de Avicena vai na sequência de Aristóteles, quanto ao esquema e na sequência de um platonismo neoplatonizante, quanto ao desenrolar das ideias originais, para além dessas duas referências. Há, portanto, na obra de Avicena uma perspectiva bastante inovadora. Principalmente no que se refere à descrição da própria personalidade. Por isso vale a pena reflectir sobre a pergunta que Verbeke formula:"Traité de l'âme" ou "Traité de l'homme"? ao iniciar as suas considerações no "Avicenna latinus", para optar pela segunda,em termos de afirmação[100].Por seu lado, Et. Gilson

[99] "Anima est intelligens, intellectus vero aut vocabitur virtus eius cujus intelligit aut vocabitur ipsa forma intellectorum suorum".

Gundissalinus aproxima-se dos vitorianos Hugo e Ricardo. Com efeito, distinguem ciência de sapiência com um certo interesse. "Scientia: comprehensio formae, ab imaginatione (sc. sensibilis), comprehensio formae ab intellectu (sc. intellegibilis). Sapientia: comprehensio animae ab intelligentia,comprehensio intellegibilium ab intelligentia et comprehensio Dei ab intelligentia". Boécio e outros falaram da ratio onde estes falam de intellectus.

[100] G. Verbeke, *Avicenna latinus* (IV-V), p. 3, Leuven-Leyden, 1968).

resume assim os temas fundamentais de Avicena: construir um termo médio entre a iluminação divina de Agostinho e os intelectos de Aristóteles; manter tanto quanto possível uma análise englobante da actividade humana, sem pressupostos; tirar proveito da divisão entre um intelecto agente, supra-pessoal e um intelecto possível intra-pessoal; em consequência desenvolver, muito para além de Aristóteles os "sentidos internos"[101]. Esta é a grande originalidade e o que há de mais interessante para o

---

Verbeke explicita a sua pergunta: porque não "tratado do homem" preferivelmente a tratado da alma, como o fez já Nemésio de Emesa que escolheu para o seu estudo (muito célebre na Idade média, embora atribuído a Gregório de Nissa) o título "De natura hominis"? Isso pode levantar um problema diferente: havendo uma coincidência entre homem e alma o que pode significar com precisão o termo alma? O termo alma, como já frisei diversas vezes, pode significar para nós hoje, personalidade, para ontem, homem e, para amanhã, provavelmente unidade pessoal, embora esta ideia já comece a ter um certo curso. Talvez tenha sido isso o que a originalidade de Avicena soube encontrar em Aristóteles. Com efeito, o método usado por Avicena foi o chamado, "per modum auctoris", frequente na Idade Média. Significa uma tal expressão que Avicena é o autor principal dos pensamentos que exprime, ao contrário de Averroes, embora como ele siga o texto de Aristóteles. (Cf. Et. Gilson, Avicenne en Occident au Moyen-Âge, *Arch. hist. doct. litt. Moyen-Âge*, 1969, 44: 89-121). E isto é muito importante, pois os elementos novos que aduz são significativos pois daí resultou a sua importância por todo o ocidente, em paralelo com o próprio texto de Aristóteles. De passagem, a diferença maior entre Avicena e Averroes é que este faz tudo o que pode para desconsiderar Avicena, limitando a sua influência ao censurá-lo por procurar compromissos entre a filosofia e a religião. Foi e continua a ser, com grande proveito para a reflexão sobre o humano, uma preocupação assumida pela filosofia muçulmana (p. 94).

[101] Cf. João Ferreira, *Presença do agostinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano*, Braga, 1959.

Já em Et. Gilson nós encontramos esta pergunta pertinente: "Terá havido um avicenismo latino?" E responde: na teologia cristã muito mais do que na teologia muçulmana, a filosofia árabe da Idade Média encontrou clima favorável ao seu desenvolvimento. (Avicenne en Occident au Moyen-Âge, *Arch. hist. doct. litt. Moyen-Âge*, 1969, 44: 120, n. 26).

Mais claramente, P.- M. De Contenson: "on considère Avicenne comme un interprète fidèle du Stagirite et c'est à travers lui que beaucoup comprennent alors la psychologie aristotelicienne, sans se douter du décalage des perspectives... Le succès d'Avicenne s'explique surtout parce que sa pensée, sans doute très infidèle, en réalité, à l'esprit authentique du Stagirite, présente une synthèse poussée et cohérente qui est en relative continuité avec les conceptions alors traditionnelles". Avicennisme latin et vision de Dieu, *Arch. histo. doct. litt. Moyen-Âge*, 1959, 34: 52 e 54.

nosso propósito, além de ser um passo em frente para uma análise mais adequada da personalidade. A profundidade diversificante desta análise deve-se à riqueza do pensamento hebraico e árabe a levar mais longe, e definitivamente, duma visão meramente fisicista ou fisicalista como o era a visão grega do homem, principalmente tendo em conta que as "coisas" mudam e que o sujeito "passa" dumas para outras. Neste contexto, os "sentidos internos" adquirem maior e melhor significado pois perspectivam uma certa continuidade e estabilidade sem, pelo facto mesmo, se recorrer ao nível intelectivo[102]. Avicena começa por distinguir e com manifesto interesse, a percepção da forma, da percepção da intenção. A primeira pertence aos dois sentidos, internos e externos (a forma do lobo) e a segunda, pertence apenas aos sentidos internos (a ameaça do lobo)[103]. Haveria ainda a considerar a percepção passiva e a percepção activa. A importância desta diferença pode-se encontrar na maior ou menor facilidade de utilizar os conteúdos do mundo imaginal que somos. Passando às actividades dos "sentidos internos" deparamos com um leque variado e quase pormenorizado, a chamar a atenção para as possibilidades de investigação aprofundante. A primeira é "sentido comum", também apelidado de fantasia ou recepção quer das formas quer das intenções dos sentidos exteriores[104]; a imaginação (fantastikón) formativa ou conservação das formas, mesmo que os objectos não sejam no presente percepcionados[105]; a cogitativa

---

102 "Animae autem necessariae sunt virtutes interiores ad recipiendum origines absentium duobus modis: uno, ut imaginetur in illis intentio visa stabiliter, alio, ut sint iuvantes et deservientes ei ad libitum eius, non impedientes eam nec trahentes eam post se". *De anima*, IV, 2, p. 27, 65. Segundo vários autores os nomes e até a quantidade variam bastante. Cf. H. A. Wolfson, The internal Sense in latin, arabic and hebrew philosophic Textes, *Havard theol. Rev.*, 1935, 28: 69-73.

103 Differentia autem inter apprehendere formam et apprehendere intentionem est haec: quod forma est illa quam apprehendit sensus interior et exterior simul... intentio autem est id quod apprehendit anima de sensibili, quamvis non prius apprehendat illud sensus exterior.." De Anima,I,5,p. 86, 93.

104 "Similiter est dispositio sensus communis ex quo est principium cuiuslibet virtutis sensibilis et ad quem postea redit cum lucro". De Anima, V, 8: 67.

105 "Debes autem scire quod recipere est ab una vi, quae est alia ab ea ex

(dianoêtikon) ou construção e arranjos das imagens conservadas[106]; a estimativa ou captação das intenções[107], isto é, as qualidades que escapam aos sentidos externos; a reminiscência ou memória (mnemoneutikón) ou a conservação das intenções, colhidas e trabalhadas pela estimativa[108].

Na opinião de Avicena, trata-se de actividades da alma e, no entanto, apoiado pela tradição galénica, atribui a cada uma um topos cerebral, claramente definido, por onde se pode concluir que a alma é a personalidade ou unidade pessoal. De tal modo que pode haver homens em quem as imagens falsas se impõem com tal força que se pode pensar em alteração da personalidade. Pode acontecer aparecerem homens em quem a imaginativa e a cognitiva são de tal modo fortes que se encontram dotados dum autêntico poder profético excepcional, ainda que adentro "das possibilidades da natureza humana". (De Anima, IV, 2). O que convém realçar ainda na perspectiva de Avicena é que todas estas capacidades se encontram orientadas para o nível intelectivo e suas manifestações, consequentemente, são saudáveis ou doentias em conformidade com a sua estruturação no conjunto expressivo que é cada personalidade, tendo em conta o papel radical que nessa estrutura desempenha o nível intelectivo[109]. Graças a este nível

---

qua est retinere". *De Anima*, I, I, 5, e III, 8.

106 "... solet componere aliquid de eo quod est in imaginatione cum alio et dividere aliud ab alio secundum voluntatem". *De Anima*, I, 5.

107 "... quod autem apprehendit vires occultas absque sensu vocatur in hoc loco, proprie nomine intentiones". De Anima, T. I, 5. Intenções é uma designação que pode ter interesse. H. Corbin, no entanto, prefere "signifiance", significância. *Avicenne et le récit visionnaire*, t, 3: 72, Teheran, 1954. O interesse de "intentio" pode compreender-se a partir do sentido re-descoberto pela fenomenologia e presente no pensamento de S. Tomás e restituído no seu sentido forte.

108 "Vis memorialis et reminiscibilis... retinens quod apprehendit vis aestimationis de intentionibus non sensatis singulorum sensibilium". *De Anima*, I, 5.

109 "Considera ergo nunc et inspice dispositiones istarum virtutum, qualiter aliae imperantur aliis et qualiter aliae fabulantur aliis". De Anima, I, 5. Até que medida terá contribuído para esta perspectiva, claramente justificada à base da fisiologia, a modalidade própria de Avicena, adentro da sua "psicologia", em contraste claro com a actualidade, por força da crença comum na

de actividade da personalidade é que se pode praticar a perspectiva da expressividade na análise do humano e, principalmente, compreender na sua totalidade o mundo imaginal, assim como no que lhe é específico. A tal perspectiva foi "sensível" Avicena ao analisar a intelecção, a criação estética e a capacidade de apreciação das realidades metafísicas[110]. Outra característica especificamente humana, a permitir a comunicação simbólica dos conteúdos do mundo imaginal é a sociabilidade, a qual se manifesta e afirma através dum desenvolvimento do estar com os outros ou sociogénese. Na expressão de Avicena é a grande nobreza do humano[111]. Quase seria legítimo dar um salto e vislumbrar a característica humana de culturalidade, de ser cultural, o que reveste considerável relevância para a hipótese que nos ocupa[112]. Com efeito tal característica manifesta-se em invenções criadoras da e para a sua perfacção, a partir da transformação da própria natureza. Acima de tudo, a comunicação pela convenção de sinais e símbolos: a linguagem e a língua a traduzir a criatividade pessoal acerca do que se passa à nossa volta. A personalidade é autor e actor dos seus meios de expressão, por isso é que as *suas expressões são mesmo expressões*, ou

---

evolução estratificante, mas só no que respeita ao humano? Com efeito, encontra-se em Avicena um realce claro para o nível intelectivo da actividade da personalidade. É dele que parte, analisando-o, em primeiro lugar, e só depois vai analisar o vegetal e o animal. Deste modo consegue mostrar o que é comum a todos os níveis e assim melhor evidenciar o que é específico a cada um deles. Processo interessante de evitar a banalidade actual, desclassificada por uma forte contradição interna, de analisar o humano e só o humano como se fosse um somatório dos níveis anteriores, pois a planta e o animal não são analisadas por somatório, mas por características específicas.

110 " Actiones quae propriae sunt hominum, sicut est percipere intelligibilia et adinvenire artes et meditare de creaturis et discernere inter pulchrum et foedum". De Anima, I, 4.

111 "Hoc autem est propter nobilitatem eius et ignobilitatem aliorum animalium, sicut postea scies alias". De Anima, V, 1.

112 "Homini autem necessarium est quaedam addere naturae". *De Anima*, V, 1. Expressão curiosa, significativa, com mais proveito para a investigação científica do que as fórmulas mais filosóficas dos nossos contemporâneos: "esse hominis est co-esse" ou nos humanos "ser é ser-para-outrem" ou ainda "ser é ser-por-outrem".

seja, manifestam sempre algo de próprio, tantas vezes de muito próprio, outras vezes apenas de algo apropriado, na medida em que o seu mundo imaginal é o que é de mais próprio de cada um: todo um conjunto inesgotável de imagens diversificadas a traduzirem conhecimentos e valores. Desse modo se compreende que a personalidade possa gizar o seu futuro no presente, aproveitando, expressivamente reconstruído, o seu passado[113]. Tudo isto manifesta, é operacional repeti-lo, a especificidade e a importância do nível intelectivo da actividade da personalidade e, por consequência, os conteúdos intelectíveis do mundo imaginal[114]. A ciência progride, o próprio conhecimento do comportamento animal e das reacções vegetais avança, esclarece-se graças à capacidade intelectiva do humano assim como, pela mesma via, se aperfeiçoam as técnicas de intervenção quer no meio físico, quer no meio vivo quer ainda no meio humano[115].

Para Avicena, o nível intelectivo é fundamental para a compreensão do humano. No entanto, em Avicena, sacrificando à tradição grega, a actividade intelectiva é analisada apenas na faceta de conhecimento[116]. Pouca importância é atribuída à actividade de iniciativa, mesmo ao livre-arbítrio ou, mesmo, ao agir enquanto tal. Tudo isto se encontra ausente em termos de aná-

---

113 "Ad hoc etiam adiicitur illud quod habet homo, scilicet, providere futura, quae debet facere et quod non debet facere et quae debet facere aliquibus horis et non aliis..." *De Anima*, V. 1. Torna-se inevitável realçar, talvez inútil?, o quanto isto é importante para uma compreensão humana dessa técnica de compreensão do humano, a técnica projectiva, quer como prática quer como fundamentação teórica.

114 "... formare intentiones universales intelligibiles omnino abstractas a materia, sicut iam declaravimus et procedere ad sciendum incognita ex cognitis intelligibilibus, credendo et formando..." *De Anima*, V, 1. Convém ter presente o sentido de *intentio*, enquanto conteúdo da actividade dum sentido interno como vimos acima. Por outro lado, *credendo* não acontece enquanto atitude de fé, mas de simples sentimento.

115 "Inde enim transsumit maximas propositiones ad id quod cogitat et concludit de particularibus" *De Anima*, V, 1.

116 "Anima intelligit seipsam et quod intelligit seipsam, facit eam intelligere se esse et intelligentem et intellectam et intellectum". *De Anima*, V, 6. O sujeito não conhece apenas os objectos nem principalmente, conhece-se a si como sujeito.

lise[117] o que é compreensível se tivermos presente a importância atribuída ao intelecto agente universal. Mas em termos de actividade cognitiva encontramos toda uma série de reflexões. Assim, temos duas potências, uma activa e outra contemplativa. A potência activa encontra-se na base das paixões corporais de actividades determinadas pelo pensamento, como as artes, os princípios de acção e os costumes, em função do ambiente social[118]. Por seu lado, a potência contemplativa situa-se no domínio das formas universais ou gerais[119]. Nela distinguem-se três actividades:pode ser, ora receptiva ou potência absoluta — *intelecto material* — em relação a todo o género de formas inteligíveis; ora, por desenvolvimento progressivo, entrar de posse dos princípios inteligíveis ou primeiros princípios evidentes por si mesmos, potência fácil, em efectivação — *intelecto "in habitu"* — ora, por posse de inteligíveis segundos, define-se por actuações próprias, conhecimento próprio, intelecto acomodado ou adquirido — *intelecto em acto* [120]. Por aqui se pode compreender melhor a afirmação de G. Verbeke, segundo a qual "o resultado global é, evidentemente, um Aristóteles novo, uma psicologia repensada, enriquecida e reestruturada... a imagem do homem é

---

117 Em *De Anima*, I, 5, fala do movimento, mas restrito aos elementos corporais; uma das raras referências ao livre arbítrio, segundo Verbeke, encontra-se aqui nesta expressão: "agere actiones electione deliberationis".

118 "Vis autem activa est quae est principium movens corpus hominis ad actiones singulas quae sunt propriae cogitationis, secundum quod intentionibus convenit ad placitum quae appropinquantur ei..." *De Anima*, I, 5.

119 "Haec autem virtus contemplativa habet ad has formas comparationem diversam, quia id quod solet aliquid recipere, aliquando est receptibile eius in potentia, aliquando est receptibile eius in effectu". *De Anima*, I, 5.

120 "Aliquando est comparatio eius quod est in potentia possibili, hoc est, cum in potentia materiali habentur, de intelligibilibus..." ou "... haec potentia vocatur intellectus materialis ad similitudinem aptitudinis materiae primae..."; "Aliquando est sicut comparatio eius quae est in potentia perfectiva... cum voluerit consideret illas formas et intelligat eas et intelligat se eas intelligere. Et vocatur hic intellectus in effetu...", "... secunda autem vocatur potentia facilis vel possibilis..."; "... aliquando autem comparatio eius est sicut comparatio eius quod est in effectu absoluto: hoc est cum forma intellecta nunc in praesenti est in eo, et ipse considerat eam in effectu et intelligit in effectu et intelligit se intelligere in effectu...", "... potentia vero tertia, perfectio". *De Anima*, I, 5, V, 1.

mais humana do que a do Estagirita... podemos dizer que a doutrina psicológica de Avicena foi acolhida favoravelmente pelos teólogos e pelos filósofos cristãos da Idade Média latina, e frequentemente invocado em apoio às suas doutrinas"[121].

No sentido de continuar a trabalhar com a hipótese presente nesta reflexão, podíamos resumir, afirmando que o mundo imaginal na sua forma de generalidade ou universalidade, particularmente posto em relevo nesta parte final sobre a especificidade do nível intelectivo, esse mundo imaginal é um facto incontestável, graças ao intelecto agente o qual faz aparecer nas imagens sensíveis algo de diferente. Assim como os sentidos internos fazem aparecer nas imagens bio-fisiológicas algo de diferente assim não pode repugnar que o nível intelectivo faça aparecer algo de diferente, pois se trata dum nível também claramente diferente. Sem mais. A intervenção deste intelecto agente a dar um conteúdo diferente às imagens pode acontecer a nível pessoal, ser uma actividade pessoal e personalizante e temos a hipótese de S. Tomás; mas também pode acontecer a nível supra-pessoal, tratar-se dum intelecto agente comum a todos os humanos, possuindo estes, cada um um "intelecto santo" ou capacidade de se unir, em maior ou menor grau ao intelecto agente universal (*De Anima*, V, 6.), donde recebam as imagens inteligíveis correspondentes. Aprender, em nível intelectivo, é conseguir a aptidão perfeita de se unir ao intelecto agente, fonte dos inteligíveis, aptidão esta que é o próprio intelecto em acto, isto é, as próprias formas inteligíveis, este conteúdo parcial do nosso mundo imaginal, objecto da nossa atenção.

Para concluir com Verbeke "é inegável que a inspiração fundamental desta psicologia é de origem neoplatónica, embora o quadro da exposição e a linguagem filosófica sejam a maior parte das vezes, importadas de Aristóteles... mas o homem não aparece

---

121 E isto, apesar das controvérsias por ele suscitadas em torno da unicidade do intelecto agente, por representar uma espécie de ameaça à unidade do sujeito, e superadas por S. Tomás com a demonstração da individuação do mesmo intelecto agente. G. Verbeke, *Avicenna latinus, seu Sextus de naturalibus*, Leuven, Leyden, 1972, p. 1-2.

como princípio de iniciativas criadoras"[122]. No entanto, muito há a retirar, destas breves amostras, para uma compreensão mais diversificada do humano e para um aprofundamento da análise das suas expressões, tendo particularmente em conta a ênfase dada ao nível intelectivo e aos "sentidos internos" e sua importância na expressividade humana[123]. Claramente, em hipótese longínqua, o mundo imaginal que é a personalidade, ao dar, porque recebeu, elaborando e elaborou, expressando-se.

---

122 G. Verbeke, *Avicenna latinus, IV-V, Liber sextus de naturalibus*, p. 72-3, éd. crítica de Van Riet, Leuven-Leyden, 1968.

123 S. Landauer, *Avicenna's Psychology*, Oxford-London, 1952.

M. Amid, *Essai sur la psychologie d'Avicenne*, Genève, 1940.

L. Gardet, *La pensée religieuse d'Avicenne*, Paris, 1951, com resenha bibliográfica até 1940.

G. C. Anawati, Chronique avicénnienne, *Rev. Thomiste*, 1961, 61: 614-34.

3) Aprofundamento diversificante do imaginal

Seria útil, será conveniente, devo mesmo alargar a amostragem relativa ao tema do mundo imaginal nessa Idade-Média tão desconsiderada e de tão profunda e diversificada reflexão? Apresentar uns quantos elementos de perspectivas sobre o imaginal no século XIII, em continuidade aprofundante, em aprofundamento esclarecedor e em esclarecimento vantajoso para a temática aqui equacionada, mostra uma vez mais a projecção possível dessa idade classificada de média e que em nada foi média nem medíocre a não ser por uma pura convenção.

Até porque o renascimento não terá sido tão renascimento como isso, ao menos no domínio das ciências psicológicas ou na análise da personalidade, tema que aqui nos ocupa sob o título de realidade do imaginal. A partir daí, com o advento das ciências astro-físicas, das ciências físico-químicas a seguir e, por fim, das ciências bio-fisiológicas, aconteceu um seguidismo amorfizante e um reducionismo depauperante para a investigação sobre o humano. Amostra significativa encontra-se presente nos processos de reflexão e de linguagem — a polémica entre os iatroquímicos e os iatromecânicos, levantando-se depois os vitalistas — presentes na actualidade, das mais diversas formas, sempre bem aceites.

Desta forma, comecemos por S. Tomás de Aquino e a vertente aristotélica-augustiniana, passando em seguida à vertente augustiniana-neo-platónica em S. Boaventura. Através da diversificação das análises realizadas e das perspectivas praticadas sobre a actividade intelectiva — intelecto agente e intelecto passivo — Tomás de Aquino fundamenta claramente a possibilidade do mundo imaginal, quer como facto quer como opção, pela clarificação que pratica relativamente à origem das ideias. Compreende-se, numa primeira manifestação, essa clarificação quando focaliza a alma, com toda a força da sua reflexão em contraposi-

ção com as realidades físicas ou as realidades metafísicas. Focar preferencialmente a alma é colocar-se muito próximo do mundo imaginal se à alma, evidentemente, dermos o sentido de unidade dinâmica e se a compreendermos por diferenciação com os outros dois mundos, um claramente externo a actuar sobre a sensibilidade e o outro como referência constante e ponto de apoio ou partida para a compreensão mais profunda de tudo o que se passa.

Para compreender o que acontece na alma ou o que engloba o vocábulo alma, torna-se impossível descrevê-la ou vê-la simplesmente como reprodução do exterior — perspectiva empirista — ou como definidora do mesmo exterior — perspectiva idealista. Efectivamente, é possível que a relação que o homem estabelece com as "coisas", seja ele próprio essa relação, a qual só acontece na medida em que ele a estabelece para a ser e a é na medida em que a pratica, construindo-se, através da sua actividade expressiva[124]. É claro que aqui seria indispensável ir muito mais além da vulgarização da perspectiva metafísica sobre a alma como entidade isolada, a definir na sua relação com o corpo e, por isso, a negar ou afirmar como real[125] ou da vulgarização empírica,

---

[124] Muito longe se encontra esta "leitura" daquela que foi praticada em termos de tese por J. de Ercilla, publicada com um título que revela significativamente e localiza claramente o conteúdo: *De la imagen à la idea. Estúdio critico del pensamiento tomista*, Madrid, 1959. A solução ou a problemática a equacionar não consiste em ver na imagem um momento transitório ou uma forma passageira para algo supervalorado em perspectiva gnoseológica, a ideia, em perspectiva metafísica, os seres e o ser, mas de ver a própria ideia como imagem, adentro duma perspectivação científica, enquanto imagem vivencial de qualquer realidade. Na introdução afirma: El movimiento pendular de los sistemas que en el decurso de la Historia de Filosofia han oscilado entre un realismo extremo e un idealismo exagerado pasando por un sensismo e un materialismo mas o menos ansioso y desesperante, prueba de novo que los ejes sujeto y objeto han echo girar en torno de si la atencion y el estudio de los pensadores de todos los tiempos". E, mais adiante: "De esta reduccion del campo explicito de estudio resulta lo que propriamente buscamos de esto: 1) Que elementos se encuentram en Santo Tomás sobre la causalidade del fantasma en ideogenia? 2) Supuestos esos elementos, podemos hablar duna teoria determinada de la causalidade del fantasma, segun Santo Tomás?"

[125] Da tematização idealista: *eu pensante* = entendimento = consciência = alma e *extensão* = mecanismo = volume = corpo formalizou-se o *paralelismo* (Descartes), com a ocasionalidade das impressões e movimentos,

apoiada no conteúdo etimológico de "sopro" e "vento"... Haveria que evidenciar o aspecto dinâmico, mais ou menos por força da etimologia, de *alma* = anima ou animação e de *psyché*: vento, dinamismo, avançando para alma ou "psyché", em perspectiva técnico-científica como unidade dinamicamente englobante da totalidade das expressões humanas de alguém[126]. Esta perspectiva de expressividade encontra-se presente em muitas passagens da obra de Tomás de Aquino, constituindo uma quase plataforma especificante,para uma compreensão verdadeiramente adequada da personalidade. "É indispensável que as suas operações sejam do homem enquanto todo" (III Sent., d, 31, q. 2, a. 4). Mais claramente ainda e dum modo que vai realçar consideravelmente o aproveitamento da diferenciação dos níveis das coisas, afirma: "propriamente falando nem os sentidos, nem o intelecto é que conhecem, mas *o homem por intermédio dos dois*[127].

---

concretizou-se o *ocasionalismo* (Malebranche), com a definição de "mónadas" fechadas, apareceu a *harmonia pre-estabelecida* (Leibniz), até chegar à redução do dualismo, afirmando haver apenas dois modos duma *só substância* (Spinoza). Chegando-se à conclusão que há uma só substância, compreende-se que se tenham desenvolvido em paralelo *o monismo materialista* de Marx e Engels, a partir de Feuerbach e *o monismo espiritualista* de Hegel, Renouvier e Bergson com um intermediário vitalista, reduzindo mais ou menos a alma ao sentimento com Klages, Max Scheller. (Cfr. S. Strasser, 1953, F. J. C. Nuyens, 1948, B. Echeverria, 1948, F. Alquié, 1950.

126 Assim diz o texto bíblico (Gen. II, 7): "Deus modelou o homem com limo da terra e soprou sobre ele (nismat) e o homem tornou-se uma pessoa viva (nefesh). Nefesh é o ser que respira, respiração ligada ao sangue, respiração-sangue, sinal de vida. Por uma transformação semântica "nefes" passou a significar pessoa, pronome pessoal, unidade pessoal sem dualismos de qualquer figurino. A partir daqui se compreende o segundo texto da mesma Bíblia (Gen. I, 26): "Diz Deus: creemos os humanos à nossa imagem e como nossa semelhança e que dominem..." sobre todas as outras espécies. Isto mostra que é radicalmente diferente dos outros seres até porque "cada um ficaria" com o nome que o homem lhe tivesse dado" (Gen. II, 20). Não se trata, portanto, dum simples viver apenas mas aspirar a viver, porque o analisa e o aprecia consciência da vida que é, no fundo, expressividade.

127 "Non enim proprie loquendo sensus aut intellectus cognoscunt sed homo per utrumque" (De Ver., q. 2, a. 6, ad 3. m). E para maior clareza do seu pensamento encontramos um texto da Summa Teológica a mostrar a cooperação das diversas actividades para o mesmo acto do conhecer, em unidade indispensável: "unde manifestum est quod ad hoc quod intellectus actu intel-

Claramente expressa a unidade dinâmica da pessoa que podia corresponder a "alma", se não fosse desviada do seu sentido original pelo enquadramento metafísico de índole dualista adentro do qual foi empregue e divulgada. Noutro local, Tomás de Aquino realça a diferença entre o novo e o antigo no que toca à relação entre o mundo intelectível e o mundo sensível, quando se adquire um primeiro conhecimento ou quando se contacta de novo com um objecto conhecido. É evidente, neste contexto, a distinção, esquecida na prática como na teoria por muitos, entre sensação e percepção, dando o A. à percepção quase o sentido actual de elaboração (II C. Gentes, c. 73).

De tudo isto pode ir aparecendo o que parece válido em Tomás de Aquino e que aqui nos ocupa. É claro que não é pertinente ou não pertence ao conjunto da reflexão discutir o problema da possibilidade, do modo ou da verdade do conhecimento[128], nem

---

ligat non solum accipiendo scientiam de novo sed etiam utendo scientia iam acquisita, requiritur actus imaginationis et ceterarum virtutum". E já vai buscar a prova do que afirma à alteração, usando a base patológica da observação: "videmus enim quod impedito actu virtutis imaginativae per lesionem organi ut in phreneticis et similiter impedito actu virtutis memorativae ut in lethargicis, impeditur homo ad intelligendum in actu, etiam ea quorum scientiam preaccepit" (S. Th.,: 84, 7, c). Abusivo seria ver aqui uma antecipação da perspectiva organo-dinamista de H. Jakson, Moreau de Tours, reelaborada magistralmente por H. Ey. Como abusivo se me afigura, reduzir o pensamento do Aquino ao passado, em alheamento completo dos conhecimentos bio-fisiológicos. Cada texto de pensamento no seu contexto, a realçar as repetições ou as antecipações, não tanto na forma, sempre devedora ao historico-cultural, mas no conteúdo a ultrapassar o seu próprio tempo.

Noutro passo, ainda: "Verum est quod scientiam a sensibilibus mens nostra accipit; nihilominus tamen ipsa in se similitudines rerum forma in quantum per lucem intellectus agentis efficiuntur formae a sensibilibus abstractae, intelligibiles in actu, ut in intellectu possibili recipi possint" (De Ver. q. 10, a. 6). Mais explicitamente o mostra o nosso João de S. Tomás: "Ex quibus patet pertinere ad ipsum intellectum suo actu qui est intelligere *formare sibi objectum* in aliqua similitudine representante at intra se ponere... Ille autem actus quo formatur objectum est cognitio: cognoscendo enim format objectum et formando objectum intelligit..." C. Theol., p. 1, q. 27, d. 12, a. 5, n.5). De facto, o mundo imaginal — representante, similitudinem — é criação nossa, instrumento nosso para a nossa expressividade.

128 Trata-se do problema que debate constantemente T. d'Aquino e constitui um dos pontos fulcrais da sua obra, tendo em conta a vulgarização do neoplatonismo por intermédio desse divulgador de Aristóteles que foi

discutir a função dita intelectual. E muito menos interessa discutir de que substância se trata: completa ou incompleta. Com efeito, a solução do bi-substancialismo cartesiano e suas sequelas, fez esquecer completamente a perspectiva das substâncias incompletas (Tomás de Aquino), na sequência desse pensamento metafísico de "acto e potência", a realçar a unidade dinâmica na actualidade da investigação científica, mas na sequência do pensamento medieval[129]. Aqui gostaria apenas de tentar mostrar a vantagem de especificar a condição de todo o conhecimento, enquanto actividade da e duma personalidade que me parece ser *a imagem*. Ou seja, a personalidade expressa-se perante os objectos e perante os outros, em termos sensoriais e em termos intelectíveis, como mundo imaginal que é. Tal facto, é particularmente notório na prática psicológica. O caso exemplar é o dos protocolos das técnicas projectivas, como a sua própria base de ciência ou de sistema de conhecimentos, apontando sempre para o psicoprognóstico sobre a personalidade. Só os protocolos, enquanto dados duma personalidade, podem esclarecer, "iluminar", as características *duma* personalidade, a partir duma noção o mais adequada possível *da* personalidade, isto é, quer enquanto personalidade que se expressa, quer enquanto protocolos que manifestam uma personalidade, trata-se de algo real, realmente real[130]. Em linguagem de Santo Tomás: o concurso do fantasma, real e

---

Averroes, com grande mistura, a partir de Avicena, de (neo)platonismo. Um exemplo apenas: "Phantasmata se habent ad animam intellectivam sicut sensibile ad sensum. Sicut sensus non potest sentire sine sensibili, ita anima non potest intelligere sine phantasmate" (III De anima, 1, 12).

129 Duas amostras apenas: "non est detrimentum animae quod corpori uniatur sed hoc est ei ad perfectionem suae naturae" (Q. Disp. de Anima, a. 2, ad 14m). Não se pode ser mais claro e categórico. "Anima unita corpori est quodammodo perfectior quam separata" (Ibid. a. 17, ad 1m.). E ainda: "Intelligere quod sit per abstractionem a phantasmate indiget corpore tamquam continente objectum quod est phantasma: non tamen situ medio actionis" (IV Sent., d. 45, q. ad 1m). E também: "Sic ergo patet quod proprie melius animas est ut corpori uniatur et intelliget per conversionem ad phantasmata".

130 *II De anima*, lect. 12; *De Ver.* q. 11, a. 5, ad 15m. Em q. 8, a. 6, fica bem claro: Et ideo non sufficit ad cognitionem contactum inter cognoscens et cognitum; sed oportet quod cognoscibile cognoscenti uniatur ut forma vel per essentiam suam vel per suam similitudinem".

concreto ou imagem que o sujeito se forma a partir do objecto é o caminho para o termo compreensível do processo que é o intelecto possível. Não importa, no entanto, se se trata de verdade ou de erro, nem de saber a "quididade" da coisa ou de algo diferente. Apenas se trata duma existência diferente da do objecto, real a qual passa a ser, de realidade intencional ou expressividade. Tomás de Aquino frisa isso claramente em diversos passos importantes da sua obra que essa existência nova, adquirida pelo objecto é *igualmente real*. Tal realidade, para o presente propósito, mundo imaginal, pode ser considerada sob dois aspectos: um de ordem ôntica ou acto duma potência e outro de ordem intencional, tendo como condição o ôntico e assim foca a representação ou o aspecto representativo desse mundo, também real. Não se trata, portanto, de seres mas de aspectos duma mesma realidade[131]. No entanto, a representação nunca é definitiva mas sempre reformulável ou seja, passível de transformação ou de aperfeiçoamento[132]. Trata-se dum princípio claro de actividade, em termos de conteúdos de expressividade de alguém[133].

Convém ter sempre presente, toda e qualquer actividade humana pressupõe a personalidade, por inteiro, daí que ou não se pode falar em nome duma personalidade ou não se trata,

---

131 "Imago rei dupliciter considerari potest: uno modo in quantum est res quaedam...; alio modo consideratur prout est imago..." *De Verit.* q. 11, a. 5, ad 15m; q. 8, ad 9m; *S. Theol.* I, 12, 2.

132 "Motus qui est in imagine, prout est imago, non consistit in ipsa, sed tendit ad cujus est imago" *S. Theol.* II-II, 81, 3 ad 3m. Numa outra passagem: "... non tota (anima) est intellectiva sed secundum aliquam sui partem pertingit ad intelligentiam veritatis cum quodam discursu et motu arguendo" *S. Theol.*, I, 79, 4, c.

133 "Omne quod exit de potentia in actu potest dicere pati, etiam quum perficitur. Et sic intelligere nostrum est pati...". Um "sofrer" que aperfeiçoa e pode aperfeiçoar constantemente na exacta medida em que o seu caminhar é descobrir e a partir da descoberta, caminhar, aperfeiçoando-se. Encontra-se aqui um aspecto polémico entre escotistas e tomistas, na clara reprodução da polémica entre platónicos, para quem as actividades das ideias inatas é primordial e os aristotélicos para quem a passividade do sujeito é o arranque para a actividade em termos de desenvolvimento, como fica claramente demonstrado em psicologia genética: o sujeito e o objecto não se apresentam como activo e passivo (idealismo) ou passivo e activo (empirismo e behaviorismo) mas os intervenientes numa mesma expressão de contacto com o real.

efectivamente, da personalidade. Mesmo no caso concreto, talvez sobretudo, do conhecimento. Pois neste há que realçar duas facetas: a possibilidade e a actividade, a capacidade e o objecto. Principalmente, há que realçar o agente, enquanto intelecto agente, sujeito da possibilidade e base da actividade, possuidor da capacidade de captar o objecto. os conteúdos elaborados pela personalidade agente através da actividade sensori-motora, sensori-perceptiva, da formação das imagens sensoriais (fantasmas?) ou aquelas que ainda não atingiram as características de intelectível e/ou universalizável. Todas são conteúdos do mundo imaginal que é a personalidade.Para além disso, o elemento que aqui importa evidenciar não é propriamente a relação entre conhecente e conhecido (simples gnoseologia), mas que esta relação é de ordem intencional, inerente à realidade *que se cria* ou é criada: a imagem do objecto, sensitivo ou intelectivo, à imagem e semelhança do sujeito e do objecto. Verifica-se, por este meio, uma superação valorativa das reflexões dos místicos dos séculos XI-XII e, principalmente, dos gregos: Platão, por um lado, Aristóteles, pelo outro. Claramente, em relação ao primeiro e não menos em relação ao segundo. Com efeito, para o propósito que nos ocupa, fica clarificado definitivamente, de modo inovador e original, a intencionalidade da imagem. Intencionalidade esta a caracterizar originalmente a relação entre sujeito e mundo. Não se trata de apresentar o sujeito, dependente ou produto do mundo, sensorial ou intelectível, mas de o sujeito se desenvolver, transformando-se e transformando, de certo modo o próprio mundo[134].

---

134 "Cognoscens qua cognoscens fit aliud in quantum aliud" era versão frequente e é-o ainda hoje sob outros ou os mesmos moldes metafísicos. Garrigou-Lagrange em "Cognoscens quomodo fit vel aliud a se" (*Rev. neoscol. de Phil.*, 1923: 420-9) acrescenta algo importante, válido em si e valioso para o caso que nos ocupa: "cognoscens qua cognoscens fit quodamodo aliud in quantum aliud" ou "formam rei alterius" (*De Ver.*, 128, q. 2, a. 2). H. D. Simonin "L'identité de l'intellect et de l'intelligible dans l'acte d'intelligence" (*Angel.* 1930: 247) e em "Connaissance et similitude" (*Rev. sc. phil. et théol.* (1931: 293-303) ao falar da semelhança do sujeito com o objecto realça a mesma ideia, pois é certo que o sujeito resulta *outro* na medida em que se forma do objecto uma imagem, mas não *o outro* como pretende Maritain (*Réflexions sur l'intelligence*, p. 52). Esta polémica em que outros intervieram como N. Balthasar, "Quelques précisions au sujet de la connaissance de

Quadro 3

TÓPICOS	ARISTÓTELES	TOMÁS D'AQUINO
Objecto da Psicologia	Acções ou comportamentos do organismo	Unidade substancial
Pensamento	Função activa do organismo perante as coisas	Actividade de intelecção ou de "ler dentro"
O homem	Um organismo animal com elementos racionais	Unidade hilemórfica
Método de análise	Dissecação e observação	Observação e dedução
Corpo e psíquico	Estrutura - função Relação biótica	Convergência activa de potencialidades
Razão	Um tipo de função ou actividade	Nível específico de actividade
Perspectiva	A Psicologia é um ramo da física	A psicologia é antropologia metafísica

Nesta época encontramos um tema, também frequente e ainda hoje sintomático, embora noutros moldes, que é o exemplarismo ou a evidenciação da causa exemplar. Que poderá esse tema trazer para a compreensão, ainda que apenas como início, do mundo imaginal? A imagem é apenas a tradução de algo. Mas aquilo de que é tradução diz-se com mais rigor exemplar[135]. Mais claramente afirma noutra passagem que a semelhança tanto pode ser por exemplaridade como por imaginalidade[136]. Pode ser

---

l'autre" (*Rev. neoscol. de Phil.*, 1923: 431-47); H. Boskovic em "Immanentia et transcendentia cognitionis" (*Acad. St. Thomas*, 1937: 113-21) pende para uma clarificação em teoria do conhecimento. Para nós vale na medida em que, como nos diz T. de Aquino (De Ver., q. 8, a. 1): "ex intelligente et intelligibili oportet aliquo modo fieri in intelligendo unum" a mostrar que somos o que somos, *ontologicamente*, somos mundo imaginal, *intencionamente*, adentro das nossas actividades expressivas.

135 "Imago proprie dicitur quod procedit ad similitudinem alteris" e a seguir: "Id autem a quo procedit dicitur proprie exemplar, improprie autem imago" (S. Th., 35, 1, ad im.; I 93, 5, ad 4m).

136 "Verbum autem interius est quaedam ratio et similitudo rei intellectae... similitudo rei naturalis in nostro intellectu concepta, compa-

considerado específico da personalidade a causalidade exemplar: pelo que elaboramos, percepcionando, pelo que criamos discorrendo e pelo que re-criamos expressando. E é porque expressamos o que elaboramos, criando, que os protocolos dizem algo de alguém, particularmente o que é aspiração, muito mais do que aquilo que não passa de repetição ou de repetitivo, por patologia declarada ou não. Ainda aqui, em breve alusão, Tomás d'Aquino foi via para a afirmação da realidade do mundo imaginal. Com efeito, a imagem adquire a sua razão de ser no objectivo que a personalidade prossegue[137]. De novo, afirmada a característica de finalidade, de objectivo, melhor, de aspiração inerente ao mundo imaginal, o mesmo é dizer, à personalidade. Algo pode consequentemente ficar assente: acontecem com igual concretude ou realidade, as coisas e as imagem do "mundo". Ou seja: *a realidade é realidade em alguém enquanto imagem e a imagem é imagem de algo enquanto realidade*. O mundo das realidades, quer físicas quer metafísicas é passível de ser imagem em alguém e o mundo das realidades pessoais, quer físicas quer metafísicas (mundo imaginal) é sempre referenciável a algo.

Quem desenvolveu até às últimas consequências a exemplaridade foi, sem dúvida e neste tempo medievo S. Boaventura, também dito Doutor Seráfico[138]. Apoiando-se naquilo que hoje se poderia apelidar de nível intelectivo da actividade da personalidade, claramente fundamentado, é que melhor se pode compreender, enquanto facto e melhor se pode demonstrar, enquanto

---

ratur ad rem cuius similitudo existit ut ad suum principium, quia nostrum intelligere a sensibus principium accipit, qui per res naturales immutantur" (IV C. Gentes, c. 11; I Sent., d, 28, q. 2, 1, c).

137 "Quia forma exemplaris vel idea habet quodammodo rationem finis". E noutro passo: "... idea est forma quam aliquis imitatur ex intentione agentis qui determinat sibi finem" (Q. de Ideis, a, 1).

138 Realçarei os aspectos mais pessoais, na certeza de que muitas posições de Boaventura coincidem ou são em comum com Tomás de Aquino. A oposição, quando a há acontece mais entre escolas do que entre os autores. Até porque o que se pode verificar na globalidade são diferenças, atingindo, simplesmente um certo relevo num contexto mais geral. Cfr. F. Brunner, Le conflit des tendances platoniciennes et aristotelicienne au Moyen-Âge, *Rev. Theol. Phil.*, 1955, 5: 179-92.

opção o Mundo imaginal a partir das análises praticadas por S. Boaventura em torno do intelecto agente e do intelecto possível. Com efeito, a imagem encontra-se em relação com a inteligência ou actividade cognitiva de nível intelectivo, capacidade de discorrer, como a semelhança se encontra em relação com a vontade ou com a iniciativa, actividade de amar[139]. A imagem acontece, portanto, como uma conveniência segundo a configuração e, por isso, situa-se mais propriamente no cognoscitivo, ao passo que a semelhança na conveniência de qualidade, mais do lado afectivo. E assim, graças a esta dupla faceta, a imagem como tal, tanto pode ser destruída como transformada em mais semelhança, isto é, em maior adequação[140]. Em S. Boaventura a problemática em torno da imagem, por outro lado, aparece na distinção claramente estabelecida, entre imago e ad imaginem[141]. A imagem é o indispensável mediador entre o homem e a realidade, sendo o homem mundo imaginal. O mundo imaginal, porém, não esgota nem a realidade passível de ser captada ou imaginável nem a capacidade de formar novas imagens, nem sequer de transformar as já acontecidas. Por outras palavras: a capacidade é ponto de partida, constantemente apta a actuar no sentido dum desenvolvimento do próprio mundo imaginal que é a personalidade, ou seja, em constante superação explicitativa de si própria. Daí, o mundo imaginal será sempre um todo estruturado e estruturável, conjunto de imagens imperfeitas ou incompletas, semelhanças aproximativas: a identidade entre sujeito e objecto e, pior ainda, entre sujeito e sujeito torna-se impossível por impraticável. Por outro lado, S. Boaventura aponta para uma distinção nítida, a qual vai favorecer esta perspectiva de desenvolvimento, entre

---

139 "... imago est in potentia cognoscendi et similitudo in potentia diligendi. Quia, enim, imago consistit in convenientia, secundum configurationem... imago principalis ponitur in cognitiva. Similitudo vero dicit convenientiam in qualitate... hinc est quod similitudo ponitur principaliter in potentia afectiva" (II Sent., d. 16, a. 2, q. 3; 405a: Cf, ibid. a. 1, q. 1; II 395b).

140 "Quanto maior est convenientia, tanto expressiva est similitudo hinc est, quod quantum ad hoc genus similitudinis rationalis criatura est similiter expressa et ideo imago est" (II Sent., d. 16, a. 1, q. 1; 395a). Explicação diversificante.

141 II Sent., d. 16, duv. III; II 407b.

"sombra, enquanto traduz algo longinquamente e quase confusamente, vestígio, enquanto traduz algo longinquamente mas com clareza; e imagem, enquanto acontece em grande aproximação e clareza"[142].

O mundo imaginal, por outro lado, responde a um problema de fundo no contexto do pensamento medieval: explica o modo como o diverso se encontra na realidade única que é a personalidade[143]. Com efeito, não basta agarrar a realidade primeira, inesgotável apesar de produzir algo para o "exterior", como foi ponto importante na Idade Média. Não basta fazer do mundo físico, através do mecanismo da evolução — substituto da criação — em análises diversificadas, para compreender o modo do diverso nesse mundo. É fundamental compreender como é que a personalidade se manifesta na multiplicidade das suas expressões e como é que a multiplicidade das expressões pode caber, em forma exemplar na unidade pessoal. Haverá que ter em conta que para Boaventura a unidade máxima é a síntese da "causa essendi", da "ratio intelligendi" e da "ordo vivendi". Trata-se duma fórmula que vem de S. Agostinho. Mas a aplicação feita por Boaventura vai mais além. Este confere-lhe um realce muito para além das causas tradicionais: material, formal, final e eficiente

142 "Nam *umbra* dicitur in quantum representat in quadam elongatione et confusione; *vestigium* in quantum in elongatione et distinctione; *imago* vero, in quantum in propinquitate et distinctione" (*I Sent.*, d. 3, p. 1, a. 2, q. 2: I, 73 ab).

143 Neste sentido reveste-se de particular significado a obra "De reductione artium ad theologiam" a qual "tem de notável a própria divisão ou classificação das ciências e, embora decalcando a "Eruditio didascalica" de Hugo de S. Victor, nem por isso deixa de ter máxima importância, como até já observara Teófilo Braga, pois se baseia sobre as três manifestações do nosso ser — activa, especulativa e afectiva — que são respectivamente as artes mecânicas, o conhecimento sensitivo... e o filosófico-teológico, designadamente no aspecto contemplativo..." Por outras palavras e sinteticamente: "exactamente porque marca o ponto de junção e o encontro das iniciativas humanas da investigação do verdadeiro e da iniciativa divina, reveladora da verdade, o sistema bonaventuriano ajusta-se à maravilha ao movimento actual de interioridade e de inquietação". S. Boaventura, *Redução das ciências à teologia* (Coimbra, ²1970) Da introdução para a tradução portuguesa, por I. Sousa Ribeiro, p. 16 e 14.

(Aristóteles)[144]. Há que dar preferência, maior relevo ou importância à *exemplar*, causa autónoma, quase síntese de todas as outras ou razão explicativa da sua diversidade, acompanhada de eficiente e da final[145].

Neste sentido, há que considerar a unidade, em perspectiva metafísica, unidade absoluta (Deus) exemplar máximo[146] e a unidade em perspectiva técnico-científica, uma unidade relativa das ideias que conhecendo, valoramos. Em parte, nos humanos, esta unidade pode equivaler ao mundo imaginal da e de cada personalidade que aí encontra a sua "razão" de existir, de compreender e de agir[147]. Para adequada compreensão de tudo isto só a afirmação duma ou da causa exemplar. Ela e só ela nos permite praticar, compreendendo a física (veritas rerum), a lógica (veritas sermonum) e a moral (veritas morum)[148]. É que, propriamente

---

144 Aristóteles, *Metafísica*: L. I, cp. VII. L. V, cp. 1, VIII, cp. VII e VIII.

Pedro da Fonseca, *Comentariorum Petri Fonsecae... in Libros metaphysicorum Aristolelis Stagiritae*, T. I. Romae, 1577 (L. I, c. VII, q. 1, sec. I). C. Abranches em comentário ao comentário (A Causa exemplar em Pedro da Fonseca, *Rev. port. Fil.*, 1958, 14: 3-10) avança resumindo: em todo o efeito "a unidade vem-lhe da causa eficiente que produz aquele ser determinado e diferente de qualquer outro... a inteligibilidade ou a sua verdade provém-lhe da causa exemplar e a sua bondade ou valor do fim ou causa final". (10)

F. Anciaux, La cause exemplaire, *Re. August.*, 1907, 11: 695-709.

145 "Ex hoc, quod licet omnes viderint primam causam omnium principium, omnium finem, in medio tamen diversificati sunt. Nam aliqui negaverunt, in ipsas esse exemplaria rerum; quorum princeps videri fuisse Aristoteles qui et in principio metaphysicae et in fine et in multis aliis locis exsecratur ideas Platonis" (*Hexam.*, VI, 2; V 360b).

146 Nesta perspectiva toda a realidade criada tem a sua respectiva ideia em Deus que tudo conhece, criando e que tudo cria segundo uma razão exemplar. Por outras palavras: Deus não precisa das coisas para as conhecer. Se existem é porque as quer, conhecendo e as conhece, querendo.

147 A Causa primeira é simultaneamente "causa essendi", "ratio intelligendi" e "ordo vivendi" (*Serm. Select.*, IV, V, 572a). A partir daqui denuncia os erros graves que certos "cientistas" cultivam, como três espectros que o A. tenta evidenciar para contra eles nos precravermos "Tres sunt errores cavendi in scientiis... quorum unus est contra ratio essendi... de aeternitate mundi ut ponere mundum aeternum, alius contra ratio intelligendi... de necessitate fatali... ut ponere quod omina eveniunt de necessitate... et tertius contra ordo vivendi... de unitate intellectus humani, sicut ponere quod unus est intellectus in omnibus" (*De Donis*, VIII, 16; V, 497b).

148 Na *Red. art. 4* (V, 320b, 321ab) pratica uma tríplice divisão da ciência

falando, o homem não imita a realidade primeira, enquanto criadora sem dados prévios mas apenas o seu poder *criativo* enquanto *expressivo*, partindo dos exemplares de todas as realidades e da realidade dos exemplares (mundo imaginal) que é mundo intermédio e intermediário para a própria intervenção da pessoa no mundo. Daí que a personalidade é a imagem e, uma vez mais Boaventura vai além do pensamento de Aristóteles, aprofundando-o[149] e introduzindo o duo imagem e semelhança, curiosamente atribui de modo diferencial estes dois vocábulos ou seja, atribui-lhes conteúdos diferentes: a imagem estaria mais propriamente referente à inteligência e a semelhança à vontade. E quanto maior for a semelhança, chegamos à imagem. E aqui encontra-se algo de curioso e pleno de promessas no que toca à diferença dos aspectos da personalidade e ao significado do mundo imaginal[150].

Mais claramente ainda aparece a importância do contributo de S. Boaventura para a presente hipótese do mundo imaginal se tivermos em conta que descreve as actividades humanas a partir do mundo dos exemplares, perante o mundo da realidade exterior na vivência do mundo da alma[151]. A relação só pode acontecer

---

segundo os três géneros de causas: a física (causa eficiente) a ética (causa final), a metafísica (causa exemplar). Relacionando duas perspectivas que lhe são caras, avança Boaventura uma outra tipologia: "Nam omnis philosophia (no sentido medieval e setecentista e seguintes) aut est naturalis, aut rationalis aut moralis. Prima agit de causa essendi... secunda de ratio intelligendi... (as formas de compreender) et tertio de ratio vivendi..." (*Itin.* III, 6; V, 305 b).

149 "Et hoc insinuat Philosophus cum dicit: "sumus fines nos quodam modo omnium eorum quae sunt". Insinuat etiam Scriptura multo excellentius, cum dicit; "faciamos hominem ad imaginem et similitudinem nostram, ut praesit piscibus maris..." (*II Sent.*, d. 15, a. 2, q. 1; II, 383a) e voltaríamos à ideia supra do "nefesh" ou unidade pessoal.

150 *II Sent.*, supra notas 16 e 17.

151 "Ad illud quod obiicitur, quod anima quodam modo est omnia, dicendum quod intellectus agens non est ens actu plene respectu omnium quia non est plene agens et ideo indiget iuvari a cognoscibili ad hoc quod fiat in actu, vel adeo (a Deo) qui est omnium actus respectu omnium entium et verorum" (*II Sent.*, d. 7, p. 2, a. 1, q. 3; II, 195b-196a). De novo o problema da igualdade de conteúdos, afirmada como hipótese, entre a alma e a unidade

quando o homem a constitui, constituindo-se relação pela relação, através da capacidade expressiva. Nesta intervêm as cinco portas[152], uma das grandes possibilidades de formação do mundo imaginal. É bem claro, como o mostra C. Gonçalves [153] que a problemática é vasta e complicada, em torno do tema e do termo de mundo no pensamento grego, no helenístico e mesmo no medieval. Em S. Boaventura de modo particular, tendo em conta, quase em consequência, das suas preocupações de perspectivação englobante. Torna-se importante para a compreensão, após ter apontado as estereotipias, os atavismos e os modelos, hoje ainda presentes e influentes na literatura psicológica, realçar que a sua aplicação em mundo imaginal, tendo muito dos conteúdos tradicionais, vai mais longe, ao apontar para uma realidade específica que é a personalidade, objecto científico duma ciência específica, a justificar toda uma outra perspectivação, para mais adequada compreensão de nós e dos outros, igualmente referenciados a um paradigma, objectivo e independente.

---

dinâmica (a personalidade). Algo mais se poderia acrescentar a partir de Boaventura além do que fica dito a partir de T. d'Aquino. S. Boaventura também se coloca entre um certo angelismo, o qual considera uma oposição irredutível entre a alma e o corpo, ou, como Avicena subsidia a ideia da criação do corpo pela alma. Cfr. A. M. Goichon — Selon Avicenne l'âme humaine est-elle créature de son corps?, in *L'homme et son destin d'après les penseurs du Moyen-Âge*, Lovaina - Paris, 1960, p. 267-76. e um certo biologismo de redução da alma ao corpo, particularmente ao funcionamento do cérebro, como ainda é *crença* de muitos hoje. Para Boaventura, corpo e alma não são realidades criadas uma pela outra mas feitas uma para a outra, caracterizando-se o corpo humano pela sua própria incompletude, como hoje se pode mostrar, em Psicologia genética da própria constituição cromossomática e, pelo seu lado, a própria personalidade ser impensável sem a base biótica. (Cfr. *II Sent.*, d. 1, p. 2, a. 3, q. 2; II, 50b).

152 "Homo igitur, qui dicitur minor mundus, habet quinque sensus, quasi quinque portas, per quas intrat cognitio omnium" (*Itin.* II, 3; V, 300a. Cf. *II Sent.* d. 17, a. 2, q. 1; II, 419b).

153 J. C. Gonçalves, *O homem e o mundo em S. Boaventura*, Braga, 1970, em especial p. 111-58. Deste trabalho aproveitei esclarecimentos interessantes e sugestões curiosas sobre S. Boaventura, nos seus aspectos positivos, principalmente. Aproveitamento diferenciado e diferencial o que pratiquei: alheando-me da perspectiva metafísica e teológica, válida em si mesma, procurei tirar proveito para uma leitura simplesmente técnica em psicologia. Cfr. S. Breton, 1966; A. F. Morujão, 1961; J. Pépin, 1964.

4) Imaginal e imagem: séculos XIX e XX

Seria de iniciar esta nova etapa, evidenciadora do vocábulo e da realidade do mundo imaginal com esta reflexão, curiosa e actual: "*Le grand canyon n'est plus que la décevante reproduction de l'original en Kodachrome*" (L'Image, 36, V. A. E. 10/18, Paris, 1971). Vamos presenciar um ocaso da imagem, propiciador de uma nova aurora, qual seja, a da reflexão sobre a imaginação e, posteriormente sobre a fantasia.

Com a reflexão patrística, dentro ou fora da instituição Igreja, a imagem acentuou-se como realidade metafísico-vivencial e a sua realidade não oferece dúvidas. Trata-se de algo vivente e presente: o homem. Com os místicos medievais, em aprofundamento-justificação-formação das práticas místicas, quer em cenóbios, quer em comunidades místicas, a imagem passa a ser espécie de estádio para a identificação exemplar. Com o advento da reflexão universitária, com a prática-justificação do raciocínio, a imagem passou a gozar dum conteúdo lógico[154]. E assim se chegou ao século XVII, em que Descartes por um lado, com o critério de verdade na *ideia* clara e distinta, e o importante é ser o pensar; em que Newton, por outro, com a importância atribuída à base matemática do raciocínio, logo secundado por Galileu no sentido de o número ser a base do conhecimento da realidade e os

---

154 Lógico-gnoseológico seria um anacronismo. Com efeito, todo o pensamento medieval girou em torno das "regras para direcção do entendimento" como o definiu Descartes em 1625, definindo as leis e as formas do raciocínio. Só com a "crítica da razão pura" e Kant é que se esboçou o problema crítico ou de crítica do conhecimento (possibilidade, origem, explicação e forma) e assim apareceu a gnoseologia como algo separado da lógica, pois pressupondo-se um facto, o conhecimento, bastava, por outro lado, definir as regras da sua condução. É importante este pormenor para evitar a confusão entre "ciência" do conhecimento humano ou *gnoseologia* e ciência ou conhecimento *do* humano, a *psicologia*.

dois igualmente a deslocarem o ponto de apoio ou o ponto de incidência da actividade humana ou do homem na relação com o real em termos de conhecer e dominar, tecnicamente. Neste contexto seria de lembrar o conselho de F. Bacon: "Naturae nonnisi parendo imperatur". No que ao nosso propósito interessa, temos uma outra manifestação curiosa e significativa: substituir a palavra psicologia[155]. E a escolha foi clara da parte de Destut De Tracy (Vadée, 1973) e, claramente significativa para o nosso propósito: "Ideologia" ou o tratado das ideias. Ideias que não são ideias hoje, mas valores, ideias que no tempo eram realidades dadas na observação científica, e criadas pelo sujeito para corresponder à "Realidade". Os dados da ciência[156] eram a única realidade em termos metafísicos, ou seja, dava-se-lhe um valor ou uma força de realidade única e o conhecimento único era a actividade experimental, a mais bela, a mais nobre, a única forma de contactar com o real ou a forma perfeita do conhecer[157]. O "iluminismo" quer na sua vertente metafísica quer na sua vertente científica,

155 As primeiras formulações datam dum pouco antes como se pode ver em *Expressividade epersonalidade* (Coimbra,1972, 126 ss.).

156 Assim se compreende "a caça às bruxas" dos fins do século XVII, por todo o século XVIII e mesmo ainda no século XIX, em nome da ciência, iluminação, contra a superstição obscurantista, quer em termos de conhecimento, que não era racional, que não era objectivo, que não era científico, quer em termos de prática, quer em termos de técnica que não era pensada, que não era eficiente, que não era adequada. Assim se compreende o compendiar a evolução da humanidade pelos três estádios: religioso, metafísico e positivo("Curso de filosofia positiva, conf. 1ª e 2ª, 1828) e assim se compreende que os povos, de cultura e/ou civilizações diferentes do ocidente fossem considerados primitivos, porque em etapas que "nós" já tínhamos ultrapassado.

157 Por isso é que ficou desconsiderada a metodologia medieval da leitura — comentários ao livro de texto, contrapondo a leitura-descoberta do livro da natureza; por isso é que as realidades metafísicas, afirmadas por uma parte da filosofia medieval (outra parte foi já a prática da observação da natureza, em Alberto Magno, na Escola de Chartres com E. De Salsbury, na Escola de Oxford com R. Bacon), foram totalmente substituídas por outras, igualmente metafísicas, por reducionismos curiosos, da totalidade do real ao real inventariado pela observação-diferenciação de certos domínios do real e do saber em termos experimentais, nos iniciadores, em termos quase metafísicos, nos divulgadores. Curiosamente, parece que só em ciência psicológica se continua o comentarismo, e, irrisoriamente, do texto que nem psicológico é.

quer ainda na sua vertente técnica constitui-se ou, é proposto como ideal da afirmação da realidade e de conhecimento da mesma realidade.

Em suma, a ideia, produto do conhecimento científico da realidade é a representação-reprodução mental da mesma realidade. E apenas, representação.

A síntese mais interessante, porque elucidativa, é a de Durkheim[158]. Claramente: "tudo o que é social, nunca será demais repeti-lo, consiste em representações e, por conseguinte, é produto de representações". No entanto, antes havia acontecido algo de importante. Provavelmente decisivo e explicativo do depois, sobretudo Marx, Durkheim e Freud. De seu nome, A. Schopenhauer e de sua obra "o mundo como representação e o mundo como vontade". Toda a realidade é no seu conjunto, igualmente vontade e representação. Mais ainda: qualquer objecto é representação dum sujeito e qualquer representação do sujeito é objecto. Como se vê, toda a representação implica uma ligação e todas as representações se encontram ligadas entre si. Mas, o mais interessante é a perspectiva seguida do mesmo Schopenhauer: o próprio sujeito, enquanto conhecente, é simultaneamente objecto entre objectos e, algo de radicalmente diferente: dinamismo, decisão, vontade, acção[159]. Encontramos aqui um outro tom e um outro som para além do absoluto da ideia com Hegel, numa perspectiva, numa linguagem, numa sistematização da reflexão que a ideia deixa de ser ideia do que quer que seja, para ser a realidade primordial (vazio) e a realidade termi-

---

158 E. Durkheim — La prohibition de l'inceste, *Année Soc*, 1897, 1: 69-70. Les représentations individuelles et les représentations collectives, *Rev. Met. et Morale*, 1898, 6: 273-302. Trata-se de alguém que pode constituir testemunha fiel de toda uma forma de pensamento nestes finais do século XIX, por mais de um título: Sociólogo e definidor da "Regras do método sociológico" [1]1896, [18]1946), fundador duma escola, duma revista e duma longa plêiade de discípulos, formulador de dicotomias, longamente repetidas, "epistemólogo" das ciências humanas, etc.

159 Cada acto de vontade do sujeito conhecente é também imediata e inelutavelmente movimento do corpo: o movimento do corpo nada mais é do que acto de vontade objectivado, isto é, entra no domínio da representação". J. van de Wiele, Schopenhauer et le volontarisme, *Rev. Phil. Louvain*, 1976, 74, 23: 382.

nal (pleno). E isto sem que o sujeito, enquanto tal, seja tido ou havido, tenha a menor importância em tudo isso e, consequentemente, não interessar para nada o seu estudo ou análise. Haveria só que chegar à actualidade, para verificar que duas vertentes principais dominam a panorâmica técnico-científica em psicologia: dum lado o "encantamento" da informática ou das teorias ligadas ao tratamento da informação e do outro as tentativas de unificação sistemática em torno da perspectiva cognitivista. Estas insistem sobre o interesse dos aspectos operatórios e formais da representação e aquelas tentam definir as formas e as unidades mínimas de representação à semelhança ou por utilização das técnicas de simulação em computador.

A representação constituiu uma das muitas formas de falar de imagem. Meyerson, já em 1936, enumerava os seguintes vocábulos, presentes na bibliografia mais ou menos gnoseológica, embora de intenção psicológica[160]. A diversidade das perspectivas, nesta tentativa de referenciar os conteúdos sócio-culturais, presentes nestes diversos vocábulos, mais ou menos alinhados historicamente, permite evidenciar que o assunto não é indiferente, pelo contrário, toca profundamente a todos e cada um dos domínios do saber, ou seja, quer dizer algo a seu respeito. Por outro lado, a própria variedade das perspectivas de análise mostra a indefinição que atinge esta realidade, não obstante quase todos estarem de acordo relativamente a duas características da imagem: ser algo secundário ou segundo, ser algo duvidoso. Esta característica encontra-se claramente expressa no sentido pejorativo de imaginário. Até que uma voz se levanta e demonstra através duma investigação sólida e rigorosamente fundamentada que o imaginário é o radical, é o basal nas vivências de cada humano e na análise do humano: Gilbert Durand. O título é

---

160 Fantasma, espécie, vestígio, traço, eco mental, estado secundário, estado externo, afecção, intuição, sensível, ideia sensível, ideia de sensação, ideia, ideia-imagem, imagem-lembrança, lembrança, imagem mental, representação. Haveria a realçar, particularmente certos aspectos gnoseológicos, inerentes às formas verbais: fantasma, espécie, ideia, representação; certos aspectos biofisiológicos — vestígio, traço, eco, estado secundário, estado externo; certos aspectos meramente valorativos — afeição, intuição sensível, imagem-lembrança, lembrança.

significativo e significativamente situado no contexto bibliográfico mundial: *estruturas antropológicas do imaginário* [161]. Em contraste total senão mesmo em contradição com o positivismo reinante, pois, como é sabido, este dá uma estrutura de sistema ao racionalismo cientista ou ao cientismo racionalista. Esta sistematização recebeu a sua base na tentativa comteana do "curso de filosofia positiva" ou sistematização dos saberes experimentais em substituição dos saberes metafísicos, relegando para segundo plano, senão mesmo reprimindo outras expressões humanas que receberam nomes mais ou menos dotados de sentido pejorativo como sejam, o sentimentalismo (escola fideista), o pulsionismo (escola freudiana) e o activismo (escola da acção). Manifestações próprias dos finais do século XIX, enquanto origem original e que hoje se encontram nas mais diversas divulgações...

Neste contexto, uma obra singular: "A imaginação criadora".Trata-se dum ensaio. Por isso mesmo, bastante mais significativa. Diz Th. Ribot no início inicial: "A psicologia contemporânea estudou com grande entusiasmo e grande sucesso a imaginação puramente reprodutora[162]. Como veremos pela análise doutras obras, não foi bem assim. No entanto, esta observação é

---

[161] Ainda que antropológico possa ter e talvez tenha duas leituras que G. Durand não rejeita. A primeira seria que o imaginário se encontra claramente presente em todo o tipo de manifestação antropológica, entendendo por tal, antropologia cultural, em contraste superativo e crítico do reducionismo da antropologia física, reducionismo a que E. Morin deu uma certa ênfase no "paradigma perdido" (Paris, 1973). Por outro lado, entendendo também que o imaginário, não enquanto depósito, nem enquanto depósito estático e muito menos, enquanto algo de oposto ao real, é especificamente humano. Deste modo, pode-se compreender o seu interesse em termos de prática e de análise científica em psicologia.

[162] O que se compreende com facilidade. A dominação da perspectiva associacionista, quer em lógica quer em psicologia — pseudo-psicologia — ainda hoje presente nos manuais — incompreensivelmente — como método associativo, implica que a nova acção é simples somatório ou resultado de somatórios! Adentro de tal perspectiva, muitas experiências foram praticadas a comprovar os mais diversos processos de associação, em aproximação interessante do que seria depois investigação sobre as ditas imagens mentais, mais ou menos em correspondência com as categorias verbais. No mesmo sentido, paralelismo ou sobreposição, numerosas investigações sobre as leis da memória: porquê recordar-se de certas coisas e não de outras, em certos momentos e não noutros?

pertinente. Com efeito, o que mais foi evidenciado não passa de observações, mais ou menos objectivas mais ou menos subjectivas, sobre os mais diversos grupos de imagens, particularmente as visuais e também auditivas, as tácteis e as motoras. Basta lembrar nomes célebres em torno da equívoca investigação sobre as "after-images"... (S. I. Franz, 1899).

Mas, venhamos a Ribot e à sua crítica em termos de alternativa: "Pelo contrário, o estudo da imaginação criativa ou construtiva foi quase completamente esquecido". Fácil seria demonstrá-lo até quase um século depois. Com efeito, massacrada por uma visão cientista — ciências da natureza — o novo surto foi suficiente para a proteger contra novo massacre, oriundo em sentido contrário da "revolução behaviorista", apenas continuação do cientismo naturalista em psicologia, assim como da "revolução freudiana", apenas em mudança de nome porque a perspectiva permanece a mesma, embora com certo realce para os fantasmas e/ou as fantasias em forma de reflexos. Daí serem as palavras de Ribot, actuais e em cheio, ainda hoje: "A importância da imaginação não pode ser contestada e se, até hoje, o estudo da imaginação criativa permaneceu, quase inacessível à experimentação propriamente dita, é possível... continuar a obra de antigos psicólogos mas com métodos mais conformes às exigências do pensamento contemporâneo..." E, em desafio curioso, há quase um século, Ribot vai ao extremo, ainda infelizmente actual, em termos modestos porque seguros: "esperamos mostrar que na vida prática, nas inovações mecânicas, militares, industriais, comerciais, nas instituições religiosas, sociais, políticas, o espírito humano dispendeu e aplicou tanto de imaginação como noutros domínios" como os que são quase exclusivamente considerados, como o mostra o das Belas-Artes e das Ciências.

Para iniciar, uma simples verificação: "a imagem encontra-se dependente dum trabalho contínuo de transformação, de supressões e adições, de dissociação e de corrosão". A razão é muito simples: toda a imagem é representação de algo por alguém, dotado de capacidade simbolizante. E a operacionalidade de tal característica é de suma importância para a hipótese em debate. Mais ainda, se tivermos em conta a direcção que tal

mudança representa para alguém. Ribot confina-se a dizer que se trata do resultado da organização individual da qual não possuímos o segredo. Mas já é maravilhoso que não se fique pelo simples somatório da hereditariedade e do meio. É o primeiro passo para a reflexão adiante produzida em "problemática da aplicação" e que se poderia sintetizar na afirmação do factor estrutural, decisivo para intervir no que toca à orientação e à síntese pessoal. O primeiro modelo a superar consiste na dita inspiração, sempre exterior ao sujeito e tantas vezes superior, pelas características de somático que implica a forma de ver o sujeito; o mesmo acontece com a separação-oposição entre consciência, base única da actividade criativa, e a inconsciência, que agora lhe sucede, com as mesmas características; e ainda há que superar a oposição-separação que vai realçar-se entre o pensamento e o organismo, por pressupor oposição e por se resolver em simples somatório, incaracterístico. Ao contrário, a hipótese actual, imperfeitamente esboçada, mas claramente formulada por Ribot, aponta para a unidade (unificação) presente como princípio fundamental de qualquer criatividade, tendo como base a "imaginação construtiva". Por outras palavras, em consonância com a hipótese aqui explanada, toda a criação resulta da convergência dos aspectos da personalidade, da integração dos níveis de actividade e da harmonia das dimensões. Em base da dinamização das imagens ou actividade imaginativa.

Para Ribot, no entanto, não podemos ficar por aqui. Há que realçar as diversas manifestações, quer individuais, quer colectivas, se as houver. Só por analogia de proporcionalidade inversa é que se pode falar de imaginação da criança e ainda, no animal. Mais propriamente no que toca à criança, encontramos esboços progressivamente aproximativos da expressão, normalmente desenvolvida, da imaginação. Para quem ainda identifica criança e "primitivo", a situação estaria esclarecida. No entanto, tal semelhança não se pode sustentar hoje e assim há que reconhecer imaginação ao homem "primitivo", a tal ponto que afirma: "o homem antes da civilização é puro imaginativo, quer dizer, a imaginação marca o apogeu do seu desenvolvimento intelectual". E acrescenta algo de extremamente interessante para compre-

ender o que ainda hoje se pensa e é lugar-comum nos meios "intelectuais", isto equivale a dizer, nos meios que já não vivem da imaginação. Por outras palavras, no pensamento de Ribot, o trabalho da imaginação, entregue a si própria, não adulterada pela intrusão e a tirania dos elementos racionais, manifesta-se sob uma só forma: a criação do mito, obra anónima, impessoal, inconsciente, a qual enquanto reina, basta para explicar tudo e engloba tudo: religião, poesia, história, ciências, filosofia, legislação[163]. Por animismo e por invenção romanesca pouco importa. O certo é que ele é manifestação humana de algo humano que é a imaginação. De tal modo que o próprio Ribot reconhece, mais adiante, que a actividade mítica dos tempos antigos persiste nos povos civilizados, quer na forma literária, quer na sua forma pura na manifestação de lenda (legenda). Só que na sua opinião, curiosamente, a lenda está para o mito como a ilusão para a alucinação. Está tudo dito em termos de maior desconsideração dessa manifestação humana. Hoje. Ontem aceita-se a desconsideração.

Neste contexto, é compreensível que o A. consagre um certo tempo a falar das "formas superiores de invenção" de que o mito seria a inferior, não propriamente invenção, mas imaginação: significativamente, a manifestação principal será o génio e este caracterizar-se-á pela "precocidade", redutível ao inatismo, pela "necessidade" ou fatalidade da criação, e, finalmente, pelo "individualismo" claro do grau de criador. Em termos "psicológicos" a invenção compreende uma "fase longa ou nula, seguida duma síntese imaginativa" a concretizar-se, mais ou menos longamente, na realização completa. E Ribot acrescenta como factor importante: o "acaso" que seria a convergência de dois factores: o interno ou génio individual e o externo ou acontecimento fortuito. Para completar esta resenha-resumo de Ribot convém realçar o facto

163 No 2º tomo será dada atenção profunda e diversificada a este tema, de subido interesse em psicologia pela via da psicologia social. Com efeito, chamar ao mito uma "doença da linguagem" (Max Müller, 1864, 11) por polinímia ou por "homonímia" nada interessa para a ciência psicológica ou considerá-lo uma "objectivação psico-física do homem em todos os fenómenos que ele pode captar" (Vignoli, 1900) também pouco ou nada acrescenta. Ambas passam ao lado dos conteúdos vivenciais dos humanos, assim como, é o pior, apenas aplicam o esquema comteano de "evolução da humanidade".

do desenvolvimento da imaginação. "A imaginação criadora, no seu desenvolvimento completo, passou um período de autonomia ou desabrochar, um momento crítico e um período de constituição definitiva com vários aspectos:transformação em forma lógica, desvio do poder criador e complexidade crescente".

Finalmente, algo de interessante, mais apropriado para a perspectiva psicológica que é a afirmação clara de Ribot, no sentido duma afirmação frequentemente utilizada na explanação da hipótese, aqui presente: "imaginação criadora é uma abreviatura ou uma abstracção. Não há imaginação em geral, mas homens que imaginam e o realizam diferentemente: neles se encontra a realidade"(149). Como se a imaginação não fosse igualmente, embora diferentemente, realidade. Seria interessante avançar imediatamente para a resposta de Ribot a uma pergunta sua: Porque é que o homem é capaz de criar? É o mesmo que perguntar porque é que o homem tem olhos como os tem e não um aparelho eléctrico como o "torpille". E responde: "por duas razões principais: a primeira, de ordem motriz; consiste na acção das suas necessidades, apetites, tendências e desejos; a segunda é a possibilidade de revivescência espontânea das imagens que se agrupam em combinações novas" (261). As suas principais manifestações, intencionalmente diversificadas, a partir duma classificação dos produtos, são a imaginação *plástica* em tudo o que é manifestação artística, por trabalho de formas e cores (153); a imaginação "*difluente*" que se manifesta nas quimeras, no maravilhoso, no fantástico, no simbolismo, quer as consideremos nas suas facetas internas, quer as consideremos nas suas facetas externas (163); a imaginação *mística* em que o simbólico joga por inteiro, o quase abuso das analogias sobre as letras, sobre os números, sobre os próprios astros e sobre os próprios dados das ciências ou das filosofias (185); a imaginação *científica* por vezes esquecida, quer para a hipótese, quer mesmo para a verificação e, mais ainda, para superar as hipótese abortadas e destronadas; por outro lado, há a imaginação *do metafísico*, variante do científico, podendo considerar as metafísicas racionalistas e as imaginativas (198); a imaginação menos considerada, por diferenciação da do artista na finalidade, nos meios e nas condições é a

imaginação *prática e mecânica*, podendo englobar todas as práticas, até as ditas superstições (214). O mesmo se poderá dizer da *comercial*, que é imaginação combinatória e de táctica, com um emprego quase exclusivo de representações esquemáticas perante problemas duma complexidade sempre crescente a reclamar constantes actualizações dos processos (234);a imaginação *utópica* pode ser considerada a mais imaginativa de todas por as suas manifestações rondarem a pura quimera, quer nos "romances" sociais, quer nos "ideais colectivistas", em que os autênticos utopistas em nada se preocupam com a aplicação. E mal vai quando se preocupam pois, proporcionalmente ao aumento de preocupação diminui o sentido da utopia, ou seja, acontece uma regressão da imaginação (250). A concluir, sugere uma breve descrição de algumas características dos "imaginativos": as imagens tornam-se progressivamente mais fortes e as percepções cada vez mais fracas. "Nesta caminhada contra a natureza" (269), podem-se distinguir quatro etapas: 1) a predominância da imaginação manifesta-se na quantidade das imagens que pululam, proliferam e se combinam, com facilidade...; 2) produz-se a inversão dos papéis,as imagens fortalecem-se e as percepções enfraquecem-se; 3) as imagens enquanto dominantes não são apenas episódios mas situações que permanecem e se sistematizam; 4) agrava-se o estado anterior, a vida imaginativa, sistematizada e permanente exclui a outra, a perceptiva. "Acabou a alternância" (275).

Na sequência da explanação da hipótese e para fundamentação da mesma, por experimentação dada, voltarei ao assunto. Por agora, apenas um pequeno resumo-conclusão: "a imaginação criadora consiste na propriedade de que gozam as imagens de se associarem em combinações novas por efeito da espontaneidade... a imaginação criadora penetra toda a vida, individual e colectiva, especulativa e prática, sob todas as suas formas; encontra-se em toda a parte". (277).

A importância atribuída assim, especificamente, à imaginação vem muito a propósito para situar, por contraste, duas outras obras recentes, as quais não insistem na actividade do sujeito, mas nos conteúdos, mais ou menos estáticos. Quer uma obra quer outra falam do princípio ao fim de *imaginário*, enquanto

conjunto de produtos imaginados, presentes, dados sem mais. Para J. Chateau a preocupação é subir até às "fontes do imaginário", começando pelas "partidas", continuando pelas "variantes" (desvios) até chegar ao fim; "se quisermos compreender como é que o pensamento humano triunfa da imagem louca e transforma o imaginário em invenção, torna-se indispensável debruçarmo-nos sobre estas atitudes. À sua análise e ao seu papel na pessoa, essencialmente, será consagrado o nosso segundo tomo[164].

Para Ph. Malrieu, a preocupação é o modo como se chega à "construção do imaginário", partindo da análise do imaginário já construído, representado em manifestações diversas e bastantes díspares, para chegar à própria construção em termos de funções da imaginação na génese dos comportamentos imaginativos. "Se a personalização consiste num esforço para superar as divisões que impõem ao sujeito compromissos divergentes, pode-se dizer que a imaginação é, nesse caso, o modo primitivo indispensável: aquele em que esboça, sem os poder definir de forma clara, os meios de sair dela própria, de atribuir um sentido à sua vida, condensando na acção acerca da qual sonha, uma multiplicidade de existências separadas"[165]. Sem dúvida, enquanto situações

---

[164] J. Chateau, *Les sources de l'imaginaire* (Paris, 1972). As atitudes são apresentadas destes modo: "Ce passage du commandement externe au commandement interne, de l'hétèronomie à l'autonomie, c'est l'éducation qui le réalise parce qu'elle modèle en nous des atitudes profondes. En fin de compte ce sont ces attitudes qui seront le véritable point d'appui des conduites de l'imaginaire..." (296).

[165] Ph. Malrieu, *La construction de l'imaginaire*, (Bruxelles, 1967): "Lorsque le sujet... affronte des problèmes qui relèvent de domaines separés, et parce qu'il les vit tous ensemble, essaye de les résoudre en les "imprimant" les uns dans les autres, l'imagination est au maximum socialisée, par la pénétration d'influences sociales, et pourtant elle est au maximum personnelle, puisqu'elle consiste dans le synthèse... de ces influences divergentes. Ce monde supérieur d'imagination se discerne mal de l'intelligence et l'opposition qu'on pourrait faire entre les deux fonctions doit s'estomper". Mas, há algo de mais interessante para o nosso propósito, da hipótese em discussão, independentemente de dar relevo à passagem de imaginação para imaginário: "Entre ces extrêmes, on trouve toute sorte d'intermédiaires: c'est la participation à l'imaginaire des mythes, dont la valeur de personalisation réside dans l'impression qu'a le sujet d'être situé dans un monde qui lui devient en quelque sorte consubstantiel; c'est, dans la contemplation des oeuvres d'art, dans la lecture des romans, les spectacles

factuais: A separação-diversificação é saudável, é desenvolvente na medida em que for "agarrada" a partir duma unidade em desenvolvimento, enquanto mundo imaginal em expressividade.

Deixando a actualidade e o seu interesse preferencial sobre o imaginário, numa certa característica de estaticidade, atendendo mais aos produtos que às actividades, mais às ritualizações do que às expressões da personalidade, venhamos à obra de Ribot, para realçar três artigos principais, alargando, portanto, as perspectivas do Autor. Ao mesmo tempo haverá que situá-la mais referencialmente, pois foi precedida e foi seguida por vários outros, em clara demonstração da momentaneidade do tema e dos problemas, facilmente eclipsada por um retorno aplicativo do cientismo tradicional. Em 1904, depois das polémicas com Pillon, Mauxion e principalmente, Paulhan, Ribot avança com uma afirmação em sub-título: *o raciocínio imaginativo* (1904). E afirma que a forma completa do raciocínio emocional, a mais frequente, a mais importante pelos seus resultados é a que designa sob o nome de imaginativo[166]. A manifestação melhor e mais realçada por Ribot é a arte da "divination": a obra mais considerável e a tentativa mais bem conseguida para resolver questões difíceis, senão pontualmente insolúveis, por processos para além dos processos racionais conhecidos. E faz notar com clareza e força: "O cientista pode tratar com desprezo esta acumulação de aberrações seculares e esta cifragem do nada; mas o psicólogo pode considerar a "divination" sem qualquer complacência, como uma manifestação da natureza humana a qual, pela sua tenacidade, afirma a necessidade duma lógica, estranha à razão". (59) É que a expressão imaginativa se pode quase reduzir ao "pensamento simbólico" ou seja, as percepções e as imagens transfor-

---

théâtraux "une échange des personnalités", la sympathie par laquelle le sujet se décentre de ses modes de voir et de penser; c'est la rêverie constructrice des adolescents qui rebâtissent les rapports sociaux". (244).

[166] "On pourrait encore l'appeler la forme affective du raisonnement de *découverte*. C'est le raisonnement propre de la croyance, lorsqu'elle raisonne: son rôle dans l'histoire individuelle et collective de l'humanité a été et est encore de premier ordre. Il ne faut pas confondre le raisonnement imaginatif avec l'imagination créatrice..." (p. 54).

mam-se em imagens simbólicas[167]. Ao afirmar esta perspectiva tenho em mira atacar a ousadia de F. Paulhan pois este tinha incluído na reflexão psicológica os próprios fenómenos afectivos, particularmente os sentimentos[168]. E F. Paulhan conclui o 1º artigo: "ao lado da associação encontra-se a oposição e a selecção que daí resulta" (484). Tal afirmação reveste-se dum significado nada pequeno pois aponta para o que mais tarde virá a ser a capacidade de apreciação. No entanto, em trabalho posterior sobre a *memória afectiva* acaba mais ou menos deste modo: Os factos afectivos e os factos intelectuais aparecem em todos estes fenómenos, complicando-se, associando-se, evocando-se, sem que se possa distinguir claramente, até separar nitidamente pela observação e pela análise" (Paulhan, 1902, 568). Por outras palavras, é importante ter presente que toda e qualquer lembrança implica os elementos cognitivos e os elementos afectivos, ainda

---

167 Isto é apenas um aproveitamento-aplicação de um certo número de observações e de reflexões saídas anteriormente em livro: *La psychologie des sentiments* (Paris, 1896). E daí, toda a ambiguidade da sua análise. Uma clara demonstração encontrar-se-ia na temática do IV Congresso Internacional de Psicologia, significativo até pelo facto de ser em consonância e nas mesmas instalações da Exposição Internacional de Paris (1900) — Le grand Palais — assim como pelo facto de ter deixado de ser de Psicologia fisiológica (1º e 2º) e ter sido simplesmente de Psicologia (3º e 4º). Pela própria boca do Presidente, Th. Ribot, um dos grandes domínios é o da *imaginação* e, em geral, da criação. Convém realçar, a 3ª sessão geral centrou-se nos "fenómenos de sonambulismo" com tantas discussões que dava tema, por si só, para um Congresso (N. Vaschide), em torno de assuntos como o transe, o espiritismo, a vidência, até a adivinhação do pensamento; realçar também a 4ª secção, com três sessões sobre a psicologia do hipnotismo, da sugestão e de questões conexas".

A palavra final do relato sobre o Congresso, da autoria de N. Vaschide é, duma forma interessante, a seguinte: "les psychologues ne doivent jamais oublier cette idée de *mesure*, le seul et vrai moyen pour l'étude scientifique des phénomènes psychiques. On commence, dans certains milieux à ne vouloir plus de mesures. C'est un grand tort parce qu'il y a mesure et mesure: l'une prise par l'infirmier, l'observateur vulgaire et l'autre par le psychologue qui doit savoir mesurer tout et particulierement l'élan de son imagination". *Rev. Met. Morale*, 1900, 8ª, 6: 820. Pontinha de humor malicioso, ainda actual.

168 "... rechercher quels sont les caractères généraux des sentiments, quelle est leur place dans la constitution psychologique de l'homme, quelle est leur cause, et vers quel fin tend le processus psychologique qui leur donne naissance"(p. 444), Fr. Paulhan, Les phénomènes affectifs, au point de vue de la psychologie générale, *Rev. Phil.*, 1885, 10, 20: 440-84 e 10, 21: 583-600.

que uns e outros possam parecer por vezes inaparentes, em proporções variáveis conforme os casos e as pessoas. Isto quer significar que a personalidade, na sua faceta de dinâmica estruturante, é o que se oferece como base de apoio na prática pessoal e como base de observação na prática profissional, em psicologia.

Mas isto, possivelmente, porque Ribot tinha escrito em palavras claras: "o problema da memória permanece mais ou menos intacto"[169]. Pretende o A. dar um primeiro passo nesse domínio. Pergunta a si próprio: a memória afectiva é mesmo uma realidade? Pouca gente se pergunta. E quem nisso pensa, responde pela negativa. Uma coisa é recordar-se das condições e das circunstâncias dum acontecimento afectivo e outra, muito diferente, recordar-se do próprio estado afectivo. Ribot avança com a sua hipótese: encontramo-nos perante dois casos inegavelmente diferentes. Há quem seja dotado duma memória afectiva, falsa ou abstracta; outros duma memória afectiva verdadeira ou concreta[170]. Esta distinção poderá resultar ou não. Pouco importa: há aqui aberturas possíveis, hipóteses a desenvolver, talvez insuspeitadas ontem, atrevidas hoje, mas de grande significado para a melhor perspectivação sobre a personalidade, quer em teoria quer em prática psicológica. Algumas delas receberam um certo tratamento, claramente formulado nesta afirmação de Ribot: "proponho-me actualmente uma outra tarefa: prosseguir nesta via afirmando a existência duma forma de imaginação criativa, puramente afectiva, isto é, tem por tema sentimentos, emoções e

---

169 Th. Ribot, Recherches sur la mémoire affective, *Rev. Phil.*, 1894, 19, 38: 376-401. Em 1898 escrevia, no Prefácio a *La psychologie des sentiments* (Paris, VII): "la psychologie des états affectifs est, de l'avis commun, confuse et peu avancée".

170 Memória afectiva falsa ou abstracta consiste na representação dum acontecimento com uma marca afectiva, e não dum estado afectivo... abstracta porque os estados afectivos são passíveis de abstracção e de generalização como os estados intelectuais... daí, a lembrança afectiva falsa ou abstracta é apenas um substituto do acontecimento real, um estado intelectualizado que se acrescenta aos elementos puramente intelectuais da representação e nada mais". (Th. Ribot, *Rev. Phil.*, 1894, 19, 38: 393). Ao passo que "a memória afectiva" verdadeira ou concreta consiste na reprodução actual dum estado afectivo anterior com todas as suas características...". Curioso, se pensarmos em certa situação de alteração da personalidade.

paixões" (Ribot, 1902, 598). É claro que facilmente o demonstra através da criação musical (599-618), da criação literária (618-22) e da vivência mística (622-8). Verifica-se a partir destas três situações específicas uma repetição do passado mas não apenas, pois qualquer dessas expressões aponta para o futuro, quer pessoal quer colectivo, numa espécie de nova estruturação de elementos, quase que antecipação em doses diversas da memória afectiva e da invenção afectiva[171].

Cada vez se afirma com mais clareza a momentaneidade do tema, a peculiaridade da reflexão e o valor da perspectiva de análise da personalidade, através do interesse pela imaginação. Para ir um pouco mais além vou tentar marcar a novidade e/ou originalidade da reflexão de Ribot, situando-a no contexto histórico-cultural de modo que ainda mais se agigante, a partir das superações dos seus antepassados e das pistas abertas aos seus vindouros mesmo até hoje. Teria de realçar em primeiro lugar *De l'imagination. Étude psychologique* (Paris, 1877). Na mesma Faculdade de Dijon, em 1868 já havia aparecido, um estudo, com outro título, não menos significativo: *L'imagination, ses bienfaits et ses égarements*. Não deixa de ser interessante que entretanto em Nancy (1875) também aparecesse o tema, tratado rigorosamente:*De l'imagination. Étude psychologique*. É que, em suma, tratava-se realmente, ainda se trata hoje, duma capacidade ou potencialidade "encaixada" entre os sentidos, dos quais se diz receber os seus elementos e o nível intelectivo — o "mundo do espírito" — de cujas realidades também se ocupa.

---

171 Poder-se-ia perguntar: que sentido tem ou pode ter este breve apontamento? A própria pergunta revela um desapontamento, ao qual o próprio Ribot, a seu modo e seu tempo, procurou dar uma resposta. Ficam aqui algumas das suas razões em resumo. Fica para breve uma análise profunda, a partir duma amostra representativa da sociedade portuguesa no que se refere à faixa etária dos 18 aos 25 anos. As razões do interesse quase nulo pela imaginação afectiva deve-se à desculpa fácil de se tratar de algo "abstracto", "complexo", geral. Uma outra razão seria a insuficiência actual da psicologia dos sentimentos. "A razão decisiva e verdadeiramente típica é que no desenvolvimento secular da faculdade de imaginar a forma afectiva só se afirmou com clareza muito tarde" (L'Imagination créatice affective, *Rev. Phil.*, 1902, 25, 53: 629). O desenvolvimento da faculdade de imaginar ou melhor, da sua análise objectiva, talvez nem sequer ainda tenha começado.

A obra de Michaut tende a precisar o sentido de imaginação, designação das mais equívocas, atribuindo-se-lhe já a extensão máxima,já a compreensão máxima,consequentemente,em paralelo, a compreensão mínima e a extensão mínima. É importante reconhecê-lo e agir em consequência. A imaginação ora nada mais é do que a faculdade de conceber objectos materiais na sua ausência, ora a elevada faculdade de inventar, ora ainda a capacidade de traduzir concretamente o ideal. Desta ambiguidade se ressente o obra de Michaut. No entanto, era preciso grande coragem para lançar mãos à tarefa de falar da importância da imagem, do mundo imaginal, quando a sensação se confunde com a percepção, a percepção com a imagem e a imaginação é ligada à invenção, quer no domínio científico quer no artístico. Para cúmulo, a imagem é sempre tratada em termos de associação, de conservação e de renascer como reconhecer, de deformação e, finalmente, de composição em imagens novas. Algo de diferente e inovador é a forma de falar da alucinação e da ilusão: nesta, uma imagem "teimosa" deforma a sensação, ao passo que naquela a imagem substitui a sensação. É curioso que tão original distinção ainda dificilmente é tida em conta.

Por seu lado, H. Joly é mais matizado na sua reflexão. Ao fim e ao cabo o que procura é, numa primeira parte, a monopolização, em relação às outras actividades, que a imaginação pratica, dando origem a situações anormais, quase extremizadas, como o são o sonambulismo e a alucinação, os apaixonados e os "fracos" de espírito, o homem sonhador e o homem crédulo. Num segundo momento aparece a imaginação em grande realce nos diversos domínios da expressão estética, qualquer que ela seja. Um capítulo é particularmente pertinente e demonstra a actualidade passada e presente das reflexões aprofundantes de H. Joly, resumindo as suas próprias investigações: a relação que acontece entre os sentidos e as imagens é particularmente importante, como aliás a acção das imagens sobre os sentidos, melhor seria dizer, sobre as percepções. Expressões como estas dizem algo: "a simples imaginação dum acto, leva à execução do mesmo, basta imaginar uma sensação para a experienciar de facto... E chegamos à reflexão, apoiada por quase todos os autores: a imagem é

um fenómeno "intermediário, mediador entre os sentidos e o espírito", melhor, o nível intelectivo. É a este nível que "se agrupam e ordenam as imagens"... uma espécie de "outra imaginação" que "embeleza e encontra a vida sem a qual a poesia e as belas artes seriam impossíveis" ou seja, a imaginação criadora. Apesar de passada, na linguagem e nos conteúdos, esta obra representa um marco importante no relevo a dar, por descoberta, à capacidade de criar por imagens.

Haveria a acrescentar um outro estudo, significativo de confusão, para nós hoje, de interesse e relacionação nesse tempo. Numa primeira parte L. Arréat debruça-se sobre a memória nas suas diversas espécies: motora, visual, auditiva, emocional e intelectual; numa segunda, analisa a imaginação e as suas reacções, particularmente com a memória, com o estudo e com a inteligência e, finalmente, com o delírio[172]. O relacionamento permite-lhe estabelecer tipos: o tipo "abstracto ou psicológico" diz respeito às operações especiais da memória e da imaginação, duma forma geral: o tipo "concreto ou profissional" representa categorias reais de indivíduos. Ainda uma ideia: a percepção aparece como elemento fulcral na diversidade dos tipos estudados[173].

Em três interessantes e profundos artigos, quase meio século depois, e apesar de acontecer no domínio das ciências humanas, uma aplicação atrasada do cientismo físico-matemático em termos de behaviorismo, reflexologismo e, em parte, freudismo, J. Segond alarga e aprofunda estas perspectivas sobre a imaginação. Reatando mesmo, sem distorção, seria de afirmar com J. Segond, "uma classificação concreta das ciências traduzirá a própria característica da inteligência concreta, o revestimento simbólico a partir do qual representa as outras formas da imaginação". Neste artigo *A imaginação pura e o espírito científico*[174] resume globalmente as ideias dos outros dois artigos, subordi-

---

172 Lucien Arréat, *Mémoire et imagination*, Paris, 1895.

173 Compreensivelmente, Arréat foi criticado por Paulhan em virtude de se deixar arrastar por opiniões recentes (interessante!) e actualmente em voga e, por isso, apesar de cauteloso, atribui ainda lugar exagerado às imagens e às lembranças (Fr. Paulhan, *Rev. Phil.*, 1895, 20, 39: 660).

174 *Rev. Phil.*, 1919, 45, 88: 298.

nando-as a um mesmo título, a *dinâmica da imaginação pura*[175]. Algo é claramente real para qualquer humano: a imaginação[176]. Não menos claro e com mais diversificadas manifestações, é o mundo imaginal que nós construimos, re-construimos, transformando e mesmo inovando, ao menos no que a cada um de nós diz respeito[177].

Uma outra forma, feliz, de falar do mundo imaginal que somos é a seguinte: presença nova e imagética dum universo sempre novo. Mais interessante ainda, ao afirmar que a acção que lhe dá origem é uma acção total, em clara evidenciação, para nós hoje, da unidade pessoal. Esta unidade, que é unificação, síntese em acto e em devir, exerce-se sobre todo o real — sensorial, experimental e metafísico — organizando-o em termos de desenvolvimento. Trata-se, portanto, dum real imaginal a corresponder à característica individual da experiência explícita, um imaginal realizado mas o único a corresponder às virtualidades individuais da experiência possível. Graças ao dinamismo intencional da imaginação, procuramos as explicações e conexões subjacentes, mas eficazes, o já actual e o sempre possível, mesmo virtualidades ainda irreais e realidades puramente imagéticas: *a infinda riqueza do possível que é cada personalidade*. Esse dinamismo intencional que se desenvolve e se formula, engloba na orientação concreta do seu acto a grande variedade das invenções imagináveis e das configurações determináveis. Mas isso acontece graças à originalidade persistente do seu acto e às formas

---

175 *Rev. Phil.*, 1916, 41, 82: 401-30, 569-85.

176 "Rompue et changeante mais objet indéniable d'une épreuve continuelle, s'impose donc à l'expérience immédiate de chacun des hommes la réalité concrète de l'imagination". *Rev. Phil.*, 1916, 82: 401.

177 J. Segond já o afirmava a seu modo e no seu contexto: L'univers est donc, sous la *figure* multiple qui *le reconstitue en chacun de nous*, l'oeuvre concrète d'une puissance individuelle, aussi diverse que les esprits, aussi concrète que les personnes... C'est là, dans l'individualité agissante que nous sommes, que pourra s'affirmer concrète la puissance organisatrice, puisque la rénovation de l'univers des choses exprime, en la singularité de son caractère, l'action totale de notre moi. Et c'est aussi, que le principe organisateur affirmera sa qualité imaginative, puisque l'action totale et vivante de notre moi est bien créatrice de la figure même, vivante et imaginée, de cet univers nouveau". *Rev. Phil.*, 1916, 82: 407.

irredutíveis da invenção. Mais concretamente com J. Segond: "a imaginação, especializada na sua obra, determinada em seus momentos, necessária em seus produtos, permanece total em sua operação, indeterminada em seu futuro, contingente na sua expressão inesgotável"[178]. Nada se pode supor pré-determinado, pois tudo é nascente e espontâneo em termos de futuro: projecto inquieto e fiel, instável porque constante procura. É assim o princípio da possível imagem, pois constitui realidade possível para alguém: *o seu mundo de imagens*. Como diria de novo J. Segond: "por virtude da sua simplicidade é que a imaginação engloba e desenvolve uma fecundidade infinda que se concretiza no universo das imagens... é que a criação da nossa experiência organiza-se interiormente por virtude do progresso imprevisto e irredutível duma intenção fecunda". Curioso, no início so século, apontar para a experiência não como um dado mas como algo construído e, nessa hipótese, não parece contra-senso sinonimizar intenção por projecção existencial. Sem ela, as imagens não seriam realidade nem a personalidade se poderia denominar "mundo imaginal". Afirmação contraditória do idêntico, o qual só acontece graças ao devir. Convém realçar que toda afirmação autêntica cai no presente, sem implicar a repetição de algo que foi nem apresentação dum dado que será, nem a simples verificação de algo que é, mas a criação intensa ou continuada em temporalidade. É esta criação que nos identifica como mundo imaginal, que acontece graças a actividade imaginativa, e que se manifesta em termos de projecção. J. Segond diria doutro modo e noutra linguagem a mesma perspectiva: "Só a novidade do momento de crise incarna a sobrevivência do passado; é a orientação criativa voltada para o futuro que realiza para nós a memória, na consciência inovadora e dolorosa do devir"[179]. O mais importante em

---

178 *Rev. Phil.*, 1916, 41, 82: 577.

179 Numa outra expressão que pode ajudar ao meu propósito e à clarificação da hipótese em explanação apesar de numa linguagem historico-culturalmente situada: "Intellectuelle ou sentimentale, la vie de notre âme transpose constamment la figure de nos émotions et celle des choses, en la fidélité inconsciente d'une mémoire tout actuelle, qui nous oriente sans fin vers les nouveautés troublantes de notre création intérieure". *Rev. Phil.*, 1916, 41, 82: 585.

termos práticos, da prática psicológica, o mais operacional em termos do serviço a prestar é que a "intenção criativa" se pode descobrir e formular, para desenvolvimento da personalidade a partir dos dados vivenciais, fornecidos pelas técnicas projectivas.

Deixando este plano, mais ou menos histórico, situemo-nos no dia-a-dia, quer como facto que acontece quer como intenção que se perfila: agimos pela força das imagens, particularmente a partir da sua significação. Consequentemente, uma amostra breve da significação atribuída à imagem nesse mesmo dia-a-dia — hoje — pode revestir-se dum certo interesse, ao terminar esta primeira parte.

5) Imaginal hoje e seus avatares

Um ocaso do imaginal e da imagem, provocado pelo racionalismo positivista teve a sua duração, mesmo entre os que se dedicavam ao estudo da personalidade. No entanto, a aurora foi sendo mais. Aurora esta que pre-anuncia uma claridade diferente.

Vamos partir de algumas situações simples do nosso dia-a-dia de pessoas do final do século XX:uma história-romance, escrita por alguém e lida por diversos alguéns. Cada um destes re-elabora a seu modo o que primeiro elaborou-construindo-interpretando. Apontando numa outra direcção seria de referir e realçar o facto que é cada vez mais frequente. O seguinte: um realizador de cinema ou de televisão interessa-se, entusiasma-se por essa história romance e decide-se a criar um filme. Até chegar a ser colocado perante os espectadores, numa sala ou num lar passa de mão em mão: de "cada mão" recebe algo da imaginação-criadora de cada um. Assim o adaptador deixa a sua marca, o autor, com maioria de razão realça a sua e o realizador, por força do seu papel, impõe a sua também e será a decisiva. Até os responsáveis da montagem e do enquadramento acrescentam sempre algo por mínimo que seja. Sempre presente, é claro, a força

e/ou o conteúdo da interpretação-desempenho de papéis. Sempre presente e sempre actuante a imaginação-fantasia. Na base de tudo: a criatividade pessoal, de cada um dos intervenientes, conforme o seu papel e o seu estatuto. No final, o filme, muito longe de ser um produto, uma obra em fiel reprodução da realidade, constitui a interpretação duma "trama" em acontecimento, duma obra em história-romance, feita por várias personalidades.

E a diferença, inevitavelmente, aparece. Mais do que diferença pode ser contraste. Pode atingir mesmo a contradição, entre o que é apresentado em obra final, produto acabado e o que o (tele)espectador esperava pelo título ou pelo anúncio ou pela apresentação publicitária e muito mais ainda pelo que recriou a partir da leitura da mesma história-romance.Mais singelamente: dum simples acontecimento — manifestação, festa, homenagem, briga, etc. — quantas imagens, por vezes, afrontamento de imagens, ainda que uma delas seja plural.

Se tivermos em conta que os ilustrados e, particularmente, a televisão, acelerou o processo de desenvolvimento e povoou a imaginação da criança duma multiplicidade inimaginável de imagens... Se tivermos em conta que nenhuma criança imagina a partir do vazio, ou seja, o desenvolvimento das capacidades imaginativas acontece a partir do material que lhe é apresentado desde a mais tenra idade... Se tivermos em conta que hoje esse material é considerável em comparação com um próximo passado e que amanhã será ainda mais diversificado e, talvez, ainda dum género diferente, sem se poder prever bem qual... O que importa é que esse material diz algo à criança, cada vez mais cedo. Em ligeira e superficial sucessão: a partir dos 6-7 meses olha de vez em quando e durante décimos de segundo a televisão. Uma presença diferente. Estranha? Familiar? Talvez estranha pelo modo de se apresentar. Seguramente familiar como o resto dos membros da família, em presença regular, impecável. Daí que mais tarde comece a mexer-se a partir das músicas do genérico, curtas, repetidas e que arrastam, sorrindo perante o que lhe acontece. Entre os 12-15 meses, ganha gosto, chama a atenção do adulto para o que lhe agrada, quase antecipa, tenta "dançar", por vezes, trautear. Mais tarde ainda, começa a identi-

ficar os heróis, as personagens da televisão, particularmente publicitária, quando as encontra nos livros ou nos jornais e nas histórias. Pelos dois anos e meio, talvez mais, começa a interessar-se pela história como sequência, principalmente a partir dos desenhos animados, pontuando em momentos fortes ou emocionalmente ou comicamente. Só mais tarde é capaz de agarrar a sequência ou seguir a história, se for curta.

Numa palavra: muito mais cedo e muito mais abundantemente, a criança de hoje-amanhã, encontra-se perante uma quantidade considerável de imagens variadas, de temas diferentes, de personagens alheias, numa palavra, de conteúdos imagéticos, mais alargados e tantas vezes estranhos ao seu mundo. E tudo isto, "incorporado", no sentido próprio, alimentando a sua vida: os seus jogos, os seus desenhos, a sua linguagem, a sua mímica, os seus gestos[180]. E duma forma lúdica, na maior parte dos casos, agradável. É claro que não há nem pode haver substituição das suas actividades, particularmente, as suas actividades lúdicas pela televisão, principalmente se se encontra em grupo. Seria mais adequado considerar que ela contribui com o seu material para uma diversidade maior, com incitamentos, constantemente renovados, para as suas actividades ou para uma certa massificação.

E isto, tendo em conta principalmente as características da 2ª infância, nomeadamente, a distinção entre o eu e o não-eu, entre a representação e a coisa representada e outras manifestações, magia, animismo... No entanto, se passarmos aos 11-12 anos a situação é outra, o problema ou problemas são outros. E a dar que re-pensar a actualidade que é o amanhã. Com efeito, nesta idade, o pre-adolescente converte-se quase exclusivamente em consumidor da televisão. E ao lado, em segundo plano, quase esquecidas, por vezes, as actividades escolares, tantas vezes exigentes. O risco é evidente e inevitável: o fascínio da aventura é a dominante expressiva desta idade: uma inflação de aventuras imaginárias, com uma mínima ou nula referência ao dia-a-dia,

180 Na maior diversidade de práticas de desenho livre ou temático, assim como em protocolos de Rorschach e de T. A. T. são numerosos os elementos, provenientes particularmente dos desenhos animados.

particularmente, ao dia-a-dia escolar. Tal atitude pode conduzir a uma passividade notória e nociva perante a televisão: um fundo sensori-imagético envolve-o tão completamente, quase absorvente, sem que, curiosamente, o pre-adolescente, nele se insira. Preferivelmente, volta-se para os seus próprios recursos; os exteriores constituem apenas pretextos. A passividade instala-se, o sujeito deixa-se embeber pela imagem enquanto imagem, sem a mínima preocupação pelo fio condutor, pelo que dali pode induzir ou deduzir, pelo que pode construir a partir de ou ao lado de ou contra, mas sempre por si e para si e/ou para a comunidade.

Como quer que seja, até que a reflexão pedagógica e a prática educativa "pegue" nestas situações doutro modo, em termos e com objectivos de desenvolvimento, o mundo imaginal quer da criança quer do pre-adolescente, como particularmente do adolescente exige ser observado cuidadosamente, analisado atentamente. E para se conseguir essa observação não se pode prescindir do mundo da banda desenhada, dos ilustrados e, particularmente, principalmente, da televisão e, brevemente, para alguns casos, do terminal de computador, passando intermediariamente, pelo "video-tape". Na prática psicológica, hoje e imediatamente não podemos prescindir do espaço interplanetário, como o novo campo de aventura. Mais correctamente ou menos correctamente definido, quer como actividade quer como lugar, pouco importa, constitui sempre e só uma grande fonte inspiradora do mundo imaginal. Até pelo privilégio de ser um espaço aberto de descoberta. Representa algo a definir, descobrindo, criando ou recriando... "e se mais terras houvesse lá chegara..."

O fantástico, cada vez mais e cada vez melhor ultrapassado, consegue ser uma oportunidade reveladora das possibilidades de desenvolvimento, da criança e do adolescente e das actividades humanas em geral...

Apoiados nesta rápida e esquemática referência, torna-se fácil avançar para uma consideração que vem muito a propósito. Em consequência, quase inevitavelmente.

Cada personalidade é uma história e um historiador. Um historiador que recria o seu passado, ao criar no presente o seu

futuro, exactamente porque dispõe da actividade especificamente humana de criar imagens ou fantasia e, da não menos humana, a actividade de transformar imagens ou imaginação. Dispõe ainda da sua actividade, com facetas especificamente humanas, de re-construção de imagens ou memória. Fundamentalmente, todo o humano dispõe da expressividade criadora, expressando-se originalmente; hoje e aqui a partir do futuro e do passado. Trata-se, em todos os seus aspectos duma história que se vai desenrolando ao longo do transcurso existencial de cada humano, basicamente, desenvolvimento.

Desenvolvimento foi, dum outro modo, o percurso em termos de vias, do mundo imaginal. Desde o século IV até ao século XX, vários conteúdos culturais foram conotados com o vocábulo imaginal. Ou seja, um certo número de vocábulos apareceram, mais ou menos aparentados na forma e no conteúdo, ao longo desta breve digressão histórica em torno do mundo imaginal que somos...

Vou tentar uma certa perspectivação de conjunto ou apresentar uma certa panorâmica ou sinopse. Com o objectivo de facilitar a compreensão pontual sobre a justeza da hipótese vou tentar um breve inventário de vocábulos vizinhos ou avizinhados, próximos ou aproximados, na forma e/ou no conteúdo, da palavra imaginal, por falar do mundo imaginal que somos. Deixarei de parte, como é óbvio, por ter feito parte duma outra investigação, uma análise profunda e exaustiva de outras facetas desta temática[181].

Neste contexto impõe-se um pequeno e rápido inventário, uma como que singela demonstração da polivalência do vocábulo e respectivas conotações. É fácil verificar ser um determinado contexto, o referencial primeiro a ter em conta para melhor compreensão crítica e voltada para o futuro, dos variados significados que lhe foram atribuídos. E isto na certeza de que obedecer a um

---

181 A. M. Santos, *Fantaisie et avenir. Enquête psycho-sociale, auprès des jeunes portugaises* (Leuven, 1977. Dissertação).

Aquilo que ficou dito neste estudo não será retomado aqui. Ou seja, neste momento o que me interessa é um pequeno inventário doutro modo e doutro estilo como se poderá facilmente observar.

lugar-comum não se encontra dotado do mínimo interesse. Estabelecer um contraste demasiado forte e extremista com o lugar-comum também não aparece como interessante.

Re-correr a uma *re*-leitura do passado pode vir a ser proveitoso. Se um tal passado der pelo nome de Aristóteles pode constituir uma referência relevante. A sua relevância situa-se no tema da distinção entre as imagens.

"Assim: o animal, pintado sobre uma tela, é simultaneamente um animal e uma cópia. Sendo um e o mesmo é, simultaneamente, estas duas realidades". E aqui se levanta um primeiro problema: são idênticas ou são diferentes, enquanto realidades? Perguntar se são diferentes pode levar a reflectir gnoseologicamente, isto é, sobre a "adequação entre o intelecto e a coisa", para verificar a existência da verdade que seria a total adequação. Perguntar se são diferentes é ainda colocar-se numa perspectiva gnoseológica mas, desta vez, para lançar a disjuntiva: onde se encontra a verdade, no intelecto ou na coisa? Se o postulado quer que a verdade se encontra na coisa, aparecem os mais variados empirismos e/ou sensismos assim como aparecem os mais diversos idealismos e/ou racionalismos, se pressupõe a verdade encontrar-se no intelecto[182]. Qualquer destes problemas encontra-se à margem duma análise das actividades do sujeito assim como de cada sujeito, o que constitui preocupação primeira da ciência psicológica.

E Aristóteles continua: "o ser do animal e o ser da cópia, no entanto, não são idênticos. Com efeito, podemo-nos representar esta pintura, quer como um animal quer como a cópia dum animal". E aqui complica-se a compreensão do que se passa. Com efeito, o animal pintura não é o animal da zoologia, embora seja um animal, enquanto algo de sensorializado e reconhecível através duma análise classificativa em zoologia e encontrável em qualquer local próprio da natureza. Com efeito, nada mais é do que uma cópia, que se pretende ou que é mais ou menos fiel.

Comecemos pela cópia: quem tem conhecimento do animal

---

182 Não cabe aqui justificar bibliograficamente a problemática. Não seria difícil, como não parece a propósito. Até porque seria quase um aumentar da confusão entre os dois domínios, o da psicologia e o da gnoseologia.

por análise técnica ou por contacto directo (vai dar ao mesmo) não oferece problemas. Já constituirá uma situação curiosa a de alguém que nunca viu o animal nem tomou com ele qualquer contacto directamente sensorial e muito menos o descobriu por análise técnica. Isto quer dizer que vai ficar apenas com a cópia: ou técnica ou simplesmente filmográfica como acontece em todos os variados documentários, hoje abundantes e interessantes, sobre espécies e seus modos de vida, inacessíveis à maior parte dos homens, como são os animais da selva ou da savana ou os peixes dos fundos marinhos, etc. . Neste caso acontecerá apenas a cópia, individual, duma cópia filmográfica, construída no meio e reconstruída no laboratório. Para além da riqueza ou da pobreza duma cópia, quer perante si próprio, o artista, quer na transmissão das impressões que experienciou para outras pessoas, nesta cadeia, trata-se sempre de algo que se vive, se experiencia. Numa palavra, que é real para alguém. O caso extremo seria o dos animais fantásticos ou de pura criação fantasista, como se pode encontrar na mitologia, nas lendas e nos contos, ou seja, nos "O. V. N. I." de todos os tempos. Estaríamos na última hipótese, realçada por Aristóteles: "a imagem que "se pinta" em nós: aí se encontra absolutamente do mesmo modo, a realidade. A noção que a alma contempla é *algo por si mesma* (sublinhado meu) embora seja imagem doutra coisa". Deste modo, portanto, considerada em si mesma é uma representação do espírito, uma imagem; enquanto se refere a um outro objecto, é como uma cópia, uma lembrança.

O mais interessante, para o nosso caso seria perguntar agora: a cópia (que é pintura, escultura ou fotografia...) vem do objecto em si mesmo ou do sujeito? Claro, todos concordam que vem do sujeito. Consequentemente, o quadro que é cópia, não é cópia do objecto sensorial mas do *objecto-imagem que é realidade num sujeito*, qualquer que seja, criada inteiramente por este[183]. Seria legítimo avançar e dizer enquanto aprendiz de psicologia que se "faz" e para a "fazer" — investigação e aplicação — é a acti-

183 E acontecendo que todos se formam imagens, nem por isso todos pintam ou esculpem. Embora todos possam comunicar com os "criadores".

vidade do sujeito que me diz respeito, é o que o sujeito expressa, as actividades que exerce que podem constituir objecto de investigação e/ou de intervenção. Em segundo lugar apenas, dizem-me respeito os seus produtos, as suas imagens. Para um aprendiz de psicologia-ciência que se "faz", discutir a génese da imagem ou a sua forma ou ainda a sua causa ou a sua essência assim como o substracto da imagem não me pertence, não me compete e não me interessa (ao menos neste momento).

Sim e apenas: somos um mundo de imagens, um mundo imaginal.

A maior parte das confusões e das distinções resultam do momento anterior da análise destas temáticas em que se insistia preferencialmente senão exclusivamente sobre o estado sensível ou sobre o seu prolongamento imediato. Um tal momento caracteriza-se pela ausência de qualquer vislumbre de consideração actualizada sobre as técnicas projectivas e as bases experimentais da sua prática teórica e da sua prática aplicada. Estas, com efeito, levantam problemas, exigem considerações que o passado ou o presente, enquanto repetição do passado nem de perto nem de longe sequer suspeitavam. Os testemunhos abundam: na imagem, copiamos a sensação, mas em todo o caso, com uma outra matéria" (Jold, 1924). A força deste dito dum fisiologista, Meynert (1884): "A lembrança do sol a mais brilhante, contem menos claridade que a bilionésima parte da luz dum verme luminoso: a imagem do estrondo, produzida pela explosão mais terrível nada contem que possa aproximar-se sequer, longe disso, da bilionésima parte do ruido dum cabelo caindo na água".

Para os fisiologistas tradicionais e para certos filósofos que se debruçam sobre a pessoa, haveria dois grupos de fenómenos sensíveis segundo Meyerson (1936): as sensações de intensidades superiores e as imagens, de intensidade inferior. Esta simples comparação de intensidade absoluta vai muito mais longe no que diz respeito à variação de intensidade da imagem. Apoiado em Stumpf (1883) vai mais além: o fortíssimo representado é menos diferente do pianíssimo representado que o fortíssimo ressentido do pianíssimo ressentido. As relações de intensidade foram conservadas na memória, no entanto, os intervalos aparecem consi-

deravelmente reduzidos, como que em miniatura". E deste modo podem ser apontadas outras diferenças secundárias: as imagens são menos ricas em pormenores, menos complexas e menos nítidas, mais pobres numa só palavra. Para além disso, há que acrescentar: as imagens são fugidias, menos duradouras e, o que é pior, podem ser modificadas a capricho, quer na intensidade, quer na estrutura.

Aqui se encontra uma crítica pertinente, não enquanto crítica, mas por virtude das perspectivas que abre sobre o futuro que é presente, duma reflexão sobre a fantasia, enquanto capacidade de produção de imagens e da imaginação enquanto capacidade de transformação de imagens.

Mas, vindo a Ebbinghaus (1902), encontramos uma hipótese, que podemos considerar arrojada para o tempo e adequada na actualidade. Afirma que as imagens são dotadas duma força ou vivacidade própria, perfeitamente diferente e independente de qualquer intensidade sensorial. Trata-se, com efeito, de duas realidades diferentes, tanto quanto o são as actividades-forma e as realidades-conteúdo. Deste modo compreende-se que tudo possa acontecer: quer o desaparecimento (se é possível; provavelmente, não) de pormenores, quer o acrescento de pormenores (se é de acrescento que se trata) e, principalmente, de transformação. Todo um novo arranjo, toda uma re-elaboração, bem longe da "imagem-cópia". Se fosse possível falar de imagem-cópias, as próprias técnicas projectivas, enquanto prática psicológica seriam incompreensíveis ou incongruentes, quer nos seus fundamentos quer nas suas aplicações[184].

Por isso, e em perspectiva de actualidade, talvez mesmo futura, a imagem não pode ser considerada, nem uma sensação enfraquecida, e muito menos uma percepção parcial, reflectida do passado. Torna-se impraticável confundir as actividades com o seu conteúdo assim como as actividades e respectivos conteúdos com o seu referencial. Numa analogia do domínio da arte: a imagem seria constituída por tudo o que o sujeito elaborou a partir

184 Cfr. a III Parte.

das mensagens sensoriais que praticou[185].

Em consequência, pode-se afirmar com Meyerson, mais ou menos por estas palavras: entre a imagem e o dado meramente sensorial, acontece uma diferença tanto mais notória e notável que até compreende de permeio a imagem directa e imediata que é a imagem sensorial. A imagem acontece a meio caminho entre o sensorial e o racional: resulta duma transformação do sensorial que lhe permite o tratamento pelo nível intelectivo (1923). Isto mesmo ficou esboçado acima e, no seu estilo, fundamentado por Tomás de Aquino, ao realçar a importância da fantasia na transformação ou no arranque para a espécie expressa, a partir da espécie impressa.

Duma forma geral seria de distinguir diversos tipos de imagens na actividade do sujeito e/ou de cada sujeito existencial: as imagens que tecem o nosso dia-a-dia, enquanto nos aparecem directa e imediatamente para tarefas directas e imediatas. Estas tarefas, por sua vez, podem reclamar a evocação voluntária de muitas outras, quer relativamente ao passado quer relativamente ao futuro, as quais complementam, problematizam, transformam as que se apresentam no dia-a-dia. Haveria a considerar de seguida, as menos frequentes, mas da experiência experiencial de cada um, as imagens-centelha. Ou seja, as que aparecem-desaparecem para voltar, mais ou menos persistentes, indo até às obsessivas, as que se impõem incoercivelmente; e ainda as imagens que nunca mais voltam, sem a mínima consequência positiva ou negativa, na expressão desta ou daquela personalidade, ao menos aparentemente.

Em segundo lugar, poderíamos considerar as imagens enquanto imagens, pura presença "eidética", como que uma fita cinematográfica, assim como as imagens enquanto origem de movimentos do sistema muscular, de sensações diversas, pala-

185 Conclui Delacroix: "qualquer que seja a forma sob a qual ela se apresenta, a imagem é já uma realidade intelectual; apresenta à personalidade, coisas elaboradas, perspectivadas duma certa forma, com uma certa esquematização correspondente, com realces para determinadas formas e conteúdos... Apresenta-se sempre, a imagem, como o esboço do artista, a exprimir a seu modo de ver o sítio..." (1924, 387).

vras, etc. . Poderíamos ainda considerá-las, enquanto imagens da memória, em repetição-reprodução no tempo, e as imagens--lembrança que consistem em localizar, precisamente, a imagem no seu contexto e, finalmente, as imagens fantasia, as que cada um vai construindo, por e para enriquecimento do que sabe da realidade e do que pode extrair da mesma realidade, em termos de futuro, particularmente.

A igualização da imagem com a sensação, a partir da redução da actividade da personalidade à sensibilidade — critério empirista em teoria do conhecimento — conduziu a uma quase geografia anatómica das imagens e, pior ainda, dos tipos de imaginação. Tal facto pesa ainda demasiado, principalmente em meios de reflexão bio-fisiológica ou deles dependentes. No entanto, longe vai o tempo em que, certamente, por contraposição a uma exposição meramente metafísica da imagem e da imaginação se pretendeu, não realçar a base orgânica indiscutível de certas actividades mas, "religiosamente", reduzir todas as expressões da personalidade, aos elementos orgânicos, particularmente anatómicos, constitutivos do organismo, nem sequer referindo os fisiológicos. É claro, quer numa outra linha histórico-cultural, quer pela prática recente assim como pela investigação actual e actualizada, a construção, a formação das imagens constitui uma actividade eminentemente, melhor, especificamente pessoal, por virtude da presença-desenvolvimento da personalidade no mundo dos objectos e no mundo dos humanos. Basta pensar na criação artística ou estética, na criação científica e na bi-polar criação técnica.

Diria Meyerson, em frase-síntese, na sequência da fenomenologia e, particularmente de Husserl: qualquer forma de pensamento mergulha as suas raízes nas coisas, todo o pensamento é "curioso" pelo real. O sensível e o concreto não são o pensamento — o empirismo pretendia o contrário — antes constitui aquilo para que o pensamento se volta, é obrigado a voltar-se em certos momentos para se desviar, imediatamente nos seguintes. Perante o sensorial, um pensamento acontece. No entanto, desde que se manifesta como pensamento, já nada é de sensorial apesar de não poder dispensar o sensorial, como referência.

"Ninguém se recorda de nada, das coisas. Só nos recordamos de nós próprios". Encontramo-nos presentes e/ou subjacentes a todas as imagens, quer da vida vigil quer da vida onírica. Seria de realçar, neste contexto a frase de Royer-Collard, referida por Meyerson: "on ne se souvient pas des choses, on ne se souvient que de soi-même". Em cada uma das imagens, sensitivas ou intelectivas, de sonho vigil (rêverie) ou de sonho a dormir, da parte da cognitividade ou da parte da afectividade encontra-se presente a personalidade e em todas elas por igual. Somos mundo imaginal.

Seria de aproveitar esta abertura passageira para ultrapassar um sempre possível ecletismo, claramente comprometedor do avanço na investigação, em torno da personalidade[186]. Com efeito, não se trata de colocar o pensamento face a face com a imagem ou de iluminar essa imagem, de si mesma, impura, nem de identificar a imagem com a sensorialidade ou algo diferente e muito menos com uma qualquer combinação de fragmentos ou re-composição. Pobre táctica que consiste em esconder os problemas, procedendo como se estivessem resolvidos. Da concepção metafisicizante da imagem-traço passa-se a uma concepção funcionalista da imagem-sinal, significativa ou não, i. é, reveste-se da maior importância o que ela denuncia, para que ela aponta mais do que a figura que apresenta ou que manifesta, assim como do imaginante que revela.

Se uma tradição fortemente arreigada persiste em confundir imagem com percepção, uma outra, talvez mais arreigada ainda, consiste em as separar. Com efeito, o provável e quase demonstrado é que há imagens, realidades vivenciais, e há percepções, actividades de alguém. Há imagens que correspondem a algo de exterior, consideradas verdadeiras e ponto de aplicação da actividade de percepção. Há imagens, e são igualmente imagens, a que

---

186 Pode alguém achar que não se trata de ecletismo adentro duma lógica ou duma teoria do conhecimento (gnoseologia). Ou não será que mesmo em lógica, directamente reflexões lógicas que Husserl tentou quebrar, denunciar o ecletismo estéril e avançar com outras perspectivas, em abertura possível a uma prática experimental diferente em investigação da personalidade? É possível ir mais além?

nada corresponde de exterior e que se podem dizer com todo o rigor, imagens interiores ou imagens-vivências pessoais. Tradicionalmente, imagens mentais. "Imaginário".

Qual será a imagem verdadeira ou a verdadeira imagem?

Para Montier,na linha de Pierre Marie, Wernicke e de Broca fisiologistas, a perspectiva é uma só: "o erro grave na questão das imagens consiste em acreditar nelas como se se tratasse de realidades... Acontece com a imagem o mesmo que acontece com a substância pensante:são apenas "realidades metafísicas" sem correspondência nenhuma com a experiência" (Sartre, 1983, p. 139).

Compreende-se que o behaviorismo tenha fustigado violentamente a imagem, como todo e qualquer "covert behavior", indo ao ponto de negar validade operacional à própria fisiologia na análise do comportamento. Com efeito, a sua preocupação era distanciar-se igualmente e vantajosamente dos extremos vigentes: do estruturalismo à W. James e do funcionalismo à Titchener. Cinquenta anos depois, algo veio ao de cima, neste contexto. Lentamente. Mesmo nos círculos neo-behavioristas. Com efeito, a corrente cognitivista, na sua largueza considerável, permite um consenso que se manifesta em termos de abertura, para a introdução da imagem em Ciências psicológicas. Embora ambiguamente. Até porque se chegou a um quase extremo de fazer do vocábulo uma espécie de vedeta. E ao mesmo tempo cair por aqui e por ali no passado da não clara separação entre perspectiva gnoseológica e perspectiva psicológica.

Por 1960, pela via da estética, enquanto domínio de um mundo expressivo, o vocábulo foi entrando no linguajar dos investigadores em Psicologia, embora timidamente, reconhecendo-lhe alguns destes um certo valor operacional e uma certa validade científica. Cada vez ganhava maior respeito no meio tecnico-científico. E isto apesar da suspeição que ainda reinava contra o introspeccionismo. Com razão. No entanto, procurando hoje algo mais atrás encontra-se que muitas reflexões válidas ficaram sufocadas pela moda da "Psicologia sem alma" (a alma é dado metafísico) e da não menos importante "Psicologia sem corpo" (tantas vezes, igualmente dado metafísico) pois só o comportamento: estímulo + reacção: é observável e controlável.

Com Husserl, porém, vai ser a perspectiva de intencionalidade aquela que vai contribuir poderosamente para uma perspectiva diferente da imagem. Uma afirmação de base, na sequência de Franz Brentano, o qual, por sua vez, a traz de Tomás de Aquino, consiste no seguinte: "toda a consciência é consciência de algo". Por outras palavras ou dum outro ângulo: "os dados-impressões... são, por princípio, radicalmente diferentes da cor, da superfície, da configuração ou de qualquer qualidade da coisa" (Sartre, 1983, p. 146).

Consequência directa no que ao nosso tema diz respeito: "a imagem é, sempre e igualmente, imagem de algo". De conteúdo inerte, por vezes, meramente subjectiva, tantas vezes, a imagem avulta como algo, realidade, em relação directa com algo, realidade, transcendental. No sentido seguinte: que transcende os dados imediatos da sensibilidade e muito mais da simples actividade psico-motora. A imagem constitui um mundo à parte de qualquer outro dos que se encontram considerados tradicionalmente. Por outras palavras: toda a imagem é síntese, enquanto configuração e enquanto conteúdo. As críticas à imagem e, mais particularmente à hipótese aqui debatida de mundo imaginal, vão ser críticas negativas, umas, apologistas, outras, mais ou menos reducionistas a maior parte. Todas elas constituem quase sempre a crítica duma certa "ideia" sobre a imagem, mais ou menos identificada com "mundo imaginário" o mesmo é dizer, inexistente. Como são críticas que se debruçam sobre um passado mais ou menos remoto, pouco ou nada podem ter a ver com a hipótese aqui esboçada de que a presença da imagem é uma presença-realidade, ela própria constituinte dessoutra realidade que somos, personalidade ou mundo imaginal. A imagem é a subjectividade ou a existência pessoal.

Apesar disso, a passagem para uma visão diferente da imagem aconteceu através duma série de afirmações em que o emprego do vocábulo imaginário era muito frequente. Segundo a palavra de G. Bachelard, sobejamente conhecida, o imaginário é a fonte, diria inesgotável, de imagens que existe em cada um de nós. Uma espécie de depósito sem fundo. Presente em qualquer humano, independentemente da concretização manifestativa por

obra do criador estético.

G. Gusdorf, por seu lado, em "Mythe et méthaphysique", mostra que o imaginário se compõe dum regime diurno e dum regime nocturno, de abertura e de fechadura, de esconder e de mostrar, de defender e de conquistar, em permanente complementariedade dos modos os mais diversos, quase inumeráveis.

Michel Meslin (1973, 255), ainda, em "Le Merveilleux" mostra claramente e, para mim, convincentemente que, apesar da variabilidade das aparências, da riqueza das manifestações, na diversidade das sociedades e dos contextos culturais, na variedade da criatividade humana, as vivências humanas resultam dum mesmo "fundo", especificamente humano, o imaginário, presente presentificante, da expressividade humana inesgotável.

Principalmente, G. Durand em "Les structures anthropologiques de l'imaginaire"(1963) mostra que o imaginário e seus conteúdos variadíssimos é anterior à linguagem, se a considerarmos enquanto codificada pelas regras lógicas da razão raciocinante.

Muitos outros testemunhos podiam ser aduzidos no sentido de demonstrar a pertinência das observações aqui expostas em torno da hipótese da personalidade como mundo imaginal. No entanto, como o mais importante serão algumas breves demonstrações experimentais para fundamentação da hipótese fico por aqui. Não sem dar mais algumas achegas e um distinção importante entre conteúdos da personalidade e actividades da mesma personalidade. Ao lado da observação experimental, por experimentação provocada, oportuna se me afigura esta singela observação de Woodworth (.....) "No caso duma imagem como que demasiado clara, aquela acerca da qual se pode dizer que é "sob todos os pontos de vista equivalente à própria impressão", o que re-vive é, sem a menor sombra de dúvida, a atitude pessoal e o valor emocional, suficientes, por si sós, para criar uma forte atmosfera de realidade".

Ao formular uma visão final de síntese sobre o percurso historico-cultural do vocábulo imaginal e de seus conteúdos próprios e apropriados torna-se vantajosa a observação cautelar no sentido de evitar desvios à reflexão que propus realizar sobre esta hipótese da personalidade como mundo de imagens.

As mais recentes pesquisas sobre as "imagens mentais" proporcionam-nos um panorama quase "dramático" de posições inovadoras, a suscitar a revivescência dos mais diversos modelos do passado, acerca das mesmas. Pylyshyn (1973), por exemplo, um dos mais severos críticos da noção de "imagerie", como processo explicativo em psicologia cognitiva, apelida esta arremetida em torno da imagem como "tumultuosa". Duma forma geral, no entanto, um acordo parece estabelecer-se, relativamente à utilidade duma forma capaz, para explicar o funcionamento perceptivo-cognitivo, embora a partir de perspectivas bastante diferentes. Com efeito, não se reconhece o mesmo estatuto à imagem, nem o mesmo papel na actividade cognitiva, nem sequer se parte ou se chega ao mesmo conceito, e muito menos ao mesmo conteúdo acerca do próprio conceito empregue.

No entanto, é por isso e aqui mesmo que se impõe uma cautela metodológica: em toda a bibliografia, a focagem quase exclusiva no lançamento das hipóteses e nas discussões conclusivas, situa no primeiro plano o processo do conhecimento e os problemas a ele inerentes. Nada mais é que o prolongamento da confusão ainda frequente entre psicologia ou análise das actividades do sujeito e a gnoseologia ou análise da relação entre sujeito conhecente e objecto conhecido. Por outras palavras, limita-se simplesmente a psicologia à análise e respectivas problemáticas em torno da actividade de conhecimento, em termos de verdade ou de falta de verdade. Disso constitui exemplo paradigmático o falar-se, em prática psicológica adentro das técnicas projectivas, de "distorção", de "distorção aperceptiva" e de "apercepção".

Vejamos como Denis e Dubois titulizam a sua reflexão, "a representação cognitiva" e como sumarizam a mesma: "... vamos analisar também uma tendência contemporânea, caracterizada simultaneamente pela busca de modelos formais abstractos, desligando a representação das suas referências subjectivas e por uma insistência mais marcada sobre os aspectos funcionais da representação..." (1976, 541). A sequência da reflexão conduz claramente a esta conclusão segundo a qual a imagem é tomada neste mesmo contexto, como elemento da representação. E assim se definem "as unidades e as dimensões da representação". Con-

sequentemente, aparece a "representação como processo". No entanto, não se trata dum único caso, acontecendo o mesmo com Blanc-Garin. A sua perspectiva fica bem expressa no próprio título da reflexão: "investigações recentes sobre as imagens mentais: o seu papel nos processos do tratamento perceptivo e cognitivo" (1974). Com uma pequena agravante, qual seja, distinguir senão mesmo separar o perceptivo do cognitivo. Deveras significativo.Cognitivo seria gnoseológico.Perceptivo seria "psicológico". Por outro lado, insiste, como quase todos os tratadistas, no qualificativo de "mentais", o qual só confunde e complica, tendo presente o peso histórico-cultural do bi-substancialismo oposicionista de mental e físico, substituto do moral e físico.

Acerca da fantasia, algo ficou dito em *Fantaisie et avenir* (1977) sob dois aspectos complementares e ambos elucidativos. Os aspectos ou partes da reflexão são os seguintes: "O que se fez da fantasia"? A resposta é simples e facilmente comprovada: as mais curiosas atrocidades, paradoxalmente, embora compreensivelmente, a partir do advento da observação experimental até ao final terem-na considerada a "maitresse d'erreur et de fausseté" (século XVII)). A segunda reflexão praticada foi esta: "O que se pode fazer com a fantasia"? Tudo, a começar por viver o seu quotidiano até às grandes invenções de leis científicas e às grandes aplicações técnicas, assim como às inovações do domínio da arte.

Claramente referenciada, a fantasia.

E toda a gente sabe e compreende que o teclado bio-fisiológico é um limite permanente às criações da fantasia,na exacta medida em que é o precedente imediato de toda a acção. O que acontece é todo um conjunto de selecções de elementos e apenas selecção, para além da qual ou para aquém da qual acontecem todos os inumeráveis jogos da fantasia. Assim como da imaginação. E aqui se encontra o problema que lhes foi levantado historicamente. E que persiste nos mais diversos estereótipos senão mesmo preconceitos em qualquer grupo ou em qualquer sociedade.

No entanto, uma palavra para a imaginação. Palavra difícil de avançar porque a análise torna-se particularmente dificultada por virtude da complexidade deste tema, com tantos entusiastas a dar-lhe um supervalor — lembrar a palavra d'ordem: "l'imagi-

nation au pouvoir" — e tantos outros entusiastas em negar-lhe qualquer valor ou interesse ou validade, por contraste com o supervalor atribuído ao raciocínio seco e isolado. Para além do que acima ficou dito (.....) daria um salto para a actualidade--divulgação de ideias com larga aceitação junto do público. O título é o seguinte:"A imaginação,uma memória que se ignora". Paradoxalmente, Ph. Porret (1989) acrescenta: "fantasias de lembranças". Trata-se de lembranças ou de fantasias? De fantasias sobre lembranças, será? As denotações e conotações são por demais evidentes e não valeria a pena dar-lhe aqui mais relevo.

Então venhamos à memória. Vocábulo preenchido com os mais diversos conteúdos, com referenciais extremamente diversificados a dificultar uma análise minimamente representativa. São duas as principais denotações, já formuladas assim por H. Bergson (1939, 1959[60]): "A memória é apenas uma função do cérebro e o que se verifica é apenas uma diferença de intensidade entre a percepção e a lembrança". Toda a gente reconhece aqui uma forma antiga de ver a memória e a sua relação com o mundo imaginal que nós somos. Tem o seu interesse lembrá-la principalmente para estabelecer um contraste com estoutra: "a memória é totalmente diferente da função cerebral; não há apenas uma diferença de grau entre percepção e lembrança". Doutro modo, qualquer esquecimento deveria corresponder ou apoiar-se numa lesão cerebral. Em alternativa — qual será o seu interesse? — Bergson propõe: "a memória não consiste de modo algum numa regressão do presente para o passado", até porque para a maior parte das teorias que a isso se referem, o consideram enfraquecido e diminuído, esse passado. É, principalmente, continua Bergson, "um número indefinido de imagens". (180)

Memória e percepção foram, até Bergson, e são ainda, as duas grandes vertentes da psicologia dita cognitiva, confirmadas em força pela informática e no seu aspecto mecanicista, pela cibernética. Mais ainda, as nossas imagens baseiam-se no que recordamos e o que recordamos, por outro lado, encontra-se baseado em imagens; imaginar, contudo, é até certo modo semelhante a percepcionar e assim é que se diz, "ver com os olhos da mente". Isto quererá dizer, historicamente, que as concepções de

"imagery" derivaram das concepções de memória e de percepção? Um outro exemplo: "as imagens são pinturas mentais". Daí, as teorias clássicas da memória e da percepção vão no sentido de afirmar que percepcionar é semelhante a olhar para pinturas e lembrar-se é semelhante a olhar para as mesmas em segundo tempo.

Em tempos sustentei que os processos do imaginar se encontravam estreitamente relacionados com os da própria percepção (Neisser, 1986 e 1972) e ambos constituiam momentos ou casos de construção activa mais do que registos e lembranças passivos. De então para cá, desenvolvimentos vários e importantes aconteceram. A influência crescente veio, com forte evidência, da nova forma de ver a percepção, a partir da obra de Gibson: "os sentidos no sistema perceptivo" (1960). Uma outra foi a assustadora revira-volta que aconteceu na análise da memória, em virtude da qual as longas e antigas prisões axiomáticas, mais ou menos convencionais com uma pressa ou quase precipitação "indecente", se pronunciaram em favor duma posição cognitiva.

No entanto, não será do lado da reflexão filosófico-metafísica e muito menos da filosófico-biológica que parece vir algo de adequado para esclarecimento desta problemática. Nem mesmo na actualidade podemos tomar como exemplo uma série de reflexões recentes, em jeito de número especial sobre a memória, onde entra até uma larga reflexão psiquiátrica sobre a saudade-nostalgia.

Ao contrário da actualidade-repetição, as investigações de campo e as reflexões já antigas e tão esquecidas senão ignoradas, criadas por M. Halbwachs adquirem total ou pleno significado para a reflexão presente. Estas investigações começaram a ser re-descobertas[187] e a memória começou a deixar de ser simples

[187] Maurice Halbwachs, enquanto sociólogo, mais ou menos na linha de Marcel Mauss ou os dois na linha de Durkheim, legou-nos o mais original das suas reflexões em *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925), com uma nova edição apenas em 1952. Uma outra obra com grande valor e interesse, embora hoje com um título discutível foi e é : *La mémoire collective*, aparecida em 1950 e em edição póstuma. Claramente significativo dum certo ostracismo. O mérito do Autor, nestas matérias é hoje incontestável. Pena é que não seja melhor conhecido, mesmo em análise sociológica, por exemplo no que se refere

acumulação, repositório ou reserva[188] para ser discutida como reconstrução ou elaboração permanente; de simples mecanismo de fixação e de reprodução para ser discutida como actividade simbólica de re-criação, nova referenciação. É possível passar da simples afirmação de que lembrar ou imaginar são processos construtivos e avançar no sentido de classificar em pormenor, essa construção. E partindo da certeza de que estes processos não podem de modo algum, ser investigados a partir da introspecção, mesmo provocada, pois ficaria enredada em inúmeras dificuldades.

O imaginar aparece, assim, sob uma nova luz: uma actividade diferente da memória e da percepção, uma expressão especificamente humana, em relação e colaboração estreita com outra actividade ainda, a fantasia. E as três actividades, tantas vezes confundidas, baralhadas ou afirmadas como opostas, podem, a partir de investigações mais adequadas, apontar para objectos mais específicos, afirmar-se como autónomas e passíveis de tratamento prático e científico, bastante diferente.

No entanto, o que mais importa focalizar neste momento é o vocábulo que se encontra a englobar um conjunto de actividades: percepção, memória, imaginação e, talvez, fantasia. E esse vocábulo é representação. A representação "representa", por seu lado, ou constitui o "rival" mais poderoso ou temeroso de imagem e,

---

aos quadros ou contextos de grupos especiais: o grupo familiar, o grupo sindical e o grupo religioso. Neste caso há que tomar a religião, não nas suas formas institucionais e organizacionais, mas principalmente nas atitudes de cada sujeito que absolutiza certos e determinados valores, optando em contraste por valores diferentes: vejamos "as catedrais do futebol ou do basebol, as celebrações das comunidades de base dos partidos". Não se realiza nenhum juízo de valor, mas um simples apontar para realidades que todos podem contemplar e/ou observar. Qualquer destes grupos estudados por M. Halbwachs, um deles minuciosamente — *La topographie légendaire des Évangiles en Terre sainte* (1941) — o grupo religioso cristão. Podia ser estudado monograficamente em relação ao Corão ou ao Buda ou a qualquer chefe político ou sindical que sirva para manter a coesão do grupo, assim como a importância paradigmática da personagem: escritor, pintor, cantor, etc. .

[188] O modelo de reserva ou celeiro ou de acumulação encontra-se clara e fortemente confirmado pelo uso da palavra memória em termos de raciocínio e em electrónica.

consequentemente, de imaginal.

A representação enquanto conteúdo significativo encontra em Fr. Brentano um marco notável. Até porque em Brentano mesmo se apresenta com notáveis diferenças desde 1864, ou seja no T. I da sua *Psicologia sob o ponto de vista empírico* e caminhando para os três tomos de 1928-29, com o título singelo e sugestivo de *Psicologia*. Nesta obra houve um acrescento notável de vários inéditos por Kraus, após o que se verificou em 1911 com a obra sugestiva e significativa da *Classificação dos fenómenos psíquicos*. Por outro lado, 1864 era um ambiente efervescente das discussões acesas de Mill, Bain, Lotze e outros os quais se apresentam como dificilmente compreensíveis nas suas ideias depois de W. James, S. Freud ou H. Bergson. A "classificação dos fenómenos psíquicos" consiste num alargamento-transformação dos últimos capítulos do T. II da "Psicologia..."(1876). Aqui deu grande realce às modalidades e interesse do acto de representar nas suas correlações com o seu "objecto", considerado sempre presente, ou seja, o real, por um lado e pelo outro com o julgamento e a afectividade (distinção fundamental e tão esquecida). O julgamento e a afectividade constituem os outros fenómenos psíquicos, próprios dos humanos, ao lado da representação. Haveria a ter em conta ainda o seguinte: Brentano foge à moda da fenomenologia lógica (para a qual forneceu contributos fundamentais) em estilo de análise transcendental dos pensamentos, procura favorecer, realçar a ideia de "existentia intentionalis". Tal existência significa, desde a alta Idade-Média, (Tomás de Aquino, em particular), a presença do objecto no sujeito. Nem subjectivismo, a atirar para fora as construções "do espírito", nem objectivismo a fazer penetrar as "coisas" no sujeito.

Neste contexto e embora há já certo tempo, significativamente, Brentano permanece a meio caminho entre a Psicologia, ciência experimental (não por ser fisiologia) e a quase redução da Psicologia à Lógica ou à Gnoseologia. Neste momento, afirmava: "podemos considerar como indubitavelmente correcta esta definição dos fenómenos psíquicos: ou são representações ou apoiam-se em representações. A ênfase atribuída a representação pode parecer exagerada. No entanto, podemos atribuir-lhe um sentido

capazmente englobante, o qual sem trair os resultados duma análise historico-cultural[189] pode melhor ajudar a compreender a hipótese de fundo, aqui esboçada, da realidade do imaginal. Com efeito, continua Brentano e com interesse: "Por representação entendo aqui não apenas o que é representado, mas a própria actividade de representar". Quer de representar quer de *se* representar. Brentano é, em meu entender, mais explícito ainda ao afirmar: "falamos de representação, sempre que um objecto nos aparece... Deste modo a actividade psíquica nunca se poderia reportar a algo que não fosse objecto de representação. Ao ouvir e compreender um nome, represento-me o que ele designa. Em geral o objectivo dos nomes é provocar em nós representações".

Brentano, por outro lado, emite uma observação curiosa numa tradução actual do velho prolóquio latino: "nihil volitum nisi precognitum", e afirma uma dupla perspectiva: nada é querido sem ser representado, assim como nada é julgado, negativa ou positivamente que não esteja representado. Todo este relacionamento é difícil de fundamentar, principalmente dominados como nos encontramos por uma certa moda gnoseológica em Psi-

---

189 Historico-culturalmente acontece, em termos de língua, um problema curioso: dum lado encontramos, na forma verbal, o *representar-se* uma pessoa ou um objecto, enquanto actividade do sujeito; do outro lado, a forma substantiva de *representação*, em sentido quase metafísico de "realidade", é o que se encontra. No entanto, fica sem dar a suficiente atenção ao sufixo *ção*. Lachelier (Voc. de Philosophie) lança a hipótese de que representação é a redução directa e imediata de *Vorstellung* alemã, na expressão *sich etwas vorstellen*. Representar-se ou "se representação" seria muito mais provável do que pensar que representar possui o sentido de corresponder a, reproduzir-se, simbolicamente ou não, muito menos ainda em termos de tornar presente no sentido jurídico lá onde a presença é devida até ao sentido de fazer as vezes de, o lugar de.

Assim, gradualmente, passou-se ao sentido, confirmado pelos fisiólogos de "ideia", uma como que segunda presença mas em repetição ténue, diminuida, da presença de origem. Num outro sentido parecem caminhar os seguidores, directos ou indirectos de Durkheim. Mas recorramos ao próprio Durkheim (1898): "La vie collective comme la vie mentale (isto interessa particularmente) de l'individu est *faite de représentations*" (sublinhado meu). Entre as duas pode haver uma aproximação interessante, a qual "loin de justifier la conception qui réduit la sociologie à n'être qu'un corollaire de la psychologie individuelle (e tanta gente o faz ainda hoje) mettra, au contraire, en relief l'indépendance relative de ces deux mondes et de ces deux sciences". (274)

cologia. E não é propósito destas amostras de reflexão em torno de representação fazê-lo. Mas apenas avançar certos conteúdos culturais do vocábulo.

Voltando, por isso, a Brentano, seria de admitir a "diversidade de modas" de representação. Uma das modas principais é a que diz respeito ao tempo na sua tridimensionalidade: futuro, passado e presente e outro será o directo e o oblíquo. Ambas hoje confirmadas por investigações actuais de grande interesse, até no domínio da bio-fisiologia (1944, 395-8). Brentano parte da afirmação que o ajuizamento e a afeição supõem sempre a representação. E esta pode ser sensitiva ou intelectiva. A primeira é dita intuição e a segunda concepção, pensamento conceptual.

Em contraste, poder-se-ia invocar Ebbinghaus (1902). O mundo é-nos familiar a partir das impressões sensoriais. Será que nada mais existe além delas? E a resposta: "Existe, sim e assume, portanto, uma grande importância, para a acção do sujeito no mundo exterior, do qual tem conhecimento por uma segunda espécie de impressões, ou seja, por representações". Trata-se apenas duma certa conservação do passado, em nada diferente das sensações, com "uma palidez, uma imaterialidade difícil de descrever... (acontecendo preferencialmente) em alguns sujeitos jovens, em sonho, em artistas plásticos... As representações adquirem graus de viveza sensorial a ponto de se poderem comparar até com muito fracas sensações". Uma outra característica é o ser fugitiva e inconstante.

Apesar disso, as representações são tidas estarem presentes na base da acção: as representações cinestésicas tendem a provocar de novo os próprios movimentos, aos quais devem o terem aparecido; a simples representação dum estado de alma, continua Ebbinghaus, no momento da execução dum certo movimento provoca, na hipótese de possuir suficiente vivacidade, o próprio movimento. Neste contexto, como verá Ebbinghaus a abstracção? Para isso há que ter em conta que as leis da atenção, do hábito e da memória possuem, de colaboração com uma particularidade simples de fenómenos exteriores um "efeito particular sobre a vida psíquica representativa... Produzem representações, quer apenas de certos traços salientes das coisas percepcionadas

(representações abstractas), quer traços comuns a um certo número de coisas objectivas (representações gerais). Tudo isto encontra-se dotado duma importância extrema, para toda a vida intelectual superior"

Falar de vida intelectual superior é reportar-se a um texto de Piéron (1904), no qual se problematizam as concepções clássicas da "associação de ideias", no meu entender com inteira razão. Por outro lado, há algo de mais interessante neste trabalho, particularmente sendo de quem é. Piéron lança já uma distinção que vem muito em nosso propósito: há as "associações imaginais" (imaginelles) e as outras distintas, as "associações ideicas" (idéiques). Curiosamente, no entanto, adentro e na continuidade da tradição, reduz as *imaginelles* a homosensoriais e heterosensoriais e em ambos os casos em idênticas e semelhantes. Quanto às associações *idéiques*, há a considerar as sugeridas e as espontâneas. Estes dois grupos, por sua vez, podem apresentar-se ora como discursivas, analíticas ou sintéticas, ora como indiferentes, concretas ou abstractas. E isto, tendo em conta que "há que substituir aos velhos contextos, um invólucro mais maleável, capaz de abarcar com mais exactidão o pormenor dos fenómenos que se podem observar na psicologia do espírito humano". (517)

O mesmo tom se pode encontrar, dum modo geral, em Sartre, para quem o pensamento não passa dum conjunto de imagens. No entanto, a imagem só pode ser a imagem sensorial e, em consequência, todo o pensamento é associação de imagens sensíveis. A palavra imagem designa apenas a relação entre a consciência e o objecto, ou seja, é uma forma que o objecto detém de se apresentar à consciência ou que esta encontra de se proporcionar um objecto. Deste modo se compreende que toda e qualquer "consciência" afirma o objecto : enquanto "consciência perceptiva, trata-se do objecto existente; enquanto reflexiva, trata-se das essências universais e enquanto "consciência imagética" afirma o seu objecto como inexistente ou ausente.

Em síntese, poderia servir-me desta reflexão de A. Richardson (1969): "Até anos recentes a investigação experimental sobre as imagens foi, comparativamente, negligenciada e sempre, até ao presente, o tema não parece ter recebido estudo tão extenso e tão

pormenorizado como o que foi praticado no que respeita à sensação". (346) Esta afirmação aparece para lançar uma investigação, apenas sobre a "intensidade das imagens", interrogando-se directamente, se as imagens possuem tal característica e se a possuem será comparável com a da sensação ou qual será a diferença entre as duas intensidades. Esboça um percurso histórico, avança uma observação experimental para ao fim concluir singelamente: "o que toca à intensidade das imagens revela-se como uma problemática à qual se torna impossível responder seja com brevidade seja definitivamente". Para ir mais longe ou mais profundamente, levanta a questão seguinte: "poderá a intensidade da imagem, como tal, substituir a intensidade da sensação?" (367) Conclui: "enganamo-nos pela afirmativa".

Constitui um passo em frente. Esquecido. Embora importante. No entanto, acrescenta algo, ainda para o futuro, a bem da investigação sobre o mundo da imagem: há que manter claramente que a imagem se distingue da sensação, na textura e na natureza. (368).

Mais clara e raramente evidenciada é a reflexão de Hoernley (1907), ao finalizar uma investigação em torno da trilogia *Image, Idea and Meaning*: "em primeiro lugar a ideia comporta uma referência objectiva ou um desígnio de significação. Não nos encontramos referenciados a uma imagem ou sinal mental mas a um conteúdo definido da experiência que eu penso". Em linguagem actual, dir-se-ia tudo parte duma actividade de contacto com a realidade, enquanto conteúdo personalizado. "Em segundo lugar, a consciência que formamos deste conteúdo é da natureza duma representação". É evidente que a consciência do conteúdo é a imagem que dele formamos, sempre em referência com o objecto da experimentação primeira, mas pela actividade de atribuição de significações ou afectividade; o conteúdo que é imagem envolve o sujeito na sua dupla faceta de cognitividade e de afectividade. "Em terceiro lugar, toda a repetição implica a cooperação do objecto real". Por outras palavras, a personalidade é mundo imaginal ou mundo de imagens, formadas a partir dos referenciais objectivos, os quais permanecem como fonte possível de novas imagens, sempre possíveis, numa constante renovação do

conhecer e do valorar o referencial primeiro, constituído pelos objectos sensoriais, experimentais ou metafísicos, como desenvolvi na formulação da hipótese, acima.

Seria de referir ainda a título de exemplo, nesta diversidade de fontes, a investigação, teórica e prática, acerca do imaginal que somos, por aplicação à terapia. O título é expressivo: *Guided Affective Imagery* (GAI), pensado e praticado na Alemanha federal, por Hans Carl Leuner[190]. Os seus trabalhos de investigação e de prática são anteriores. Começam a aparecer em 1954, em apresentação dum novo método de psicoterapia, importante para o diagnóstico e avanço na terapia. Intitulava-se *Experimentelle Katathymes Bilderleben* (EKB). Trata-se dum recurso (katathymes Bilderleben) às imagens vivenciais (mundo imaginal), enquanto imagens — aspecto cognitivo — em relação com as vivências, enquanto expressão de significações — aspecto afectivo. Segundo Leuner a ideia de base viria de E. Mayer colaborador de E. Bleuler, por seu lado mestre de K. G. Jung. Isto pode servir para realçar o valor prático e teórico dos pontos de vista junguianos. Tal se pode ver pela sequência das investigações de Leuner sob o nome geral de *Symboldrama*, a realçar a ligação que tentarei fundamentar, entre o imaginal e o cultural, sob a égide do símbolo[191]. Vale a pena realçá-lo como exemplo do que há muito se vem fazendo e sendo ainda abafado hoje pelo racionalismo positivista, aplicado à observação da personalidade, o qual

---

190 *Amer. J. of Psychotherapie*, 1969, 23: 4-22. Trata-se duma espécie de conferência-explanação do método, realizada na Universidade de Yale, como Professor visitante.

191 Os artigos de Leuner são os seguintes, para se poder concluir do seu significado a partir simplesmente dos títulos:

H. Leuner: Kontrolle der Symbolinterpretation im experimentellen Verfahren, *Z. Psychother. Med. Psychol.*, 1954, 4: 201.

Experimentelles katathymes Bilderleben als ein Kliniches Verfahren der Psychotherapie, *Ibid.* , 1955, 5: 186-233.

Symbolkonfrontation, ein nicht-interpretierendes Vorgehen in der Psychotherapie, *Schw. Arch. Neurol. Psychiat.* , 1955, 76: 23.

Symboldrama, ein aktives nicht-analysierendes Verfahren der Psychotherapie, *Z. Psychother. Med. Psychol.*, 1957, 7: 221.

Die Leistungen, Indikationen und Grezen des Symboldramas, *Ibid.*, 1960, 10: 46.

reduz a mero "mecanismo" de conhecer, a globalidade da actividade da personalidade, ou porque tem um neo-cortex ou porque vive em sociedade.

Para finalizar, seria de apontar uma outra direcção promissora e englobante no que se refere à atenção dispensada à imagem. Trata-se duma direcção da investigação e da prática que focaliza a realidade vivencial de cada humano:*a existência*. Schorr[192] apresenta deste modo as suas perspectivas em termos de problemática existencial e situação imaginal *to be used to understand him and hopefully to change him*. A perspectiva de fundo sobre que tentei fundamentar essa realidade, é como que um poderoso fulcro de investigações e de práticas, não propriamente a seguir mas a diversificar, aprofundar, aumentar, numa palavra, *transformar*. Neste sentido, Shorr coloca à discussão dos técnicos um conjunto de afirmações das quais realço apenas as duas seguintes: o terapeuta tem à sua disposição as maiores oportunidades para favorecer a criatividade, procurando as várias formas dos problemas existenciais ou das situações imaginativas, para levar o paciente a expressões mais pessoais. Em vez de o paciente tentar ajustar-se à prescrição duma teoria de terapia, o terapeuta vai tentando aferir e valorizar o sistema único da individualidade presente[193]. Por outro lado, a construção-convergência da problemática existencial com a situação imaginal pode chegar a ser inteiramente harmoniosa, em bastantes casos. Noutros pode ser completamente independente.

Em suma, duas breves reflexões. Comparativamente, para uns, Piaget et Inhelder (1966), Paivio (1971), a "imagerie" constitui uma actividade simbólica de representação, um processo explicativo fundamental das variadas expressões da actividade da personalidade, numa espécie de crítica aberta ao associacio-

---

[192] J. E. Shorr — The existential Question and the Imagery Situation as Therapy, *Existential Psychiatry*, 1967, 6: 443-62. Seria de referir a obra de fundo do mesmo autor: *Psycho-imagination Therapy* (N. Y., 1972). Um título a manifestar uma certa dependência da perspectiva atomística da personalidade, com um interesse que merece ser realçado, para mostrar os caminhos ainda ostracizados por tradicionalismos, nesta matéria da personalidade enquanto mundo de imagens.

[193] Terapia centrada no cliente do outro Rogers, não divulgado?

nismo, no qual a imagem seria apenas o prolongamento duma actividade perceptiva, mais ou menos igualada à sensação. Para outros, Pylyshyn (1973) a imagem não é o resultado dum processo, com as propriedades do que acontece, uma espécie de "cena", ou seja, não constitui um processo explicativo, mais ou menos idêntico às representações-imagens e às representações--palavras. Desta divergência, operacionalmente podemos dar como adquirido que a imagem, mesmo o mundo imaginal é uma construção-re-construção, não processo explicativo nem mero decalque, antes uma interpretação-elaboração pessoal do que se passa perante o sujeito ou cada sujeito.

Se nos situássemos, em termos geográficos, um pouco superficialmente, teríamos com Blanc-Garin (1974, ...) duas perspectivas: uma predominantemente anglo-saxónica, para a qual a imagem, analisada quantitativamente, constitui uma variável entreposta no sistema rígido S-R; e uma perspectiva, globalmente latino-eslava (Genebra e União Soviética) para a qual o ponto de mira ou a importância de observação recai sobre a elaboração e as características das representações imagéticas.

Duas observações para resumir: a representação, mesmo na sua vertente fenomenológica (principalmente Husserl e Sartre) encontra-se fortemente eivada da perspectiva gnoseológica ou de relação entre o sujeito conhecente e o objecto conhecido ou a conhecer. Desse modo, importante se torna, será a segunda observação, distinguir o "real" efectivo — *Real* — quer seja sensorial, quer experimental ou metafísico pois se constitui em claramente diferente do outro "Real" imaginal, radicalmente vivencial — *Wirklich*. A sereia ou o pégaso, ninguém duvida, são igualmente reais e claramente diferentes. Enquanto *wirkliches* e não enquanto *reales*. Constituídos ora por peixe e mulher, ora por cavalo e pássaro, são fundamentalmente vivenciais, com a percepção e a significação que cada sujeito realiza, a partir de si, em reconstrução de imagens, ou em referência ao(s) seu(s) grupo(s).

Impossível se tornava permanecer durante muito mais tempo no desconhecimento, tantas vezes por simples prejuízo, duma variável tão concreta e importante para a explanação tecnico-científica das actividades especificamente humanas, na ter-

minologia actual e na terminologia tradicional equívoca, das "funções mentais superiores". Assim é que recentemente, algo de novo apareceu depois do silêncio pesado sobre a imagem e o mundo imaginal da década de 50-60. Houve uma única relativa excepção, McKellar (1957). Este autor tenta realçar, em termos gerais e significativos, em continuidade-descontinuidade com os fins do século XIX, a imaginação e o pensamento. Em termos de análise psicológica, três obras surgem a levantar o véu: uma primeira, em reflexão comprometida com o passado e comprometedora para o futuro vai desembocar nas "funções adaptativas" da *imagery*: importante é, sem dúvida, a relação entre a "formação da imagem", por um lado e "a cognição" pelo outro. Com efeito, o que conta é o nível intelectivo da actividade da personalidade, o qual aparece na linguagem tradicional, evidenciado como "*mental imagery*".

Neste contexto fica claramente compreensível um título como este, por demais significativo: "o retorno da ostracizada", anunciado e justificado por R. Holt (1964). Trata-se de ir ao encontro de algo que é significativo e que pode ser salutar. Daí para a frente muitos reconheceram a "ostracizada", cientemente. É o mesmo Holt que escreve mais tarde (1972, p. 7) : "muito poucos cientistas assumiram hoje a posição radical de Watson jovem, para o qual os fenómenos mentais ou não existem ou, se existem não interessam". E assim, em 1970, o "Journal of experimental Psychology"[194] publica sob o vocábulo *imagery* e seus derivados, nove artigos. O próprio reputado e circunspecto "Psychological Bulletin" (1960) atribui um espaço considerável, sem precedentes ao simpósio sobre "Imagery in Children's Learning".

---

[194] Curiosamente o "American Psychologist" (1967, 22: 792-800), numa pesquisa de L. A. Jakobovits e C. E. Osgood, subordinada ao título *Connotations of twenty psychological Journals to their professional Readers*, mostrou ser o "Journal of experimental Psychology" a mais rigorosa das Revista americanas de psicologia. Nesta revista, precisamente, já havia aparecido (1960) um trabalho, tímido ou hesitante, retomando o vocábulo *imaginal*, a pretexto duma observação sobre "métodos não verbais".

Curiosamente ainda, nesse mesmo ano de 1960 no "Psychological Abstracts" apenas sete referências são apontadas sob o vocábulo *imagery*. E dez anos depois são apontadas já 62 referências.

Indubitavelmente o mundo imaginal, enquanto mundo das imagens vivenciais e vivenciadas em cada um, começa a merecer a atenção da pesquisa científica em Psicologia. Não se trata, por conseguinte, de lhe dar ênfase. Interessa apenas chamar a atenção para algo que se afirma cada vez mais como uma perspectivação dotada de considerável interesse para a prática psicológica. É claro também, muito para além da estafada e ultrapassada e equívoca "associação de ideias", preferivelmente, de "imagens sensoriais", no que toca às técnicas de mnemónica, em perspectiva mais ou menos logico-gnoseológica. Trata-se, efectivamente, de algo mais do que da sua importância para a compreensão da memória, da imaginação ou do pensamento em termos de alargamento metodológico ou teórico do horizonte. Principalmente tenta-se realçar, com toda a força e a caminho duma grande especificidade, o campo da *imagery* porque claramente vasto e diversificado. E, provavelmente, mais do que conteúdos de alguém, a *imagery* é idêntica a mundo pessoal ou mundo imaginal.

Apesar de me expressar nestes termos, será sempre enquanto pura hipótese de trabalho e/ou de reflexão. Um possível ponto de partida[195], a tentar chegar ao sentido profundo, presente na expressão de R. Gordon (1972) e mesmo de L. Frank (1939): mundo claramente pessoal — *A very private World.*

A finalizar este percurso parcial ou selectivo em torno do vocábulo *imaginal* poderia concluir, abrindo, apesar de ou talvez por isso mesmo, com uma reflexão antiga, criada por Aristóteles (Hermenêutica, § 2, 16a; 3, 16b; 6, 17a). É esta a perspectiva assumida por Aristóteles: O símbolo (symbolon) designa a capacidade *expressiva* dos sons da voz em relação com os estados d'alma (ta pathémata) sendo estes as imagens (omoiômata) dos objectos ou das coisas. O "verbo" (palavra) é sempre símbolo do que se diz doutra doutra coisa, é "saber" de coisas, pertencente a um sujeito ou conteúdo num sujeito.

---

195 P. W. Sheehan — *The Function and Nature of Imagery*, N. Y., 1972, 64-79. É ele próprio que afirma: "Imagery is an enormously worthwhile Pursuit".

A personalidade é mundo.

O mundo imaginal existe, como forma linguística.

E como realidade vivencial, constitui a personalidade. Isto mesmo vamos tentar demonstrar.

II PARTE

PROBLEMÁTICA EXPERIMENTAL

fundamentação da hipótese

argumento

Se, psicologicamente, a realidade em observação é o vivencial, só poderão ser atingidos os conteúdos vivenciais servindo-nos de instrumentos de observação, adequados a esse "covert behavior", através do "overt behavior".

Particularmente:
as expressões dos conteúdos culturais, criados e recriados pelos sujeitos, isto é, vivenciais e vivenciados exigem instrumentos adequados, para a sua observação;
as expressões de vivências, em situação de alteração individual da personalidade — alucinações — ou em alteração, mais ou menos colectiva, da personalidade — transe e possessão — podem ser captadas a partir da observação psicopatológica e psicossociológica.

Duma situação experimental dada, a última e duma de experimentação provocada, a primeira, pode-se concluir para a existência, experimentalmente fundamentada, do *mundo imaginal.*

A) PESQUISA "DE CAMPO"

I — A TRANSCULTURALIDADE NA PESQUISA PSICOLÓGICA

A pesquisa que empreendi por e para demonstração da *realidade do imaginal* e cuja caminhada vou descrever situa-se no plano da investigação transcultural que se apresenta como o que há de mais complexo. Ficaria bem realçar esta reflexão de Malebranche, situada na sua época: "il vaut mieux étudier la nature que les livres". Melhor situada na nossa época e na nossa especialidade, particularmente naquela que aqui procuro desenvolver, é a reflexão de W. J. McGuire: "*Observe. But observe people. Not data*". Deste modo, reveste-se dum certo interesse esta tentativa de focalizar essa perspectiva.

A perspectiva transcultural em Psicologia, com efeito, vem constituindo tema-problema cada vez melhor e mais profundamente tratado. Por vezes parece dar um certo ar de moda. Em todo o caso, ela por aí corre, pulula e manifesta-se em revistas de vária especialidade e em Congressos. Longo seria demonstrá-lo com referências bibliográficas. Algumas serão evidenciadas à medida do sentido desta investigação concreta e sobre problemas concretos.

Neste domínio, particularmente significativo e particularmente fecundo, pela primeira vez, pelo que pude observar direc-

tamente, foi o XX Congresso internacional de Psicologia[1]. Poder-se-ia mesmo dizer que houve uma dominante. Dominante que se pode afirmar ter sido nova e inovadora, tanto na forma como no conteúdo, a evidenciar um domínio importante adentro da investigação em Ciências humanas e, particularmente, psicológicas. Por isso, com interesse de futuro. Por virtude do local, seguramente. Por virtude do momento, provavelmente. Por virtude de circunstâncias da própria investigação psicológica, possivelmente senão provavelmente. No entanto, o que particularmente interessa para aqui é que se trata de algo a merecer uma atenção condizente.

Com efeito, tenhamos em conta as fontes históricas as mais antigas e as mais recentes que nos descrevem as formas de sociedade, as manifestações de cultura que se podem encontrar em África,principalmente, mas também na América latina e no sub-continente asiático ou Industão. Tenhamos também presente as mais variadas análises etnográficas e/ou antropológicas mais recentes, particularmente a partir dos meados do século XIX. Presentes ainda, os fenómenos de interpenetração de elementos culturais, dum modo muito particular, onde o elemento de base, a língua, é semelhante, como é o caso dos Estados de Cabo-Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné e Angola.

Desse modo, facilmente nos apercebemos que o futuro chama para o presente uma nova forma de análise experimental das expressões humanas de interacção, especificamente de inter-

[1] Vários foram os trabalhos apresentados nesta linha de investigação. Realçar que *Cross-cultural Studies* foram tema específico de 5 Simpósios de base ou longos para além dos temas parciais noutros simpósios, mais ou menos tradicionais, será uma forma de dar concretude ao que acabo de esboçar como reflexão. Igualmente foram tema em dois Simpósios curtos num total de 49 trabalhos apresentados. Mais curioso e verdadeiramente significativo foi ter constituído tema de metade das *free discussion Sessions:* 12 em 24. Nas intervenções pessoais, nos temas de investigação transcultural apareceram em 14 grupos e 39 comunicações. Indubitavelmente, o mais significativo a realçar a importância do local, foi a sessão de encerramento foi ter sido submetida ao tema: "implicações da Psicologia da Ásia, numa perspectiva mundial". Para corroborar este facto seria de lembrar no XXII Congresso internacional de Psicologia (Paris, 1976) para além de muitos mais trabalhos, houve mesmo uma sessão inteira subordinada ao tema: *cultural and cross-cultural Phenomena.*

venção cultural, quer na sua manifestação de sociogénese ou desenvolvimento da personalidade, graças aos conteúdos culturais que acontecem no grupo de pertença e/ou de referência, quer no caso de personalidades que interagem no quadro socio-político e sociológico acima referido.

Sendo assim, a Psicologia transcultural coloca o problema de fundo da investigação psicológica: quais serão os resultados se o mesmo método ou o mesmo processo forem aplicados em culturas, em estruturas sociais ou em comunidades políticas diferentes? Que modelo ou grelha de leitura constituir para captar semelhanças e variações registadas nas "réplicas" em que a verificação se opera em quadros de investigação diferentes?

As "réplicas" podem ser classificadas colocando em relação ou confronto vários espaços — site *cross* — vários contextos de vida — *cross-settind*. Mas, se procuramos as diferenças para definir as invariantes e daí partir para uma psicologia humana por inteiro, há que ter em conta todos os grupos sócio-culturais, as instituições e mesmo as sociedades, quer as ditas primitivas e/ou em desenvolvimento ou transição quer os Estados-nações ou Impérios. Assim, uma distinção se impõe clara e imediatamente, sem que tal implique um ajuizamento de valor. Segundo S. Rokkan podemos falar de análises ou estudos transculturais — *cross-cultural* — transsocietais — *cross-societal* — e transnacionais — *cross-national* (1970, p. 767). Trata-se de vocábulos ainda fora do vocabulário corrente nas ciências humanas. De tal modo que o próprio "Dictionary of social Sciences", publicado sob os auspícios da UNESCO não os contempla. Há cinquenta anos, apenas o vocábulo "cross-cultural" começou a aparecer por iniciativa do grupo de antropologia de Yale. Serviam-se dele para designar os resultados da análise dos cálculos estatísticos efectuados sobre as componentes das culturas, conhecidas a partir das informações disponíveis sobre uma série de sociedades ditas primitivas (Murdoch, 1940; Köbben, 1952). Os especialistas de língua inglesa empregam o prefixo *cross* (trans) para caracterizar o modo de comparação dos dados obtidos pela investigação, ao passo que o prefixo *inter* serve para caracterizar o modo de organização dessa investigação. O modo de comparação *cross* tende, cada vez mais

no uso científico, a evocar a ideia e a prática de verificação de hipóteses idênticas através de vários territórios, ao passo que o vocábulo *cultural* passa a ter em conta o cultural e antes de tudo a cultura, qualquer que seja a organização societal e/ou nacional, referindo-a como base da actividade humana e ingrediente fundamental de toda a interacção: uma *perspectiva psicossociológica*. E não apenas, mesmo muito longe dos modos tradicionais de falar dela: na acepção intelectualista, de aprendizagem escolar ou acumulação de erudição ou ainda algo do género memória-gravação.

Desde o início houve também psicólogos, paralelamente aos sociólogos, economólogos e politicólogos, etc. que tentaram "replicar" os seus testes e/ou técnicas noutros países, sociedades ou grupos socio-culturais. Até certa medida pode ser considerado Ch.Osgood (1967) como um precursor,o qual conseguiu a colaboração de vinte comunidades linguísticas, pondo assim à prova a sua técnica de semântica diferencial. Outros se mostraram empreendedores nesse campo como Anderson (1901), Lambert e Klineberg (1966), Goff (1962), Tedeschi e Kian (1962) e Winter (1967).

Outros trabalhos são claro sinal do interesse crescente deste tipo de pesquisa. Assim, B. Kaplan, numa perspectiva metodológica a aparecer logo no início, tenta definir (1961) alguns processos concretos para a análise da *personalidade, culturalmente* considerada, evidenciando a informação considerável que se ia encontrando sobre o assunto. Um pouco mais tarde, o *desenvolvimento* começa a ser um tema de interesse e de preocupação, igualmente em perspectiva transcultural (Munroe, 1980). Significativamente, começa a aparecer a investigação praticada em redor das *religiões*, no caso concreto, do *oeste africano* e ao mesmo tempo adentro da cultura grega — Édipo — e da cultura judaica — Job — na tentativa de definir algumas variantes e bastantes invariantes, tratando-se como se trata duma actividade humana fundamental e das únicas, senão a única verdadeiramente universal, no facto e local das manifestações, na exacta medida em que "joga" com realidades e valores metafísicos (Meyer Fortes, 1974). Assim deste modo, merece particular realce um trabalho dirigido por Osgood (1975) no sentido de tentar defi-

nir a *significação afectiva* (haverá significação quer não o seja?), em termos de constantes, através de diversos grupos socio-culturais. Na mesma ocasião, um assunto particularmente polémico, mas incontestavelmente merecedor dum tratamento diferente, a partir da originalidade da perspectiva transcultural, é o da *aprendizagem*. Os resultados são manifestamente favoráveis a um definir da aprendizagem, em termos claramente humanos, deixando a tradicional transposição da fisiologia (dita psicologia animal) para o humano (objecto da psicologia). A aprendizagem fundamental acontece nas fases rápidas do desenvolvimento, as quais são mais ou menos longas, mais ou menos diversificadas conforme as culturas. Assim o mostram B. B. & J. W. Whiting (1975) ao analisar *crianças de seis culturas* e igualmente W. Holtzman e col.(1975) ao analisar longitudinalmente o *desenvolvimento da personalidade*, em crianças escolarizadas, concluindo pela importância do factor ambiencial, enquanto factor especificamente humano, na sua faceta de interacção personalidade-cultura. Já em 1955, J. Whaiting e I. Child se empenhavam numa demonstração arriscada em perspectiva transcultural, qual seja, analisar o *treino da infância* na sua relação com a *personalidade*, enquanto realidade vivencial constante. Partiram da hipótese freudiana para tal análise, sem a menor intenção de a pôr em dúvida. E, no entanto, apesar de a suporem clinicamente demonstrada, em relação à sua investigação, não passa duma verificação quase ingénua, pois tal evidência clínica, em perspectiva transcultural, evidencia-se simplesmente como não existente.

Em 1978, chegou-se mesmo ao pormenor de comparar transculturalmente os factores de segunda ordem nas estruturas do 16 PF (Ch. J. Golden). Efectivamente, a aspiração a perfazer-se tem larga aplicação transcultural, desde há bastante tempo (valor e importância dos trabalhos de McClelland e col., 1935) assim como o trabalho posterior de McClelland (1961). Chegou-se ao pormenor, neste domínio, com Zajong & Whai (1961) de analisar, sob o domínio do conflito de normas, entre culturas, a conformidade e a aspiração a perfazer-se. McClelland e Samelson analisaram a conformidade e a aspiração mas com resultados

contraditórios. Agora procura saber-se qual o papel da conformidade para corresponder a uma aspiração, a perfazer-se, elevada. Num domínio pouco frequentado pela investigação psicológica em perspectiva transcultural e transnacional, apareceu há já um certo tempo (1966) uma análise da relação entre a *classe social, a ocupação e os valores parentais*, para concluir sobre a pertinência de tal relação, quer em termos de desenvolvimento por interacção do grupo cultural, quer em termos de desenvolvimento por actuação dum terceiro factor do desenvolvimento, o factor estrutural (hipótese) como ainda pela referência societal.

Vindo a algo mais recente, a uma actualidade mais próxima, teríamos a realçar duas obras, seguramente representativas. A primeira leva por título: *Cross-cultural Research at Issue*, sendo editor L. L. Adler (1982). Acontece no seguimento do Congresso da Academia de Ciências de Nova York (1977), exemplificando a investigação transcultural, em dois planos: o de culturas ou grupos socio-culturais diferentes e o de grupos tecnico-cientificamente diferentes. Há aqui, inegavelmente, uma certa originalidade, claramente no que toca à guerra (349) e ainda no que se refere aos estigmas da doença dita mental (335) e à situação de anciania. Para o caso que nos ocupa, enquanto investigação de campo, encontram-se contempladas algumas situações africanas: Uganda, com investigações sobre a ilusão de Ponzo, em termos de percepção (31), a observação das crianças do meio rural do Quénia (47) assim como aspectos pedagógicos em Marrocos (153). Três outros estudos são interessantes, porque transculturais directamente; "os arquétipos e os estereótipos em termos de ideologia em torno do sexo (193), as dificuldades da criança africana de meio tradicional perante o teste e, principalmente, "o conflito interdisciplinar na investigação de campo", qual seja o choque ideológico (303).

Convém avançar desde já que não interessa tanto a comparação dos produtos culturais. Desse modo, os que se poderiam apelidar de primeiros antropólogos (Heródoto, por ex.) e/ou etnólogos praticaram investigações transculturais. Nem sequer o contexto em que esses produtos culturais aparecem interessa, pois estaríamos a trabalhar pelos lados da antropogeografia

(Ratzel), da psicologia etnológica (Lazarus e Steinthall). Interessa descobrir as formas e os produtos da actividade das personalidades, para chegar a definir, concretamente, que realidade é a personalidade. E ainda aqui não na sua base biótica mas, especificamente, na sua manifestação cultural, em interacção e reciprocidade com o(s) grupo(s) de referência e de pertença.

Nessa medida, pode-se compreender algo de novo nos objectivos e para além das intenções de H. Triandis e seus colaboradores. Trata-se dum Manual em seis volumes: *Handbook of cross-cultural Psychology* [2]. Encontra-se neste manual uma notória preocupação de abarcar a totalidade dos fenómenos psicológicos, na sua maior especificidade. Constitui um realce notável para o desenvolvimento da ciência psicológica, através da inventariação das constantes, partindo das variantes. Claramente definido por H. Triandis: "*Cross-cultural refers to comparisons of cultures*" (1980, I, 2). Como conseguir? Lança uma hipótese de Naroll, em termos de "cultunidade" (*cultunit*) ou uno cultural. Segundo um resumo de Triandis: "o uno cultural baseia-se no tempo, no espaço e na linguagem: *tempo*, na medida em que, habitualmente, trata-se dum período histórico particular que interessa; *espaço*, na medida em que se dá ênfase ao contacto interpessoal ou à organização política; *linguagem*, porque se encontra em foco a não-inteligibilidade mútua"[3] (Triandis, I, 2). Seria de realçar apenas mais esta posição, singular e higiénica, deste "manual": "a psicologia transcultural define-se pela sua metodologia mais do que pelas suas teorias". Aqui ainda algo de bastante importante: "Nos últimos quinze anos, mais ou menos, tornou-se meridianamente claro que ninguém pode "pegar" num método psicológico e fazer uso dele numa outra cultura sem modificações

---

[2] I - *Perspectivas* (Boston, 1980, 392 p.); II - *Metodologia* (1980, 546 p.); III - *Processos fundamentais* (1980,492 p.); IV - *Psicologia do desenvolvimento* (1981, 492 p.); V - *Psicologia social* (1980, 414 p.); VI - *Psicopatologia* (1980, 380 p.).

[3] Desse modo, encontra-se excluído deste género de investigação, para Triandis, uma nacionalidade, uma raça, um sexo ou uma classe social. As nações são interculturais e intraculturais; nas raças encontra-se miscigenação; as religiões estão sempre e diversificadamente presentes; o sexo, diferenciadamente, é uma constante; a classe social parece ser algo de bastante indefinido ou parcialmente atribuído, em todo o caso, irregularmente vivido.

profundas" (I, 7)[4].

Com efeito, uma outra distinção fundamental, aquela que acontece entre cultura e produtos culturais, é formalizada por Triandis (I, 2): dum lado, a *cultura física* ou objectos materiais, como sejam, estradas, edifícios e toda a espécie de instrumentos; do outro, a *cultura subjectiva* ou as respostas dadas pelo homem a tudo o que acontece à sua volta e a tudo o que foi feito por ele como sejam, os mitos, os papéis, os valores e as atitudes. Pela primeira vez esta fórmula aparece em Osgood[5], nestes termos: "... as nossas investigações a partir de alguns anos a esta parte mostram à evidência a existência dum esquema universal, sublinhando certos aspectos afectivos ou constitutivos da linguagem(1975). Tais achados fundamentam a possibilidade de construção de instrumentos para medir estes aspectos *of subjective Culture*, comparativamente, em diversas sociedades, evidentemente, contornando a barreira da linguagem.

Esta distinção entre produtos culturais e vivências culturais parece denunciar um pouco a distinção clássica entre antropologia física e/ou certa geografia humana e, do outro lado, a antropologia cultural. Por isso, em Psicologia social torna-se operacional, no grupo de cultura subjectiva, diferenciar os produtos, ainda que ditos subjectivos, como os mitos, das atitudes e dos conteúdos vivenciais, que se encontram na base das atitudes pessoais, ou seja, o que os mitos são para cada um.

Em resumo: adoptado livremente de Jahoda (1980, I, 75), são estes os modelos, mais ou melhor desenvolvidos, em investigação transcultural, com realce para a diferença teórica, para os métodos e para os exemplos. Claramente evidenciados ficam o volume e o interesse desta investigação. O que proponho não entra em nenhum modelo, mas aproveitou do que havia, mesmo antes desta síntese dos modelos recentes.

---

[4] Em consequência, o tomo 2 é inteiramente consagrado à metodologia, realçando com clareza as dificuldades e o seu possível equacionamento

[5] Sobejamente conhecida a actividade de Osgood neste domínio. Particularmente relevante: Semantic Differential Technique in the comparative Study of Cultures, *Amer. Anthrop.*, 1964, 66: 171-200.

Quadro 1

	EXEMPLOS				MÉTODOS			REFERÊNCIAS TEÓRICAS				
	4 ou mais culturas estudadas	3 ou menos culturas estudadas	Incluídos os analfabetos	Só alfabetos	Experi-mentações	Semi--exper. e correlações	Análise multi-variada	Geral	Modelo quase matemático	Modelo figurativo	Descrição compara. sistémica	Especifica-mente X culturas
Personalidade e cultura (Whiting)	x		x			x		?		x		x
Personalidade e cultura (LeVine)								x		x		x
Motivação a perfazer-se (McClelland)		x		x	x		x	x		x		
Cultura subjectiva (Triandis)	x			x			x		x		x	x
Tentativas psicométricas	x			x			x				x	
Psicologia diferencial	x		x			x		x				
Psicologia bio-social	x		x			x		?		?		x
Modelos ecológicos	x		x			x			x			x
Psicologia genética (Piaget)	x		x		?			x				
Antropologia experimental		x	x		x			?				x

Talvez contribua para alguém se formar uma ideia mais concreta do interesse deste "Handbook" realçar as diversas partes ou tomos e a sua significação no conjunto da investigação psicológica, em termos de psicologia transcultural. Assim aparece, em primeiro lugar, a ênfase atribuída aos "dados biológicos" (W. R. Thompson, I, 6), aos "dados antropológicos" (R. L. & R. H. Munroe, I, 7) assim como dados "políticos e éticos" (D. P. Warwick, I, 8). Não se procura desconhecer e muito menos negar o interesse desses dados e dessas perspectivas. Gostaria apenas de dizer e fundamentar que há muitas outras e uma delas que as engloba todas: a perspectiva transcultural. Pelo facto mesmo, exige-se que defina a sua metodologia e os problemas que a sua própria especificidade levanta. As diversas técnicas psicológicas são contempladas, com particular realce para as "técnicas projectivas" (W. H. Holtzman, II, 6), sem esquecer outras técnicas, como a "entrevista"" (U. Pareek & T. V. Rao, II, 4) e também os próprios "testes de nível" (S.H.Irvine & W.C.Carroll,II,5). Não deixa de ser contemplado outro tipo de medidas, mais "discretas" (S. Bochner, II, 9) e dar atenção em termos de aproveitamento ao restante material "escrito e oral" (R. W. Brislin, II, 10).

Tudo no humano é génese, todo o humano é radicalmente desenvolvimento, não importa em que conjunto cultural. Principalmente, no humano em face da cultura, aparece a faceta de sociogénese. Por outro lado, o humano, rigorosamente não pode ser considerado social. A sua característica de base é a sociabilidade, em constante manifestação de modalidades originais nas e pelas formas de interagir e/ou comunicar. Aqui a capacidade de valorar ou de atribuir valores. Assim sendo, trata-se duma realidade que não é apenas "ser" mas igualmente "valor" (M.Zavalloni, V, 3). O valor constitui tema de fundo, até porque, entre outras formas, se encontra presente nas *atitudes e nas crenças* (A. R. Davidson & E. Tomson, V, 2), enquanto conteúdos e manifestações dos "pequenos grupos" (L. Mann, V, 5) e mesmo, embora diferentemente, nas "organizações" (A. S. Tannenbaum, V, 7), a dinamizar e a fundamentar a criatividade, manifestada em forma de "transformação, quer societal, quer cultural" (J. W. Berry, V, 6). Seria de perguntar: qual o sentido dum

volume especial sobre a psicologia social, se em qualquer dos temas dos outros volumes se encontra subjacente a perspectiva de interacção personalidade-cultura? Ao introduzir o volume, Brislin pergunta: "Será mesmo possível?" (V, p. 7).As diferenças na acção e na interacção são as mais variadas possível, quer no que diz respeito ao organizado e ao institucionalizado, quer no que diz respeito à pura espontaneidade. A dificuldade encontra-se na metodologia a empregar. No entanto, os dados já observados permitem verificar que a expressividade humana fica afirmada com clareza enquanto base das diferenças da sua concretização, quer enquanto forma quer enquanto conteúdo.

Mais do que isso: fica demonstrado que, em perspectiva de desenvolvimento da personalidade e da sua alteração, assim como em perspectiva dos processos mais importantes, há uma variedade e uma variabilidade tais que se justificam temas específicos para cada um destes tomos. Na busca de todos eles, no entanto, encontra-se a interacção personalidade-cultura, em termos de sociabilidade e de sociogénese.

O humano não cresce apenas. Desenvolve-se, isto é, expressa-se nas diferentes actividades, níveis e aspectos, ao longo do seu transcurso existencial. O "desenvolvimento da personalidade" é a síntese em sintetização constante (J. Tapp, IV, 8), com particular realce,tradicionalmente,para a "infância" (Ch. M. Super,IV, 2)[6], esquecendo outras fases que se torna urgente estudar especificamente e não como algo estático ou repetitivo, como a "adultez" ou a meia-idade. Encontra-se igualmente realçada a "linguagem" (M. Boerman, IV, 4), e a faceta da aprendizagem da língua que é o "bilinguismo" (N. S. Selagowitz, IV, 3) com possível incidência ou real incidência — positiva ou negativa? — "na escolaridade" (B. Rogoff, IV, 6). Um assunto, de verdade interessante e a merecer tratamentos renovados, é o de "Play, Toys, Games and Sports" (B. Sutton-Smith & J. M. Robert, IV, 9). Uma reflexão única sobre a "cognitividade" (P. Dasen & A. Heron, IV, 7) em perspectiva

[6] Uma análise crítica das mais recentes investigações interculturais em torno da universalidade dos estádios e dos factores do desenvolvimento encontra-se em Luisa-Maria A. Morgado: Reflexões sobre a investigação intercultural em Psicologia Genética, *Rev. port. Psicologia*, 1987-88, 24: 35-74

piagetiana, vista dum modo geral e, para cúmulo, parcialmente, enquanto actividade cognitiva, esquecendo os diversos níveis e dimensões, o mesmo acontecendo no que diz respeito à "memória" na sua relação com a "cultura" (D. A. Wagner, IV, 5).

Ao introduzir este tomo IV, A. Heron & E. Kroeger (IV, 5) avançam a reflexão seguinte, com um título sugestivo: *o próximo futuro*. Qual será? Em resumo, referem que a atenção, neste tema, deve estar focalizada para uma grelha de análise, em subsequente reflexão diferente, a ser convenientemente empregues. O ponto central, no que aqui nos interessa, consiste no vocábulo desenvolvimento. O seu uso, em relação ao humano pende menos para a maturação puramente biológica do que na geração anterior. Nem outra reflexão era de esperar num conjunto em perspectiva transcultural. E Berry continua: o "natural", tido por universal, quase como um ideal a ser observado nas suas respostas às estimulações do ambiente, começa também a decair. Cada vez mais se acentua o declínio da crença na "natureza"e na "bondade" da mesma, à Rousseau. Muito menos é de alinhar em termos de crença ainda, no progresso, como um ideal etnocêntrico, implícito numa acção político-económica, pressupondo um sub-desenvolvimento. Não há sub-desenvolvimento. Há um desenvolvimento diferenciado, em perspectiva transcultural, a partir de culturas diferentes, igualmente desenvolventes (1981, IV, 13-5).

Desenvolvimento-expressão das actividades e da sociabilidade, factor-manifestação de saúde, leva implícita a possibilidade de paragem, factor-manifestação de alteração da personalidade. Esta alteração, vista na globalidade é "alienação" (G. M. Guthris & P. P. Tanco, VI, 2), em relação, basicamente, ao desenvolvimento, a qual poderá ser ultrapassada através duma "prática psicoterapêutica" (R. Prinus, VI, 7) a apontar para uma possibilitação da saúde através do desenvolvimento. É claro que há a distinguir as "alterações menores", como que do dia-a-dia (W. S. Tseng & J. Hsu, VI, 3), das "situações depressivas" (A. J. Marsella, VI, 6). Em tudo isto, quais as incidências dos "antecedentes familiares e socioculturais"? (VI, 5).

Uma nova perspectiva se pode abrir para a prática psicológica, a partir duma compreensão diferente da personalidade,

graças à perspectiva transcultural, mesmo e principalmente tendo em conta a experimentação dada que acontece em Psicopatologia. Com efeito, como o mostra Gouveia Pereira (1985, 126): "a maioria dos estudos continua a manter a linha tradicional que visa explicar a eclosão das doenças no meio. São quase excepção, investigações como a de Kelly (1967, 1968) que procuram esclarecer como é que os indivíduos se tornam eficientes e sobrevivem em diversos ambientes sociais". Haveria uma outra reflexão a produzir a este respeito: as observações transculturais não podem incidir apenas em populações escolar ou profissional ou geograficamente muito distantes. Até porque no mesmo espaço geográfico ou jurídico (nação-estado) encontram-se grupos humanos claramente diferenciados, quer enquanto vivência do mundo imaginal que é cada um, quer enquanto expressões concretas de interacção[7]. O que as investigações transculturais podem mostrar com facilidade neste campo é que, observa pertinentemente noutro contexto Gouveia Pereira: "compreender a doença *não chega* para se explicar a saúde" (129).

A Psicologia aparece como uma ciência cujo destino depende da estabilidade, da generalidade e do rigor das suas fundamentações experimentais. Estas fundamentações apoiam-se nas várias experimentações, praticadas sobre certas actividades principais, adentro das quais se pode incluir tudo o que é próprio desta disciplina. O III Tomo do "Handbook" é consagrado à análise-evidenciação desses "processos básicos". Serão eles: "a percepção" (J. B. Deregowski, III, 2), actividade-espécie dum género que é "a cognição" (A. D. Pick, III, 3). Nenhuma outra espécie de cognição se encontra realçada, prolongando certas reduções ou confusões tradicionais, claramente negativas em observação transcultural.

---

[7] Curiosamente, é um etnólogo e antropólogo de créditos firmados internacionalmente, que refere o seguinte: "em nossos dias, a ciência não reconhece nenhuma diferença fundamental entre classes populares e classes superiores, nem entre povos naturais ou primitivos e povos chamados civilizados" (Jorge Dias, *Ensaios etnológicos*, 1961: 32).

Fica para o II Tomo consagrado à *realidade do cultural*, fundamentar reflexivamente a importância dos estudos sobre a cultura e suas formas de análise: "volkskunde" (1806), "folk-lore" (1846), "Naturvölker-Kulturvölker" (1896), "Völkerkunde" (1934) e "Volkstümlich" (1946).

Do mesmo modo, da actividade de valoração que é o género, apenas se evidencia uma espécie que é "a emoção" (C. E. Izard, III, 5), embora, apesar de tudo, se dê um certo realce, com bastante interesse, em perspectiva transcultural, à "estética" (D. E. Berlyne, III, 7) e, por outro lado, apareça monograficamente, embora dentro duma certa ambiguidade com a estimulação, o tema da "motivação" (H.- J. Kornadt, L. E. Ekensberger e W. B. Emminghaus, III, 6).

Na verdade, apesar dos apreciáveis exemplos para definição dos marcos em análise de tais processos, esses marcos apresentam-se como demasiado limitativos: assim, a percepção é agarrada a partir de situações mais ou menos clássicas, com referência fortemente ambígua à inteligência, na sua modalidade de valor socio-económico. Quanto à emoção, após uma breve exposição das bases neurofisiológicas e bioquímicas, adentro da linha behaviorista, embora assim se fale desde Lamarck (1802) em termos de crença na transmissão dos caracteres adquiridos. No entanto, se ainda é possível admitir que as características básicas da emoção são inatas e universais, é cada vez mais seguro sustentar, demonstrando, a diferencialidade quanto às emoções e às suas manifestações. Até porque a emoção, reduzida à sua expressão facial, não pode prescindir da cognição no seu início e, muitas vezes, na sua reprodução (III, 216). Caberia assim perguntar, para reflectir: a emoção será a única forma de comunicar?

Finalmente, para terminar esta breve resenha sobre esta obra notável pela actividade desenvolvida, pelo número de colaboradores que mobilizou e pela inúmera amostra de variáveis analisadas por esses colaboradores, vamos ao abrir da obra. Aí, na introdução geral ao seu "Manual de psicologia transcultural", Harry C. Triandis avança: "A psicologia transcultural define-se pela análise sistemática do comportamento e da experiência, enquanto acontecendo em culturas diferentes e debruça-se sobre a cultura, ou seja, os resultados das mudanças em culturas actuais (existing). Este "Handbook" resume todo o conhecimento relevante em Psicologia transcultural" (1980, I, 1).

Haveria a realçar, por complementariedade e contraste, três

outras opiniões, para sugerir um certo aprofundamento diversificante as quais são apontadas por J. M. Berry, na introdução ao volume da *Metodologia* e encontram-se dotadas da particularidade de terem aparecido quase simultaneamente:

— A investigação em Psicologia transcultural consiste na comparação explícita e sistemática das variáveis psicológicas, sob diferentes condições culturais com o objectivo de especificar os antecedentes e os processos que provocam diferenças comportamentais (Eckensberger, 1972, 100);

— A Psicologia transcultural implica a análise de sujeitos, adentro de duas ou mais culturas, por intermédio da utilização de métodos equivalentes de medida, com o objectivo de determinar os limites adentro dos quais se situa a generalidade das teorias psicológicas e as formas de modificação dessas mesmas teorias, por necessidade de se tornarem universais (Triandis, Maloass & Davidson, 1972: 1);

— A Psicologia transcultural é a análise experimental dos membros de vários grupos culturais que passaram por diferentes experiências, arrastando consigo diferenças comportamentais predizíveis e significantes. Na maior parte destas análises, os grupos em estudo falam línguas diferentes e encontram-se governados por diferentes estilos políticos" (Brislin, Looner & Thorndike, 1973, 5).

E Berry de concluir por uma afirmação directa e nada complicada: "a psicologia transcultural procura compreender a covariação sistemática entre as variáveis culturais e as expressivas".

Aqui situar-me-ei numa perspectiva transcultural que procura através de duas técnicas diferenciadas, na forma do grafismo, realçar a presença invariante dum mundo imaginal enquanto facto vivencial, aquém e/ou além das diferenças ou variantes dos referenciais socio-culturais.

II — ESPAÇO HUMANO E/OU CULTURAL DA EXPERIÊNCIA

Dois axiomas, próprios da Etnologia e/ou da Etnografia, há que ter presente ao iniciar a observação que tento levar a efeito, equacionando-a convenientemente:

1 — A cultura popular, também dita tradicional[8], ou seja, a vivência quotidiana da interacção que todo e qualquer povo pratica, que toda e qualquer classe social vivencia, que todo e qualquer grupo socio-cultural dinamiza é objecto para análise dessas ciências.

2 — A etnografia procura descrever os grupos de tipo tribal, mais ou menos atrasados, quase primitivos[9].

Angola, neste caso tem constituído campo de investigação aturada a que não falta engenho e empenho, ousadia e denodo. Consequentemente, muito mérito. No entanto, não se pode deixar

---

[8] J. Dias faz notar oportunamente que não se trata de algo inferior e/ou sem sentido, ultrapassado, muito menos tradicional no sentido pejorativo do vocábulo, confundindo-se tradicional com tradicionalista: "cultura popular... tudo aquilo que é criação do povo" *Ensaios etnológicos*, 81, Lisboa, 1971.

No mesmo sentido e dum outro quadrante, G. Balandier: tradição e mudança constituem dois fenómenos sociais gerais. Daí ocorrem duas leituras extremas e, por isso, opostas: "Toute société peut être vue sous deux aspects, en apparence, opposés. Selon que l'on considère ses invariants, ses facteurs de maintien, sa continuité ou, à l'inverse, ses forces de transformation, ses changements structurels, il est possible de construire des images fort différentes et, pour une part, infidèles". Tradition et modernité, exemples africains, Multigraphié, Séminaires de Sociologie africaine, VI Section de l'Ecole pratique des hautes études (Sorbonne), 1966-67. Cfr. Tradition et continuité, *C. int. Sociologie*, 1968, 44: 1.

[9] Tal perspectiva foi directamente contestada por J. Dias, entre nós e no meio francês por P.- H. Chombart de Lauwe: *Aspirations et transformations sociales*, Paris, 1970.

de notar ou de reconhecer que se trata duma investigação fragmentária e dum valor relativo e não apenas em relação a Angola. Por razões várias, a principal das quais poderia ser a seguinte: obedecer à inspiração do momento, em termos de quase curiosidade e, por isso na ausência duma referenciação sistematizada, adequadamente conduzida. A consequência é quase inevitável: amputar a realidade em observação, quer deixando escapar informações, quer avançando, pelo facto mesmo, interpretações parcelares e parciais. Tudo isto por nunca ter sido definido um programa ou plano de conjunto, capaz de fazer convergir tão louváveis actividades e iniciativas.

Para além disso, há algo de importante e que é quase sempre esquecido: grupos culturais bantos e mesmo pre-bantos em grande número, antigamente e em importância ainda hoje, culturalmente falando, não são os únicos a ter importância em Angola. Haveria a ter em conta a carência ou ausência de análise da cultura popular dos próprios brancos de/em Angola[10]. A presença desta cultura não pode ser esquecida, atendendo à antiguidade dos contactos culturais. Contactos estes que se verificaram entre pre-bantos e bantos, entre bantos e ocidentais e entre grupos diversos dos próprios bantos. Um exemplo serenamente analisado foi o dos Kiokos, organizadores de caravanas, a percorrer terras desde Benguela até ao Katanga (Shaba) e mesmo até à Zâmbia e Zimbawé.

Comparando, por um lado, mapas de Angola entre 1800 e 1920, verifica-se que se partiu de algumas instalações no litoral, muitas das quais remontam à época das descobertas, passou-se a algumas penetrações até Caconda, Ambaca e Encoje. Chega-se, posteriormente, a outro tipo de posições: algumas bolsas, ocupadas territorialmente por volta de Saurimo, pelas nascentes do Rio Zambeze e pouco mais. E muito mais se foi ocupando com presença concreta. Diversos testemunhos podiam ser aduzidos. Dois são particularmente significativos: em primeiro lugar, a *História de Angola* de Cardonega, no que ao Norte se refere e

---

[10] Em testemunho deste facto: Ilídio do Amaral, *Aspectos do povoamento branco de Angola*, Lisboa, 1960. Histórica e culturalmente vista, em Gilberto Freyre, *Integração portuguesa nos trópicos*, Lisboa, 1958.

constitui um marco referencial importante; em segundo lugar, por observações actuais e estudos sistemáticos do fenómeno de aculturação, acontecida exemplarmente desde há bastante tempo, mais de quatro séculos, na ilha de Luanda. Temos, assim, um grupo banto, da família linguística do Zambeze, que foi analisado por José Cortez, em trabalho interessante sob o título de *A habitação dos Axiluanda* (1960). Do mesmo modo, a pesca constituíu objecto de estudo para Lino da Silva, analisando *as embarcações e utensílios de pesca dos ilhéus de Luanda* (1960). Segundo o próprio autor, trata-se dum estudo sobre a aculturação.

Particularmente rico, em perspectiva de aculturação, apresentam-se as *crenças e os ritos* em torno do nascimento e infância, do casamento e separação, assim como sobre a morte de gémeos *nos miseke de Luanda*, analisados por Borges de Carvalho (1965), embora um pouco indirectamente, sobre a população de Luanda, analisada sob o ponto de vista sociológico. Os dados históricos, etnográficos e demográficos mostram as migrações internas, com a respectiva incidência aculturativa, nos diversos grupos em presença, quer aquando da permanência em Luanda, quer aquando do regresso ou regressos ao interior. Por mim próprio e em observação assistemática, verifiquei este mesmo fluxo e refluxo com as correspondentes transformações culturais.

Por outro lado, seria de ter em conta as diversas expedições em toda a África ao sul do Saará com também em Angola e no significado cultural que tais expedições comportam[11]. Seria de ter

---

[11] As expedições mais importantes e mais faladas, até porque delas ficaram relatos de manifesto interesse, no que a Angola diz respeito, foram: as de Silva Porto, 1853-4, de Serpa Pinto (1877-9 e 1885-6), de Capelo e Ivens, *De Angola à contracosta* (1877-80 e 1884-5). Ainda a expedição ao Cubango de Artur de Paiva (1885-6) e a partir de Moçâmedes até Humpata e Cassinga e ainda outras menores pelo sul de Angola de que dão testemunho as Cartas de Pinheiro Furtado (1886) e de Ant. Aug. de Oliveira (1889), assim como os volumes do Com. H. de Vilhena de que nos dá conta em *Ethnographia e história tradicional dos Povos da Lunda*, Lisboa, 1895-6.

Alargando para além de Angola, referiria trabalhos da mesma época a mostrar já o facto real da aculturação, quer em geral quer em relação a territórios determinados. Assim por exemplo: F. Adolpho Coelho inventariou os dialectos românicos ou novi-latinos na África, Ásia e América (*Bol. Soc. Geographia*, 1880, 3: 129-74, 451-74, 705-35); A. de Paula Brito, *Ibid.*, 1886, 12: 540-95; 1887, 10: 611-69; J. Vieira, Botelho da Costa, C. José Duarte, *Ibid.*, 1886, 6:

em conta a focalização que incidiu em toda a África, com particular incidência em Angola e Moçambique, da célebre Conferência de Berlim (1884), em termos de partilha arbitrária do território africano, no seguimento do tratado de Viena (1815)[12].

Em consequência, uma pesquisa voltada preferencialmente ou especificamente para os sujeitos enquanto agentes, para a personalidade, enquanto portadora e criadora de cultura, não pode deixar de lado esta reflexão. Assim e para prestar ainda uma homenagem aos etnógrafos e/ou antropólogos, tentei aproveitar e fazer valer ao máximo os seus trabalhos de observação de campo, antes de partir eu próprio para a minha observação específica. De campo também. Diferentemente. Deste modo, quer pela bibliografia, quer pela presença e comunicação directa, consegui elementos informativos preciosos, como adiante referirei na validação empírica.

Vindo à presença activa do grupo branco, a ninguém oferece dúvidas que a interacção por ele criada e desenvolvida, num contexto geográfico global e num contexto cultural bastante diferentes dos de origem, vai provocar algo de novo e, consequentemente, de muito próprio, a ser realçado porque se trata de algo válido e, antes disso, a merecer um tratamento adequado, em termos de análise, o qual pode vir a ser valioso.

Angola, palavra e realidade que engloba um vasto território, geograficamente considerada e não menos vasto espaço, proporcionalmente, do ponto de vista étnico, linguístico e cultural. Sob o ponto de vista etno-linguístico podemos falar de dois grandes grupos: os pre-bantos e os bantos. Aqueles, neste momento, encontram-se bastante reduzidos. Talvez pela própria dominação dos segundos, os bantos.

325-88.

Dos mais antigos, publicado no estrangeiro, temos a famosa excursão de R. Caillié ao Noroeste da África (1827-8): *Voyage à Tombouctou* (Paris, 1830, 3 vol.;em resumo 1 vol. 1837).

12 Foi a célebre questão do não menos célebre mapa cor de rosa que os ingleses ostensivamente rasgaram. Este afrontamento traduziu-se, na prática, pelo injusto "Ultimatum" (1890), com o fito de explorarem por sua conta a parte intermédia Angola-Moçambique.

Dos pre-bantos seria de realçar, por descrições interessantes que hoje se conseguiram, toda uma série de notas curiosas. No entanto, os pre-bantos constituem uma população e seus respectivos conteúdos culturais, bastante alheios e sem interferência notória nas expressões humanas das populações com que trabalhei. Os pre-bantos são constituídos pelos grupos dos Hotentotes, propriamente ditos e os Hotentotes Muquede. São principalmente os Bochimanes que enriquecem o leque cultural de Angola (sul) e que interessa considerar, em dois sub-grupos distintos: os Bochimanes, propriamente ditos ou os homens das florestas (Bochimanes amarelos: Mucuancala e Cassequele) e os Kasamas ou Kakuengues (Bochimanes pretos). Seria ainda de assinalar os Vatwa em três sub-grupos: os cuepes, os cuissis e os cuanhocas (C. Estermann, C. S. Sp), 1934, 39, 40, 41, 46., 51, 69, 74).

Outros grupos menores constituem presença importante, significativa e definidora de manifestações várias. São eles os mestiços de muito diversa miscigenação, mesmo entre grupos de cor preta, e os brancos de diversa proveniência, particularmente de Portugal.

O grupo banto é, sem dúvida alguma, o mais numeroso. No entanto, seria arriscado fazer dele um grupo homogéneo. Com efeito, para além da diversidade observável sob vários pontos de vista, inclusive no ponto vista da cor da pele, encontra-se a real diferença e quase antagonismo entre os fiotes de Cabinda e os kiokos do nordeste e entre estes dois grupos e uns Kwanyama do sul. No entanto, são, por imposição das circunstâncias, diferenças meramente pontuais continuando a falar do grupo banto, como se homogéneo fosse (Redinha, 1972).

De entre os sub-grupos do grupo banto seria de realçar os seguintes que constituem nove grandes grupos etno-linguísticos: Kikongo, Kimbundu, Lunda-Kioko. Umbundu, Ganguela, Nhaneca-Humbi, Ambos (C. Estermann, 1983) Herero, Kindonga. Haveria a considerar sub-grupos ainda adentro destes grandes sub-grupos. Assim, adentro do grupo Nhaneca-Humbi haveria a realçar alguns sub-grupos, mais directamente relacionados com o meu campo de investigação: Muila, Gambo, Humbi, Donguena, Hinga, Kuankua, Handa (Mupa), Handa (Kipungo), Kipungo,

Kilengue-Humbi, Kilengue, Muso. Igualmente do grupo Amfo (Va-Amfo ou Chikwanyama): Vale, Kafima, Kuanyama, Kuamato, Dombondola, Kuangar. Ainda do grupo Herero: Dimba, Chimba, Chavikua, Cuanhoca, Kuvale, Guendelengue.

De relance, a geografia física de Angola apresenta-se variada: ao norte, as florestas tropicais (zona equatorial), com particular relevo para a do Maiombe, de que vou dar uma amostra da população, ao passo que no centro-sul e no sudeste encontram-se vastas planícies, cortadas de abundantes cursos de água, alguns deles intermitentes; no centro e no oeste, a savana degrada-se progressivamente em termos de deserto com precipitação pouco abundante. Na parte da savana estendem-se excelentes pastagens, para alimentação de inúmeros rebanhos, particularmente de bovinos, a favorecer um género de vida de isolamento individualizado e abastado. Por isso, encontram-se numerosos Bochimanes em forma de serviçais.

Estes grupos étnicos do sul e sudoeste, predominantemente criadores e pastores de gado, são bastante aguerridos, fazendo da rapina uma espécie de prática de que tiram pretexto para se sentirem ufanos, característica que explica o seu porte e/ou o seu "sentimento de superioridade" perante as outras etnias.

Há já uma certa bibliografia, mesmo em livros sobre estes povos e estas culturas. A começar pela mais recente e mais profunda e diversificada, temos a de A. Edwards: *The Ovimbundu under two sovereignities*, tendo como sub-título: uma análise sobre o controle social e as transformações sociais no seio dum povo de Angola (London, 1962). Trata-se de uma tese de doutoramento feita sob os auspícios do Instituto africano de Londres. Outra obra é a de G. M. Childs: *Umbundu Kinship and Character* (Oxford, 1949). Também haveria a realçar a monografia resumida de M. McCulloch: *The Ovimbundu of Angola* (1952). Mais antiga é a obra de W. D. Hambly: *The Ovimbundu of Angola* (Chicago, 1934). Na sequência destas obras, algo aparece claro: as transformações verificadas não deixam de focar a aculturação primeira e universal, entre os próprios grupos bantos e, a pouco e pouco, a aculturação por virtude de uma presença europeia, da própria cultura europeia.

Indo a um grupo de ideias e valores culturais, como são os religiosos, fácil se torna dar um exemplo típico da mesma transformação inequívoca, recorrendo a dois títulos de exemplos representativos, embora não exaustivos. As incidências que as expressões religiosas inovadoras tiveram em toda a Angola ficaram claramente demonstradas, entre outros, pelos trabalhos de C. Estermann sobre o tocoismo (1965). Aí mostra a aculturação concreta de elementos bantos, como a mistura de sangue entre os recém-casados, em cerimónia secreta, a seguir à cerimónia do sacramento cristão na Igreja. Certas proibições de carne de porco, por exemplo, marcam a incidência do maometismo, enquanto que a proibição do abuso de bebidas alcoólicas é realçado pela missões católicas. Adentro do cristianismo, conjuga um certo sentido de igreja dos católicos com a importância atribuída à Bíblia pelos baptistas. Mais profunda e circunstanciadamente, Estermann (1966) volta ao fenómeno do tocoismo, revestindo a sua análise dum maior interesse, até porque não se trata apenas dum somatório de elementos, mas, claramente, duma re-recriação e síntese inovadora, ou seja, em transformação cultural. É que a interpenetração de elementos culturais que dizem respeito à concepção e ao modo de se relacionar com o transcendente atingem um nível de re-recriação notável, compreensivelmente por serem menos dependentes dos dados imediatamente sensoriais e, por isso, a indicarem que a transformação cultural, em qualquer dos seus níveis e dos seus conteúdos, é um facto: quer sejam os elementos físicos, quer os elementos humanos, quer ainda os elementos transcendentes, porque criações dos humanos, são passíveis de re-criação, isto é, de transformação.

No caso do tocoismo, outros elementos menores encontram-se presentes, segundo testemunho de J. Gonçalves (1967). Numa outra linha e com incidências curiosas, a realçar a síntese cultural resultante da religião tradicional e da religião cristã, encontramos um angolano de cultura autóctone, Oscar Ribas, a mostrar em vários dos seus trabalhos, particularmente em *A religiosidade angolana* (1964) o mesmo. A importância dos tradicionais Zambi e Calungangombe, o mestre supremo um e o outro o deus dos mortos e juiz severo, é claramente realçada, embora com ele-

mentos europeus. Como elementos europeus se encontram na forma de os ver, a qual C. Estermann evidencia (1964). Para este etnógrafo, Kalunga é o pai inteligente e sábio, ente duma sabedoria incomensurável. Tornava-se necessário um complemento e aprofundamento do mesmo assunto (1964). Aí aparece afirmado e demonstrado que Nzambi é o benfeitor, o recompensador ou o remunerador.

Passando ao domínio da língua, Estermann ainda (1947) mostra a aculturação linguística e filosófica entre as tribos bantos do centro e do sul de Angola. Não admira pois que, perante os novos conteúdos, os cristãos, anunciados pelos missionários, algo aconteça do mesmo género, como demonstrou ao falar da terminologia cristã (1951), no que respeita à trindade e aos sacramentos. Como se não bastasse, procura ir ao fundo do problema, em termos de raízes culturais dos vocábulos, a traduzir vivências, por vezes inconscientes, praticando uma análise global do problema, a propósito do vocábulo evangelho (1972), realçando, em adequada perspectiva psicossociológica, que se não trata de "desprezo dos verdadeiros valores positivos tradicionais dos bantos...", o que seria manifestamente impossível em quem os conhece de longa convivência em observação científica e em prática apostólica de profunda admiração dos mesmos.

Para realçar um terceiro ponto de vista sobre a interpenetração dos elementos culturais, mais dois exemplos em perspectivação diferente. Por um lado, C. Estermann (1963) a mostrar, no domínio da língua o fenómeno, em termos de aculturação linguística. Entre os Nyaneca e os Kwanyama verifica-se uma aculturação da língua por elementos portugueses do domínio da linguística e até um pouco da estrutura gramatical. No entanto, é correcto, adentro do fenómeno e do método de aculturação, que os elementos portugueses foram recriados pelos bantos e, deste modo, o mundo imaginal que são cada um deles, comporta simultaneamente elementos das duas culturas como as observações técnicas o demonstraram. Dezenas de nomes portugueses entraram no vocabulário dos africanos, até porque muitos instrumentos e práticas não eram conhecidos pelos africanos, assim como bastantes nomes africanos entraram definitivamente no

vocabulário dos portugueses, para o uso do dia-a-dia, pelo menos. E, depois, ficaram. Por seu lado, Lopes Cardoso (1964) realça o quanto os Mbali demonstram na arte funerária grande criação artística de interesse etnográfico, a evidenciar a síntese artística que o grupo realizou. C. Estermann (1939) acha que a explicação que um Mbali fornece acerca do seu nome não é suficiente mas é importante: "quer dizer preto civilizado", por virtude da aculturação acontecida em contacto com os brancos da zona marítima.

Mais típica e significativa é a correcção-complemento que Lopes Cardoso (1965) aplica ao trabalho de Hauenstein (1962) em que tece considerações sobre o vocábulo *osando*. Este procura mostrar que a palavra e o uso de osando não são portugueses, ao que L. Cardoso responde com demonstração adequada, utilizando inclusive correspondência directa com pessoas inseridas no meio, que a expressão e o seu uso são de origem portuguesa. O seu apoio é a bibliografia existente e o conhecimento da língua e dos costumes autóctones. Osando quer significar pessoa que usa o mesmo nome. Um velho costume permite a qualquer pessoa que encontre presente ao nascimento de uma criança de lhe dar o seu nome, mesmo que seja um estranho à família. A criança fica com dois nomes: o que a dita pessoa lhe dá e o que a família lhe atribui. Talvez porque o nome dado por ocasião do "santo baptismo" ser um outro nome, dado por estranhos ou não à família: os padrinhos.

Numa outra linha ainda e num outro contexto, ainda com interesse, Margarido (1966) mostra a estrutura organizacional do movimento tocoista, em congregações presididas por monitores, responsáveis pela formação e em que as mulheres se encontram presentes em todos os estratos da hierarquia. Decididamente a favor da obediência às autoridades, isso não impedia que os grupos tocoistas começassem a viver numa certa ambiguidade e, a partir daí, a encontrarem-se cada vez mais envolvidos pelo movimento a favor da passagem de poderes em Angola. E isto permanecendo mais ou menos no norte.

Vindo agora mais concretamente ao sudoeste de Angola e aos grupos culturais desta região, tentarei mostrar alguns costumes e valores culturais subjacentes, a fundamentar a facilidade

de percepção das estampas que empreguei para análise dessas populações. É já como que uma introdução à validação empírica mais adiante directamente nomeada. O culto dos pastores-criadores de gado do sudoeste na sua faceta de culto dos antepassados, encontra-se relacionado com o culto do fogo sagrado e do gado sagrado. O ritual comporta a oferta de pedaços de carne do animal imolado, lançando-os para direcções concretas pois são adequadas aos fins a atingir, invocando ao mesmo tempo o nome dos espíritos e/ou das regiões em causa.

Entre os Herero é particularmente significativo. Os Kuvale, por seu lado, pensavam que o fogo novo protegia o gado contra o leão, ao passo que entre os Chimba o touro é imolado por estrangulação. Por vezes, vão ao ponto de tentar adivinhar o futuro pelas análise das entranhas. O culto dos antepassados, através do chamado "gado sagrado", (Estermann, 1957) ou *onawanga* (possuído de grande e temido poder mágico) tem a sua manifestação mais significativa na procissão do "touro", cuja festa se denomina *geroa* e o cortejo, propriamente dito, *ondyelwa*. O touro sagrado percorre todos os lugares do aglomerado populacional como que para festejar ou celebrar o estado de paz, de segurança e de prosperidade da região. Entre os Nyaneca constitui uma demonstração curiosa: o touro ou boi deve ser preto e branco e o ideal será que possua um triângulo branco bem desenhado na fronte, à semelhança do boi Apis egípcio. Por outro lado, a procissão acontece no fim das colheitas em coincidência com a lua nova. O boi é seguido por uma vaca ao som dos hinos mais diversos, cantados durante os tempos do percurso, para bem assinalar a sua passagem, facto importante. Segundo referem Dekindt e Lang (1962) tal festa, há bastante mais tempo, celebrava os reis defuntos do Jau e da Quihita, no sentido de assegurar a prosperidade da tribo para um novo ano agrícola. O comportamento do touro sagrado iria ditar os bons ou os maus augúrios.

Por incidência, directa ou indirecta de informações sobre as diferenças regionais, compreendem-se os *ritos e os costumes, ligados ao culto da chuva, entre várias tribus do sudoeste de Angola* (Hauenstein, 1967). Usos e costumes que se encontram ilustrados por lendas interessantes, a demonstrar que a presença

do chefe (rei) é sinal de prosperidade, não tanto pela qualidades ou competências pessoais, quanto pelo seu poder mágico sobre os antepassados. Noutros sítios, este poder advém dum casamento ritual com uma sacerdotisa pois é ela que assegura a "saúde" moral do grupo (entre os Humbe, por ex.) por ser pre-púbere e dedicada a manter o fogo sagrado. Daí lhe advém o poder por associação com a serpente sagrada.

Alguns exemplos. A começar pelo mais simples, talvez pelo mais universal a demonstrar a importância dos elementos culturais para qualquer análise de protocolos de técnicas projectivas: a serpente. Trata-se dum elemento presente em várias estampas tanto do T. A. T. banto como do T. A. T. de Murray. É inegável que aparece como elemento significativo para a diversidade dos sujeitos, quase independentemente dos grupos culturais de referência e/ou de pertença. Assim, encontramos esse elemento serpente na Bíblia, variadíssimas vezes, desde o Génesis até ao Apocalipse, passando pelo Êxodo e pelos actos dos Apóstolos, onde se refere a presença de S. Paulo em Malta a caminho da prisão em Roma. Vindo à cultura angolana, que mais nos interessa, não constitui excepção em toda a África, pois o culto da serpente encontra-se espalhado por todo o continente.

Assim, os Humbi, enquanto criadores de gado, os Ovimbundu, enquanto agricultores, predominantemente negros bantos, atribuem particular relevo ao culto da serpente: o testemunho de Hauenstein é claro e concludente. Do mesmo Hauenstein, encontramos uma larga descrição da presença da serpente em certas culturas da Costa do Marfim. Na literatura oral encontram-se alguns exemplares de rara qualidade e significado, particularmente, nos contos e fábulas. Alguns títulos exemplificativos: A serpente e o órfão; A viúva, o órfão e as serpentes (Fábulas Wobe); a jovem e a serpente (fábula Yakuba); a aranha e a serpente (fábula Guéré). De notar certas semelhanças com a estampa banto n. 11. Seria ainda de apresentar um provérbio, de significado bem claro, entre os Yakuba: "quem pisa a cabeça (da serpente) é como calcar uma pedra; quem caminha sobre o meio do corpo é pisar a lama; quem caminha sobre a cauda é estar a calcar o fogo".

Nada mais simples e comum do que a serpente. É algo

misterioso. Exactamente porque é simples. A sua imagem mais simples é a linha, a que não tem começo nem fim. Nas mais diversas culturas reveste, por isso, os mais diversos significados, como se pode verificar através de qualquer dicionário de símbolos.

Curiosamente, as duas estampas do T. A. T. banto mostram figuras humanas, possivelmente femininas, perante serpentes. Hauenstein realça o significado da mulher para a serpente ou da serpente para a mulher. Em Angola é à mulher que compete o culto da serpente. Isto acontece igualmente no Togo. A sua missão exige que seja forte e, como tal, por semelhança e por diferença, a única capaz de contactar e/ou enfrentar a cobra ou serpente. Segundo Hauenstein, de novo, o culto da serpente anda ligado ao culto do fogo. Este elemento também se encontra presente nas estampas do T. A. T., algumas vezes. Desde os Bochimanes, com o culto do fogo, segundo Viegas Guerreiro, o qual afirma igualmente, ser o "pássaro do fogo" uma personagem do folclore universal", o qual se encontraria na origem dos homens e das coisas. Para os Bambara, existe um fogo humano e um fogo divino. M. Eliade, por seu lado, mostra que o fogo, apesar de tudo, aparece em muitas sociedades como ambivalente, conforme é de origem divina ou de origem demoníaca. Basta lembrar ainda e apenas G. Bachelard: "o fogo é assim um fenómeno privilegiado que pode explicar tudo". O fogo é poder supranatural.

Neste breve ou rápido bosquejo, muito mais haveria a dizer sobre as manifestações culturais em Angola. Realço apenas algumas das mais importantes e fecundas para o contexto da minha pesquisa.

Vindo agora à *arte popular*, muito se poderia dizer, igualmente, como o mostra B. da Silva (1968) e, em particular sobre o *folclore angolano*, como o refere Redinha (1964). Angola é particularmente rica em folclore e merece particular atenção em termos de estudo aprofundado. Os ritos, as danças, os rituais, os cantos e os recitativos orais revelam uma riqueza de costumes, uma profundidade de crenças e um conjunto de realidades e valores tradicionais a ter em conta para qualquer tentativa de aproximação do povo angolano em termos de investigação psicológica. Para maior interesse, o folclore angolano manifesta predo-

minância: as lendas de dilúvios no nordeste, lendas serenas nas regiões costeiras e lendas de ascensão aos "céus" na zona norte.

Vale a pena apresentar uma pequena amostra, representativa, no que toca à literatura oral e às mascaras a mostrar a pertinência do instrumento. A literatura oral abrange várias categorias: contos, estórias, fábulas, lendas, provérbios, ditos e adágios. Encontram-se também variados recitativos, como melopeias apropriadas e adivinhas diversas. Por seu lado, as sentenças são quase exclusivamente das pessoas de idade avançada. Quanto às personagens, aparecem diversificadas: predominância absoluta para os animais, figuras humanas pouco frequentemente, aparecendo igualmente monstros ou génios antropomórficos assim como outros seres lendários[13].

---

[13] Larga divergência acontece em torno destas caracterizações. Lopes Cardoso entende que é suficiente uma classificação provisória em três categorias: contos de animais, estórias e lendas. Assim o demonstra e tenta justificar em "Contribuição para o estudo crítico da bibliografia do conto popular das etnias angolanas", em *Estudos etnográficos*, (Luanda, 1960).

Carlos Estermann, em concordância parcial com H. Junod (*Moeurs et coutumes des Bantous*, 2. 191, s/d) apresenta, por seu lado, quatro categorias: conto animalesco, protagonizado por animais, contos fantásticos, protagonizados por monstros antropomórficos ou antropófagos, narrativa, mistura de elementos fantasiosos com elementos do quotidiano e, finalmente, conto em que intervêm seres supra-humanos ou míticos. Estermann justifica-o com clareza em "O sentido da justiça como reflexo de alguns contos, colhidos entre os bantos do sudoeste de Angola" (*Bol. Inst. de Angola*, 1961, 15: 4-5). Por outro lado, o mesmo investigador, em *Cinquenta contos do Sudoeste de Angola*, texto bilingue com introdução e comentários (Luanda, 1971: 9-12), separando-se de Chatelain, *Folk-Tales of Angola* (Fifty Tales, with Ki-mbundu Text litteral english Translation , Introduction and Notes) Boston and N. Y., 1984) e de Viegas Guerreiro, *Os Macondes de Moçambique*, IV - Sabedoria, língua, literatura e jogos (Lisboa, 1966), restringe a cinco a sua distribuição: 1 — o conto de animais ou fábulas propriamente ditas; 2 — o conto cujos protagonistas são monstros ou papões; 3 — o conto cujo conteúdo se compõe de elementos da vida quotidiana com episódios algo fantasiados; 4 — o conto que contém elementos de magia; 5 — o conto que apresenta alguns aspectos de carácter mitológico. Estermann mostra, igualmente, que há um vocábulo único para designar o conto, seja fábula, lenda ou conto propriamente dito. O radical é *Ngano*. Narrar um conto, diz-se no sudoeste de Angola *okuta olu* ou *Ongano*. Literalmente: lançar (proferir) um conto.

Entre os povos do nordeste, segundo o testemunho de Correia Barbosa, o. s. b. em *Folclore angolano — Contos quiocos* (mimeografado, I; 8), *tchixima* (pl. Yixima) é algo que se ouviu ou de que se teve conhecimento e se relata ou conta a outrem e que prende a atenção ou provoca a admiração no ouvinte. Por

Os contos angolanos são variados, importantes e alguns bastante conhecidos, graças a uma certa divulgação. Apesar de aparentemente ingénuos e, por vezes, divertidos, contém toda uma axiosfera, a fundamentar as vivências pessoais assim como as grupais profundamente entrelaçadas, fornecendo à sociedade tribal a sua consistência característica. Todos eles, diversificadamente embora,focam os domínios principais da cultura: o mundo do transcendente ou a perspectiva metafísica da realidade, colocando em evidência para vivência pessoal e grupal, os mitos de fundo, relativos à origem do homem, do mundo e da vida; o mundo humano, focalizando a relação em seus diversos tipos, principalmente em termos de divergência, anomias, rixas, contendas, disputas se não conflitos, com uma certa acentuação, ora trágica ora cómica ao jeito de "crítica social", assim como a harmonia possível em termos de objectivo, hipótese ou saída, tantas vezes realçada por intermédio dum provérbio, a finalizar o recitativo ou "estória". Finalmente, o contacto com o mundo físico aparece em muitos contos, das mais diversas formas em realce dos mais diversos elementos da fauna, flora ou do mundo mineral, em forma de clara expressão cultural, principalmente por forma de linguagem. Um conto paradigmático, no sentido de englobar os três níveis de expressão cultural é, em resumo, o seguinte: a um caçador, a morte roubou-lhe dois filhos. Então penetra numa floresta-galeria, por um terreno profundo e pantanoso das beiras do Kassai. Enquanto o narrador monologa e gesticula, reproduzindo os gestos do caçador em perseguição da morte para lhe arrebatar os seus filhos, lá para o sombrio pântano, a assistência entoa, chorosamente, um canto dramático, a traduzir a temerária aventura,o fim fatal,talvez,através de passagens longas e repetidas de onomatopeias, a tentar reproduzir o patinar-penetrar dos pés do caçador na lama da floresta misteriosa. O aspecto mis-

isso se diz: *kuta tchixima*, contar um conto, o que com mais realismo quer dizer: expor, explanar, estender, lançar para fora, pôr em acção, tornar presente um facto ou acontecimento que causa admiração, estranheza ou perplexidade (*xima* = causar perplexidade, admiração ou estranheza) mas coisa ou acontecimento do passado (*xima* também significa: cavar para pôr a descoberto ou para arrancar algo).

tério, desconhecido, impenetrável, quase metafísico da situação revela conteúdos vivenciais muito típicos, em plena criação grupal.

O canto acompanha com certa frequência as estórias e, por vezes, até certos grafitos, impressos na terra ou na areia. Com muita frequência, as personagens são animais com características próprias e, principalmente, com características que lhes são atribuídas pela tradição oral: o leão, a hiena, em especial a lebre aparecem com grande frequência, principalmente no sudoeste de Angola. A lebre, por exemplo, é quase paradigma heróico das fábulas africanas.

No meio greco-latino assim como no judaico-cristão, os contos são elaborações, extremamente eruditas com raízes socio-culturais, mais ou menos populares, principalmente rurais ou não passam de simples recitativos que se conservam nas prateleiras, para mera erudição, quando acontece. Por outro lado, cada vez menos acontecem, mesmo no meio rural, onde a tele-escola, principalmente, por vezes o filme ou o programa de diversão preenche o tempo disponível das azáfamas agrícolas, dum modo especial nas longas noites de inverno.

Para além disso, o mais grave, os contos já não acontecem. Quando muito lêem-se em voz alta, o que lhes faz perder a significação profunda e o simbolismo de topo, especificamente a sua riqueza interpessoal. Significação, simbolismo e riqueza que se encontram ainda nos contos tradicionais — menos nos inventados que são escritos e lidos — por virtude de serem histórias constantemente remodeladas, ao longo das centenas de vezes contadas, por adultos diferentes a outros adultos e crianças, num ambiente interactivo, fortemente carregado de valores em experienciações sentimentais se não mesmo emocionais. Além disso, um outro factor merece igualmente relevo, o "narrador", criativo a seu modo, eliminando, acrescentando, desenvolvendo ou diminuindo, em consonância com um auditório em vibração, atento às actualidades que a todos toca. Não é fácil, talvez nem possível, supor o que a capacidade criativa dum narrador pode trazer de original, de imprevisto e imprevisível na história mais conhecida e menos susceptível de modificações.

Em psicologia actual, até a própria leitura já não é vista como actividade meramente repetitiva ou reprodutiva. Como, aliás, em presença de qualquer outra situação em que a personalidade é fortemente focalizada, enquanto participação activa. Esta característica de re-criação que encontra a sua primeira manifestação no próprio desenvolvimento é a expressividade na sua base mais basal e na sua especificidade mais específica. O desenvolvimento implica a superação de etapas bem definidas e apresenta-se-nos como o mais importante psicologicamente, o mais significativo humanamente, o mais operacional relacionalmente. Por outras palavras: não tem relevância qualquer moralismo, mesmo sob a forma de esteticismo ou de didactismo. São sem interesse aqui para o caso. O conto, para o caso vertente, não é nem pode ser visto como obra d'arte, não é nem pode ser visto como um elemento de didáctica. Desenvolver os elementos interactivos dum conto é despertar o *mundo imaginal* dos interlocutores, por e para desenvolvimento respectivo, por e para explicitação clarificante dos conteúdos vivenciais, quer conscientes, quer, principalmente, inconscientes. Mas sempre pessoais, personalizados e personalizantes. E grupais, em termos de acção. Não se trata da descrição da "dura realidade", nem da doce imaginação. Sempre e só de algo consciente e inconscientemente vivencial e vivenciado.

Não é realçando, didáctico-tecnicamente, numa perspectiva teorizante parcial, como o é a freudiana, a partir das alterações do desenvolvimento, que conseguiremos um diálogo enriquecedor entre os conteúdos vivenciais, conscientes e inconscientes, entre os conteúdos culturais recebidos e recriados, entre os tipos de interacção, vivenciados ao longo dos dias, dos meses e dos anos. Acima de tudo o que vale é a actividade de imaginação, enquanto abertura ao maravilhoso.

Por outro lado, a característica utilitária — utilitarismo — é ainda mais a despropósito, se não mesmo negativa do que o próprio esteticismo ou o tecnicismo-didáctico. O máximo do utilitarismo encontra-se na dita "sublimação", no simples "reconforto", na tradicional "catarse" (Tolkié, 1965) ou na não menos tradicional "identificação". São formas de ver ou de ler os contos,

principalmente, os modernos em que os adultos se comprazem mas as crianças desinteressam-se (Collier, Gaier, 1957) e as pessoas nas sociedades tribais desconhecem.

Seria de problematizar a ideia de felicidade, como valor supremo ou como realidade final a conseguir, sob pena de falhar: uma realidade, como que maciçamente dada, perfeita e prefeita: "viveram felizes até ao fim". Propriamente, a felicidade não se encontra aqui ou ali nesta ou naquela forma de ver a vida e de a viver, neste ou naquele lugar, nesta ou naquela teoria sobre o que se é. Encontra-se, simplesmente, no desenvolvimento do que se pode vir a ser, do que se pode activar ou actualizar em termos de potencialidades. Numa palavra: no desenvolvimento das potencialidades, em perspectiva de personalização. Não se trata de felicidade. Singelamente, de expressar-se como se aspira a expressar-se, em termos de futuro, o mesmo é dizer, de projecto. Com efeito, não olhar o futuro, com possibilidade em termos de concretização de aspirações é o mesmo que não assumir a sua existência em confiança.

O importante, para cada um, é descobrir um sentido para o desenvolvimento humano que lhe é próprio. O importante para cada praticante da psicologia científica é descobrir e activar os factores que contribuem para o desenvolvimento humano e definir e prognosticar os possíveis elementos que podem comprometer esses mesmo desenvolvimento humano, quer alterando em maior ou menor grau, quer acarretando paragens. Entre esses elementos, vivenciáveis inadequadamente, podemos apontar alguns: o acesso ao sentimento de eu, o egocentrismo, a situação triangular, dita edipiana, a fratria, a entrada na escola e até mesmo as circunstâncias do parto, para não falar do desmame fisiológico ou do desmame epidérmico, dito "angústia do 8º mês". No entanto, o que é operacional é olhar o humano na sua condição humana de fases sucessivas de desenvolvimento sem esquecer a falha original, ou melhor, da "falha de origem"[14]. Nem bom

[14] "Defeito de fabrico", dir-se-ia em linguagem industrial. Que não é defeito. Nem de fabrico, pois não foi fabricado. O principal é o que cada um vai "fabricar", isto é, vai ser capaz de ir mais além, por desenvolvimento próprio, graças aos três factores do desenvolvimento.

nem mau. Nem pessimismo nem optimismo, nem bom por natureza, nem mau por natureza. Nem bom "por companhia" nem mau "por companhia", como o pretendeu Rousseau com o seu "bon-sauvage" ou Freud com o seu "perverso poliformo"[15]. Muito menos, uma pretensa resignação perante o destino implacável da vida ou agarrar de frente o aspecto conflitual da existência, conflitos externos e "conflitos intra-psíquicos", como se o conflito fosse a condição da existência humana[16].

Quando se coloca como axioma a realidade existencial do conflito, além de se cair num convencionalismo tradicionalista de carácter místico, de contradizer os dados mais recentes da observação científica em Psicologia, reforça-se a perspectiva parcial de B. Bettelheim: "os contos de fadas ajudam a criança a superar os problemas psicológicos do crescimento". Torna-se curioso, o crescimento como tradução concreta do programa genético, poder originar problemas e, pior, psicológicos, sendo como é apenas multiplicação celular. Mais: mesmo o desenvolvimento, enquanto manifestação progressiva de actividades diversas, níveis e aspectos da personalidade, sempre renováveis em função das potencialidades, como pode causar "problemas psicológicos"? Tais considerações, por confusas, prejudicam bastante a prática psicoló-

---

15 Falar, adentro dum certo tradicionalismo em "natureza humana", em "pendor natural" para o agressivo e para o associal, para o egoísta e quejandos tais, leva B. Bettelheim a prognosticar as consequências seguintes, bem curiosas: "a moda quer que se esconda à criança o facto de que tudo o que vai mal na vida resulta da nossa própria natureza: a inclinação (tendência, pendor) que todos os humanos possuem de agir agressivamente, associalmente, egoisticamente, por cólera ou injustiça. Desejamos fazer crer às crianças que o homem é radicalmente bom. Mas, as próprias crianças *sabem* que nem sempre são boas. E a maior parte das vezes, mesmo que o sejam, não têm grande "vontade" de o serem. Modos de ver ou de analisar, negativos, em termos de perspectiva". É isso mesmo, o que contradiz o que lhe "impingem" os progenitores. Em consequência, a criança aparece a seus próprios olhos como um monstro".

Forma curiosa, distorcida, de fazer metafísica, mais ou menos moralizante, sob a aparência de algo muito técnico e actual.

16 De novo o modelo metafísico a dominar, como quase sempre, a análise-compreensão da personalidade, brutalmente dividida em termos lógicos entre animal e racional e quejandos tais como várias vezes tenho referido.

gica, ou seja, quem precisa de recorrer a ela. Bettelheim, seguidamente, afirma algo mais interessante. Negativamente. "Os contos... ajudam a integrar a sua personalidade". Falar de integração supõe algo de anterior, pre-existente o qual integra algo de posterior, como que acrescentado, para integração. O que pre-existirá à personalidade? O organismo, na perspectiva tradicional? A individualidade, para certas correntes metafísicas? O id — o desconhecido — para a versão actual das duas correntes anteriores? Para uns a personalidade integra ou integra-se ou insere-se ou emerge. Para outros dá-se a interiorização do convencional e/ou imposto, do cultural e/ou esquemas de acção e, na versão divulgada, "os modelos parentais" (super-ego).

Em alternativa e indo ao título original de Br. Bettelheim — *The Uses of Enchantment* — seria de propor: o conto é, radicalmente, o despertar da capacidade de maravilhar-se, da actividade de descoberta do que é ou pode ser encantador, maravilhoso. Sem mais. O conto é também facilitador, por vezes, provocador à explicitação dessa capacidade, especificamente humana, a concretização-actualização dessa actividade fundamental para toda e qualquer personalidade em termos de saúde pessoal, para desenvolvimento da personalidade, em termos de manter a mesma saúde, por desenvolvimento. O "maravilhamento" contribui poderosamente, para a expressividade continuada de cada personalidade enquanto mundo imaginal. Um maravilhamento por uso próprio da sua capacidade de maravilhar-se e não por interpretações de adultos, para adultos. Maravilhar-se contribui, na exacta medida em que constitui uma vivência englobante, para a personalização, de tal modo que nenhuma explicação, mesmo a mais "sábia" a pode substituir. Até porque a explicação, tantas vezes demasiado positivista e racionalista, escapa à vivência "compreensiva" de qualquer criança.

Ninguém pretende com os contos, ou nenhum conto pretende ser ou dar uma descrição "verdadeira" da vida "real", pois seria uma perspectiva de adulto numa expressão vivencial de infância. Não se trata de descrever o mundo exterior, quer sensorial, quer experimental nem mesmo o metafísico, mas simplesmente despertar para o maravilhoso. A "verdade", a "realidade" dos

contos e dos contos de fadas em particular, não obedecem à causalidade material ou eficiente do estímulo-resposta, antecedente-consequente, mas singelamente a uma causalidade final adentro da qual o objectivo é a base da acção e não os elementos sensoriais ou tecnico-científicos. Em termos adequados: não se trata, não se pode tratar de possibilidade nem de realidade, mas concretamente, já que se trata de algo vivencial, de "desiderabilidade".

Através do conto, a existência não é racionalizada, mas simplesmente vivenciada. Servindo-me duma analogia: do "interior". É a partir deste "interior" por recriação constante, que a expressividade pessoal se vai manifestando, na medida em que se constrói e construindo na medida em que se expressa.

Entre um extremo, o desprezo pelos contos e, particularmente os contos de fadas e o outro extremo, o da simplificação, como se fosse possível resumir um poema, reduzir a meia-dúzia de imagens fílmicas, de cenários mais ou menos impostos, como acontece, por empobrecimento em certas (muitas!) ilustrações de enquadramentos mais ou menos pre-fixos, há que repor o conto no plano que lhe é exclusivo. Para isso, temos que dar atenção às versões mais antigas, mais completas e globais, para que na sua variedade se possa encontrar correspondência às interrogações mais diversas que qualquer criança se formula, quer no domínio da sua personalização quer no domínio da sua sociogénese ou desenvolvimento da capacidade de interacção. Há que dar atenção quer ao texto quer às versões.

Em todas as culturas, em todos os grupos culturais, os contos constituiram o factor determinante do desenvolvimento da e de cada personalidade. Principalmente, antes da escrita. Era a experiência experiencial em interacção permanente, dos humanos, em grupo. Para cada personalidade e para cada grupo os contos expressam, sob formas alegóricas, de prolóquios e de sentenças, todo um conteúdo de pensamentos e valores, em torno da morte e da vida,da existência, numa palavra. As próprias marginalizações o demonstram, enquanto seu começo, que apenas pode ser reconstituído e enquanto seu termo, que apenas pode ser construído em torno dos factos marcantes ou dos factos banais para cada um para cada grupo. Isto em termos de psicologia social.

Em termos de análise da personalidade, poderemos encontrar nos contos o jogo imagético das relações entre conteúdos culturais conscientes e conteúdos culturais inconscientes, por repetição, por inovação, por re-criação, quer em sonho, quer em vigília, quer no dia-a-dia, quer ainda em situações específicas ou extremizantes.

Em relação ao conto, em geral, particularmente apoiado na riqueza e originalidade do conto angolano, seria de referir ainda alguns elementos com interesse, enquadrando o próprio conto. Em síntese: a literatura oral, nas sociedades tribais, constitui a forma por excelência de comunicação cultural, isto é, do conjunto de ideias e valores, principalmente das ideias e valores fundamentais. Tudo pode constituir-se em tema. Ora a vida das pessoas e dos grupos, ora os fenómenos naturais[17]; quer a vida dos animais e das plantas[18], quer até a própria mecânica celeste. Neste caso, a pergunta fundamental que se formula é a seguinte: o sol morre e ressuscita e o homem morre e não ressuscita. Por que não ressuscita ele também? Estermann consagrou à literatura oral algumas monografias, para além de tudo o que escreveu nos três volumes da Etnografia do Sudoeste de Angola. Num primeiro trabalho tenta mostrar o entrelaçamento do culto dos espíritos e da magia, enquanto formas de contactar o transcendente[19].

---

17 Encontram-se exemplos curiosos, juntamente com "estruturas e interpretações" acerca das "lendas dos lagos do nordeste", por informação a partir de dentro, da parte de José Redinha (Luanda, 1964).

18 Demonstração considerável do valor dos contos e da sua significação encontra-se no "Texto bi-lingue com introdução e comentários", "Cinquenta contos bantos do sudoeste de Angola" da autoria de Carlos Estermann e A. J. da Silva (C. S. Sp.) (Luanda, 1971).

19 Em trabalho de 1954 "Culte des esprits et magie chez les bantous du sudouest de l'Angola" (Anhropos, 1954, 49; 1-26; 50: 201-1) declara: "Notre cheminement, souvent assez pénible à travers les fourrés épineux des croyances et pratiques supertitieuses... est terminé. Nous nous rendons bien compte que notre sentier ne nous a pas conduit de manière à pouvoir apprécier tous les aspects du problème. Nous n'avons rien dit, par exemple, de la compénétration du surnaturel et du naturel dans les diagnostics et les traitements des maladies... Il aurait à considérer également la question de la sincérité des magiciens. J'ai déjà dit ma pensée à ce sujet "La tribu Kwanyama en face de la civilisation européenne (Africa-London, 1934, 7: 434-43) et je ne crois pas

Os símbolos são numerosos e os conteúdos imagéticos diversificados, no sentido de abranger por tentativas de equacionamento os problemas fundamentais do universo e da vida. Em concreto, exemplarmente as relações escondidas entre o fogo e a água, entre o sangue e o fogo, o sol e o sangue, etc. Daí resultam as mais variadas formas, umas mágicas outras divertidas, ora esconjurações, ora imprecações e ainda súplicas para exprimir a realidade e a nossa relação com ela a partir da imagem que dela nos fazemos, quer a nível individual quer a nível de grupo, assim como do transcendente[20].

---

qu'il faille la modifier. Il est naturel qu'avec l'effondrement progressif des anciennes croyances, les nombre des charlatans augmente".

Em trabalho posterior confirma, em consonância com um trabalho de A. Silva, s. j. (Brotéria, 1965, 50, 3): haver "novas modalidades na evolução do culto dos espíritos que implicam decomposição mais acentuada, ao mesmo tempo que se multiplicam os elementos de aculturação". A razão é avançada por A. Silva: "o predomínio da chamada ancestrolatria dá-nos logo a ideia de como a religião está vinculada à estirpe e ao local". Consequentemente a sua transformação é inevitável como já o notava Baumann: no que diz respeito aos Kiokos, deu pela existência de, pelo menos, três classes de "espíritos estranhos" a quem era prestado culto (Luanda, Berlim, 1930, p. 204). Acontece algo de curioso, como observa Estermann: "vem a constatação que quase exclusivamente indivíduos do sexo feminino são assim "visitados" por espíritos estranhos. E aqui temos de confessar que não encontramos ainda explicação cabal para este facto. Será unicamente porque "as mulheres sofrem de mais doenças? Fica a questão em aberto". E conclui num outro passo: "Além da multiplicação doentia nas modalidades de espiritismo, temos aqui de apontar outro mal e este é de ordem mais social. Com o abandono do culto dos antepassados e consequente terapêutica espiritual e mágica enfraqueceu também a terapêutica natural" (Ultramar, 1966, 6, 6, 23)

[20] Seria de diversificar a informação e apontar um exemplo do quadrante nordeste: "*Fonctions sociologiques des figurines de culte HAMBA dans la société et dans la culture tshokwé (Angola)* de Mesquitela Lima (Luanda, 1971). Em esquema, o Autor apresenta assim o tema: "Les *hamba* occupent une place fondamentale dans les activités économiques, les relations de parenté, l'organisation politique, dans la vie des associations, dans *la religion et la magie* (sublinhado nosso) dans l'art sculptural... les *hamba* constituent des forces propices à la fertilité, à la chasse, à la procréation, des défenses contre certains malheurs (maladies, calamités, impuissance sexuelle) des instruments permettant se satisfaire les ancêtres... des instruments de divination, des états de possession, enfin de vrais symboles qui ne sont en somme que des modèles explicatifs" (373). "Ceci peut également aider à résoudre le problème de la distinction entre le magique et le religieux dans les sociétés africaines.

Constitui um exemplo deveras interessante porque claramente elucidativo de muitos outros grupos culturais por toda a Angola. Trata-se dum diagrama que nos pode dar uma ideia do "cosmos" dos Kiokos (Tshokwé) com as diversas partes que o compõem, a justificar em parte o próprio diagrama ou os parâmetros por mim utilizados para análise dos conteúdos das "histórias" contadas perante as estampas do T. A. T.

"Dans ce diagramme [Gráfico 1] nous remarquons tout de suite la position de Dieu dans l'univers tshokwé: il se situe tellement loin qu'il est extrêmement difficile d'entrer en contact avec lui. Pour l'atteindre il faut d'abord des intermédiaires dans le monde des hommes — non seulement des individus qui manipulent les forces cosmiques, mais aussi les forces elles-mêmes et les objets-figurines (les *hamba*); il faut ensuite d'autres intermédiaires: les ancêtres. On peut imaginer les difficultés des rapports avec l'Etre suprême: *Kalunga-Nzambi "existe"* seulement, il n'intervient pas dans les querelles des hommes: il a crée le monde, puis il l'a laissé... au *Nganga*! On constate donc l'ambiguïté non seulement de la situation du *Nganga* (le Sorcier) par rapport aux autres éléments du cosmos, mais également par rapport à Dieu: il ne dépend pas de l'Etre supême, il est omniprésent, bien qu'il soit en opposition avec les *lemba*, ancêtres. S'il se situe dans le monde du *négatif*, car il est le déséquilibre, qui s'instaure au sein de la société, il est néanmoins un élément d'équilibre qui intervient précisement pour rétablir l'ordre troublé, par conséquent aussi un élément du

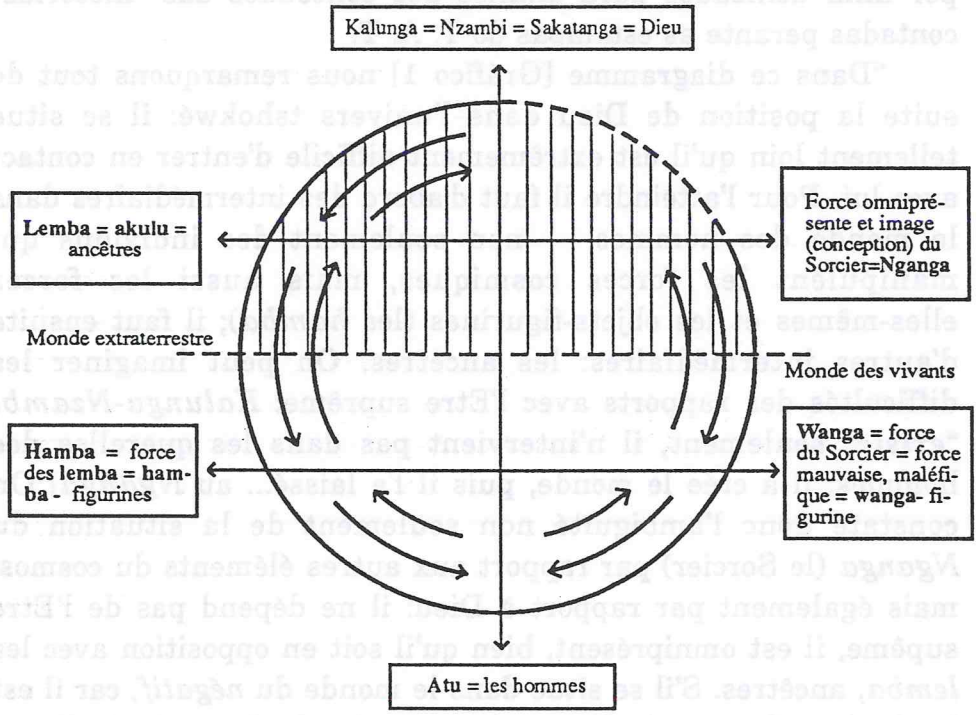
---

Le schéma en question est une sorte de diagramme du cosmos tshokwé où l'on observe des oppositions binaires fondamentales pour la société et le rôle d'intermédiaire qui, en Afrique, est extrêmement important.

"Il nous semble pouvoir affirmer que les Tshokwé font une nette distinction entre *ce qui est magique* et *ce qui est religieux*. En voici la preuve: rapports formels entre les figurines *hamba* et les *Wanga*. Nous avons vu que ces dernières appartiennent surtout au domaine du magique, tandis que les *hamba* s'attachent davantage au domaine du magique et du religieux. Les modifications introduites dans les objets, les charmes que l'on ajoute à ces mêmes figurines les *désacralisent* au point de vue religieux: elles deviennent des éléments du monde occulte, du monde de *la magie noire*, donc du monde des sorcieres" (383-4).

monde du *positif*. Peut-on dire que le Nganga n'est qu'un autre visage de *Kalunga* ou même des *lemba*?

Gráfico 7



"Nous pouvons constater dans le diagramme la position des intermédiaires dans l'univers tshokwé. Dans tous les domaines, le rôle de l'intermédiaire est très important. On n'atteint rien directement: il faut passer par *quelque chose* ou par quelqu'un" (M. Lima, 1971, 384-5).

As expressões em arte são também consideráveis, particularmente no que toca à pintura e à escultura, a demonstrar claramente a importância da actividade estética adentro das expressões da personalidade. Para exemplo, no que toca à pintura e um pouco à escultura haveria a realçar a *olaria*, manifestação cultural relevante, como o demonstra monograficamente Hauenstein (1964), assim como merece relevo que até os Bochimanes, segundo

refere Dlouhy (1956) a possuíam com muito apuramento e manifestações, justificáveis de interesse.

Neste contexto, pela polivalência do significado humano e de compreensão cultural, merece particular relevo a máscara e a tatuagem. "Muata, é para ficar mais bonito". Além do aspecto estético dominante, há que evidenciar o da diferenciação de papéis ou de grupos. Acontecem tatuagens mais ou menos simbólicas, outras de simples ornamento, outras de pertença totémica e outras ainda de características eróticas, tanto no homem como na mulher, assim como duma certa zoolatria. As tatuagens mostram, secundariamente, a importância de certos traços na compreensão da imagem do humano.

Por seu lado, as máscaras, além de muito mais variadas, representam algo de profundo na sua feitura e no seu uso. Com efeito, segundo J. Redinha, encontramo-las dos mais diversos géneros[21]. Para o caso que aqui nos ocupa, o que se apresenta como mais importante é a usança. Esta acontece, predominantemente, com o fim de cobrir o rosto dos dançarinos, em funções ou actuações específicas. São usadas exclusivamente pelos homens, mesmo que se trate de máscaras de mulheres. E mesmo os homens, sob condição de serem circuncidados. Pela razão seguinte e particularmente importante, para o nosso caso, de realçar elementos e expressões culturais relativas ao mundo

---

[21] J. Redinha em *Subsídios etnográficos* (Luanda, 1964) estabelece uma ligação entre um esboço de classificação das máscaras angolanas e a evolução da escultura antropomórfica angolana. A origem ou genealogia da escultura antropomórfica angolana e doutras zonas africanas provém de velhas civilizações florestais. Efectivamente, a floresta e a árvore constituiram se não mesmo constituem ainda elementos religiosos — teísmo silvestre — e de cultos diversos, por toda a parte e desde tempos remotos. Em *Máscaras e mascarados angolanos* (Luanda, 1965), J. Redinha descreve minuciosamente os usos, as formas e os ritos, traçando uma panorâmica completa sobre o assunto. Aí apresenta, igualmente, uma classificação: 1 — Uma face cortada por uma linha recta, que parte da região inframentoniana, passa por detrás das orelhas até aos temporais e, daí, formando um ângulo recto, segue para o meio da fronte; 2 — Uma face cortada em linha recta, do vertex à região inframentoniana, passando por detrás das orelhas; 3 — Uma cabeça, cortada em diagonal desde a parte posterior da nuca até abaixo do mento; 4 — Máscara subcervicocefálica, seccionada segunda uma diagonal desde as primeiras vértebras dorsais à região clavicular.

físico, ao mundo humano e ao mundo simbólico e/ou transcendente: as máscaras tiram toda a riqueza da sua manifestação e do seu significado do facto de serem "incarnações" de seres transcendentes, de origem dita sobrenatural. Tais seres, por meio de ritos e de alianças complexas com o homem, continuam presentes e activos nos grupos humanos. As máscaras servem, por outro lado, para modificar a voz. O que se torna fácil na medida em que o misterioso de que se revestem quase obriga ao uso, não da palavra, mas de simples "grunhidos" e interjeições várias, evitando assim, ao máximo, a aparência humana do mascarado, para mais profunda impressão de presença de algo ou alguém transcendente. Quando acontecem falas de denúncia ou correcção de falhas cometidas, falas de acusação de excessos, ironizando, então a modificação da voz torna-se ainda muito mais importante e a máscara tem de o permitir.

É um facto em quase senão todas as sociedades tribais e, mesmo em algumas ditas civilizadas ou modernas: todos os habitantes e particularmente os jovens temem essa denúncia pública. A par dessas personagens aterrorizantes e mesmo sangrentas, há mascarados divertidos e cómicos. Outros são excêntricos: podem cometer roubos e outros abusos pre-regulamentados pelo costume. Há-os conselheirais e bons que distribuem remédios propiciatórios, pós de boa-sorte — que também ministram às crianças, para que elas não sonhem com os mascarados. Os mascarados dançam em geral ao compasso dos tambores. Nos Kimbundos do leste, Bângalas e outros bailam também ao ritmo dos xilofones (Redinha, 1965, 14).

Se é certo que há muitas praxes a respeitar pelo povo, com vista aos mascarados, são igualmente muitos os perigos de ordem magicista que espreitam o mascarado inobservante. É que as máscaras são espíritos. O respeito pela máscara implica obrigações não só em relação aos que dela não usam, mas também em relação aos que delas usam, ao próprio utente. Tal facto demonstra, claramente, a supremacia da máscara em relação às pessoas e em relação aos grupos. Vai mesmo ao ponto de ser norma dar sepultura às máscaras, quando esta se torna inútil, porque se

Máscaras



Extraídas de *Máscaras e mascarados Angolanos. Uso, formas e ritos* José Redinha, Luanda, 1965.

tornou velha pelo uso que lhe foi dado. Chega-se ao que podia ser apelidado de extremo: um elogio fúnebre, dirigido directamente à máscara.

A máscara, elemento cultural complexo, pela sua ambivalência,constitui uma espada de dois gumes. Segundo refere Redinha (1965, 19) há uma palavra que traduz esta ambivalência, sintetizando uma espécie de sub-estrutura da crença das populações de toda Angola: *Muquixe*. Muquixe é uma realidade, profunda e misteriosa, de que a máscara é a manifestação mais palpável. De tal modo que os não circuncidados e as mulheres fogem dos mascarados. Em postes e árvores que demarcam os limites de caça e direitos de propriedade é uso marcar-se uma máscara. Curioso: é como se o possível infractor se encontrasse sob a vigilância de alguém[22].

Para finalizar, uma outra observação: "a função social das máscaras... é duma extrema amplitude. Essa função efectua-se desde o simples espectáculo folclórico recreativo, até aos actos de seita, de magismo, de justiça sobrenatural e de morte, por intermédio do mascarado" (20). Numa palavra e alargando o significado de máscara: o homem usou máscara para reforçar a voz, a palavra; para se reforçar, deixar de ser ele para ser mais ele, talvez passar por outro, um ser transcendente que *imaginou* significar, dominando ou implorando.

No sentido de realçar melhor, com um outro exemplo, a diversidade das manifestações, o interesse da observação das vivências, venhamos de novo ao Norte. Para mostrar mais uma manifestação ímpar, na sua materialidade, sem dúvida, na sua simbólica principalmente, fundamentando uma compreensão específica, quero dizer psicológica, da realidade. E ao mesmo tempo situar a pertinência do material experimental empregue

---

22 Como refere ainda, largamente documentado, J. Redinha: O mascarado é espreitado por inúmeros perigos e tem fortes coacções, internas e externas a cumprir. Assim, não poderá ter contacto com mulheres, incluindo a própria, na véspera da exibição, sob pena de riscos diversos. E, se comer alimentos preparados por mulher em período catamenial, pode perder a vida, pura e simplesmente. Não há a menor dúvida e diversos factos, usos e costumes o atestam, "o prestígio da máscara é predominante, forte e absorvente" (Redinha, 1965, 19).

na observação.

No Noroeste, onde também realizei observações, seria de realçar algumas particularidades, entre várias outras. Assim, em o *Mundo dos Cabindas*, M. Vaz (C. S. Sp., 1970, 25) sugere algo com interesse para o caso presente da interpretação dos dados recolhidos por ocasião da minha aplicação do T.A.T. banto. A principal fonte é "essa manifestação cultural, ímpar e inédita dos seus *testos de panelas*, autênticos *textos falantes* (subl. de M. Vaz), pelo realismo das imagens, pelo gesto do ofertante, pelo seu significado simbólico, sobretudo...são mais do que símbolos, imagens, manifestações do poder, da força das coisas, dos animais simbolizantes a ligarem-se às realidades simbolizadas".

Neste contexto, o contacto com o mundo transcendente, por exemplo, é traduzido pelos nomes mais diversos desde Nzambi, o grande poderoso. Na opinião dum grande erudito e investigador de campo, "esses espíritos inferiores da mitologia banta são, geralmente, mas sem fundamento, chamados deuses africanos. Nos seus variados atributos e poderes,esses espíritos (ma-hamba) são idênticos aos deuses da antiguidade clássica... cada espírito ou demónio representa uma força da natureza" (H. Chatelain, 1894, 85). Assim é que acreditam num "grande Deus, invisível que faz todas as coisas e que tudo fiscaliza, mas confessam que pouco conhecem sobre a sua essência. Não adorando formalmente a Deus... não pensam que ele esteja presente em qualquer feitiço" (84).

Por seu lado, o homem (muntu) com vida e morte, sonho e sono, assim como os feitiços, "factícios", não são nem Deus, nem homem, nem espírito, nem antepassado: um simples objecto, habitado por um poder extraordinário que um intermediário tenta captar e usar. Os nomes variam: amuleto, talismã, etc. .A realidade permanece: forças estranhas ou incontroladas. Supostamente. Mais importante, no entanto, é o utilizador de tais forças, pelos mais diversos meios. Daí: o ervanário, o comedor de almas, o adivinho... Mais interessante é a adesão, mesmo entre pessoas "letradas", na África como na Europa ou na América, para não falar de outros continentes. Onde houver humanos... Deste modo se compreendem todos os chefes-profetas ou profetas-

-chefes que "arrastam" multidões. Tudo isso se pode "ler" nas estampas. E apenas no que respeita às formas de relação com o transcendente.

No que respeita à relação humana, ou seja, entre humanos, haveria a falar da instituição família, como noutras partes, entre os fiotes, matrilinear ou patrilinear, sobretudo mista. Haveria a realçar as épocas da vida, com particular relevância para a passagem à vida adulta e a preparação para as tarefas da comunidade — iniciação — assim como a entrada no mundo das instituições, em cheio. Neste contexto reveste-se do maior interesse referir dois estudos quase únicos sobre o mesmo assunto. O primeiro, *Filosofia tradicional dos Cabindas*, (M. Vaz, 1969) na qual são analisados 276 testos de panela (no I tomo), assim distribuídos segundo o assunto: oferecidos pela família ao filho... à filha; oferecidos pelo homem à mulher e pela mulher ao marido, etc. No tomo II há uma colecção extremamente significativa de fábulas, provérbios e adivinhas, todos no mesmo sentido da forma de ver e de viver deste grupo cultural.

"Os documentos que vamos apresentar, diz J. Martins (C. S. Sp. , 1961, 3), como exemplares do simbolismo entre os pretos do distrito de Cabinda, representam testos de panelas (*Libaia linzungo*) e esteiras (*Nkuala buinu*)". Daí o título significativo: *O simbolismo entre os pretos do distrito de Cabinda*. As esteiras ajudam-nos a melhor compreender a pertinência do grafismo do T. A. T. banto. Os testos, trabalho dos homens, aproximam-nos dos elementos das estampas, quer pelas figuras, quer pela simbólica presente. Não se nega a habilidade que produziu, por vezes, obras d'arte, curiosas. No entanto, aqui o que nos interessa e aos seus autores, não é propriamente a arte: é a mensagem. "Não se gravam este ou aquele animal, este ou aquele objecto só por gravar. Esse animal, esse objecto, essa figura é um símbolo, é a representação de suas ideias, é uma quase escritura" (J. Martins, 1961, 4, subl. do A.). Isto mesmo confirma um outro competente investigador, C. Estermann (1969, 12): "Tal arte aproxima-se da escrita ideográfica dos chineses e da hieroglífica dos egípcios. Talvez se possa chamar *pictografia* — no sentido lato do termo — destinada a transmitir um número restrito de assun-

tos". Por seu lado, o angolano e competente Óscar Ribas (1962, II, 263) abunda no mesmo sentido. Por exemplo: "Embora elementarmente a escrita entre os aborígenes remonte à época da presença dos portugueses, trata-se da alfabética. Com efeito, a ideográfica, presente em desenhos específicos", é muito mais antiga.

Propriamente falando, não se trata nem de arte nem de escrita. Toda esta produção de elementos culturais como são os testos é mais do que escrita ou arte: é pensamento, é filosofia de vida, orientações práticas para o relacionamento pessoal. A sua arte é escrita das suas ideias, em forma de máximas, provérbios, englobando princípios de acção extremamente curiosos na sua profundidade: toda uma "riqueza do seu engenho". J. Martins fornece um exemplo plurifacetado (1969, 17-8). Ao cimo um machado; noz de árvore tumbu, à direita; em baixo kiala-mioko; à esquerda, uma chave. (Fig. 1). As interpretações a partir dos provérbios e os provérbios para além dos objectos:

Itali bata kuika: Kaza muntu limonho kuikuanga ko;

Um machado encaba-se; uma pessoa viva não se "encaba".

Uma vida pessoal, a decisão, o projecto de vida comporta um sentido próprio, por desenvolvimento progressivo; não se "encaba".

Tumbu mvemba Utumbuluili liambu; Butu ayi longo;

A noz dedicada ao feitiço mvemba (o feitiço da família) adverte-te que em família ou em grupo-sociedade todos somos solidários. No mesmo sentido vai o símbolo seguinte que mostra o fruto duma árvore:

Kiala-mioko: Ke zinfumu, ke zinganga, ke zionso; zi fuanikini kuntambul;

Mãos abertas para com os chefes, feiticeiros e para com todos, acabam sempre por receber (recompensa). Kiala-mioko, símbolo da generosidade. Evidentemente, de parte a parte.

Nzabi iaku koyo; Ibika bakulu;

Esta é a tua chave deixada pelos antepassados. Guarda a herança, qualquer que seja ela é sempre válida. Principalmente a cultural.

Fig. 1
(Testo)

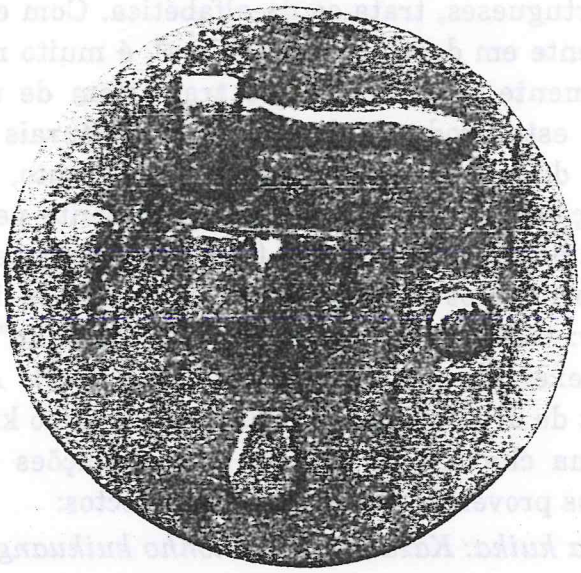


Fig. 2
(Esteira)



Extraídas de O simbolismo entre os pretos do Distrito de Cabinda
Joaquim Matins, C. S. Sp., Luanda, 1961 (Separata)

Lukata lunvumbi: Litumbi limueka.

Caixão de morto, bem singelo. O que importa é o que vamos agindo; pois o caixão é sempre um caixão, rico ou pobre.

Um exemplo apenas, de esteira (Fig. 2) para fornecer uma outra manifestação dum certo tipo de grafismo, como o artista K. Mweze nas estampas do T. A. T. banto e, também, de passagem, aproximar este tipo de desenho, de desenhos em termos gráficos e em termos simbólicos dos Índios da América do norte, com a figura humana estilizada.

Ngó kaliá makanganhi; buna kambua kambuisi.

O leopardo come folhas de capim: é porque falta outra (comida). Para cada um e para cada caso a alimentação possível. A fome é negra.

Para M. Vaz (1969, 30) na sua numerosa e valiosa colecção, analisada em todos os seus elementos e interpretada no seu simbolismo — são 276 testos — encontrou elementos que lhe permitem uma entre outras conclusões: a magnífica arte indígena, apesar da rudimentaridade dos instrumentos; — o realismo e, por vezes, o cómico das figuras, desde os traços esculturais até à mímica e aos gestos, assim como às cenas; — os provérbios são duma profundidade notável e duma beleza incomparável, atendendo à ausência de aprendizagem sistemática; — constituem um autêntico compêndio doutrinal: muitas das leis tribais codificadas, usos e costumes da época, a religião, os feitiços e práticas supersticiosas, a ideia da vida e das suas dificuldades, as perspectivas sobre a morte e a importância da comunidade dos vivos e dos passados, apesar de tudo, presentes...

De "Filosofia tradicional dos Cabindas" (M. Vaz, 1969, T. I) vou extrair dois exemplos apenas de testos reproduzidos em desenho fiel, para melhor avultar a sua forma, ao contrário do exemplo anterior em que se tornou operacional reproduzir a fotografia desse testo. O primeiro de entre os duzentos e setenta e seis testos analisados com a colaboração preciosa dos Cabindas mais antigos, em termos de simbologia e de interpretações assim como aplicações das mensagens comunicadas, escolhi o 34 e o 63.

No testo 34 de 23 centímetros de diâmetro encontramos as

seguintes componentes: 1 - macaco; 2- outro macaco de que restam apenas os pés e a cauda; 3- concha de Bu-mbamba; 4- feitiço Mbonzo; 5 - cogumelo.

Provérbios:

— *Ngondo ui sanga, ibila nchila i ké i andi* (O macaco salta nas árvores porque tem cauda) estamos contentes porque tudo nos corre bem. Em português: de contente se lhe ri o dente (1-2).

— *Bu-mbamba bu Nzambi: muntu i muntu ku ba.* (A concha de Deus: os homens devem juntar-se para resolverem os pleitos e não guardarem rancor). Em português: cada qual tem o seu feitio (3).

— *Chi kanga Mbonzo, fuananguene u futa.* (Quem consulta o feitiço Mbonzo deve pagar):cada um responde pelas suas acções. Em português: quem com ferros mata com ferros morre (4).

— *Buku bu mana buila muinha, bu podi bé tunguma kó.* (O cogumelo que se abriu com o calor do sol, já não se pode fechar de novo). Em português: ao feito já não há remédio.

Interpretação geral: estar contente não pode levar a desrespeitar o outro, pois cada um tem o seu feitio e podemos ofender-nos mutuamente. Da mesma forma, quando acontece algo de mal não pagues na mesma moeda, mas não faças nem te ofendas, sabendo perdoar. É ilusão pretender moldar ou modificar os outros.

No testo 63 de 16,30 centímetros de diâmetro, encontramos: 1 - um homem; 2 - uma cadeira; 3 - uma serpente em cima dum cacho de dendém; 4 - duas conchas Ta-nsosso; 5 - fruto Chiali-mioko; 6 - fruto Ntumpu-Mvemba.

Provérbios:

—*Minu i bá i chialu. Abu i mana kundubuka va nsi. Podi kala mu nhenze kó.* (Antigamente tinha cadeira agora estou sentado no chão. Não posso ter alegria): fui rico, agora sou pobre. Em português: ao rico mil amigos se deparam; ao pobre seus irmãos desamparam (1-2).

Fig. 3
(Testo 34)

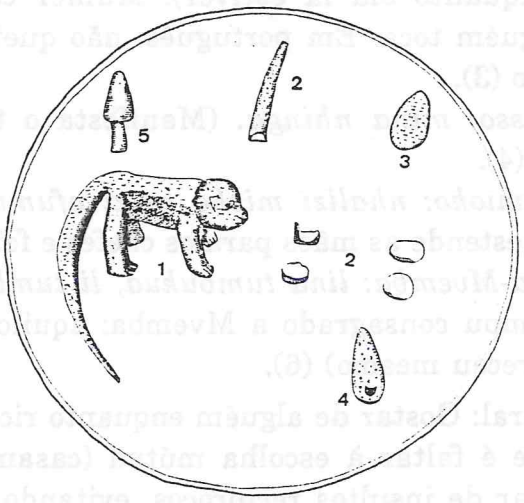
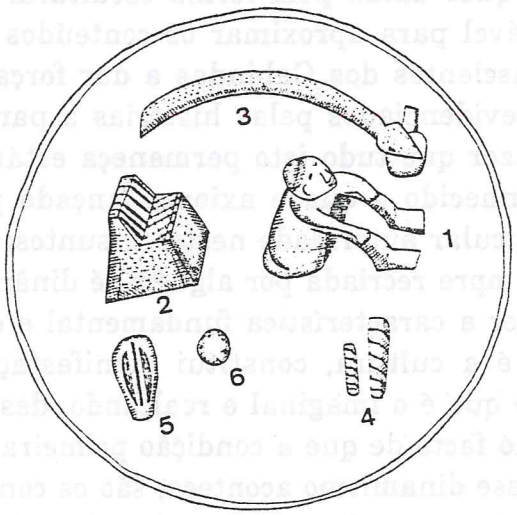


Fig. 4
(Testo 63



Extraídas de *Máscaras e mascarados Angolanos. Uso, formas e ritos* José Redinha, Luanda, 1965.

— *Nlimba ma kandikila ngazi. Muntu lu monho podi ba kuiza kó.* (A serpente enrolou-se no cacho de dendém. Ninguém o pode tocar (enquanto ela lá estiver). Mulher casada, mulher guardada: ninguém toca. Em português: não queiras potro nem mulher de outro (3).

— *Ta-nsosso: mina nhinga.* (Manifesta o teu desagrado, engole a raiva) (4).

— *Chiali-mioko: nhalizi mioko ké zi nfumu i zi nganga.* (Abre as mãos: estende as mãos para os chefes e feiticeiros) (5).

— *Ntumpu-Mvemba: lina tumbukua, li tumbukisi.* (Afirmo pelo fruto Ntumpu consagrado a Mvemba: aquilo que chegou à superfície, apareceu mesmo) (6).

Sentido geral: Gostar de alguém enquanto rico e desprezá-lo enquanto pobre é faltar à escolha mútua (casamento) e assim mais vale deixar de insultos recíprocos, evitando ao máximo os motivos de choque. E basta.

Quer pelo conteúdo das mensagens em número quase incontrolável que circulam, quer pela forma de comunicar e pela importância de inventar um tal meio para comunicar na ausência de escrita, quer ainda pela forma escultural constituem um apoio considerável para aproximar os conteúdos culturais conscientes e inconscientes dos Cabindas a dar força e consistência aos conteúdos evidenciados pelas histórias a partir do T. A. T.. Não se quer dizer que tudo isto permaneça estático. Muito pelo contrário: é conhecido o quase axioma lançado por Herskovits, com a sua particular autoridade nestes assuntos: "toda a cultura viva (porque sempre recriada por alguém) é dinâmica".

Além de ser a característica fundamental e específica dessa realidade que é a cultura, constitui manifestação clara dessa outra realidade que é o imaginal e realçando, desse modo, dando toda a ênfase ao facto de que a condição primeira desse dinamismo, para que esse dinamismo aconteça, são os contactos de culturas, isto é, a co-presença de grupos socio-culturais diferentes.

Acrescentando esta explicitação, facilmente se compreende e favoravelmente se aceita o quanto é adequado e concreto o interesse da etnografia e/ou antropologia na recolha e análise, a seu modo, dos mais variados elementos culturais, enquanto pro-

dutos das personalidades em grupo, a subsistirem, graças aos sujeitos, a cada sujeito, mundo imaginal que é.

Após esta breve apresentação do espaço humano onde se desenrolou a minha observação, havia algo muito importante a realizar: cuidar do instrumento para observação sistemática, noutros moldes, deste mundo imaginal com características tão próprias, como todo e qualquer outro, mesmo na diversidade que constitui a cultura em Portugal.

III — T. A. T. E SUA PROBLEMÁTICA

Neste contexto das investigações transculturais, no aproveitamento da iniciativa de W. Henry, rigorosamente conduzida, as observações de campo que tive a oportunidade de levar a efeito entre os mais variados grupos culturais de Angola, tiveram como objectivo principal pôr à prova a perspectiva psicológica na análise das actividades humanas, particularmente da actividade simbólica, enquanto elemento diferenciador quer das personalidades, quer dos grupos culturais e/ou das sociedades. E, partindo desta compreensão, postular a possibilidade *de novas hipóteses*, para futuro de entre as quais *esta* me parece principal: para a compreensão da expressividade humana, em toda a sua riqueza e diversidade, particularmente cultural e, em toda a profundidade e originalidade, adentro duma análise técnico-científica, torna-se indispensável melhor fundamentar a perspectiva psicossocial, como sendo a única capaz de fornecer bases sólidas à especificidade do humano: a *criatividade expressiva* ou a *expressividade criativa*.

O mesmo é dizer, à actividade de fantasia. Partindo, com efeito, da personalidade enquanto expressividade criativa, a qual na variedade e diversidade das circunstâncias se manifesta através de expressões, as mais originais, focalizei a personalidade como uma dinâmica estruturante ou criatividade pessoal, duma unidade que é unificação, de três níveis de actividade, de dois aspectos relacionais e de *n* dimensões, capacidades e/ou actividades, em presença e em interacção, com tudo o que entra no seu "campo" psicológico ou o circunstancialismo espacio-temporal e socio-cultural.

Tendo em conta que a população analisada se situa fora do

contexto cultural dito ocidental, mais propriamente, hebraico-greco-latino, torna-se indispensável realçar a circunstância especial da diferença de cultura. Diferença esta que diz respeito aos conteúdos da interacção assim como às vivências da personalidade, de cada personalidade, mas igualdade das formas, apesar de tudo, na medida em que cada personalidade, seja qual for a sua cultura, age e interage em função dos seus projectos que resultam da construção de referências adentro do grupo a que pertence, isto é, onde expressa as suas formas de sociabilidade.

Nesta conformidade, qualquer expressão duma personalidade ou o conjunto das suas expressões diz algo acerca dela própria, porque traduz os *conteúdos* que se encontram na base da acção e da interacção que serão próprias e as *formas* que serão comuns. Por outro lado, os conteúdos que se encontram subjacentes a qualquer acção e interacção tornam-se importantes, mesmo decisivos, para a compreensão-exploração de qualquer expressão humana. E um dos métodos mais interessantes, mesmo mais adequados para a evidenciação desses conteúdos são as denominadas técnicas projectivas. E, dentro destas, particularmente o *Tematic Apperception Test*. Com efeito, esta técnica presta-se particularmente para suscitar expressões que revelam conteúdos e formas de interacção, adentro da cognitividade e da afectividade. Estes aspectos encontram-se sempre presentes em qualquer expressão humana como abaixo tentarei explicitar senão explicar, ao delinear umas considerações sobre as técnicas projectivas e a personalidade. (III Parte)

Dentre esses conteúdos têm particular interesse os conteúdos do imaginário, enquanto próprios e/ou específicos adentro duma forma de actividade que pode dar pelo nome de fantasia (A. M. Santos, 1977).

Habitualmente, um protocolo de T. A. T. serve para a análise duma personalidade concreta, história por história, com o objectivo de compreender os dinamismos e a estrutura dessa personalidade. A esta análise chamou W. Henry *individual-vertical* à qual contrapos a outra que apelidou de *grupal-vertical* (1965, 264-5). Nesta, o aproveitamento dos protocolos faz-se como na anterior mas os resultados são organizados segundo um

esquema conceitual geral, pre-estabelecido. É este quadro que irá permitir definir um tipo de actividade e um tipo de conteúdo radicalmente individuais mas partilhados, mais ou menos por todos os membros do grupo. No caso concreto das técnicas projectivas e do T. A. T. dum modo quase específico, trata-se das "fantasias" ou dos conteúdos do "imaginário" (cfr. III Parte).

Assim se exprime W. Henry após todo o seu trabalho e de toda a sua equipa interdisciplinar de Chicago, acerca do que pode revelar o T. A. T., enquanto instrumento utilizado para analisar grupos sociais e/ou sociedades diferentes. Numa perspectivação geral ou global: "O T. A. T. analisa os aspectos emocionais e afectivos da vida", por outras palavras e mais adequadamente, os aspectos afectivos e relacionais das expressões, na medida em que a relação envolve presença e conhecimento ou contacto com as pessoas e com as coisas e o afectivo manifesta valoração ou apreciação das coisas e das pessoas. E W. Henry continua: "Só agarra os aspectos materiais objectivos, na medida em que se encontram carregados de significado e, por isso, se reflectem nas produções imaginárias dos indivíduos dessa sociedade. (*Ibid.*, 289) Reflexão fundamental esta.

É a base experimental desta afirmação que me levou a colocar como objectivo da minha investigação de campo, evidenciar a actividade de fantasia, através das fantasias produzidas pelos sujeitos, revelando os conteúdos do mundo imaginário que são. Não se trata dum domínio desconhecido ou intocado, embora ainda muito poucos sejam os estudos verdadeiramente interessantes e suficientemente diversificados para garantir validade científica a estas perspectivas, assim como, aos resultados obtidos através de observações minuciosas e cautelosas[23].

---

[23] Alguns desses domínios, realçados ainda por W. Henry, como amostra diversificada duma aplicação que se revela operacional e promissora, por virtude dos elementos já recolhidos: a - Análise de grupos índios mexicanos levada a efeito pelo U.S. Office of indians Affairs por John Collier e pelo Mexican Institute of indians Affairs; b - Estudo dos Ojiwa, grupo índio do Wisconsin por William A. Caudill, do Departamento de antropologia da universidade de Chicago; c - Investigação sobre a organização social, estrutura da personalidade e aculturação dos japoneses americanos, realizada por W. A. Caudill e S. M. Nishi, sob os auspícios da Universidade de Chicago; d- Análise

Várias e importantes foram as comunicações que aconteceram, quer no Congresso de Tóquio (1972), quer no Congresso de Paris (1976), atinentes aos temas de investigação transculturais, com aproveitamento de dados colhidos por técnicas projectivas específicas.

Daí, será legítimo concluir que na elaboração das técnicas para recolha de dados, o problema principal, senão o primordial, é o da preparação do material a utilizar: cenas, figuras, ritos, comunicação, etc.. E a problemática insere-se em torno do sentido que pode ter esse material fora do contexto de quem o criou, de quem o aplicou ou de quem primeiro o aproveitou.

Cedo, se não imediatamente, se reconheceu que as estampas se encontravam fortemente dependentes do contexto socio-cultural de quem as pensou, seriou, aplicou e estandardizou. Hoje, poder-se-ia perguntar se estes mesmos não estariam dependentes do próprio tempo em que os elementos foram seleccionados, rela-

---

duma comunidade do sudoeste africano, realizada por Boris Iflund, do Departamento de Psicologia da Universidade de Califórnia; e - Duas pesquisas de grupos da Micronésia do Pacífico sul, uma delas realizada por Francis Mahoney, da Universidade de Chicago e a outra levada a efeito por William A. Lessa, da Universidade de Califórnia em Los Angeles. Cada uma destas análises utilizou o T. A. T. na sua forma original ou numa forma modificada, servindo como paradigma as séries utilizadas para o estudo dos índios americanos.

Neste mesmo contexto, outras iniciativas surgiram a partir de modificações diferentes e diferenciadas, sempre numa tentativa de encontrar o que melhor se pudesse adequar ao fim em vista, o qual seria analisar as personalidades em culturas diferentes. a - Análise, em termos de personalidade de um grupo de índios Hopi (L. Thompson, 1944); b - Investigação das perturbações causadas em relação com a transformação cultural, entre os índios Dakota por Mac Gregor (1946); c - Tentativa de definição da personalidade dos Navaho, levada a efeito por D. Leighton & Kluckhohn (1948); d - Análise de criança Papago, em termos de personalidade, por A. Joseph, R. B. Spiecer & J. Chesky (1949); e - Análise da incidência da mudança de valores culturais em Navaho, desmobilizados por E. Z. Vogt (1952); f - Análise de alguns homens e mulheres da ilha de Truk para detecção das variáveis culturais por Th. Galdwin & S. B. Sarason (1953); g - Estudo do tipo de inteligência dos Zulu por S. G. Lee (1953); h - Investigação no sentido de determinar a configuração problemática e obter uma diferenciação dos grupos ou tribos (em número de três), por A. Ombredane (1969); i - uma tentativa de definir o "sentido de empresa" adentro de 15 tribos diferentes por N. Xydias (1955).

tivamente ao tipo de cenas, aos modos de vestir, às características da ornamentação, etc.. Mas deixemos esta questão para outro momento e debrucemo-nos, por agora, exclusivamente sobre a diferença socio-cultural. E pelo que diz respeito ao próprio material por mim recolhido, situemo-nos em África.

Ao deslocar-me a África, parti com as estampas do T. A. T. banto, trabalho no e para o Shaba por Maria Leblanc e K. Mweze. Sem a menor dúvida, qualquer tentativa deste tipo vai ter em conta o contexto socio-cultural em que se desenrola a experiência, em que exercem a sua actividade as várias personalidades a quem se procura dar atenção. Neste contexto, as indicações de W. E. Henry podem considerar-se quase paradigmáticas para qualquer iniciativa do género, ou seja, para a análise de personalidades que têm como referência culturas diferentes da greco-latina ou da anglo-saxónica (1965, 210-1). Tais indicações têm como base um avanço considerável na aplicação e apreciação das técnicas ditas projectivas. Em linguagem actual e tendo em conta aquisições recentes haveria muito mais a evidenciar. Com efeito, tantas são as tentativas de alargar o quadro conceptual de referência que a recolha de dados vai ficar enriquecida e a interpretação dos mesmos vai ser consideravelmente alargada no sentido dum aprofundamento e dum enriquecimento da compreensão-explicação da expressividade humana.

Todo o material, com estes objectivos terá que levar à evidenciação dos seguintes elementos: em primeiro lugar, vários tipos de situações de interpretações ou relações interpessoais fundamentais: desde a reciprocidade privilegiada até à constelação familiar e as suas diversas actividades, situações de autoridade, actuações de tipo cultural e económico. Dentro deste grupo é vantajoso possuir ainda uma ou duas estampas de cenas reais em arranjo ilógico (8 BM) assim como uma ou duas estampas de acontecimentos fantásticos ou bizarros (17 B e 19). Em segundo lugar, há que fornecer instrumentos capazes de captar elementos, a partir de cenas ou situações características, portanto, especiais e não apenas gerais, do grupo ou cultura em que o sujeito se insere, ou cenas em relação com o problema que se procura equacionar. Em geral, os serviços dos antropólogos podem ser presti-

mosos para esta escolha. Se é a personalidade, em termos de conteúdos convivenciais, que nos interessa atingir, sem dúvida, acrescentando este tipo de imagens, vai-se conseguir captar expressões e/ou atitudes em maior número e mais explícitas, relativamente ao contexto de acção e de interacção da personalidade.

Finalmente, por exigência geral das técnicas projectivas, as estampas utilizadas deverão ser dotadas dum conteúdo suficientemente "provocador" para que uma solução se possa desenhar e serem suficientemente maleáveis ou plásticas para permitir um número grande e diversificado de soluções para a situação em problema ou problematizada, para que sobre tais situações em evidência, incidam em maior número e em maior variedade elementos vivenciais. Para isso contribuirá o tipo de desenho e o estilo adoptado em função do grupo cultural em questão.

W. E. Henry (*ibid.*, 291) ilustra estas condições experimentais com alguns comentários e exemplos por ele confeccionados para as investigações em equipa, a que presidiu. E viria a propósito, para realçar a opção por mim praticada, apontar algumas conclusões do próprio W. Henry a propósito deste trabalho quase laboratorial sobre o T. A. T.. Com efeito, a partir da sua prática assim como da prática dos outros, na sequência ou paralelamente aos seus estudos, adentro dos mesmos grupos socioculturais e em grupos socioculturais diferentes, ficou claro e fica cada vez mais claro o seguinte:

1 — O T. A. T. é duma extrema utilidade para o estudo de personalidades doutras culturas e doutras sociedades, quer para a análise dos indivíduos, quer para a análise das características de base das personalidades desses grupos ou sociedades.

2 — É um processo aconselhável senão indispensável, qualquer re-construção do T. A. T. segundo os métodos acima descritos.

3 — A re-construção do T. A. T., para o tornar adequado aos conteúdos culturais da sociedade em estudo, apresenta a vantagem considerável de aumentar a implicação do sujeito na tarefa proposta (contar uma história) e fornecer assim dados de grande utilidade para a investigação ou para a intervenção psicológica.

Provavelmente, o mais importante não é que as personagens desenhadas sobre as estampas tenham o mesmo tipo físico ou o mesmo modo de vestir que os membros da sociedade em questão. Mas antes, que as cenas apresentadas sugiram situações inter-pessoais fundamentais. Por exemplo: adolescentes brancos, colocados perante uma série de estampas índias da américa, contam histórias com bastante facilidade, podendo revelar, ao serem interpretadas, elementos fundamentais da personalidade. E não contam histórias índias. Numa das estampas, em vez de verem dois jovens e um homem mais velho, viram apenas três índios. Em dois outros estudos sobre índios Ojibwa por Caudill e um outro sobre japoneses americanos por Caudill e S. Nishi foi utilizada a série original do T. A. T.. Como no meu caso para os estudantes de Angola no que respeita ao nível escolar, tratava-se de grupos que se encontravam suficientemente avançados para que as imagens primeiras lhes estivessem apropriadas. No meu caso, para que a comunicação pudesse ser em português, no meu estudo foram utilizadas as estampas: 1, 2, 6BM, 3BM, 7BM, 4, 18GF, 13G, 12F, 17BM, 16, 17GF, 19. Para o estudo dos Ojibwa foram usadas as estampas: 2, 13B, 12F, 3BM, 12BG, 7BM, 18BM, 4, 19, 17BM.

Na demonstração clara, uma vez mais, de quanto é exigente a definição dum instrumento de análise psicológica, principalmente quando se trata de sujeitos de um outro grupo cultural, haveria muito a aproveitar para a temática desenvolvida por todos os autores que se debruçaram particularmente sobre o T. A. T., Leblanc não tendo fugido à regra (1960, 161 ss.). Trata-se duma temática diversificada, mas fundamental, para qualquer trabalho de fundo em termos de análise psicológica. Mesmo num meio de cultura mais ou menos homogéneo como é o nosso. Com efeito, encontram-se variáveis, mais ou menos latentes na diferença, por exemplo, do meio urbano para o meio rural, do meio de montanha para o meio de planície, da actividade de lavoura para a actividade de pesca, das actividades de serviços para as actividades industriais.

Vindo, no entanto, à problemática que nos ocupa, seria a propósito formular alguns problemas de fundo: 1 — o sentido das

investigações em termos de projecção em culturas diferentes; 2 — o sentido em que se pode tomar projecção e/ou identificação; 3 — validade da diferença entre variáveis formais e variáveis de conteúdo na análise das estampas; 4 — as cenas devem ser preferencialmente dramáticas ou aproximar-se do dia-a-dia; 5 — a forma pictórica das imagens que importância tem. Começando pelos problemas mais simples, ou aparentemente, passaremos aos mais interessantes que são os finais.

A projecção na análise de culturas diferentes: Trata-se dum dos problemas principais no que diz respeito à investigação transcultural e mesmo intercultural. Com efeito, o que até hoje tem acontecido cifra-se em puras descrições de componentes em níveis diferenciados (Kluckhohn e Mower, 1944) ou em evidenciação de grupos de elementos culturais a partir dos níveis de assunção do mesmo (Linton, 1968) ou ainda em tentativa de definição duma estrutura básica da personalidade (Kardiner, 1939 e 1945) ou do grupo, duma personalidade modal (Dévéreux, 1972) ou limitar a esta distinção, com aspectos tradicionais, entre os elementos do grupo (communial components) que servem de referência à problemática do indivíduo (idiosyncratic components) (Leblanc, 1960). Mas a dificuldade subsiste e com maior acuidade tendo em conta esta última hipótese: como saber o que é projecção do inconsciente ou o que é actividade do inconsciente, enquanto "mecanismo" mais ou menos geral e o que é simplesmente imposição ou aceitação ou rejeição do meio? Agrava-se ainda a dificuldade se tivermos em conta que não dispomos, ao menos hoje, de técnicas para determinar a relação que se pode estabelecer entre as variáveis em presença. Assim o demonstraram claramente J. Whiting e I. Child (1553).

Toda esta problemática em torno da definição das variáveis se encontra bem equacionada numa reflexão de G. D. Spindler (1955): suponhamos que podemos estabelecer uma relação entre a variável cultural A e a variável pessoal X. Segundo o tratamento laboratorial habitual, diminui-se a acção da variável A ou suprime-se mesmo e observa-se o que acontece à variável X. Se desaparece, por exemplo, será notória a relação causal. No entanto, a nível duma análise de grupos culturais, a complexidade das

variáveis é tal que só por análise diferenciada e por evidenciação do maior número de variáveis intervenientes possível, é que se pode dizer algo acerca da variável X. Parece que no futuro, com os meios de análise matemática de que hoje dispomos, torna-se viável chegar à determinação de diferenças significativas entre grupos e adentro dos grupos o que permitirá captar as variações concomitantes ou as relações-interacção das variáveis culturais e das psicológicas. Para além disso, haveria que ter em conta a diferença clara entre disposições transitórias ou impressões e as disposições permanentes ou opções fundamentadas. Experiências diversas mostram que as duas se podem encontrar presentes, ou seja, as impressões podem agir sobre as disposições senão mesmo as disposições estarem na origem de impressões, numa imbricação constante (McClelland, 1889). Finalmente, permanece em grande indefinição de quem é ou a quem pertence a projecção: se é ao inconsciente, se é ao ego, se é mesmo ao super-ego. No fundo, a dificuldade maior é a própria definição do conceito de projecção que está longe de ser clara e adequadamente empregue. Esta problemática, relativamente a diferentes grupos culturais, manifesta a quase equivocidade do vocábulo, por virtude da imprecisão dos próprios conceitos que se encontram na origem e, principalmente, no emprego de projecção, como adiante mostrarei em suficiente pormenor.

Seria apenas de referir algo acerca da disjuntiva tantas vezes avançada e que constitui matéria para uma investigação de fundo, na Universidade de Roma: *Identificazione e proiezione — Natura e caracteristiche* (Belardinelli, 1971). A projecção poderia ser uma identificação negativa se fosse inconsciente ou positiva se fosse consciente como se se tratasse duma outra forma de imitação, se olharmos ao fim do século, de socialização se pensarmos no que por aí corre hoje[24], quer no que se pretende ser

[24] M. O. Belardinelli, *Identificazione e proiezione, natura e caratteristiche,* Capelli, Bologna, 1971. "Con la rapida intuizione dello spirito popolare, l'ignoto autore di questo racconto ha colto ed enunciato con simplicità uno dei meccanismo che agisce sia nella relazione conoscitiva sia nel rapporto interpersonale: la proiezione. Che l'uomo abbia una tendenza spiccatissima al antropomorfizzare la realtà è cosa nota da tempo" (p.11).

o mais actual, quer no que é pura e simples repetição do passado, como seja a moralização ou exemplarização. Recorrendo a Belardinelli: "a análise aprofundada do mecanismo de identificação permitiu re-interpretar à luz dos resultados avançados, o desenvolvimento humano, quer no que diz respeito à assunção do papel sexual, quer no que diz respeito à formação da consciência moral e ao processo de socialização", (p. 168). Para amostra da confusão que por aí corre a este respeito numa continuação da ausência completa de especificidade no tratamento do "fenómeno humano", basta realçar o modo como é reduzido sempre aos processos anteriores como sejam mecanismos, organizações e quejandos tais. Mas o que se me afigura mais curioso é o quanto todos estes mecanismos de socialização, identificação e projecção passam ao lado do que se pode observar no dia-a-dia e, particularmente, ao longo da história da humanidade, a qual se o é, se deve à negação de qualquer desses mecanismos de repetição ou reprodução, como veremos mais à frente.

Relativamente ao valor operacional da distinção entre *variáveis formais e variáveis de conteúdo*, a discussão prolonga-se e a clarificação parece progredir, embora lentamente. Com efeito, encontra-se na dependência de outras variáveis de reflexão e de experimentação, como sejam o cognitivo e o afectivo, como sejam o real e o imaginário, etc.. Por isso é possível concordar com W. Henry quando teme "a artificialidade da divisão das histórias em forma e conteúdo" (1947). Com efeito, tal receio não me leva a negar-lhe valor operacional mas, pelo contrário, a realçar a importância das incógnitas, a nível da observação experimental, subjacentes a esse receio. Por outro lado, ficando no mais superficial, tal receio de W. Henry repousa no facto de reduzir as variáveis formais à produção verbal dos protocolos: será válido ou terá interesse analisar os protocolos curtos? (24). Quanto à distinção propriamente dita, indubitavelmente, o que mais interessa são os conteúdos vivenciais, o mesmo é dizer, os elementos componentes do mundo imaginário, criados e re-criados pela fantasia adentro do estilo próprio da personalidade concreta.

Qualidade das cenas representadas nas estampas mais problemáticas. No início, Murray procurou que as cenas fossem o

mais dramáticas possível para favorecer a produção de elementos adentro das histórias (1938). No mesmo sentido trabalhou Ombredane (1969), ao passo que W. Henry procura ou opta por permanecer muito próximo do dia-a-dia. Torna-se difícil praticar uma opção, no meio de opiniões tão destacadas e de créditos seguros. E tudo vai depender, grandemente, do que se supõe serem as técnicas projectivas, isto é, o dito mecanismo de projecção e/ou defesa. No entanto, por um lado, pode acontecer que as cenas dramáticas desencadeiem abundante produção ou manifestações abundantes de conflitos e de problemas e também pode acontecer que se produza o efeito contrário, ou seja, que se verifique uma inibição, mais ou menos por "mecanismo de defesa" que não actuaria ou não actuaria tanto em cenas do dia-a-dia. Por outro lado, estas permitiriam uma manifestação maior e mais variada de elementos, mais diversificadamente pessoal do que as cenas dramáticas que correm o risco de só provocarem manifestações emocionais e dentro destas apenas manifestações negativas senão mesmo páticas (Wallen, 1956).

Maria Leblanc interroga-se sobre este assunto do seguinte modo: "a partir das verificações que fizemos, parece bastante difícil para não dizer contraditório, criar estímulos neutros que conservem um poder indutor sobre a imaginação". E sugere uma hipótese curiosa: "Não seria possível encontrar uma solução criando igual número de estampas indutoras e negativas no sentido de contemplar os dois extremos da escala" (1960). É ambivalente: com efeito, não podemos construir as estampas dividindo o bolo a nosso modo ou segundo os nossos critérios. Apenas podemos criar estampas capazes de tocar os sujeitos a partir das suas referências e das suas pertenças. Da sua elaboração perante os elementos em presença é que irá resultar a evidenciação da personalidade que constrói com esse material um mundo e nessa construção revela ou expressa o seu estilo de personalidade ou mundo imaginal. Em consequência, as estampas devem estar tão próximas do dia-a-dia que toquem os sujeitos e tão afastadas pela ambiguidade senão pela indiferenciação que todos os sujeitos sejam tocados e nenhum deles o seja por limitação. O indispensável é possuir suficiente informação objectiva acerca das refe-

rências que se encontram claras, a partir duma análise mais ou menos antropológica.

Finalmente, *a forma pictórica das imagens*. Segundo o princípio geral das estampas para observações experimentais com técnicas projectivas há que conciliar a possibilidade de estruturação com a margem de ambiguidade. Assim as estampas com zonas de claro-escuro possuem menos estruturação que as fotografias ou os desenhos com traços contínuos. Diversas hipóteses podem ser consideradas. E em primeiro lugar, relativamente à estrutura. Aqui teríamos ainda a considerar a intervenção dos dois factores habituais: a forma e o fundo. Por outras palavras, a relação entre os elementos e as variações da luz.

Relativamente às variações da luz, várias situações foram já examinadas: a imagem temática pode ser fotografada e em sobre-exposição (Weisskopf, 1950) ou variar o brilho desde a extrema negrura até à iluminação anormal (Bazdley, Lifaker, 1957); o contorno das linhas que permitem identificar a expressão, a expressão e a idade ou a expressão, a idade e o sexo podem ficar irreconhecíveis; outro tipo de variante é o traço contínuo versus o traço descontínuo (Laskowits, 1959; Weisskopf, 1950 e Lynn, 1953) ou, então, a apresentação das estampas de diferentes formas: uma articulação perfeita, num granulado fotográfico, com articulação das figuras encobrindo os efeitos emocionais ou representação clara dos efeitos emocionais com a idade e o sexo indeterminados, etc. (Murstein, Schullabe, 1959)[25]. Provavelmente o mais simples e eficaz é apresentar fotografias, variando os graus de focagem[26].

---

[25] Ao passo que H. A. Murray propõe um mínimo de 100 palavras para os protocolos , W. E. Henry, apesar de não atingir esse mínimo reputa os protocolos suficientes. Relativamente a Ombredane torna-se difícil calcular a produtividade espontânea pois os protocolos foram completados com perguntas. Mas o próprio Ombredane parece confessar que foi fraca a produtividade. Com efeito, tenta "justificar-se do seguinte modo: Se os sujeitos europeus são capazes de dar histórias espontaneamente pelo simples facto de que lho pedimos no início do teste, acontece dum modo totalmente diferente com pretos não cultivados para quem a solicitação não sugestiva do quem? o quê? como? porquê? se torna indispensável" (*Ibid.*, p. 44)

[26] Opinião principalmente realçada por Laskowits (o.c.) mas que nada resolve. Com efeito, a forma pictórica das imagens não é uma variável autónoma, dotada dum valor próprio ou independente. Trata-se, efectivamente

Em suma, diria Murstein: "Parece claro, a ausência de luz faz com que as propriedades do estímulo se tornem progressivamente vagas, tendo como consequência uma percepção progressivamente 'interiorizada' da parte do sujeito". Indo mais além e realçando algo que deve ser tido em conta, afirma: "numa relativa ausência de estimulação sensorial, um sujeito acha isso mais fácil para permitir introspecção e o relatar elementos pessoais com uma muito menor inibição do que em circunstâncias normais" (Murstein, 1963). Para finalizar, na ambiguidade de opinião, seria de realçar que para além da opinião vulgarizada, segundo a qual o meio termo encontra-se entre o claro-escuro e o traço a lápis, L. L. Thurstone remata do seguinte modo: "the best form of projective test is one which is quite unstructured for the subject but fairly well structured for the examiner" (1954).

No que diz respeito *à ambiguidade*, toda uma polémica que está longe de ficar minimamente esclarecida, continua a dividir as opiniões que se correspondem em réplicas e por vezes em tréplicas intermináveis. Esperemos que um dia se possa dizer que foram saudáveis.

A investigação sobre a ambiguidade foi correctamente formulada, em resumo, nestes termos por Kenny & Bijou (1953): é crença comum em psicologia clínica e em psicologia social, quanto mais ambíguo for o estímulo, maior é a distorção aperceptiva. Consequentemente, maior será o conjunto de elementos revelados por uma personalidade. Variadas são as experimentações a tentar mostrar como os factores internos (inner factors) desempenham um papel na percepção e na apercepção mais do que a ambiguidade configuracional (estrutural), a qual se encontra relacionada com a extensão dos factores de personalidade, "injectados" na situação-estímulo.

No que se refere ao T. A. T., as 21 estampas foram classifica-

---

duma variável a considerar, mas fundamentalmente ao serviço da variável socio-cultural, que continua a ser a grande variável de fundo, a ter em conta sempre, particularmente em conjuntos socio-culturais diferentes, ainda que de grande importância em conjuntos socio-culturais, tidos por iguais pois apenas o são a nível da aprendizagem escolar e a nível consciente, como adiante justificarei.

das por 51 ajuizadores, em função da sua ambiguidade. A incidência da ambiguidade e a sua denúncia ou verificação encontra-se na dependência da avaliação de cada um dos ajuizadores acerca de cada uma das estampas. A catalogação das estampas em função da ambiguidade parece correcta, atendendo a que o escore de fidelidade se exprime em p. 80. Por este processo ficaram estabelecidas três séries de 5 estampas cada: as menos ambíguas: 12BG, 1, 2, 9BM, 17BM; medianamente ambíguas: 4, 7BM, 8BM, 12M, 13MF; as mais ambíguas: 5, 15, 18BM, 11 e 19. Ficam, deste modo, seis estampas de fora.

A partir destes dados, Murstein sugere uma série de perguntas, possível se não provavelmente, capazes de levar a clarificações maiores da problemática presente. O ponto de partida da controvérsia em torno da ambiguidade, foi um texto de 1963 da autoria do próprio Murstein, em que levava às últimas consequências a exigência de rigor e seriedade na especificação da prática psicológica. Talvez porque em 1960 já, apresentou uma tentativa sobre a "medição" da ambiguidade das estampas temáticas. Em síntese, Murstein (1960) procura equacionar a problemática atinente à ambiguidade das técnicas projectivas, do seguinte modo, depois de reflectir sobre aspectos subjacentes (1958a e b):

1. encontra-se-á a ambiguidade na determinação do que se encontra na estampa em comparação com a variabilidade das histórias? Ou seja: será possível não confundir o que se encontra na estampa com o que se diz acerca da mesma?

2. encontrar-se-á a ambiguidade no quantitativo dos seres humanos da estampa, de tal modo que quanto maior for o número de pessoas evidenciadas, maior será a variabilidade dos temas daí resultantes?

3. o que será mais útil: uma situação com uma grande complexidade de elementos a induzir respostas variadas de diferentes características ou uma situação ordenada para evidenciar uma só característica?

4. que relação se pode estabelecer entre a ambiguidade derivada da situação experimental e a ambiguidade resultante do tipo de resposta, i. é., encontrar-se-á a ambiguidade em relação com a revelação da personalidade presente nas respostas?

5. poder-se-á diferenciar a inclinação da intensidade da ambiguidade da inclinação da frequência das respostas, e por outro lado, a ambiguidade de um conjunto de estampas permanecerá a mesma duma população A para uma população B?

A partir deste texto gerou-se uma pequena controvérsia penso que frutuosa, entre Murstein e Kaplan. Murstein afirma-se por "uma análise normativa da ambiguidade do T. A. T." (1964) e confirma em 1965 com "novas reflexões em torno da ambiguidade no T.A.T.". Kaplan, por seu lado, apresenta "a ambiguidade da ambiguidade do T. A. T." (1969) e Murstein acrescenta em 1969 ainda: "Comentário à ambiguidade da ambiguidade do T. A. T." a que Kaplan responde no mesmo espaço: "Réplica ao comentário de Murstein sobre a ambiguidade da ambiguidade do T. A. T.".

Como vou referenciar na III Parte mais directamente, o problema de base é a confusão tradicional entre sensação e percepção, no desconhecimento frequente senão desprezo claro da actividade humana de imaginação criativa ou, melhor, da actividade de fantasia. Vou socorrer-me ainda de Murstein (1963), porque paradigmático nestas questões, para mostrar o quanto a ambiguidade joga. Os quadros, apresentados por Murstein (1963, 176-7), a partir de observações experimentais, realçam claramente que a ambiguidade (incerteza) ao descrever o que se encontra na estampa, em termos de idade, sexo e relação entre os dois, mantém algumas afinidades com o que (what) é dito.

E Murstein de concluir: "a ambiguidade em descrever o que se percepciona da estampa encontra-se negativamente relacionado com a variabilidade de qual o tipo de tema vai ser dito e é independente do porque aconteceu o que aconteceu, assim como é independente da variabilidade do que termina.

Kaplan (1969) tenta mostrar outras facetas do material. Em "ambiguidade da ambiguidade do T. A. T." começa por afirmar: "um dito que vem de longe no que toca às técnicas projectivas procura demonstrar que quanto maior for a ambiguidade mais significativo é o material oferecido pela personalidade por intermédio do instrumento" de análise. É claro que já L. Frank realçava esta relação como positiva adentro de especificidade das

técnicas projectivas. No entanto, recentemente, pondera ainda Kaplan, citando-se e citando Murstein e Epstein, novos dados procuram mostrar que, por um lado, a relação não é assim tão directa como se pretende e, por outro lado, que a falta de ambiguidade pode ser um pressuposto que facilita o contributo a dar pela personalidade.

Kaplan, propõe-se, então, reflectir sobre o modo de definir correctamente e de medir adequadamente a ambiguidade relativa do T. A. T.. Criou a situação experimental seguinte: perante 100 sujeitos (50 m. e 50 f.) projectou dispositivos de estampas durante 5 minutos. Os sujeitos sabiam que depois iriam responder às seguintes perguntas: O que está a acontecer na estampa? Porque está a acontecer isso? Em seguida eram convidados a redigir uma outra história para a mesma estampa. Os resultados dos valores de ambiguidade são muito mais dispersos do que em Murstein, conclui Kaplan. Tal facto mostra que as classes de ambiguidade absoluta não são significativas por si mesmas. Em vez disso, seria mais adequado concentrar numa posição relativa duma situação para outra, numa espécie de contínuo.

E Kaplan de concluir: resta ainda para investigar a fiabilidade em termos de tempo e através de sub-exemplos de continuada e singela associação, para tentar ver mais claramente se aparecem valores de ambiguidade. Talvez se possa esperar que um dia se construa uma graduação estável de situações. Entretanto é prematuro afirmar quer em termos de investigação quer em prática clínica que uma estampa é mais ou menos ambígua do que outra (1969b).

Talvez se pudesse acrescentar algo a este respeito: se, por um lado, a base da afirmação da ambiguidade se encontra apenas no contar da história que o sujeito pratica perante a estampa que lhe é apresentada e, por outro, encontra-se também no que o sujeito aponta através das várias histórias que consegue contar para a mesma estampa, certeza final que pode ser princípio de investigação num ir mais além pode, poderia consistir no seguinte: apesar do que se pratica em clínica, paradoxalmente, o que falta é autêntica prática inovadora nesta área e em torno deste problema. Talvez as investigações transculturais nos liber-

tem do sistema, pobremente freudiano, para nos lançar em voos mais largos porque despidos dum pobre etnocentrismo, não apenas cultural mas, principalmente, de teorias parciais e/ou de escolas-capelas adentro da prática psicológica.

Por outras palavras: a ambiguidade do material projectivo tornou-se ela própria muito ambígua. Deixou de ser um pressuposto intocável, indefinido, e aceite acriticamente. A falta de estruturação do material projectivo foi, durante muito tempo igualada a ambiguidade desse material e tida como um dado factual, não levando a praticar sobre ele (facto) qualquer tipo de análise aturada. Quando investigadores exigentes se abalançaram a analisar directamente a ambiguidade, experimentando intensamente sobre a situação em que o sujeito é colocado sobre o modo como "agarra" os diversos tipos de material-situação, então a ambiguidade revelou-se como bastante ambígua. Já antes tinham aparecido os trabalhos de Eriksen (1951) a denunciar ambiguidade a partir do que se dizia em termos de memória e de percepção, assim como das implicações nas interpretações dos protocolos do T. A. T., em situações ditas de necessidade e de percepção. Seria de lembrar ainda os clássicos McClelland e Liberman e suas observações sobre os efeitos da aspiração e perfazer-se através do reconhecimento de palavras, ligadas a essa aspiração.

No entanto, não parece vantajoso, para o avanço da ciência psicológica no que toca particularmente às técnicas projectivas, parar por aqui. Torna-se inadiável aprofundar mais e melhor a perspectiva de aspiração, de percepção e similares, a propósito e a pretexto da aspiração a realizar-se, melhor, a perfazer-se. Com efeito, a ambiguidade das manchas de tinta, das frases a completar, das cenas da vida corrente, dos simples grafitos, etc., depende, ao fim de contas, do quantitativo razoável de respostas para cada estampa-situação por um determinado e razoável grupo de pessoas. E agora é de perguntar: Quando é que se pode falar de variação na interpretação? Quando é que se pode falar de variabilidade no dinamismo da personalidade? Quando é que se pode falar de variabilidade no estilo de resposta? Para já não falar da variabilidade em função do grupo de referência e do grupo de pertença.

Uma pequena aplicação: quando no T. A. T. se encontra uma alta percentagem de interpretações agressivas, tal facto acontecerá por virtude da forma ambígua das estampas ou dos interesses e intenções do sujeito ou, ainda, das defesas do sujeito contra as suas impulsões agressivas? Quando no Rorschach a estampa 6 provoca x manifestações emocionais será por virtude da ambiguidade da estampa ou da frequência das respostas ou, principalmente, por virtude do postulado que afirma ser o símbolo sexual bem claro nessa estampa, quer dizer, ela só é ambígua ainda por virtude de outros elementos que provocam tal manifestação emotiva ou faz ler na interpretação essa manifestação como emotiva? Haverá que deslindar se as interpretações — do sujeito ou do técnico — resultam das defesas repressivas ou por falta de interesse e de participação ou ainda por aproveitamento da situação para falar claramente do que o preocupa. Haverá que saber se certas "necessidades" e/ou aspirações são tão fortes que levam a intensa actividade de fantasia e/ou de verbalização ou, se pelo contrário são tão inaceitáveis que levam a uma distorção completa ou mesmo à anulação.

Esta problemática não pode levar a desconsiderar a prática psicológica, quando muito, certos praticantes como acontece noutros casos, e muito menos a desconsiderar as técnicas psicológicas, quando muito, certos de seus utilizadores. O que talvez se possa ver como vantajoso, no futuro, como investigação vantajosa no futuro a especificação aprofundada e diversificada da força e da forma da aspiração, enquanto expressão humana e das actividades pessoais nela implicadas. Por outro lado, de que sentido se reveste, que conteúdos vivenciais e socio-culturais implica, fundamentalmente: que quer dizer ou o que querem os técnicos dizer com o vocábulo: defesa? De quê? De quem? Por quê? Para quê? Para quem?

Finalmente: Não se encontrará toda esta problemática eivada se não mesmo viciada da focalização exclusiva e exclusivista do "estímulo"? Não resultará ela da focalização exclusiva e exclusivista do "overt behavior" numa rejeição escolástica radical ou simplesmente por atavismo cultural do "covert behavior"? Para não falar das reduções do "covert behavior" ao incontrolável

id ou aos postulados impulsos ou "pulsões" para não falar dos estafados "instintos".

Parece-me — para isso tento apontar — que a investigação inter e transcultural, realçando o vivencial dos conteúdos culturais grupais, pode mostrar que a variedade se empobrece, que a especificidade observacional do humano se dessora adentro destes esquemas etnocêntricos, quer em termos de cultura greco-latina ou anglo-saxónica quer em termos de teorias transformadas em escolásticas repetitivas.

Tema em aberto, este da ambiguidade. Embora não só. Alguma vez será definitivamente esclarecido por um melhor equacionamento do problema que ainda constitui o material da técnicas projectivas senão as próprias técnicas projectivas?

Apontando para um esclarecimento diferente e adentro duma concepção especificamente psicológica do humano, tudo aponta para um esclarecer do tema, aprofundando o sentido das técnicas projectivas, fundamentando e diversificando as reflexões e as experiências, particularmente em perspectiva de Psicologia social, sobre a distinção e/ou diferença (nunca separação) entre sensação e percepção no domínio da actividade sensitiva e desta actividade em relação ao nível intelectivo dessa actividade da personalidade. Evidentemente, muito contribuirá para tal aprofundamento a distinção "desconhecida" pelos cientistas do Humano (distinção, uma vez mais; nunca separação), qual seja, a distinção entre aspecto cognitivo e aspecto afectivo, capacidade de "percepcionar" o real e capacidade de "significar" o mesmo real.

Algo será dito na III Parte. Por agora vamos ir mais directos à experiência de campo conduzida por mim em África, agarrando o T. A. T. e as suas diversas diversificações.

IV — SIGNIFICADO DA INICIATIVA DE HENRY

A aplicação do T. A. T.,pouco tempo depois do seu aparecimento, a grupos socioculturais diferentes daquele para o qual foi construído e inicialmente experimentado por Murray e sua equipa, permitiu uma série de variações ou diversificações. Dessas, dois grupos merecem particular ênfase e atenção: o primeiro, por virtude da inovação que representa e da segurança metodológica que o caracteriza e, num dos casos, essa segurança metodológica tem particular relevância por se verificar numa aplicação a um grupo considerável no continente africano; o segundo, por constituírem as primeiras grandes tentativas de diversificação das técnicas e aplicação de elementos teóricos e práticos de Murray a populações próximas, geográfica e culturalmente das populações angolanas. Outras houve ainda, mas de menor interesse para o nosso caso[27].

---

[27] Em pequena amostra, algo do que se fez e sobre que populações se praticou o que se praticou:

— L. Thompson & A. Joseph, *The Hopi,* Univ. of Chicago Press, 1944. Análise de 190 hopi dos 6 aos 19 anos.

— G. Mac Gregor, *Warriors without Weapons,* Univ. of Chicago Press, 1946, Análise de 106 índios Dakota, em 3 escolas dos 6 aos 18 anos.

— D. Leighton & Kluckhohn, *The Children of the People,* Harvard Univ. Press, 1948, com a observação de 211 Nahavo de 6 a 18 anos, em três localidades diferentes.

— W. Caudill, Psychological Characteristics of acculturated Wisconson Ojibwa, *Amer. Anthropol.,* 1949, 2: 409-27. Uma amostra escolar diversificada em idade e sexo: 88 sujeitos de 6 a 16 anos.

— A. Joseph, R. B. Spiecer & J. Chesky, *The desert people: a Study of the Papago Indians,* Univ. of Chicago Press, 1951. Observação de 200 papagos de 6 a 18 anos.

— E. Z. Vogt, Navaho Veterans: a Study of Changing values, apud *Papers of the Peabody Museum of amer. Arch. and Ethnol.,* Harvard Univ., 1952, 41, 1. Observação de 20 sujeitos navaho desmobilizados.

— B. Iflund, por um lado e Sherwood pelo outro como ainda outras

S. G. Lee (1953) foi o primeiro a pensar construir uma prova para bantos, concretamente os zulus, estendendo posteriormente a outros grupos. E empenhou-se em analisar igualmente a forma e o conteúdo das "histórias" recolhidas junto dos sujeitos a quem examinava. Esses elementos eram conseguidos graças a 21 estampas, sendo cinco comuns aos dois sexos e oito próprias para cada sexo.Não surpreende que tenha conseguido um certo sucesso no início. Hoje, perante certas exigências de maior validade e de mais estrita fidelidade, parece não corresponder aos objectivos deste tipo de provas.

Por seu lado, S. Biesheuvel (1958, 161) com largas experiências de observações desde as provas psicométricas até às projectivas, tentou igualmente analisar as atitudes perante o trabalho. Para isso construiu um conjunto de seis estampas. Da aplicação realizada concluiu: a adequação dos métodos usados pelos investigadores em estudos psicológicos da população banto em África, depende de três critérios: 1 — perfeita aplicabilidade aos objectivos que se pretende prosseguir; 2 — segurança das opções implícitas na formulação dos problemas em investigação; 3 — eficiência das técnicas pela intenção com que experimenta para obter os dados. Mais directamente em relação ao T. A. T. produz observações com uma certa pertinência "o T. A. T. tem sido frequentemente usado em estudos africanos para medir atitudes mais do que para analisar as molas principais da personalidade" (1958, p. 176). Isto torna difícil qualquer investigação atendendo a que não há adequação entre as técnicas e os objectivos assim como entre estes e os resultados. É claro que Biesheuvel, como todos os outros, reconhece a grande importância dessa investigação, dizendo mais ou menos o seguinte: um melhor conhecimento mútuo pode levar a uma melhor compreensão, tendo em conta a ainda forte incidência do grupo socio-cultural sobre a personalidade nessas sociedades (1959). Por isso é que aponta noutra reflexão sua, para este outro aspecto da observação do que se passa: a medida das atitudes dos africanos é particularmente

---

observações aparecem citadas por W. Henry em H. H. & G. L. Anderson, *An Introduction to projective Techniques*, N. Y., 1951.

importante. Com efeito, conhecemos pouco ainda da extensão com que as comunidades africanas nas várias regiões do continente se ajustaram a/ou se identificaram com a cultura ocidental, seus costumes, valores e instituições. Impossível esperar aferir a motivação dos africanos para com a educação, os aspectos económicos e sociais do trabalho e as suas relações com os seus companheiros sem um tal conhecimento".

Por outro lado, com bastante lucidez numa tentativa de ser fiel ao que se passa e procurar corresponder às exigências relativas a uma análise adequada às variáveis em presença, tendo em conta, particularmente, as ciências psicológicas, acrescenta: "a psicologia não pode contentar-se apenas com a medida do comportamento verbalizado... O predizer o comportamento em situações sociais concretas deve ser um objectivo fundamental" (1958, 176).

Uma outra diversificação, esta quase sem interesse, foi a de N. Xydias (1955). Decidiu-se a estabelecer uma espécie de prova de situação supondo que seria a melhor para os objectivos que se propunha. Reteve para exploração uma só temática: a possibilidade de rendimento ou empreendimento na situação concreta do trabalho. Por isso, escolhe uma só personagem, multiplicada por intermédio de montagens fotográficas em cenas quase directas. Os seus resultados foram apurados a partir de quarenta trabalhadores de 8 a 40 anos, pertencentes a catorze tribos diferentes. Sem grande interesse, no seu conjunto, para além de introduzir a uma entrevista dirigida.

Maior atenção merece a iniciativa de Ombredane (1954, 1969). E isto por dois motivos: por se tratar duma diversificação especial do T. A. T. de Murray e por estar directamente relacionada com o mundo banto, muito próximo de Angola. O conjunto das estampas — ao todo 16 — divide-se em quatro grupos: uma, um pouco insólita, representa a mão a querer agarrar qualquer coisa; duas representam três ou quatro pessoas trabalhando; seis apresentam uma só figura em diversas circunstâncias; sete, finalmente, apresentam duas personagens. Enquanto apresentação — tem a sua importância — onze estampas são desenhos em claro-escuro, mais ou menos semelhantes às de Murray; quatro

são montagens fotográficas, sendo três referentes a situações de trabalho e uma, simples fotografia tirada de prospectos de propaganda relativa ao Zaire; finalmente a onze apresenta perfis desenhados com um simples traço contínuo a lápis. Todas elas foram preparadas por um pintor belga sob a orientação de Ombredane. Por isso e outros motivos ainda mais fortes, como o mostrou M. Leblanc, bastante longe da vida quotidiana dos zairenses.

Maria Leblanc (1960) levou a efeito uma aplicação do "Congo — T. A. T." em perspectiva de sondagem e encontrou respostas curiosas se não mesmo, na sua opinião, estranhas, a mostrar e demonstrar a pouca adequação do material: "homens que têm um ar diferente dos de cá... Este homem é terrível... mete medo. É horrível estes pequenos homens. Este homem não é bonito. É como um cavalo". Estas e outras respostas foram obtidas entre sujeitos, homens e mulheres e adolescentes, dos centros urbanos e das sanzalas. Mais estranhas ainda são estas outras exclamações: "vejo mortos já corrompidos... não restam senão esqueletos..." por causa dos desenhos dos perfis. "Trata-se dum homem ou de madeira talhada?" Esta era uma resposta muito frequente. Mas isto mesmo pode dar azo a uma outra interpretação que leva a entender Ombredane em toda uma possibilidade de riqueza cultural subjacente, radicalmente diferente dos elementos manifestados no dia-a-dia. Por outras palavras: em perspectiva da teoria freudiana, mais ou menos ortodoxa, quer no que diz respeito à dupla dos conteúdos, quer no que respeita à "leitura" em termos de necessidades bio-físicas, alimentares e sexuais torna-se possível uma outra interpretação desses resultados. Isso encontra-se bem patente na análise dum caso, praticado pelo próprio Ombredane (1969, 145). Antes de tudo, esta foi a sua opção que devemos ter em conta: "o T. A. T. de Murray, empregue em meio ocidental não convinha aos zairenses e a modificação feita por Thompson para uso dos pretos americanos ainda menos. Por isso é que elaborámos um novo material, cujo rendimento supera a nossa expectativa e ainda o vamos aperfeiçoar a partir dos primeiros resultados obtidos.

O mesmo é dizer que de modo nenhum se pretende negar valor e mérito a esta iniciativa, bastante elaborada, de Ombredane.

Somente, há que ter em conta a exigência que comporta a construção duma técnica no género do T. A. T. para sujeitos ou grupos de culturas quase radicalmente diferentes, pelo menos a nível dos produtos culturais, das organizações societais e das expressões pessoais dessas pessoas, enquadradas nos grupos e nas organizações.

Perante qualquer humano, quem se dedica à observação e à análise psicológica enfrenta um problema radical, enquanto básico ou ponto de partida duma atitude que é chamada a ser enquadrada, enquanto fundamental ou aquele sem cujo equacionamento claro se torna impossível caminhar. Esse problema radical é, por assim dizer, paradigmaticamente radical no caso da observação e análise psicológicas dos povos bantos, vulgarmente ditos pretos. Por outro lado, e no caso vertente deste trabalho, tal problema a equacionar, comporta uma dupla perspectiva que exige uma formulação bifacetada: 1) a perspectiva da sociogénese de alguém ou o seu desenvolvimento no, pelo e para o grupo com o qual se encontra em presença e/ou em referência e/ou interacção; 2) a perspectiva da capacidade de actualização das suas potencialidades, como se diz, a sua plasticidade, que manifesta perante configurações socio-culturais diferentes as quais se lhe podem deparar posteriormente. Falando de configurações socio-culturais diferentes pode-se entender apenas um grupo ocasional ou uma cultura. Em todo o caso também podem constituir temas com interesse, o da mudança de atitude, a realização duma tarefa que lhe pode ser estranha, a resolução duma situação que implique elementos geométricos ou mecânicos ou a possibilidade de responsabilização por uma iniciativa tomada ou recebida.

No que diz respeito aos povos bantos tal problema é crucial porque aí se joga imediatamente toda uma caracterização tradicional acerca dos mesmos. Séries de lugares-comuns traduzidos por qualificativos, emergem rapidamente: "eles são impulsivos", "exibicionistas", "preguiçosos", "irresponsáveis", "puras crianças", e em todo o caso, simplesmente, "primitivos". Tais qualificativos conservaram-se mais ou menos longamente e quase foram confirmados pelas primeiras pesquisas de etnólogos, antropólogos e mesmo sociólogos. Viria a propósito uma observação perti-

nente do missionário, P. J. Van Wing[28] a propósito do homem zairense: "pode-se afirmar que o banto médio forma do mundo europeu uma compreensão comparável à da criança europeia". Todos concordarão e parece confirmar alguns qualificativos acima lembrados. "Mas, inversamente, continua van Wing, pode-se afirmar que o branco médio se forma do mundo africano uma compreensão que se assemelha à da criança africana". Por outras palavras, esta mesma última afirmação era formulada por dois chefes autóctones do Zaire num caso, ao ouvir as violentas imprecações dum missionário contra certos costumes e no outro, por ocasião da imposição de quatro culturas novas no seu sobado em mais de setes anos: "ainda são muito novos" dizia cada um dos chefes ao referirem-se ao missionário e ao agrónomo[29].

Daqui se pode partir para a vantagem duma outra análise ou dum outro ponto de vista que é o do psicólogo: para agir com personalidades e grupos socio-culturais diferentes, cada vez se torna mais imperioso proceder à colheita antecipada dos modelos como sejam as ideias, valores e esquemas de acção, expressos em ritos, em atitudes, e mesmo em mitos de grande variedade e variabilidade para um conhecimento directo e de transformação possível do sistema de valores, dos esquemas de acção e das ideias ou imagens que as personalidades de tal grupo se formam de si, dos outros e do mundo físico e humano que os rodeia.

Há já quase um século assim se exprimia um português, lúcido, em contacto com as populações kiokas, que o maravilhavam:"é necessário que numa exploração das terras da África central, como em todas as explorações análogas, seja qual for o objectivo que se tenha em vista, só se preste culto à verdade". E Henrique de Carvalho aponta imediatamente uma aplicação que

---

28 É de todo desnecessário referir qualquer autor, tantos eles são desde Frobenius até Lévy-Brühl, desde Mühlman e Gumplowicz...

29 R. P. J. Van Wing, L'homme congolais, *Bull. des Séances de l'I.R.C.B.*, 1953, 24: 1102-21. Como este, centenas d'outras testemunhas para vários milhares de atitudes. Uma outra referência: O. Gouveia Pereira. Pintura psicopatológica africana, *Rev. port. med. Militar.* 1967, Separata nº1-15 pp. com ilustrações.

só numa perspectiva psicológica e especificamente psicossocial adquire a sua plena significação: "Devemos para isso despir-nos de todos os preconceitos..."[30].

Hoje, para nós, parece banal, quase demasiado simples. Ainda que poucos o pratiquem ou praticassem num passado recente de lutas ideológicas. Basta ver o que os citadinos pensam ou como se exprimem acerca dos costumes e de mentalidades das nossas aldeias. Um termo qualificativo, frequentemente empregue, diz muito: "a parvónia". Se pensarmos que é no fim do século XIX que H. de Carvalho escreve a partir do que vive e pensa e não o que se escreve por cá na Europa trata-se duma antecipação excepcional na legítima acepção do vocábulo, bem expressa nesta outra passagem: "Se há estudo que exija mais sossego de espírito e maior imparcialidade de opinião é, sem contestação alguma, o das tribos africanas, com que se logra estar em contacto; e, sem esse estudo despreocupado, a etnografia não pode progredir nem fixar-se em bases seguras". Chega mesmo a apontar o pouco valor científico e o pouco interesse prático dos estudos comparados. Vai mesmo ao ponto de condenar práticas abusivas, apoiadas em perspectivações viciadas: "... tendo-nos como modelos... as realidades que vemos, levamos à conta de selvajaria para com desprezo tratarmos o negro e chegamos à triste e errónea conclusão que queremos faça eco no mundo civilizado: de que os povos da África são brutos e como tais só a tiro se podem submeter aos nossos usos e costumes; ou então que deles nada se pode fazer por serem rebeldes ao ensino". (p. 4 e 45)

Daí, a conclusão clara, lúcida e duma antecipação acima de qualquer qualificativo: "quanto urge dar todo o impulso e toda a protecção a quaisquer estudos e investigações". (p. XVIII)

No mesmo sentido, no mesmo tom e quase na mesma direcção vai esta reflexão de Th. Ribot, com todo o peso e oportunidade

---

30 Henrique de Carvalho, *Ethnographia e História tradicional dos povos da Lunda, Expedição portuguesa ao Muatianvua,* Lisboa, 1980, p. 8-9. Trata-se duma obra de rara lucidez perante o etnocentrismo, generalizado na Europa e reproduzido mais tarde entre nós no desconhecimento dos nossos próprios valores ou/e na subserviência ao que vem doutros quadrantes só porque se quer parecer informado. Apoiado apenas no diferente e, quanto possível, contrário.

que lhe confere a sua vasta obra: "confia-se o estudo geológico dum país a um geólogo, o estudo da sua flora a um botanista, o estudo anatómico duma raça a um anatomista; mas, ao tratar-se de estudar os caracteres psicológicos e morais duma tribo, parece a quase toda a gente que não faz falta nem preparação nem capacidade especiais de observação". E volta assim de novo a atitude incoerente, tantas vezes encontrada em manuais e estudos de fundo sobre os fenómenos humanos: para os fenómenos mais complexos e, consequentemente de mais difícil análise, a maior facilidade. Tal não é o parecer de Ribot, curiosamente, ao reconhecer há mais de um século: "nulle investigation est plus difficile".

Reveste-se assim dum significado de considerável valor a opinião duma colaboradora e simultaneamente fiel à perspectiva de W. Henry e original na aplicação ao meio banto da reflexão experimental e do trabalho de campo entre os índios Hopi e Navaho com toda a vasta equipa da Universidade de Chicago[31]. Segundo Maria Leblanc, trata-se dos trabalhos que continuam sendo os mais completos para a validação de estudos culturais sobre o T. A. T.[32]. Mais claro e directo ainda é este testemunho de Murstein (1963, 347) na sua análise rigorosa sobre a "Teoria e investigação nas técnicas projectivas": "a reflexão de W. Henry é

---

[31] Trata-se do "United States Office of Indian Affairs" da Universidade de Chicago que levou avante um vasto projecto de estudo e análise e que recebeu a denominação global de "Research on Indian Education".

[32] As fontes principais em que se encontra consignada por escrito a reflexão experimental e a actividade de campo de W. Henry são:

— The Thematic Apperception Technique in the Study of Culture-Personality Relations, apud *Genet. Psychol. Monograph,* 1947, 35: 3-135

— The Thematic Apperception Technique in the Study of Group and cultural Problems, apud H. H. & G. L. Anderson, *An Introduction to Projective Techniques,* E. Cliffs, 1955. Neste trabalho retoma a ideia do primeiro para introduzir a reflexão-levantamento da perspectivação do T.A.T. no estudo dos problemas de grupo, cuja reflexão se resume claramente num título eloquente. A sua perspectivação do T.A.T. continuou e desse modo foi mais loge, mais fundo e mais global ou completa com a construção desse monumento que pode ser visto como a melhor e a mais digna homenagem a Murray. Tal se apresenta a obra de fundo e de fôlego:

—*The Analysis of Fantasy,* New York, 1956 (^{2}1963). Significativamente, em sub-título: *The thematic Apperception Technique,* acrescenta, talvez para evitar confusões: *in the Study of Personality.*

reconhecida pela generalidade como um dos melhores estudos do T. A. T. na demonstração da aplicação da técnica na investigação transcultural".

Para W. Henry (1956, 40) um princípio é fundamental: "uma *história* é uma projecção cristalizada e simbólica, esforço do sujeito para formular os seus sentimentos, ansiedades e satisfações no esquema ou organização em que os aprendeu previamente para se apresentar ao mundo exterior".

São ainda um caso particular ou circunstancial de interacção entre a personalidade e aquilo que acontece no seu campo vivencial das manifestações de projecção. Com efeito, se considerarmos a interacção personalidade-cultura como acção recíproca que é, com incidência na cultura por obra da personalidade e com incidências na personalidade por obra da interacção em grupo socio-cultural, compreende-se que se possam enfatizar duas implicações importantes, na formulação de W. Henry: 1— os dados obtidos a partir dum instrumento projectivo são expressão, em parte ao menos, da expressividade de cada sujeito; 2 — os mesmos dados resultam das comunidades de pertença e de referência dos sujeitos. É neste contexto que toma pleno sentido a dupla possibilidade de utilização do T. A. T.: individual e em grupo.

E aqui um leve problema se levanta: o da homogeneidade do grupo. Mas, admitamos que essa homogeneidade é possível e até real em tantos e tantos casos, particularmente nas sociedades tribais em meio banto[33]. Nesse caso, a utilização do T. A. T. pode

---

[33] É fácil realçar investigações relevantes àcerca da importância do grupo para o indivíduo e, mesmo, a coerção, prática ou imaginética, do grupo sobre o indivíduo:

— M. P. Riesman, *La réalisation de la liberté individuelle: concepts et pratiques des Peuls de la région de Ojibo (Haute-Volta),*

— M. G. Smith, The Hausa System of Social Status, *África,* 1959, 29, 3: 220-50.

— Paul Mercier, Remarques sur la signification du "tribalisme" actuel en Afrique noire, *Cahiers I. Sociologie,* 1961, 31: 61-80.

— F. Deyfus, C. Vidal, *Espace socialisé et "réseaux sociaux": la société Tiv,* Policopiado do Seminário de Sociologia da África negra (G. Balandier), E. P. H. E. Sorbonne, 1964-5.

— D. Poitou, *Enquête sur la délinquance juvénile à Niamey (Niger),*

admitir hipóteses: 1 — uma observação de cada personalidade adentro do grupo e estaremos na utilização mais frequente ou mais vulgarizada[34]; 2 — uma observação da comunidade em termos de características em cada personalidade do e em grupo[35]; 3 — uma observação-análise dos modelos atinentes à cognitividade e à afectividade, relativos às variações das manifestações e das experiências sociais ou comuns[36].

É a terceira hipótese que mais directamente nos diz respeito na conjunção dos "símbolos e sociedades": o que importa é determinar a incidência dos símbolos pois eles constituem a raiz principal, mesmo fundamental, da personalidade e consequentemente da interacção assim como estruturação dos grupos e no seu dinamismo. No entanto, a focalização específica da psicossociologia é o grupo cultural e em relação a ele os problemas que levanta a utilização do T. A. T.. Como veremos noutro momento desta reflexão (II Tomo: Realidade do cultural) todo o grupo coerente, principalmente se corresponde às características próprias da forma de sociabilidade espontânea que dá pelo nome de "comunhão", constitui uma unidade, dotada duma dinâmica estruturante muito própria (G. Gurvitch, 1957, 165 ss.). Só analisando-se em si mesma, poderemos compreender-explicar correctamente a expressão grupal. A análise da dinâmica de grupo frequente é, quase exclusivamente, formal e, além disso, morosa e incapaz de dar conta da diversidade das manifestações do grupo, principalmente no caso dos grandes grupos socio-culturais. Basta ter presente a relação entre a personalidade e o "papel" em referência ao grupo e à cultura numa segunda área, apontando para

---

ibid. 1971-2.

— M. Leenhardt, *Do Kamo, La personne et le mythe dans le monde mélanésien,* Paris, 1971 (1947).

[34] Cora Du Bois, *The People of Alor,* Minnesota, 1944.

[35] W. L. Warner, W. E. Henry, The Radio Day Time Serial: a symbolic Analysis, *Genet, Psychol. Monographs,* 1948, 37: 3-71.

— W. Henry, Art and cultural Symbolism: a psychological Study of greetings Cards, *J. of Aesthetics and Art Crit.* 1947, 6, 1: 27-32.

[36] W. Henry & B. B. Gardner, Group Projections sketches for the Study of small Groups, *J. soc. Psychol.,* 1951, 33: 77-102.

uma outra área composta pelos conteúdos e pelo ambiente global para nos darmos conta da complexidade (Fig.2). Numa outra representação mais simples por se encontrar centralizada na cultura mas um pouco mais complicada por fazer girar tudo em torno da cultura em vez de ser em torno da dupla personalidade--papel e cultura-grupo anteriormente (Fig. 3).

Fig.2

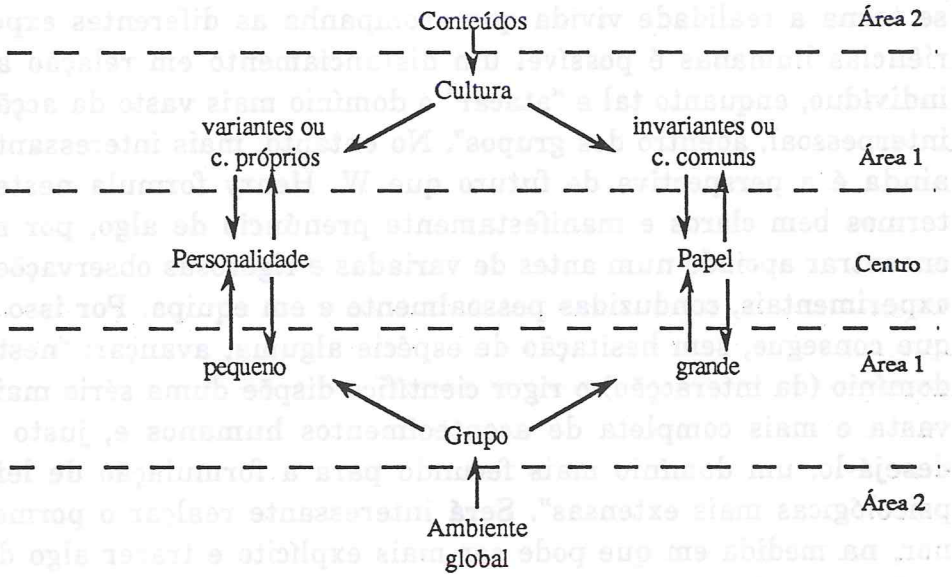
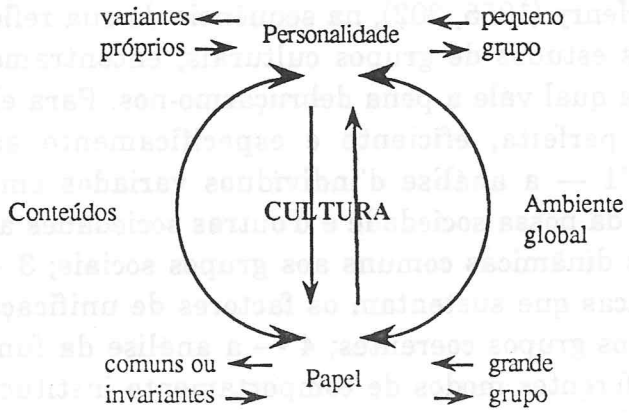


Fig. 3



Da sua vasta observação experimental e de bastantes que se lhe seguiram W. Henry (1955, 302) extrai a seguinte conclusão: "O T. A. T. é um instrumento particularmente adequado à análise das expressões relacionais que procuram ter em conta os factores psíquicos e a relação entre os modelos societais e as expressões pessoais". É, portanto, evidente que não vale a pena limitar a utilização do T. A. T. às situações estritamente pessoais ou aos casos pessoais. E acrescenta: "quando a unidade de estudo se torna a realidade vivida que acompanha as diferentes experiências humanas é possível um distanciamento em relação ao indivíduo, enquanto tal e "atacar" o domínio mais vasto da acção interpessoal, adentro dos grupos". No entanto, mais interessante ainda é a perspectiva de futuro que W. Henry formula nestes termos bem claros e manifestamente prenúncio de algo, por se encontrar apoiado num antes de variadas e rigorosas observações experimentais, conduzidas pessoalmente e em equipa. Por isso é que consegue, sem hesitação de espécie alguma, avançar: "neste domínio (da interacção) o rigor científico dispõe duma série mais vasta e mais completa de acontecimentos humanos e, justo é desejá-lo, um domínio mais fecundo para a formulação de leis psicológicas mais extensas". Será interessante realçar o pormenor, na medida em que pode ser mais explícito e trazer algo de mais específico para a problemática em causa. Com efeito, quando vemos a série de situações que Harrison (1965, 585) contempla, perdemo-nos um pouco e toda uma série de características específicas, constituintes da sua riqueza, ficam diluídas.

Com Henry (1955, 302), na sequência da sua reflexão de fundo sobre os estudos de grupos culturais, encontramos uma síntese sobre a qual vale a pena debruçarmo-nos. Para ele o T. A. T. contempla perfeita, eficiente e especificamente as seguintes situações: "1 — a análise d'indivíduos variados em numerosos sub-grupos da nossa sociedade e d'outras sociedades ainda; 2 — a análise das dinâmicas comuns aos grupos sociais; 3 — a análise das dinâmicas que sustentam os factores de unificação na acção dos pequenos grupos coerentes; 4 — a análise da função psicológica dos diferentes modos de comportamento institucionalizados,

do padrão dos sentimentos e das qualidades pessoais que se lhes atribui. Não admira esta afirmação frequente das grandes possibilidades do T. A. T. formulada por W. Henry pois apoia-se na flexibilidade da técnica a qual consegue "agarrar" os conteúdos da personalidade, passíveis de ser analisados por diferentes esquemas conceptuais. "Sentimos, dum modo particular que se torna dum inestimável valor para o estudo das relações humanas, incluir conceitos sociológicos e abandonar a ideia de que o T. A. T. apenas se pode aplicar aos elementos idiossincráticos"[37], melhor, pessoais. Harrison (1965,546) realça-o também: "O T.A.T. é versátil (*protean*). Dispõe de tantas facetas e apresenta-se tão polivalente e multidimensional, tão extenso e flexível que contém potencialidades quase inesgotáveis para a análise, estendendo-se do mais molecular ao mais molar". Conforme Harrison realça, o pior que já foi feito neste domínio, por uma quase racionalização, vai desde a elaboração rudimentar dos conceitos freudianos em aplicação ao T. A. T. por autores como Rappaport (1946, 395-453) e Bellak (1954, 279-93) até à sua transposição em termos behaviorísticos com (1954, 49-6) e (1957, 234-53), o que se assemelha fortemente a um malabarismo divertido.

Como muitos autores já sublinharam e tem constituído motivo para certas polémicas senão mesmo afrontamentos, é a ambiguidade típica do T. A. T., para além da ambiguidade do material, em torno da qual se têm tecido as mais desencontradas considerações. Vimos já, em que termos, em que sentido e sob que perspectivas. É disso amostra esse título entre muitos outros: "A ambiguidade da ambiguidade do T. A. T. (Kaplan, 1969).

Deste modo o T.A.T., entre as técnicas projectivas, enquanto técnica, claramente especial entre elas, revela-se como a mais rica e a mais adequada e capaz de nos permitir chegar a algo de válido na análise da personalidade. Atendendo às experiências de W. Henry e colocando-nos perante as diferenças consideráveis

37 Compreende-se "idiosincráticos" em W. Henry. Não impede, no entanto que seja sacrificar ao passado, a um certo passado, o mais influente porque o mais conhecido e o mais conhecido por virtude da "hipertrofia" tradicional do modelo bio-físico na linguagem e nas observações em torno da personalidade.

que apresenta o meio banto, o T. A. T., de entre as técnicas projectivas parece ser o que melhor garantia de resultados validáveis oferece ao investigador. Muito particularmente no que toca ao meio socio-cultural banto, o T. A. T. permite uma explicitação fácil da experiência mais próxima do quotidiano e neste duma manifestação que é particularmente significativa qual seja a "conversação" ou "contar", isto é, a invenção-transmissão dos conteúdos ancestrais por intermédio das sempre praticadas "histórias".

Nestas circunstâncias o problema que ora se levanta, consequentemente, é o da selecção do material que pode vir a constituir a situação a partir da qual cada sujeito ou cada grupo vai ser chamado a exprimir-se. Com efeito, como sempre foi afirmado na reflexão como na acção, o material de Murray apresentava-se como completamente alheio aos grupos socioculturais em questão. A observação concreta e a reflexão, uma vez mais, constituem a base a partir da qual W. Henry tentou a formulação de um certo número de critérios tendentes a simplificar o aproveitamento ou a aplicação do T. A. T. em situações diferenciadas como acima ficou referenciado.

Na aplicação ao que foi a sua primeira investigação, W. Henry (1955, 290 ss.) utilizou uma série de doze imagens, desenhadas por um artista índio em que se representavam personagens e situações sociais da experiência quotidiana de qualquer criança índia: uma imagem de dois garotos perante um homem; dois adultos, um a segurar um cavalo; uma mulher com um bebe nos braços e duas outras crianças sentadas diante dela; um grupo de crianças e de adultos em volta duma mó; vários jovens em traje de dança; uma vista do meio rural com campos, sebes, ossos de animais secos, etc... Compreensivelmente as personagens pintadas eram índias. Tudo isto foi utilizado para o estudo do desenvolvimento da personalidade nestes grupos índios. Foi o T. A. T. que permitiu este estudo global das características pessoais das personalidades destes grupos e do conjunto de cada grupo.

No que diz respeito às características gerais do grupo socio-cultural enquanto referência para as imagens pessoais e os

papéis, ou seja, o que faz dum Hopi, dum Sioux ou dum Navaho rigorosamente o que são, Henry definiu um certo número de parâmetros: o mundo físico, a pressão exercida pelos adultos, os sistemas de autoridade, as relações interpessoais, os papéis sexuais, o papel da família, a espontaneidade-coerção, o processo de socialização,as tendências do desenvolvimento e as variações intra-tribais. Uma reflexão final de Henry é deveras pertinente no ponto de vista metodológico e duma importância fundamental para a compreensão do psicólogo no estudo das sociedades diferentes da sociedade ocidental mas igualmente para estudar os sub-grupos adentro duma sociedade ocidental como pode ser o caso de qualquer país da Europa: a utilização do T.A.T. em grupo fornece dados para a análise dos componentes colectivos e/ou papel da personalidade e aduz igualmente uma metodologia precisa para tornar mais objectivos os padrões ou características das sociedades tribais. Igualmente, os dados do T. A. T. podem confrontar-se ou juntar-se aos dos antropólogos. Não interessa que se juntem ou contrastem: só importa é que sejam rigorosamente objectivos. Só desse modo podem contribuir para uma melhor informação ou um melhor conhecimento e subsequente apreciação e/ou acção com esses povos.

"Em suma, refere Murstein, parece haver menos diferenças entre a passação individual e a passação grupal do que se havia suspeitado".(47) Trata-se de algo encorajador, embora o problema, no caso da minha pesquisa, seja secundário, como acima referi. Convém realçá-lo para reforçar o interesse que se pode atribuir ao trabalho realizado, a partir dos objectivos propostos. Por isso é que Murstein acrescenta num outro passo: "quando alguém se mostra interessado em pesquisar um número relativamente pequeno de variáveis ou de características, o que acontece com frequência — foi o meu caso — é muito mais recomendável o processo de grupo".

Como eu próprio tive oportunidade de verificar, havia razões específicas para o caso da investigação em Angola e no momento em que foi levada a efeito. Com efeito, a quando das estadias por actividades pedagógicas em Angola, fui observando nas situações de grupo e nos contactos individuais que a própria formulação

positiva ou negativa da pergunta feita tinha incidência na resposta. Desse modo tornava-se interessante e vantajoso tentar captar respostas quer à formulação positiva, quer à formulação negativa para mais clara e segura informação. Mais ainda: quando é forte a impressão duma figura investida de autoridade, como na avaliação escolar e acontecendo que essa impressão é transposta para a situação de observação experimental — como no meu caso — não pode deixar de intensificar uma certa ansiedade. Tendo tal facto ou circunstância em conta, ou seja, o efeito bastante perturbante, por virtude da presença ou co-presença do sujeito perante o técnico optei pela observação em grupo. Na experiência em grupo ou sem presença directa do observador no isolamento com cada sujeito, evita-se um factor de perturbação ou um factor desencadeador de manifestações ou atitudes inadequadas. Mais importante ainda se torna realçar a possibilidade que a não presença directa do técnico oferece ao sujeito de exprimir as suas ideias mais clara e extensamente.

Finalmente, a situação de grupo também pode ser negativa por levar ao extremo de respostas (histórias) curtas ou até demasiado curtas. Para efeito, no entanto, fica-se com a garantia de que o que foi feito o foi em espontaneidade e liberdade, corresponde mesmo ao sentir da história por e para cada um.

Todas estas considerações, muito breves e parciais, apenas para realçar que é importante ter presente, como o nota Murstein (58) a forma que torna a situação mais ou menos provocante, no que toca ao observador, comporta uma notória incidência nos conteúdos da produção, no caso, as "histórias" e uma incidência menos grave nas propriedades formais.

V — O INSTRUMENTO DA OBSERVAÇÃO

Acabei assim por escolher o material a aplicar entre os grupos culturais de Angola, tendo sempre presentes todas as cautelas e precauções, respeitantes à utilização do instrumento de trabalho e observação experimental, assim como, anteriormente, à sua construção.

A estes pressupostos e a estes objectivos corresponde o T. A. T. banto do Centro-Sul da África, mais propriamente do Shaba. A observação experimental, conduzida por Maria Leblanc, respondeu aos mais exigentes requisitos de validade, elaborados a partir das diversas situações, criadas e analisadas antes. Pensando em construir um T. A. T. adequado ao meio banto, M. Leblanc procurou detectar no meio a melhor forma de apresentação do instrumento entre os bantos dessa região. E acabou por verificar, como eu próprio verifiquei e me foi notificado por conhecedores do meio que o desenho, propriamente nada podia dar, a modelagem daria um pouco, a dança já daria bastante. No entanto, nada como a "história", a qual tinha as preferências todas. Consequentemente, poderia ser bem aproveitada. Basta lembrar a importância e/ou a ressonância que adquirem as reuniões à volta do fogo, para qualquer membro duma sanzala, todas elas preenchidas com a audição-criação de contos e/ou histórias a tecerem as lembranças pessoais e/ou de grupo, as mais remotas ou as mais recentes, indo mesmo até às actuais, assim como a implementarem as aspirações mais fundas e significativas de cada um.

Daqui partiu M. Leblanc para a definição e construção do seu material. De realçar a particularidade da participação dum artista, pintor banto, da Academia de Belas Artes de Lubumbashi, K. Mweze (M. Leblanc, 1960, 176). De posse das

estampas americanas e de algumas africanas, porque é banto, K. Mweze e em estreita colaboração com a psicóloga, criou duma forma original uma série de cenas da vida africana dessa região, particularmente do que dizia respeito ao quotidiano. Mais ou melhor, ainda: para dar oportunidade a maior variedade de expressões da personalidade, adoptou a forma pictórica própria, de traços predominantemente horizontais e verticais, curtos e sucessivos, os quais não separam demasiado as figuras do fundo em que se movem, ligando assim a uma percepção em perspectiva estrutural, a qual se afirma como particularmente relevante para as culturas banto. Por outro lado, aproximou-se o mais possível dos motivos decorativos, que são mais frequentes na cultura ambiente, como se pode observar nos tecidos, nas olarias ou nas gravuras sobre madeira.

A partir deste tipo de representação gráfica da vida duma cultura, enquanto manifestada pelas personalidades do grupo que vive dessa cultura, procurei encontrar a pertinência deste tipo de grafismo para os grupos culturais de Angola. E assim, socorri-me de um certo número de exemplos extraídos de Angola. Parece-me particularmente relevante evidenciar aquelas manifestações mais fortemente vividas como são as tatuagens e certas manifestações de ornamentação, das casas, por exemplo. Deste modo, recorri a dois autores particularmente conhecedores nestes domínio: José Redinha e Mesquitela Lima[38]. Os dados por eles

38 José Redinha foi particularmente minucioso na análise das máscaras: *Máscaras e Mascarados angolanos* (usos, formas e ritos) (Luanda, 1965). Por outro lado, em *Subsídios etnográficos* (Luanda, 1964) fornece uma visão sucinta e forte do esquema evolutivo da escultura antropomórfica angolana e ao mesmo tempo um esboço de classificação das "máscaras angolanas".

Particularmente decisiva, para o caso presente, foram as diversas conversações havidas quer no Dundo (Museu da Diamang), quer em Luanda, quando Director do Museu de Angola em Luanda, sobre todos estes temas e sobre o significado de todos estes grafismos, particularmente daqueles que conhecia em pormenor e que se torna difícil reproduzir, os grafismos gravados na areia em forma de mensagens.

Mesquitela Lima, por seu lado, por ocasião da preparação da sua tese de Doutoramento para a Sorbonne, apresentada em 1969, porque me encontrava na escolaridade para o Doutoramento, também, muito conversámos a este respeito e acerca de tantos outros temas de antropologia, até porque frequentá-

inventariados realçam a proximidade do tipo de grafismo, demonstrando a pertinência do instrumento de observação utilizado: o T. A. T. banto.

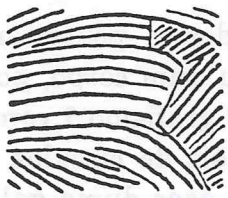
Melhor será começar por elementos isolados e, posteriormente enquadrá-los num conjunto, duma face ou dum corpo, por exemplo (Mesquitela Lima, 1956, 59-67 e ills.). O grafismo 1 compõe-se de tracejados diversos — *micaca* ou anéis de círculos e mabembe ou traços paralelos,a reproduzir talvez asas duma galinha cassumbi; o 2 forma um conjunto de triângulos — tuhenga e de traços paralelos — mabembe; o 3 representa esquematicamente,à direita a fogueira,fogo ao centro e lenha à volta —*magico* e à esquerda mabembe e tuhenga, entrelaçados; o 4 apresenta uma série de raios solares, concêntricos — *mite-mite* — e olhos como que em espelho ou semi-círculo — *mutelumuna* — a significar olhar de esguelha ou para esconjuração ou por raiva ou rancor; o 5 apresenta motivos em forma de espiral ou espirais — *majinga* — redemoinho, espécie de serpente enroscada. Entrelaçamento do homem e da mulher? No testemunho de M. Lima, os informadores "respondiam evasivamente quanto à interpretação, procurando fugir ao que queríamos saber" (p. 37); o 6 mostra-nos arcos de círculos — *micaca* — ao cimo e linhas paralelas ao centro — *mabembe* — assim como uma espécie de trevo de quatro folhas —*jico ou fogo*; finalmente, o 7 porque muito interessante: trata-se duma estilização da figura humana — *muana* — de grande significado, quase símbolo para todas as manifestações da cultura banto, na sua diversidade incontrolável.

Observando, agora, todos estes diversos traços em conjunto, aplicados no corpo humano — a tatuagem — encontramos mais

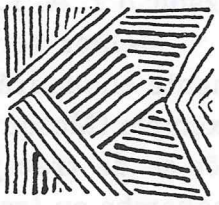
---

vamos o mesmo Seminário de Balandier, na E. P. H. Études da Sorbonne subordinada ao tema: tradition et modernité, exemples africains. A sua tese, publicada em Luanda (1971) leva por título: *Fonctions sociologiques des figurines de culte hamba dans la culture tshokwé (Angola)*. E mostra a minúcia da observação e a profundidade da reflexão sobre um tema muito interessante, particularmente para os conteúdos culturais de contacto com o transcendente, como adiante referirei: a *hamba* (Mahamba, plural). Em trabalho anterior, precioso aqui para o caso, constituiu para mim base de exemplos e segurança de interpretação, por analisar com pormenor a manifestação da tatuagem, em geral e particularmente no Nordeste: *Tatuagens da Lunda* (Luanda, 1956).

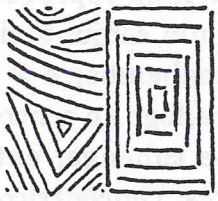
Grafismos



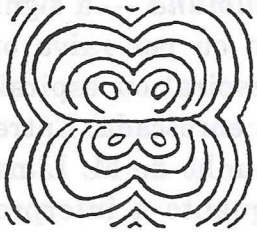
(1)



(2)



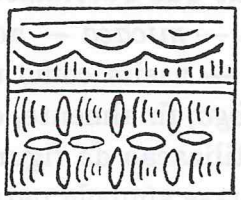
(3)



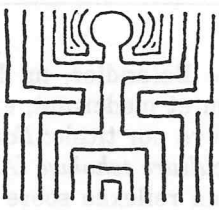
(4)



(5)



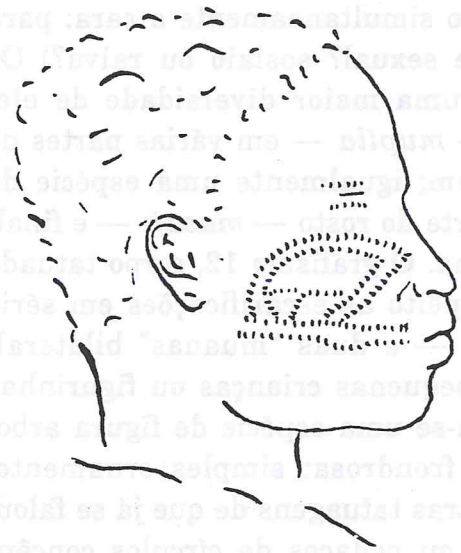
(6)



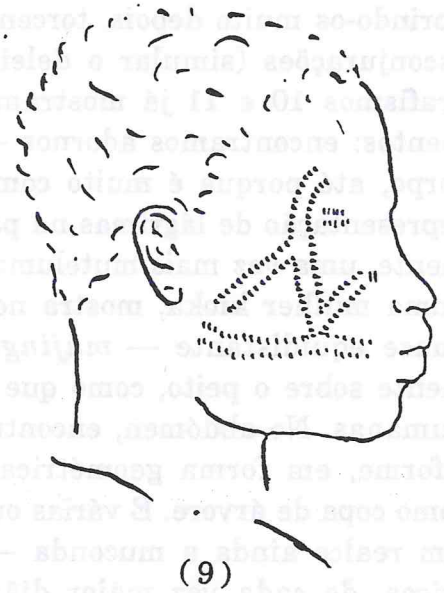
(7)

dificuldade em definir e mais facilidade em apreciar, por exemplo, os grafismos 8 e 9: a tatuagem é composta basicamente por variantes de *mutelumuna* com realce para os olhos em movimento virando os olhos para cima e fechando as pálpebras; abrindo-os muito depois, torcendo simultaneamente a cara: para esconjurações (simular o deleite sexual? soslaio ou raiva?) Os grafismos 10 e 11 já mostram uma maior diversidade de elementos: encontramos adornos — *mupila* — em várias partes do corpo, até porque é muito comum; igualmente uma espécie de representação de lágrimas na parte do rosto — *masaje* — e finalmente, uma vez mais mutelumuna. O grafismo 12, corpo tatuado duma mulher kioka, mostra no peito as escarificações em série quase equidistante — *majinga* — e duas "muanas" bilateralmente sobre o peito, como que pequenas crianças ou figurinhas humanas. No abdómen, encontra-se uma espécie de figura arboriforme, em forma geométrica, frondrosa: simples ornamento, como copa de árvore. E várias outras tatuagens de que já se falou. Em realce ainda a muconda — ou pedaços de círculos concêntricos, de cada vez maior diâmetro a partir do órgão sexual. Finalmente, uma vez mais, o grafismo 13, o exemplo que o A. encontrou de mais diversificada tatuagem em homem: além dos extensos "mutelumuna" a contribuírem para uma boa estilização da figura humana, com o seu sentido esconjurativo, das duas séries de "issecala", da importância ou da esterilidade? Redemoinhos vários e talvez em duplo "majinga". E ainda, com bastante interesse, um "Txinguelenguele" ou "samanama": puro ornato enquanto cruz? Ou um símbolo do povo Kioko, fortemente aguerrido? Por outro lado, encontramos presentes em muitas das suas manifestações de arte. Talvez algo mais: no testemunho do P. Thyssen, C. S. Sp., (1966) na "peka" do soba (Mbanza) Milando, se encontra este mesmo grafismo. "Peka" significa porta esculpida em casa de rei: assim se compreende o grande destaque atribuído a Txinguelenguele em dupla e na porta nobre, além dos possíveis animais totémicos e outras figuras. Este mesmo grafismo aparece também nas cadeiras dos chefes do direito ou dos combatentes.

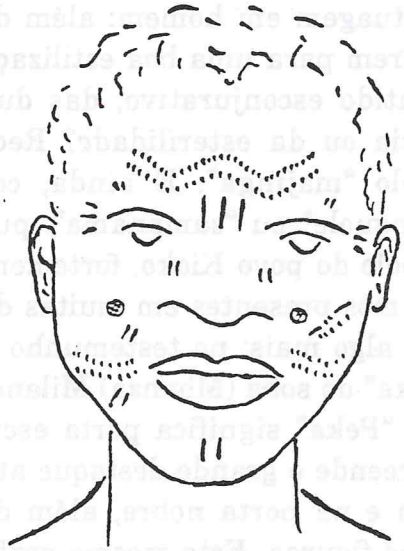
Grafismos



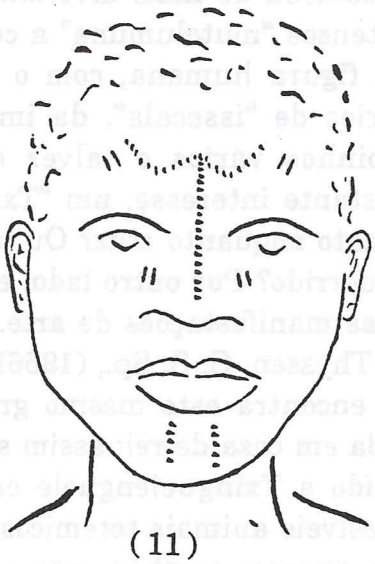
(8)



(9)

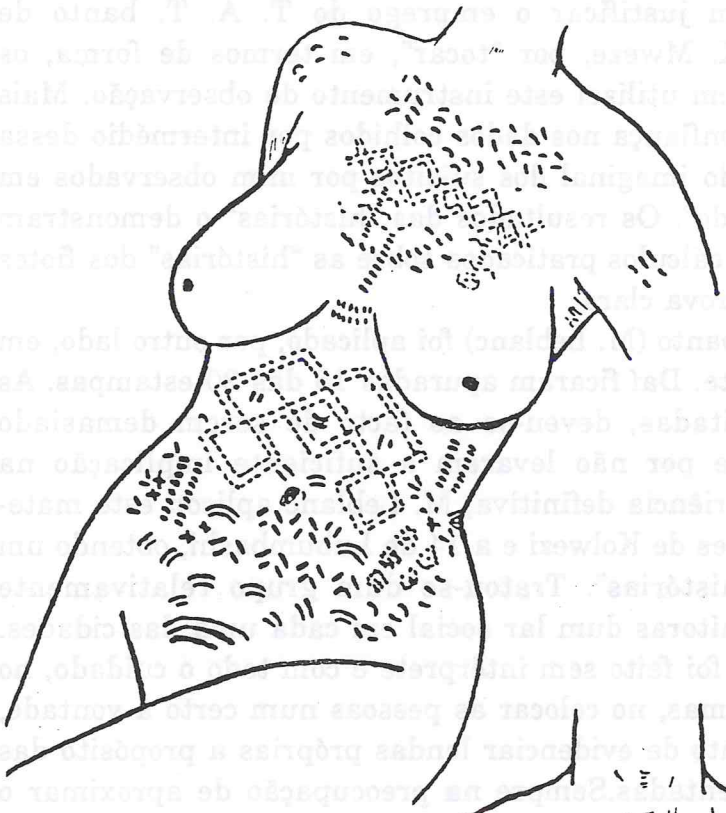


(10)

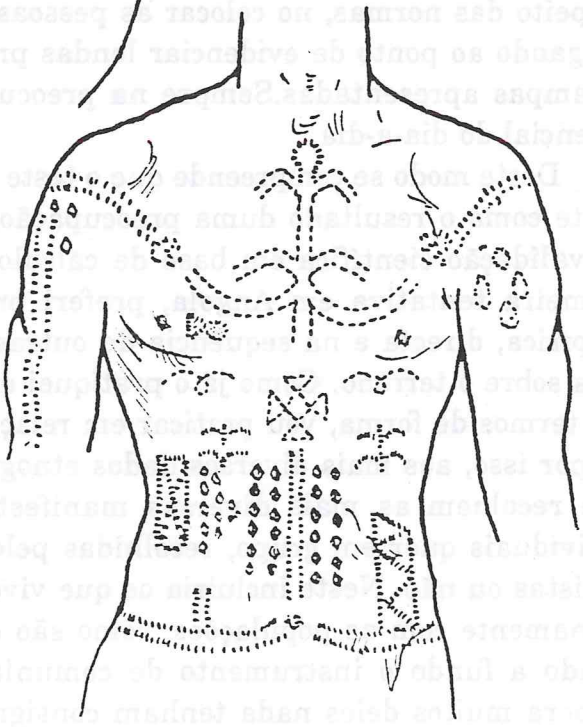


(11)

Grafismos



(12)



(13)

Muito mais se poderia aduzir no sentido de realçar as formas de estilização dos grafismos bantos, de grande parte de Angola, e assim justificar o emprego do T. A. T. banto de M. Leblanc e K. Mweze, por "tocar", em termos de forma, os sujeitos com quem utilizei este instrumento de observação. Mais um motivo de confiança nos dados colhidos por intermédio dessa técnica. O mundo imaginal dos sujeitos por mim observados em Angola foi "tocado". Os resultados das "histórias" o demonstram claramente e os cálculos praticados sobre as "histórias" dos fiotes são disso uma prova clara.

O T. A. T. banto (M. Leblanc) foi aplicado, por outro lado, em estilo de pre-teste. Daí ficaram apuradas 15 das 20 estampas. As que foram rejeitadas, deveu-se ao facto de serem demasiado estereotipadas e por não levarem a suficiente implicação na tarefa. Em experiência definitiva, M. Leblanc aplicou este material a 15 mulheres de Kolwezi e a 14 de Lubumbashi, obtendo um total de 415 "histórias". Tratou-se dum grupo relativamente homogéneo, monitoras dum lar social em cada uma das cidades. Todo o trabalho foi feito sem intérprete e com todo o cuidado, no respeito das normas, no colocar as pessoas num certo à vontade, chegando ao ponto de evidenciar lendas próprias a propósito das estampas apresentadas.Sempre na preocupação de aproximar o vivencial do dia-a-dia.

Deste modo se compreende que o teste de M. Leblanc se apresente como o resultado duma preocupação, constante e aturada, de validação científica em base de cálculos matemáticos. Numa primeira tentativa em Angola, preferi praticar uma validação empírica, directa e na sequência de outras e variadas investigações sobre o terreno. Como já o pratiquei em relação ao material, em termos de forma, vou praticar em relação ao conteúdo. Recorri, por isso, aos mais diversos dados etnográficos, na medida em que recolhem as mais diversas manifestações culturais, quer individuais quer em grupo, recolhidas pelos mais diversos especialistas ou não. Neste incluiria os que vivem o quotidiano quotidianamente com as populações, como são os missionários, dominando a fundo o instrumento de comunicação que é a língua, embora muitos deles nada tenham consignado por escrito. Tudo

me valeu para confirmar a confiança no material empregue na prossecução dos objectivos.

Por uma questão de rigor na observação e de fidelidade à realidade observada, valia a pena, era bom ir mais longe. Assim é que o T. A. T. construído para análise das populações do Shaba (Katanga) foi submetido a uma espécie de pre-aplicação ao meio angolano. É certo que a investigação psicológica não procura confirmar nem infirmar os dados inventariados e sistematizados pelos etnógrafos e pelos antropólogos. Em Ciências psicológicas, o objectivo é especifico: consiste em analisar as actividades do sujeito enquanto sujeito e/ou as potencialidades subjacentes assim como o conteúdo imaginal expresso, numa espécie de referenciação permanente entre o "overt" e o "covert behavior".

No entanto, neste momento e em relação a povos e culturas diferentes dos ocidentais — greco-latinos e anglo-saxónicos — e, particularmente, aos de estrutura tribal fortemente vincada, até porque em problematização, impunha-se agir com mais cautela senão prudência no sentido de evitar uma inadequação total em relação aos objectivos a atingir adentro duma população determinada. Por outras palavras, impunha-se proceder com um mínimo de garantia, relativamente à pertinência dos conteúdos das estampas em relação à população angolana, apesar das inequívocas semelhanças no que diz respeito ao T. A. T. de Maria Leblanc. A concretização de tal atitude dei o nome de *validação empírica*. Com efeito, relativamente à população do Shaba a investigação de Maria Leblanc parece concludente, a partir dos elementos avançados na sua obra e através da informação que a tal conduziu.

No meu caso, não particularmente preocupado com a demonstração duma validade, cientificamente estabelecida, mas interessado na colheita de elementos para atingir os objectivos que me propus de inventariação do "imaginal" de certas populações, tornava-se vantajoso se não indispensável, determinar a possibilidade mínima de incidência do material, sobre as pessoas ou de pertinência dos conteúdos presentes nesse material relativamente às pessoas cujo mundo imaginal me propunha descobrir, isto é, as vivências e as vidências pessoais e grupais. Esta

validação quase material do material da experiência-observação desenrolou-se em dois tempos: num primeiro tempo, aconteceu todo um contacto pessoal directo com o meio físico e, principalmente, com o meio humano, numa amostra diversificada da população angolana. Um contacto que se verificou ao longo de cinco anos, permitindo assim uma diversificação quantitativa considerável e também uma diversificação qualitativa por diferenciação relativa ao espaço, relativa ao tempo e ainda relativa aos grupos culturais e ocasionais que tive oportunidade de encontrar e de contactar pessoalmente.

Para além da observação por contacto directo e informal com grupos e indivíduos vários do noroeste, do nordeste e sudoeste de Angola, houve o diálogo variado e profundo em comunicação directa por virtude dos cursos que dinamizei no Instituto de Educação e Serviço Social, em Luanda[39]. Um dos temas analisados e reflectidos em psicologia social foi o da aculturação enquanto transformação cultural por virtude da presença e intercomunicação de grupos culturais diferentes, não apenas ocidentais, particularmente portugueses, como adentro do próprio xadrez cultural angolano. Desse modo, em plano concreto e vivencial, toda a problemática atinente à interacção personalidade-cultura era focada, sistematicamente analisada, concretamente referenciada a situações locais, a episódios pessoais, a perspectivas vivenciais as mais diversificadas. Na sua quase totalidade, tratava-se de vivências concretas dos estudantes no seu dia-a-dia e em primeira mão, sempre formuladas por eles, adentro do seu quadro conceptual e escolar muito próprios. Como entretanto já havia publicado a *Aculturação* ou Aspectos gerais da interpenetração de culturas[40] e encontrava-me a preparar *Mitificação da*

[39] Houve um propósito de contacto técnico rigoroso. Tal contacto, porém, ficou gorado por virtude da "confiscação" de centenas de inquéritos da *Youth's Outlook on the Future* (Autobiografia do seu futuro) de J. M. Gillespie e G. W. Allport. Tratava-se dum estudo intercultural dum interesse considerável nos mais variados domínios. Ia começar por efectuar uma sondagem junto da população escolar do Liceu então Salvador Correia, em Luanda, para continuar por outras instituições de ensino.

[40] Trata-se duma compilação dos capítulos mais inovadores, enquanto conteúdo e enquanto perspectivação, extraídos dum número especial (100) da

côr, perspectivas de Psicologia social[41], este contacto com o vivido, esta permuta em reflexão constituiu uma primeira grande aproximação à investigação psicológica em meio banto. No que às observações de campo diz respeito, o contacto directo aconteceu através da utensilagem a mais diversa: sempre em observação participante pelos mais diversos motivos: inquéritos culturais, sessões de dinamização cultural, reflexões litúrgicas, mesas-redondas e mesmo algumas conferências, no Museu de Angola em Luanda. Toda uma série de variáveis se foram evidenciando e, por via disso, os objectivos duma investigação de fundo foram-se clarificando[42].

Revista "Portugal em África" consagrado ao Infante D. Henrique em 1960 e subordinado ao título mais geral e significativo para a efeméride comemorada, em dois planos: no da perspectiva histórica e no da prospectiva: *Diagonais da aculturação*.

[41] Tal iniciativa, editada em 1966, procurava explicar uma tentativa de justificação duma outra topificação do racismo, mais válida em si mesma (hipótese) e mais valiosa para a compreensão e a transformação das relações humanas. Procurou-se demonstrar o interesse duma leitura do racismo não apenas como fenómeno biótico, de difícil senão impossível intervenção, mas principalmente, côr da pele e sua significação negativa. No entanto, como estereotipia que é, perfeitamente analisável e passível duma transformação radical, a operar por todos, quer brancos quer não brancos.

[42] Tudo isto se desenrolou desde 1961 até 1966. Neste período de tempo todos os anos me deslocava a Angola em serviço de docência no Instituto de Educação e Serviço social, em Luanda e, algumas vezes no Maputo. Colaborei directamente na programação do Instituto, no que se refere às diversas áreas da Psicologia, assim como à Antropologia, Sociologia e Filosofia social. As matérias desenvolvidas por mim nessas actividades docentes foram: Psicologia genética, Psicossociologia geral, Psicossociologia aplicada e Filosofia social. Todo este trabalho em actividades diversas foi pretexto para observar uma grande diversidade de situações em experiências directas com os estudantes de diversos grupos culturais. Por outro lado, tive oportunidade de deslocações diversas pelo interior, observando directamente as práticas das populações nas sanzalas do Norte de Angola, particularmente nos Dembos, em Quibaxe, Quitexe, Uige e regiões circunvizinhas. Pratiquei observações sistemáticas nos "muceques" Prenda e Belas de Luanda, nos "caniços" do Maputo, assim como nos bairros de "Poto-Poto" e Bakongo nos arredores de Brazzaville (República Popular do Congo) e nos subúrbios de Kinshasa e de Lubumbashi (Zaire). Nestes dois últimos casos, para contactar directamente com grupos culturais iguais ou próximos dos cabindas e/ou fiotes e dos Kiokos de Angola.

Aconteceu algo de mais interessante ainda neste sentido: foi a minha

A definição e estruturação das variáveis em presença, a sua hierarquização mesmo, foram o primeiro momento específico da investigação que ora descrevo nas suas linhas gerais, em todos os seus aspectos, ao mesmo tempo que trabalho em alguns dos seus

---

viagem ao Brasil — Rio de Janeiro, S. Paulo e Brasília (1965) — a convite do Governo do Estado de Guanabara, para realizar conferências no âmbito do tema da aculturação e da actividade estética. Aproveitei essa estadia para contactos pessoais e bibliográficos, particularmente no *Centro latino-americano de Pesquisas sociais*, sito na Praia vermelha, então sob a direcção de Dr. M. Diegues Júnior. Tive a feliz oportunidade de encontrar a sair do prelo esse deveras original testemunho do 1º Embaixador brasileiro preto nas recem-formadas Repúblicas do Golfo da Guiné, ele próprio descendente de africanos pretos dessa região, levados antigamente para o Brasil e muitos deles regressados ao país de origem, do que resulta nomes vários portugueses, em famílias importantes do Golfo e mesmo em Presidentes da República. Desse livro e dessa estadia em geral, bastante beneficiou a minha reflexão, em livro — *Mitificação da côr*. A obra desse Embaixador, Raymundo de Sousa Dantas, leva um título significativo: *África difícil* (Rio de Janeiro, 1965), mesmo para um descendente de africanos: "Reflectindo, chego à conclusão de que por motivos vários, todos relevantes, eu não podia sentir-me em casa. Nem mesmo por ser negro, considerado descendente de africanos. O mundo é outro... Tudo, porém, que se passa aqui interessa-me fundo..." (36).

Por outro lado, beneficiei das observações e contactos no Bairro de Harlem, em Manhattan (cidade de New York), por meio das actividades na paróquia de N. S. de Lourdes, principalmente em contacto com emigrantes e refugiados, pretos e mulatos de Porto Rico, Jamaica e Cuba. Essa estadia aconteceu por virtude da Bolsa de investigação bibliográfica em documentos vários da Biblioteca da "Columbia University", particularmente no que diz respeito ao contacto de culturas, a partir dos vários grupos de personalidades de cor negra, na costa Leste dos Estados Unidos da América do Norte. De tudo isto, fui chegando à hipótese de trabalho e a reflexões tendentes a mostrar que apenas a côr os aproxima, dentro ou fora da África. A África, as culturas africanas, vistas da América do Norte, do Centro ou do Sul é tão pouco a África real do contacto directo como quando vista da Europa. Talvez mais fiel, cientificamente falando, comparando um autor paradigmático, Aimé Cesaire, em duas obras curiosas, pela diferença que as caracteriza: *Cahier d'un retour au Pays natal* (a Martinica, pequenas Antilhas) e *Une saison au Congo*, peça de teatro referente às agitações políticas no Zaire e à figura quase lendária de Patrício Lumumba.

Tudo isto me facilitou todo um conjunto de reflexões, de modelos para a observação e de hipótese a problematizar, no sentido de aproveitar das informações variadas, praticadas em termos de definição de variáveis de observação e categorias para análise de conteúdo. Ao partir em 1970 para uma análise sistemática da realidade vivida, utilizando uma técnica psicológica precisa, podia considerar-me em confiança relativamente à adequação das técnicas escolhidas, para observação e subsequente colheita de dados concretos.

dados recolhidos em forma de resultados. No entanto, muitos foram os limites que as circunstâncias impuseram e maior número foi o das hipóteses que o desenrolar da pesquisa em campo me foi sugerindo. Este primeiro momento, por toda uma gama de variadas razões, ocupou um largo espaço de tempo ao longo de cinco anos. Um segundo momento consistiu numa pesquisa minuciosa em três centros europeus, de antemão escolhidos, como capazes de me fornecerem indicações, hipóteses e bibliografia de que darei referência. Comecei por Paris: Escola prática de altos Estudos sociais, na qual trabalhei a partir do Seminário de Sociologia africana, durante um ano lectivo sob a direcção de G. Balandier, P. Mercier e P. Sutter, uma reflexão aprofundada das três perspectivas, respectivamente: sociológica, antropológica e geográfica. O Seminário tinha por tema o seguinte: *Tradition et modernité — Exemples africains*. Fundamentalmente, há que esclarecer o "mito" do tradicional em oposição real ou fictícia, ao "mito" do moderno e definir uma dupla análise dos mesmos, já temática, já tipológica para conduzir a uma reflexão se possível diferente, quer de "mito", quer de tradicional, quer ainda de moderno claramente presentes no jogo ideológico, particularmente em termos políticos, quer na Europa quer, particularmente, em África. Este Seminário, com uma predominância de estudantes francófonos constituiu uma oportunidade de contactos os mais diversos com outras situações africanas, com dados culturais diversíssimos a confirmar, agora, o interesse do material escolhido para a minha pesquisa. Alargou consideravelmente o leque de hipóteses e das pistas para inventariação de dados diferentes e sempre interessantes.

O trabalho de pesquisa a realizar não pôde apoiar-se em qualquer situação parecida com o pre-teste aplicado ao material que ia empregar, duma forma sistemática. Enquanto docente convidado, em Luanda, recolhi algumas pequenas amostras, em circunstâncias não particularmente adequadas. Por outro lado, perdi todas as tentativas de investigação por me terem subtraído os inquéritos.

Por isso, houve que socorrer-me doutros meios, no sentido de partir para o campo de investigação com um mínimo de con-

fiança no material que ia empregar, em função dos objectivos que me propunha atingir: a manifestação e presença da personalidade como mundo imaginal. Para além dos elementos culturais, realçados duma forma geral na descrição global de Angola ou Angola antropológica; para além das pesquisas bibliográficas, de seminários vários e de encontros com investigadores nestes domínios, abeirei-me de quem conhecia bem o meio, tanto no norte, como no sul assim como no centro. Para além das obras consultadas e que se encontram na base da descrição global de Angola, dando aos seus autores o valor que merecem, socorri-me doutras fontes. Alguns desses autores ainda se encontravam, felizmente, vivos. Outros já haviam "passado". Alguns destes autores de obras publicadas e bastantes outros trabalhadores das lides missionárias, profundos conhecedores do seu meio, embora modestamente não se decidam a publicar o muito que sabem e o muito que reflectiram, também foram contactados por mim, no sentido de obter esclarecimentos sobre a pertinência do instrumento de observação. Alguns dos textos não publicados, manuscritos na maior parte, serviram-me para compreender muitas das histórias. A razão principal é só uma: as lides missionárias implicavam como regra de fundo, o conhecimento da língua. Pelo conhecimento da língua, consegue-se uma compreensão muito mais diversificada dos usos e costumes e principalmente da mentalidade vivida e expressa no dia-a-dia e não apenas em conversas ocasionais a propósito de qualquer inquérito.

Na verdade, como diria já em 1883 A. Nogueira: de todas as notícias que se publicam acerca dos negros, as que nos dão os missionários são ordinariamente as mais escrupulosas e exactas... Tudo os habilita a poderem julgar com mais justiça e imparcialidade e é o que ordinariamente fazem"[43]. Como diria também Henrique de Carvalho, num outro contexto: "Muito difícil é conhecer as leis e os costumes de certos povos civilizados, a compreensão dos quais é de grande importância, quando se pretende estudar devidamente esses povos; as dificuldades aumentam, porém, quando se trata de povos sem cultura, longe da civili-

[43] Bol. Soc. Geografia de Lisboa.

zação, pois para se conhecerem os seus costumes, que entre elles constituem lei, é necessário, além duma observação persistente, um systema de registo especial e minucioso e uma paciência não vulgar"[44].

No que ao sul diz respeito, desde há um século que se encontram observações , escritos e reflexões dos missionários do Espírito Santo: Ernesto Lecomte, por terras da Huila, Humbi, Cuanhama, Ambollos e Cubango (1888-9) e José-Maria Antunes, por toda a região da Huila (1887-9). Mais particularmente foram importantes os testemunhos vivos, através dos seus escritos, como é o caso de outros missionários espiritanos António Silva, Carlos Estermann e A. Valente e através do diálogo directo, perante a projecção dos diapositivos do T. A. T. banto; importante ainda o diálogo directo com esses profundos conhecedores da língua e dos costumes, embora sem publicações, como é o caso ainda dos espiritanos A. Martinho, J. Gonçalves e M. Geraldes Pereira. Em todos eles ficou bem manifesta a impressão de realismo das estampas; todos concordavam na sua pertinência bastante grande quer quanto aos temas, quer quanto às personagens e respectivas cenas, quer ainda quanto ao grafismo. O mesmo aconteceu, quer em relação ao sul, quer ainda em relação ao norte com os antropólogos C. Lopes Cardoso, M. Milheiros, com o P. Kambwa, angolano preto e com os missionários espiritanos

[44] Estas características, propostas por H. de Carvalho para observação doutros povos, possuíam-nas os missionários já pela índole da sua missão, já pela preparação adequada a essa missão. Indo ao ponto de não se encontrarem sob a influência dum L. Henry Morgan que no seu *The ancient Society* lançou as três etapas de "evolução" da humanidade: "selvajaria, barbárie e civilização", mas influência que encontramos no texto de H. de Carvalho: na sequência do texto acima transcrito, lê-se: "e o estudo do viver dos povos selvagens recomenda-se para melhor compreender o dos povos civilizados" *Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda* — Expedição portuguesa à Muatiânvua (Lisboa, 1890, p. 443). Mais curiosas são as duas outras ideias: de confundir cultura com nível escolar de aprendizagem, ainda hoje tão frequente, mesmo nos meios universitários. E a ideia que é vício metodológico no que diz respeito às ciências humanas. Isto é, que as realidades humanas em observação podem ser vistas como somatórios de elementos simples. Não foi isso que procurou Margaret Mead ao deslocar-se às ilhas do Pacífico para compreender a juventude norte-americana? Lembra-se *Coming of Age in Samoa* (New York, 1928), assim como *Grwing up in New Guinea* (id., 1963).

A. Abreu, C. Costa e A. Manso, este sendo autor dum volumoso dicionário kimbundu, excelente repositório de provérbios.

O mesmo diálogo, com os mesmos resultados relativamente ao material embora com anotações próprias, se processou no que ao norte e ao nordeste diz respeito. Merecem particular relevo os missionários espiritanos João Terças, L. Thyssen, em relação aos "Kiokos" assim como os profundos conhecedores do meio que são os antropólogos Mesquitela Lima e principalmente José Redinha; em relação aos fiotes e, em geral, aos bakongo tive oportunidade de colher excelentes informações junto dos missionários espiritanos J. Martins Vaz, J. Martins, J. Wissers, J. Troesch e Rocha Ferreira. Um testemunho insuspeito relativamente a este apoio é o de D. António Barroso, quando falava por 1890 do que bem conhecia directamente, das terras angolanas do Norte: "Observar os costumes, a religião, as instituições embryonárias, as tendências de raça e o modo de viver das populações africanas demanda uma attenção, um estudo muito mais aturado e persistente do que à primeira vista se nos afigura...". E acrescenta mesmo outra considerações a reforçar a confiança que nos merece esta ajudas dos missionários nesta tentativa de validação empírica[45].

45 "O missionário pela posição singular e especialíssima no seio das raças africanas, pela doutrina que lhes anuncia e pela confiança que lhes inspira é a meu ver, *sem contestação* (sublinhado meu) o indivíduo que melhor pode conhecer a raça, desprotegida e aviltada. (...) Deve, porém, ter bem impressa esta ideia capital: que não deve enthusiasmar-se com pequenos resultados, muitas vezes só aparentes, nem deixar abatter-se pelas dificuldades sempre grandes". E agora esta aplicação judiciosa: "No primeiro caso, teríamos informações dum optimismo sem critério, no segundo um pessimismo desolador. Ambos falsos, ambos funestos" (D. António Barroso, O Congo, seu passado, presente e futuro, *Bol. Soc. Geog. de Lisboa*, 1888-89, 163, 165-6).

Um outro testemunho se refere igualmente aos missionários, mesmo sem os nomear, pois bem conhecia a sua acção e é insuspeito pois se trata do Com. H. de Carvalho: "Se há estudo que exija mais socego de espírito e maior imparcialidade de opinião é, sem contestação alguma, o das tribus africanas, com que se logra estar em contacto; e sem esse estudo despreocupado a ethnographia não pode progredir nem fixar-se em bases seguras. É necessário que numa exploração das terras da África central, como em todas as explorações análogas, seja qual for o objectivo que se tenha em vista, *só se preste culto à verdade*. Devemos para isso despir-nos de todos os preconceitos, de todas as vaidades de raça, de religião e de cultura intelectual e investigar os factos tais como elles se apresentam, em cada indivíduo, em cada família e em cada

Perante a apresentação do material perante tantos e tão diversificados conhecedores do meio, uma conclusão vem a propósito: *a plena adequação do mesmo em relação às populações em causa*. Foi aliás o que colhi das respostas a esta três singelas perguntas: "O que é que acham destes desenhos? O que pensam dos elementos destas figuras? Qual a probabilidade de "tocarem" ou de "interessarem" os habitantes desta região, pertencentes ao grupo cultural ou grupos culturais que conhecem? Para além da adequação do material tomei nota das apreciações e das observações formuladas e tudo esteve presente na própria análise dos protocolos. Unanimemente: todo o material levará seguramente os sujeitos a referenciarem-se aos seus usos e costumes, ao seu universo de ideias e valores, de práticas e de crenças, à sua vida de todos os dias. Numa palavra: ao mundo imaginal que são.

A confiança que tais testemunhos me incutiram foi factor decisivo, em virtude do qual avancei para a observação de campo, para o contacto directo com os grupos de jovens de diferentes grupos culturais. Uma probabilidade bastante considerável, senão mesmo uma quase certeza de poder entrar em interacção com os sujeitos desses diversos grupos, portadores de elementos culturais próprios, vivenciais e vivenciados, justificava a minha intervenção no sentido de colher elementos que permitam afirmar a presença dum mundo imaginal muito próprio em cada um desses sujeitos.

Tal confiança ou quase certeza aparece confirmada por uma análise concreta dos elementos das estampas do T. A. T. banto. Em primeiro lugar, haveria que ter presente um pequeno quadro comparativo desses elementos, quantitativamente considerados. Em complemento seria de evidenciar em perspectiva etnográfica a importância real de alguns deles. A isso consagrei a pequena amostra de Angola antropológica: as diversas fontes de informação, particularmente os contos, as fábulas, os provérbios e os mais diversos rituais, diários, ocasionais e festivos abonam no

---

tribu, relacionando-os sempre com as condições do seu viver physica e moralmente considerado". Em *Ethnographia e História tradicional dos povos da Lunda*, Lisboa, 1890, p. 8-9.

sentido da validade do material que apresentei e com o objectivo com que o fiz: demonstrar a diversidade dos mundos imaginais que são as personalidades. Ou que a personalidade é, em perspectiva psicológica, mundo imaginal.

Quadro 2
Comparação das estampas

AUTORES / CARACTERÍSTICAS	LEBLANC	MURRAY	TOTAL
Relativamente simples	5	1	6
Simples	5	7	12
Relativamente complexa	2	3	5
Complexa	3	3	6
Muito complexa	—	1	1
TOTAL	15	15	30

MATERIAL BANTO

1.

* Uma personagem solitária segura um tambor entre as pernas, elevando o braço como que em movimento de percussão.

** Um tocador de tambor percute o tam-tam perante um grupo que se põe a dançar ou não. É frequente aparecer o grupo nestas estampas em que a figura se apresenta só.

*** simples.

---

* Descrição da estampa.

** "Leitura" (propriedade formal)

*** Complexidade (propriedade formal)

2.

* Uma personagem adulta segura com uma das mãos um pau ou instrumento cortante e com a outra segura um jovem, enquanto outro jovem se escapa.
** As interpretações positivas dão temas de danças, por efeito da estampa anterior. As interpretações negativas, o papel castigador, geralmente atribuído à mãe.
*** simples.

3.

* Uma mulher sentada sobre os calcanhares com as mãos na cabeça; uma criança está deitada a seus pés. De pé: no centro um adulto levanta os braços como que em súplica. Mais quatro personagens encontram-se de pé ou sentadas.
** Uma cena de luto pela morte duma criança ou dum adulto. Por vezes, trata-se apenas duma doença ou duma consulta ao feiticeiro. Também, o recurso à ajuda magico-religiosa.
*** complexa.

4.

* Duas personagens adultas, carregando embrulhos, avançam por um caminho, um atrás do outro. Ao fundo, três cubatas.
** Viagem ou regresso à aldeia dum casal ou de duas mulheres. Também pode ser a volta do trabalho no campo ou a entre-ajuda ou mesmo o cansaço. Menos frequentemente, a casa como lugar de segurança, referência ou protecção.
*** relativamente complexa.

5.

* Duas personagens, sentadas e rodeadas de serpentes.
** Um casal ou duas mulheres ou dois homens, vítimas dum ataque de serpentes. Ora fraqueza, passividade ou demissão diante do perigo, ora força mágica em que feiticeiros subjugam serpentes. Raramente, aparece o conteúdo sexual e quando aparece é para ser condenado.
*** simples.

6.

* Uma personagem com dois embrulhos na mão, caminha apressadamente entre a casa e a Igreja. Uma silhueta, pequena, segue-a.
** Viagens, partida para o mercado, roubo ou sentimento de culpa à vista da Igreja. Pai e filho ou mãe e filha que vão rezar.
*** relativamente simples.

7.

* Duas figuras femininas em volta dum almofariz: uma poisa o pilão sobre a cabeça da vizinha que está a esmagar o grão.
** Rixa ou quezília entre mulheres, por vezes, entre esposos. Um terceiro pode vir a entrar. As diversas razões de rivalidade ou ciúme entre mulheres aparecem. Preparação para a refeição, sem mais.
*** relativamente simples.

8.

* Personagem feminina, sentada sozinha com as mãos na cabeça. Nua até à cintura.
** Posição tradicional traduzindo a tristeza ou o luto. Rejeitado pelo grupo, homem ou mulher, espera e olha o horizonte na expectativa de alguém. Uma mulher abandonada pela família, ou esperando o marido de volta dos bares da cidade. Simplesmente, o tratamento dos cabelos.
*** simples.

9.

* Personagem feminina com uma criança ao colo; outra mexe uma panela que se encontra ao fogo. Cinco crianças jogam ou lutam; um homem chega com uma lança na mão.
** Cena de família, simplesmente: domina a alegria da volta duma caça rendosa e da refeição que se prepara. Ou então, um grupo reunido para a preparação e os encantamentos com remédios mágicos. Também, pancadas que caem sobre a mãe, dadas pelos filhos ou pelo marido.
*** complexa.

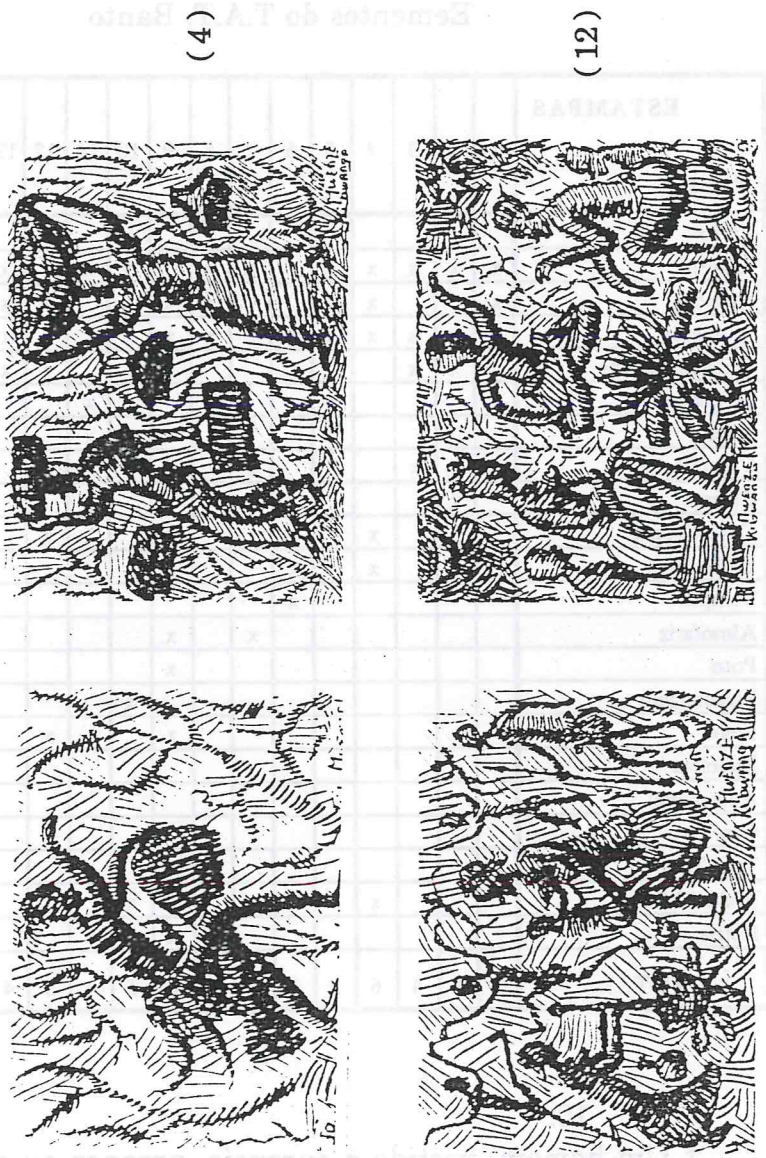


Fig.
Estampas do T.A.T. banto

Quadro 2
Eementos do T.A.T. Banto

ESTAMPAS / TEMAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	TOTAL
Livro										x					x	2
Árvores	x	x	x	x		x	x	x		x	x		x	x	x	12
Homens	x			x				x	x	x		x	x	x	x	9
Mulheres		x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x		x	12
Crianças/Jovens		x	x			x			x			x	x		x	7
Serpentes					x						x					2
Aves											x					1
Vara/Flecha		x	x				x		x						x	5
Catana		x														1
Casa/Cubata				x		x						x				3
Embrulhos				x		x										2
Templo						x										1
Almofariz							x		x							2
Pote									x							1
Personagem										x						1
Fogo									x			x				2
Bicicleta														x		1
Automóvel														x		1
Cão														x		1
Tam-Tam	x															1
Malas/Cabaz				x						x						2
Botija									x							1
TOTAL	3	5	4	6	2	6	4	3	8	5	4	5	4	5	6	70

10.

* Um homem, vestido à europeia, arranca ou coloca algo na mão dum banto o qual lhe aponta dois dedos enquanto que o outro levanta apenas um.

** Troca comercial entre europeu e africano, discussão entre homens em torno do preço da mercadoria; encontro marcado com uma "prostituta" banta, consulta a um feiticeiro ou prisão dum feiticeiro pela polícia.

*** relativamente simples.

11.

* Uma mulher recostada, com o peito descoberto. Uma serpente ergue-se diante dela e três passarinhos sobrevoam-na.
** Mulher cansada que se deita no campo. Atacada pela serpente vem a ser protegida pelos passarinhos. Frequente, o pecado da primeira mulher. E elementos sexuais: mulher que espera numa cama. Raramente, um homem estendido e a mulher avança em forma de serpente.
*** simples.

12.

* Ao cair da tarde, três figuras adultas e duas crianças encontram-se agrupados em volta do fogo.
** Cena de família ou familiar em que alguém conta as lendas de outrora e transmite os valores culturais duma geração à outra. Se está frio, a mulher aquece toda a gente com um bom fogo. Um chefe pode ser o centro desta reunião.
*** relativamente simples.

13.

* Quatro figuras adultas encontram-se semi-deitadas ou sentadas. Uma criança encontra-se no meio e duas sobre os lados.
** Na intenção do artista, esta cena devia evocar a iniciação. Só afecta certos adolescentes com uma componente agressiva. As mulheres aludem a adultos a preparar uma criança para o casamento. Os temas mais correntes: uma luta entre mulheres de polígamo. Uma visita de família a um doente, recorrendo ou não ao feiticeiro, educação das crianças na oração ou nas danças colectivas.
*** complexa.

14.

* Dois ciclistas descem das bicicletas. Um automóvel passa na estrada e um animal está ao lado do caminho.
** Medo perante o automóvel, causa possível ou real de desastres, sem referência a uma agressão personificada num condutor europeu ou negro. O animal também mete

medo ou causa desastres. Ou então, homens vão à procura de trabalho na cidade.
*** relativamente simples.

15.
* Duas figuras adultas: cada uma tem um livro na mão, e uma delas tem um pau na outra. Quatro crianças escutam.
** Cena escolar ou de ensino com digressões várias sobre o mundo ocidental. Monitores batem em alunos que reprovaram. Há quem fale de mulher, tentada por um grupo de homens: cena de vacinações, cena de batalha e/ou danças, pois as duas em geral coincidem. Tema de gravidez pela figura do centro.
*** relativamente complexa.

O MATERIAL GRECO-LATINO

O material do T. A. T , original de Murray, foi seleccionado atendendo a dois critérios principais: a ambiguidade de fundo, tanto quanto é possível determiná-la e justificar a sua importância; a possível aproximação dos elementos culturais, presentes nas estampas do T. A. T. banto, congéneres, quer no jogo nas personagens, quer no tema de fundo quer ainda na apresentação das cenas, apoiando-me para isso no testemunho de etnólogos, conhecedores do meio. O objectivo a atingir seria descobrir a incidência da diferença de material na semelhança ou na diferença da captação desse mesmo. Principalmente, para auscultação quase directa do fenómeno de aculturação, numa hipótese; para auscultação da temática de fundo de toda e qualquer personalidade, relativamente ao que constitui o mundo imaginal[46], noutra hipótese.

[46] Talvez, a partir destes elementos seja possível tentar uma outra hipótese, para futuras investigações, não já em perspectivação socio-cultural, mas de análise da personalidade propriamente dita.

1. — (1)

* Um moço encontra-se a olhar para um violino, colocado perante ele sobre uma mesa.

** Um moço e o violino, assim como uma relação entre eles são os elementos realçados. Por vezes, aparece algo debaixo do violino: mesa, a partitura, roupa...

*** simples.

2. — (18GF)

* Uma mulher aperta com as mãos o pescoço d'outra empurrando-a contra uma escada.

** Os elementos realçados são os dois perfis de mulheres e a atitude que se tenta explicar. Por vezes, segundo W. Henry, a cena não é vista como agressiva mas de ajuda. O segundo perfil, por vezes, é visto como de jovem e masculino.

*** relativamente simples.

3. — (13MF)

* Um jovem, de pé, com a cabeça metida num dos braços. Por detrás dele o perfil duma mulher deitada na cama.

** Os elementos captados: o homem, a mulher e uma relação explicativa da cena. Outros, secundários: os livros, a cama, a nudez da mulher.

*** relativamente complexa.

4. — (4)

* Uma mulher agarra um homem pelos ombros que afasta a face e o corpo como se a quisesse rejeitar, afastar.

** Os elementos captados: o homem e a mulher e a explicação da sua atitude. A figura feminina ao fundo é vista, ora como real ora como cartaz, ora entrando na cena ora sendo apenas imagem.

*** simples.

5. — (8GF)

* Mulher sentada, apoiando o queixo na mão, olha em frente, ao longe.

** A atitude sonhadora da mulher.

*** simples.

6. — (6BM)

* Mulher pequena, mas de idade, encontrando-se de pé volta as costas a um jovem alto e forte. Este, baixa os olhos como que perplexo.

** A mulher e o jovem e a relação explicativa; secundariamente, o chapéu e a janela.

*** simples.

7. — (9GF)

* Uma jovem, com uma revista e um porta moedas na mão, observa por detrás duma árvore uma outra jovem, em vestido de noite, a correr ao longo da praia.

** As duas mulheres e a explicação do facto de uma correr e de a outra espreitar. Secundariamente, a água, o vestido comprido, a árvore, os objectos na mão.

*** relativamente complexa.

8. — (3BM)

* Por terra, junto dum sofá, a forma dobrada dum adolescente, com a cabeça apoiada sobre o braço direito. O braço esquerdo estendido, perto dum revolver.

** Forma dobrada (homem ou mulher), em posição que tentam explicar. O objecto sobre o soalho, revolver, molho de chaves.

*** simples

9. — (17GF)

* Uma ponte sobre a água. Um perfil feminino debruça-se sobre a balaustrada. Em fundo, grandes edifícios e finos perfis masculinos.

** A mulher está em realce e a explicação do conjunto, de que sobressaem os pormenores: a ponte, a água, os perfis e até o sol (negro).

*** muito complexa.

10. — (18BM)

* Três mãos agarram um homem pelas costas. As formas dos adversários são invisíveis.

** O homem e as mãos. Secundariamente, a tensão da face e a desordem na roupa.
*** complexa.

11. — (3GF)
* Uma jovem de pé, cabeça baixa e a face escondida pela mão direita. O braço esquerdo estendido apoia-se sobre uma porta de madeira.
** A mulher, a sua posição estranha e a cena global, apenas negativa.
*** simples.

12. — (2)
* Cena rural: em primeiro plano, uma jovem com livros; em fundo, um homem trabalha, lavrando o campo e uma mulher de idade olha ao longe.
** Figuras separadas e cena global. Secundariamente, livros, árvore, arado, gravidez; e ainda cavalo, vedações, os sulcos, o vestir das mulheres, a musculatura do homem; por fim, o lago, a cabeça da mulher encostada à árvore.
*** complexa.

13. — (12M)
* Um jovem, deitado num divã, com os olhos fechados. Debruçado sobre ele, um perfil descarnado de homem de idade, estendendo a mão sobre o jovem deitado.
** As duas personagens e a explicação da situação estranha.
*** complexa.

14. — (12BG)
* Um barco ancorado na margem com árvores abundantes. Nada de presença humana.
** O barco, a natureza, ausência de figuras humanas.
*** relativamente complexa.

15. — (7BM)
* Um homem, com brancas,observa um jovem que fita o espaço com ar aborrecido.

** As duas personagens e a relação que pode haver entre eles.
*** simples.

Quadro 4
Elementos do T.A.T greco-latino

ESTAMPAS / TEMAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	TOTAL
jovem	x	x			x	x	x				x	x	x		x	9
Pessoas adulto		x	x	x		x	x			x		x	x		x	9
masc.			x	x		x				x		x			x	6
fem.		x	x	x	x	x	x				x	x				8
Violino	x															1
Mesa	x		x													2
Arco	x															1
Escada		x														1
Livros			x				x					x				3
Foto/imagem				x												1
Janela						x										1
Praia							x									1
Árvores							x					x	x	x		4
Person. isolados	x							x	x				x			4
Cama			x				x						x			3
Revolver								x								1
Sol									x							1
Casa									x			x				2
Rio									x							1
Ponte									x							1
Mãos										x						1
Porta											x					1
Campo												x				1
Cavalo												x				1
Barco														x		1
TOTAL	5	4	6	4	2	5	7	2	5	3	3	9	5	2	3	65

Assim ficou constituído o instrumento na sua característica de bifacetado, exigida pelo objectivo da pesquisa psicossociológica em torno do mundo imaginal

VI — DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Em Abril de 1970, partia de novo, com uma Bolsa da então Junta de investigações do Ultramar[46]. O objectivo prioritário ou último seria a aplicação das estampas do T. A. T. de Maria Leblanc. Essa decisão foi tomada depois de toda uma investigação bibliográfica e técnica nos centros europeus onde algo, embora não muito, se tinha feito até então, tantas vezes duma forma marginal e não específica, a nível de técnicas, delineamento de temas e problemas. No entanto, avulta de tempos a tempos algo de sugestivo, não quanto a uma observação específica nem sequer quanto à temática e muito menos quanto à perspectiva psicológica. Seguramente, toda uma série de elementos com outro som e a partir de outros contextos podiam ser colhidos com interesse. E foram-no.

Como já antes frisei, o objectivo que me propus era colher elementos culturais, enquanto vividos pelos sujeitos, adentro das

---

[46] À Junta de investigações do Ultramar, sucedendo à Agência geral do Ultramar, antes, das Colónias, muito deve a informação científica internacional: desde a geologia à antropologia, desde a química à ictiologia e à ornitologia, fitologia, etc., etc.. Basta consultar qualquer catálogo das obras e das monografias publicadas, na sequência ou não de missões cumpridas, para disso se formar uma ideia mais ou menos geral. No fundo, constitui tal iniciativa a concretização dum voto há longo tempo já formulado por um conhecedor do meio em termos de "exploração" que foi Henrique de Carvalho. Na Introdução a *Ethnographia e História tradicional dos Povos da Lunda*, como proveito da Expedição portuguesa à Mantuânvua e dirigindo-se ao Cons. B. de Barros Gomes, afirmava: "Não estão resolvidos ainda todos os problemas que respeitam às raças da África intertropical; mas também não deixa V. Exª. de reconhecer quanto urge dar todo o impulso e toda a protecção a quaisquer estudos e investigações desta natureza, para que as nações estrangeiras que deles se estão ocupando se não julguem os únicos nesta missão, nem continuem a apresentar-nos como incompetentes para esta ordem de trabalhos"(p. VIII), Lisboa, 1980.

constelações próprias ou pessoais dos mesmos sujeitos, isto é, imagens e/ou fantasias que constituem o mundo imaginal que cada um é. Também, possível se não provavelmente, em nível interpessoal no sentido de equacionar, dum outro modo, o tema-problema do símbolo em função da personalidade enquanto inserida em grupos e sociedades. Isto quer dizer que, sem ser por contraste e menos ainda por seguidismo, não me interessava analisar uma técnica, para a colocar em problema ou para afirmar a sua validade ou, ainda, criar uma nova técnica para fins específicos — embora não seja de colocar de parte. Por outro lado, também não me interessava uma análise de personalidades, de certas personalidades, num trabalho directamente clínico — directamente, porque indirectamente tal aconteceu voluntariamente — para uma quase generalização tão frequente quanto inconcludente: a personalidade ganguela, a personalidade kioka, a personalidade cuanhama, etc..

Em suma, o objectivo proposto era recolher uma pequena amostra de informações ou elementos sobre a situação de adolescentes e jovens, de ambos os sexos numa opção definida, em vista de projectos futuros, adentro da observação ou perspectiva clínica em Psicologia a partir das expressões de interacção personalidade-grupo cultural.

Atendendo à circunstância concreta do meio angolano, haveria que ter em conta duas facetas principais: em primeiro lugar, a personalidade como desenvolvimento ou o desenvolvimento da personalidade, pois me encontrava a tratar com adolescentes e jovens e até com pré-adolescentes, em interacção com o grupo cultural de origem, o qual constitui o factor específico[47] do seu desenvolvimento. E isto por duas vias: quer pela forma dessa interacção personalidade-grupo cultural, quer principalmente, por virtude do conteúdo dessa interacção. Este conteúdo, por sua

[47] Falar de factor específico só pode ter sentido se pensarmos em mais dois: o biótico ou equipamento hereditário, base do desenvolvimento, e o estrutural que é o decisivo, como o demonstrei (1988), em *Factor estrutural e desenvolvimento*.

vez, apresenta-se bifacetado. Esta, uma circunstância de imenso interesse, de enorme incidência e particular relevância que se deve realçar convenientemente para dela haurir todos os elementos, capazes de conduzir a investigação, quer psicológica quer psicossociológica em prática técnico-científica, mais além do que habitualmente se faz. As duas faces desta interacção consistem no seguinte: por um lado, um conteúdo que vem da experiênciação no meio e do meio socio-cultural banto, no prolongamento-aprofundamento de vivências que remontam à situação intra-uterina e que se encontram claramente presentes na própria situação escolar, em múltiplas manifestações, particularmente nas de característica circum-escolar. Por outro lado, teríamos o conteúdo que é apresentado, captado e/ou assumido por ocasião das actividades escolares de aprendizagem sistemática, com vistas a uma actividade futura, isto significa, mais ou menos próxima. Compreensivelmente, trata-se duma situação na qual a personalidade, em desenvolvimento quantitativo e qualitativo, regista uma forte interacção entre os padrões culturais do grupo tradicional banto e os que correspondem à sua promoção escolar e profissional, grupo europeu.

A amostra foi conseguida nas Escolas de preparação de professores de Posto da Bela-Vista, do Cuima e da Huila, por um lado, por outro lado, do ciclo e secundário de Bela-Vista, de Cabinda, do Jau e do Huambo e, finalmente, uma pequena amostra da Escola de enfermagem do Chiulo. Num total de 410 jovens angolanos. A distribuição por sexo é de 257 para o sexo masculino e 153 para o sexo feminino. E, por idades, a população estende-se dos 11 aos 24 anos (ver Quadro 6).

As observações foram praticadas após as férias da Páscoa, em plena época do cacimbo. Foram sempre aproveitados tempos lectivos, gentilmente cedidos pelas respectivas instituições. Isso permitiu evitar uma certa contaminação da informação, com incidência negativa, para aqueles que iam ser colocados seguidamente em experiência. Nesse ponto de vista, todos os meios foram utilizados no sentido de as circunstâncias serem o mais homogéneas possível no espaço-tempo de observação.

Quadro 6
População observada

GÉNERO DE ESCOLA	SEXO	FEMININO Idades 11 e 12	13 e 14	15 e 16	17 e 18	19 e 20	21 e 22	TOTAL PARCIAL	MASCULINO Idades 11 e 12	13 e 14	15 e 16	17 e 18	19 e 20	21 e 22	TOTAL PARCIAL	TOTAL GLOBAL
Professores de Posto	BELA VISTA	3	12	29	8	3	2	47	-	-	-	-	-	-	-	47
	CUIMA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	10	5	7	28	28
	HUILA	8	19	25	16	10	-	78	-	-	-	-	-	-	-	78
Ciclo e Secundário	BELA VISTA	-	3	10	2	-	-	15	5	10	12	-	-	-	27	42
	HUAMBO	-	-	-	-	-	-	-	8	10	14	15	10	-	57	57
	CABINDA	-	-	-	-	-	-	-	3	11	15	1	-	-	30	30
	JAU	-	-	-	-	-	-	-	16	35	32	18	6	-	107	107
Enfermagem	CHIULO	-	2	3	2	4	2	13	-	-	-	3	4	1	8	21
TOTAIS		11	36	57	28	17	4	153	32	66	79	47	25	8	257	410

Na sala de observação encontrava-se o investigador, sempre só com os/as jovens que se apresentavam em pequenos grupos de 15 no máximo. Antes de entrar em relação directa com os sujeitos em experiência, ninguém fazia qualquer comunicação ou estabelecia qualquer contacto acerca dos testes ou da experiência. Procurou-se também evitar, o mais possível, o contacto-informação entre grupos. O observador apresentava-se a ele próprio, quer como pessoa quer como técnico, para evitar que a apresentação feita por outros deturpasse a situação ou introduzisse variáveis parasitas: insistência sobre este ou aquele aspecto, ênfase para esta ou aquela tarefa, exigência de respeito e/ou obediência, etc., elementos estes que variariam, inevitavelmente de instituição para instituição, limitando as possibilidades de comparação. Essa foi efectivamente uma preocupação permanente: *a identidade*, tanto quanto possível, da *situação experimental*. No fundo, para os diferentes grupos, tudo se resumiria em dois riscos graves a evitar a todo o custo: o primeiro diz respeito à tentativa de incitar os sujeitos a "responder o melhor possível", por transposição e contaminação fácil da situação de exame e de sucesso escolar. O segundo, por seu lado, diz respeito à tentativa de escapar às sequelas da relação pretos e brancos.

Em cada sequência de observações, separava-se a primeira experiência da segunda por uma conversação, num clima de total espontaneidade, favorecida pela relativa facilidade das experiências anteriores. Desse modo, eram apresentadas as mais diversas perguntas e tudo era conduzido no sentido de salientar as diferenças entre os dois tipos de tarefas: uma de mera performance e de execução orientada para um resultado, concretizado num escore, em que as respostas seriam cotadas em termos de certas ou erradas; a outra, pelo contrário, não comportava nenhuma dessas características, tendo como objectivo apenas que cada um dissesse o que mais facilmente pudesse ou lhe passasse pela cabeça, pois se visava exclusivamente a deixar a "imaginação à vontade, dar um lugar à "fantasia". Intermediariamente, aconteceria uma experiência, realmente intermédia. Esta estratégia teve como consequência que variados temas de psicologia, de pedagogia e até de didáctica viessem à baila e fossem directa ou

indirectamente contemplados, aumentando assim o clima de espontaneidade e de descontracção para boa execução da tarefa respeitante ao T. A. T. .

As observações desenrolaram-se invariavelmente adentro de uma sequência do seguinte teor: uma pequena prova de vocabulário de 12,30 minutos e outra de compreensão-relacionação de 12 minutos. Seguidamente, utilizava com fins práticos e também para colheita de informações, o questionário das três personagens. A passagem dum tipo de observação experimental para outro tipo de observação estava assegurada. O intervalo ia continuá-la e realçá-la. A tarefa seguinte era uma prova de fantasia.

A experiência de vocabulário[48] destinava-se a avaliar o nível de escolarização, sob o ponto de vista do conhecimento duma língua, diferente da língua materna, ao nível do exame da 4ª classe (4º ano de escolaridade). Trata-se duma prova colectiva, "papel e lápis", sob a forma dum caderno. Na administração da prova utilizei diapositivos, reproduzindo cada um meia folha do caderno da experiência, ou seja, 10 imagens. Os sujeitos dispunham duma folha, englobando tantos traços horizontais quantas as figuras do diapositivo. A designação ou a palavra própria para nomear cada figura era escrita sobre o traço correspondente. No total, havia 125 objectos-figuras, bastante conhecidos: animais, vegetais, instrumentos vários do dia-a-dia...

A duração global da experiência foi de 12' e 30", correspondendo a 6" para cada figura ou 1' para cada diapositivo, excepto para o último o qual continha apenas 5 figuras.

As instruções, mais ou menos estandardizadas, consistiam sempre no seguinte: "Vão ser projectados perante vós cerca de 100 desenhos, os quais representam ora objectos, ora animais, ora outras coisas que vós conheceis bem. O vosso trabalho consiste simplesmente em escrever, duma forma legível, sobre o traço que se encontra na folha, correspondente ao traço que se encontra sob o desenho, a palavra, em português, que designe cada desenho.

"Vamos fazer em conjunto alguns exemplos: neste diaposi-

---

48 Pierre Boppe — *Teste de Vocabulaire, pour faible niveau*, Ét. Appl. Psychothecniques, compreendendo um manual e um caderno de respostas.

tivo que está a ser projectado, há 5 desenhos. O primeiro representa uma mesa: é a palavra mesa que deveis escrever sobre o primeiro traço. O segundo representa uma laranja. Sobre o segundo traço escreveis a palavra laranja. Compreenderam bem o que é preciso fazer?

"Agora ides fazer o mesmo para os três restantes desenhos, escrevendo claramente os nomes dos objectos. (Verificação cuidadosa).

"Está muito bem. As palavras que era preciso escrever, eram exactamente mão, carreta e ovelha. Para o último, se alguém escreveu carneiro em vez de ovelha, não tem importância. Atenção: não é necessário escrever o artigo antes da palavra. Isso faria perder tempo.

"Agora vamos passar toda uma série de desenhos do género. Se vos enganardes perante um desenho de que não sabeis o nome, deixai-o, para não perderdes tempo e passai ao seguinte. Se vos enganardes, riscai o que escrevestes e escrevei outra palavra por cima.

"Toda a gente compreendeu bem o que tem a fazer?

"Atenção: durante a experiência deveis trabalhar o mais rapidamente possível sem fazer perguntas. Insisto: não escrever o artigo, mas apenas a palavra.

"Vamos começar".

A correcção praticada nos diversos grupos consistiu em atribuir 2 pontos por palavra correcta e bem escrita, 1 ponto por palavra em transcrição fonética, capaz de salvaguardar a compreensão, quando lida. A população de referência foi um grupo marroquino e um grupo de Congo-Brazzaville, muito próximo do angolano.

A 2ª experiência foi de "inteligência geral"[49], melhor, relacionação-comparação de elementos e de situações, também dito "teste dos desenhos a completar". Como em técnicas do género, trata-se de símbolos ou desenhos, dispostos numa certa ordem, não arbitrária, antes mais ou menos numa sucessão

[49] Pierre Boppe — *Teste d'intelligence générale*, Paris, 1936: Manuel d'instructions et Cahier des planches à compléter.

lógica em que a regra fica para descobrir e, desse modo, permitir completar o desenho que falta. No caso em aplicação, havia, numa progressão suave de dificuldade, quatro hipóteses para completar um desenho que era proposto como falho.

A apresentação do material foi efectuada através de diapositivos e em passação colectiva, prevista para quase todas as técnicas do género. Cada problema, compreendendo o desenho a completar e as quatro possibilidades dispostas em quadrado sob esse desenho, ocupava um diapositivo. Ao todo, eram trinta e seis diapositivos: o tempo de projecção de cada diapositivo era de 20", sendo 12' o tempo global da experiência.

As instruções são relativamente simples na medida em que os problemas são bastante simplificados. Importava, no entanto, ter a garantia da boa compreensão da tarefa: "Reparai nesta figura: é um grande desenho, que está incompleto, como vedes, falta-lhe um pedaço. A vossa tarefa consiste em completar bem este desenho. Reparai agora nos quatro pequenos pedaços que se encontram aqui debaixo. Destes quatro, há só um que pode completar o desenho de cima. Se coloco o pedacito n. 1 não consigo completar; não tem os mesmos traços. Não é este que interessa. O n. 2 também não serve. O n. 3 também não serve. Ao passo que se coloco este pedacito n.4, estais a ver que o desenho fica completo e bem terminado.

"Toda a gente compreendeu bem?

"Vamos a uma segunda demonstração.

"Como estais a ver, há aqui uma pequena roda, dentro da qual se encontra um algarismo. Vamos a encontrar o pedacito que pode servir para completar o desenho grande. Quando o encontrardes, reparai qual é o algarismo e colocai esse algarismo sobre o traço da vossa folha de respostas que tendes na vossa frente.

"Vamos à demonstração: qual é o pedacito que completa o desenho grande? O n. 1 não serve porque se encontra invertido. o n. 2 também não serve, pois é demasiado grande. O n. 3 é o único que pode completar o desenho grande. É o algarismo 3 que ides colocar sobre o traço da folha de respostas. O n. 4 não servia por que é todo preto e não aos traços como o 3 e o desenho grande.

Faz-se outra demonstração realçando a variedade dos desenhos e a importância das suas características.

"Toda a gente compreendeu bem a tarefa, o que tem a fazer?

"Agora vamos passar mais um conjunto de desenhos deste género: haverá sempre um desenho grande que é preciso completar e quatro pedacitos para o completar, e em cima de cada pedacito uma roda com um algarismo. Tendes de escolher o pedacito que convém para completar o desenho grande. Não esqueçais: há que ver qual é o algarismo desse pedacito para o colocar sobre o traço que corresponde a esse desenho. Dai atenção: há sempre um e um só pedacito que convém para completar o desenho. Há desenhos que vão sendo progressivamente mais difíceis. Mas há sempre uma solução. Sobretudo, não respondais ao acaso.

"Toda a gente compreendeu bem o que acabo de explicar?

"Então vamos começar o vosso trabalho de responder, escolhendo o pedacito que completa o desenho grande e escrevendo o algarismo desse pedacito na linha correspondente, na vossa folha de respostas".

A cotação é simples: 1 ponto por resposta certa.

E, no entanto, não me pareceu suficiente ficar por aqui. Sem ser indispensável, poderia ser vantajoso criar uma situação de passagem, de transição. Não prejudica as exigências de estandardização das técnicas projectivas e estabelece uma ponte entre as técnicas de nível — respostas certas e respostas erradas, tempo fixo — e a técnicas projectivas — nem respostas certas nem respostas erradas nem tempo pre-fixo.

Nesse sentido, utilizei o "teste das três personagens". Diz M. Backes-Thomas: A partir dum certo momento "perguntamo-nos se a palavra, mais ainda do que o desenho figurativo, não deixaria um campo livre às projecções imaginárias. Daí, veio-nos a ideia de construir uma prova projectiva verbal simples, facilmente traduzível, a qual activasse uma aptidão comum a todos os homens: por exemplo, contar uma história"[50]. Assim diz a

---

50 Madeleine Backes-Thomas — *Le test des trois personnages*, Neuchâtel, 1969, p. 10). E acrescenta: "La structure naturelle du discours aparaissait: imaginer des personnages, les décrire, les mettre en relation, les mettre en situation, laisser jouer la dynamique affective qui conduisait (ou ne

instrução inicial do teste: "A vossa tarefa consiste em imaginar três personagens". O interesse desta situação de análise psicológica que me levou a intercalá-lo no conjunto da observação experimental efectuada em Angola repousa em variadas razões. A sua simplicidade e a sua abertura às mais variadas situações, tanto individualmente considerado, como colectivamente. Torna-se, portanto, um instrumento capaz para uma análise de tipo psicossociológico, particularmente na vertente transcultural. Backes-Thomas teve esse objectivo claramente em vista. Com efeito, "Na construção do nosso material verbal tivemos em vista três objectivos: 1. comunicar facilmente com os sujeitos dos mais diversos níveis culturais... 2. facilitar as projecções... 3. ultrapassar as barreiras culturais... (1969, 59-60). Trata-se, além disso, duma prova, dum método ou duma técnica a exigir apenas que imaginemos três personagens e que as façamos existir, relacionando-as, relacionar-se, situando-as umas perante as outras, através duma história a evidenciar algo de sempre interessante das personalidades e de suas situações vivenciais.

Trata-se dum teste verbal com vinte tarefas e um comentário. As tarefas consistem em imaginar as três personagens, estabelecer relações entre elas, colocando-as em situação, chegando a um desfecho. O facto de haver perguntas sucessivas, vantajosamente lidas sucessivamente e não dizer apenas "imaginai três personagens e inventai uma história a seu respeito" foi importante para a condução da minha pesquisa, para além de ser a proposta da Autora do teste. Com efeito, convinha facilitar a

---

conduisait pas) à un dénouement... Trois personnages sont nécessaires et suffisants pour tout exprimer d'un univers personnel. Il fallait donc créer une épreuve à trois personnages". Depois de aplicações em grupos socio-culturais diferentes conclui: " Notre expérience montra qu'il est assimilé par chacun à son propre cadre culturel, ce qui permet aux projections de s'opérer aisément" (p. 11). Seria de lembrar que esta criação de M. Backes-Thomas foi precedida por uma outra, verdadeira iniciativa: "Le test des trois personnagens a une pre-histoire: em 1936, sur le conseil d'André Rey, Professeur à l'Institut J. - J. Rousseau de l'Université de Genève, notre mémoire de diplôme fut consacré à la création de l'une de ces épreuves que Frank devait plus tard (1939) qualifier de "projectives". Il s'agissait d'*Histoires à compléter* (Thomas, 1937) pour enfants, à l'usage de consultations medico-psychologiques. (p. 9)

passagem das provas de nível — linguagem e raciocínio — para a prova propriamente projectiva, a partir dum material pouco explícito, como acontece serem as estampas do T. A. T. e, ainda mais, pedindo para inventar uma história para cada estampa.

Ao praticá-lo em Angola, foi notória e notável uma certa surpresa, mesmo curiosa, naqueles e naquelas jovens. Possivelmente ou, mesmo, provavelmente uma surpresa que resultou da impressão de se descobrir a si próprio a falar de outros, ora indiferentes, ora longínquos, ora tão perto deles próprios. Sob este ponto de vista, foi seguramente um elemento poderoso no desencadear de abertura ou à-vontade adentro da experiência de conjunto, que se traduziu numa maior riqueza de expressões nas histórias do T. A. T., principal objectivo da nossa observação e colheita de dados.

Relativamente ao T. A. T., utilizei igualmente diapositivos. Pratiquei também passação colectiva por variadas razões e em acordo com autoridades neste domínio. Na construção dos diapositivos, respeitei as dimensões próprias das estampas, muito particularmente a disposição das figuras no todo da estampa, com particular relevo para as margens que caracterizam as diversas estampas. Parece, ao que dizem e foi um facto constantemente verificado, apresentar as figuras em dimensões próximas do tamanho natural toca mais directamente a sensibilidade ou provoca mais directamente as sensações, ficando, pelo facto mesmo, mais facilitada a percepção. Por outro lado, leva a uma melhor aceitação da cena propriamente dita a partir duma certa curiosidade sobre o que se passa. A passação colectiva, por seu lado, pode merecer certos reparos. No entanto, pensando na situação concreta dos sujeitos africanos, embora não só, a passação colectiva permite maior individualização da resposta, maior à vontade na sua construção, assim como nos elementos a avançar. O ser posta por escrito não constitui problema para os africanos escolarizados como é o meu caso.

Para cada grupo, os diapositivos projectados eram sempre 15: quer na passação mista (7+8 ou 8+7 de cada grupo de estampas, conforme começava por um ou por outro dos T. A. T., banto ou de Murray). Eram dados 5 minutos para cada diapo-

sitivo ou para cada história. Cada diapositivo ocupava o écran durante três minutos. Procurava, deste modo poder contribuir para que a história não ficasse demasiado escrava da estampa.

As instruções foram invariavelmente as seguintes, com o cuidado de conservar um certo tom neutro, na explicitação da tarefa a executar: "Nas aldeias africanas é costume contarem-se histórias em volta do lume e as pessoas gostam muito de o fazer. São ainda conhecidas muitas dessas histórias nas aldeias. As histórias dum grupo constituem o fundo da sua civilização e da sua literatura. Gostaria de saber como é que os angolanos constroem as suas histórias.

"Para vos ajudar, vou mostrar-vos desenhos, feitos por um africano-banto. Olhando bem para estes desenhos e partindo deles, ides tentar contar uma história para cada um dos desenhos. Começai por contar o que fizeram ontem, seguindo para o que fizeram hoje ou estão a fazer e como é que a história vai acabar amanhã ou depois, sem dia fixo".

Deixei um certo tempo para esclarecer algumas dúvidas. Após estes esclarecimentos começava imediatamente com o primeiro diapositivo. E começava, confiante no treino preparatório com a experiência das "três personagens".

Face à vantagem e mesmo necessidade de adoptar um critério para ajuizamento geral dos resultados, comparei os meus resultados com os de outros investigadores[51] e posso concluir que se trata duma produtividade normal. Com efeito, cada história ocupa em média quatro linhas e meia/cinco. As quinze histórias, no seu conjunto somam um total de setenta e duas linhas. Curiosamente, mantém-se mais ou menos estável no decorrer da experiência, independentemente da progressão de qualquer dos grupos no contacto com as estampas.

---

[51] Maria Leblanc obteve no Kolwezi, em média, 3,79 linhas por cada história e 56,86 para as 15 histórias. W. E. Henry, entre jovens índios de 5 a 8 anos, obteve a média máxima de 26 linhas. Tudo isto, evidentemente reveste-se duma grande relatividade. No entanto, havia que procurar algum critério para avaliar a produção em termos de normalidade. Daí o recurso a outros investigadores. O melhor sucesso obtido no meu caso dever-se-á ao melhor conhecimento da língua? A passação colectiva permitindo mais à vontade? Importa é que foi favorável.

Os dados ora apresentados fazem parte dum conjunto mais vasto, que engloba sete grupos culturais distintos, embora aculturalisticamente aproximados. São eles: os cuanhamas, os muilas, os ganguelas, os kiokos, os vimbundos e os kimbundos. Os fiotes constituem a população apresentada nesta monografia, como exemplo concreto da investigação de campo.

Os fiotes constituem uma parcela do grupo Bakongo, distribuído pela República popular do Congo (Brazzaville), pelo Zaire (Kinshasa) e por Angola, principalmente no que diz respeito ao enclave de Cabinda. O Enclave de Cabinda, geograficamente falando, situa-se a noroeste de Angola.

A escolha dos fiotes para monografia de campo aconteceu por se tratar dum grupo linguístico perfeitamente autonomizado, em termos de escolarização e duma cultura bastante homogénea e analisada em bastantes das suas componentes. Aqui procurei não apenas definir o imaginal que é a personalidade e cada personalidade, mas sobretudo determinar a síntese vivencial constituída pela situação de interpenetração de elementos culturais, tecnicamente dita aculturação tendo em vista o método e o processo de análise e a perspectiva de transformação cultural[52].

Neste espaço geográfico do Enclave de Cabinda, trabalhei com três grupos socio-culturais homogéneos. A dois dos grupos apresentei alternadamente uma estampa greco-latina e uma estampa banto, do seguinte modo: ao primeiro apresentei sete estampas de Murray e oito de M. Leblanc; ao segundo, apresentei sete estampas de M. Leblanc e oito de Murray. Ao terceiro grupo, finalmente, apresentei apenas estampas do tema banto (M. Leblanc) (ver Quadro 7).

Pareceu-me operacional. Com efeito, tentei isolar duas hipóteses: num grupo homogéneo que influência poderá exercer sobre os sujeitos começar por uma estampa de Murray ou por uma estampa de M. Leblanc? Na medida em que eram apresentadas alternadamente, haveria um efeito inicial que podia ser impor-

---

[52] Como se trata em pleno do cultural, o desenvolvimento deste tema e sua justificação, sobremodo interessante, embora sempre subjacente nesta monografia, ficará para o 2º tomo ou a realidade cultural.

tante. Tentei determinar a incidência do começar por uma cena ocidental e seguir por uma angolana, alternadamente, o que poderia, poderá dar uma comparação dos resultados entre estes dois grupos. E o que dará comparar estes resultados, das duas situações anteriores, com os resultados obtidos na outra situação, aquela em que as estampas do T. A. T. banto, aparente ou realmente mais próximas dos sujeitos foram as únicas apresentadas e todas seguidas.

Deste modo e por virtude da situação em si mesma considerada, parece que se pode considerar excluído qualquer factor de limitação ou de inibição. Destas diversas comparações efectuadas, algo pode ser proposto, em termos de reflexão. Se não houver diferenças significativas, pode ficar claro como hipótese válida e, talvez, valiosa que a personalidade, cada personalidade, qualquer que seja o seu grupo cultural de pertença e/ou de referência, longe de ser produto de algo como a hereditariedade ou o meio é, rigorosamente "produto de si própria". Cada personalidade é construção permanente do mundo imaginal que é, a partir dum projecto existencial próprio. E isto a partir do que é básico, para o humano, o código genético e a partir do que é especificamente humano, ou seja, o ambiente cultural, aquela cultura que nos permite adquirir cultura (escolar), sem que esta, por si, enquanto tal, vá contra aquela.

Para esta experiência, base desta monografia, a população ficou constituída por três grupos de dez sujeitos cada, depois de excluídos alguns sujeitos por virtude dos resultados obtidos. Estes resultados dizem respeito às técnicas de nível — vocabulário e relacionação — e eram de tal modo que não davam confiança nas possibilidades de compreenderem as tarefas ou de poderem exprimir correctamente e correntemente, em português, as "histórias" ou ainda por virtude de as histórias serem demasiado pobres ou incompletas[53].

A prova do vocabulário, para sondagem da capacidade

[53] Tratava-se de alunos do ciclo preparatório e do ensino secundário. Eram todos do sexo masculino e com uma média de idade situada nos 14 anos e 5 meses.

verbal, deu uma média no grupo global de 150 respostas certas, sobre 250 o que corresponde a uma percentagem de 60%. Por seu lado a prova de raciocínio para detectar a capacidade de relacionação-compreensão deu uma média, no grupo global de 24,4 sobre 36 respostas e uma percentagem de 67,7%. Podia supor-se que a compreensão das instruções ia ser globalmente boa e a verbalização ia acontecer em boas condições.

Por seu lado, a prova das três personagens serviu, como acima ficou dito, para preparar a prova projectiva. Os resultados foram bastante interessantes, ou seja, revestiram-se de grande interesse no sentido de mostrar a facilidade com que os sujeitos entraram no jogo de imaginar as acções e interacções das personagens totalmente inventadas por eles próprios. Já na prova das três personagens encontram-se elementos europeus e africanos numa mistura claramente alheia a qualquer consideração do tipo selecção de perspectivas ou selecção de ideias e valores.

A prova principal, o T. A. T., foi apresentada segundo as normas estandardizadas, a fim de facilitar o tratamento quantitativo.

Os dados conseguidos situam-se, uns na questão prévia das condições mínimas para a verbalização das histórias: vocabulário e compreender a tarefa proposta; outros vão de encontro à questão de fundo.

Os resultados obtidos na amostra quer relativamente ao teste de vocabulário quer relativamente ao teste de relacionação, permitem-nos uma certa confiança nos resultados que mais nos interessam e que são os da experiência com o T. A. T.. No que diz respeito ao teste de vocabulário, os resultados da população padrão, em média, oscilam, segundo uma escala de 1 a 9, entre 204 (1) e 9 (9) respostas certas. Nesse caso, a amostra colhida, tendo obtido em média de palavras certas 161,79, situa-se perfeitamente no grau 3 o qual compreende uma média de palavras entre 150 e 189.

Podemos concluir que se trata de jovens que, apesar de o português não ser a língua materna, manejam razoavelmente o vocabulário, tendo em conta ainda a talvez exagerada rapidez da passagem dos diapositivos.

Quadro 7
Amostra trabalhada

IDADE / GRUPO	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	TOTAL	Média
Banto	—	—	—	2	4	3	1	10	15,3
Greco-latino - Banto	1	1	1	3	4	—	—	10	13,8
Banto - Greco-latino	1	—	1	4	1	3	—	10	14,3
TOTAL	2	1	2	9	9	6	1	30	14,5

Quadro 8
Dados das provas de nível

PROVAS DE NÍVEL / GRUPO		Banto		Banto Greco-latino		Greco-latino Banto		TOTAL	
		média	%	média	%	média	%	média	%
Relacionação		26,5	73,6	22,0	61,1	24,6	68,3	24,4	67,7
Vocabulário	Respostas correctas	81,8	65,5	63,9	51,1	67,8	54,2	71,2	56,9
	Respostas não correctas	5,9	4,7	10,0	8,0	7,5	6,0	7,8	6,3
	Respostas falsas	37,3	29,8	51,1	40,9	49,7	39,8	46,0	36,8
	Compreensão corr.+1/2 corr.	87,7	70,2	73,9	59,1	75,3	60,2	89,0	63,2
TOTAL		169,5	67,8	137,8	55,1	143,1	57,2	150,1	60,0

Relativamente à relacionação-compreensão, a população padrão distribui-se, numa escala de 1 a 5 sendo 33 (1) e 15 (5). A amostra colhida situa-se no grupo 3 que compreende de 21 a 26 respostas certas, e a média da população em estudo é de 24,4%. Por outro lado, a percentagem ficou por 67,7 de respostas certas (ver Quadro 8). Apesar de tudo pode constituir um mínimo de condições para a compreensão da tarefa a executar no T. A. T., tendo em conta a diversidade da apresentação das imagens e um certo domínio do português para redigir as "histórias".

Vamos dar um pouco mais de atenção aos dados relativos às "histórias" do T. A. T.. Eles constituem o interesse maior e o objectivo principal da experiência de campo.

A problemática de fundo que procurava equacionar era a da interpenetração de elementos culturais por criatividade. Ou seja, a realidade do mundo imaginal que é cada personalidade, enquanto construção progressiva, a partir da interacção adentro dos seus grupos de pertença e de referência, na globalidade de uma sociedade, acontecerá paradigmaticamente na situação de aculturação? Esta situação humana de aculturação, claramente própria, nas suas características de presença diversificada de "ideias" e de "valores (Memorandum, 1936), como se apresenta o caso da amostra analisada, presta-se particularmente para observar a interpenetração dos elementos culturais, a começar pelas próprias palavras. Seria interessante, além disso, tentar ver como tudo isso se estrutura em conjunto, numa personalidade, sem atropelos, mais ainda, sem conflito e/ou subsequente perda. O que poderá vir a verificar-se, como se verificou no passado em situações históricas semelhantes (exemplo das línguas novi-latinas), é a transformação dos elementos culturais, a começar pelas próprias palavras, por virtude da criatividade exercida sobre os elementos recebidos do grupo e em grupo por cada personalidade, adentro do seu processo de sociogénese ou desenvolvimento da capacidade de interagir, comunicando e de comunicar, interagindo.

Na observação experimental praticada, a variável dependente é constituída pelos resultados, apurados a partir da técnica projectiva, o T. A. T., em duas formulações: a original, euro-ame-

ricana de Murray e a versão banta de M. Leblanc, como acima referi. Foram testados dois grupos de diferenças: uma delas, as palavras significativas ou importantes, segundo os critérios da psicolinguística; outra, a expressão-manifestação dos conteúdos vivenciais, enquanto elementos personalizados em cada sujeito. E estas diferenças, em dois níveis: o global e o de estampa a estampa. Para observação-captação destes dois tipos de diferenças, em termos de resultados, criei três situações: a primeira era constituída por dez sujeitos, cujos protocolos do T. A. T. resultaram da passação exclusiva das estampas bantas. A segunda e a terceira situações eram constituídas por vinte sujeitos no conjunto, com os quais pratiquei uma passação mista: a um grupo de dez sujeitos mostrei oito estampas do T. A. T. banto e sete estampas do T. A. T. euro-americano; com o outro grupo pratiquei o inverso: mostrei oito estampas do T. A. T. euro-americano ou de Murray e sete do T. A. T. banto de Maria Leblanc.

Olhando aos gráficos 4,5 e 6, verifica-se com facilidade que os conteúdos expressos, quer enquanto palavras significativas, quer enquanto conteúdos vivenciais, revelados pelas histórias contadas a partir das estampas, apresentam uma distribuição, nos *três casos*, cujo sentido é facilmente detectável. Se, como é frequente dizer e mesmo escrever-se, a cultura europeia foi imposta ou havia a intenção de dominar ou destruir a africana, esta nem deveria aparecer nos conteúdos dos protocolos. Colocando-se na outra perspectiva, também propalada e mais geral, dos conflitos de cultura, pela mesma razão a cultura europeia ser dita imposta, apenas porque é mais eficiente em termos técnicos, devia dominar ou absorver a globalidade das expressões dos sujeitos. Por outro lado ainda, atendendo à força da aprendizagem escolar sistemática e à sua validade em termos de promoção, os elementos europeus deviam dominar quase senão completamente.

Daí as duas perguntas seguintes:

1ª pergunta: encontra-se-á diferença significativa entre a produção de palavras importantes ou características dum fundo linguístico, nos três grupos experimentais: os dois de passação mista, entre si e cada um com o da passação das estampas exclusivamente bantas?

Gráfico 4

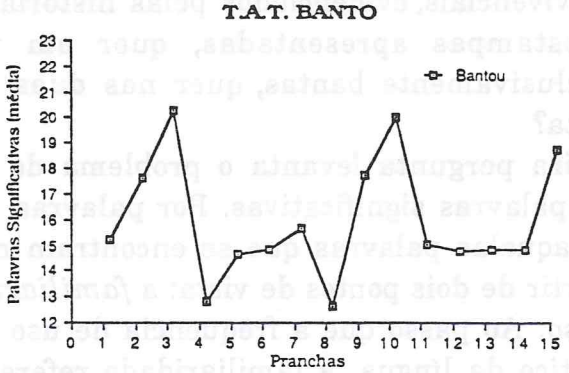


Gráfico 5

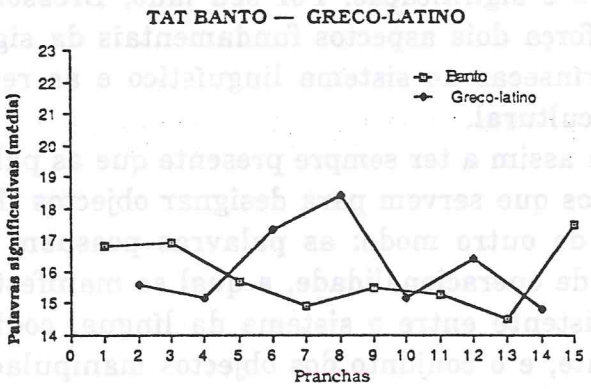
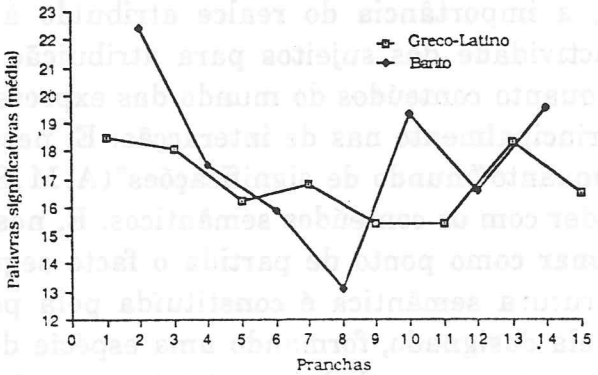


Gráfico 6



2ª pergunta: encontrar-se-á diferença significativa entre os conteúdos vivenciais, evidenciados pelas histórias contadas, a partir das estampas apresentadas, quer em passação de estampas exclusivamente bantas, quer nas duas situações de passação mista?

A primeira pergunta levanta o problema do que se pode entender por palavras significativas. Por palavras significativas entendem-se aquelas palavras que se encontram numa relação estreita, a partir de dois pontos de vista: a *familiaridade* e a *frequência de uso*. Ao passo que a frequência de uso constitui um índice estatístico da língua, a familiaridade refere-se à linguagem, enquanto característica dum sujeito dado. Noble (1952) mostrou inequivocamente a relação estreita que se encontra entre familiaridade e significação. Por seu lado, Bresson (1963) distingue com força dois aspectos fundamentais da significação: as relações intrínsecas ao sistema linguístico e as relações com o grupo socio-cultural.

Haveria assim a ter sempre presente que as palavras constituem símbolos que servem para designar objectos (R. W. Brown, 1958). Dito de outro modo: as palavras possuem uma grande componente de operacionalidade, a qual se manifesta na relação concreta, existente entre o sistema da língua, codificada socio-culturalmente, e o conjunto dos objectos manipulados ou manipuláveis e/ou das situações concretas vividas. Deste modo ou neste contexto não interessava para aqui a pura reflexão linguística, mas apenas estabelecer um intermediário, uma espécie de ponte entre o rigorosamente linguístico e o vincadamente psicológico. Daí, a importância do realce atribuído à significação, enquanto actividade dos sujeitos para atribuição de valor aos objectos, enquanto conteúdos do mundo das expressões da personalidade, principalmente nas de interacção. E, neste sentido, as palavras, enquanto "mundo de significações" (A. M. Santos, ^{2}1989), vão se prender com os conteúdos semânticos. E, neste particular, podemos tomar como ponto de partida o facto seguinte: a mais simples estrutura semântica é constituída pela palavra e pelo objecto por ela designado, formando uma espécie de "par". Cada elemento do par, por seu lado, constitui uma estrutura, englo-

bando, um deles, a natureza e o número dos elementos físicos (objectos e palavras) e o outro, as relações estabelecidas pelo sujeito entre esses objectos e essas palavras. E aqui se apoia o interesse da quantificação das palavras significativas, numa situação experimental como a que nos ocupa. Como o demostrou Dramaud du Boucheron (1970): "cada sujeito "agarra" um certo número de características dos objectos, analisa-as e distingue-as, efectuando a sua distribuição em classes, segundo uma regra de classificação, entre outras possíveis". O mesmo é dizer que, à luz da psicologia actual, a percepção constitui uma elaboração activa dos objectos a partir de um ou vários indicativos sensoriais[54].

É o que acontece com os grupos, cujos resultados se encontram em análise, a partir da amostra do grupo fiote. Aplicadamente: a familiaridade pode ser vista como um intermediário entre a frequência das situações e a frequência da utilização de palavras correspondentes na linguagem explícita. Como diria Fraisse (1963a e b): "é legítimo pensar que a capacidade de distinguir entre a familiaridade das situações e a familiaridade das palavras que as designam se encontra em relação com o nível cultural". E assim poder-se-ia dizer com acerto que a frequência de uso diz respeito à *língua* — realidade socio-cultural — e a familiaridade refere-se à *linguagem* ou a expressão pessoal da língua, implícita ou explicitamente. As palavras significativas expressam ou manifestam um mundo pessoal que é, sempre, um mundo imaginal.

Quanto à primeira pergunta, a qual diz respeito à presença de palavras significativas empregues pelos sujeitos, encontramos, no que diz respeito às estampas do T. A. T. banto (15 estampas), uma média global de 15,7, oscilando entre 12,4 e 20,0 relativamente às estampas e entre 10,5 e 23,1 relativamente aos sujeitos (Quadro 1 - anexo): o que não deixa de ser interessante este

---

54 "Il n'est plus utile de souligner l'importance du langage dans sa fonction intégrative de la personnalité à l'intérieur du milieu physique, psychologique et sociale dans lequel se trouve l'individu... S'intéressant au langage sous l'angle individuel des processus de réception, d'émission et de rétention et sous l'angle interindividuel des systèmes de communication, le psychologue est appelé à définir les conditions de base du comportement verbale et d'en établir les lois" (Stéphane Ehrlich, 1970, 1).

tipo de oscilação, principalmente por comparação com as outras duas situações. Na situação de passação mista, comecemos pela greco-latina-banto. Aí encontramos para oito estampas Murray, uma oscilação entre 11,3 e 22,1 no que diz respeito aos sujeitos e entre 15,4 e 18,5 por estampa, com uma média global de 16,9. Por seu lado, no que diz respeito às estampas bantas, (7), deparamos com uma oscilação entre 12,6 e 23,8 relativamente aos sujeitos e entre 13,1 e 22,4 no que diz respeito às estampas, com uma média global de 17,7. Se consideramos as quinze na sua globalidade, encontramos a média geral da produção de palavras significativas de 17,3, exactamente 4 décimas abaixo relativamente às estampas bantas e acima relativamente às estampas greco-latinas (Quadro 2 - anexo). Comparando os resultados (Quadro 1 - anexo), 17,3 apresenta-se como uma média mais elevada do que 15,7, apesar de ou por via da passação mista.

Vamos ver, no entanto, o que nos mostra a passação mista inversa, ou seja, de estampas bantas (8) e greco-latinas (7), começando, portanto, pelas cenas mais próximas dos conteúdos culturais dos sujeitos. Aqui encontramos uma média global de palavras significativas de 16,0. Quanto às estampas greco-latinas a média parcial de produção de palavras significativas é de 16,1, oscilando entre 9,4 e 22,1 relativamente aos sujeitos e entre 14,8 e 18,4 relativamente às estampas. Relativamente às estampas bantas, a oscilação encontra-se entre 14,5 e 17,5 no que respeita às estampas e no que respeita aos sujeitos a oscilação apresenta-se entre 12,4 e 20,1, para uma média global de 15,9. A média global desta passação é de 16,0, oscilando relativamente às estampas, na sua globalidade entre 14,8 e 18,4 e relativamente aos sujeitos entre 11,3 e 21,1 (Quadro 3 - anexo). Isto mesmo mesmo se pode ver nos Quadros 9 e 10). E poder-se-ia concluir duma forma muito geral o seguinte: os sujeitos encontravam-se à vontade diante do material, de qualquer material que se tratasse. Os resultados merecem uma certa fiabilidade, adentro da hipótese. Tudo bem reflectido, a média total mais elevada encontra na passação mista com predominância das estampas Murray, seguindo-se a passação mista de predominância africana e a mais baixa média encontra-se no grupo de estampas exclusivamente bantas.

Quadro 9
Palavras significativas

T. A. T. / ESTAMPA		BANTO	BANTO GRECO-LATINO	GRECO-LATINO BANTO
1		15,0	16,8	18,5
2		17,4	15,6	22,4
3		20,0	16,9	18,1
4		12,6	15,2	17,5
5		14,4	15,7	16,2
6		14,6	17,3	15,9
7		15,4	14,9	16,8
8		12,4	18,4	13,1
9		17,5	15,5	15,4
10		19,8	15,2	19,3
11		14,8	15,3	15,4
12		14,5	16,4	16,6
13		14,6	14,5	18,3
14		14,6	14,8	19,5
15		18,5	17,5	16,5
MÉDIA	BANTO	15,7	16,0	17,3
	GRECO-LATINO	—	16,1	16,9
	TOTAL	15,7	16,0	17,1

Quadro 10
Palavras significativas

GRUPO / SUJEITOS	BANTO	GRECO-LATINO BANTO	BANTO GRECO-LATINO	MÉDIA
1	11,3	22,9	12,7	15,6
2	12,9	18,7	17,7	16,4
3	20,0	18,3	14,8	17,7
4	10,5	11,9	17,5	13,3
5	14,6	15,0	21,1	16,9
6	23,1	21,1	11,3	18,5
7	18,8	16,9	14,1	16,6
8	16,6	15,6	16,3	16,2
9	19,1	13,6	18,0	16,9
10	10,5	18,9	16,7	15,4
MÉDIA	15,7	17,3	16	16,4

No entanto, a conclusão mais interessante, reconhecendo a não existência de grandes diferenças na produção de palavras significativas é encontrarmos apoio empírico para a unidade pessoal como o factor mais importante no criar e recriar referências culturais próprias.

Ao analisar os conteúdos culturais, situei-me no modelo mais ou menos geral de observar os grupos culturais enquanto tais a partir de três referências que se podem facilmente demonstrar como fundamentais. Isso mesmo tentei demonstrar ao desenvolver a hipótese em que tento descrever o que se pode entender por mundo imaginal que somos, perante o mundo sensorial, o mundo experimental e o mundo metafísico ou transcendente. Aqui adoptei uma outra designação tendo em conta o tipo de objectos que os sujeitos apresentavam no desenrolar das suas histórias, perante as estampas que lhes eram sucessivamente apresentadas. Por esse motivo apareceu a designação de mundo material o qual pode ser facilmente equiparado ao mundo do sensorial ou físico. Aparece também mundo transcendente, uma designação mais neutra perante o tradicional, indevidamente restringida ao religioso e o não menos tradicional e equivocamente empregue por antropólogos e etnólogos das mais variadas filiações, de mundo sobrenatural. No fundo, a equivocidade da fórmula tradicional de natureza humana. Toda a gente diz: "ah! é natural" de alguém que praticou algo menos correcto ou mesmo incorrecto.

Transcendente, aqui e para o nosso caso, engloba tudo o que transcende, tudo o que se encontra para além do mundo sensorial, tudo o que é evidenciado pela ciência experimental (é salutar reflectir sobre este facto) ou 2º grau de abstracção, assim como tudo o que é evidenciado pela ciência filosófica ou os dados da metafísica (3º grau de abstracção). Torna-se compreensível que poucos conteúdos de ciência experimental tenham aparecido, mesmo sob a forma de práticas culturais. Já de ciência filosófica implícita apareceram vários. Qualquer humano, qualquer grupo humano constrói desde sempre e expressa-os através de ritos e mitos (no seu sentido rigoroso) referências fundamentais, quer a nível do pensamento quer a nível da acção. É discutível, no

entanto, separar o humano do transcendente. O humano engloba o transcendente e o transcendente engloba o humano e o cultural engloba os dois. Melhor ainda: o próprio sensorial é tantas vezes, muitas das vezes, o que as referências culturais, particularmente linguísticas, permitem percepcionar e apreciar. No entanto, abrindo caminho entre os rigores mais ou menos epistemológicos e a prática tradicional em certa antropologia antiga e mesmo actual a paredes meias com a sociologia institucional e organizacional e, por outro lado, uma prática em psicossociologia que procura agir com mais rigor e maior especificidade classificar os elementos culturais, adoptei estas designações. Discutíveis, sem dúvida. Adequadas, no entanto, ao tipo de investigação que fui praticando, nas circunstâncias de tempo em que o levei por diante, ainda que a sua utilização, hoje, me pareça susceptível de ser revista. Depois da prática, quer de investigação quer de docência. Como é compreensível.

Debrucei-me, como era de prever, em primeiro lugar sobre a presença de elementos culturais portugueses. Evidentemente, o que se tornava mais interessante era observar se esses elementos apareciam sem mais, na situação experimental do T. A. T. banto. Em seguida, como e em que medida apareciam no T. A. T. em passação mista. E, neste caso, como é que apareciam na passação a começar pelo de Murray ou greco-latino ou euro-americano, ou a começar pelo de Maria Leblanc ou banto ou africano. A análise comportou, inevitavelmente, também a procura dos conteúdos bantos ou africanos, mas exclusivamente na passação mista e nas estampas do T. A. T. de Murray.

Compreensivelmente, o número de elementos culturais europeus no contexto do T. A. T. banto integral apresenta-se um pouco menor (Quadro 4 - anexo). No entanto, tendo em conta que se trata, comparativamente, de 1/3 apenas dos sujeitos ou 1/3 apenas das estampas, podemos considerar como uma média apreciável. Descendo ao pormenor, avulta imediatamente a estampa 14. Talvez, quase certo, por virtude do contexto de movimento ou deslocação possível, em utilização de meios tipicamente de fabrico europeu, a bicicleta e o automóvel, em

Quadro 10
Elementos culturais africanos

ELEMENTOS CULTURAIS	ESTAMPAS GRECO-LATINAS	Greco-latino — Banto									Banto — Greco-latino								TOTAL
		1	3	5	7	9	11	13	15	Global	2	4	6	8	10	12	14	Global	
MUNDO MATERIAL	Espaço	-	-	1	-	1	-	1	3	6	-	1	-	1	2	1	6	11	17
	Animais	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	3	4	5
	Clima	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Deslocações	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	4	4
	Global	-	-	2	-	2	-	1	3	8	-	1	-	1	2	2	13	19	27
MUNDO HUMANO	Dança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	Homicídio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	Global	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	2
MUNDO TRANSCENDENTE	Morte	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1	2
	Feiticeiros	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Global	-	1	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	1	-	-	-	1	3
TOTAL		-	1	2	-	2	-	2	3	10	-	3	-	2	2	2	13	22	32

contraste com os meios de deslocação que lhes são familiares, a piroga ou o barco e a pé. No total global, encontram-se tantos elementos culturais europeus no T. A. T. banto integral como no T. A. T. em passação mista começando pelo T. A. T. de Murray (Quadro 5 - anexo). E assim se pode afirmar uma vez mais a hipótese de que é indiferente para o sujeito. E, consequentemente, as diferenças que se encontram dependem mais dos sujeitos enquanto unidade pessoal, construída através da interacção com o grupo humano de pertença e/ou de referência, em termos de aprendizagem, sem oposições e muito menos sem conflitos ditos "intra-psíquicos" (fórmula tradicionalista) do que das estampas ou da ambiguidade dos elementos presentes nas estampas e do modo de apresentação das mesmas. Merece uma referência especial a presença de elementos africanos no T. A. T. de Murray, ou euro-americano (Quadro 10). No pormenor, avulta imediatamente a estampa n.14, com um conjunto de elementos elevadíssimo, se compararmos com a ausência de elementos africanos nas estampas 1 e 2, 6 e 7 (Quadro 4 - anexo). No que diz respeito à estampa 1 (1 de Murray), por ser logo a primeira, bastante ambígua e ainda alheia ao mundo africano não pôde, em consequência, ser percepcionada na sua forma própria. A estampa 2 (18 GF de Murray) e a 6 (6 BM) apresentam-se como demasiado simples na forma e demasiado referenciadas a elementos europeus específicos para inspirar a projecção de elementos africanos, um pouco alheios ao estilo de figuras de Murray. O mesmo se pode dizer da estampa 7 (9 GF de Murray), em que desde o esbatido do cinzento e do branco assim como da forma de vestir pouco ou nada tem a ver com o quotidiano africano. Neste contexto avulta ainda mais a importância do número elevado de elementos africanos na estampa 14 (12 BG de Murray). E compreende-se tendo em conta os elementos da estampa: barco rudimentar, água, rio ou lago, sempre envolvidos em lendas curiosas e importantes para a cultura angolana e, principalmente, árvores e mais árvores constituem o dia-a-dia dos grupos africanos, particularmente em Cabinda. Apesar disso, ou por isso mesmo, um conjunto de 32 elementos em 20 sujeitos e 15 estampas mostra que o seu mundo imaginal

Quadro 11
Elementos culturais portugueses

ELEMENTOS CULTURAIS	T.A.T.			Banto	Banto Greco-latino	Greco-latino Banto	TOTAL
MUNDO MATERIAL	Casa-lar			—	—	3	3
	Objectos			15	2	11	28
	Deslocações			20	—	20	40
	Global			35	2	34	71
MUNDO HUMANO	Família			7	6	3	16
	Relação	Apreciação (moldes)	Negativos	1	2	11	14
			Positivos	12	5	25	42
		Promoção Instrução		10	12	3	25
	Acção	Castigos		3	—	—	3
		Roubo		1	1	4	6
		Dinheiro		9	—	8	17
		Saúde		—	1	1	2
	Relações interculturais			—	—	—	—
	Global			43	27	55	125
MUNDO TRANSCENDENTE		Justiça		1	4	—	5
		Bondade		12	9	2	23
	Diabo			—	4	—	4
	Global			13	17	2	32
TOTAL				91	46	91	228

engloba, em proporções aceitáveis, e sem problemas, elementos culturais africanos perante cenas e contextos culturais euro-americanos.

No entanto, o quadro de conjunto mostrando a presença de elementos culturais europeus nos três grupos, 1 banto e dois mistos (Quadro 11) mostra ser insustentável, psicossociologicamente perspectivando a situação, quer a queda cultural quer a imposição de cultura. Encontramo-nos, sim e simplesmente, em face duma actividade de todo e qualquer humano em todo e qualquer grupo cultural em contacto ou não com outros grupos culturais que consiste em criar e recriar constantemente, os elementos recebidos, inventar elementos novos e mesmo elementos originais. Atenda-se ao campo particular da música, particularmente em certa música afro-americana que não o é, mas simplesmente uma forma original ou na música brasileira ou cabo-verdeana já antiga, claramente luso-africana ou luso-brasileira e que não o é, mas simplesmente, formas novas ou mesmo originais de criação de melodia, harmonia e ritmo com sons.

Como mostrei em 1961 e em 1966, a presença de elementos culturais diferentes nada tem de conflitual. Com efeito, em perspectiva psicossociológica de interacção é impensável a existência de conflitos entre produtos culturais. Um "sacrifício" qualquer oferecido à floresta para que não caiam faíscas e incendeiem as sanzalas ou o colocar dum para-raios não representa um conflito de culturas mas uma simples diferença de instrumentos utilizados para atingir o mesmo objectivo. Empregando uma outra comparação num outro registo, seria de referir que é impensável um conflito entre o dado que é o nascer e o pôr do sol e que se exprime em todas as línguas no dia-a-dia contra o outro dado da observação experimental, constituído pela rotação da terra em torno do seu eixo. Há, simplesmente, diferença de perspectivação. No entanto, para quem supervalora um dos dados ou um dos instrumentos desvalorando o outro apenas porque é diferente acontece inevitavelmente uma oposição, mesmo um conflito, evidentemente não entre os elementos. Sim e só e sempre entre os sujeitos. E, deste modo, voltamos ao facto demonstrado que o

sujeito é mundo imaginal, porque cria e recria, constantemente, duma forma própria ou apropriada o seu mundo ou o mundo imaginal que é.

Se nos colocarmos numa perspectiva de análise inferencial[55] dos resultados ou dos dados, fácil se torna verificar que não acontece, em qualquer caso, diferença significativa entre os três grupos em questão. E isto, quer no que diz respeito ao emprego de palavras significativas quer no que se refere aos conteúdos culturais evidenciados ou expressos nas histórias, por cada sujeito que se propunha contar a história relativa a cada estampa que lhe era apresentada.

No entanto, para que esta reflexão que é já antiga, embora ainda em contra-corrente da moda dos conflitos de cultura, queda cultural e/ou imposição cultural pudesse ter um aparato maior, foi praticado um tratamento matemático rigoroso, por uma busca de diferenças significativas entre os resultados quer de palavras quer de conteúdos culturais.

Para testar a hipótese, usei o teste de U de Mann-Whitney, apontando como padrão do nível de significância P 0.05, servindo-me, para elaboração dos cálculos, do programa Stato-Works 1.1 (para o Macintosh).

Na globalidade da comparação, entre o grupo banto e o grupo banto/greco-latino ou euro-americano em 15 observações tendo por base as "histórias" sobre o T. A. T., não se encontra qualquer diferença significativa. E do mesmo modo, na comparação entre o grupo banto e o grupo greco-latino/banto, a diferença é igualmente não significativa. Por outro lado, em resultados parciais, sobre oito observações em passação mista, a diferença volta a não ser significativa assim como a das sete observações o é igualmente. Finalmente, se compararmos estampa a estampa, os resultados, nas mesmas circunstâncias de passação mista em comparação com a passação uniforme, de novo não se encontram diferenças significativas (Quadros 12 e 13);(Quadros 6 e 7 - anexo).

---

[55] Um particular e sincero bem hajam à Drª. D. Florbela Vitória e ao Dr. José Joaquim Costa pelo trabalho de programação e de tratamento dos dados.

Quadro 12
Palavras significativas / significância

SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS	VALOR DE U	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Globais:		
Banto/Greco-latino — Banto	65,00	0.467*
Banto/Banto — Greco-latino	85,50	0.481*
Banto — Greco-latino/Banto	63,00	0.466*
Parciais		
Banto/Banto — Greco-latino	37,00	0.417*
Banto — Greco-latino/Banto	33,50	0.493*

(* Diferença não significativa para p< 0.05)

Quadro 13
Conteúdos culturais / significância

SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS	VALOR DE U	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Globais:		
Banto/Greco-latino — Banto	111,50	0.499*
Banto/Banto — Greco-latino	88,50	0.482*
Banto — Greco-latino/Banto	93,00	0.485*

(*Diferença não significativa para p < 0.05)

Estes dados e estes cálculos (Cfr. Quadros 6 e 7 - anexo) permitem sustentar a hipótese segundo a qual em situações de aculturação, por interpenetração de elementos culturais, graças à capacidade dos humanos e à actividade dos sujeitos em questão de criar e recriar constantemente a sua cultura ou o seu modo de estar, melhor, o seu mundo pessoal que é mundo imaginal, o elemento cultural que é a língua, enquanto conjunto de símbolos e todos os outros elementos culturais que nela se apoiam são *criação* de cada sujeito e de cada grupo, em termos de saúde, sem

qualquer vestígio de conflito ou de oposição ou de queda, de qualquer elemento.

A expressividade humana fica realçada com esta faceta de sociogénese da capacidade de comunicar, graças à interacção com o grupo cultural de pertença e o grupo cultural de referência ou grupos culturais de pertença e de referência.

É claro que a amostra, tratada com rigor no que diz respeito aos dados de observação, é pequena. No entanto, convém ter presente que a amostra global indicia algo de muito semelhante, por aquilo que pude verificar ao trabalhar sobre esses outros dados. Mais interessante se torna essa indiciação se tivermos em conta os dados recolhidos a partir da análise da experiência das "três personagens", em convergência total com as diversas observações praticadas por outros técnicos e noutros lugares[56]. Também é certo que os tempos eram outros (1970-71). Antes da independência. No entanto, como já demonstrei em *Avenir et Fantaisie* (1977), no que toca à própria população portuguesa, ou seja, tudo o que veio com a transformação de 1974 encontrava-se nos horizontes das jovens portuguesas já em 1968 e mais claramente em 1973. Com efeito, as transformações societais não são agentes de transformações culturais. Pelo contrário, é a transformação cultural, graças aos sujeitos e aos grupos, enquanto forma de sociabilidade espontânea, que aquela se sustenta e se factualiza. Tendo sempre presente, igualmente a importância do facto de as vivências culturais dos sujeitos serem imensamente variadas, aquém ou além das formas de sociabilidade organizada, particularmente corporizadas no Estado. Desta forma aparece como operacional e indispensável a perspectiva de transculturalidade.

Finalizando, torna-se legítimo afirmar como operacional,

---

56 No Avant-propos de Revault d'Allones ao *Bulletin de Psychologie* (1986, 39, 376: 482-639) diz textualmente: "ce numéro assurera la transmission, la diffusion, l'actualisation des connaissances sur cet instrument de travail clinique doublement exceptionnel: par ce qu'il apporte en lui-même et par les perspectives théoriques et méthodologiques qu'il ouvre" (482). Por seu lado, a própria autora técnica deu por título à sua intervenção *Les miroirs de l'invisible* (503-12): "les projectifs reflètent ce qui, chez les hommes, ne se voit pas, ne se touche pas concrètement, tout ce qui les anime de l'intérieur: les projectifs sont des miroirs de l'invisible" (503).

quer na prática quer na investigação, a perspectiva psicossociológica da expressividade. Consequentemente como legítima, pela legitimidade da própria operacionalidade.

Como irá acontecer? Sob que modalidades? É a III Parte.

B) PESQUISA CLÍNICA

VII — PSICOSSOCIOLOGIA (esquema)

Durante um largo lapso de tempo fizeram parte do esquema de reflexão, no seu conjunto, duas situações de experimentação dada, em confirmação-complemento da experimentação provocada, a partir da técnica projectiva, o T. A. T.. Acabei por conservar apenas, para este texto, a manifestação psicopatológica, por decidir tratar em profundidade no II Tomo — Realidade do cultural — a manifestação psicossociológica.

No entanto, para economia do conjunto, para fundamentação mais diversificada da hipótese e para evidenciação da importância do tema na prática psicológica, ficam bem algumas palavras acerca das razões que me levaram a incluir nesta reflexão estas manifestações. Assim é que as duas manifestações, a estético-literária ou os labirintos e a socio-cultural ou o transe e a possessão envolvem na sua base o mundo pessoal, já como figura ou analogia extremamente elucidativa, principalmente o labirinto, já como prática de uma certa frequência como são o transe e a possessão. Na base, fica bem clara a realidade do mundo imaginal.

Duma forma divulgada, o transe aparece facilmente nos vocabulários, mais ou menos técnicos, porque se conserva dele uma imagem primitiva, obscura ou escura de práticas rituais não confessáveis. O mesmo pode acontecer com a possessão. No entanto, neste caso, algo aparece sob a forma de delírio de possessão: convicção delirante de se encontrar possuído por um espírito,

bom ou mau. Mas apenas sob a forma de delírio, em manifesta situação duma alteração da personalidade, mais ou menos grave, conforme as teorias que pretendiam deter o monopólio da sua explicação, particularmente do transe e da possessão.

Seria vantajoso deixar os momentos históricos recentes dessas manifestações: a mediunidade e o magnetismo animal assim como os momentos socio-antropológicos e socio-políticos: missas negras, macumba, camdomblé, ubanda, "voudou", kimbanda, etc.. É vantajoso e objectivo adoptar a perspectiva psicossociológica: o transe e a possessão, para aqui, consistem na dominação da personalidade de determinados conteúdos do mundo das imagens, que é cada um, particularmente de imagens de conteúdo metafísico e/ou transcendente, na sua faceta de favorecer a coesão do grupo.

Que se trate dos "chamans", uma forma de incarnar realidades mais ou menos ditas sagradas, imagens de conteúdo transcendente, mais ou menos individualizado; que se trate, no outro extremo ou não, de transe despótico, em que o imaginal dum indivíduo, embora pessoal, se concretiza através de organizações de imagens, adrede escolhidas, aglutinando multidões, quer para reforçar a ordem estabelecida, quer para a subverter, quer se trate ainda de transe profético, realçando imagens escatológicas, quer para anunciar catástrofes iminentes, quer para anunciar porvires maravilhosos, quer construindo a profecia em dois tempos: o mal presente e o bem futuro ou o mal futuro para reforçar o bem presente. Quer se trate ainda do transe que é viagem provocada pelo abuso de estupefacientes para fugir às ameaças ou às realidades, quer indesejáveis quer tornadas indesejáveis, porque se exige tudo ou porque há quem imponha que se exija ou porque apenas se exige o que não pode acontecer.

Qualquer destes tipos de transe corre o risco de serem condenados ou favorecidos e utilizados. Em ambos os casos, de perderem a sua virusidade e ou acabarem por fazer vítimas de quem os lançou ou se utilizou deles. Vítimas são sempre, desde o extermínio físico até ao extermínio social, desde a morte até à marginalidade ou o refúgio na clandestinidade, em confusão de "alianças com o diabo", sempre presente nesses rituais.

Por outro lado, a possessão, acompanhada ou não de transe, a possessão em contexto cultural, simplesmente anárquica ou isolada, a do chaman ou a do místico órfico é sempre a mesma em termos interculturais e intra-culturais. Que a possessão seja orgíaca ou divinal, que parta de situações ascéticas ou de excessos sensoriais (sexo ou estupefacientes) que aconteça por simples complacência somática (pseudo-histeria) ou por perda de unidade pessoal (pseudo-esquizofrenia) que ela seja transitória ou permanente, individualizada ou institucional, rejeitada ou acariciada pelo grupo, forma curativa ou manifestação mórbida, em qualquer destes casos ou destas situações concretas, a possessão comporta uma característica de base: é geral ou universal, isto é, supra-societal, supra-grupal e supra-individual. Mais e principalmente: em qualquer dos casos acontece invariavelmente em *alguém*. Daí o seu grande interesse: característica exclusiva da personalidade.

Dentro da hipótese presente, trata-se claramente duma manifestação dada, do mundo imaginal que é cada personalidade. Em referência constante ao mundo cultural, factor específico do seu desenvolvimento e conteúdo das suas expressões.

VIII — PSICOPATOLOGIA — Panorâmica geral

A experimentação provocada, através duma técnica psicológica em situação de investigação de campo, focou uma amostra de fundamentação da realidade do mundo imaginal que é cada ser humano. Com uma nota singular, esta investigação de campo: os sujeitos observados encontravam-se, segundo certas teorias tradicionalistas, nas condições óptimas de se "sentirem" e de se expressarem em formas de sentimento de divisão, por virtude da dita oposição entre dois referenciais, os quais incidiram sobre eles com igual força: o primeiro, o referencial *banto*, do grupo no qual praticaram a aprendizagem cultural espontânea, vivencial, em língua fiote, pois nesse ambiente apareceram e se desenvolveram; o segundo é constituído pelo referencial *europeu*, do grupo adentro do qual praticaram a sua aprendizagem cultural sistemática, ou seja, a prática escolar numa descoberta tecnico-científica da realidade, em língua portuguesa.

E, no entanto, a partir dos dados de observação, apresentados na amostra, fica demonstrado o facto da interpenetração de elementos culturais diferentes, sem qualquer espécie de conflito, de oposição entre esses elementos, manifestamente impossível, ou de divisão adentro do vivencial dos sujeitos, perfeitamente possível mas não verificada. O mundo imaginal que são, é construção pessoal e desenvolvente, em projecto existencial.

Agora, vamo-nos perguntar: o que se passará em situações de alteração no desenvolvimento da personalidade, mesmo de paragens, por ameaça crescente à unidade pessoal (neurose ou psiconevrose) ou por perda progressiva dessa unidade pessoal (psicose)? O que poderá mostrar essa alteração da personalidade, na hipótese da personalidade como mundo imaginal, para análise e compreensão da sua realidade efectiva que é o humano?

Como interessa focalizar o mundo imaginal, que é realidade do e no humano, não vem a propósito uma reflexão psiquiátrica, de análise minuciosa, em perspectiva nosográfica, de cada síndroma. Porque nos encontramos em Ciências psicológicas, vou-me servir da perspectiva que dá pelo nome de psicopatologia (uma das ciências psicológicas) por virtude da vertente semiológica de análise da alteração de qualquer actividade da personalidade, quer por ausência quer por dominação mais ou menos exclusiva. Se nos situarmos na actividade que respeita mais directamente às imagens, as quais constituem o mundo imaginal, o que poderemos encontrar com interesse para a demonstração concreta da realidade do mundo imaginal, a partir da experimentação dada que é a situação patológica? Paradigmaticamente, as alucinações aparecem como campo privilegiado, claramente indicado para uma tal análise. Com efeito, na expressão alucinatória, a "realidade" não existe. Ou existe e é a imagem.

Uma dificuldade de fundo se nos apresenta logo que se procura iniciar a análise da alteração da expressividade que dá pelo nome de alucinação. Dificuldade talvez não seja o vocábulo mais apropriado. Seria ou será mais adequado falar de impossibilidade de conseguir chegar a algo de concreto, sobre as alucinações, válido em si mesmo e valioso para a prática psicológica. Até porque, liminarmente, com grande força recente, já se encontram hipóteses de as excluir da prática psiquiátrica. E há um exemplo: a D. S. M. III.

A D. S. M. III excluiu, da enumeração dos sintomas ou dos síndromas, a alucinação[57]. E com bastante razão, atendendo aos seus objectivos, entre os quais o de libertar a nosografia do "palavreado", na intenção de ir directo ao sintoma psiquiátrico, por intermédio duma percepção imediata[58]. Tratar-se-á de algo sem

---

57 Encontra-se a palavra, timidamente em duas designações: " other alcoholic hallucinosis" (291.3), "paranoid and/or hallucinatory States" (292.1) e "hallucinogens" (304.5).

58 A partir de 1980 o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (D. S. M. III) foi adoptado pela American psychiatric Association, tornando-se a partir de Janeiro desse ano, a classificação oficial das alterações da personalidade, ditas perturbações mentais, nos USA. Uma das características dessa classificação consiste em que os diagnósticos

interesse para a compreensão das alterações da personalidade? Partamos da hipótese que se trata de a alucinação ser uma manifestação semiológica, ou seja, representar a perturbação de uma ou várias actividades da personalidade. Perguntar-se-ia: de que actividades? Ou quais as manifestações dessas perturbações? Várias leituras podem ser apontadas e vários autores aparecem a aplicá-las, como veremos, mesmo em relação ao mesmo fenómeno ou em relação à mesma manifestação.

Até porque a confusão entre psicologia e gnoseologia subsiste, na sua faceta mais atávica, fortemente incrustada na mentalidade vigente, até entre "leitores" de "coisas" de psicologia. E isto ao falarem, por exemplo, de "método associativo" em psicologia, quando a sua origem se encontra na antiga teoria empirista (perspectiva gnoseológica), de índole mais ou menos mecanicista, até em análise lógica. Desde os meados do século passado até à actualidade, ainda encontramos esta identificação, claramente perniciosa. Mesmo nas reflexões teóricas e na prática psiquiátrica se encontra esta confusão tradicional, assim como em autores como H. Ey, entre psicologia e lógica, entre psicologia e

---

prescindem das causas (antecedentes ou materiais, entenda-se) ou patogenias, utilizando critérios exclusivamente clínicos, ainda não validados em termos de diagnóstico ou de tratamento. Esta nova classificação das doenças ditas mentais, além de ser trabalhada desde Setembro de 1973, sob a presidência de R.L.Spitzer, numa tentativa de convergência constante, na medida do possível com a C.I.M. 9 (Classificação internacional das doenças) teve uma prévia aplicação em vários centros psiquiátricos, de que resultou uma série de achegas, no sentido duma redacção definitiva, o mais completa possível.

Mais interessante seria notar o seguinte: trata-se duma classificação multi-axial, permitindo uma operacionalidade consideravelmente maior. São os seguintes os eixos: I — Síndroma clínico: situações não atribuíveis a uma perturbação mental, originando exame ou tratamento; II — Perturbações da personalidade e perturbações específicas do desenvolvimento; III — Perturbações e afecções físicas; IV — Severidade dos factores psico-sociais de "stress"; V — Nível de adaptação e de funcionamento, o mais elevado, no ano anterior.

Ao mesmo tempo procura utilizar critérios exclusivamente operacionais para o diagnóstico. Assim tentam justificar a classificação de que são autores: R. L. Spitzer, R. Janet, B. M. Williams — Classification of mental Disorders and D. S. M. III em *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, vol, I, Ed. by H. I. Kaplan, A. M. Freedman, B. J. Sadok, Baltimore/London, ^{3}1980.

gnoseologia, com a persistência da confusão de base entre sensação e percepção.

Fenomenologicamente, podem-se admitir à partida, como o fazem vários psiquiatras, com mais ou menos reservas ou discordâncias[59], os critérios propostos por H. Ey (1973): Para uma mais ou menos segura determinação dum fenómeno alucinatório, há que ter em conta: 1) — o testemunho claro do sujeito que afirma uma experiência sensorial, pelo facto mesmo, inegável: "eu vejo", "eu oiço", "eu sinto", pela sua referencia aos atributos da sensorialidade, dados específicos dos sentidos e "da objectividade"[60], ou seja, pelo facto de pertencerem ao mundo da realidade exterior: objectos, acontecimentos, os outros... 2) — Ser vivido pelo sujeito como dotado de todas as aparências duma percepção[61], ou seja, comportar uma dupla característica: tem que "ferir" a sensibilidade do sujeito e tem que ser, por assim dizer, atirado para fora do sujeito; 3) — finalmente, condição indispensável, a confrontação do testemunho do sujeito com o senso comum, figurando este como critério de realidade. Por hipótese.

Em suma, o fenómeno alucinatório apresenta-se como facto, ao menos enquanto afirmação de facto daquilo que para o sujeito é realidade assim como daquilo que para os outros não é reali-

---

59 Se a alucinação for uma mera perturbação da lei do real, dificilmente se podem mostrar critérios definidores. Mas, para quê adoptar uma oposição ao alucinado, afirmando ou procurando mostrar que ele se engana? Por ex. Vinaver em *Les hallucinations n'éxistent pas* (Amiens, 1955) retoma esta atitude reflexivamente, embora na inversa. Para o A. as alucinações dizem respeito a objectos verdadeiros, mas sobrenaturais. Do mesmo modo, J. R. Smythies em *A logical and cultural Analysis of hallucinatory Sense-experience, J.Mental Sc.*, 1956,102,427:336-42. O A., embora admitindo a realidade da experiência alucinatória, nas suas diversas modalidades, por concluir, em definitivo, que a irrealidade do objecto alucinatório depende dos factores culturais do grupo.

60 Será que o sensorial constitui o critério radical senão único da "realidade" de algo? Ser objecto exterior será o mesmo que ser dotado de objectividade? Labora-se em confusão radical.

61 Haverá oportunidade, adiante, de discutir, pois se trata de algo verdadeiramente discutível, em função da hipótese de trabalho aqui prosseguida, embora seja lógico na perspectiva do A.. Trata-se da confusão entre sensação e percepção.

dade[62]. E neste contexto começa a aparecer como interessante uma tal manifestação, para a hipótese presente. Por agora uma passagem à actualidade mais actual[63].

Voltando-se à D. S. M. III: o seu objectivo é ser "puramente empírica, pragmática e operacional" e, para isso, tenta definir por classificação estatística, uma nosografia baseada na análise de "conjuntos de sintomas, na observação das correlações estatísticas dos diferentes sintomas entre si. A partir daqui constituem-se síndromas como associações de sintomas, estatisticamente mais frequentes. Uma tal semiologia terá utilidade unicamente

---

62 Parece haver algo de novo e de interessante, comparando com as razões apresentadas em 1957 pelo mesmo H. Ey: "Les hallucinations", *Encéphale*, 1957, 40:563-73. Apesar do interesse destas condições e do caminho percorrido por H. Ey, ainda há bastante a percorrer para honrar a sua obra. Seria de retomar certas observações, para melhor clarificação da importância do mundo das imagens; seria de realçar o valor, o interesse e a quase originalidade da sua exposição-reflexão, assim como a sua relatividade. E esta, por virtude, talvez da sua perspectiva de psiquiatra que se socorre, com grande soma de trabalho e de reflexão, disto e daquilo em nível filosófico. No entanto, a posição aqui assumida é, uma vez mais, a de um aprendiz de psicologia que teve a sorte de praticar uma aprendizagem sistemática, em Filosofia antes da reflexão em Psiquiatria, principalmente em contacto de trabalho com o próprio H. Ey.

Se H. Ey afirma que a experiência vivida tem de ser atirada para fora da subjectividade e acrescenta que "esta experiência perceptiva nisso se assemelha a todas as percepções" parece-me que raciocinando correctamente se exprime incorrectamente. Com efeito, não é próprio da percepção atirar o que quer que seja para fora da subjectividade, nem da experiência perceptiva. Podemos dizer que é semelhante à alucinação sem a condição. Que nada se atira para fora é mais que claro. Que se elabora o objecto, recorrendo a imagens já havidas e às informações presentes, tendo em conta o indicativo sensorial, mais ou menos adequadamente, é a hipótese de fundo, em qualquer pratica psicológica com técnicas projectivas. Isto é: na prática psicológica pouco interessa o ser inadequado, por alguns autores dito distorção, assim como pouco importa ser adequado, dito pela tradição, verdade. Importa, sim e só, o ser expressão dum sujeito perante um material que no caso vertente é um material tecnicamente trabalhado e estatisticamente comprovado.

63 De passagem: *alucinatio*, segundo Littré e Lelut, derivaria de grego *alyô*, "ter o espírito perdido". Segundo G. Wandering (*Medical Dictionary*) derivaria de *alysis*, erro, perda. Segundo J. Hoerr e Osel (*Medical Dictionary*), seria divagação do espírito. Em P. F. Monlau (*Dicionario etimológico de la lengua española*) aproxima *allucinatio* de *ad lucem* no sentido de iluminação especial. Para M. N. Bouillet (*Dictionnaire universal des sciences, des lettres et des arts*, ^{4}1859) viria do latim *hallucinare*, enganar-se.

para o computador. Nunca para o doente. A consequência é a desqualificação do discurso do padecente e do seu valor semiológico onde um critério meramente estatístico impede, pelo facto mesmo, uma apreciação pessoal do clínico, já que a D. S. M. III não pode fornecer um catálogo de todas as situações eventuais do sujeito e/ou do síndroma, o que seria negar-se a si própria. Nesta mesma linha é interessante a preocupação de "ateorismo" ou ausência de referência a qualquer sistema teórico sobre o conhecimento científico. Quer-se singelamente descritiva. A D. S. M. III ateórica? Só por teoria.

Mas esta contradição da D. S. M. III não valida, de modo algum, o excesso de literatura literária, as metáforas "delirantes" de muitos praticantes da psiquiatria, ou o recurso a certas "modas", em psicologia.

Por isso, pode-se acrescentar: é claro na D. S. M. III o comportamentalismo de base, na sua faceta de adição entre estímulo e reacção, como outras entre animal e racional. A dita "doença mental" não passa de somatório de sintomas. Ao contrário, "operacional" é que as manifestações sejam vistas como estruturas de conjunto, ainda que frustres ou ineficientes. Igualmente podemos notar a preocupação quantificadora — quantomania já lhe chamaram — com o objectivo de definir médias enquanto medidas de de convergência e desvios enquanto medidas de dispersão. Mas objectivação qualificável, elevada ao máximo, quase faz desaparecer o "objecto" em observação e, consequentemente a objectividade. Ao menos a aplicada. Até porque se trata dum sujeito.

Ao contrário de tal "novidade", ao menos em prática psicológica, por utilização dos dados colhidos em ciência psicopatológica, haveria a propor algumas reflexões, tendentes a um caminhar que pode vir a ser promissor, no contexto da realidade do *mundo imaginal*. Assim, em qualquer comunicação humana convém ter presente a distinção de fundo entre "inteligente" e "inteligível". Avançaria uma hipótese: uma comunicação é inteligente na medida em que for inteligível, adentro do quadro socio-cultural de referência.

Sendo correcta esta hipótese, o que vai acontecer *à* alucinação, quer enquanto "percepção" sem indicativos sensoriais,

quer enquanto construção delirante? A construção delirante, com ou sem alucinações, apresenta-se como uma comunicação "inteligente" embora perfeitamente ininteligível. O que acontece, então? O símbolo, veículo do conteúdo vivencial referente, conduz ao efeito contrário: a não comunicação. Esta não comunicação ou, tradicionalmente, "irredutibilidade da ideia delirante", esvazia de qualquer semelhança de conteúdo, os símbolos em presença. Este desacordo será o facto central, na comunicação delirante.

Ou seja, como o refere claramente Jung: "compreendi que as ideias de perseguição e que as alucinações se estruturam em torno dum núcleo significativo... compreendi que jaz escondida em toda a psicose uma psicologia geral da personalidade... Em todos os doentes mesmo os que dão a impressão de se encontrarem irremediavelmente deteriorados, obtusos, apáticos agita-se muito mais vida e muito mais sentido da vida do que pode parecer... Se não agarramos tal sentido, isso só depende de nós".[64]

No entanto, seria de realçar que a psicologia da personalidade não se encontra no que nós *vivemos* como a biologia não se encontra no que os animais ou as plantas *vivem* nem a física nos corpos físicos. A Psicologia da personalidade, como ciência específica que se vai afirmando, é algo que resulta duma aprendizagem sólida e diversificada, quer em aquisição de informação científica quer em prática ou em problemática de aplicação: "a formação psiquiátrica, por si, é insuficiente... exige-se uma formação

---

[64] K. G. Jung *Erinnerungen, Träume, Gedanken*, ^{2}1982, p.133, Olten, 1971. Páginas atrás tinha prestado uma homenagem a Freud: "Freud brachte die psychologische Frage in die Psychiatrie, obwohl er selber Kein Psychiater, sondern Neurologue war". Ibid.p.121. Depois destes e doutros elogios e apesar disso e de todo o reconhecimento que manifesta em relação a Freud, não deixa de lucidamente colocar o "dedo na ferida" ou apontar o ponto fraco: "Wenn Freud die psychologische Warheit, das die Sexualität numinos ist - sie ist ein Gott und ein Teufel - etwas mehr berücksichtigt hätis, so wäre er nicht in der Enge eines biologischen Begaiffes stecken belieben". (*ibid.*158) É este o fundo da questão "noção biológica mesquinha" assente na confusão popular entre sexualidade e actividade sexual e entre sexualidade e genitalidade. Jung di-lo mais claramente: "Encontra-se espalhadíssimo o erro de que eu não atribuo valor à sexualidade. Muito pelo contrário, desempenha um papel considerável na minha psicologia, mesmo como expressão fundamental — mas de modo algum única — da totalidade pessoal" (*Ibid.*172).

muito longa e aprofundada e uma cultura geral que poucos possuem"[65].

É que a personalidade não é uma personalidade que vive. A personalidade é um mundo imaginal que exige, para ser descoberto, uma gama vastíssima de referências científicas. E desse modo a doença não é a sua expressão. Doutro modo seria confundir a anatomia com a anatomopatologia, o fígado são com o fígado em estado de hepatite. Para melhor compreender a personalidade, ajuda consideravelmente um conhecimento correcto das suas alterações. No entanto, também é bastante claro, para melhor conseguir situar a alteração e ajudar a eficazmente superá-la, nada melhor do que uma informação científica, correcta e actual, sobre a mesma personalidade.

Consequentemente, o problema de fundo vai ser o pseudo-problema da continuidade ou descontinuidade, considerado duma forma geral, do normal e do anormal, do são e do doente. Postulando a continuidade alucinação-imagem-imaginação está-se a negar o quadro nosográfico de alucinação; consequentemente, postulando a descontinuidade alucinação-imagem-imaginação, dando à alucinação uma característica sensorial, está-se pelo facto mesmo a negar a alucinação dum outro modo. A consequência é inevitável e negativa: se procuramos uma análise mais profunda e diversificada, torna-se impossível distinguir com clareza e proveito prático a actividade da imaginação, própria da personalidade, mesmo que com maior ou menor riqueza e força de conteúdo, distingui-la, portanto, dos delírios propriamente ditos, dos pseudo-alucinatórios, cujo aparecimento e presença ninguém pode pôr em causa.

Para além de tudo isto, seria de toda a vantagem prática e teórica admitir que se trata dum quase denominador comum a todas estas manifestações: trata-se das expressões de alguém. Sendo expressões, manifestam algo desse alguém ou algo que esse alguém é: o seu mundo de imagens. E numa situação extrema: esse mundo de imagens que alguém é, vivencialmente, é o único "verdadeiramente" real. Constitui a única realidade.

---

65 "...genügt das psychiatrische Studium allein nicht" (*Ibid.*137).

Por outro lado, constituindo este mundo imaginal a única "realidade" em situações de alteração da personalidade, pode-se concluir que a expressividade do dia-a-dia constitui a outra face da "realidade". Só mais presente e mais importante porque é experiencial, base da expressividade que a personalidade, radicalmente é.

Voltando depois destas considerações aplicativas do que foi dito, a uma diversificação do que se pode entender por alucinação duma forma global, seria de acrescentar o seguinte: destes exemplos ou apanhados sobre as diversas alterações da personalidade, apresentadas sob os títulos acima lembrados, pode-se concluir: na prática psicopatológica deparamos com alucinações que não são delirantes, isto é, são compatíveis com uma vivência de unidade no sujeito, o qual classifica essas manifestações como "erros" ou tidos por tais e deparamos com alucinações delirantes as quais resultam ou manifestam-se numa perda notória da unidade experiencial — perturbação da razão chamava-se-lhes, tornando-se impossível serem reconhecidas como erros, constituindo, pelo facto mesmo, o próprio fundo do delírio, senão mesmo da quase globalidade dos conteúdos experienciais.

Pela negativa: se a alucinação se define pela sua sensorialidade ou mesmo pela sua automaticidade, fica reduzida a algo periférico e pelo facto mesmo separado do delírio; se pelo contrário, a focagem incide sobre a forma delirante, a qual constituiria o fenómeno central, mais de nível intelectivo do que sensorial, ela perde-se no delírio.

Partindo desta leitura, haveria que apontar para a expressividade da personalidade, enquanto unidade, realçando actividades e conteúdos de nível intelectivo, como componentes de fundo e actividades e conteúdos de nível sensorial e de nível neuro-muscular como manifestações, resultantes da diminuição ou perda de unidade que é cada sujeito.

Provisoriamente e apontando para a prática em *técnicas projectivas*, convém enfatizar a percepção como ponto de referência, para clarificar diversificadamente as expressões da e de cada personalidade. Deste modo ou nesta hipótese, para se verificar uma autêntica alucinação, torna-se indispensável que aconteçam

duas condições concretas: por um lado, o sujeito não conseguir libertar-se das suas "ilusões", enquanto permanecem idênticas as condições que as favorecem; por outro lado, o sujeito captar algo inteiramente disforme do seu sistema de referência, elaborado em consonância com o grupo cultural de pertença. Deste modo, não ficam definidos os fenómenos alucinatórios, marcadamente anormais ou patológicos pela sua característica sensorial ou pelo conteúdo semântico que manifestam mas pelas actividades de fundo que se encontram na sua base. Daí que a definição a propor seja, parafraseando H. Ey: trata-se duma actividade inconsciente, o mesmo é dizer, dum sujeito em destruturação ou em perda da sua unidade e em tentativa de unificação do que resulta confusão por virtude de acontecer uma "percepção sem objecto a percepcionar". Por outras palavras: não se trata duma simples imagem nem dum mero objecto. O importante é tratar-se duma manifestação específica, sem possibilidades de confusão com qualquer outra manifestação, muito particularmente com a heterogeneidade sensorial, de clara a saudável variabilidade, e a homogeneidade da informação objectiva, mensagens ou estímulos.

Apesar disso, clinicamente, tal posição levanta problemas quer para o sujeito, quer para o técnico, quer para ambos em termos de relação entre os dois. E isto apesar da objectividade de certos critérios, dois dos quais dizem mais respeito ao sujeito. Ou seja: por um lado experienciação sensorial ou afirmação claramente vivenciada por parte do sujeito e pelo outro convicção de objectividade ou recusa da característica alucinatória do que se passa. Um critério diz mais respeito ao técnico: clara irrealidade do objecto ou ausência de objecto físico. Esta característica ou este critério permite uma clara diferenciação da alucinação para com a ilusão.

A experienciação sensorial, permite a diferenciação para com a "ideia", no sentido tradicional do vocábulo, para com a fabulação e mesmo a imaginação, enquanto actividades. O segundo, ou seja, a convicção de objectividade está na base duma diferenciação para com as pequenas ou grandes anomalias sensoriais, qualquer que seja a sua causa ou a sua manifestação. No dizer

quase paradoxal de H. Ey, como já frisamos e aqui lembramos livremente, sobre esse enigma que é a alucinação, algo parece merecer uma certa atenção. Com efeito, tudo concorre para afirmar que se trata duma actividade que se refere a uma realidade que não é realidade pois consiste num "falso" objecto ou, mais paradoxalmente ainda, acontece uma *verdadeira* "percepção" duma *falsa* "realidade". Mas a actividade expressiva é um facto.

Numa outra perspectiva, seria de sublinhar com cuidado e, ao mesmo tempo, com força no sentido de atingir os objectivos que aqui se prosseguem, duas afirmações que se podem resumir numa só, há muito implícita, muito discutível, embora já com uma certa implantação: alucinação = contra-percepção. Esta afirmação resumiria estas outras duas, já aparecidas e sempre presentes nesta perspectivação psicopatológica da alucinação, i. é, do alucinar (-se): fica assente que a alucinação é uma modalidade patológica da percepção enquanto elaboração do real; igualmente, na alucinação como na percepção o que é relevante não é tanto o conteúdo como *o acto*. E isso, quer se trate especificamente das actividades cognitivas, quer das actividades afectivas quer ainda das actividades de unidade que é unificação, seja em perspectiva sincrónica, seja em perspectiva diacrónica.

Deste modo ou nesta perspectiva se compreende que H. Ey apresente dois grandes grupos de alucinações delirantes (1973, 1220). Em primeiro lugar, aquelas que dependem das formas de delírio, enquanto resultantes duma destruturação das estruturas sincrónicas do dito "campo de consciência", (para aqui, da unidade pessoal). Trata-se de experienciações alucinatórias delirantes. Em segundo lugar, aquelas que manifestam uma alteração das estruturas diacrónicas do ser consciente, para aqui (do desenvolvimento pessoal desta personalidade).Trata-se de alucinações noético-afectivas.

Poder-se-ia afirmar como operacional acrescentar esta reflexão que introduz a parte final do longo e exaustivo "tratado das alucinações" de H. Ey, autêntica "suma" sobre o assunto (1973, II: 1252): "A revolução copernicana na análise das alucinações depende da inversão (renversement) da sua fórmula clássica: a alucinação não é o produto duma excitação (positiva), é o efeito

duma dissolução (negativa)". Numa outra formulação, pois esta comporta alguns pontos seriamente discutíveis, e esta, embora aparentemente rebuscada, espero que seja mais esclarecedora porque rigorosamente técnica: "a alucinação não é o que parece ser, algo a *mais*, é o que é, parecendo ser o que não é, algo a *menos*"[66] Há quem a tome por algo acrescentado, por algo de fundamental, por algo ainda de estrutural. Para estas perspectivas, H. Ey acrescenta: "é uma ilusão[67], acarretando consigo a marca duma alteração formal da realidade". (mediatamente, seria de perguntar: de que realidade se trata? Para ver em que consiste a alteração e qual a sua origem.

Para a opinião tradicional, evidentemente, é a realidade sensorial, objecto directo de qualquer sensação. Para a hipótese, presente nesta reflexão, é a realidade pessoal, enquanto mundo imaginal, vivencial que não metafísico, mundo imaginal que é imagem de toda e qualquer outra realidade assim como realidade para quem age conhecendo e para quem conhece, actuando. Se esta hipótese se puder sustentar, a alteração da personalidade não será, propriamente falando, alteração mas, pelo contrário, monopolização da parte desta ou daquela imagem ou de várias encadeadas, o mesmo é dizer a sua supervaloração.

Na hipótese de síntese, H. Ey avança com outras formas de ver a alucinação: "o que se encontra de fundamental na alucinação não é um apelo ou contra-apelo de desejo e muito menos uma produção mecânica de sensações: rigorosamente, uma "falha" no sistema de realidade representado pela estrutura expressiva do ser consciente" (1973, II: 1252).

Persiste o vocábulo, realidade. E com ele a possibilidade dum equívoco.

---

66 "L'hallucination n'est pas ce qu'elle parait être, quelque chose *"en plus"*, elle est ce qu'elle est, en paraissant être ce qu'elle n'est pas, quelque chose *"en moins"* (1973.II:1252)

67 Não se encontra aqui nem sequer a sombra dum retrocesso à confusão tradicional, embora A. Porot (Paris, ^{3}1964) afirme que H. Ey, apoiando-se na perspectiva de dissolução, perturbadora de actividade perceptiva, julga a "ilusão equivalente da alucinação". O problema é outro, na quase totalidade dos autores: a confusão entre psicologia e gnoseologia.

Vale bem a pena começar por esta reflexão, pois ela nos permite situar a temática, vislumbrar um desfecho possível para a problemática e dar uma característica específica a esta breve e parcial reflexão sobre as alucinações. Breve pelo que pode representar na economia do conjunto. Parcial, porque do tema e do problema que constituem as alucinações, apenas retenho e exponho o que pode contribuir, em perspectiva de experimentação dada, para esclarecer a hipótese do mundo imaginal que é a personalidade. E mesmo assim, dum modo bastante próximo do dia-a-dia. Próximo ainda e principalmente da prática psicológica. Com efeito, encontramo-nos perante uma "realidade" de característica vivencial, sendo paradoxalmente objectivo o seu aparecimento e rigorosamente objectiva a possibilidade da sua análise experimental.

A alucinação, em seu sentido mais rigoroso, não passa duma situação extrema no que respeita à vivência do mundo imaginal. Com efeito, ou por força da imagem ou por virtude da alteração da personalidade ou pelas duas razões ao mesmo tempo, as imagens encontram-se dotadas dum peso de "realidade" tal que apaga toda e qualquer outra "realidade", principalmente sensori-concreta. Deste modo, as alucinações constituem a demonstração inequívoca, em ou por experimentação dada e a mais clara em termos de observação, da importância do mundo imaginal.

Ao falar em alucinações, qualquer pessoa pensa, imediatamente, nas "visões" e nos "êxtases" dos visionários e dos místicos de qualquer tipo de religião, mesmo daquela a que pertencem os que dizem não a ter, sendo estes os pacientes ou agentes e aquelas as manifestações. E, no entanto, trata-se apenas de situações, ainda aqui situações-limite, cuja característica levou a realçá-las demasiado e a tomá-las como manifestações únicas, excepcionais ou marginais duma actividade que é comum a todo e qualquer humano[68].

[68] Tenhamos em conta muito particularmente a apreciação dessas situações a partir do culto, igualmente místico e tantas vezes visionário da "deusa" razão que se veio a transformar, por obra do sistema positivista em racionalismo positivista ou positivismo racionalista, deslustrando, com as

Há quase um século e meio que o problema das alucinações foi levantado na "Société Médico-Psychologique" de Paris (1855) e inúmeras discussões aconteceram desde então e nessa ocasião sobre a característica alucinatória da imagem e/ou da representação. A polémica foi, é e será insolúvel enquanto se permanecer na afirmação, mais ou menos lugar-comum, de que a memória, por virtude do seu exercício, implica apenas a ressurgência das imagens, ou seja, a lembrança. Por outras palavras, a memória é vista apenas como a capacidade de fixação e de reprodução. Desse modo parecia ponto assente que toda a representação, para entrar no "campo da consciência" ou pelo facto de entrar no "campo da consciência" tinha de ser uma re-apresentação espectacular do vivido ou uma presentificação da imagem[69].

A partir destes pressupostos é que se tentava explicar as alucinações: ou seja, pelas virtualidades alucinatórias inerentes às próprias formações mnésicas. Correlativamente, esta capacidade reprodutora, inerente à própria imagem, tida por uma espécie de realidade metafísica, corresponde à hipótese de o trabalho que para ela concorre ou para que ela concorre exigir grande viveza ou precisão. Qualquer imagem pode atingir o nível de sensação se a ela for dada uma atenção extrema. É o que acontece no sonho assim como no dia-a-dia: tomamos os nossos desejos por realidades[70], "vemos" o que tememos ou o que deseja-

---

suas análises, as vivências de tantos humanos, perfeitamente legítimas, no meio ocidental, quer enquanto adultos, quer enquanto crianças, perfeitamente legítimas no meio diferente do ocidental, tratando esses humanos de "primitivos", designação generalizada, de "selvagens" ou de "religiosos" na designação pretensamente técnica. Basta lembrar nomes como L. H. Morgan, Lévy-Brühl, Frobenius, mesmo Durkheim, e até Freud.

69 Os freudianos parece pretenderem que as imagens são fixas e definitivas. Com efeito, seguindo os mesmos, estamos sujeitos à "compulsão de repetição".

70 "Le rêve expose les faits, tels que j'aurais souhaité qu'ils se fussent passés; son contenu est l'accomplissement d'un désir, son motif un désir...Après complète interprétation, tout rêve se révèle comme l'accomplissement d'un désir". De passagem, apenas: o que é o desejo? Qual o conteúdo dum tal vocábulo na linguagem do dia-a-dia e na linguagem tecnico-científica? O mesmo conteúdo ou diferente? Se diferente, quem tentou já mostrá-lo nas suas diferenças? Se semelhante, de que operacionalidade se

mos ver "aparecer". Desta exaltação dita afectiva e doutras como a exaltação dita estética, mística ou simplesmente sugestiva em que acontece uma crença imposta por outrem a quem se presta uma certa heteronomia se diz também serem capazes de provocar ilusões e/ou alucinações. Mas não só. Também se pode dar o caso de heteronomias colectivas, sugestões colectivas —com o seu

---

pode revestir para a prática psicológica?

Mais interessante será um outro tipo de problemática em torno do sonho como realização de desejo. Será realização de desejo ou de representação de desejo? Se for de representação, que sentido e que operacionalidade se pode atribuir a representação, particularmente em relação a desejo, cujo conteúdo é dos mais polivalentes senão equívoco? É do próprio Freud que se pode formular toda esta problemática: "Si le rêve, après analyse, se révèle comme un désir accompli, d'où vient le contenu représentatif qui a été élaboré en rêve"? Como se pode entender: realização de desejo ou de representação de desejo? Reparemos no que a seguir realça Freud: "Nous avons appris que le rêve représente un désir comme accompli". Trata-se mesmo de representação? E a representação de realização será o mesmo que representação de desejo e os dois serão o mesmo que desejo, simplesmente? Continuemos a dar atenção a Freud: "A supposer même que tout rêve ait un sens et une valeur psychologiques, il pourrait se faire que ce sens fût différent dans les différents rêves. Notre premier rêve a été l'accomplissement d'un désir, un autre sera peut-être l'accomplissement d'une crainte, un troisième une réflexion, un quatrième un simple souvenir. La question que se pose est en somme la suivante: y a-t-il beaucoup de rêves de désir, n'y a-t-il que des rêves de désir?" S. Freud, *L'interprétation des rêves*, Paris, ^{2}1971, p.110, 112-4. São desejos ou representações de desejo ou ainda representações do que quer que seja? Se forem representações, serão "representações de coisa ou representações de palavra"? na própria linguagem de Freud. E sempre: analisando o conteúdo de representação e toda a sua ambiguidade entre o psicológico e o gnoseológico, ao tempo de Freud, uma leitura actual destes mesmos textos poderá fornecer elementos preciosos para a prática psicológica adentro das técnicas projectivas, *em homenagem ao génio de Freud*, enleado no contexto cultural do seu tempo, inevitavelmente, mas evitavelmente da parte daqueles que se "professam" seus discípulos. Discípulo será o que apenas repete ou glosa? On peut appeler "manifestations involontaires" cette masse d'images dont l'apparition nous étonne tellement dans les rêves immoraux comme tous les rêves absurdes" (*Ibid.*p.70) São representações ou imagens? Mais: "Ce passage de Radestock n'est qu'un abrégé d'un développement subtil de Griesinger qui montre clairement que l'accomplissement de désirs est un trait commun des représentations du rêve et des psychoses. Mes propres recherches m'ont montré depuis, que c'est là la clef d'une théorie psychologique du rêve et des psychoses". (Ibid.p.86) Finalmente: "Le rêve est l'accomplissement (déguisé) d'un désir (réprimé, refoulé)" (*Ibid.*145).

poder alucinogénico, o qual fere os observadores: visões ou ilusões colectivas de tema dito científico, animais fantásticos no passado e na literatura de cordel (sec. XVII e XVIII entre nós), discos voadores e marcianos na actualidade e ainda de tema dito religioso, que pode ir do tradicionalmente dito religioso até aos grupos de pressão, fortemente estruturados e/ou eficientes (comunhões activas como forma de sociabilidade). Decisivo nestas situações, por vezes situações-limite, independentemente da forma, é o facto de o conteúdo ser conforme ao ideal ou à crença do grupo. Se o for, evidentemente que será positivo e válido senão ou porque valioso; se o não for, evidentemente que será negativo e inválido senão ou porque contra-valioso. E, num caso e no outro, trata-se duma crença religiosa, independentemente de ser ou não, do tradicionalmente dito religioso.

Em suma, a presença pessoal de toda uma série de realidades ou mundo imaginal, simultaneamente aberto ao mundo das formas referenciais, mais ou menos claras e definidas, e ao mundo dos conteúdos, em referência indefinida e futurível, apresenta-se como a coluna de sustentação ou a base indispensável do existir mais simples, ou seja de toda e qualquer personalidade.

Alucinação leva a pensar ainda em dois termos que podem constituir uma certa base para a reflexão. Esses dois termos são alucinado, para o sujeito e alucinante para o objecto. Qual objecto? Alucinante, por si mesmo, implica uma perspectiva de actividade, algo activo, qualquer coisa que exerce uma acção sobre algo. Tudo bem visto, qualquer objecto pode ser alucinante e tudo pode, igualmente, constituir conteúdo de alucinação. A característica de absurdidade e de incompreensibilidade ou insignificância, pouca relevância pode ter. Pois o que pesa e faz pensar é que se trata de algo. Algo que se encontra presente e actuante. Alucinante: o conteúdo enquanto vivenciado é o que importa. E só ele.

No entanto, ainda mais que o conteúdo alucinante é o alguém, alucinado, que interessa para uma prática da psicologia. A nossa atenção não pode dirigir-se nem cingir-se ao estudo ou à análise dos produtos, ou seja, dos elementos alucinantes. Não importa apenas *o que* é alucinante, ou se pode con-

verter em "ideia" alucinante. Mas, principalmente, *quem*[71] se encontra alucinado. Alucinante é um qualificativo verbal que envolve uma perspectiva de passividade: alguém passivo perante algo activo. Alguém que segue passivamente um fogo-fátuo que pode ser uma "ideia", um "valor", uma "ordem", uma "luz", um "som", um "aroma", etc...

Num caso como no outro, seria de formalizar aqui o problema de fundo, bem expresso nesta reflexão de H. Ey (1973, 21): trata-se de "une illusion absolue, au-delà de ce point de non-retour à la réalité (sinon au possible) qui constitue le lieu même de l'hallucination". Uma outra reflexão do mesmo H. Ey, pode complementar esta que acaba de ser lembrada. Com a vantagem de nos poder abrir uma nova via, para o conjunto de ideias que nos propomos lançar: "car halluciner c'est bien, en effet, créer de l'irréel en le prenant pour du réel". *Criar*, se for possível demonstrá-lo, comporta um peso de monta; o jogo do *réel* e do *irréel* vai levantar um problema de fundo.

Para uma melhor análise da alucinação, no que à hipótese aqui desenvolvida mais interessa, apontando o mais rigorosamente possível para a ciência psicológica por atenção ao alucinado (sujeito), vou tentar uma inventariação, em perspectiva *psicossociológica* da variedade de conteúdos que podem acontecer e, consequentemente, contribuir para uma equivocidade, sem vantagem quer prática, quer teórica.

Para começar convém frisar que as alucinações nos aparecem mais ou menos confundidas com singelas perturbações de certas actividades da personalidade ou simplesmente, singelas perturbações da personalidade. Tratar-se-ia, deste modo, de "alucinações normais", ou seja, comuns aos membros duma espécie

---

[71] Os anos que passei em Burghölzli, clínica psiquiátrica da Universidade de Zurich, foram anos de aprendizagem. No primeiro plano do meu interesse e das minhas pesquisas, situava-se esta pergunta ardente: que se passa no doente mental? Nessa ocasião ainda nada percebia... O ensino psiquiátrico procurava, por assim dizer, abstrair da personalidade do doente, contentando-se com fazer diagnósticos, à base da descrição dos sintomas e das bases estatísticas...A psicologia do doente mental não desempenhava qualquer papel. (Die Psychologie des Geistes-Kranken spielte oberhaupt Keine Rolle). C. G. Jung, *Erinnerungen, Traume, Gedanken*, Olten, ^{2}1931, p.121.

ou dum grupo cultural. É deste modo que se legitimam situações do seguinte teor: — o caso frequente ou a crença vulgarizada na existência do duplo ou na presença dos espíritos; — o que é tido pela demonstração mais clara encontra-se nas "alucinações colectivas", nas "ilusões de massa", nas "loucuras de multidão" (ditas frequentes entre os antropólogos do passado e do presente); — a produção estética ou a experienciação mística poderiam bastar-se a si próprias, ou seja, o "génio" e o "santo", da sua "genialidade" ou da sua "santidade" agem sobre ou agitam o seu "mundo alucinatório" da criação poética ou extásica (como o pretende certa psicologia filosófica); — o mundo fantástico e/ou fantasmagórico, dito por alguns criativo, pode resultar directamente da ingestão ou da injecção de drogas; — a nossa vida quotidiana estaria embebida em "projecções" inconscientes de "fantasmas" segundo bastantes freudianos.

É, no entanto, nas manifestações que dizem respeito ao duplo ou aos espíritos que mais se insiste em falar de "puras fantasias", em "irreal", em "imaginário". Curiosamente, sempre em termos ou perspectiva metafísica, ajuizando em função duma disjuntiva. Ou seja: só se encontram duas possibilidades: tal situação ou tais situações ou são reais ou não existem simplesmente. Como não são reais, isto é, como não há duplo, como os espíritos não andam por aí à solta ou a seu bel-prazer, muito menos a bel ou mal-prazer de quem pretende comandar-lhes ou simplesmente não existem; trata-se de algo imaginário, irreal, fantasista: ajuizamento metafísico, científico ou sensorial, e sempre ajuizamento de realidade, negando-lha. Que haja, porém, ou não haja espíritos ou duplos, para quem disso está convencido, aqui a única realidade que importa é: alguém. E encontra-se seguro. Depende da escolha. E assim, em termos psiquiátricos e psicoterapêuticos, é dessa realidade, — constitutiva desta ou daquela personalidade — que há que partir pois a personalidade e esta personalidade é mundo imaginal[72].

---

[72] Não é delicado nem frequente mas é valioso insistir: toda e qualquer personalidade é organismo e imagem que cada uma dele se faz, como é imaginação e imagem que cada uma dela se faz; é organismo e sua imagem quer seja são quer seja doente quer tenha actividade hepática quer tenha

Esta manifestação leva a pronunciar um juízo de realidade, negativo, relativamente às realidades sobrenaturais ou mágicas[73]. Quase sempre misturadas as duas palavras, são clara-

---

hepatite, quer tenha amígdalas quer tenha amigdalite. E não é por sofrer de amigdalite que deixa de ter amígdalas a não ser que as arranque, ou por sofrer de hepatite que o fígado deixa de ser uma realidade, nesse caso tão real ou mais do que a própria hepatite. De ter imagens sobre tudo isso. Do mesmo modo se fala da alucinação e daquilo que ela não é como os "espíritos" ou o "duplo".

[73] A raiz da palavra sobrenatural comporta conotações muito diferentes, conforme quem dela usa: usada pelos antropólogos, tanto pode ser negativa como positiva. Em geral é negativa para os antropólogos físicos; os antropólogos sociais e culturais usam-na uns em forma simplesmente negativa, outros nem negativa nem positiva e outros ainda em forma claramente positiva, como acontece com a célebre escola historico-culturalística de Viena: W. Schmidt - *Der Ursprung der Gottesidee* (Wien, 1926-35), A. Le Roy, missionário em várias partes de África, depois Superior geral dos Padres do Espírito Santo: *La religion des primitifs*, (Paris, 1919). Duma certa forma, fortemente divulgada, aparece usada por outros ainda no sentido de realçar os conteúdos imaginários e fantasistas, i. é, inexistentes, em confronto com algo de concretamente, sensivelmente existente que são os produtos e as manifestações socio-culturais: L. Levy-Brühl - *La mentalité primitive* (Paris, 1921) "Quand *les fonctions mentales dans les sociétés inférieures* parurent, il y a douze ans, ce livre aurait déjà dû s'appeler *la mentalité primitive*. Mais parce que les expressions "mentalité" et même "primitive" n'étaient pas encore entrées, comme aujourd'hui, dans le langage courant, j'ai renoncé alors à ce titre. Je le reprends dans cet ouvrage...Je me suis attaché à étudier ce que sont, pour les primitifs, les puissances invisibles, dont ils se sentent entourés de toutes parts, les songes, les présages..." (I-II). Do mesmo autor: *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive* (Paris, 1931), F. Torres, *Religiões primitivas* (Lisboa, 1944); usado, finalmente, por dois grupos quase antitéticos: os "teólogos" positivistas que vivem, acreditando, na divisão-oposição entre a fé e a ciência (entenda-se, por hipótese, experimental) no prolongamento atávico de certos filósofos do bi-substancialismo e por outro lado os teólogos "cristãos" que usam o vocábulo sobrenatural para afirmar a existência real dum outro mundo, cuja existência analisam cientificamente (conhecimento metafísico) e cuja afirmação de existência real é do conteúdo da fé revelada, embora não sejam só eles a afirmar este tipo de realidades pois outros o afirmam, acreditando igualmente na realidade da matéria, da dialéctica, do destino e quejandos tais...

Numa análise psicossociológica (perspectiva experimental) do que se passa a nível humano, tais usos do vocábulo natureza só tem uma possibilidade de explicação: a "leitura" do humano como simples fenómeno da natureza. Há um século, já se praticava tal "leitura": *Lehrbuch der Psychologie als Naturwissenchaft* de E. Beneke (Berlin, 1877) assim como a obra de P. Despine *Psychologie naturelle* (Paris, 1868,3 vols.); ainda a "leitura" do humano, em termos de análise científica, particularmente em psicologia e em sociologia,

mente distintas: ao passo que sobrenatural pode ser ou não ser realidade, mágico é processo de acção a distância ou a exercitação duma influência ou, sob outro ponto de vista, a forma de satisfazer um desejo ou atingir um objectivo, manipulando forças ocultas, em que pelo facto mesmo se procura usar saber se existem nem o que são. E como as atitudes ou as actividades ou as manifestações de magia atingem as pessoas, independentemente de se dizerem crentes ou não crentes, aparece como interessante analisá-la, enquanto ponto de partida para mostrar a generalidade, embora relativa, dessa atitude enquanto expressão humana, independentemente dos objectivos serem ou poderem ser, reais ou não.

E sem razão. Antes de tudo, qualquer que seja o conteúdo, qualquer que seja o tipo de adesão ou de afirmação, os espíritos constituem realidade para alguém. E a preocupação dum prático da psicologia é de compreender esse alguém, tendo, portanto, de ter em conta as *realidades* que ele *realiza*, as actividades que exercita para conseguir agir com ele e em seu favor, enquanto *mundo de imagens*. As situações mais diversas podem acontecer na observação psicopatológica: alguém perde a fala porque assim lhe foi imposto pelo espírito de X; alguém agride alguém porque lhe roubou o pensamento; alguém mutila-se a si próprio porque se julga indigno de ter aquela parte do seu corpo, alguém escreve um livro que lhe foi ditado pelo espírito Y, etc.. Em qualquer dessas situações e de muitas outras, o ponto fulcral é "agarrar", em termos de análise, alargar a descoberta dos conteúdos, a origem e os objectivos possíveis, o significado de que se revestem para o

---

como se tratasse de "coisas": "Règle fondamentale: traiter les faits sociaux comme des choses", proposta por E. Durkheim, *Règles de la méthode sociologique* (Paris, 1895) É bem clara a perspectivação fisico-matemática de tratamento dos dados humanos como se dados físico-químicos se tratasse. Compreende-se a intenção. Problematiza-se a proposta. Para uma rejeição, no sentido de agarrar a alternativa duma perspectivação própria. Ainda hoje, bastante longe de ser algo claramente formulado e suficientemente aceite. Prova: um dos grandes problemas de tipo pessoal ou psicológico, perante a teoria e a prática da "regulação da fecundidade" (qualquer que seja o meio), tanto nos ditos crentes como nos ditos descrentes é a ideia-valor de "natureza": "não se pode ir contra a natureza".

sujeito e, a partir daí, agir com o sujeito no sentido do seu desenvolvimento. É a imagem-valor da influência invisível de algo ou alguém que está em foco, é a actividade fundamentalmente humana da comunicação que se encontra na base de muitas dessas manifestações. Até porque essa situação dita do duplo, em particular, segundo os antropólogos de há muito, A. Hastings, (1908), por exemplo, constitui uma constante das expressões humanas, divergindo apenas segundo os grupos socio-culturais de referência, o tipo de conteúdo e/ou de actividade ritual.

No que toca à designação de "alucinações colectivas" e/ou "loucura da multidão" o problema é diferente, ou seja, pode tratar-se de tudo menos de alucinações ou de loucuras. Com efeito, a falha metodológica é a mesma quer admitindo a terceira condição de alucinação de H. Ey (1973, p.69) quer independentemente disso, fugindo ao lugar-comum dos freudianos que a tomaram do espaço-tempo cultural de Freud (inevitável para este mas evitável para aqueles) de analisar com os mesmos utensílios — vocábulos e perspectivas — os fenómenos pessoais e os fenómenos societais[74]. Nem a personalidade é produto da sociedade nem a sociedade é somatório de indivíduos para se analisarem do mesmo modo as individualidades e as sociedades. Perturbação da sensação para os associacionistas ou perturbação da imaginação ainda, em qualquer hipótese, a alucinação seria sempre uma perturbação pessoal, como pessoal é a percepção ou a imaginação. E nem por "contágio" se pode compreender o "colectivo". As alucinações ditas colectivas são, melhor ditas, leitura grupal

---

74 Próprios dessa época são duas confusões frequentes: entre o individual e o colectivo, derivando um do outro e, simultaneamente, a oposição entre o indivíduo e a sociedade ou o id e o super-ego. Assim, Durkheim (1898) *Représentations individuelles et représentations collectives* (Rev. Met. Morale), G.Le Bon (1900) *Psychologie des foules*. Em Freud, todas estas perspectivas aparecem, em aproveitamento circunstancial e em confusão habitual. Por exemplo: *Psicologia colectiva e análise do eu* (1921), *Totem e tabu* (1912-3) e ainda, outra obra não menos significativa a atingir pontos fulcrais da cultura: *O futuro duma ilusão* (1927). Impressionante, um século depois, ainda se encontrarem repetições ou reproduções de conceitos e perspectivas sem adequação nenhuma às manifestações humanas que se propõem analisar. Só por fidelidade escolástica, i. é, de puro comentário ao texto do "fundador"...

dum fenómeno que é individual e tem por objectivo afirmar ou negar realidades — ser ou valor — as quais ou fazem parte estruturante ou afirmam ou são rejeitadas na interacção de personalidades, em grupo institucionalizado ou não.

A descrição das criações estéticas e extásicas como produtos alucinatórios e, ainda para mais, à imagem do desenvolvimento das personalidades em causa, implica a ideia tradicional de igualar os excepcionais por excesso de unidade dinâmica (criadores geniais ou outro tipo de expressão) com os excepcionais por defeito ou falha de dinamismo unificante[75]. Sendo a alucinação, no seu sentido mais rigoroso, enquanto delirante, uma perturbação profunda da unidade pessoal não é possível acontecer qualquer criatividade, minimamente válida. Evidentemente, não se trata de problematizar a criatividade estética ou científica e muito menos a extásica, mas de recusar que sejam igualadas a puro jogo arbitrário da fantasia. Ou das fantasias, como é tradicional. Paradoxalmente seria de sugerir que a autêntica criatividade estética e mística assim como científica, porque em unidade dinâmica da personalidade que as manifesta ou expressa, conduzem a realidades reais ainda que do mundo abstracto-intelectível, experiências profundas da realidade e do valor, ao passo que a experiência alucinatória e/ou delirante assim como provocada ou química conduzem apenas a quimeras no sentido rigoroso do vocábulo[76].

Desse modo se compreendem ainda as duas mais frequentes interpretações das situações alucinogénicas: a dita tendência, melhor seria prática, alucinofílica que leva a procurar ou a introduzir-se nos "paraísos artificiais" (H. Ey, 1928. p. 509) ou no que se

---

75 Seria de lembrar aquela resposta, de grande humor, como sempre, mais agudizante enquanto análise do que descrições muito "sábias", pronunciada por S. Dali, num programa da RTF (Antenne 2). À pergunta: "dizem que S. Dali é doido, por vezes doido varrido, com a sua apresentação. Com as suas pinturas. Acha que acontece mesmo(??)". Veio a resposta: "Ah! Sem dúvida, sem a menor sombra de dúvida. Sou um doido perfeito, por inteiro. Menos num pequeno pormenor: sei que o sou".

76 Aqueles animais fantásticos, bizarros, compósitos, com busto de mulher e corpo de cabra, as patas dianteiras como de leão, as traseiras de grifo e a cauda de serpente... fantásticos, mas reais para quem os vive.

convencionou chamar na actualidade de "paraísos fantásticos" (L. Lewin, ^{2}1971), tendo-se convertido em algo de mais picante em termos de títulos, pois consegue uma mistura que pode agradar a todos os paladares: em 1936 já encontramos a designação de "venenos", os quais, por um lado são sagrados, isto é, deixam de ser venenos e, por outro, "bebedeiras" que ficam perdoadas por serem "divinas" (De Felice, 1936)[77]; ou, por outras palavras, tudo é lícito, quando *je veux regarder Dieu en face* (Lancelot, 1968). Torna-se claro para todos hoje que a droga não produz o fantástico, mas leva a que se tome por fantástico o conjunto de imagens que liberta, em desenrolar incontrolado, particularmente intenso. Esta intensidade começa por ser preferencialmente do domínio da forma de apresentação mais do que daquilo que é presentificado. É a partir da forma de apresentação que o conteúdo, de simplesmente vivencial, passa a ser captado directamente, como se de algo de objectivo, extra-sujeito, se tratasse. Aqui é experienciado o delírio, sempre processual, ao menos neste momento ou fase; fugindo a qualquer determinação em termos de causalidade quer física ou material quer final, para tudo se apresentar apenas como acontecimento: fantasmagorias, encenações, visões, confusões, intercomunicações, possessões místicas, quer diabólicas quer eróticas (?) (Bastide, 1972, Finné, 1972), quer divinas, em pano de fundo, duma omnipotência hiperlúcida. É evidente que se trata da característica de base do delírio com incidência negativa na atitude do dito drogado para com os outros e, talvez, na atracção para os ainda não drogados. Característica essa que leva o delirante a negar o seu próprio delírio: "não estou perturbado, não me encontro delirante. Pelo contrário encontro-me bem lúcido, clarividente, supremamente inteligente".

A experienciação psiquedélica pode conduzir ao delírio propriamente dito por intoxicação definitiva: fogo de artifício imagético, explosão de formas cada vez mais explosivas, garantindo uma omnipotência especial: a do delírio. Ao "viajar", o experien-

77 Para mais esclarecimentos ou outros pormenores históricos, histórico-culturais e mesmo místicos, na base da atracção, em forma incomensurável sobre os humanos, consultar J.L. Brau (1968) desta "farmacopeia infernal" (Singeman, 1970)

ciante psiquedélico atinge, como no sonho, *a realidade da irrealidade*, (H. Ey) sem conseguir realizar as suas imagens, pois, como observa Ey (1973), a perturbação da harmonia das suas actividades por perturbação da consciência (melhor, por perturbação da sua unidade), torna-o inciente, precisamente, da sua perturbação. Aparece assim claro que a experienciação delirante, constituída pela situação psiquedélica, por acção dos tóxicos, é uma forma patológica da experiência de perda de unidade pessoal e a vivência de tal experiência é a mesma de todas aquelas experiências em que o sujeito toma por objecto não os elementos que lhe fornecem os indicativos sensoriais, em captação constantemente renovada, mas as *imagens* dos objectos (pelos objectos das imagens), em jogo autónomo de combinações incontroláveis, objectivamente, mas em sucessão fulgurante ao sabor de factores, até agora, perfeitamente ignorados mas, provavelmente, passíveis duma análise técnica com imenso interesse para a compreensão da personalidade enquanto mundo imaginal. Todas estas manifestações se podem compreender e de modo algum se pode dizer ou aqui se pretende reflectir em termos de felicidade ou de infelicidade[78]. Apenas se procura e brevemente [79] aproveitando destes

[78] Afirmar "não há drogados felizes" (Olievenstein, 1977) é óptimo para a maioria, mas nada diz à minoria que se encontra na situação. Para a maioria reforça certas imagens da personalidade que só favorecem a evasão ou a quase irresponsabilização perante uma imagem deformada e deformante da personalidade. A começar por uma situação de contrastes: uns poucos, em busca porfiada da lucidez em tão complicado assunto e em tão intrincada situação vivida; inúmeros os que alimentam a confusão, exploram a falta de informação, propõem malevolamente panaceias societais ou pessoais, sempre em exploração da situação e/ou dos outros. Corremos o grave risco de nos drogarmos efectivamente : uns com a droga e outros com a droga da droga. "Temos também de ajudá-los a crescer", diz o autor. Melhor seria, a desenvolver-se constantemente; "fazer-lhes compreender que ser adulto é, inevitavelmente, impor-se um certo número de frustrações" (Olievenstein, 1977, p.275). Sendo assim, quem se droga tem carradas de razão para fugir a algo que lhe vai trazer "frustrações", fugir a "um princípio de realidade" que lhe vai contrariar o "princípio de prazer". Outro seria o som se mudássemos a perspectiva sobre a personalidade, vendo-a como um dinamismo constante e desenvolvente em que só acontecem frustrações na exacta medida em que estivermos sob a força de estereótipos que "viver é gozar", que "os outros têm obrigação de nos dar o que desejamos e no momento em que o desejamos", ou ainda "que a vida será uma repetição dos primeiros dois/três anos de vida

dados de observação, apontar para o facto experimentalmente comprovado do mundo imaginal.

Em prática psicológica e em análise psiquiátrica aparece claro que a "experiência delirante" a que conduz a "situação psiquedélica" por acção dos tóxicos, apresenta-se, por um lado, como realce para a unidade pessoal e para importância das imagens para a sua estruturação, em falha nesta manifestação de forma psicopatológica; por outro lado, como demonstração da variedade quase estonteante, ainda que perfeitamente compreensível, a nível da psicologia hoje, do mundo das imagens, enquanto produtos a transformar. É este mundo de imagens dos objectos, sensoriais ou não, em jogo autónomo de combinações incontroláveis que se encontra na base de todo e qualquer sujeito que se experiencia na indistinção dos três mundos ou na confusão dos conteúdos dos três mundos.

Para finalizar, curtas observações sobre os três outros domí-

---

extra-uterina", "o super-eu compreende pois o pólo repressivo da personalidade e opõe-se à satisfação incondicional do desejo" (A. Dias, 1980, p.204). Passando do domínio do psicológico, avança-se para o domínio do sociológico, numa infracção simples das exigências epistemológicas, para afirmar: "Todos os traços essenciais, sejam familiares, culturais ou sociais que encontramos nos toxicómanos... encontram-se, mesmo se eles são negados, no mundo que nos rodeia e de que fazemos parte..." há mesmo "uma continuidade fundamental... entre as condições do funcionamento afectivo e social dos toxicómanos e as condições de vida na civilização actual, em Portugal em particular. Os toxicómanos aparecem-nos pura e simplesmente como jovens pior armados para fazer face... às realidades e dificuldades e solicitações que constituem o quotidiano dos seus contemporâneos". (A. Dias, 1980, p.205-5) "Ou então... vamos até ao fim do empenhamento comunitário, na falta de poder assumir qualquer empenhamento terapêutico individual, vivemos a existência dos próprios rapazes e raparigas de quem nos ocupamos" como todas as ideias e valores, com as preocupações e críticas. "Quer isto dizer que aceitamos uma relação fusional, devorante, canibalesca e que, ao modelarmo-nos sobre as razões que todos estes jovens têm para não viver, fornecemos-lhes sem desconto vinte e quatro horas por dia, uma espécie de placenta de substituição". (Olievenstein, 1978, p.272)

79 A bibliografia apresentada por H. Ey (1973, T.II), englobando dos anos 1940 a 1972 estende-se ao longo das páginas 1474 às páginas 1496 alinhada em duas colunas, distribuída por anos. Impossível se torna pensar em esgotar o assunto ao dar mais nesta simples referência pontual: A. Dias (1980) apresenta abundante Bibliografia, também e mais actual

nios. É claro que se pode escrever uma "psicopatologia da vida quotidiana",(Freud, 1901) mas com uma pequena condição: admitir apenas uma diferença de grau entre o são e o doente, entre o normal e o anormal[80]. Também é claro dentro duma perspectiva que substantifica o vocábulo inconsciente, arrancando-lhe a característica de forma verbal para qualificar substantivos, falando de inconsciente, em vez de analisar os conteúdos inconscientes. Substantivar o inconsciente aconteceu por virtude da atitude apologética, adoptada pelos freudianos, lançando o anti-dogma do inconsciente contra uma certa noção tradicional de consciência, perfeitamente inadequada para significar o que se pretendia que significasse, principalmente na sua vertente moral ou moralizante. Daí talvez a característica anti-moralizante, consequentemente re-moralizante do realce dado ao "inconsciente". Ao falar-se de projecção, seria de perguntar: de que projecção se trata? Se for, como será coerente dentro do sistema, um "mecanismo do inconsciente", criado a partir duma observação de delírio de perseguição, com bases alucinatórias — caso do presidente Schreber — verifica-se uma transposição inadequada, epistemologicamente, do adulto doente para o adulto ou

---

[80] *É admissível*, evidentemente, se nos colocarmos no ponto de vista da mera análise clínica: o são tem todas as condições para se tornar gradualmente, insensivelmente doente. Para muito contribui ao menos em análise psicológica e mesmo psiquiátrica em termos de prevenção, dar atenção aos pródromos. No entanto, para que tal possa acontecer, na prática de saúde dos organismos como na prática de saúde das personalidades, torna-se indispensável ter um conhecimento, o mais rigoroso possível do que é o organismo são e do que é uma personalidade sã, assim como do que é o organismo doente e do que é uma personalidade doente.

Não é admissível, se nos colocarmos numa perspectiva de análise científica em que o tratamento matemático dos dados, para o ser verdadeiramente, implica um número suficiente de situações de observação para que se possa induzir uma afirmação minimamente generalizável a todos os casos, mais ou menos semelhantes, com os casos analisados. Desse modo, não há uma transição insensível entre o são e o doente, entre o normal e o anormal mas características precisas duma situação e doutra situação. Ainda se poderia avançar uma outra hipótese, impossível de a desenvolver numa simples nota, que seria a do aspecto valorativo da situação de doença, principalmente em perspectiva psicopatológica, tendo em conta o próprio sujeito.

a criança sadia[81]. E seria de nos perguntarmos ainda: o que são os fantasmas senão representações de "coisas" de que não há — todos os freudianos o afirmam — nem pode haver qualquer observação directa nem técnica? Consequentemente, fantasmas são o que a "escolástica" freudiana determina e os adeptos reproduzem.

Em suma: duas manifestações principais que interessa realçar como claramente diferentes da alucinação propriamente dita, são as experienciações profundas e fortemente criativas do artista, do esteta e do místico que não prescindem, antes pelo contrário exigem, a expressividade global em unidade dinâmica da personalidade, adentro de si própria e em interacção com o meio; são ainda as experienciações superficiais e/ou passageiras, porque pontuais em ilusões mais ou menos claras, mas ilusões apenas para quem as observa de fora, pois apresentam adesões e certezas indiscutíveis para quem se encontra de dentro. Prova evidente de que se passa isso mesmo é que as ilusões variam de grupo socio-cultural para grupo socio-cultural, de grupo ideológico para grupo ideológico, etc.. Trata-se de crenças, outros dirão de superstições para os de fora e certezas para os de dentro, trata-se de manifestações irracionais ou mágicas apenas para quem não partilha das ideias e dos valores do grupo; o qual toma determinadas ideias e valores, como fundamentais para a sua unidade, irradiação e actividades.

Por seu lado o alucinado e, principalmente, o alucinado delirante é-o em qualquer parte sempre alucinado, tendendo-se, cada vez mais, para um diagnóstico, tanto quanto possível conver-

---

81 " Fique claro desde já: não nas interrogamos sobre o valor da teoria psicopatológica nem do método terapêutico freudiano, mas apenas e simplesmente sobre a psicologia do homem normal que deles Freud procurou tirar". (F. da Silva, 1981, p. 127). O objectivo é claro, indispensável se torna dar-lhe toda a atenção pois a transposição é por demais evidente epistemologicamente inadequada. Ainda: "Não pretendemos com isto que o método patológico seja ilegítimo, como não pretendemos invalidar a terapêutica nem a psicopatologia freudianas. A nossa crítica incide apenas sobre a passagem da terapia e da psicopatologia para o normal como foi feito por Freud (*Idem*, p.158) em abuso claro por parte dos freudianos ortodoxos e mesmo não ortodoxos, incompreensivelmente". Parece-me legítimo dizer que é compreensível em Freud a transposição, ao menos numa análise historico-cultural. E incompreensível nos freudianos, em aplicação e prática.

gente, apesar da diferença cultural dos técnicos que os pronunciam. Desse modo, o fenómeno alucinatório, por característica principal é inversão radical e individual, fortemente vivenciada, ou na intimidade-privacidade do sujeito, da diferença entre o "subjectivo e o objectivo" ou a absolutização do mundo imaginal reduzindo-o ou confundindo-o com os mundos abstracto-inteligível e/ou o concreto-sensorial[82].

82 A inversa, sem ser alucinação na prática mas rondar a ilusão grupal, é a que se verifica quando se pretende reduzir a realidade ao sensorial e/ou ao inteligível, classificando o mundo imaginal como irrelevante ou inexistente, porque pura fantasia, pura abstracção — "que sujeito tão abstracto", quando alguém anda *atento* a algo que o interessa ou preocupa.

IX — ALUCINAÇÃO E SUAS INTERPRETAÇÕES

Por estes indicativos da problemática em torno da alucinação se pode ver que há algo de mais próprio e de mais concreto a caracterizá-la. Principalmente se tivermos em conta estas diversas formas mais ou menos populares e divulgadas de falar da alucinação, mesmo de certas formas literárias de a descrever. O que ficou dito em termos de problematização dessas formas é suficiente para mostrar que só tenho duas saídas: ou há algo de mais concreto, de mais rigoroso, mesmo cientificamente fundamentado ou não vale a pena falar de alucinação neste contexto. Será este o caso da D. S. M. III?

Tentar uma perspectivação mais técnica, com mais rigor e exigência para além destas considerações gerais, em si mesmas e nas afirmações que as provocaram, constitui o objectivo desta parte da observação experimental. E isto, apesar de reconhecer que a patologia dita mental ou do dito mental ainda se encontra longe duma base sólida, aquela que seria claramente e convergentemente fundamentada em termos técnico-científicos. O que se compreende, tendo em conta a diminuta atenção dispensada aos dados oferecidos pelas ciências psicológicas, particularmente no que diz respeito ao nível sensitivo da actividade humana. Deste modo se compreende igualmente que nos encontremos num confronto de teorias, em notória dependência dum passado da temática psicológica, com maior ou menor número de atavismos, talvez mesmo, estereotipias. E assim, é quase inevitável uma certa ambiguidade na reflexão, o mesmo é dizer, uma dificuldade de fundo na clarificação desta temática.

O objectivo desta reflexão, situada adentro desta temática, não consiste em trazer nova luz sobre este assunto da alucinação, mas aproveitar do facto comummente aceite da existência deste

síndroma ou deste sintoma, para fundamentar a existência do mundo imaginal que é cada personalidade. Por outras palavras, aproveitando das situações humanas de alucinação, a que todos os psiquiatras e teorias psiquiátricas dão relevo, vou tentar partir do que essas alucinações significam para o sujeito e para o observador, no sentido de fundamentar a realidade do mundo imaginal. Tal dado assente, vou tentar ainda sugerir uma leitura diferente — um pouco ou demasiada ousadia — da própria realidade vivencial da alucinação.

No entanto, antes disso, uma pequena síntese-amostra das teorias mais ou menos tradicionais, algumas mesmo tradicionalistas, e uma alternativa, em termos de teoria sobre a mesma alucinação.

Dois grandes grupos de teorias se podem apresentar, mais ou menos descritivas, mais ou menos explicativas acerca do fenómeno alucinatório. Melhor seria, do sujeito alucinado. Um grupo propõe uma descrição-explicação linear e outro uma explicação-descrição de tipo organizacional. Deste modo se pode apontar para uma alternativa com interesse: uma explicação em perspectiva de níveis, de aspectos e de potencialidades, globalmente considerados, manifestando-se por intermédio de expressões que são sempre acções de actividades-potencialidades de alguém.

A explicação organizacional ou de organização hierárquica procura demonstrar que a saúde se encontra na estrutura estruturante e estruturada do "corps psychique". Desse modo a doença será sempre, não uma destruturação propriamente, mas — vantagem operacional — uma tentativa ainda que frustre, mas desveladora, de re-estruturação. Ao passo que a explicação-descrição linear comporta uma faceta dita "dinâmica" e uma outra claramente mecânica. A faceta dinâmica, afirma-se dinâmica apenas porque coloca na sua base o "conflito" inevitável. A forma de apresentação da dinamicidade consiste na ligação, em arco reflexo, do objecto à imagem e seu desejo, mais ou menos inconscientemente. Na sua forma mecânica, a teoria linear afirma que a ligação acontece em arco reflexo, em termos de ligação da reacção ao estímulo que a provoca, quanto mais não seja por um efeito condicional. Neste caso, torna-se fácil realçar a sua característica de

ausência completa de qualquer significação. Para o sujeito, evidentemente. No outro caso, a presença, ou dominância mesmo, de significação aparece, ao menos em termos de classificação ou catalogação, apesar do esquema da análise. E o primeiro caso, explicação organizacional, como se poderia classificar? Será que a base da atenção que lhe é consagrada deriva da superação valorativa que promove em relação às duas correntes anteriores?

Vamos partir das considerações mais gerais acerca duma certa psiquiatria tradicional. Ou seja, aquela que se encontra inspirada nas concepções sensistas de forte tradição e/ou associacionistas, com um reforço, fornecido pela corrente gnoseológica do empirismo e indirectamente reforçada, pela negativa, a partir de Kant e do kantismo. Deste ponto de partida ou de apoio, a psiquiatria tentou e praticou uma pulverização das alucinações, por ter em conta a diversidade e, principalmente, a diversificação-confusão das sensações. Neste contexto ter-se-á como objectivo "agarrar" preferivelmente as modalidades do alucinar, enquanto actividade dos sujeitos, do que as formas contingentes, por vezes até arbitrárias, das classificações.

Três grandes grupos de autores ou três grandes correntes tentam dar uma interpretação-descrição das manifestações de alucinação. Uma das teorias procura evidenciar, em linha directa, a origem da alucinação a partir duma ligação entre a imagem e a percepção, sendo esta, mais ou menos identificada com sensação: Desde que uma imagem se forma, em modalidade particularmente intensa, pretendem as correntes mecanicistas que, por um efeito de força mecânica, a alucinação aparece como um corpo estranho, perante o sujeito. Na sua forma a mais antiga e a mais actual, em termos de divulgação, esta concepção foi perfilhada por filósofos, naturalistas, médicos e até por alguns moralistas. Ch. Bonnet, filósofo e naturalista, no seu "Essai analytique sur les facultés de l'âme" (1783), afirmava: "não se torna difícil imaginar causas físicas (internas) que abalam com bastante força diferentes feixes de fibras sensíveis as quais vão representar na alma imagens de diversos objectos, com tanta viveza, como se os próprios objectos agissem sobre esses mesmos feixes". Já Descartes o havia feito por diversas vezes, como o

indica este texto do Traité des passions de l'âme (art. 20) consequência directa do seu bi-substancialismo (metafísico ou metodológico): "é o curso fortuito dos espíritos animais que podem originar as alucinações". Mais claramente um seu continuador e extremizador Mallebranche, através da teoria do ocasionalismo: "algumas pessoas há cujos espíritos animais, fortemente agitados por jejuns, vigílias, febres quentes ou por qualquer paixão violenta, estes remexem as fibras interiores do seu cérebro com tanta força como os objectos exteriores, de tal modo que essas pessoas sentem aquilo que simplesmente imaginam e crêem ter perante os olhos os objectos que apenas se encontram na sua imaginação" (Recherche de la verité, II, I: 42). E igualmente tantos outros como Boerhaave (1762), Boissier de Sauvages (1768), etc..

Gatien de Clérambault, nos princípios do século XX é o mesmo a realçar sistematicamente e duma forma que não deixa dúvidas a ninguém o dogma da mecanicidade da alucinação em toda a sua pureza e coerência. De Clérambault não cessou de aperfeiçoar, desde 1909 até 1934, as suas ideias em torno do "automatismo mental". Trata-se dum processo autónomo que engloba uma certa variedade de sintomas, agrupados em tríplice automatismo: sensitivo, motor e ideo-verbal. A alucinação apresenta-se como a demonstração clara da produção mecânica *ideo-verbal*. Em suma, na base do delírio encontra-se uma alucinação e na base da alucinação encontra-se um acidente da mecânica cerebral que dá origem a uma intensificação das imagens, contidas nos centros psico-sensoriais. Há, portanto, uma certeza neste domínio, em tríplice afirmação: a organicidade ou produção mecânica dos sintomas a excluir qualquer "ideogénese" ou, vindo à actualidade, qualquer "reacção sociogénica"; a sua característica elementar ou basal contra qualquer perspectiva psicogenética; e, finalmente, a produção mecânica das alucinações, a vincar tratar-se de fenómenos físicos, sem sentido e sem motivos.

Actualmente, acontece uma tentativa diferente de justificação desta teoria, particularmente (é o mais interessante) pelas experiências de excitações eléctricas dos órgãos dos sentidos (R. Jung, 1967, 423). Assim, sob a designação de automatismo mental, De Clérambault distinguiu, definindo, as seguintes altera-

ções da expressividade humana: — as mais subtis de todas, as veleidades abstractas, algo de não discernível, uma espécie de esvaziar-se ou ir além do próprio "pensamento"; — as mais concretas de todas as sensações parasitas, em qualquer dos tipos de sensibilidade: *cenestesia* com impressão geral de transformações corporais, electrizações, ausência de vísceras, possessão, etc. ou com impressões especiais, no que toca, por exemplo, ao aparelho sexual, impressões de toques, de violação, principalmente à distância, etc.; *cinestesia*, com alucinações somatognósicas, impressões de deslocação, distorção de membros, "membros fantasmas", etc.; *sensibilidade externa*: — a nível da vista: fotopsias, cenários, desenhos decorativos, visões caleidoscópicas, imagens, coloridas ou a preto e branco, exaltantes, apaixonantes, eróticas. A característica de fundo é uma certa encenação, à semelhança do sonho (onirismo); — a nível do ouvido: melodias, assobios, sinos, principalmente vozes, claramente definidas no timbre e na nitidez e singularidade, quer em segunda pessoa, quer em terceira pessoa, quer proferindo injúrias, quer dando informações, quer ainda repetindo verbalizações ou comentando as actividades do sujeito; — a nível do olfacto e do gosto: odores estranhos, inenarráveis, desagradáveis e gostos insólitos; — a nível do tacto: queimadelas, picadas, frio, unidade e demais impressões epidérmicas.

Em evidência encontra-se claramente presente, a identidade entre sensação e percepção. Há, no entanto, outra identidade, não menos curiosa: entre afecto e desejo ou impulso.

Teríamos também a teoria que implicitamente admite a forma mecanicista, em termos de reflexos os mais variados[83], particularmente no que toca ao inconsciente, o fulcro quase exclusivo da actividade humana. Tal teoria realça particular-

83 "Depois de colocarmos em paralelo os esquemas de Pavlov e de Freud acerca do dinamismo geral do sintoma nevrótico, do sonho, do "défoulement" terapêutico e da sublimação, convém examinar se as experiências do fisiologista russo permitem igualmente verificar o que se chama os "mecanismos freudianos" a condensação, a deslocação, a dramatização, a simbolização e a elaboração secundária". A conclusão vai ser da semelhança quase passo a passo. R. Dalbiez, *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, Paris, 1949, T. II, p.81-108.

mente o aspecto energético e dentro deste, realça os conteúdos vivenciais em termos de luta, conflito, oposição, negação, etc. dentro e fora, em repetição.

No polo oposto automatismo mental, compreensivelmente, embora quase só aparentemente, encontra-se a concepção mais ou menos clássica dos freudianos. Esta concepção freudiana poderia ser dita com vantagem teoria vectorial do desejo. Fundamentalmente, apoiando-se no simbolismo, presente nos conteúdos manifestos dos sonhos, dos delírios e das alucinações a ser detectado pela evidenciação dos conteúdos latentes, tenta demonstrar que a única explicação de tudo isso é o próprio movimento do desejo, sendo ele próprio, radicalmente, uma busca sistemática da satisfação alucinatória no seu objecto.

Já no fim do século XIX, Bernhein falava do aparelho histerogénico e, hoje, na continuação do princípio do século, poderíamos falar do aparelho "alucinogénico", adentro do próprio "aparelho psíquico". No entanto, o mais interessante é verificar que a concepção freudiana, apesar da sua luxuriante roupagem de divulgação, nada mais é do que a confirmação do mais antigo e tradicional senso-comum, para além de se apoiar num certo número de pressupostos, histórico-culturalmente definidos[84].

---

[84] Reforçar o senso-comum perante a mentalidade anatomista ou fisiologista presente na definição da doença dita mental, abrindo o caminho para uma concepção radicalmente humana (sem preocupações de humanismo) e em termos de personalidade *não é pequeno mérito para o labor teórico e prático de Freud*. Lamentável seria e será que o seu pensamento, seja transformado numa escolástica comentarista ou numa capela de fieis, havendo, inevitavelmente, os ortodoxos e os heterodoxos. No entanto, o mais grave deste comentarismo escolástico encontra-se no facto de não se dar suficiente atenção aos pressupostos socio-culturais em que Freud lançou todas, e *bastantes foram*, as suas ideias e as suas intuições (numerosas) *claramente originais*. Além disso, esses, "modelos socio-culturais", fortemente divulgados a permitir uma fácil aceitação da parte do grande público e mesmo do pequeno público intelectual, mas insuficientemente informado, socorrendo-se, em consequência, dos mesmos modelos culturais primeiros e também primários, apontam para a concepção dicotómica, muito cara aos "filósofos" cartesianos e pos-cartesianos, assim como aos fisiólogos de todos os tempos, estendendo-se aos sociólogos biologizantes antes dos fins do século XIX e princípios do século XX: a dicotomia de consciente e inconsciente, com o sub-consciente pelo meio, mais ou menos indefinido (1ª tópica); a dicotomia de id e super-ego, com um ego mediano mais ou menos solução de compromisso

Assim é conhecido e sabido o fenómeno das "miragens" do deserto em que aparecem caudais de água aos olhos "de quem tem sede", apetitosos acepipes, às papilas e aos olhos "de quem tem fome": por outro lado, encontram-se sobejamente divulgadas as figuras sensíveis que povoam "a noite dos sentidos" de alguns místicos. No entanto, para que tal aconteça, muitas vezes apenas nuns instantes, torna-se indispensável que algo ou alguém "pareça" separar-se do sujeito, objectivando-se, isto é, sendo alucinação. Mas, ainda que se diga falsamente percepcionado, tem de acontecer sem que o sujeito disso se dê conta. Em confirmação do que já Espinoza afirmava na sua Ética (III,1): "o desejo é a essência do homem", esta "afectogénese" das alucinações, adaptado-adoptado pelas correntes freudianas vai mais longe ao "sacrificar" ao cientismo racionalista do século XIX, na medida em que procede, privilegiando-substituindo a causa final ou o sentido do futuro, ou capacidade de "gizar" o futuro, pela causa material (eficiente), ou a repetição,mais ou menos "compulsiva" do passado.O que parece operacional para a compreensão da personalidade e mesmo objectivo, como será demonstrado, é que o modelo freudiano de explicação da alucinação apenas "reforça" ou confirma a ideia de que a *força do desejo* é virtualmente alucinatória, e própria de

---

(2ª tópica) e, principalmente comprometido na sua intervenção e posteriormente (A. Freud) reduzido a simples "defesa"; a (Eros) dicotomia, posterior e grandemente indefinida de "instintos de vida e instintos de morte" ??? (3ª tópica). Uma certa divulgação, ao gosto dos modelos vigentes nos meios ocidentais, em termos de adaptação (modelo biológico) e de socialização (modelo sociológico), na sequência dum certo modelo educacional, cujo objectivo era desenvolver os "bons" instintos, as "boas" tendências e contrariar os "maus instintos" e as "más" tendências, depois ditos "recalcados" com a subsequente "sublimação", repescada pelos antigos "educadores" mais ou menos moralizantes; uma certa divulgação apoiou-se na oposição-conflito entre indivíduo-sociedade, hereditariedade e meio ainda no prolongamento do bi-substancialismo cartesiano, enquanto leitura metafísica (substância pensante e substância externa), no bi-substancialismo bio-fisiológico de Cabanis com a sua obra quase "bíblia"das "relações entre o físico e o moral no homem" (1802).

A mais subtil manifestação de bi-substancialismo encontra-se na famosa perspectiva freudiana dos "conflitos intra-psíquicos" de aceitação geral por virtude de reforçar a concepção moralizante de luta entre "o espírito e a carne" ainda e claramente bi-substancialista na análise do humano.

qualquer humano, mas de modo algum pode ser vista, como a condição necessária e suficiente das manifestações alucinatórias, rigorosamente definidas.

Se partirmos da hipótese, já demonstrada e, de forma diferente, ainda retomada posteriormente, o que se passa na e em cada personalidade é expressão por igual e igualmente representativa dos conteúdos vivenciais, quer eles sejam conscientes quer eles sejam inconscientes, assim como da relação entre o mundo potencial e o mundo objectivo e social, não se pode afirmar nem demonstrar a existência de qualquer barra ou barreira entre o mundo potencial e o mundo objectivo e social, assim como entre os conteúdos conscientes e os conteúdos inconscientes.

Se partirmos da hipótese contrária, perfilhada pelos freudianos, ou seja, que o Inconsciente[85] constitui o todo da "vida psíquica", não se encontra apenas uma barra ou barreira entre os dois mundos, mas um deles, o consciente, nem sequer tem sentido, pois nada mais é do que o "discurso" ou a linguagem da vida quotidiana do sujeito, a única forma de o inconsciente se manifestar, no jogo constante e fatal do mostrar e do esconder "as coisas" que ele entende dizer ou calar, pelo simples jogo de palavras[86]. Dentro desta hipótese e apenas dentro dela em que tudo acontece, mais ou menos por uma reacção mecânica, "máquina desejante e falante", é claro que a alucinação será destituída de sentido e de qualquer possibilidade de acontecer, pois nada mais pode ser do que uma fraqueza pessoal, uma falha contra a lei da realidade, da qual o ser consciente é o garante ou o guardião.

Para completar esta breve referência à perspectiva freudiana sobre as alucinações, realçaria este facto primordial, frequen-

---

85 Voltarei à abusiva substantivação do qualificativo verbal de *cum+scire* na sequência da repetitividade do bi-substancialismo cartesiano, mas agora para contrariar o relevo exagerado ou quase exclusivo atribuído à consciência ou ao consciente.

86 Trata-se de algo muito claro em qualquer texto de Freud, particularmente, em *La psychopathologie de la vie quotidienne* - Application de la psychanalsye à l'interprétation des actes de la vie courante (Paris, 1922) e em *Le mot d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, (Paris, 1930), tradução francesa revista pelo próprio Freud.

temente apontado por Freud: "interpretar um sonho significa indicar o seu sentido"[87], quer dizer, trata-se duma projecção cénica ou manifestação mais ou menos figurativa das pulsões inconscientes e, deste modo, o desejo do sonhador encontra-se aí claramente presente. Por outras palavras: para Freud mais claramente, o inconsciente que forma simbolicamente o sonho, dá-lhe origem pela força do desejo e das pulsões da líbido que nele se satisfazem "à vontade". É evidente que o inconsciente não aparece apenas no sonho, fornecendo-lhe o conteúdo, mas, principalmente, é o seu agente. Daí poder estabelecer um certo paralelismo entre a situação de alucinação e a situação de sonho[88].

Assim como para o sonho, o factor inconsciente da produção alucinatória nem sempre é claro ou, por outras palavras, o "mecanismo inconsciente" do sonho e da alucinação é radicalmente ambíguo: ora diz respeito a algo de perfeitamente consistente, quer a nível consciente quer a nível inconsciente, ora a consistência do falado é nula: o melancólico ouve as vozes claras de acusação sem se dar conta que se condena; o confuso-onírico vê as armas que o seu terror fabrica sem disso se dar conta. Ora as alucinações nada dizem de especial porque se apresentam, simplesmente, como frases neutras, absurdas ou irrisórias: as vozes num melancólico apontam "podes tirar o teu bilhete... que

---

87 Logo no início do cap. II da *Traumdeutung*, para excluir qualquer espécie de dúvidas acerca do seu pensamento, tendo acabado de dar uma panorâmica da literatura sobre o sonho (cap. I), avança: "je me suis proposé de montrer que les rêves sont susceptibles d'être interprétés... En admettant que les rêves peuvent être interprétés, je vais à l'encontre de la théorie régnante, à l'encontre de toutes les théories du rêve sauf celle de Scherner. En effet, "interpreter un rêve" signifie indiquer son "sens", le remplacer par quelque chose qui peut s'insérer dans la chaîne de nos actions psychiques, chaim important, semblable à d'autres et d'égale valeur" (p. 30, Paris, ^{2}1971).

88 Em *Complément metapsychologique à la théorie du rêve* (Freud, 1968, 136) afirma: "Nous disons que le désir du rêve est halluciné et trouve sous forme d'hallucination, la croyance en la réalité de son accomplissement. C'est précisément à cette partie terminale de la formation du rêve que se rattachent les plus grandes incertitudes; pour les élucider nous allons comparer le rêve aux états pathologiques qui lui sont apparentés". E mais abaixo vai mesmo directo à assemelhação: "on pourrait parler, d'une façon tout à générale, d'une psychose hallucinatoire du désir et la retrouver également dans le rêve et l'amentia".

fizeste à máquina de lavar?". Num sujeito confuso, trata-se de "lobos de veludo... a fechar o cristal dos meus ossos... línguas de fogo que se evaporam até à raiz dos meus dedos". Palavras, histórias sem histórias, comparações ridículas, confusão de formas e movimentos. Deste modo, legitima-se lançar a hipótese: "a forma alucinatória da experiência delirante não depende principalmente nem apenas da força dos desejos inconscientes. Assim como o próprio sonho depende do sono, a alucinação depende de qualquer modalidade de perda da unidade pessoal". (H. Ey, II, 1007). Por outras palavras: sem conteúdos inconscientes, a grande porção da imagética pessoal, não haveria sonho, nem percepção, nem onirismo, nem alucinação. É tão claro, concreto e prático, na prática psicológica como na prática do dia-a-dia que ainda nos perguntamos: para quê esse "deus ex machina" do "retorno do recalcado"?

Conclui, em consequência, H. Ey (II, 1013): "a alucinação, segundo os freudianos faz da realidade psíquica (Realität) uma entidade física (Wirklichkeit) o que faz com que deixe de ser propriedade do sujeito para tomar as propriedades dum objecto — pessoa ou coisa — que não é ele ou que se apresenta como um perceptum". Tal perceptum nada mais é do que a imagem tomada por sensível. Por isso, continua, H. Ey: "pensamos que apesar de ser um facto a realidade (Realität) simbólica de qualquer delírio e de qualquer alucinação, tal não se torna suficiente para fundamentar a teoria linear do mecanismo inconsciente da projecção alucinatória, é de facto mais semântica ou de linguística geral do que psicológica". Mais ainda: uma tal explicação que se pretende, aliás, psicológica, é de facto mais semântica ou de linguística geral do que psicológica, da existência dum inconsciente omnipotente senão único a existir. Segundo essa explicação tudo o que acontece na relação humana é igualmente e da mesma forma real e irreal (imaginário). Não havendo, por outro lado, qualquer problema de realidade, fica sem sentido tudo o que possa tocar à diferença ou não, da percepção e da alucinação.

Podíamos adiantar algo para o nosso propósito de realçar os contributos de reflexão, adquiridos graças a Freud, grandemente passíveis de complementos, a partir da prática psicológica, em

honra do grande interprete que foi. Como diria Baruk, apesar de nunca ter navegado nas suas águas: "é inevitável reconhecer que a psiquiatria descritiva, por mais rigorosa que seja, se limitava a notar as ideias delirantes um pouco como na história natural, sem entrar no conteúdo destas ideias, da origem, da significação e da sua evolução dinâmica. Tal lacuna foi preenchida por Freud, o qual abriu deste modo uma nova dimensão à psicologia e à psiquiatria. Para Freud, os sintomas patológicas são apenas um facto exterior de observação, mas possuem um sentido e uma finalidade". (1972: 127). Explicitemos alguns contributos:

— o conteúdo simbólico da alucinação, voz, forma, figura somática, etc..

— a forma ilusória da sua prática, "por investimento quase sacramental"... ou os estudos sobre o objecto-feitiço[89].

— a formulação genial da teoria da alucinação, satisfação de desejo;

— os princípios de constância, de equilíbrio, de homeostasia e descarga de tensões constituem a "tendência" fundamental, a lei da atracção e da gravitação do universo psíquico. Evidentemente, se a percepção dos objectos exteriores passa pelos fantasmas, seja, percepcionar é também e necessariamente fantasmar; se o desejo é a "raiz quadrada" de qualquer percepção, toda a percepção é alucinatória e, desse modo nunca haverá percepção. Se toda a percepção é alucinatória é, simultaneamente, distorção e projecção. Projecção porque distorção e distorção porque projecção.

— o processo de projecção alucinatória é algo que acontece em termos económicos, de satisfação das pulsões: quer como descarga das tensões do "desejo", quer como defesa contra o "desprazer". Prazer satisfeito ou desprazer evitado constituem dois aspectos fundamentais. Com efeito, o objecto projectado pode

---

89 No sentido etimológico, claro no português donde derivou de factício e presente na fórmula afrancesada de "fetiche", cujo objectivo é tapar um buraco, mais ou menos metafísico: o da mãe perante a criança (K. Abraham) pois faz as vezes de pénis, vivido como perdido ou impossível; o abismo do medo na criança a qual procura a todo o momento fazer aparecer, tocar, manipular um "bom objecto" (M. Klein e Winicott), em tratamento de tipo sádico.

ser, quer o objecto de satisfação do desejo, quer o objecto de satisfação da repulsa. Aqui encontra-se o sentido maior de projecção. É bom não esquecer, no entanto, que estes dois "objectos", quer de desejo quer de rejeição, conduzem à satisfação alucinatória, ainda que em sentido inverso e que estes objectos para a escola freudiana são simplesmente fantasmáticos e os seus movimentos, deslocações, mutações, inversões e intrincações são apenas de ordem simbólica[90].

Por aqui se pode ver que um encadeamento de afirmações constitue a melhor demonstração do modelo linear a que se submete o movimento inconsciente, por virtude do qual o desejo se liga ao seu objecto: assim, se o sonho constitui uma realização de desejo; se o sono depende do sonho e ambos da realização do desejo; se o desejo que o sonho satisfaz não é simples nem consciente; se o desejo atinge alucinatoriamente o seu objecto pelo investimento adentro do processo primário, houve mutações curiosas: mutação "económica" por inversão do movimento que iria no sentido motor e que acaba por se concretizar numa realização sensorial alucinatória; há ainda uma mutação de perspectiva ou volta tópica, pois o objecto que é no início, objecto de desejo recalcado, torna-se objecto do recalcamento, na medida em que é como que determinado pela "censura", ou seja, a instância recalcante.

Nem outra hipótese é possível: trata-se dum sistema fechado ou em circuito fechado, no qual tudo se inscreve em termos de desejo, ou tudo se passa em termos de cargas libidinais e de investimentos para concretização da "realidade psíquica" enquanto inconsciente. Sendo assim nada mais é pensável do que mutações de estados internos ou "inversões de sentido". O "mecanismo de expulsão" no delírio alucinatório, particularmente no delírio de perseguição, é o modelo perfeito duma projecção para o

---

90 Mas, o que se quererá dizer com símbolo? Desta feita, é claro que o delírio e/ou a alucinação se podem descrever, analisar e compreender enquanto dotados de sentido simbólico, na dependência permanente do seu contrário. Ou seja: em confronto com a realidade. No entanto, se a realidade não possui consistência própria, é a própria realidade que igualmente a perde. Merece ser realçado.

exterior dum objecto fantasmático ou interno[91]. Em paralelismo linear encontramos a introjecção, em movimento também simétrico, de possível inversão. Deste modo aparece o sentido rigoroso, na escola freudiana, de projecção ou mecanismo de ejecção, ambos inconscientes, atirando para fora de si próprio, para o mundo dos objectos o que o "eu" (!?) não pode tolerar nos seus domínios.

Mais um pequeno pormenor: ao passo que a projecção é paranóica (psicose), a introjecção é histérica (neurose). O delírio alucinatório ao constituir ou fabricar objectos, expulsando-os, assemelha-se à expulsão das fezes, primeira impressão do dentro e do fora no 1º ano da vida extra-uterina (M. Klein). Para se proteger da ansiedade. Qual?

Distinguindo uma vez mais o formulado, empobrecedor, da riqueza contida nas reflexões de Freud, seria de afirmar algo no sentido de ir mais longe na descoberta do mundo imaginal que é cada personalidade. O modelo divulgado é o duma "teoria propriamente mecanicista da regressão, próxima da neurofisiologia reflexa e da teoria associacionista segundo as quais a imagem nada mais é do que o reflexo mnésico da sensação a qual se pode reconverter em sensação pela estimulação interna dos centros de imagens". (H. Ey: II, 1054)

O pensamento explícito de Freud pode ir muito mais longe. É uma questão de o re-ler, para além do circunstancialismo histórico-cultural em que foi formulado, por criatividade científica. Fugindo a qualquer repetitividade escolástica.

Com efeito, torna-se impossível manter, indefinidamente, a oposição entre *Realität* e *Wirklichkeit* por falta da célebre "épreuve de la réalité" (Realitätprüfung) (Freud, [13]1968, 125-46). Depois de 1911 volta a afirmar em 1916 a função hedónica do sono e do sonho. O sono satisfaz o narcisismo primitivo, retirando o sujeito do mundo. Ao passo que o sonho permite uma satisfação alucinatória do desejo. Isto já afirmado na *Traumdeutung* (1900).

Apesar disso, tudo se complica: a via alucinatória que leva o desejo ao seu objecto fica fortemente contaminada pela elaboração

---

[91] Mesmo aqui e seria oportuno frisá-lo, só se projecta o que existe ou que faz parte do "mundo interno" da personalidade. E com tal força que parece ao sujeito, exterior ou como aparecendo no exterior.

do sonho em que colaboram, igualmente, o desejo inconsciente e modalidades do pensamento consciente (os restos do dia). E Freud pergunta-se, com lucidez, depois de insistir na teoria essencialmente energeticista segundo a qual tudo depende dos investimentos libidinais e suas deslocações: será que a imagem, por mais dinamizada que seja pelo desejo se pode transformar em alucinação? É que, na verdade, acontece algo de curioso: a psicose alucinatória representa-se o objecto dos desejos e, ao mesmo tempo, representa os desejos como já "realizados", "conseguidos". (138).

Com H. Ey (1973, 1006): "é claro que o "fil rouge" duma interpretação do delírio e da alucinação se perde em inextricáveis contradições", apenas por falta de atenção às aquisições mais recentes nos domínios da psicologia, psicossociologia, particularmente esta na medida em que esclarece o contacto histórico-cultural em que qualquer inovador, como Freud, expressou as suas descobertas geniais.

PERSPECTIVA ORGANO-DINAMISTA

Além da perspectiva acerca da alucinação, segundo a qual tudo são mecanismos, em ausência completa de qualquer significação e aquém da perspectiva segundo a qual nada é gratuito, desde o sonho ao acto falhado, mas sempre portador duma significação, o que se poderá colocar como perspectivação sobre a alucinação, capaz de nos fazer ir mais além destas perspectivas mais ou menos dependentes dum passado ultrapassado? Haverá algo mais a acrescentar que nos possa descobrir algo de novo e inovador no que diz respeito à compreensão da personalidade, a partir desta situação extrema que é a alucinação?

A ideia base desta perspectiva encontra-se nesta pergunta, claramente formulada por H. Ey, após uma pequena digressão histórico-bibliográfica pela literatura técnica de línguas alemã, francesa e inglesa (U.S.A.): "quem poderia, quem ousaria pretender que a ideia duma organização, isto é, duma ordenação

hierarquizada de meios para um fim não define o organismo em geral e o organismo psíquico em particular?" (1973, I: 1080) . É clara a proposta, até porque pode permitir uma integração superadora das doutrinas dualistas tradicionais da maior ou menor concomitância do físico e do psíquico, numa espécie de paralelismo epifenomenista, a torná-los igualmente incompreensíveis e as suas relações: mera suposição de cariz metafísico. Da péssima metafísica, a que é praticada por quem pretende negá-la. Resta saber se fugimos aos tradicionais bio-fisiologismos, psico-biologismos e, mais recentemente, socio-biologismos, mais ou menos mecanicistas. Quer o "Origin of Species" (C. Darwin, 1859), quer "Elemente der Psychophysic" (Fechner, 1860), quer ainda "Physiology and Pathology of Mind (Maudsley's, 1867), ou "Mental Evolution in Animals" e "Animal Intelligence" (Romanes, 1883-1882), "Le cerveau, l'âme et les facultés" (Farges, 1890) e tantos outros realçam claramente a oposição, o conflito, senão mesmo a redução do níveis "superiores" aos níveis "inferiores".

Seria operacional recordar que H. Jackson se apoiou nesta metamorfose tardia do bi-substancialismo cartesiano, vigorosamente apoiada por H. Spencer em "Principles of Psychology" (1854) e bem traduzida por uma formulação do género: acontece uma evolução a qual se processa da homogeneidade incoerente para a heterogeneidade coerente. Segundo H. Jackson 1877, os "highest" centros sensori-motores formam o órgão do pensamento (Organ of Mind) ou a base física da consciência. São eles os mais evoluídos, o mesmo é dizer, os mais diferenciados, mais especializados e, ainda, mais numerosos na sua diferenciação, assim como os mais interligados (cooperation)". Escreve mais adiante, sem ambiguidade, em termos de concomitância: "Isto não constitui uma fisiologia do espírito (pensamento) um pouco mais apenas do que uma psicologia do sistema nervoso". (1884. I; 417) Daí compreender-se que Ey proponha esta reflexão crítica, marcando um passo no sentido dum *neo-jacksonismo* "ao qual sempre nos conformamos como ao autêntico espírito jacksoniano, desprovido das superestruturas mecanicistas e espaciais". (1973, II; 10869.

Igualmente, seria de rejeitar, em nome dum neo-

-jacksonismo, a analogia forçada, praticada pelos que reduzem a compreensão do sistema nervoso aos modelos cibernéticos. Com efeito, só aparentemente, o armazenamento (Dataspeicherung), a selecção-lembrança dos dados (Dataverarbeiten) e a função de reconhecer (Erkennungsleistung) dos computadores[92] mesmo os mais sofisticados se pode aproximar da actividade nervosa, nas suas diversas facetas. No entanto, para os detentores e seguidores da teoria reflexológica e todos os outros que se assemelham a esse modelo (behaviorista e freudiana) é clara a semelhança senão mesmo identidade. Compreensivelmente. Não se trata de observações experimentais mas de aplicações maciças de pressupostos metafísicos. O trabalho mais sólido, profundo e cerrado de crítica à "crença" na cibernética e à aplicação maciça do ciberneticismo em moda, encontra-se em R. Ruyer (1954). O "set" que dinamiza o organismo pensante não se reduz ao efeito ou ao reflexo na região mecânica ou semi-mecânica na qual entram em acção os meios que se subordinam ao seu fim[93].

Um primeiro passo: todo o organismo comporta como característica específica uma hierarquia estrutural. No entanto, há que dar um novo passo em frente: não é apenas uma hierarquia. Mais especificamente, se é possível, uma hierarquização constante ou uma estruturação a equilibrar-se. E o passo seguinte é formulado por H. Ey: "Desta sorte, a criação dum meio interior é uma *necessidade* absoluta para a autonomia do ser vivo. A relação vital entre esta necessidade e esta autonomia manifesta-se com mais evidência a propósito do *organismo psíquico*... que dis-

[92] R. Jung, neurofisiólogo, nega também essa possibilidade, acabando por reconhecer: o problema consciência-máquina não é nada mais fácil de resolver do que o problema alma-corpo. Até porque enquanto fisiólogo, conhecedor do assunto, nada encontrou de melhor do que esta singela reflexão, dotada de grande pertinência, no seu aspecto de evidência primeira: a máquina electrónica nada mais faz do que executar os "programas" que o técnico prepara ou lhe ordena. Ou seja, a utilização, em biologia, da técnica das regulações automáticas diz respeito aos dispositivos neurofisiológicos, os quais acabam por ser apenas os executores (instrumentos: Hilfsmittel) ao serviço da organização que o ser vivo constitui (1967, 455-66).

[93] Mais recentemente (1968) M. Audísio e Cl. Blanc insistem na mesma ideia duma "ossatura" de modelo teleológico do organismo humano, dum existente e, antes disso, dum vivente.

põe, além disso, duma margem de elasticidade individual". E vamos às afirmações, claras, precisas e inequívocas. Embora com certa dose de confusão possível no tempo, real na actualidade de amanhã, a qual confusão se pretende evitar com a hipótese aqui desenvolvida: "esta plasticidade, esta liberdade... sobrepõe-se ao organismo propriamente somático, de tal modo que podemos, que devemos falar dum organismo psíquico, dum *corpo psíquico*. (1973, II: 1101). Está dito: a ideia fundamental da teoria organo--dinamista encontra-se explicitada: organo, porque diz respeito a um organismo; psíquico, dinamista, porque agida por uma finalidade.

Explicitando um pouco mais, aplicativamente: será legítimo falar de lógica? Será o que mais interessa ou o que menos ou nada interessa? Com efeito, sem que as pessoas disso se dêem conta podem continuar a ligar, quase confundindo, reflexão lógica com investigação psicológica. De novo a palavra a H. Ey: "isto é uma forma de dizer que "à lógica do ser vivo" (Fr. Jacob, 1970) se sobrepõe (sem a substituir por inteiro) à lógica do ser psíquico. Ora, esta lógica é a própria organização do ser consciente". Lamentavelmente e talvez não, pois se trata duma certa sistemática para explicar a alucinação, um segundo equívoco espreita: a lógica é a própria organização do ser consciente, agente operacional das transformações que se orientam no "sentido neg-entrópico da realidade e dos valores próprios à autonomia do ser psíquico". E aprofunda-se o equívoco: daqui resulta a dialéctica do ser consciente e do ser inconsciente, a qual se inscreve neste aparelho "lógico", neste logos que define pela sua racionalidade o discurso do sujeito a qual se liberta da entropia do seu inconsciente [94]. E a conclusão, passavelmente esclarecedora: "se a lógica da vida psíquica é a do tornar-se consciente, a entropia deste sistema, a sua

[94] Poderia significar um cedência possível à moda da substantivação do qualificativo verbal, particípio presente, inconsciente ou uma reprodução do excessivo valor atribuído ao outro qualificativo verbal, consciente, enquanto consciente-racionalidade, expressas numa linguagem duvidosa, de características bio-energéticas, em modelo fisico-matemático — leitura psicossociológica — ou significar uma intenção de superação valorativa das antinomias tradicionais, sintetizando tudo numa fórmula geral, talvez, demasiado geral.

morte, é a queda ou a incarceração no inconsciente".

Vejamos, no entanto, a perspectiva mais directamente, em súmula, para compreendermos a sua própria interpretação das alucinações. A dificuldade é grande. Esta ambivalência de linguagem, esta persistência dum modelo operacional, esta aplicabilidade dos vocábulos e das perspectivas, mais ou menos metafísicas, de base biológica, hibridizadas por mera associação de sílabas em psicofisiologia ou sociobiologia levam a desvirtuar uma ciência, a psicologia, que se procura afirmar em investigação e serviço. Basta reparar no pluri-emprego do qualificativo de psíquico[95]. H. Ey é claro: torna-se indispensável tomar o aparelho psíquico, a organização psíquica pelo que são: um autêntico corpo psíquico, envolto em si-próprio e integrando os seus "órgãos" e "funções" na organização estrutural da autonomia pessoal que é a sua finalidade". Seria de perguntar: para onde vai a autonomia pessoal quando a finalidade de que sempre fala a teoria organo-dinamista se encontra inscrita no código genético? Mas, voltemos à palavra-chave do sistema tal e qual foi realçada pelo próprio H. Ey: "o que constitui este *corpo psíquico* é, portanto, um mundo que, adentro do sujeito, o coloca em relação com o seu mundo, o mundo cultural dos outros e o mundo natural das coisas". (1973, II: 1102) Perspectiva aliciante, por um lado, de uma certa riqueza subjacente, promissora de diversificações interessantes em ciência e em prática psicológicas, comprometida por uma linguagem e uma perspectiva epistemológicas pouco claras.

Neste contexto há que compreender essa alteração do corpo psíquico que é a alucinação. Esta nada mais é do que a alteração da "incorporação" da *realidade*, pelo *ser* consciente. E numa justificação por contraste que pode ser elucidativa, avança H. Ey (p. 1176): "se a pessoa e a sua vida psíquica (pela qual alimenta a sua relação com o mundo) ficam esmagadas pelas mandíbulas do dualismo cartesiano ou reduzidas, quer a uma mecânica quer a um puro espírito, quer ainda a um novo dualismo a resvalar para

95 Cfr. "A polivalência de psique", em A. M. Santos, *Expressividade e personalidade*, p.145-58, Coimbra, 1972.

o automatismo do id ou ao repressismo do super-ego, impossível se torna qualquer tipo de psicologia, ou seja, balança entre a fisiologia e a sociologia". Para concluir e situar mais claramente, melhor, compreensivelmente, seria de transcrever estoutro pensamento: "o que falta à psiquiatria é uma noção-chave que a fundamente. Esta noção poderia ser a de "corpo psíquico". É deste modo que melhor se pode compreender a alucinação, enquanto decomposição da base de expressão de cada humano: o corpo psíquico e as suas estruturas. Concretizando melhor: a alucinação constitui uma espécie de eclipse, um "crepúsculo" da *realidade* ou este modo de a *irrealidade* parecer real. É a partir daqui que melhor se podem analisar as diversas formas e sua complementariedade na apresentação da alucinação por H. Ey.

No entanto, não virá a propósito realçar todas essas modalidades da alucinação, muito correctamente identificadas e analisadas, para conveniente arrumação, por H. Ey. Para o propósito daquilo que constitui a hipótese de fundo aqui em equacionamento e em desenvolvimento parcial, pelo facto mesmo, seria de concluir com uma frase-passagem para a parte final desta reflexão sobre as alucinações, tendo tomado estas como manifestação de experimentação dada, a mostrar a *importância, a realidade da imagem* na personalidade. Muito mais ou diferentemente: mostrar que toda e cada personalidade é mundo imaginal ou mundo de imagens de tudo o que a rodeia e para além de tudo o que a rodeia, através da criatividade imagética. Tudo é realidade porque vivida e vivenciada, manifestando-se em modalidades diversas, mas com um fundo de unidade que é cada personalidade enquanto existência.

Em síntese do que foi dito e do que ficou omisso, embora esteja, a seu modo, presente, seria de tentar afirmar-demonstrando o seguinte: a alucinação consiste em um sujeito expressar, vivenciando efectivamente a "irrealidade". Irrealidade que é a única realidade presente para ele, ainda que esteja perante todas as outras realidades; é viver fora do que é realidade autêntica para os outros, embora a verdade seja irrealidade para ele-próprio.

Partamos da frase, atribuída a Leibniz e sobejamente conhecida de toda a gente: nada se encontra no intelecto que não tenha

estado antes nos sentidos, a não ser o próprio intelecto. Por outras palavras: a própria aquisição empírica não pode prescindir do intelecto. Se desta perspectivação gnoseológica passássemos a uma perspectivação psicológica, depararíamos com uma outra expressão, em maior apoio à hipótese do mundo imaginal: "Es gibt Keine Gestalt ohne Gestalter". O mundo, a realidade é o que a personalidade dela disser e o que nela inscrever em termos de significação, na base da temporalidade[96]. O próprio contacto sensorial com o mundo físico, o mundo vital e o mundo cultural só se compreende, só pode ser convenientemente perspectivado, em ciências psicológicas, enquanto contacto de alguém com algo.

Deste modo, mais claro se pode tornar que o interesse das manifestações alucinatórias, na e para a compreensão da personalidade, enquanto mundo imaginal consiste na realidade e valor desse mundo imaginal para o alucinado. *A única realidade, para ele, é a irrealidade para os outros.* A tal ponto que desaparece completamente o sentido da diversidade do real, particularmente o objectivo e o sensorial. E, no entanto, continua a receber as mais diversas mensagens sensoriais, continua a elaborar as suas percepções, continua a congregar os elementos uns com os outros, com maior (delírio paranóico) ou menos coerência (delírio esquizofrénico). Se o sujeito continua a agir ou em actividades é sinal que aconteceu um ângulo de 180°, ou seja, o sujeito toma a realidade imaginal que é, vulgarmente dita irrealidade, pela única realidade, vivencialmente a sua.

Diversas outras formas alucinatórias ou "destruturações do campo de consciência" se podem apontar. Vejamos algumas das mais significativas para o presente propósito: em primeiro lugar, as manifestações oniroides ou estado crepuscular do vivencial próprio, em que o mundo dos objectos sensoriais, científicos e metafísicos convivem em indistinção com o mundo das imagens ou o vivencial chegando às situações de duplo ou de "sentir" em si mesmo algo de estranho a ele-próprio: ouve ruídos, recebe ordens, não sente ou não tem corpo, impõem-lhe o pensamento ou

---

96 Só teria a confirmar, aprofundando e diversificando, até por actualização de bibliografia, o que publiquei em 1972 (Coimbra): A. M. Santos, *Expressividade e personalidade*, p. 193-292.

roubam-lho... A ordem do espaço-tempo vivido não é nem matemática, nem lógica, nem física, nem ainda biológica ou geográfica, mas sim uma ordem "existencial", na qual cada expressão acontece com a sua característica de relativa objectividade. Com efeito, a personalidade não é, não pode e, consequentemente, não deve ser considerada como meramente subjectiva, na medida em que reconstrói ou reformula a realidade. Ela é mundo a seu modo, mundo imaginal, objectivo e analisável objectivamente. Com efeito, ouvir vozes, sentir-se possuído, violado, exposto, comandado... nada mais é do que objectivar o seu próprio mundo, o que se é.

Dum outro género são as manifestações do tipo maniaco-depressivo com "ideias" de destruição, de falta, de culpa, fatalidade e condenação a alterar — daí o seu aspecto curioso — com "ideias" de exaltação, expansão, possibilidade, inspiração e posse dionisíaca. Temporalidade, no fundo: peso dum passado que não passou — nenhum passa — ou presença dum futuro que é apenas escapar a um passado a que não se pode escapar. Em ambos os casos uma negação vivencial do presente, como referencial primeiro da expressividade concreta de alguém.

De novo: "o que falta à psiquiatria, concluirá H. Ey (1973, II: 1176), é uma noção-chave que a fundamente. Esta noção poderia ser a de "corps psychique". Por esta razão é que a primeira tese da concepção organo-dinamista é não apenas a afirmação mas a descrição fenomenológica das estruturas do "corps psychique", cuja desorganização faz aparecer a alucinação". Por outras palavras, a alucinação é a destruturação de base em qualquer humano, constitui uma espécie de eclipse, um crepúsculo da "realidade" ou este modo especial de a irrealidade parecer real. Por aqui se pode ver a diversidade de modos pela qual o A. tenta demonstrar a realidade e a importância da alucinação. Em síntese de todas elas, poder-se-ia re-tomar a frase: a alucinação consiste em o sujeito *vivenciar* efectivamente *a irrealidade* que é realidade para ele ou encontrar-se fora da *realidade dos outros* que é irrealidade para ele.

Com uma condição: não se pode tentar compreender a alucinação e muito menos explicá-la, adentro dos quadros logico-

-gnoseológicos tradicionais. Com efeito, ou caímos no racionalismo idealista ou no empirismo realista. Neste, a alucinação aparece como uma outra forma de contactar com qualquer dado sensorial, com a pequena diferença no que toca ao estímulo físico. E nada mais seria do que uma outra modalidade de sensação-percepção de entre a infinidade de impressões, recebidas pelo sujeito a partir do mundo exterior. No primeiro caso, do racionalismo idealista, se a alucinação nada mais fosse do que uma imagem e, ainda mais, enfraquecida, diminuída não passaria de uma das muitas fabricações do sujeito, no seu solipsismo. Não teria sentido falar de alucinação.

E, no entanto, com quanta força se impõe como entidade à parte na observação clínica. A razão é demasiado simples mas torna-se vantajoso reflectir: *a alucinação é o que é*. De modo algum pode ser ou ser vista, como simples imagem ou como simples objecto. Sim e só pode ser e ser vista com um aquém ou além claro quer do objecto quer da imagem . Um aquém ou além de incompreensibilidade desconcertante para quem observa e de clareza meridiana para o próprio sujeito alucinado. Irrupção de realidade máxima e/ou única para ele e de irrealidade total para o observador. Daqui, facilmente se avançaria para a realidade vivencial ou experiencial, como primeira conclusão, para a realidade observacional como segunda conclusão, apontando para a existência, num outro nível ou domínio, dum mundo imaginal ou expressividade.

Esta expressão de H.Ey, resume com certa clareza não apenas a sua perspectivação organo-dinamista, mas também, de certo modo, uma visão global da realidade alucinatória: "Efectivamente, a alucinação apresenta-se como um vício de organização, pelo qual se manifesta, enquanto falsificação intrínseca na qual imerge o organismo (organo) da vida de relação (dinamista) na medida em que, alterado, descobre o puro imaginário, o qual lhe compete conter (controlar)". (1973, I: 28).

X — EM JEITO DE SÍNTESE

A partir desta breve amostra do que se encontra um pouco por toda a parte, desde o dia-a-dia até certos manuais de divulgação, seria aconselhável agarrar a temática a partir do rigor criado pelos técnicos, inovadores ou não, pelos cientistas de pendor mais biótico ou de pendor mais "espiritual", pouco importa.

Assim, a concepção clássica, muito típica e significativa historico-culturalmente falando, apresenta várias facetas: a do seu aparecimento, a da sua divulgação e a do seu prolongamento pela actualidade fora. Era e quase é seu lema de fundo: "a alucinação é uma percepção sem objecto[97]. Foi talvez e ainda será a forma mais frequente de "ler" ou captar o fenómeno alucinatório. Até porque é adequado ao enigma ou paradoxo do

---

97 Frequentes vezes aparece atribuída a paternidade de tal afirmação ou definição a Moral e Ball (Allonso-Fernandez, 1968,501), sem se saber bem ao certo porquê. Tanto mais quanto se encontra esta mesma definição já em J. P. Falret (*Malades mentales*, Paris, 1824, 864) que o traz de mais longe: "... comme en l'a si souvent souligné..." Facilmente se compreende um tal facto. Com efeito, chegar-se ao máximo de se formar da alucinação uma concepção mais ou menos empirista, pretensamente realista ou mais concretamente sensista, como se a mesma alucinação nada mais fosse do que um simples figuração, é relevante.

Seja como for, falar de alucinação constitui grave dificuldade, pois a sua história comporta uma passagem de bastante interesse, de "síndroma" ou "psicose modelo", por quase confusão com a psicose esquizofrénica, para um simples sintoma, presente com maior ou menor força, nos mais diversos síndromas. Indo mais longe ainda, certos autores, dos mais célebres, K. Jaspers, H. Ey distinguem e subdistinguem espécies de alucinações indo ao ponto de falar de alucinações anormais e alucinações normais, entre estas as visões hipnagógicas, certas produções fantásticas, ou então com Freud e bastantes freudianos mais ou menos ortodoxos, vai-se ao ponto de considerar o sonho como uma alucinação. Daqui se pode depreender com facilidade, quanto seja difícil delimitar os conteúdos significativos desta realidade vivencial.

fenómeno, na medida em que realça a contradição, em formula breve e claramente compreensível. Trata-se mesmo duma falsa percepção, o mesmo é dizer, que ela se reporta a um falso objecto. No entanto, isso não leva a negar, antes pelo contrário, a *realidade* da vivência pessoal. Seria uma percepção autêntica *verdadeira* (vivencialmente) duma *falsa* (objectivamente) realidade[98]. Nesta perspectiva é fácil distingui-la da simples imaginação na medida em que esta não implica uma vivência sensorial das sensações anormais ou anomalias sensoriais (sem incidência perceptiva) assim como das ilusões pois estas comportam algo de objectivo, no sentido de exterior embora inadequadamente captado, senão "alucinatoriamente" interpretado. Daí concluir-se que a alucinação seria um escândalo lógico, um absurdo ou um puro nada. Com uma condição: a de toda a realidade ser redutível ao captável pela sensibilidade. No entanto, por mais que se atire "contra" ela com os mais fortes argumentos, a sua presença, claramente real na prática psiquiátrica e mesmo psicoterapêutica, senão em certas circunstâncias do dia-a-dia, apresenta-se como um facto inegável, apesar de ferir, na raiz, o estatuto da percepção, segundo é apresentada e afirmada tradicionalmente.

Neste contexto, aparece com um certo interesse a proposta de H. Ey (1973,47), no sentido de sair desta situação embaraçosa, qual seja, a absurdidade da alucinação, como desafio constante e avançar na compreensão de alguém, o alucinado. Consequentemente, há que completar a fórmula, dizendo: "uma-percepção-sem-objecto-a-percepcionar". A justificação,

98 Uma pequena amostra de tentativas diversas, praticadas por H. Ey no sentido de captar a realidade vivencial *e* psiquiátrica que é a alucinação: "unité de l'expérience vécue de l'imaginaire valant pour une expérience de la réalité" (46); "un vouloir-dire comme soliloque" (23); "paradoxe même d'une réelle irréalité" (901); "C'est pour le sujet s'objectiver en tout ou en partie...sans cesser d'appartenir à l'ordre de la subjectivité". (48); "l'apparente réalité de l'irréel" (1211); "poser la réalité de l'irréalité" (1); "Percept d'un objet faussement objectivé" (901); "Une sorte d'explosion du système de l'irréalité" (22); "Créer de l'irréel en le prenant pour du réel" (2); "Est une altération du processus d'objectivation" (50); "Est essentiellement pathologie... altération, falsification, inversion, contresens... de l'acte perceptif" (H. Ey, 1973).

avançada por H. Ey é a seguinte: "acrescentando a 'percepcionar' não o faço por pura tautologia e/ou redundância, mas por se tratar dum objecto que não é objecto de percepção. Ou seja, trata-se de percepcionar o que não é possível de percepção, o mesmo é dizer, trata-se duma falsificação da percepção. Numa perspectivação a contrastar claramente com a hipótese por mim avançada e em tentativa de fundamentação, H. Ey afirma, curiosamente, que a percepcionar positivamente é o mundo dos objectos ou mundo físico, incluindo o mundo humano e a percepcionar negativamente é o que é para o sujeito, pois não é objectivo, mas aquilo a que se referem todos os objectos. Sendo assim, conclui-se que o alucinar é, para o sujeito, tomar-se a si próprio como objecto duma percepção a qual será inevitavelmente sem objecto, pois o sujeito não pode constituir-se como objecto exterior a si próprio[99]. Mais curiosa é a razão seguinte, avançada ainda por H. Ey: "o sensível é imanente a todo e qualquer conteúdo da consciência. Inversamente, toda e qualquer percepção dum objecto exterior implica igualmente o comprometimento do sujeito que se projecta[100] na percepção". Isso poderá constituir uma solução de compromisso com a filosofia freudiana da absolutização do desejo. Curiosamente, a seguir, esboça uma outra reflexão que se reveste dum grande interesse para o acesso à hipótese de base acima formulada. Após ter dado grande relevo a que alucinar-se é objectivar-se no todo ou em parte, ou seja, tomar por objecto o "seu impensado" (os seus automatismos, as suas imagens, como o seu desejo e até o seu

[99] Certos grupos, geralmente alheios — hipótese mais favorável — aos dados das observações duma psicologia actual e actualizada ou jogando com atavismos, mais ou menos estereotipados, duma psicologia filosófica, tradicionalista, duma psicologia biológica, conservadora assim como, provavelmente, jogando com uma psicologia sociológica do presente, apoiados, por outro lado, em reflexões epistemológicas certas, enquanto tais, mas inadequadas enquanto aplicadas às ciências que analisam os fenómenos humanos, também afirmam o mesmo: a psicologia não tem consistência enquanto ciência, porque a personalidade ou o sujeito nunca pode ser objecto de ciência. Noutro lugar reflectiremos a este respeito. Aqui anotamos apenas o que se passa.

[100] Na III Parte, algo de mais rigoroso e mais desenvolvido será dito acerca da projecção.

próprio pensamento), baralha elementos assaz diferentes senão quase opostos. Deste modo melhor se pode conseguir compreender a essência do alucinar: rigorosamente só acontece no delírio, não porque o delírio seja uma falsa percepção — critério gnoseológico — mas porque constitui uma revira-volta da personalidade, alterando a correspondência-relação entre o real e o imaginário entre o eu e o outro, entre o objecto e o sujeito. É a própria existência e a sua base, o experiencial, que se encontram profundamente alterados.

E assim se pode aceitar, sem dificuldade, que a alucinação é, enquanto tal, sempre doença "mental". Ou seja: para H. Ey, trata-se sempre duma alteração do acto perceptivo a não confundir nunca com o exercício normal da imaginação, particularmente com o complemento imaginário de qualquer percepção. Daí decorre esta dupla manifestação da alucinação (dizendo alguns, efeito da alucinação, sem, no entanto, proporem qualquer forma de acção sobre a causa!!!): as perturbações das funções perceptivas e as perturbações da unidade da personalidade.

"Sem-objecto-a-percepcionar" realça não o conteúdo, o vivencial, mas a forma por que acontece a deformação, a própria inversão do acto perceptivo. Para mais clara apresentação da perspectiva de H. Ey, seria de realçar o seu comentário a R.Rabkin (1969-70), na sua comunicação "do you see things that aren't there? Construct Validity of the Concept Hallucination". Tal comentário procura acentuar que se verifica uma grande convergência senão mesmo concordância de perspectiva; igual apelo ao retorno a Esquirol (1898, 159): "alguém que vive na convicção íntima duma sensação actualmente percebida, embora não haja qualquer objecto que fira os sentidos, encontra-se num estado de alucinação, é um visionário". Igual focagem — significativamente — mais de uma teoria do conhecimento do que duma relatividade das condições culturais, por mais importantes que elas possam ser ou ser consideradas.

Num breve comentário a esta explicitação da concepção proposta por H. Ey seria de acrescentar que em qualquer alucinação, enquanto manifestação da possibilidade de alucinar,

pode acontecer em qualquer dos níveis de actividade de cada personalidade, assim como em todas as diversas dimensões dos três níveis, neuro-fisiológico, sensitivo, intelectivo e em qualquer dos dois aspectos, em imbricação constante entre si, dos três níveis e das diversas dimensões. Por outro lado, a alucinação atinge todo o tipo de conteúdos de qualquer das actividades que digam respeito ao corpo como aos objectos, que digam respeito ao vivencial ou às modalidades possíveis de relação da personalidade com o ambiente no qual actua, que se reportem às ideias ou aos valores, pessoais, interpessoais ou societais, em relação aos objectos sensoriais, aos objectos experimentais ou aos metafísicos. Um modo de estar presente e ser presente. Num mundo que não é mundo apenas. Nem se trata apenas de modos de ser e/ou estar presente. É outra coisa.

Torna-se inútil realçar a importância de tal reflexão. Com efeito, para um praticante da psicologia, o que conta é cada personalidade no seu transcurso existencial, o qual, cronologicamente, comporta manifestações, em variação indefinida. Ao mesmo tempo, cada personalidade não se encontra numa relação directa com nenhum objecto, ideias, valor ou outro qualquer conteúdo. Em consequência não pode ser vista, simplesmente, como o exercício duma actividade sectorizada, mais ou menos automatizada do nível sensorial. E é relevante esta reflexão para o nosso propósito. Com efeito, a prática terapêutica demonstra que reduzir a alucinação a uma simples sensação é retirar-lhe qualquer tipo de estrutura própria, isto é, negar-lhe a sua manifestação em termos de delírio, reduzindo-a a simples excitação sensorial exterior, sem objecto-estímulo, mero estado ou acto biofísico. Por outro lado, reduzi-la a uma simples imagem transformável por uma qualquer força interna, em duas vertentes, continua a não ser consequente: quer se diga com os antigos, em geral trata-se duma transformação "sensorial" da ideia, sua biofisicização; quer se trate, dizem os freudianos, duma "projecção" de afectos na realidade ou somatização duma ideia ou dum conflito. Qualquer reducionismo, a partir duma perspectiva idealista, mais ou menos solipsista, quer se insista na vertente ideia quer, se insista

na vertente afecto não chega a atingir objectivamente e com pertinência o que é a alucinação, porque se cingem ao seu contra-sentido da percepção.

Afirmar que dispomos de imagens, de ideias ou de afectos, conforme a teoria que acariciamos, que dispomos do imaginário, no fundo, que dispomos de imaginações e de representações será algo mais do que reconhecer simplesmente que podemos percepcionar sem objecto. Por outras palavras: perante o panorama da reflexão em psicologia, torna-se claro que nenhuma teoria da percepção, capaz, pode pretender a exclusividade quer objectivista quer subjectivista, porque a realidade dos objectos quer sensíveis quer intelectíveis, quer as imagens, encontram-se por demais claramente demonstrada, por variadíssimas experimentações assim como se encontra demonstrada a sua ligação às aspirações pessoais e ao grupo socio-cultural de referência e/ou de pertença de cada sujeito.

As alucinações, neste momento claramente apresentadas como fenómeno de composição múltipla, de elementos intervenientes e de estruturações passíveis, conforme a dominância de qualquer delas, não podem não ser possíveis de diversas análises. Quase todas essas análises se debruçam ora sobre os produtos ou manifestações, ora sobre os resultados ou os sintomas e muito poucas e parcialmente se debruçam sobre o produtor ou quem se manifesta, isto é, sobre as actividades em foco.

Talvez pudesse revestir-se dum certo interesse recuar um pouco no tempo, para melhor compreender as linhas de força da actualidade com vista a um futuro diferente a partir da psicologia pela via da psicopatologia. Assim, para Baillarger (1809-1890) a alucinação começa por ser qualquer coisa de enigmático. Compreensivelmente: o contexto socio-cultural dos esboços iniciais da análise da alteração da personalidade não iam além da perspectivação da sua base exclusivamente bio-fisiológica. No seu "Mémoire à l'Académie de Médicine" (1842), melhor ainda em *Recherches sur les maladies mentales* (1853: 169-315) isso é claro. No "Mémoire" propõe-se falar "Des hallucinations, des causes qui les produisent et des maladies qu'elles caractérisent".

Para o presente propósito já se pergunta directamente, no cap. 2º: a alucinação é de natureza intelectual, totalmente independente do aparelho sensorial ou é de natureza sensorial, exigindo sempre a participação dos sentidos? Claramente presente a perspectiva bi-substancialista, quer na pergunta, quer, principalmente na resposta: acontecem alucinações psico-sensoriais *e* alucinações psíquicas. Quanto ao modo de aparecimento, na parte final encontramos três condições: — actividade involuntária da memória e da imaginação; — suspensão das impressões externas; — excitação interna dos aparelhos sensoriais[101]. Esta perspectiva tem interesse não apenas por ser duma autoridade e que teve larga repercussão no meio científico, criando uma quase escola, mas principalmente porque pela mesma ocasião surgiu outra perspectiva: Moreau de Tours (1804. 84). Desencadeou-se então uma polémica considerável em torno da loucura, do sonho e da natureza da alucinação[102]. Moreau de Tours em *Du haschich et de l'aliénation mentale* (1845), obra famosa e polemizada, lança uma ideia, talvez a primeira, ao menos na clareza da formulação, de grande importância para o nosso propósito: "Já fizemos esta reflexão: o estado alucinatório não constitui apenas, como já foi dito, um facto anormal da nossa faculdade perceptiva". Não se ficando pela negativa, avança algo mais e muito interessante: "compreende a inteligência, por inteiro, enquanto reflectindo, compreendendo, ajuizando, exprimindo os seus receios, desejos, expectativas e desesperanças". Indo mesmo um pouco mais longe e quase definitivamente: "perdendo a consciência dos seus

---

101 Vale a pena esta pequena transcrição: "nous sentons alors notre mémoire, notre imagination, notre entendement se mettre en campagne sans notre congé, courir à droite et à gauche comme des écoliers en récréation et nous rapporter des idées, des images, des souvenirs trouvés sans notre secours et que nous n'avions pas demandés". Baillarger resume deste modo a sua descrição: "les hallucinations, les délires aigus, la manie, la stupidité, la mélancolie etc. ont donc leur point de départ dans l'exercice involontaire de la mémoire et de l'imagination". *Recherches sur les maladies mentales*, T. I, 494, Paris, 1890. Este extracto permite saborear uma descrição curiosa e, ao mesmo tempo, promissora.

102 Cf. *Annales médico-psychologiques*, 1853: 360-408; 455-520; 527-49; 1856: 126-40; 281-305; 385-446.

próprios actos, ou seja, privada do seu eu, por assim dizer desdobra-se de tal modo que uma parte de si própria consegue entrar em relação de ideias, em conversação com outra parte". Chega ao máximo de afirmar, meio século antes de Freud: "a alucinação é o sonho dos sentidos externos, como as ideias fixas, as convicções delirantes são o sonho do intelecto"[103].

Vindo mais adiante, encontramos Pierre Janet (1859-1947) com a sua noção de "presentificação"[104]. Por outro lado e duma forma original, fala das *funções das imagens*; ao lado de outras numa distribuição classificada, as *funções de real*, em que inclui a presentificação ou percepção e apreciação do presente. Estas ideias com outras mais discutidas, talvez porque muito interessantes, de "tensão psicológica" e seu abaixamento, diferenciando-se de Freud (A. M. Santos, 1960) particularmente da "hierarquia de funções", pensadas à luz do avanço das ciências psicológicas, sugerem que este grande "clínico", e, posteriormente, teorizador perspectivou a "ideia" de auto-construção pessoal. As investigações sobre a tridimensionalidade temporal justificam experimentalmente essa auto-construção.

---

[103] Moreau de Dours, *Du haschich et de l'aliénation mentale*, Paris 1970, re-edição de G. Ferdière, p.383, 252. Na p.147, encontra-se mais esta ideia interessante: "Au fur et à mésure que notre esprit se forme aux impressions venues du dehors pour se concentrer de plus en plus sur les impressions intérieures, en un mot, qui s'opère cette métamorphose qui nous arrache à notre vie réelle pour nous jeter dans un monde où il n'y a du réel que les êtres créés par notre souvenir et notre imagination, au fur et à mesure on se prend à être le jouet, d'abord de simples illusions, puis bientôt de véritables hallucinations qui sont comme des bruits lointains, les premières lueus qui nous arrivent du monde imaginaire et fantastique".

[104] P. Janet, *Les Obsessions et la Psychasthénie*, Paris, 1905: 481. Cfr. também: *"La force et la faiblesse psychologique*, Paris, 1930. Principalmente *L'automatisme psychologique, Essai de psychologie expérimentale sur les formes intérieures de l'activité humaine*, (Paris,1889). Particularmente, esta: "L'association automatique des idées est une chose et la synthèse qui forme la perception personnelle à chaque moment de la vie et l'idée du moi en est une autre. Celle-ci peut-être détruite... cette force de synthèse peut être affaiblie... (pode-se tratar) d'idées fixes et de certaines hallucinations" (435, ^{8}1919). Isto acontece num capítulo cujo título é significativo: "diverses formes de désagrégation psychologique".

Para mais profundo conhecimento dum pensamento ainda por aproveitar nas suas formas originais, cf. *Bull.Psychol.*, 1960, 14, 184: 1-160.

Quadro 14

FUNÇÕES DO REAL	a acção	eficaz sobre a realidade	social física
		nova com sentimento	de acuidade de liberdade
	a atenção	percepção do sentimento de unidade	
		certeza de crença	
		percepção de novos objectos	
		percepção da pessoa com sentimento de realidade e de unidade	
	a presentificação	percepção e apreciação do presente	
ACTIVIDADE DESINTERESSADA	a acção habitual		
	acção sobre o sentimento	do presente	
		de unidade	
		de liberdade	
	percepção sem certeza e com o sentimento vago do presente		
FUNÇÕES DAS IMAGENS	memória representativa		
	imaginação		
	raciocínio abstracto		
	"rêverie"		
REACÇÕES EMOCIONAIS			
MOVIMENTOS MUSCULARES INÚTEIS			

P. Janet — Les obsessions et la Psychasthénie, I, 488.

As reflexões sobre a memória, enquanto reconstrução ou leitura do já vivenciado (Halbwachs, 1925), mostram algo acontecer para alem da explicitação do código genético ou das vivências dos primeiros anos. As suas próprias reflexões psicopatológicas mostram essa unidade pessoal comprometida, como factor de base, em qualquer alteração da personalidade. E isto particularmente na alucinação, que se apresenta de formas variadas, por exemplo, em confusão do passado e do imaginário com o presente e o real.

Textualmente: "a operação mental mais difícil, por ser a que desaparece mais depressa e mais frequentemente, é a *função do real*... a apreensão da realidade sob todas as suas formas" (477).

Situemo-nos um pouquinho no meio português a partir de fora. "Jaspers, enquanto psicopatologista, era conhecido em Portugal através da tradução francesa da sua "Psicopatologia geral" (1913), mas só foi efectivamente influente através da obra clínica mais acessível de K.Schneider[105]. Deste a *Psicopatologia clínica* constitui um dos escritos que em sucessivas edições e modificações maior influência tem tido na psiquiatria do continente europeu".(157) Dessa mesma obra vamos dar alguns elementos sobre o tema que nos ocupa: "entre as múltiplas perturbações da percepção (a primeira de entre os modos do vivencial), as mais importantes para o diagnóstico psiquiátrico são as alucinações". (Schneider, 1957, III) Na certeza de certas reticências seguras a esta e outras afirmações do género, avança com um certo peso no mesmo passo: "Há que o repetir constantemente: para que se trate de alucinação é indispensável que algo que não existe seja experienciado pelos sentidos como o é uma sensação, e não apenas pelo pensamento". É claro, como vimos acima, que o que não existe não existe mesmo. Mas para o

---

105 Barahona Fernandes, *Filosofia e psiquiatria*, Coimbra, 1966 p.164. Num outro passo (192) "Num segundo encontro com a Psiquiatria (alemã) na obra e pessoa de K. Schneider - a *fenomenologia clínica*, oriunda da metodologia de K. Jaspers". E ainda (168): "Discípulo de Jaspers (K. Schneider) e talvez o único continuador consciente da sua "Psicopatologia geral", fica completamente imune à "filosofia da existência".

No que toca a Portugal temos a tradução da "Lições de psiquiatria para médicos" por F. Ferreira, Coimbra, 1930.

observador. E para o alucinado: existirá ou não existirá? Existe sob forma de experienciação sensorial como o querem Schneider e outros? Existe sem experienciação sensorial como querem tantos outros? *Para o nosso propósito*, importa apenas que seja *vivenciado como existente*. Com ou sem experienciação sensorial, é irrelevante. Não se torna indispensável a experienciação sensorial para que a realidade de imaginal seja um facto. E isto será independente, igualmente, da atitude do alucinado. Embora, como o mostra K. Schneider: Clinicamente, "se é importante determinar duma forma incontestável o que *experiencia* o alucinado, é igualmente capital conhecer *qual a sua atitude perante a suas alucinações*" (103). Isso não invalida nem valida que o conteúdo alucinante deva ser vivenciado sensorialmente pelo sujeito.

Situemo-nos no meio português, em breve amostra, a partir de dentro. Há um século já (1892), afirmava Júlio de Matos (1856-1922) com toda a clareza: "a associação de ideias é uma associação de imagens" (37). Por aqui se pode adivinhar o que interessa ao Autor no tema das alucinações: não muito de original. Sim muito de pessoal. Em termos de etiologia (32, ss.) formula duas interrogações: quais as condições favoráveis à aparição dos erros psico-sensoriais? À face da psicologia e da patologia cerebral, quais as razões prováveis da preponderância em certos indivíduos de um grupo de alterações sobre todos os outros?

Esta segunda questão leva a uma diferenciação tipológica, relativamente às características pessoais de quem se encontra sob o efeito da alteração: ser visual não quer dizer que não possua imagens auditivas. Mais: as auditivas conservando-se em referenciação aos objectos, podem ajudar a diminuir o peso das visuais. Por outro lado considera ainda J. de Matos numa outra perspectiva: o silêncio, a obscuridade e o isolamento e, finalmente, a noite, reunindo os três, favorecem as alucinações. Por outro modo: a atenção adequada e diversificada é pouco favorável ou destrói mesmo, quaisquer alucinações. Em conclusão, as razões para o seu aparecimento como para o seu desaparecimento, tanto podem ser internas como externas.

Relativamente à pre-disposição, a ser um facto, ninguém pode ser acusado e nada há a fazer em termos de intervenção.

Relativamente à primeira questão, haveria a observar, antes de tudo o quão negativo se torna a indistinção entre percepção e sensação, Com efeito, considerar erros as alucinações só se torna possível na hipótese de haver uma verdade a qual seria a dos sentidos, a dos dados sensoriais. No entanto, em favor de J. de Matos, ele diversifica tanto quanto possível a reflexão do clássico Baillarger: as alucinações mostram a memória e a imaginação em actividade involuntária ou automática. No entanto, produz uma segunda reflexão de muito maior interesse: refere-se à "excitação interior" dos aparelhos sensoriais. Evidentemente, com ou sem a ausência das impressões externas. Encontra-se aqui bem clara a negação dos monoideismos, como ponto de partida para alucinação. A concentração, por si só, não leva a reduzir a realidade externa à imagem.

No que diz respeito às imagens, para ele a verdadeira associação e não de ideias, distingue claramente as espécies seguintes: as imediatas ou sensacionais, as mediatas ou perceptivas e as aperceptivas ou verbais. E para confirmar a importância da afirmação e da classificação proposta, acrescenta algo que para aqui será o mundo intelectível, embora na perspectiva do século XIX: "à medida que as ideias se fazem abstractas, gerais e supra-sensíveis, as imagens sensacionais primeiro e as perceptivas, depois, vão-se desvanecendo e subalternizando em benefício das verbais que se tornam preponderantes". (1892, 38).

Numa outra passagem (12), pergunta com pertinência: porque confia tão fortemente, o alucinado nas suas imagens? E responde, duma forma curiosa para nós hoje e na ocasião, perfeitamente aceitável: "o que a consciência directa e imediatamente conhece é o facto subjectivo, sensação ou imagem; o conhecimento do objecto é uma inferência racional, baseada na constante e sempre verificada sucessão destes dois fenómenos: a impressão sensorial, recebida, primeiro, e a sua elaboração cerebral em ideia ou sensação, depois". A actualidade desta afirmação faz-nos pensar no sentido global da obra colectiva de

Watzlabick sob o título *Die erfundene Wircklichkeit* (1981). E em subtítulo: como sabemos o que cremos saber. Mas torna-se perigoso, por várias razões sendo a mais simples e, talvez, paradoxal delas a seguinte: será que toda a ciência não passa de alucinação?

E J. de Matos de concluir: "o carácter essencial das alucinações reside na *objectividade* de imagem a que não correspondem fenómenos reais" (20)[106].

Se viermos um pouco antes, apenas a título de exemplo, encontramos outra reflexão de Júlio de Matos. Muito se poderia dizer a seu respeito. Lembremos apenas as referências dispersas no seu *Manual de doenças mentais* (1884), e uma pequena amostra do que insere e cita em *A paranóia* (1898): "nem à posteriori, ou seja, tomando por base a clínica, nem à priori, isto é, partindo da doutrina da percepção, é lícito aceitar a primitividade das alucinações nos delírios sistemáticos" (152). Mais adiante pronuncia-se sobre um outro tema, o mais discutível: "Se os erros sensoriais não são corrigidos, mas aceites e elaborados como realidades objectivas é que uma destas duas hipóteses se dá: 1) ou o alucinado não empregou os recursos da correcção e controle da percepção exterior".É interessante apelar para controle. Quem exercerá esse controle? A partir de quê se a percepção é exterior em clara confusão entre percepção e sensação? Confusão esta que várias vezes tenho denunciado, por se verificar ainda hoje. Mas, é pior ainda, porque já é antiga. Sigamos J. de Matos: é que "delirante já, viu nas alucinações

---

106 Sublinhado do Autor. Esta breve referência a J. de Matos obedece a uma importância, não por ele ser português — já que é tão raro recorrer a autores portugueses, ainda que de real valor — mas porque o seu nome e a sua obra foram meritoriamente reconhecidas pela areópago mais autorizado da Ciência psiquiátrica de então a *Société médico-psychologique* de Paris, desde 1843 a referencia referencial primeira, aprofundante, da linha magnificamente aberta por Baillarger. Refere-se a J. de Matos a Société... em termos os mais elogiosos: além de outras referências elogiosas a cada uma das suas obras (a publicar brevemente, em comparação com outros portugueses da época) diz a Sociedade, por intermédio do seu sócio Anglade, relativamente ao conjunto da sua obra: "On y rencontre très souvent, des idées originales exposées sous une forme claire et séduisante" (*Ann.med.-psychol.*, 1899, 8ª série, T. X: 500).

uma confirmação dos seus conceitos". Curiosa esta visão de conceito, mais ou menos diferenciado de imagem, pois esta seria sempre e só mais ou menos bio-sensorial. Segunda hipótese, a partir do Autor: 2) ou "os (recursos) empregou sem êxito, porque o insistente depoimento dos centros sensoriais em eretismo, acabou por vencer os argumentos da razão" (153). Muito interessante, a razão isolada. A loucura não atingirá a razão? Parece que não.

Recorrendo à "dissertação inaugural" cujo tema foi a *Pathogenia das hallucinações* (1880), J. de Matos parte da definição de Michea: alucinações são percepções determinadas na ausência dos seus excitantes habituais, produzidas sem que os objectos que eles representam venham exercer espécie alguma de impressão sobre os órgãos dos sentidos" (1). Realça o seu grau de objectividade e eu realçaria o seu nível de adequação atendendo ao que hoje se pensa acerca da alucinação, ao menos dentro do objectivo que eu procuro atingir ao reflectir sobre elas: "sem impressão sobre os órgãos". Então? Como aparecem? E donde vem a certeza e a realidade premente de que se revestem: "A convicção de que são reais e de origem objectiva as percepções que experimentam é, para a maioria dos alucinados de tal modo profunda que nenhum raciocínio consegue destruí-la" (2). Como se explica a convicção e a ineficácia da razão?

"Por uma série complexa de causas". O hábito de julgar o mundo exterior segundo as impressões que em nós se realizam...O atrasado nível intelectual do meio em que o doente vive...A própria loucura. E cita Michea de novo: a alucinação pode manifestar-se com a integridade perfeita da razão. "O alucinado não é um louco se reconhece a não existência do objecto..." (8-21) Por fim seria de realçar a distinção da alucinação de outras manifestações: as ilusões, por exemplo (22). E assim discorda radicalmente de Pierre de Boismont, segundo o qual o estado alucinatório é a "percepção dos sinais sensíveis da ideia" (22). Em resumo, significativo: "as alucinações são estados perceptivos não correspondentes à realidade; a sua produção depende sempre duma hiperestesia inicial ou secundária dos tálamos ópticos..." (64)

Tornar-se-ia sugestivo sintetizar estas ideias clássicas, ao

menos até Lacan sobre o delírio alucinatório. Havia que dar realce ao realce que os diferentes autores ou cientistas atribuem: por um lado, às ideias como manifestações, algo de pendurado no ar; por outro, à tradicional identidade do são e do doente, tão em voga ainda hoje, embora apenas no que diz respeito à dita doença mental, numa psicopatologização do quotidiano ou uma descrição do quotidiano a partir dos extremos da patologia. Seria interessante aplicar tal critério à saúde dita física...; finalmente, o realce dado ao sujeito, em si mesmo considerado, como suporte das ideias, vivenciando-as ou vivendo-as. Quem mais e sempre o proclamou foi Jung: "o ensino psiquiátrico procurava, por assim dizer, fazer abstracção da personalidade do doente e contentava-se com fazer diagnósticos, comportando a descrição dos sintomas e os dados estatísticos" (1971, 121).

No entanto, talvez algo da prática psiquiátrica nos possa ajudar a realçar a hipótese que trabalhamos: no "roubo" do pensamento, na "imposição" de atitudes, nas "ordens" formais, nas "repreensões" culpabilizantes, encontrar-se-á algo de sensorial ou não se tratará simplesmente dum vivenciar, re-construindo tantas vezes, imagens que avultam como realidades sensoriais? Para quê, exigir que haja uma impressão sensorial actual? Não bastará a sua imagem, lembrada, re-construída talvez?

Aqui se situa todo o interesse das alucinações, na sua factualidade de experimentação dada, para corroborar a realidade do mundo imaginal que somos, através da redução de *toda* a realidade a esse mundo imaginal, particularmente no caso dos delírios sistemáticos.

E assim se poderia formular uma caminhada operacionalmente válida do *imaginário patogénico* ao *imaginal expressivo*.

Ao terminar estas reflexões, em que se tentou evidenciar, em base de experimentação dada, a realidade, por vezes, única das imagens individuais para complemento da hipótese acima esboçada, convém, cautelarmente, avançar uma possibilidade de agarrar os factos que se apresentam à nossa observação, qualquer que seja o ponto de partida ou o ponto de chegada

pretendido. Por outras palavras: que partamos duma teoria geral da Psiquiatria ou que partamos de verificações de fenómenos, por exemplo, alucinatórios, a perturbação da personalidade é um facto, verificável em perspectiva de psicopatologia por quem quer que seja. Se daí partirmos para a sua origem possível, por análise dos antecedentes ou para os significados ainda possíveis, as hipóteses diversificam-se consideravelmente, sobretudo, na variação e variabilidade das opções na actualidade. Seria deste modo tentador, em resumo resumido e, claro, discutível, praticar uma síntese, formalizando-a em algumas proposições que englobassem todo um vasto conjunto de informações, abarcando desde as simples opiniões, mais ou menos clinicamente fundamentadas, até aos objectivos mais ou menos ideológicos.

1ª — É válido e valioso despsicopatologizar as perspectivas sobre a personalidade, ou seja, a doença dita mental constitui uma alteração mais ou menos profunda da personalidade, manifestando-se na comunicação humana por formas que diferem claramente das variações comuns ou tipos ou estilos de personalidade, por si mesmo ou por efeito dos grupos de referência e/ou de pertença;

2ª — É válido e valioso desneurologizar as perspectivas sobre a personalidade, ou seja, a doença dita mental constitui uma modificação global da personalidade, isto é, da sua unidade que se pratica em construção permanente, a qual perturbação pode ter uma ou várias origens, entre as quais se pode encontrar a base neuro-fisiológica;

3ª — É válido e valioso dessociologizar as perspectivas sobre a personalidade, ou seja, a doença dita mental constitui uma alteração da personalidade enquanto sociogénese constante, particularmente em termos de cultura, e não é apenas uma pseudo-doença, uma espécie de artefacto socio-político-económico ou de simples contingência sociocultural.

4ª — É válido e valioso desmecanicizar as perspectivas sobre a personalidade, ou seja, a doença dita mental é uma alteração grave da harmonia global da personalidade que não pode ser reduzida a mera justaposição de mecanismos, mais ou menos automático, dependentes do ajustamento e afinação dos efectores

em correcto cumprimento das ordens recebidas, como se se tratasse dum mero somatório de elementos.

Com efeito, objectivamente observando o que se passa à nossa volta, a doença, dita mental, é sempre e só da personalidade, constitui algo de radicalmente diferente do dia-a-dia de qualquer personalidade e, pelo facto mesmo, constitui algo de radicalmente diferente duma criação propriamente dita, assim como duma destruturação, sem mais. Não há criação propriamente dita, pois o sujeito nada apresenta de próprio ou de novo ou de diferente em termos de expressividade, ao contrário do que se pode verificar no criador estético, ético, místico ou cientista, no que toca às possibilidades de alguém. Não se trata duma destruturação propriamente dita ou desorganização pura e simples, pois o que se pode verificar e com grande vantagem no campo clínico, é uma tentativa, ainda que tantas vezes fruste, ainda que inadequada ou ineficiente, de uma estruturação ou unificação procurada e é sempre reveladora da actividade e da iniciativa da personalidade. Tentativa quase sempre conseguida — seria uma leitura diferente de qualquer síndroma ou sintoma — *embora sem significado pessoal ou personalizante* porque acontecida em torno de algo que é parcial ou parcializante. No caso das alucinações, essa tentativa está centrada na capacidade imaginatriz. Na medida em que se trata duma unidade parcial, mesmo parcelar, outras dimensões, outros níveis de actividade ficam dominados ou entregues à sua não-orientação, pois esta lhes vinha da acção convergente, praticada pelo conjunto, ou personalidade na diferença das características.

Ainda um pouco mais: a doença dita mental constitui uma realidade, verificável por quem quer que seja, na ou numa personalidade. Como diria H. Ey (1973) a este propósito não se resolvem situações problemáticas, recusando equacioná-las ou, ao menos re-equacioná-las. Como em qualquer outra doença orgânica. A hepatite ou a nefrite ou a amigdalite nem afectam todos os fígados, nem todos os rins nem todas as amígdalas. Por outro lado, ainda menos provável se torna que alguém vá reduzir o fígado à hepatite ou os rins à nefrite ou os pulmões à situação de

tuberculose. O órgão, enquanto tal, constitui uma realidade diferente da sua perturbação ou deste órgão enquanto perturbado[107]. Uma perspectiva ou observação técnica é a anatomia, outra a fisiologia e outras são ainda a anatomopatologia e a fisiopatologia. Ainda mais: só uma informação capaz, adequada acerca do órgão ou da função é que pode permitir uma actuação adequada e eficiente no sentido de libertar este organismo da afecção desse órgão ou dessa desfunção. Do mesmo modo, no que toca à personalidade: não é o patológico, enquanto perspectiva de conjunto — se o chega a ser — nem sequer o neurológico ou o fisiológico ou ainda o sociológico enquanto analisando algo de importante e não menos parcial que me podem elucidar adequadamente acerca da personalidade. Em rigor de formulação e/ou de observação, nenhuma ciência utiliza a analogia. Não me parece haver razão válida para que a ciência da personalidade utilize analogias e muito menos sistematicamente, já que pontualmente não pode, ainda e até ver, prescindir completamente delas[108].

Nesta sequência, mais do que dizer mal da prática psiquiátrica — nem sequer é legítimo pensar que se tem essa intenção ou pensar em atribuí-la — mais do que censurar ou exagerar aspectos parciais — dos conceitos, dos asilos, dos hospitais psiquiátricos — com objectivos mais ou menos rasteiramente políticos — mais do que dizer banalmente que eles são um instrumento da repressão do "Estado", como seria correcto, da sociedade como é manifestamente incorrecto — sociedade, em princípio somos todos nós — ou que são

---

107 E se o órgão é sensorial, "visível" sê-lo-á a função ou a desfunção?

108 Poder-se-ia lembrar o "humor" de X. Bichat: "Se a Fisiologia tivesse sido cultivada pelos cientistas antes da Física, como esta o foi antes daquela, estou convencido que teria muitas aplicações da primeira à segunda, que teríamos visto os rios correndo para o mar, por virtude da excitação tónica das suas margens, os cristais reunirem-se por virtude da excitação que exercem reciprocamente sobre a sua sensibilidade, os planetas moverem-se porque se imitam reciprocamente a grandes distâncias, etc... Dizer que a fisiologia é a física dos animais é dar dela uma imagem extremamente inexacta; gostaria de dizer também que a astronomia é a fisiologia dos astros". *Recherches physiologiques sur la vie et sur la mort*, Paris, 1805, I Partie, Ant. 7, § 1, p. 59.

instrumento de recalcamento da Moral quanto se quer criticar uma moral para propor — impor outra, esquecendo que mais do que da moral podem ser instrumento da Razão e/ou da civilização, mais do tudo isso e o resto há que criar alternativas, há que propor vias no sentido de ir além desses (pseudo) — malefícios, há que demonstrar como o tem feito várias vezes e por vários modos e, no nosso meio, apesar de ser "fruto" desse mesmo meio, o Prof. Gouveia Pereira: A Psiquiatria tem muito a aprender duma psicologia que se afirma com uma especificidade cada vez maior e mais sólida[109].

As alucinações, enquanto alteração da unidade pessoal ou personalidade por dominação exclusiva das imagens, constituem uma fronteira: fronteira que fecha um passado, país deixado, e abre um futuro, país descoberto, o do mundo imaginal.

---

109 "Hoje falarei da Psicologia como base da Psicopatologia, uma disciplina que durante muitos anos gravitou unicamente à volta de uma especialidade médica, a Psiquiatria. Hoje tudo mudou; sob pena de escandalizar muitos colegas meus, começo por afirmar que a psicopatologia clínica perdeu quase completamente a primazia, como ponto de partida para a investigação experimental. O mesmo se passa, aliás, com a investigação fisiológica e bioquímica, que já não é feita predominantemente por médicos... Não há dúvida que a Medicina é ensinada por médicos e a Engenharia por engenheiros; não há dúvida que se a psicologia for ensinada por um elenco multidisciplinar a efectividade do ensino não passará do medíocre. A investigação psicológica pode ser multidisciplinar, o seu ensino não o deve ser". M. O. Gouveia Pereira, A psicologia como base da psicopatologia, *Rev. port. Psicologia*, 1972-74, 10-12: 163-4.

III PARTE

PROBLEMÁTICA DE APLICAÇÃO

operacionalidade da hipótese

argumento

O prolongamento do humano
— qualquer instrumento por ele fabricado o é —
que constitui o computador ou qualquer outro possível
mais aproximado ainda do humano,
vai "obrigar", como sempre,
o humano,
não a ser melhor — parece o contrário —
mas a conhecer-se melhor e mais adequadamente.

Aqui intervém a prática psicológica: quer como prática teórica de investigação fundamental, quer como prática aplicada de prestação de serviços,
problematizando os dados e os instrumentos,
assim como a si próprio, inventariador e utilizador.

Continua válida e valiosa a hipótese: a personalidade é mundo imaginal.

I — A PRÁTICA PSICOLÓGICA EM RE-EQUAÇÃO

A Psicologia na sua manifestação específica e na sua dupla perspectiva quer de prática, enquanto prática psicológica quer de ciência enquanto ciência psicológica, engloba igualmente as técnicas de nível e as técnicas projectivas ou de expressão.

Em síntese final da observação de campo em meios socio-cultural e sociológico diferentes e da observação clínica ou de experimentação dada, vou-me cingir às técnicas projectivas: já porque me servi de uma delas, concretamente do T. A. T., já porque os problemas que se levantam com mais facilidade dizem respeito a estas técnicas.

Adentro duma reflexão sobre as técnicas projectivas, partimos da hipótese, mais ou menos claramente formulada, mas sempre particularmente vincada e fundamentada, da forma que me foi possível, num domínio ainda de rara investigação. A hipótese é a seguinte: projectividade pode vir a ser sinónimo de expressividade e, vice-versa, a expressividade vir a ser sinónimo de projectividade. Deste modo estaria cumprido o sub-título: PARA UMA PERSPECTIVAÇÃO IMAGINAL DA EXPRESSIVIDADE.

É uma temática de si mesma complexa. Tendo presente, no entanto, o conjunto das estereotipias tradicionais fortemente vincadas e grandemente divulgadas, a temática pode ser vista como bastante mais complexa, ainda.

No entanto, a complexidade é que dá direito a levar por diante uma investigação.

Quanto mais forte e segura for a análise-compreensão dos factores inerentes ao contexto experimental, mais e melhor o método experimental em psicologia pode tornar-se um utensílio efectivo para a predição-compreensão da expressividade em con-

textos não experimentais. Esta afirmação que me orientou na explanação de "o caminhar da pesquisa" em termos de apoio para este trabalho de reflexão experimental, tem uma certa razão de ser.

São frequentes as observações críticas com o objectivo de, mais ou menos abertamente, retirar validade à experimentalidade ou ao carácter experimental de certas situações de investigação em ciências humanas. Não é agora o momento de dar atenção a tais atavismos culturais, fortemente arreigados no público "ilustrado", adentro dos meios das ciências físico-matemáticas, assim como dos que seguem quase incondicionalmente, em particular adentro das ciências humanas, esse paradigma.

Foi e é fácil às Ciências físicas avançar na análise do seu projecto de pesquisa, partindo da observação em situação laboratorial para generalizar sobre as situações de origem ou tais quais se encontram ou acontecem na natureza. O mesmo não aconteceu nem acontece nas ciências humanas, particularmente nas ciências psicológicas.Compreensivelmente, pois as duas "condições" ou exigências para a generalização, como sejam a reprodutibilidade e a validade, constituintes duma experimentação significativa, aparente ou realmente não se verificam. Realmente, porque ainda não houve tempo de reflexão e tempo de prática específicas para o conseguir. É bom lembrar que a mesma importância do tempo aconteceu para a física, a química, etc.. Aparentemente, porque já há demonstrações e práticas suficientes para mostrar que é válido e valioso o que se pratica. Falta o tempo que ajuda a modificar, alargando, as perspectivas. Por isso, parece infirmada, provisoriamente, a generalização a situações não laboratoriais quais sejam as situações de interacção em que se inscrevem ou acontecem as expressões humanas. Não referir esta diferença seria considerar as expressões dos sujeitos, implícita ou explicitamente[1], como meras reacções ou respostas passi-

[1] Nos esquemas de cognição assim como nos esquemas de acção e/ou de valorização. Por outras palavras, as críticas à observação experimental em psicologia ou vem dos "de fora" por virtude do que desconhecem, em concreto da história e da prática, teórica e aplicada, ou do que conhecem de si; em ambos os casos, em demasia: "ciência é a que eu (nós) faço (fazemos) e que sempre se

vas a estímulos provenientes do meio. E isto apresenta-se como demasiado frequente, mesmo nos esquemas de praticantes, teóricos ou práticos, da psicologia. A nível das pesquisas estrangeiras há algo de novo neste campo[2]. Referi-las constitui um apelo a algo de novo ou de diferente na análise das expressões humanas, porque humanas. Simplesmente. A exigir uma reflexão epistemológica e, simultaneamente experimental em moldes adequados ao objecto científico em questão. A nível nacional encontra-se publicada uma obra representativa, vigorosamente conduzida em perspectiva científica, a demonstrar exactamente o contrário do lugar-comum divulgado[3].

---

fez. Em consequência, "reacção" "defensiva" perante a novidade e a inovação. Os "de dentro" ou desconhecem por continuidade de adesão ao atavismo cultural fortemente arreigado e societalmente supervalorizado ou por atitude de pura repetição do que experienciaram e lhes confirmaram, preferem reproduzir o que outros mais autorizados já disseram ou dizem. Sempre, por forte sentimento de pertença a grupos que se pretendem progressistas, o que leva a não reflectirem quer pessoal quer profissionalmente. Daí resulta serem progressistas de intenção e reaccionários de acção. No entanto, o mais interessante e a levar em frente por investigação minuciosa, como aliás já foi feito em parte para fundamentação do que acima ficou dito, é afirmar-se e repetir-se que as técnicas psicológicas dependem mais do psicólogo-personalidade do que da psicologia. Que psicólogos? Que personalidade? Aqueles de que fala Anzieu? "A fascinação que as técnicas projectivas exercem... encontra-se na dependência directa, muitas vezes, dum desejo nevrótico de penetrar nos segredos do outro para o dominar" (1960, p. 245). O teste depende ainda e também das noções subjacentes e da população-padrão.

E ninguém repara (para dar apenas um exemplo simples ou banal) que o metro, instrumento de medida linear, e de que toda a gente se serve, depende duma pura convenção: a décima milionésima... e ninguém duvida do seu emprego e do seu valor operacional. Mas toda a gente se permite duvidar de algo menos convencional que é o teste ou a técnica psicológica.

[2] Principalmente, tudo o que diz respeito à introdução da perspectiva de futuro na compreensão da personalidade pela via da motivação, enquanto critério para destrinçar as diversas teorias sobre a mesma. E isto acontece com grande interesse e ênfase na Universidade de Buffalo (E. U. A.), na Universidade de Bona e na Universidade católica de Lovaina (K. U. L.).

[3] M. Viegas Abreu, *Tarefa fechada e tarefa aberta, motivação, aprendizagem e execução selectivas* (Dissertação de doutoramento, Coimbra, 1978). É na selectividade que melhor se pode compreender a percepção como a memória e, consequentemente, a demonstração experimental assim como a forma original, especificante e exclusivamente humana, de perspectivar a acção, a partir da motivação, especificamente, atitude pessoal.

No entanto, aproveitando do que vier a ser dito mais explicitamente[4] seria o momento oportuno de avançar duas proposições ou posições básicas a tal respeito: a primeira diz respeito a uma perspectivação histórica, enquanto desenvolvimento constante das formas de observar o que se passa e, consequentemente, dos conteúdos observados. A segunda é que se torna indispensável e, consequentemente, fecundo, tomar a situação experimental, particularmente em ciências psicológicas, como uma forma especialíssima de interacção. Tal afirmação evidencia apenas algo que salta directamente à observação e à reflexão de qualquer investigador. Com efeito, na investigação com humanos ou com personalidades concretas cada sujeito ou o sujeito é "sujeito" da sua História, passada e futura, com os seus esquemas de pensamento e de acção, com a sua iniciativa e a sua criatividade, isto é, a sua capacidade básica de elaboração pessoal de tudo o que acontece em termos de comunicação e/ou mensagem a partir da *situação* em que se encontra. Por outras palavras e por este motivo, terá de ser reconhecido como o que é: um participante activo em qualquer situação experimental.

Daí resulta algo que é simplesmente real ou que se passa, nem bom nem mau: trata-se duma maior complexidade de elementos de realidade. E o comparativo é aceite sem dificuldade por todos, principalmente, pelo público em geral, mais ou menos ao corrente das perspectivas existenciais e/ou personalistas, por vezes retomadas ou ecoadas pelo jogo político. No entanto, tal comparativo pode ser aceite simplesmente como comparativo, nem melhor nem pior, que qualquer outro ou ser aceite e supervalorizado: quer negativamente, isto é, reduzindo a complexidade, por incómoda, à simplicidade anterior na escala da dita evolução; quer positivamente, isto é, servindo de pretexto para a afirmação duma quase impossibilidade de destrinçar essa tal

[4] É provável que noutro ponto deste texto e, particularmente no que poderá constituir tema para uma reflexão experimental sobre o abstracto e o concreto, elementos fundamentais de tal atitude sejam claramente formulados e o problema de fundo receba uma tentativa de equacionamento. Quando digo tentativa, pretendo evidenciar a grande variedade de modelos socio-culturais em repetitividade, a qual dificulta enormemente uma primeira ordenação dessas variáveis, dos respectivos cultores, dos seus fundamentos e da sua divulgação.

complexidade[5]. O certo é que um sujeito em situação experimental pode ainda apresentar e/ou ser visto, dotado de maior complexidade e as suas expressões, enquanto respostas finamente elaboradas, serem manifestações de maior número de variáveis, incluindo aquelas que Orne apelida de "demand characteristics" da situação experimental (1961). E acrescenta: a análise dessas características de expectativa (procura) não constitui apenas matéria ou tema duma boa técnica experimental; constitui, preferivelmente, uma possibilidade empírica para determinar em que circunstâncias essa expectativa afecta significativamente a expressão do sujeito em situação experimental.

E a segunda proposição ou posição básica vai no sentido de procurar afirmar que na preparação para uma situação de observação experimental, haverá que distinguir dois momentos: aquele que contempla a situação, enquanto garantia do controle das variáveis aleatórias. No meu caso, poderiam ser as variáveis que resultariam da dificuldade de captação directa da tarefa, por um lado, e da dificuldade de expressão verbal numa língua não materna, pelo outro. O segundo momento seria aquele que contempla a própria atitude dos sujeitos perante a situação experimental. Neste caso, dois riscos se encontram presentes, isto é, dois extremos são rigorosamente a evitar: um deles diz respeito ao facto de os objectivos de observação experimental não serem suficientemente claros por demasiado ambíguos, pois resultariam daí demasiado diferentes hipóteses para diversos sujeitos; outro diz respeito ao facto de os objectos serem de si mesmos tão óbvios que "o sujeito torna-se integralmente senhor das expectativas do experimentador"(780). Em ambos os casos, acontece uma percepção que se torna indispensável ter em conta. Trata-se, com efeito, dum problema geral a explorar, explicitando: a percepção que o sujeito realiza do objectivo da experimentação e da hipótese específica do experimentador. Algo do género pode eventualmente servir: "que pensam do que se procura com a experiência?".

Mesmo assim não se encontra isenta de dificuldades: em

---

[5] Duas soluções ou atitudes a reduzir ao mesmo lugar-comum ou beco sem saída: não se torna necessária uma preparação específica e especializada para uma análise científica adequada, dessa realidade que é a personalidade.

primeiro lugar, a percepção das hipóteses do experimentador pelo sujeito está apoiada no seu comportamento experimental e a correlação destas duas variáveis pouco pode ter a ver com os determinantes do comportamento; e, depois, este processo de procura encontra-se dependente das características da "demanda".

Todas estas considerações se podem resumir ou fazer convergir para uma ênfase legítima a dar à interacção. Esta significa que a comunicação ou a relação se passa em termos de acção. Em virtude de a acção ser considerada o específico da personalidade, a acção entre personalidades só poderá, normalmente, acontecer em termos de inter e, igualmente, ser vista em termos de interacção. Daí que a interacção personalidade-cultura irá no mesmo sentido, visto que a cultura é o próprio conteúdo da interacção que será a sua forma, entre personalidades, entre personalidade e grupo sócio-cultural e entre os próprios grupos sócio-culturais. Habitualmente, fala-se em dois processos a este respeito, mais ou menos admitidos por todos ou tradicionalmente: a individualização, em termos mais ou menos biológicos e a socialização em termos claramente sociológicos. Uma como outra não passam de facto e de forma de leitura da simples adaptação. E isto acontece na boa tradição do sistema positivista em que a personalidade é a resultante do somatório do "bios" e do "socius". E, deste modo, se continua a empobrecer a especificidade da personalidade enquanto objecto próprio de análise. E neste contexto se compreende a seguinte afirmação de Maria Leblanc: "há um equilíbrio a estabelecer que não é um compromisso, entre as necessidades do indivíduo e do grupo". Mas, seria de perguntar: Equilíbrio de quem? Equilíbrio, porquê? Será que a personalidade nada mais é do que um equilíbrio entre forças, na dependência de facto e na conotação, em leitura, dessas forças ou factores? Mais curioso ainda é produzir a afirmação seguinte: "a personalidade de base será a resultante destas duas influências, tal qual se vai revelar a um nível projectivo" (1960, 138). Daqui poder-se-ia concluir que a projecção vai revelar o equilíbrio. Mas seria de perguntar: qual? O real, o possível ou o impossível? Como se vai manifestar tal equilíbrio ou onde se encontra ou quais são as manifestações a partir das quais poderemos definir tal equilíbrio? Se é a ou na personali-

dade, que imagem é a que dela temos? Como "resultante das duas influências" de que acima se falou, a personalidade como uma simples "entidade" suspensa num espaço indefinido, se espaço existe? Como somatório, em perspectiva lógica a partir da "árvore" de Profírio, animal+racional? Mas, estamos em investigação científica em psicologia que já foi e ainda é, por vezes, confundida com lógica. Como justaposição de duas entidades metafísicas como pretendem certas ontologias derivadas do cartesianismo? A metafísica é negada e praticada, ao mesmo tempo por todos os cientistas. Em certas práticas de psicólogos é mais fácil confundir a realidade observável experimentalmente, com a realidade metafísica ou, simples supervaloração do vivencial próprio.

Aqui se insere a dupla: arqueologia e teleologia.

Tendo presente esta pequena amostra de questões, vou tentar uma síntese de elementos díspares, por vezes jogados para uma perspectiva de oposição, à força de repetição de repetições, cada vez mais empobrecidas ou menos características, porque longe da base ou do ponto de partida. Para tal não reforçarei polemicamente aspectos reais e realmente parciais, antes tentarei re-interpretá-los em perspectivação espacio-temporal e sócio-cultural; não rejeitarei o que quer que seja, pois tudo pode constituir informação referencial e referenciada, aproveitável na sua mesma parcialidade; antes tentarei tirar vantagem explicitante do que agora se encontra implícito por virtude dos lugares-comuns, repetitivos, instalados. Fundamentalmente, ensaio uma tentativa de nova perspectiva, nova porque antes abafada, senão escamoteada, ainda hoje, por certas modas fáceis e facilitantes; nova porque na sequência aprofundante, facilitada pelo próprio avanço da reflexão científica em Psicologia. E porque nova, poderá acontecer, seria possível senão desejável, que viesse a servir apenas para unir e nunca separar ainda mais, afastar ou liquidar o que quer que seja.

A polémica pouco ou nada pode dar como contributo[6] para a

---

[6] Pese embora a interpretação corrente do ditado popular "da discussão nasce a luz". A discussão só pode gerar cansaço, desgaste e desgosto. A luz só pode brotar da actividade pessoal de reflexão analítica e de análise sintetizante.

serenidade da análise e a controvérsia apenas fecha a porta a qualquer possibilidade de avanço na hermenêutica a partir duma heurística segura, objectiva e/ou respeitadora dos factos, isto é, do que se passa à nossa volta.

No passado das técnicas projectivas importa sumamente averiguar se um número certo de reducionismos lhes são "interiores" ou "intrínsecos", próprios delas, levando à sua condenação logo de início, sem mais ou se, pelo contrário, esses reducionismos lhes são claramente "exteriores", isto é, opções de intérpretes, problemas de utilizadores por recurso sistemático, embora evitável, a interpretações parciais e parcializantes[7]. Torna-se urgente e inadiável agarrar as técnicas projectivas na sua contextuação historico-cultural e tecnico-científica, em descoberta-evidenciação de referenciais esquecidos ou escamoteados para chegar à hipótese de conclusão, a ser comprovada pela prática teórica e pela prática aplicada que os problemas ou dúvidas ou negações, levantados contra elas, são rigorosamente problemas de quem os pensa ou pratica e, principalmente, explora, muito mais do que das próprias técnicas, na sua especificidade original e originante.

Após uma apresentação-revisão das coordenadas contraditórias do surgimento das técnicas projectivas, procurarei integrar a problemática subjacente no ritmo e perspectivações das propostas originárias porque originais e assim propor a sua ampliação, o mais amplificada possível, quer na e pela prática, quer na e pela teoria, quer na e pela problematização da aplicação. Rigorosamente, poucas razões haverá a ajustar com as propostas originais e originárias a não ser por e para evidenciação do implícito. Bastantes haverá a ajustar com os intérpretes teóricos e utilizadores práticos.

Para ir um pouco mais além e, dum modo particular, diferentemente, tentei ser prático, isto é, apoiar-me em dados de observação de campo e sugerindo pistas para mais observação e

---

[7] Ainda este ano de 1990 o "XIII Congresso internacional do Rorschach e das técnicas projectivas" demonstrou claramente tais interpretações mais ou menos parcialmente tradicionais.

ao mesmo tempo teórico[8], procurando delinear um sistema de referência capaz hoje, de coordenar a diversidade dos dados, próprios ou inerentes à instrumentalidade específica das técnicas projectivas. É que, efectivamente, a urgência e/ou premência da intervenção leva certos técnicos a servir-se do que se encontra mais proximamente disponível, talvez do mais fácil ou condizente, abafando ou disfarçando os problemas de fundo. No entanto, tais aplicações também deveriam ser momentos de problematização, pontos de partida, principalmente em investigação psicológica para evidenciação de novas variáveis, elaboração de novas hipóteses, falsificação das mesmas e explicitação de novos aspectos e/ou conteúdos, na análise do que se passa em e entre humanos.

Dizia-se em aforismo antigo, em termos de verdade, "adaequatio rei et intellectus"; seria de dizer em termos de descoberta científica adentro das ciências psicológicas "adaequatio mentis et vitae" ou, melhor "adaequatio intellectus et humani". Isso implicaria uma actividade prévia de "purificação" da mente, na medida em que ela se encontra pejada de atavismos culturais, quase estereotipias, por divulgação e aplicação maciças doutras ciências — termos, perspectivas, metodologia — aos fenómenos humanos e o humano, por consequência inevitável, se encontra ao lado, esquecido, desvinculado do que é, mutilado, quase se eclipsa sob o qualificativo de humano. No entanto, não se trata de algo superior, nem de inferior, ao animal. Simplesmente: diferente. Humano. Simplesmente. Especificamente.

Este é o problema. Talvez. Seguramente. De fundo: o HUMANO.

Palavra que suscita os mais desencontrados pareceres. Pareceres, sintetizáveis em dois pareceres, mais ou menos englobantes: o dos humanistas, tidos por filósofos e o dos anti-humanistas, denominando-se de cientistas. O que se passa efectivamente, são duas representações ou "ideias" diferentes acerca do humano. Uma é denominada de tradicional, talvez porque tantas vezes é mesmo tradicionalista e, no entanto, é a que procura nada perder do que pode encontrar para reflexão; a outra que se diz progres-

[8] Sem fazer da prática a razão teórica da minha actividade de aprendiz de psicologia, nem muito menos da minha presença no mundo, e sem fazer da teoria a razão prática da mesma aprendizagem e da mesma presença.

siva e, talvez, tantas vezes é claramente progressista, pratica reducionismos prejudiciais à globalidade observável. Contraste claro de "ideias", luta de supervalorações, praticadas por cada um dos grupos em questão é o que ainda hoje se pode observar com toda a facilidade.

Algo de novo parece acontecer. Todo este contexto parece mexer, com maior ou menor profundidade, tendo em conta o advento, ainda que por vezes incaracterístico ou tímido, das Ciências humanas. Estas, com efeito, numa primeira fase, usaram e abusaram da perspectiva e principalmente da linguagem fisico-matemática e bio-fisiológica. Começa a esboçar-se, com certa clareza e com não menos força, uma orientação diferente adentro dos investigadores em Ciências humanas. Enfim, começa-se a olhar o humano como simplesmente humano. Radicalmente. Ou seja, esboça-se a definição duma perspectiva específica ou especificamente humana, quer em sociologia quer em psicologia. E começaram por iniciativa própria, sem ajuda ou força alheia.

Neste contexto, o intitulado desta reflexão da "arquê" e do "telos", com uma ressonância parcialmente antiga, poderia possuir outra: a "arquê" reclama desde o início a presença de "psiquê". E o "telos" apareceria, por virtude das ciências humanas como sinónimo de finalidade, em termos de actividade de alguém, como sinónimo de intencionalidade, em termos de analítica transcendental dos conceitos de alguém.

A "arquê" só adquire total e pleno significado quando aponta para um "telos". Para o caso pouco importa o tipo de "arquê" ou de "telos". O que se procura dizer é, efectivamente, para quem quer que seja, em qualquer circunstância em que se encontre, são constitutivos básicos de alguém, um passado, um princípio que se desenvolve graças a uma finalidade, um futuro que o justifica. Num presente.

"Seul a une arché un sujet qui a un telos" (P. Ricoeur, 1965, 444). É o sentido que constrói, é o objectivo que constitui num sujeito a base da sua existência. Para Ricoeur, encontramo-nos perante a falha maior do freudismo e a abertura mais operacional da psicanálise ou análise da "psiquê". Esta análise só se torna praticável pela simultaneidade e convergência da "arquê" e do

"telos"[9]. Identificação, idealização ou principalmente sublimação constituem o fundo da dificuldade com que se debate qualquer freudismo, mesmo daqueles que se servem do "palavreado" freudiano, para maior ou menor fundamentação duma psicologia tradicionalista, por vezes mística, ora na vertente biofisiológica ora na vertente biosociológica. "O que alimentou o desenvolvimento duma cultura psicanalítica não foi a validade da psicanálise como ciência, mas o poder da sua psicologia do quotidiano. A teoria freudiana dos sonhos, das anedotas, dos trocadilhos e lapsos permite que as pessoas encarem a psicanálise como um brinquedo fascinante. A teoria é evocativa. Fornece novos meios de auto-reflexão. A interpretação de sonhos e lapsos permite-nos a todos contactar com preocupações tabus, como a nossa sexualidade, a nossa agressividade e os nossos desejos inconscientes"[10].

É claro que a própria formulação de Freud se encontra enleada nestes dois tradicionalismos, biofisiológico e bio-sociológico. No entanto, com suficiente lucidez para admitir que não se pode ficar por aí. Neste contexto, aparece a célebre curta frase de

---

[9] "C'est pourquoi toutes les difficultés que nous avons parcourues, sous le titre de la téléologie implicite du freudisme, viennent s'y refléter; ces difficultés peuvent se résumer ainsi:

1º Il faut se donner la relation initiale du désir à une valoration extérieure du champ énergétique, pour que le désir entre en culture:

2º Il faut postuler une constitution en couple des subjectivités pour que l'identification du moi à son autre soit possible;

3º Il faut admettre une estime originaire de soi-même une *Selbstaachtung* primitive, pour que l'identification puisse s'incrire dans un procès d'idéalisation du moi;

4º Il faut enfin supposer, en sens contraire du mouvement régressif dont la psychanalyse fait la théorie, une aptitude à la progression, que la praxis analytique met en oeuvre, mais que la théorie ne thématise pas " (P. Ricoeur, 1965, 475).

[10] Tanto mais curiosa é esta reflexão quanto procede de Turkle, a qual se propos, de início, reflectir sobre a psicanálise: "As minhas dívidas intelectuais estendem-se para além do MIT. Este livro é uma excrescência de um projecto anterior: um estudo sociológico da psicanálise. O que pareceu a muitos dos meus amigos e colegas uma mudança de interesse foi, para mim, a prossecução dum mesmo objectivo: compreender como é que as ideias saem dum sofisticado mundo técnico para a cultura em geral e, uma vez aí, como moldam a forma de as pessoas pensarem em si próprias" Sherry Turkle, *The second Self — Computers and the human Spirit*, N. Y. 1984, p. 23 e 10, respectivamente da tr. port., Lisboa, 1989.

Freud, a apontar para a perspectiva do "telos": *Wo es war, soll ich Werden*[11]. Seria de lembrar aqui uma tradução curiosamente fundamentada, precedida da seguinte reflexão, ao concluir a comunicação sobre a "instância da palavra no inconsciente". Diz o seguinte, J. Lacan (1966, 284-5): "O objectivo que a descoberta de Freud propõe aos humanos, encontra-se definido por ele próprio no apogeu do seu pensamento, em termos comoventes *wo es war, soll ich werden*. Là où fut ça, il me faut advenir. Cette fin est de réintégration et d'accord, je dirai de réconciliation (Versöhnung)". K. Jung escreveria: "Mysterium coniunctionnis" (1955, 6, 7; G. W. XIV, I e II, 1968).

Mais do que reconciliação, de síntese, mundo imaginal em desenvolvimento. Constante. De princípio a fim.

Só no humano.

Só o humano aspira a viver, não porque vive apenas. Sim, porque "sabe" de tudo. Até sabe que vive.

Para além da arquê , o telos.

---

[11] G. W. XV, 86; S. E. (XXII, 80): "Where id was, there ego shall be"; *Nouv. Conf. Psychanalyse*, (1936, 111): "Le moi doit déloger le ça". Freud emprega mesmo uma analogia (clarificante ou obscurecente): "C'est là une tâche qui incombe à la civilisation tout comme l'assèchement du Zuydersee".

II — DE MURRAY A MURRAY

A observação de campo apoiou-se, ainda que em aproveitamento parcial da técnica de Murray. Continua a ser uma boa técnica, capaz de múltiplas aplicações. Convém, por isso, situá-la convenientemente nas suas origens para a re-descobrir em aprofundamento. É o próprio Murray a dizer: "Approaching the deadline, I was reminded of the judgement of Hyppocrates: life is short, the art long, occasion instant, decision difficult".

De Murray (1935) com a sua primeira grande apresentação perante o público científico, uma quase explosão curiosa do domínio da investigação sobre a personalidade, tão curiosa e inovadora que teve a sorte do esquecimento: "a ocasião foi única e a escolha difícil".

A Murray (1959) num resumir que foi um re-assumir, num olhar para trás para maior avanço produzir, num corresponder à expectativa para fugir o mais possível à fixação: quando a vida é curta e a arte longa", há que prolongar a vida até aos seus extremos mais extremos. De Murray a Murray, um percurso, pleno de significações.

Para proveito de todos nós. Em que sentido? O que nos poderá oferecer a biografia de Murray para situar o seu trabalho de 1935 e re-situá-lo com o trabalho de 1959? Se nos debruçarmos sobre a sua trajectória verificamos que a sua primeira orientação-curiosidade foi a medicina e nesta a cirurgia. Por fim acaba por fazer uma especialização complementar em biologia no Centro Rockfeller de N. York. Daí o seu doutoramento em bioquímica por Cambridge.

De pouco interessava este passado de Murray se não houvesse, por um lado, um impacto terminológico a acentuar-se na segunda parte da sua obra e, por outro, um salto curioso, quase

num vazio que era um pleroma de modelos mecanico-físicos sobre o inconsciente. Só que, felizmente, a sua descoberta do inconsciente aconteceu pela mão de K. G. Jung, com quem trabalha e pesquisa em Zurich: "Entrei na Psicologia pela mão de Jung[12]. Momento este significativo para Jung e para quem com ele trabalhava. Com efeito, em 1928, definiu-se uma grande etapa no pensamento científico de Jung. Ele próprio o diz: "Eu tento particularmente descrever nessa obra as *relações* existentes entre a *consciência do eu* e os *processos inconscientes*"[13]. "Trata-se de 28 anos de experiência psicológica e psiquiátrica que me propus seriamente condensar e resumir. Por isso mesmo, o meu

---

[12] H. A. Murray, Preparations for Scaffold of a comprehensive System, em *Psychology: A Study of a Science*, vol. 3 *Formulations of the Person and social Context*, S. Koch (ed.) N. Y., 1959, p. 36: I came to Psychology via Jung's *Psychological Types* and his *Psychology of the inconscious*, the first of which my professional interest in types of human nature, and the second, my interest in inconscious processes as revealed by mythologies and religious imagery as well as in the more central and integral transformations of personality".

[13] A obra a que se refere Jung é *Die Beziehungen Zwischen. Dem Ich und dem Unbewusstein*, na tradução francesa "Dialectique du moi et de l'inconscient" (Paris, 1964).

No Prefácio, do próprio Jung para a 2ª edição alemã, de que faz parte o texto já citado, lê-se também: "Este objectivo levou-me a analisar em particular os fenómenos em que é necessário ver manifestações próprias da personalidade consciente, submetida às influências dimanadas do nível inconsciente. Ao fazer isto, tentava indirectamente abordar o mundo inconsciente e os fenómenos que aí acontecem. É leal reconhecer que estas pesquisas ainda não encontraram um fim satisfatório pois a questão principal, a da natureza e da essência do próprio nível inconsciente em si, continua sem resposta". E isto apesar dos doze anos de profunda, vasta e diversificada reflexão. Como ele próprio diz ainda: "Doze anos de experiências suplementares permitiram-me em 1928 colocar na forja as minhas verificações e descrições de 1916". Esta data é ponto de partida e ponto de chegada. Ponto de chegada, na própria expressão de Jung: "em fins de 1908 apareceu "Os conteúdos das psicoses" em que a ideia da independência e da autonomia do nível inconsciente, em demarcação de Freud desde 1902, é analisada sob um novo ângulo. Em 1912... a propósito dum caso... mostrava os paralelos históricos e os aspectos étnicos, deste processo psíquico que se revelava assim universal". Mas, 1916 constitui também ponto de partida. Jung mostra-o: No ensaio publicado em 1916 sobre a "Estrutura do nível inconsciente... procurava, pela primeira vez, formular uma síntese,resumindo o conjunto do processo.Tratava-se dum simples ensaio e sentia-me por demais convencido das suas insuficiências. As dificuldades inerentes ao tema a estudar eram tais que não podia esperar numa breve comunicação, chegar ao fundo e tratá-lo como merecia" *Dialectique*... p. 18.

pequeno livro pode pretender a que o tomem a sério. Compreensivelmente, não pode ser exaustivo". Essa a razão pela qual um pouco mais à frente, acerca da natureza do processo inconsciente declara: "Não ouso analisar frontalmente este problema, sem uma experiência tão extensa quanto possível: será ainda do futuro que devemos esperar a resposta" (1964, 13).

E a resposta veio. E encontra-se presente na obra de Jung. E na de Murray. Assim como na obra *Rorschach. Theory and Symbolism* de McCully. Na obra de Murray, mais nos inícios da descoberta enriquecedora do que nas grandes obras posteriores de síntese-compromisso (1938). No entanto, algo já se fez no sentido de evidenciar o interesse da psicologia analítica para a análise dos conteúdos das histórias criadas pelos sujeitos a partir dos instrumentos de investigação como ainda veremos mais longamente (Spiegelman, 1955). Além de que o próprio Murray demonstrou claramente, por ocasiões diversas, a presença clarificante para as expressões humanas do pensamento e da perspectivação de Jung. Para além da ideia acima expressa, é notória a presença latente do pensamento de Jung nos dois trabalhos de 1935 e de 1937. Neste último, a única citação de correntes analíticas é a de Jung com extractos de duas das suas obras. E são estes os trabalhos de mais forte inovação e de aturada busca aperfeiçoante.

No entanto, uma vez na América, três encontros influem no preenchimento da sua caminhada: Morton Prince, um freudiano ortodoxo; Franz Alexander e Hans Sachs, uns quase "reformadores", com passos interessantes em relação a Freud14. A sua

---

14 F. Alexander representa o início duma psicanálise aberta, no sentido e paralelamente à orientação do Círculo vienense de Psicologia das profundidades adentro do qual Igor Caruso fala exactamente de "Psychanalyse ouverte et psychanalyse fermée" (*Bull. Psych.*, 1956, 1: 31-4) e publica *Psychanalyse pour l'homme* (Paris, 1962) entre outros títulos e um seu discípulo e colaborador W. Daim deu à estampa uma obra consideravelmente ousada: *Umwertung der Psychoanalyse* (Wien, 1951). E este início verifica-se também na América do norte. É deste modo que F. Alexander também pode ser considerado o iniciador da "psicanálise abreviada" por desvalorização do ritualismo dogmático. Sachs, por seu lado, arrancando, de colaboração com Rank, lança iniciativas para psicanalistas não médicos, entre as quais a mais importante foi a revista *Imago*. Voltaram-se, particularmente, para a psicanálise aplicada à mito-

perspectivação a partir do eu, em psicanálise, representa uma redescoberta do mesmo[15], independentemente da sua discutibilidade no sentido duma perspectivação de conjunto da personalidade,bem expresso na sua obra de fundo: *Psicanálise da personalidade enquanto um todo* (1959). E a *Psicanálise revista*(1961). Em paralelo com um behaviorista holístico que foi e é Tolman (1932).

Para Murray tudo isto deve ter apresentado algo de momentoso, enquanto reflexão, de enriquecedor enquanto aperfeiçoamento pessoal e valorizador enquanto avanço profissional na via que o conduzia à formulação de novas hipóteses de investigação e de novas técnicas, capazes de corresponder à "falsificação" dessas hipóteses. Particular incidência deve ter tido a aproximação de Sachs e do seu interesse pelas manifestações socio-culturais. Como pano de fundo, como cadinho transformador, há que realçar a sua capacidade de observação e de iniciativa, adentro da "Psychological Clinic" de Harvard. Convém, no entanto, apresentar um testemunho seu de grande valor e que vem mesmo a propósito nesta sequência: "em nenhum momento fui um bom freudiano nem um bom iunguiano nem um bom adleriano nem um bom discípulo de quem quer que seja" (1959, 13). Disso dá testemunho o trabalho publicado com Morgan (A method for investigating Fantasies: The thematic Apperception test (1935) e a obra de síntese que é "Explorations in Personality (1938). Depois de passar pelo serviço de contra-espionagem, publica em 1948 a obra de fundo: "Como avaliar o homem". De volta à Universidade de Harvard, novo rumo se define, enriquecedor e diversificante,

---

logia, à literatura, à arte e à religião, assim como à vida em sociedade, na esteira do pensamento de Freud na última parte e do seu divulgador americano e seu mais fiel discípulo, E. Jones.

15 Ao distinguir super-ego e ideal do eu, volta-se de novo para o eu realçando-o. Esta perspectivação foi retomada pelo movimento que dá pelo nome de "Ego Psychology". Se tivermos presente que o grande relevo adentro da história da corrente freudiana começou por ser dado, quase em exclusividade, ao *Id* e ainda perdura simultaneamente com o relevo crescente dado ao *Ego*, principalmente depois da obra de fundo de Ana Freud — *The Ego and the Mechanisms of Defense* (N. Y., 1946) e também da de Hartmann *Essays on Ego-Psychology* N. Y. 1964), para quando o momento da reabilitação do Super-Ego, já que tão desvalorizado como desconhecido tem sido?

na sua carreira científica, latente nas suas andanças e preocupações de pesquisa. É desse modo que aparece o resultado desta sua outra faceta: o interesse pela antropologia social e/ou cultural e, desta feita, de colaboração com Cl. Klukhohn e Schneider[16].

Parece não oferecer dúvidas a ninguém, ao debruçar-se um mínimo sobre a problemática das técnicas de investigação da personalidade, que ter em vista esta carreira oferece grandes vantagens para podermos "sentir" com mais clareza e penetrar com mais interesse o seu caminhar no que a nós diz respeito. Com efeito, não pretendo aqui delinear sequer uma análise da personalidade científica de H. A. Murray, nem sequer realizar uma síntese da sua obra vasta e profunda, principalmente uma obra de grande futuro em dois dos seus aspectos, quais sejam o da fantasia e o da superação das "escolas fechadas".

O trabalho, largamente significativo para o tema que nos ocupa, é o trabalho de 1935, por ser de 1935 e por ser o ponto de partida: *A Method for investigating Fantasies — The thematic Apperception Test*. Trabalho de sintetização que é, etapa dum caminhar longo e diversificado que representa, torna-se compreensível a sua riqueza, tanto pelo que diz claramente como pelo que aponta implicitamente, compreensível também a sua perspectiva, vantajosa e pletórica de hipóteses várias, em superação da sua longa e própria caminhada pela Europa e do impacto que uma certa divulgação da psicanálise nos E. U. A. podia ter sobre o seu pensamento[17]. E isto através de autores que posteriormente

---

16 Kluckhohn, Murray, Schneider — *Personality in nature, society and culture*, N. Y., 1948, 2 tomos. Reveste particular pertinência para o nosso tema: — Dados antropológicos sobre o problema do instinto (M. Mead); — Crescimento e crises da "personalidade sadia" (E. H. Erikson); particularmente interessantes: — São finais as necessidades básicas? (D. Lee) e O espectro de H. James: estudo de apercepção temática (Rosenzweig). Fora de classificação, talvez porque enriquecedoramente discutível: Esboço de uma concepção da personalidade (H. Murray e C. Kluckhohn).

17 Cfr. Murphy — *Historical Introduction to modern Psychology*, 400 ss. B. Ayres, ^{3}1971.

Como diria Allport: "pela sua simplicidade pode ser entendida pelo profano; este pode participar no drama objectivado dos seus próprios conflitos o que representa uma certa vantagem terapêutica. É uma perspectiva nova, livre de termos religiosos e existe uma certa probabilidade, a pessoa com conflitos

concretizaram as suas ideias em obras que são representativas de toda uma preocupação e duma época como adiante referirei a propósito das "técnicas projectivas". Convém, no entanto, referir a obra de Murray de 1938. Com toda uma equipa lança uma perspectivação nova e inovadora, a partir da observação directa por intermédio da sua técnica original. Os resultados globais da investigação são tornados públicos nessa obra para dar a conhecer a base experimental sólida dos estudos recentes sobre a personalidade. Esta obra de conjunto, um pouco em contraste, na perspectiva e em dependência, na metodologia da de 1935, apresenta-se em forma marcadamente ortodoxa relativamente à doutrina freudiana, com particular realce para a importância atribuída à base biótica nas considerações psicológicas e psico-sociais. Isto é manifesto na definição adoptada, como ponto de partida e/ou pressuposto para a "exploração": "a personalidade é o órgão de governo do corpo, uma instituição (supra-ordenada) do nascimento à morte que se encontra permanentemente implicada em operações funcionais transformadoras". Duma forma latente, embora igualmente presente, encontram-se aqui elementos da perspectiva de Lewin e do seu campo relacional.

As referências a Lewin, porém, os elementos provenientes da sua digressão pela Europa assim como os contactos com Sachs e Jung passam desapercebidos. E, no entanto, são fundamentais para a re-descoberta da proposta original de Murray e sua colaboradora Ch. Morgan. Eles próprios o afirmam: "Este teste... forma uma parte dum estudo compreensivo da personalidade no qual participaram cerca de vinte experimentadores". A qualificação de compreensivo dado ao estudo da personalidade mostra bem a importância da globalidade que se encontra presente no pensamento e na perspectiva de Murray e seus colaboradores.

Dum modo mais geral, algo diferente se encontra presente nas perspectivas de Murray e seus colaboradores. Em especial Stagner, com simplicidade e claridade sistemáticas coloca em

---

que se sinta atraída pela psicanálise, tenha repudiado esse termos. Pode aceitar esses novos termos sem se desprestigiar perante si própria ou perante os que a rodeiam..."*Personality: a psychological Interpretation*,498-9, B. Ayres, ^{3}1970.

evidência a dinâmica socio-cultural na estruturação da personalidade (1936). Particularmente significativa é a obra de G. Allport, cuja perspectiva se situa adentro da guestalteoria dando relevo ao "carácter" de unicidade e ao de globalidade estrutural, quer nos elementos utilizados quer nas perspectivações adoptadas (1937).

Por todas estas achegas e, principalmente, tendo em conta a originalidade da iniciativa, compreende-se, embora possa parecer um exagero, talvez um contra-senso, o realce claro atribuído às normas de aplicação da experiência. Simplesmente, acontece que esse rigor é a condição de base para "dizer algo acerca acerca de alguém a partir da comparação estatística". Vejamos a sua proposta, de Murray e seus colaboradores: Com o sujeito confortavelmente instalado (na própria expressão dos autores) são lhe fornecidas as seguintes instruções: "Isto é um teste de imaginação criadora. Vou mostrar-lhe uma fotografia e peço que construa uma intriga ou história para o que a fotografia pode ser usada como uma ilustração. Qual a relação entre as pessoas? O que lhes aconteceu? Qual é o desfecho? Desejo que faça o melhor que puder. Como se trata de um teste de imaginação literária, pode construir a sua história, tão longa e pormenorizada quanto quiser (1935, 290).

De notar os dois qualificativos: *creative imagination* e *literary imagination*. De notar, não apenas por si próprios como principalmente pelo emprego de "imagination", pois pode acontecer que seja um termo fortemente ambíguo. Para além disso, tem que ser situado no contexto do escrito de 1935, cujo título fala de *fantasies*. As fantasias de que fala no título e colocado o vocábulo no plural recebem uma primeira explicitação, mais ou menos dentro do quadro conceptual freudiano: "uma força inibida ou reprimida, com as impressões dos objectos que se lhe encontram associados, pode manifestar-se ela própria como uma fantasia que o sujeito lhe pode reportar". Este constitui o princípio geral a ter em conta para a reflexão que se segue: "ou a sua presença (da força ou das impressões) pode ser inferida pelo analista a partir de outros fenómenos. Neste último caso, o analista encontra-se apto a falar dela(s) como uma fantasia inconsciente recalcada" (589).

Isto é de tal modo importante que um dos objectivos, o

fundamental, aliás, é afirmado ser a exposição destas "fantasias profundas" (hidden fantasies). Simplesmente, intervém um problema de tempo, segundo os autores. Na melhor das hipóteses, porém, a técnica habitual para atingir tal objectivo exige um longo período de espera atenta. Por isso, parece que poderia ser de grande préstimo se se conseguisse inventar um método mais expedito ou eficaz. Claro está que o analista pode ser conhecedor da verdadeira origem das construções fundamentais da fantasia do seu cliente. No entanto, claro é também, que se poderá encontrar numa melhor posição para se aperceber e interpretar as relações dinâmicas daquilo que, no começo da análise, é habitualmente fragmentário e obscuro. Mais ou melhor ainda, num momento posterior, pode conseguir uma melhor ideia do que pode ser considerado irrelevante, como do que é importante e mesmo daquilo que ainda pode ser descoberto ou explicitado. Por todas estas razões há que "inventar" algo.

Esse algo, exactamente, é o que os autores propõem.

A proposta dos autores contempla uma perspectivação global da personalidade. Quase que a exige como factor ou vector de base. Há que realçá-lo, repetindo, pois encontra-se muito esquecido. Na verdade, com o método proposto, procura-se dar realce a um facto bem conhecido: quando alguém tenta interpretar uma situação relacional complexa, encontra-se apto a dizer tanto a seu respeito quanto pode dizer acerca dos fenómenos sobre os quais focaliza a sua atenção. Torna-se indispensável, portanto, ter em conta a possibilidade ou risco de aquilo que parece objectivo ser apenas aparentemente objectivo e principalmente pessoal ou subjectivizado[18]. Mas, "um outro facto que se encontra ligado à inven-

[18] Comentando, duma forma pessoal, os conteúdos directamente ajustados à investigação em Ciências psicológicas, do pensamento de K. Lewin, Viegas Abreu produziu a seguinte afirmação, de séria reflexão: "... a análise e a investigação psicológicas ou permanecem ligadas às situações complexas e concretas da vida — e são factor de aperfeiçoamento, de promoção, de mudança e de auto-conhecimento libertador por parte do sujeito — ou separando a investigação da acção e esta do seu agente e das suas condições de vida para, num segundo momento, procurar uni-las segundo o esquema de "aplicação", correm o risco de se envolverem num tipo de *prática mecanicista* que trata e transforma o *sujeito* da acção em *objecto*". À demasiada subjectivação assim como à dessubjectivação exagerada, sempre se apos K. Lewin "ao longo da sua

ção do método presente consiste em que uma grande quantidade de ficções escritas constitui a expressão consciente e inconsciente das experiências ou das fantasias do seu autor" (289).

Merece ainda particular relevo este *ou*, colocado entre experiências e fantasias. Trata-se de um *ou* que, pelo contexto de todo o trabalho, se apresenta mais como sinal de identidade do que disjuntiva. Sendo assim, abre perspectivas inéditas em 1935 e ainda hoje pouco ou nada contempladas nos meios científicos da Psicologia. Em primeiro lugar, realça que a experiência não é constituída por um somatório de vivências, tantas vezes reduzidas às que falharam, atendendo ao emprego comum ou vulgarizado do vocábulo, particularmente da parte daquelas pessoas que se pretendem informadas em Psicologia. Essas vivências podem, em segundo lugar, ser reduzidas àquelas que resultaram por virtude da perspectiva de aprendizagem-socialização-condicionamento, ou seja, por emprego maciço da perspectiva de condicionamento. Efectivamente, hoje conta muito mais, em primeiro lugar, no sentido de caracterizar a expressão ou as expressões da personalidade, pensar e/ou falar em termos de imagens experienciais ou vivenciais, quer na intervenção psicoterapêutica, por exemplo, quer a nível da observação experimental em psicologia social, ainda para exemplificar, onde comporta muito mais interesse. Se de imagens se trata, a *fantasia*, enquanto actividade ou capacidade encontra-se presente. Em segundo lugar, conviria realçar que esta identidade entre experiências e fantasia, em hipótese de leitura, realça que as imagens experienciais ou vivenciais tanto podem ser conscientes como inconscientes. E assim apareceria como perfeitamente inadequada no que respeita à utilização do T. A. T., a redução do inconsciente ao inconsciente recalcado ou resultante dum processo de recalcamento, com ou sem "mecanismos de defesa do eu", eu indefinido ou equívoco, como se encontra demasiado divulgado, mesmo, senão sobretudo em meios de aprendizagem ou divulgação de psicologia. E de "psicoterapias".

---

vida de investigador e de *pratical theorist*, e reside aí uma das razões principais da sua actualidade". M. Viegas Abreu, *Questões de Psicologia e de Pedagogia*, 80-1, Lisboa, 1979 (*Biblos*, 1978, 84: 163-85).

Para confirmar esta interpretação do texto de Morgan e Murray, seria de realçar o que é dito a propósito dos resultados. Depois de analisar as histórias elaboradas pelos sujeitos da experimentação, e de os confrontar em complementariedade com outros dados, colhidos a partir de introspecções, de autobiografias, largas horas de associações livres, entrevistas, etc... apresenta-se como algo bastante fácil assinalar quatro temas principais, sendo o quarto: "as fantasias, conscientes e inconscientes, do sujeito". Com uma agravante, na opinião dos autores: no que toca às outras três temáticas[19] verificou-se, na maior parte dos sujeitos, um certo pendor ou gosto ou jeito para observar mais e "para recordar melhor os acontecimentos externos em maior semelhança com as suas fantasias subjacentes". Cada sujeito projecta, quase imediatamente, as suas próprias circunstâncias, experiências ou preocupações, adentro daquilo que era demasiado óbvio. Por tudo isto é válido realçar a afirmação dos autores: "o processo em causa é o processo de projecção". Isto é dito e realçado em 1935. Acrescentam, na mesma data que mais parece em 1990: "quase nada convenientemente conhecida pelos freudianos".

De tal modo as fantasias são apresentadas como ponto fulcral da expressividade dos sujeitos, que se poderia afirmar com os autores a existência duma "fantasia-dominante" ou uma "fantasia-síntese". No entanto, continuam, a "nossa intenção é indicar apenas quão importante quantidade de dados biográficos se pode obter a partir duma só história e do diálogo que se lhe segue". No entanto não vale dizer que o mesmo se obteria, interrogando os sujeitos. De modo algum. Com efeito, "o que gostaríamos de mostrar é que os sujeitos projectam as suas mais profundas fantasias a partir destas cenas dramáticas e deste modo revelam orientações ou projectos a eles completamente inconscientes". E assim se compreende, como nos sonhos, que umas histórias são elaborações de fantasias conscientes e outras não chegam a ser reconhecidas como dizendo-lhes respeito. Isto quer

---

[19] *Id. ibid.*, p. 291. Os outros temas principais eram: histórias inspiradas em livros e em filmes (cinema); em acontecimentos actuais nos quais um amigo ou um conhecido havia participado; em experiências, subjectivas ou objectivas, da própria vida do sujeito.

dizer que se trata de fantasias inconscientes (292).

Seria oportuno ou operacional perguntar: porquê, classificar deste modo as fantasias? Morgan e Murray avançam razões que seria, será vantajoso recordar, porque esquecidas, facto que empobrece a aplicação da técnica na prática psicológica. Evidenciemos as principais para fugir a uma divulgação parcelar e parcial senão parcializante.

Morgan e Murray passam a referir seguidamente as fantasias mais ou menos do círculo tradicional freudiano[20]. Reconhecendo, no entanto, que não é suficiente. Há que olhar à prática, atender às situações concretas no sentido de ultrapassar os inícios iniciais duma classificação mais ou menos patológica e propor, descobrindo, uma análise classificativa suficientemente extensa para cobrir toda a espécie de prática psicológica e suficientemente compreensiva para afirmar algo de certo, directo e específico. A única possibilidade que se nos oferece é praticar uma espécie de análise factorial; cada fantasia-produto deve ser analisada adentro dos factores que a compõem, de modo a que os agrupamentos sejam praticados a partir das semelhanças dos elementos fundamentais. Sugerem ainda os autores: cada fantasia-produto pode ser analisada adentro duma série de acontecimentos e cada acontecimento, por seu lado, a uma ocorrência, a ser analisada a partir: 1 - duma força direccional; 2 - dum objecto

---

20 No resumo da autoria de Laplanche e Pontalis, encontramos: "Fantasia ou fantasma: encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado, pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. O fantasma ou fantasia, apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes tais como a análise as revela como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; protofantasias (protofantasmas)". Esta a tradução portuguesa, fiel ao original. Porque terá havido a substituição de "fantasmes originaires" por protofantasias, principalmente, suprimindo as três páginas de "Fantasmes originaires" nem sequer o colocando em protofantasmas? Pouco importa. Sim e só a "escolástica" freudiana e parcelar ou de capela de certo pensamento freudiano português. Em especial, porque se pretende impor ficar no domínio dos produtos, esquecendo — não será o mais importante? — a actividade de alguém, a actividade do produtor. É a fidelidade: assim como se supervaloram os sonhos e se esquece o sonhador, real, vivencial, assim se realça as fantasias e se esquece o "fantasiador". Virei ao assunto.

ou grupo de objectos para o qual ou a partir do qual a força é dirigida; 3 - dum resultado da sua interacção em termos de sentimentos subjectivos: satisfação/insatisfação (293). Por outras palavras: adentro da significação vivencial do sujeito.

Melhor do que entrar em pormenores ou diversificações demasiadas, há que definir temas. Ou seja: para incorporar as fantasias-produto num sistema científico de psicologia, propomo-nos classificá-las em concordância com cada evento que as compõem e cada evento em consonância com a sua estrutura fundamental. Daí resulta como conveniente, operacionalmente, usar a designação de *tema*. "Os sujeitos que se submetem a este *teste* são convidados a interpretar cada cena, ou seja a *aperceber* a teia ou a estrutura dramática, evidenciada por cada estampa. Por isso mesmo, apelidamos a experiência de *Thematic Apperception Test*". (294)

Atendendo aos variados exemplos, apresentados pelos autores, é possível senão legítimo concluir que o "teste de apercepção temática constitui um instrumento eficaz para descobrir as preocupações básicas e as variadas orientações inconscientes que lhe servem de base". (305) De novo, a distinção importante e sempre presente no pensamento dos criadores do T.A.T.: a distinção entre as preocupações que são, na maior parte dos casos, conscientes e os conteúdos inconscientes. Mas o que se revela como verdadeiramente importante na perspectiva dos autores é a unidade do sujeito, o qual se encontra presente nas suas manifestações conscientes e inconscientes, em qualquer das suas actividades. Muito particularmente nesta actividade de fundo que é a fantasia. Com efeito, se o T. A. T. revela as fantasias-produto, tanto conscientes como inconscientes, de qualquer personalidade, como compreender estas fantasias sem a actividade capaz e adequada para as produzir, enquanto conteúdo, ou seja, a fantasia?

W. Henry adoptou esta perspectiva para caracterizar as suas observações experimentais e as de campo, em meios socio-culturais diferentes e diversificados. Apoiado pelos resultados obtidos a partir dos mais diversos métodos e pelos mais diferentes observadores, deu como título à sua reflexão: *A análise da fantasia: a apercepção temática*. E em sub-título: *Técnica para o estudo da*

personalidade (1956). Ao descrever a tarefa da interpretação no seu aspecto simultaneamente "social e psicológico", considerando-o mais abaixo artificial, afirma: "a técnica da apercepção temática tira muita da sua particular relevância para o estudo da personalidade do duplo aspecto da expressão da fantasia (3). De novo aparece a insistência, por igual importância, nos conteúdos conscientes e inconscientes, como componentes básicos da personalidade. Com efeito, a actividade de fantasia no "contador de histórias" deriva dos aspectos da personalidade, menos conscientes e menos estruturados. E neste domínio é inaplicável a função da lógica ou coerência e da exactidão. No entanto, o conjunto de tarefas do "contador de histórias" exige-lhe que oriente a sua actividade de fantasia e organize as suas fantasias-produto em forma minimamente reconhecível e que verbalize a sua história para compreensão dos outros. Neste domínio já se pode aplicar um pouco a função de lógica e de exactidão. Ao menos, as mesmas que o sujeito tenta aplicar no seu dia-a-dia. Mas, apesar disso "as formas sociais, as funções da lógica e da exactidão usadas na estruturação das fantasias-produto, elas próprias se encontram profundamente enraizadas na motivação pessoal. Por isso tão obscuras ou tão claras, tão correctas ou tão incorrectas, tão verdadeiras ou tão falsas como todas e quaisquer outras. (4)

Mas e de novo, porque é importante, falar de fantasia ou de fantasias que sentido pode ter? Como a maior parte da utilização deste vocábulo, quer no singular quer no plural, visa os produtos, as produções torna-se legítimo perguntar: qual a actividade de que resultam? Qual o actor da actividade ou o produtor das produções? Parece mesmo que, em investigação científica adentro das ciências psicológicas, mais do que aos produtos de consumo — fantasias — há que dar relevo ao produtor ou ao que descreve ou analisa os produtos. Se é que nos encontramos em observação experimental em Psicologia e não em simples aplicação banal de meia-dúzia de banalidades postas a circular, inespecificamente. *Dar realce ao produtor* é atender ou *observar experimentalmente* as suas actividades. E adentro das diversas actividades desenvolvidas por cada personalidade é a *fantasia* — foi a fantasia em Morgan e Murray — enquanto actividade específica que importa

dar atenção. Dar atenção à fantasia permite, tendo bem presente a sua característica — embora a re-descobrir[21] — superar a falsa dicotomia consciente-inconsciente, lógico-ilógico. Permite realçar igualmente a distinção, extremamente concreta e/ou prática entre actividade afectiva ou de valoração e a actividade cognitiva ou de análise do que se passa em cada personalidade e entre personalidades.

O que na hipótese em desenvolvimento se procura é dar uma resposta possível ao dilema formulado por Murray,num ambiente propício e significativo que foi o Seminário informal organizado por de Hull, logo a seguir ao artigo em análise, ou seja, em 1936: "A Psicologia tem de escolher entre duas alternativas: investigar problemas importantes com instrumentos ainda inadequados ou investigar com instrumentos adequados, problemas pouco ou nada importantes[22]. A escolha para aqui e para agora, na busca duma prática de serviço à comunidade e na busca duma especificidade a fundamentar essa prática de serviço, a escolha é uma e só pode ser uma: instrumentos específicos, antes de tudo, aplicados a um objecto bem definido para prestar um serviço específico. Supremamente, por um aprofundamento diversificante, para além da análise das fantasias-produtos, a análise da fantasia--actividade da personalidade.Particularmente em apuramento da validade,fidelidade e sensibilidade das técnicas projectivas, recorrendo ao trabalho de fundo e original, desenvolvido por Murray.

---

21 "Parler de l'avenir de la fantaisie c'est parler de l'avenir lui-même. Car l'avenir sera ce que l'on sera capable de construire. Ce qu l'on sera capable de construire dépend de ce que l'on sera capable de projeter, grâce à la fantaisie.

Cependant en recherche expérimentale ce n'est pas lá la question. Avenir de la fantaisie veut dire: quel avenir attend la fantaisie au-dedans d'une recherche expérimentale en Sciences psychologiques?

... Or au juste ce qu'il me semble qu'il faudrait faire, serait, dans une attitude de riguer ou exigence expérimentale, tout simplement: *humaniser la fantaisie et fantaisier la psychologie*. L'avenir de la fantaisie consiste — hypothèse — à mieux comprendre l'humain qui va se révélant par une activité spécifique; — mieux comprendre la fantasie en tant que dimension spécifiquement humaine". "Fantaisie et avenir" A. M. Santos, Mémoire de Licence en Psychologie, Conclusion. Leuven, 1977.

22 Citação de um texto não publicado, de Murray *An investigation of Fantasies*, por H. Sargent, Projective Methods, *Psychol. Bull.*, 1945, 42: 282.

Há um caminho a praticar: *de Murray*, tantas vezes divulgado apenas, deturpado outras vezes, bastante desconhecido nas suas intuições *a um Murray*, re-descoberto, re-valorado e re-tomado em toda a sua riqueza original, para ir além das suas reflexões, capazmente. O próprio Murray realça toda uma contextura com reflexões bastante pertinentes. Começa por situar uma problemática suficientemente aguda: "Até ao presente, a maior parte de nós procurou preferencialmente revelar o outro, extraído das terras profundas da personalidade por intermédio de tal ou tal método escolhido, do que descobrir e explicar e, tanto quanto possível, remediar as fraquezas dos métodos", o que coloca em foco e em dúvida o tal "ouro" e mais ainda se pensarmos que o "ouro" se reduzia a manifestações mais ou menos patológicas. No entanto, o próprio Murray é mais violento no equacionar da problemática. Vale a pena citá-lo na íntegra. "O resultado é simplesmente este: no domínio das técnicas projectivas, encontramo-nos perante uma anarquia, estado aliás normal em todos os domínios, explorados pela primeira vez por todo um exército de pesquisadores isolados". É evidente que a anarquia não resulta dos fenómenos estudados, como sempre sucede, que não haja leis rigorosas, subjacentes. No entanto, é desse modo que nós os mostramos para o exterior. Talvez uma atmosfera favorável de ignorância e avidez tenha feito cair sobre as técnicas projectivas e a Psicologia dum modo geral um certo descrédito[23].

Esta introdução da autoria de Murray é um dos muitos textos que vale a pena meditar para compreender que há um caminho a praticar para ir ao encontro de Murray. Ele próprio o sugere, indirectamente: "as técnicas projectivas são instrumentos para estimular a imaginação, para fazer aparecer ou levar a

---

[23] H. Murray — Introduction a *Introduction to Projective Techniques*, Anderson & Anderson, p. 15 (Paris, 1965).

Irá no mesmo sentido esta observação de Anzieu? Diz: "La fascination que les techniques projectives exercent sur les étudiants de Psychologie débutants relève aussi souvent d'un désir névrotique de pénétrer les secrets d'autriu pour le dominer" *Les méthodes projectives*, p. 245, Paris, 1960. E então que dizer daqueles que nem psicólogos são e muito menos "débutants"? Deve aumentar a nevrose ou o desejo nevrótico, proporcionalmente à falta de informação adequada...

produzir *imagens*, representações imaginárias das interacções do sujeito e improvisações vivas" (18). Em foco as interacções do sujeito, em toda a sua extensão assim como — é o fundamental — as imagens dessas interacções variadas e variáveis que é o próprio sujeito[24]. A realidade mais real em investigação psicológica é o mundo imaginal que cada personalidade é. E voltamos ao texto de 1935, largamente comentado acima. Igualmente ao de 1937, pontualmente referido no sentido de agarrar elementos fundamentais. Posição clara: "The facts set forthin this communication favor the proposition that investigation of fantasy should be included in *every examination* (realce meu) of personality that aims to be thorough". (115) Poder-se-ia perguntar e Murray formula ele próprio a pergunta: "será a investigação sobre a fantasia importante para uma compreensão *global* da personalidade? (118). E dá as seguintes razões, aqui em pequena enumeração: 1 - As fantasias são importantes em si mesmas, como fenómenos que são da "vida mental"... 2 - por causa das íntimas relações com a acção aberta: os acontecimentos do mundo imaginal (day-dreaming and night dreaming) incidem sobre a personalidade como os acontecimentos da actualidade... Finalmente, na medida em que se encontram fantasias subjacentes na acção, "the psychologist should know the dominant *imaginal* drives", antes de definir o que um sujeito pode fazer em determinado conjunto de condições. E, numa frase lapidar, sendo de 1937 e de Murray: "Science is concerned with prediction, and in human beings, past performance is not a sufficient index of future action" (118). Já antes havia dito; temos aqui a ver com "purely imaginal", mais ou menos latente e não observável directamente pelos psicologistas que se limitam ao estudo dos fenómenos objectivos. 3 - por causa das relações com a emoção e o sentimento... 4 - por causa da relação com o pensamento criador, melhor com a

[24] Na bela expressão de W. E. Henry: "The language of fantasy is a symbolic language, dictated by our fears, hopes and dreams, and molded by *our images* (realce meu) of self and of the world around us..." *The Language of Fantasy — A Problem in instruction and Supervision in Problems of Supervision and training in clinical Psyclogy*, Round Table, 1952, p. 315.

actividade de criação ou criatividade[25]. E exemplifica: crenças religiosas, composições artísticas e muitos dos preliminares das teorias científicas são elaborações de elementos da fantasia... 5 - por causa das relações com os sintomas neuróticos. E acrescenta: não é aqui o lugar, evidentemente, para debater a questão dos processos psíquicos inconscientes. 6 - como pistas ou fios condutores para os eventos que incidiram no desenvolvimento da personalidade. E insiste: a personalidade é insuficientemente compreendida como um conjunto integrado de potencialidades. Assim a fantasia influencia e mostra como as situações influenciaram o desenvolvimento. (119-20)

Razão final e razão de fundo para todo este realce atribuído à fantasia, a ser analisada nas suas diversas intervenções enquanto potencialidade da personalidade e de cada personalidade é a seguinte e mais uma sugerência do que uma razão. Apesar disso é suficientemente sugestiva para levar à quase certeza de que as fantasias inconscientes são mais importantes do que geralmente se supõe (121). É assim que ao longo de várias páginas, fala das técnicas (122-32) e do modo de tirar proveito dos dados (133-42) para responder ao dilema de fundo: "Fantasy may furnish an escape from the world or it may be the harbingerof a creative advance" (117). E acrescenta: é pena que o espaço não nos permita uma relação mais compreensiva da fantasia, isto é, os factos e as teorias e a sua importância para a Psicologia (121).

Sintomática, esta razão-sugerência, tendo em conta o pequeno relato do percurso técnico e científico de Murray. Consiste no realce atribuído por ele próprio à obra de Jung em geral e a uma em particular, citando-a[26] e desculpando-se por não poder dar

---

[25] Murray termina esta expressão por uma reflexão interessante: *The debt of culture to fantasy is immeasurable* (119). De que fantasia fala Murray? Não apenas nem principalmente da fantasia(s)-produto e, muito menos enquanto produto doentio ou de origem patológica, mas sim e quase exclusivamente como potencialidade e actividade da personalidade. Daqui decorre toda a riqueza de aplicações por ocasião da observação em prática psicológica (119).

[26] Lamentando a falta de espaço para falar convenientemente da fantasia, afirma: There are many suggestive works, however, to which the reader may turn. In particulary, Jung's *Psychology of Unconscious* should be mentionned. It seems to me that a psychologist's intellectual horizon is not properly

mais realce ao assunto. Até porque bastante espaço foi preciso para dar uma descrição sumária de quinze técnicas, respeitantes à análise da actividade de fantasia ou, como o próprio Murray diz "purely imaginal", esse mundo de imagens que constitui o mundo imaginal que é cada personalidade.

De Murray a Murray afirma-se um retorno capaz de levar a novas descobertas de realidades e perspectivas, esquecidas umas, ignoradas outras, implícitas bastante mais e, no entanto, fundamentais para criações inovadoras acerca da realidade e em termos de perspectivas.

É Murray: atenção à "future action".

---

extended until he recognizes the significance of fantastical processes" (121). Torna-se verdadeiramente curiosa esta observação. De há tanto tempo e ainda continuamos voluntariamente circunscritos a umas "coisinhas", mais ou menos tradicionais.

III — L. FRANK — A REFERÊNCIA

Houve um percurso notável desde as fantasias até à fantasia. Mais notável, porém, revela-se o percurso das fantasias-produto à fantasia actividade, das fantasias manifestação à fantasia do fantasiador. Passo de gigante: em pouco tempo: 1935-37. Em longo tempo: 1920-1937.

E algo aconteceu em 1939 com grande ressonância e, é legítimo afirmá-lo *a posteriori*, verdadeiramente profético: há "métodos projectivos para a análise da personalidade"[27]. Com o mesmo título apareceu em 1965, 25 anos depois, este mesmo texto a confirmar a sua ressonância, enquanto aparecimento e o seu acolhimento como se depreende das palavras do introdutor à primeira parte: Estudos gerais e teóricos. Com uma pequena diferença: há sub-títulos da sua responsabilidade ou do seu consentimento. O primeiro dos quais realça a personalidade enquanto resultante da interacção, da socialização e da individuação. Trata-se de três perspectivas com imenso interesse e, ao mesmo tempo, até certa medida limitantes para o texto de 1939, embora se pudessem considerar latentes ou implícitas no texto: qual a diferença entre interacção e socialização? Socialização ou preferentemente sociogénese? Como é possível colocar, lado a lado, socialização e individuação? Por quadratura do círculo? O sub-título seguinte é o conceito de campo. Com interesse indubitável. Mas, com que interpretação no conjunto dos praticantes das técnicas projecti-

---

[27] Lawrence K. Frank, Projective Methods for Study of Personality, *The J. of Psychol.*, 1939, 8: 389-113. Na opinião de H. Sargent "Estes métodos que Frank descreve são, paradoxalmente, uma nova descoberta, embora a sua grande popularidade seja, em parte, devida à atmosfera de investigação, particularmente ajustada ao seu rápido desenvolvimento nos últimos cinco anos" (Projective Methods: their Origins, Theory and Applications in Personality Research, *Psychol. Bull.*, 1945, 42: 257).

vas? Será que tal conceito é mesmo tido em conta? Finalmente, o último sub-título que é o título de fundo: as técnicas projectivas. Nem testes, nem processos, mas métodos no título (1939/1965) e técnicas no texto. Não aparece também o vocábulo personalidade. Porquê esta opção? A ver vamos[28].

Mas, fica assente que nos encontramos perante dois temas claramente pertinentes ao problema equacionado: é da personalidade que se trata. E são métodos (técnicas) projectivos.

Que se trata de personalidade, vem muito a propósito, tendo em conta a viragem que se produziu, vigorosamente, na década de 30, do método dos casos para a análise da personalidade, persistindo, no entanto, a dominância da psicologia académica com realce primordial para a base biótica e a circunstância grupal[29]. Devido à grande importância que em clínica ganhou, progressivamente, o estudo dos casos, com uma forte incidência a partir da divulgação da psicanálise no meio médico, o próprio estudo da personalidade entre os anos 20 e 40 ficou reduzido a uma análise de caso, por vezes minuciosa senão requintada, numa tentativa de elucidar o que se passava. As próprias publicações ou eram textos de divulgação da perspectiva freudiana ou tentativas eclécticas — origem de ambiguidades múltiplas — ou acumulação de casos particulares e seus comentários. . É neste contexto que um som diferente se faz ouvir e com bastante ressonância: "Investigações sobre a personalidade" de H. A. Murray (1938), numa base ainda de doutrina freudiana, complementada pela perspectiva junguiana, e baseada nos estudos clínicos e experimentais da Clínica psicológica de Harvard, aponta claramente para uma ciência *experimental* no estudo da personalidade, embora fortemente apoiado na dualidade "need-press". Em "*Personalidade: uma interpretação psicológica* (1937) Allport lança a hipótese da personalidade como "autonomia funcional" e não apenas como somatório de acumulações filogenéticas. A

---

28 Verdade seja, no artigo de 1939 já havia uma divisão entre temas simplesmente apresentados como A-B-C.

29 Basta lembrar nomes significativos como Sigaud, Pende, Kretschmer, Sheldon, com todos os biotipos. E ainda B. Malinowski, R. Benedict, M. Mead e a escola funcionalista em sociologia e/ou antropologia.

perspectiva guestáltica encontra-se presente, aproveitando elementos das teorias freudiana e behavioristas, agarrando informações sociológicas e literárias. Com Stagner e a sua *Psicologia da personalidade* (1936) é a mudança socio-cultural, acontecendo na personalidade, que merece particular relevo. Por outro lado, tanto ao menos como a estes inovadores senão na concretização técnica dos seus pontos de vista originais, deve-se a L. Frank um avanço que foi aprofundamento e especificação, no estudo da personalidade, para além da perspectiva acanhada dos casos, para além das limitações da análise bio-fisiológica e da socio-biológica. Trata-se dum arrancar da investigação o mais importante para evidenciação dos instrumentos decisivos, porque *específicos* e *especificantes*, da personalidade, quais sejam, os métodos projectivos.

Sendo, portanto, de personalidade que se trata, esta vai ser explanada ao longo de dois sub-capítulos[30]: "A personalidade como o resultado da interacção, socialização e individuação", por um lado e "o conceito de campo" pelo outro. Frank, ao introduzi-los, avança cautelosamente num recurso-afirmação adequada à psicologia do desenvolvimento: "Pode-se formular a pergunta: será possível obter alguma luz sobre esta situação, analisando o processo de desenvolvimento da personalidade, para chegar a concepções mais fecundas e a métodos e procedimentos mais satisfatórios?" (381) Após esta interrogação, desenvolve toda uma série de reflexões que conduzem à conclusão seguinte: verifica-se um sentimento de estupefacção senão mesmo de ressentimento. Com efeito, a controvérsia quase conduz a algo que se parece com um beco sem saída, sem se vislumbrar qualquer caminho para a análise da personalidade pelos métodos comuns nem pelos processos aceites na quantificação psicológica. E avança do modo seguinte: "para além disso, a insistência no carácter único e idiomático da personalidade aparece para a retirar da área da análise científica, concebida como uma pesquisa para generalizações, uniformidades, relações invariáveis, etc.". (395)

Se fosse esta a conclusão, o tal beco sem saída, o que fazer?

30 Designados por A e B no texto de 1939.

Continuar a batalhar por algo diferente, por uma proposta, em moldes que apontam para outras vias de análise de cada indivíduo. Trata-se duma análise inovadora, tripartida, partindo duma fundamentação científica sobre a personalidade a abrir para uma análise diferente sem perder nem riqueza nem objectividade. Cada indivíduo é simultaneamente: um organismo, a existir no mundo público comum da natureza; um membro do seu grupo, trazendo para as suas carreiras de vida no mundo social com modelos e práticas prescritas culturalmente, mas vivendo; uma personalidade no seu universo próprio que desenvolveu a partir do impacto da experienciação. L. Frank avança, precisando e insistindo: "é importante reconhecer estes três aspectos do comportamento e da vida humana, em virtude da sua implicação numa análise científica" (391).

Sem a menor dúvida. Por isso é legítimo realçar que se encontra nesta passagem a justificação maior do relevo dado a este texto, relevo esse que só é ou pode parecer exagerado a quem esquecer a riqueza da perspectiva de L. Frank ou se encontra —oxalá — familiarizado com ela. Só para dar uma amostra: percorrendo os mais diferentes manuais de psicologia genética ou do desenvolvimento[31] em qual se encontram estes três factores da compreensão da génese da personalidade? Em nenhum. Ao menos claramente[32]. Todos falam de "hereditariedade", "maturação", "factor biológico", "elementos bio-fisiológicos", etc. e, por

[31] Evolutiva lhe chamam outros, a partir ou em consonância com a definição clássica e bem sugestiva de H. Wallon: "celle qui étudie le psychisme dans sa formation et ses transformations. Elle peut être à l'échelle du monde vivant, de l'espèce humaine ou de l'individu" *Bull. Psychol.*, 1958, 10, 1: 3). Numa perspectiva de especificidade que não de superioridade nem quejandas tais, superando quer a hipótese metafísica da criação e/ou da evolução, quer a outra hipótese metafísica da psique, poder-se-ia apresentar a psicologia do desenvolvimento como especificamente humana, sendo a análise ou o estudo experimental da formação e das transformações da personalidade. Aquém ou além da continuidade e da descontinuidade...

[32] Só num programa dum antigo curso não oficial de Psicologia genética em duas Instituições de Ensino médio superior é que se realçava a importância dum terceiro factor para a compreensão do desenvolvimento da personalidade. Hoje, esse realce aparece, curiosamente, no programa de Psicologia do desenvolvimento das Escolas de Enfermagem, quando dependentes do Ministério da Saúde.

outro lado, falam de "meio", "ambiente", "sociedade", e a aparecer "cultura"[33]. E L. Frank, em sua linguagem de 1939 e muito antes de toda esta divulgação de investigações sobre a infância e a adolescência assim como os temas dos estádios do desenvolvimento, avança um terceiro factor ou elemento, duma importância fundamental para a própria investigação em psicologia do desenvolvimento e também, embora não só nem principalmente, para a definição das técnicas projectivas, melhor dito, para uma compreensão capaz de técnicas que só podem dizer respeito ao humano. Como o desenvolvimento. Esse terceiro factor encon-

33 Exemplo frisante constitui o XIII Simpósio da Associação de Psicologia científica de língua francesa - Lille, 1970. O tema foi definido em Genebra por ocasião do XII Simpósio: *Factores diferenciais do desenvolvimento*. Na convocação apareceu reduzido à dicotomia tradicional: *meio* (diversificado e diversificante) e *desenvolvimento* (reduzido à maturação bio-física). Daí o não-sentido da intervenção que me pareceu vir a propósito: "Je voudrais revenir sur les notions de milieu et d'interaction. Le thème du Symposium — milieu et développement — fait penser à deux milieux: l'un interne, l'autre externe. On a beaucoup parlé du milieu interne et de l'environnement, mais n'a-t-on pas un peu oublié le sujet, le sujet qui se développe et qui manifeste sa créativité?

Il n'y a pas que la stimulation et la réponse. Il y a l'élaboration. Il faut déterminer la spécificité de cette élaboration, ce qui conduira, peut-être, à mettre en évidence un troisième facteur du développement humain qui se situerait au-delà de la composante bio-physiologique et de la composante culturelle ou socio-culturelle. La psychanalise en parle, mais dans un certain langage peut-être trop limitatif.

On a beaucoup insisté ici sur la notion d'interaction. Mais l'interaction est un processus. Quel en est le moteur? À quoi conduit-elle? On pourrait faire une hypothèse: celle de la synthèse personnelle (au delà ou en deça du moi freudien). Reprenant l'idée de Mr. Duyckaerts "la marge de possibilités d'expression", on pourrait faire l'hypothèse d'un facteur "structurel". Certaines recherches en psychopathologie et en psychiatrie qui invoquent un blocage de l'initiative (catatonie, hébéphreno-catatonie) sont en faveur d'une telle hypothèse.

Ce facteur structurel, des recherches plus poussées sur la pré-adolescence ou l'adolescence pourraient permettre de l'individualiser. Je pense, par exemple aux recherches de Allport et Gilespie sur "L'autobiographie de votre avenir" et également aux premiers résultats d'une recherche de ce genre que je mène au Portugal, dans le cadre d'une recherche plus vaste sur la réussite.

En somme, si l'on considère le développement humain en tant que phénomène spécifique, il me parait qu'il est nécessaire de faire intervenir un facteur d'unification — un facteur structurel — dans l'interaction organisme--milieu" *Milieu et développement*, Paris, 1972, p. 360-1.

tra-se explícito no terceiro termo do sub-título acima citado, fazendo lembrar todo o pensamento profundo de Jung a tal respeito: *individuação*[34]. Encontra-se igualmente explícito na terceira perspectiva com que introduz a discussão sobre o que se vai ou deve entender por indivíduo ou sujeito e que depois vai aparecer como *"universo próprio: "private World"*. "Mundo imaginal"?

A triologia de perspectiva que L. Frank apresenta, como pressuposto para a discussão sobre a possibilidade de outro tipo de técnicas para a compreensão-análise do humano, significa para ele algo de fundamental, em si mesmo, assim como para os objectivos que se propõe com a análise da personalidade. Passa, por isso, levemente pela primeira perspectiva, a "reacção" do organismo, aceitando como certo que a "reacção" às incidências do ambiente, como uma das formas possíveis de ver a actividade humana — não a mais adequada e nunca específica — levanta os mesmos problemas de observação e de medida que a análise de qualquer outro organismo pode levantar.

No entanto, tal perspectiva é tão frequente que até grandes vultos da psicologia a adoptam e quase defendem. Para não me alongar daria dois exemplos: um, o de Allport, significativo por virtude da síntese quase exaustiva que realizou relativamente à personalidade; o outro, o de Murray, escolhido de propósito, por virtude da sua faceta de técnico e da sua faceta de investigador, na minha hipótese neste trabalho, em flagrante contraste.

Encontramos em Allport (1937) esta definição curiosa de personalidade enquanto objecto científico da psicologia: "é a organização dinâmica dos sistemas psico-físicos que, num indivíduo, determinam a sua adaptação original ao meio". E trata-se da quinquagésima. Em compromisso com todas as que cita. Com efeito: é uma definição ainda muito dependente da perspectiva bio-fisiológica sobre a personalidade através do emprego da pala-

[34] C. G. Jung, *Dialectique du moi et de l'inconscient*, Gallimard, Paris, 1964 (1933 em alemão). É o título de toda a segunda parte desta reflexão de Jung. Em trabalho publicado (A. M. Santos, *Em torno do Arreton*, Biblos, 1980, 56) uma das três partes é consagrada a um aproveitamento do princípio de individuação de Jung: "arreton autogénico".

vra "organização"[35]. Apesar da intenção com que junta o qualificativo de "dinâmica" pouco esclarece pois na animalidade essa organização também é dinâmica na medida que todo o órgão, fisiologicamente, procura atingir a finalidade inscrita no programa genético. E, no entanto, nada diz de novo e de específico em relação à personalidade. Nem sequer o facto de acrescentar o termo psico ao físico devido à ambiguidade da palavra psique. (A. M. Santos, 1972, 1975). Para além disso, não evita um certo sentido estático, porque pre-determinado na estrutura cromossomática. Mais curioso ainda se torna o elemento "sistemas psico-físicos". Na própria explanação de Allport, os hábitos, as atitudes específicas e gerais, os sentimentos e as disposições: uma simples enumeração e quase sem nexo em simples apontar de umas tantas palavras, nem sequer exaustivamente, algumas bem ambíguas e outras com um peso considerável de passado, filosófico e popular, bem ultrapassado pelas investigações dum Pavlov, como seja o hábito. De novo encontramos o compromisso com o passado ou deparamos com o peso ou o "hábito" ou "a compulsão da repetição" dos modelos científicos anteriores, no emprego da palavra "adaptação". A adaptação aparece aqui como substantivo, portanto, com o peso principal a inflectir ou a limitar o interesse do qualificativo, que é apenas qualificativo, de "original" (A. M. Santos, 1968). Na explicação de Allport, a adaptação da ou na personalidade constitui uma forma de sobrevivência. Se é simplesmente sobrevivência de que vida se trata? Se é original tal sobrevivência, quais os elementos que permitem afirmar essa originalidade, enquanto sobrevivência? Trata-se duma originalidade muito relativa senão mesmo inexistente. Ou apenas na intenção dos autores que não nas palavras nem na prática da observação. Com efeito, se toda a actividade humana é compreendida ou analisada em termos de "organização" para a "sobrevivência", encontramo-nos longe de captar o que se passa à vista de toda a gente no que diz respeito aos fenómenos humanos (A. M. Santos, 1972, 1990). Pelo contrário, empobrece-os conside-

[35] O que se torna ainda muito mais curioso e flagrante por inadequação em sociologia: "organização social", "corpo social", "célula da sociedade"...

ravelmente, reduzindo-os àquilo que eles são e não são por serem algo mais e algo específico.

Mais interessante se torna é verificar que, sob um outro ponto de vista, encontramos a mesma ideia na própria definição de personalidade, adoptada por Murray: "Personalidade é o órgão de governo do corpo, uma instituição superdeterminada que do nascimento à morte se encontra continuamente comprometida em operações funcionais transformadoras" (1953). Murray pretende realçar que "sem cérebro não há personalidade". Mas seria de perguntar: *sem grupo sociocultural haverá personalidade*? Além disso, sem grupo cultural atingirá o cérebro a maturação completa e o exercício da totalidade das suas capacidades? Não será sacrificar a um falso problema do passado, a oposição entre alma e corpo, tomando-os como entidades metafísicas, substituindo alma por personalidade? Tudo o resto merecia uma análise minuciosa que não vem a propósito praticar, depois do, também pouco, que se realçou em relação a Allport.

Indubitavelmente, encontramo-nos perante a supervalorização do corpo enquanto apresentação física, quer por supervaloração negativa tradicional quer por supervaloração positiva mais recente, mais ou menos em contraste. Somente seria de perguntar dum modo muito singelo: o organismo que somos é apenas e principalmente organismo, tal e qual outro qualquer? Experimentalmente falando, até não é, como se torna fácil demonstrar a partir das observações sobre a somatognosia. Além disso, é principalmente a imagem que dele formamos. Ou a representação. Como imagem que é ou representação, sempre transformável. Para nós e para os outros. Perante nós e perante os outros. Isto ressalta de várias considerações experimentais: desde Merleau-Ponty (1966), mais ou menos apoiado em K. Goldstein (1951) até André Virel (1965), o corpo é mais e talvez, adentro da expressividade humana, especificamente, a imagem que dele nos formamos. Para já não falar de outras culturas fora das ocidentais. Como exemplo poderia servir este, magnífico, relatado por M. Leenhardt (1957, 54): "o melanésio tem uma representação do seu corpo, simultaneamente empírica, estética e mítica". Para eles como para os ocidentais, hoje, o corpo é basicamente relação

com o mundo e relação com os outros principalmente. De tal modo que Buytendijk pôde consagrar toda uma reflexão sobre o "corpo, situação motivante" (1959). Já Wallon o evidenciou com interesse, relacionando com o movimento e suas incidências artrocinéticas[36].

Será de recorrer, em reforço, à experimentação dada, ou seja, a situações psicopatológicas? A algumas delas me referi no texto acima citado sobre a "Somatognósia", como sejam, exemplarmente as de "membro-fantasma" e de "auto-scopia". Na opinião de H. Ey, em todos os níveis "o aparecimento da alucinação corporal representa o aparecimento positivo de fantasmas sob a constituição negativa das estruturas que lhe dão origem, o imaginário que retoma as formas do corpo que se dissolve quer no espaço da sua representação quer no sistema das suas relações com o mundo"[37]. Paradoxalmente, encontramos a tocarem-se os extremos da investigação científica, adentro da Psiquiatria e da mentalidade dita primitiva como acima referi de passagem a propósito das concepções do corpo entre os Canacos da Nova Caledónia.

Deste modo, a passagem para o segundo grupo de considerações ou o segundo tema claramente evidenciado por L. Frank toma um maior interesse. Com efeito, se o corpo é também e especificamente imagem, em parte deve-se ainda ao facto de sermos "membros dum grupo". Por isso é que a personalidade "manifesta certos padrões de acção, língua, crença, etc.... a partir dos quais

---

36 H. Wallon, Kinesthésie et image visuelle du corps propre, *Enfance*, 1959, 3-4: 258 ss. Como diria Angelergues: "Os produtos constitutivos da imagem mental do corpo próprio têm uma coerência funcional eficaz, mas não uma coerência morfológica". E com muito interesse formula a seguinte pergunta: "É legítimo falar duma imagem?" Sem dúvida. (Réflexions critiques sur la notion de schema corporel, *Psychologie de la connaissance de soi*, XV Symposium de l'Ass. Psychol. sc. de langue Française, Paris, 1975, p. 241).

No mesmo Simpósio: "La détermination culturelle du soi" de E. E. Boesch, p.99-120.

37 Henry Ey, *Traité des hallucinations*, Paris, 1973, T. I, p. 322. Seria de realçar a facilidade de compreensão do corpo como imagem para correcta intelecção de muitas opiniões que correm, particularmente no que toca à sexualidade, recorrendo à língua alemã: o corpo é simultaneamente um objecto do espaço a três dimensões — *Körper* e um objecto que se confunde com a própria consciência pessoal, o próprio sujeito — *Leib*.

tende a conformar-se com as prescrições quer sociais quer culturais" (1939, 391-2). Acerca deste elemento que constitui o tema-problema básico desta reflexão no seu conjunto, muito mais e mais longamente se dirá e em alguns casos especificamente. adentro do desenvolvimento da temática "personalidade-sociedade", e muito mais a propósito ao reflectir sobre a disjuntiva a bem equacionar: "socialização ou sociogénese"? (A. M. Santos, 1988). Tenta-se evidenciar que, a nível da literatura científica a socialização está para a sociologia como a adaptação para a biologia.

Por isso é que, já pelo critério sociológico de integração e enquadramento que envolve, já pela perspectiva de condicionamento que pressupõe, já pela finalidade quase estatal para que aponta, em ciências psicológicas, na análise da personalidade, principalmente na base da perspectiva de Frank, apenas sociogénese adquire pleno e adequado significado[38].

Frank passa então ao terceiro elemento a ter em conta, o elemento decisivo, na sua perspectiva e ao qual dá mais ênfase no sentido de fundamentar o seu projecto de designação de novos métodos de análise científica da personalidade: "o universo próprio de cada um: este é o problema específico". Frank justifica-o longamente, podendo resumir-se o seu pensamento nesta afirmação: "o que procuramos descobrir não são as normas sociais e culturais das uniformidades da actividade orgânica, mas preferentemente a revelação dessa exacta via particular, individual, da estruturação da experiência e do sentir que a personalidade consegue perfazer" (392). Isto pressupõe como projecto teórico um avanço demasiado arrojado. Consequentemente, implica uma crítica a nível dos modelos tradicionais na perspectivação das ciências psicológicas, a qual mais não é do que uma busca para realce, embora não exclusividade, do específico e próprio que não necessariamente do único: a personalidade impõe ao mundo circunstancial significações e cria, inventando e/ou transformando, um mundo próprio e/ou apropriado. Desse modo é que a crítica não visa destruir o que quer que seja, mas apenas situar,

[38] A desenvolver, fundamentando experimentalmente, no II Tomo: a realidade do cultural.

no seu lugar apropriado, os "testes estandardizados: não dizem grande coisa acerca da personalidade, *enquanto esta personalidade*, mas antes como se aproxima duma performance normal, em tarefas prescritas culturalmente, mais ou menos arbitrariamente, embora com consistência interna"[39]. Curiosamente, aduz a propósito dos questionários ou dos inventários de personalidade uma afirmação de Murray: "as coisas mais importantes acerca duma personalidade é o que o sujeito não pode ou não quer dizer". Como é sabido ou do domínio comum, hoje que não no seu tempo, os questionários incidem sobre o que pensam ou sentem ou qual a categoria em que se colocam os sujeitos. E isso, porque apelam para estereótipos da linguagem e para motivos que levam inevitavelmente a subordinar a individualidade à conformidade grupal, enfatizando a semelhança e a conformidade com os padrões do grupo.

Sendo assim, que resta fazer? Algo de bastante simples. Tão simples que os cultores das ciências humanas esquecem ou ignoram o que em ciências bio-físicas se pratica: o todo não é um somatório das partes apenas. Ainda que as partes possam ser analisadas separadamente — por vezes a análise monográfica é vantajosa — o todo em actividade nunca pode ser ou ser visto, como agregado ou somatório. Se tal nem sequer acontece em ciências bio-físicas, como pode ser compreensível que aconteça em ciências humanas?

L. Frank parte duma exemplaridade das ciências bio-físicas, para, na esteira de K. Lewin ou sob a sua inspiração, introduzir o "conceito de campo" tendo em conta o interesse operacional de que ele se revestiu e reveste em muitas investigações, particularmente nas ciências bio-físicas. Di-lo claramente: toda a gente pode verificá-lo. Nos diversos domínios e áreas do trabalho científico observa-se um movimento claro no sentido de reconhecer a importância do conceito de campo, ou seja, do conjunto de coordenadas, apurando métodos que não registam apenas dados colhidos e a partir das quais serão interpretados. (401) *A fortiori*,

---

[39] *Id.*, *Ibid.*, p. 393. Sublinhado de L. Frank. E cita G. H. Kent — Use and Abuse of mental Tests in clinical Diagnosis, *Psychol. Rev.*, 1938, 2: 391-400.

representará algo de importante, operacionalmente, nas ciências humanas, particularmente nas ciências psicológicas. É essa a sua convicção e por isso é que se abalançou à hipótese que justifica o seu trabalho: "Este conceito de campo é sumamente importante porque conduz à noção geral: qualquer "entidade" que se individualize para observação,faz parte dum campo". Daí decorre uma consequência de grande importância para a análise científica da personalidade: "qualquer observação que se possa praticar deve ser referenciada ao campo em que é feita ou, como sabemos, cada observação ou medida é relativa ao esquema de referências ou campo em que ocorre" (396).

Tratar-se-á apenas dum campo físico? Clara e rigorosamente, no nosso caso, trata-se dum campo pessoal e/ou personalizado, com particular relevo para o socio-cultural. Por isso é que se verifica logicamente uma explicitação no pensamento de L. Frank no que diz respeito aos processos científicos: "há que examinar alguns desenvolvimentos mais específicos que se apresentam como relevantes para a nossa tópica". E refere o exemplo dos raios X, da análise espectrográfica, da fotoquímica, da electroforese e outros ainda, não contando com todos os que apareceram após 1939, para concluir: tudo isto significa que "novos processos foram desenvolvidos para descobrir não apenas os elementos ou as partes que compõem o todo, mas também o sentido com que estas partes se estruturam no todo, sem desintegrar ou destruir o todo". (397)

Aqui interfere todo o conjunto de reflexões propostas por K. Lewin, sintetizadas na afirmação sobejamente conhecida de que a personalidade realiza uma "estruturação do espaço vital" de acordo com o seu "universo próprio". Daí que toda e qualquer observação tem que ser referenciada, quer quantitativamente quer qualitativamente ao campo em que acontece. Isto não quer dizer que não seja objectiva. Pelo contrário, a sua objectividade seria inadequada sem esta referência. Sem dúvida que esta atenção à diversidade das variáveis não simplifica a análise. No entanto, a análise ou está atenta ao que se passa na globalidade

do que se passa ou não é análise do que se passa[40]. Estas apenas algumas considerações gerais do muito que Frank desenvolve ao tratar do porquê e do interesse da introdução do conceito de campo na sua reflexão.

E assim encontramo-nos aptos a abrir para o último capítulo de L. Frank, o mais importante ou, melhor, o fundamental para a reflexão que focaliza e que recebeu em 1965 o título de "técnicas projectivas".

Projectivas, porque de projecção ou de projecto? Que relação podemos, legítima e validamente, estabelecer entre projecção e projecto? Se válida e legítima, a projecção enquanto factualização dum projecto, aponta inevitavelmente para a tridimensionalidade temporal da personalidade. E desse modo e daí, várias conclusões teóricas adentro da investigação sobre a personalidade e não menos válidas e valiosas aplicações práticas na análise de cada ou desta personalidade. Deixemos, no entanto, tais considerações para ulteriores reflexões e centremo-nos sobre o título de L. Frank: *técnicas projectivas*: Projectivas, isto é, dum modo geral o que diz respeito às projecções dum sujeito ou ao seu modo especial ou particular de estruturar os conteúdos da sua experienciação existencial.

Sem o nome, compreensivelmente e mesmo sem a perspectiva, em grande parte dos casos, encontrava-se a circular e em maior ou menor divulgação um certo número de técnicas, de métodos ou de testes[41] que reclamavam uma perspectivação de

---

[40] Por um fenómeno curioso, numa história da ciência que não fosse apenas "memória colectiva" do grupo dito de progresso, o que se pode verificar é toda a espécie de reducionismo em ciências humanas, particularmente nas ciências psicológicas. Estas encontram-se polarizadas em duas vertentes, demasiado providas: o sociológico, uma espécie de filosofia bio-evolucionista da história, por ser actual e, verdade seja, pode ser higiénico e o bio-fisiológico por ser tradicional e longo, embora inespecífico e de pseudo-senso-comum. E aqui, particularmente, ninguém se serve dum questionário para fundamentar cientificamente o que é o organismo ou um órgão no próprio organismo. Mas, pelo contrário, corrige o que o público pensa, à base da observação experimental em biologia ou fisiologia. Em observação psicológica, o que o público "pensa" (divulgações?!), isto é, os dados do questionário são "ciência"...

[41] Esta distinção entre métodos, técnicas e testes é bastante fluida. No entanto e para clarificação do emprego dos vocábulos, quer na comunicação

conjunto, de fundo e, seguramente, de convergência, capaz de levar a uma etapa nova e propulsora de novos acometimentos senão atrevimentos. E isto, por si mesma e por iniciativa de alguém, indivíduo ou grupo, capazes de encontrar suficiente apoio no interesse por uma investigação e descoberta psicológicas, em busca de especificidade na análise da personalidade. Directa ou indirectamente conduzidos por esta preocupação, até 1939, verificaram-se várias tentativas de que avultam com maior interesse, repercussão, tratamento e aplicação o teste/técnica de

---

pedagógica quer para aqui, pontualmente, sugeriria uma distinção a ser reflectida. Excluiria *métodos* por fazer lembrar algo de mais geral como seja o domínio da ciência em geral ou da investigação fundamental ou ainda, da actuação didáctica e/ou pedagógica. Restam *testes* e *técnicas*. Aqui haveria a introduzir uma distinção que é um apelo bi-facetado. Diz respeito aos *testes*, para aperfeiçoamento do seu rigor em sensibilidade, fidelidade e validade. Diz respeito às *técnicas*, como campo aberto, mais permeável senão maleável na e para a investigação técnica em si mesma e para a investigação das variáveis adentro da personalidade. E, deste modo, tomaria, com reflexões pessoais, a sugerência de J. Bernstein, o qual se apoia e resume Frank, Rapaport, Symonds e outros. J. Bernstein, Introductión y Apêndices a H. A. Murray: *Test de apercepción temática (T. A. T.)* Manual para la aplicación, B. Aires, ^{2}1958, p. 14.

As *técnicas projectivas* poder-se-iam caracterizar, adentro dum certo rigor e apontando para uma certa especificidade pelas seguintes notas: trata-se de técnicas de análise e de pesquisa as quais dum *modo* intencional, sistemático e indirecto ou sem o sujeito disso se dar conta, colocam o sujeito perante um material e/ou situações pouco estruturados, para que de forma activa e espontânea, cada sujeito *expresse uma actividade* de estruturação verbal e/ou motora, cujas manifestações traduzem conteúdos *cognitivos* ou de contacto com as imagens-coisas, *afectivos* ou de valoração das imagens-coisas e de *atitudes* perante essas imagens-coisas. Todas essas manifestações, dotadas dum significado total que escapa mais ou menos ao sujeito, servem de ponto de partida para o psicólogo, de colaboração com o sujeito, evidenciar, realçar, talvez mesmo revelar o que pode constituir ou constitui mesmo a dinâmica estruturante desse sujeito ou dessa personalidade.

Os *testes projectivos*, por seu lado, segundo a perspectiva de Rapaport e adentro do fundo geral das técnicas projectivas, sobressaem pelas características de aplicabilidade e de praticidade, embora o objectivo final seja idêntico. O teste projectivo encontrar-se-ia ou encontrar-se-á estandardizado, quer a situação experimental: material e atitude do sujeito, quer o registo total e tratamento quantitativo rigoroso da informação — com garantias de maior objectividade sem transferências nem relações complexas e intensas que empregam tempo. Ou seja, há economia de tempo e, sem paradoxo, é simples porque definido e reduzido ao material estritamente indispensável.

Rorschach e o de Murray. No entanto, tendo em conta a obtenção das manifestações a ser analisadas, poderíamos falar de testes/técnicas projectivos verbais, gráficos e lúdicos. Adentro dos verbais e na percepção auditiva o de maior interesse foi o de "associação de palavras" de Jung (1904) que vários outros tinham aflorado mas só Jung lhe deu estatuto e objectivo definidos na investigação do que apelidou, pela primeira vez, de "complexos". Na perspectiva visual, encontramos o mais falado e usado e trabalhado de todos "as manchas de tinta" que vários autores empregaram mas que só Rorschach trabalhou sistematicamente desde 1911, vindo a consignar por escrito os resultados do seu estudo em "Psicodiagnóstico" (1921) e a fomentar toda uma escola de aprofundamento e diversificação do material. Encontramos também neste domínio o mais discutido de todos, como vimos, e ainda sujeito a controvérsias que é o Teste de apercepção temática de Morgan e Murray (1935). Adentro dos projectivos gráficos, temos particularmente de "desenho da personagem" de Goodnough (1926), A. Freud, com os seus desenhos livres (1927), o teste dos "signos gráficos a completar" de Wartegg (1929), o teste-guestáltico "visuo-motor" de Bender (1938). Seria ainda de nomear os testes de construção: o "Teste de mosaicos" de Löwenfeld (1929) e o "teste do mundo" do mesmo (1929). Teste das "quatro imagens" de von Lennep (1929), o "desenho da casa" de Kerr (1937). Uma lista que está longe de ser exaustiva e não quis descer ao pormenor. No entanto, bastam estes elementos para dar uma ideia do panorama contemporâneo e imediatamente anterior à reflexão de L. Frank (404-7).

Directa ou indirectamente, explícita ou implicitamente com estas técnicas e estes testes presentes, é que L. Frank iniciou a sua tentativa — magnificamente conseguida — de convergência feliz, na variedade e na variabilidade das manifestações e iniciativas de que lhe chegaram notícias.

Ao iniciar a sua última reflexão que é fundamental e decisiva, L. Frank convida-nos com clareza a "ir directamente ao tópico dos métodos projectivos para a análise da personalidade", o mesmo é dizer, na própria expressão verbal de Frank: "como poderemos descobrir o encaminhamento da estruturação da

experienciação desta personalidade para revelar e, em último caso, conseguir um conhecimento profundo, por dentro, desse *universo próprio* do indivíduo, composto de intenções significações, padrões e sentimentos" (402). E agora encontramo-nos perante o ponto mais importante da reflexão de Frank. Tudo o que até aqui foi avançado constituiu apenas preparação, a qual, resumidamente, consistiu em evidenciar a dificuldade de base na actividade de análise da ou duma personalidade a qual consiste na carência duma concepção nítida, precisa ou adequada do que se estuda ou analisa. Daí resulta a maior confusão, principalmente, como acima aflorei, por virtude das apologias ou apologéticas, geradoras de polémicas ao reduzirem a diversidade do real em observação, isto é, do que se passa, a aspectos parcelares, também reais mas absolutizados por pressupostos e/ou objectivos metafisicizantes.

Provavelmente, senão seguramente, Frank escolheu a génese ou desenvolvimento da personalidade como espaço "neutro" ou ainda não suficientemente referenciado[42], embora acessível a uma observação experimental, quer dada quer provocada, seja em observação transversal, seja em observação longitudinal, para realçar originariamente e, talvez por isso, em contraste com o vulgarizado, os três factores fundamentais em rigorosa e adequada perspectivação psicogenética. Na medida em que chama a atenção para estes três factores, havia que evitar a estereotipia tradicional de considerar o humano, em análise, como simples somatório de elementos, focando o paradoxo de fundo que consiste em tratar mais adequadamente, na observação científica, os objectos bio-físicos que os "objectos" humanos. Por isso é que Frank pode afirmar: "o ponto importante é este: encontra-se aberta a via para o desenvolvimento de algo semelhante aos métodos de espectroscopia e de difracção, para a investigação sobre a personalidade".(406) Quase paralelamente e um pouco exageradamente, poder-se-ia afirmar, a partir de um certo número de materiais fornecidos, que alguém consegue reve-

[42] O parcelamento na infância (a publicar) ou seja do monolitismo, em perspectiva metafísica, ao monolitismo em reducionismo pseudo-científico, via parcelamento.

lar "o que não pode ou não quer dizer", com mais riqueza e mais significado do que em bio-fisiologia com qualquer processo adequado a esse fim e uso. O que se torna indispensável é ter sempre presente que se trata duma situação como ponto de partida e, igualmente, ponto de referência para a personalidade que se submete a um desses processos de análise ou estudo. Tal situação vai revestir uma significação bem própria só dela. Por outras palavras, as características da situação, claramente plásticas, tornam-na passível de interpretações basicamente pessoais ou, se se preferir, subjectivas. O que é desprestigiante para a prática psicológica, sendo de serviço à comunidade.

Frank, por outro lado, não pode deixar de evidenciar que ao dar atenção aos processos actuais (1939) que se poderiam apelidar de métodos projectivos, se lhe depara uma enorme variedade de técnicas e de materiais, empregues com semelhante propósito: obter do sujeito "what he cannot or will not say". E isto, "porque na maior parte dos casos se desconhece a si próprio"[43]. No entanto, o que torna específicos estes métodos de análise ou estudo da personalidade situa-se num outro plano que, para o caso vertente, se torna o mais importante e decisivo. É que o sujeito também "não está ciente do que diz de si próprio através da projecção" (404).

E viria a propósito perguntar: o que entende Frank por projecção? Recorre a este vocábulo para qualificar que técnicas e que material? Com o material e sem pretender à exaustividade, com o qualificativo de projectivo, procura evidenciar, entre outros, os métodos, técnicas ou instrumentos como as "manchas de tinta", "nuvens" de Stern, "o jogo e/ou psicodrama para crianças" e outros meios como os artísticos: pintura a dedo, bonecos, música. Porque procura dar um relevo especial e específico ao T. A. T., aponta-o como o método em que o não saber o que a sua actividade significa e por se tratar dum material muito próximo

[43] Seria, será de entender no sentido de não se poder considerar conhecimento válido, cientificamente falando, aquele que resulta da introspecção ou quejandos métodos tradicionais. Tal problema ou tal reflexão só no humano pode acontecer porque só o humano pode conhecer-se, cientificamente, como só ele conhece cientificamente, tudo o resto.

do dia a dia, fornece uma oportunidade para projecções, altamente significativas. Como é compreensível, Frank não deixa de notar que são precisamente estas características que levam muitos psicólogos a rejeitá-las, por ausência da validade e da confiança psicométricas. No entanto, "se quisermos enfrentar o problema da personalidade em toda a sua complexidade, isto é, como processo activo e dinâmico, a ser analisado como *processo*, mais do que entidade ou somatório de traços ou factores ou como organização estática, nesse momento estes métodos projectivos oferecem muitas vantagens para obter dados referentes ao processo de estruturação da experiência que é própria de cada personalidade e tem um projecto de vida". (408)

Resta saber qual é o conteúdo original e primeiro, atribuído por Frank a projecção, quando fala dos *métodos projectivos*. Frank procurou atribuir a este conceito de projecção um conteúdo bastante específico. Assim é que para ele, tal método implica que se apresente uma situação a qual significará para o sujeito não o que o experimentador decide que ela signifique mas, pelo contrário, tudo o que ela pode significar para a personalidade que a percepciona a partir da sua organização e significação idiossincrática própria. (403) As respostas, enquanto tais, poderão ser catalogadas em três grupos principais, conforme se encontra divulgado a partir de Frank: — *respostas constitutivas* ou aquelas que representam a imposição duma estrutura ou duma configuração a um material amorfo ou de grande plasticidade, como argila ou algo inestruturado como manchas de tinta; — *respostas interpretativas* ou aquelas em que o sujeito relata o que a situação, por exemplo um desenho, um quadro lhe diz; — *respostas catárticas* ou aquelas em que joga com bonecas ou com barro, "descarregando" sobre o material as suas impressões desagradáveis quer por virtude da própria plasticidade quer pelo que o material lhe faz lembrar; — *expressões construtivas* ou aquelas em que o sujeito constrói algo a partir do que o material lhe permite, revelando assim as suas concepções de vida. A designação "métodos projectivos" quer mesmo dizer que por seu intermédio se expressa ou revela "o universo próprio da personalidade", na medida em que é a partir desse universo que ela estrutura o

campo em que opera, manipulando o material e atribuindo-lhe um valor. Numa palavra, dá-se uma expressão da personalidade ou a expressividade de alguém, enquanto tradução global do que é próprio, íntimo e original desta personalidade. Ou como diz L. Frank: "o sujeito responderá, pois, ao *seu* significado da situação por qualquer forma de acção ou de sentimento que é expressiva da sua personalidade" (413).

Esta reflexão original de L. Frank anunciava algo mais. Por hipótese, melhor, ou mais directamente: a realidade do mundo imaginal e o interesse dessa perspectiva para a análise da personalidade. É deste modo que L. Frank sintetiza o seu pensamento: "vindo directamente ao tópico dos métodos projectivos para análise da personalidade, podemos afirmar que a concepção dinâmica da personalidade, como um espaço vital num campo, leva ao problema seguinte: como podemos revelar o caminho pelo qual uma personalidade individual organiza a experiência com o objectivo de descobrir ou, pelo menos, conseguir um conhecimento profundo dentro deste *private world* [44] do indivíduo, constituído por desígnios, significações, padrões e sentimentos" (402).

Reforçando ideias dispersas pelo conjunto do trabalho

---

44 Em curto espaço (389-409) encontramos diversas vezes presente a expressão *private world*; 10 vezes pelo menos. Como que a tentar esgotar todas as possibilidades de fazer compreender o seu conteúdo, diversificado e profundo. Principalmente: específico. E haveria ainda a realçar, em forma de pergunta: porquê, sempre em itálico a apresentação do "private world"?

É que o "private world" resulta igualmente dos dois processos de individuação e de socialização (390), sob o impacto da experiência, em contraste com o individual e o socio-cultural (grupal) (391); aparece ainda como o próprio processo da personalidade (392); o estudo sobre uma personalidade constitui a revelação do seu "private world" (395); esse mesmo "private world", enquanto único em cada personalidade consiste no processo dinâmico da organização da experiência e da estruturalização do espaço vital (Lewin) (400); é através da interacção que o sujeito consegue as configurações próprias do seu "private world" (400); ele é constituído por conteúdos vivenciais, cognitivos e afectivos, conscientes e inconscientes (402); e assim acontece que a projecção do "private world" que é a personalidade individual, porque ela organiza o campo, interpreta o material e reage afectivamente perante o mesmo (403); é através do "private world" que o sujeito se empenha em manter a sua versão pessoal do que o rodeia, contra a coerção e a obstrução dos outros (404). Noutro texto de 1960 Toward a projective Psychology (*J. Proj. Tech.* , 1960, 24: 245-53), desenvolve a mesma ideia.

L. Frank sublinharia ainda: se parece que o sujeito projecta padrões ou configurações semelhantes sobre materiais largamente diferentes e revela na história da sua vida, a sequência de experiências que tornam estas projecções psicologicamente significativas para a sua personalidade é sinal evidente que estes processos podem ser julgados suficientemente válidos no sentido de assegurar ulteriores desenvolvimentos e mais válidas observações experimentais ainda. Ao compreender tais explorações, o experimentador e os clínicos podem encontrar segurança e suporte nas iniciativas em que irão ser utilizados conceitos e métodos que receberam reconhecimento e aprovação crescentes no trabalho científico que hoje se mostra bastante frutuoso. Hoje: 1939.

É certo: é a personalidade que interessa, *personality study*; personalidade enquanto unidade dinâmica, *dynamic conception*; a qual revela claramente o caminhar da sua própria experiência e sua construção, *reveal way*; ou a conseguir um conhecimento profundo, *gain insight*; dos aspectos cognitivos e dos afectivos, *patterns and feelings of the private wordl* (402). O que importa, como insiste o mesmo Frank, é que o máximo de energias neste campo vá no sentido do desenvolvimento, validação e refinamento das técnicas e interpretações de métodos especificamente projectivos. É um facto: quem se ocupa da personalidade em perspectiva experimental para uma análise objectiva não pode deixar de se preocupar com a especificidade. O que se pode ainda procurar e com grande vantagem para o serviço a prestar é a construção duma "psicologia projectiva", no sentido até aqui esboçado (L. Frank, 1960).

Não restam dúvidas, principalmente cinquenta anos volvidos, embora servindo-me ainda de reflexões de L. Frank, "os métodos projectivos oferecem inúmeras possibilidades para utilização de proveitosas informações, correctamente aprofundadas, no que toca à personalidade, a qual parece deliberadamente rejeitada por quem tenta fazer prevalecer os métodos quantitativos". Em consequência, "here again it may be re-emphasized" que a análise da personalidade não é tarefa que consista em medir variáveis separadas, em grande grupo de indivíduos, num

momento das suas existências e, então, procurar por meio de métodos estatísticos medir correlações (408). E poder-se-ia acrescentar: nem muito menos aplicar sempre a mesma teoria, mais ou menos fundamentada para interpretação da considerável variedade das expressões humanas, nos indivíduos, nos indivíduos adentro dos grupos culturais, nos grupos e nos indivíduos adentro das vivências, resultantes da elaboração de cada um, indivíduo ou grupo.

Esta parte final do trabalho já clássico de Frank (1939) é, como tal, fonte de perspectivas sempre passíveis de reflexões inovadoras, como acontece com o "private world", embora não só. Há ainda a considerar a aproximação que nele já se desenha com bastante nitidez e que se foi explicitando progressivamente entre *projecção* e *expressão*. Aproximação essa que anunciava a que hoje passa a ser provável, senão em breve realmente praticada: aquela que ajuda a convergir, quer por força da etimologia, quer por força da experimentação e da observação clínica, a *projecção* com o *projecto*. Aqui seria de dar uma ênfase particular, baseada experimentalmente, à perspectivação de futuro no estudo da personalidade, em termos de serviço quer em situações a roçar ou claramente patológicas, quer também senão principalmente em situações de orientação vocacional.

Para sempre mais vasta e saudável construção-expressividade do "private World".

IV — AMBIENTE HISTÓRICO-CULTURAL DAS TÉCNICAS PROJECTIVAS

L. Frank desenvolveu a sua reflexão originante e original numa forma própria sem explicitar qualquer tipo de referencial. Desse modo torna-se operacional situar esta reflexão e descobrir a sua originalidade assim como a validade da sua fundamentação. Com efeito, a projecção oferece certas dúvidas quanto ao rigor da apresentação do seu conteúdo. Basta, para o comprovar, atender ao que se passa na actualidade. Mas, já em 1936, claramente antes do trabalho de L. Frank e numa diferenciação já antiga, o conteúdo pode ir, na distinção evidenciada por Feigenbaum desde "a projecção normal até às suas formas neuróticas e psicóticas... sendo a normal aquela que se pode afirmar dos prejuízos menores para as limitações do ego e um menor grau de enfraquecimento da capacidade de experienciar a realidade[45].

Mais patente é essa ambiguidade se tivermos em conta que a designação que lhe deu considerável realce foi a de Frank — métodos projectivos — e a subsequente definição, descrita em qualquer manual, como método de estudo da personalidade, ao confrontar o sujeito com uma situação-estímulo, à qual vai responder segundo o sentido que a situação tem para ele... A característica fundamental da técnica projectiva consiste, pois, no facto de ela fazer surgir no sujeito, dos mais diferentes modos, a expressão do seu mundo imaginal e do processo da sua perso-

---

[45] Feigenbaum, após a demonstração, a partir de exemplos apropriados, acrescenta judiciosamente: "... assim chamada normal... porque os seus efeitos podem ser socialmente indiferentes ou benéficos". E acrescenta logo a seguir, exemplificando e distinguindo sub-espécies que "apenas quando a projecção traz consigo sofrimento subjectivo ou irracionalidade objectiva ou os dois, se torna objecto de psicopatologia" D. Feigenbaum, On Projection, *Psychoan. Quart.*, 1936, 5: 303-19.

nalização. Por isso, é a própria explicitação da forma como foram designados que levantou controvérsia, desde o início. Ainda hoje é a ambiguidade da mesma, melhor, o uso restrito do seu conteúdo que faz com que haja polémicas terminológicas e, muito mais negativo, incidências na análise da personalidade. Com efeito, erros técnicos não são apresentados desde o início como algo adicionado ao conjunto actual de instrumentos. Além disso, a sua formulação insinua que são estabelecidas em oposição a qualquer coisa.

Parece vantajoso, para melhor esclarecimento do assunto e melhor situação científico-cultural, tentar definir as coordenadas em que foram acontecendo como iniciativa, até chegar à sua formulação no nome que se fixou e que permanece. Particularmente a analisar, segundo o esquema de Sargent (1945), os seguintes pontos: simultaneamente as suas raízes históricas e o clima teorético contemporâneo em que floresceram; examinar os problemas a que foram aplicados e quais os resultados obtidos; finalmente, investigar certas dificuldades metodológicas que os obstaculizam. E isto para melhor compreender e evidenciar o que prometem, para melhor definir as dificuldades que se lhes deparam no caminho para a aceitação nos meios científicos.

Para tal vou aproveitar uma analogia de Sargent e, por ser adequada, vou alargá-la ou diversificá-la, atendendo ao que hoje se conhece a tal respeito[46].

Se procurássemos determinar a genealogia das técnicas projectivas, encontraríamos que elas se situam como filhas legítimas numa família em que a mãe, "brilhante e ousada", é a psiquiatria; o pai, "igualmente inteligente mas um pouco mais conservador" se encontra ser a psicologia académica: progenitores, cientes do seu papel e miscigenação perfeita (257). Ao menos

[46] No entanto, a ideia original, primeira e dentro das limitações temporais de 1945, pertence a Sargent. Tanto mais interessante se torna evidenciá-la, quanto raramente nos U.S.A. e nunca na Europa se realça este trabalho que tem o seu interesse e até o seu mérito como testemunho histórico e engenho de analogia. Como facilmente se pode compreender, o mérito não vem a quem junta muitas outras reflexões mas ao facto de estar a re-pensar a analogia, exactamente quarenta e tantos anos depois. Efectivamente, fértil em desenvolvimentos vários neste domínio.

quando se aprecia o bebé com 5-6 anos de idade. Tudo aconselha a augurar um futuro promissor ou um futuro promissor se desenha perante a criança sem, no entanto, se poder impedir a presença provável, talvez real, duma nuvem de insegurança em torno dela. Curiosamente, aqui também, adentro dos preconceitos da fatalidade hereditária, a desavença pode instalar-se entre os progenitores. Com efeito, aconteceu com certa frequência cada progenitor atribuir os defeitos presentes na criança à carga hereditária, presumível, do outro progenitor.

Prolongando a metáfora, Sargent propõe até os padrinhos assim como um conjunto de acompanhantes. Quanto aos padrinhos, bons teóricos e profusamente teorizantes e a quem compete, em geral, escolher o nome, não houve hesitação: um deles é a teoria freudiana. A projecção é o elemento de fundo, o qualificativo e o determinativo das técnicas em questão. A projecção, no sentido psicológico[47] mais vulgarizado e quase abusivamente empregue, deve o seu conteúdo a Freud, como se encontra abundantemente divulgado e repetido, enquanto mecanismo do inconsciente, para solução de conflitos, frequentemente ditos, hoje, intra-psíquicos. A ambiguidade pesa fortemente, desde o início, sobre o vocábulo, desde o próprio Freud[48] pois é apresen-

---

[47] A projecção como a própria sublimação tiveram outros sentidos, outros conteúdos semânticos antes de adquirirem o contado psicológico. Projecção, antes, comportava significações físicas, geométricas,químicas,biológicas,etc.

[48] Desde 1894 em *Die Awehr-Neuropsychosen* (Neurol. Zentralbl., n. 10. 362-4, n. 11: 402-9) "A nevrose de angústia desenvolve-se quando o eu se sente incapaz de dominar a excitação sexual endógena. Por assim dizer, projecta esta excitação no mundo exterior...". Em 1896, *Weitere Bemerkungen Über die Abwehr-Neuropsychosen* (Neurol. Zentralbl. n. 10: 434-48). Na paranóia a reprovação de si próprio é recalcada dum modo tal que se pode descrever como sendo uma projecção: suscitar um sintoma de defesa que consiste na desconfiança para com outrem. Noção esta aprofundada quase monograficamente em 1911: *Psychoanalitische Bemerkungen über einen autobiographisch beschrieben Fall von Paranoia (Dementia paranoides)* (Rev. fr. Psychoanal., 1932, 5, n. 1: 2-70, tr. fr.) G. W. 8, CP 3): "uma percepção interna é recalcada e, em seu sítio e lugar, seu conteúdo depois de ter sofrido uma certa deformação chega à consciência, sob forma de percepção, vinda do exterior".

Com interesse, maior ou menor, talvez nulo, depende de quem ler, seria de trazer aqui outros textos. Um particularmente: "Encontramo-nos perante um processo de defesa (no caso da morte de alguém) que nós apelidamos, tanto na vida psíquica normal como mórbida, projecção. O sobrevivente defende-se

tado, ao mesmo tempo, como mecanismo do inconsciente, e mecanismo de defesa do eu, provavelmente, mecanismo inconsciente de defesa do eu. Que ou quem é este eu, ainda para cúmulo dotado dum mecanismo inconsciente. Isto leva a pensar em dois outros mecanismos, a fixação enquanto facto, a regressão enquanto atitude, igualmente do inconsciente ou inconscientes, igualmente de defesa do eu. Ambos se encontram na base de um outro elemento da doutrina freudiana, a realçar a prevalência senão a exclusividade do passado e que dá pelo nome de "compulsão de repetição". Por estes dois principais elementos se compreende a incidência da doutrina freudiana nas técnicas projectivas, focalizando uma certa aproximação da mãe-psiquiatria: quer enquanto brilhante, sem dúvida, pois projecta luz sobre domínios desconhecidos e inacessíveis, quer enquanto ousada, porque o pensamento de Freud representa uma viragem decisiva, quase ou porque genial, adentro do pensamento psiquiátrico, apesar da dependência notória e notada[49] a nível da formulação verbal e da perspectivação de conjunto, em função dum certo bio-fisiologismo sociológico ou sociologismo organicista.

Uma outra incidência, bem mais a tender para certo fervilhar "inteligente" adentro da psicologia académica — o outro progenitor — poderia ser considerado o outro padrinho: a pers-

---

de jamais ter experienciado qualquer sentimento hostil para com o querido desaparecido... A hostilidade de que nada se sabe e de que nada se quer saber é projectada da percepção interna para o mundo exterior...".

"Mas, a projecção não é apenas um meio de defesa; observa-se igualmente em casos em que não se trata de conflito... Projectamos o nosso conhecimento da percepção e da lembrança, ou para nos exprimirmos duma forma mais geral, o nosso conhecimento da existência de processos psíquicos inconscientes ao lado de processos conscientes..." S. Freud, *Totem et tabou*, 89, 91-2, 131, Paris, 1923 (G. W. 9).

[49] Basta ter presente *Entwurf einer Psychologie*, pensada e escrita em 1895 e também: *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, 1921, *Die Zukunft einer Illusion*, 1927, *Das Unbehagen in der Kultur*, 1930, enquanto obras de fundo da autoria de Freud. Sobre o pensamento de Freud citaria entre vários outros": Peter Amacher, Freud's neurological Education and its Influence in psychoanalytical Theory, *Psychol. Issues*, 1965, IV, 4, Monograph., 16:5-93 e R. Dalbiez *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, cp. II, 2ª parte, Paris, 1949.

pectivação holística, reducionista ou não. Aquando do aparecimento destas técnicas, aconteceu uma acesa contraposição, senão mesmo um afrontamento directo, da parte do que se convencionou denominar a guestalteoria ao que foi denominado, por tradição atomística adentro da psicologia tradicional, quer a psicologia das faculdades, quer a psicologia fisiológica, já na sua faceta marcadamente fisiológica de Wundt e Pavlov, já na sua faceta behaviorista, apesar de alheia à fisiologia, empregando, no entanto, os vocábulos, a qual se encontra na origem das tentativas de pura objectividade e sua psicografia. A maior parte dos inventários, tipo Bernreuter e/ou Eysenck com os traços gerais de introversão-extraversão, dominância-submissão, neuroticismo--psicoticismo e outros, mereciam o que Allport apelidou de definições "omnibus", preferivelmente, somatórios, da personalidade (1937). Na actualidade: de Maslow, com a sua perspectiva dinâmica das necessidades fundamentais ou da versão bio-fisio--psicológica de Allport, assim como a psicologia personalística de Stern até à perspectivação topológica de K. Lewin, na sequência parcial de E. Tolman encontra-se um mesmo objectivo, uma só intenção bem concretizada naquela exigência de Russel: "o todo e as partes são sempre mutuamente relativos; o todo é essencial para compreender as partes como as partes o são para a compreensão do todo"[50]. Na formulação de Maslow tal perspectiva aparece também como holística mais do que atomística, funcional mais do que taxonómica, dinâmica mais do que estática ou causal, "finalizada" (purposive) mais do que mecânica[51].

Daqui pode-se concluir com Harrison que "a perspectiva holística é a única a dar atenção, em fim de contas, à complexidade das variáveis da personalidade" e deste modo a formar da personalidade uma imagem sem distorções (1943).

Para levar até ao fim o interesse pela perspectiva holística adentro das técnicas projectivas, convém sublinhar que elas a adoptam por inteiro e com todas as suas exigências ou não podem

---

[50] Cit. por Murray — *Explorations in Personality*, N. Y., 1938, p. 39).

[51] A. H. Maslow — Dynamics of personality Organisation, *Psychol. Bull.*,1943, 50: 520. Necessidades básicas e projecção, o que dará?

ser consideradas métodos de análise da personalidade. Convém igualmente realçar que a perspectivação holística provém da teoria guestáltica em Psicologia — Köhler e Wetheimer — com as suas pesquisas sobre a percepção, o que lhe permitiu mostrar o nulo interesse e menor significado do associacionismo em Psicologia científica. Com efeito, a percepção, a actividade perceptiva, o modo como alguém percepciona é tão ou mais importante que o modo superficial, vago e impreciso que nos é fornecido pela observação do comportamento. Daqui resulta o interesse fundamental das respostas próprias às "manchas de tinta" ou das estruturas praticadas sobre a ambiguidade do material em observação. As respostas, no Rorschach ou no T. A. T. ou noutras técnicas, dependem da captação selectiva e/ou da elaboração pessoal dos indicativos sensoriais. Deste modo se compreende que os factores determinantes da resposta são dotados de igual interesse e, por isso, chamados a uma análise igual à da própria resposta. Seria, portanto, de concluir provisoriamente e no que aqui diz respeito, realçando o seguinte: a perspectivação de análise formal das respostas já não se encontra exclusivamente dependente da específica teoria guestáltica como a análise do conteúdo muito menos pode continuar dependente dos dogmas da teoria freudiana ortodoxa.

Passando agora aos acompanhantes, na continuação da analogia, haveria muito a dizer. Limitar-me-ei a apontar os mais salientes e com mais implicação no que toca à condução da presente reflexão. E assim, em primeiro lugar, provavelmente porque fundamental, encontramos uma certa concepção da ciência e dos seus resultados. Não enquanto resultados propriamente ditos, mas enquanto absolutização de métodos do passado para objectos do passado. Ou seja, uma certa "ideia" da ciência que gera dificuldades no adequar os métodos de observação aos objectos a observar, como sucedeu nas outras ciências: Química ou Física. Com efeito, os métodos de análise da Física atómica estão longe dos da física de Newton. Ou seja, andam em torno dos processos no "interior" do átomo, como sejam os movimentos de cada partícula eléctrica, não directamente observáveis. No que toca à Psicologia, há algo de semelhante na metodologia que

procura analisar o que se passa "dentro" da personalidade, mesmo para além de qualquer função, esta mesma nunca directamente observável, analisar o que se passa a nível do imaginal. Ainda, principalmente, pelo facto de tanto na Física como na Química ou nas demais ciências ditas exactas, nunca poder haver nem ter havido identidade entre o objecto sensorial e o objecto científico, ou da análise experimental.

No caso da Psicologia, análise experimental da personalidade, podemos captar o que se passa na personalidade, através das projecções, o que se poderia chamar uma espécie de écran, expressas em linguagem diversa de alguém. Como no caso do átomo se acaba por fazer o mesmo: é através dos efeitos que se conclui da existência de elementos e que se nomeiam esses mesmos elementos. Daí que L. Frank, o cientista que mais procurou realçar esta aproximação entre os dois tipos de métodos e de objectos, possa concluir com validade e interesse. "As análises da personalidade por intermédio das técnicas projectivas não têm sido, compreensivelmente, suficientemente estudadas, assim como os modelos usados pelos sujeitos não têm sido bem explorados. No entanto, o mais importante é que a via se encontra aberta ao desenvolvimento de algo semelhante aos métodos de espectroscópio ou de disfracção, para a pesquisa sobre a personalidade" (1939, 406). Em Ciências psicológicas, portanto, há que admitir o mesmo valor operacional aos conceitos e aos instrumentos como acontece nas Ciências fisico-químicas. A história dessas ciências, aliás, encontra-se pejada de exemplos demonstrativos, quer do início da sua operacionalidade quer das transformações da mesma. Basta ter presente o que separa Max Planck de Newton ou os dois de W. Heisenberg. Este, em último caso, deu um novo contributo para a transformação da noção de lei, abrindo caminho para as próprias leis psicológicas. E isto através da sua perspectiva, no cálculo de probabilidades, que foi denominado princípio de indeterminação. A lei será ou tem de ser apenas a probabilidade maior. Deste modo, abre-se uma grande possibilidade para uma outra concepção de ciência, a qual, sem deixar de ser específica, abarca perfeitamente as Ciências psicológicas, na medida em que a lei não é identidade

mas probabilidade. O testemunho de Heisenberg tem ainda outro interesse, por ser um físico a falar. Torna-se indispensável não esquecer que "não podemos falar dos átomos, empregando a linguagem do dia-a-dia"[52]. Neste contexto não pode causar admiração ou vem mesmo muito a propósito a conclusão do trabalho de L. Frank: "Deste modo há que ter em conta discutir alguns desenvolvimentos recentes no que respeita aos conceitos e aos métodos científicos e os novos problemas que suscitaram para indicar uma saída possível para este beco aparente" (1939, 395). Murray esta em foco, claramente.

Para além deste acompanhante — a ciência — que muito nos tem a dar para uma transformação profunda das perspectivas no sentido da definição duma investigação específica e a ser reconhecida como tal, outros acompanhantes se poderão salientar, com igual importância, mas seguramente num futuro imediato ou a médio prazo. Seria de realçar a atenção dada às análises e investigações várias sobre a imaginação que já vinha de trás, como vimos, embora polemicamente e, principalmente, as tímidas análises sobre a tão desacreditada fantasia. Haveria igualmente a salientar as observações com as associações de palavras — com ou sem a estereotipia da associação das ideias — com a velha prática de K. G. Jung (1903). E ainda, todos os que retomaram esta técnica, assim como a da "associação de imagens", diríamos hoje, um pouco na mesma ocasião e progressivamente até ao tempo de Murray e de Frank. Finalmente, o interesse pela análise da linguagem influiu claramente, quer no seu aspecto formal, quer no seu aspecto de comunicação, já como conteúdo comunicado, já como forma de interacção. Finalmente, haveria ainda a realçar o interesse pela utilização dos documentos pessoais.

Começando pela utilização dos documentos pessoais, caímos na supervaloração do "caso", em termos de quase paradigma. Tal não parece muito válido, a não ser como ponto de partida, capaz de sugerir uma análise intensiva de variáveis, como o propõe

---

52 W. Heisenberg *Physics and Philosophiy — The Revolution in modern Science*, N. Y. 1969, p. 265, ss, cap. II e pg. 13-33 e 237, ed. fr. Paris, 1971.

Allport (1942, 12). Talvez se possa aplicar à análise dos protocolos, as informações colhidas na análise duma biografia, particularmente se se encontra bem escrita em termos de testemunho dum tempo e dum espaço, principalmente em perspectiva cultural, pois as próprias histórias dos protocolos dum T. A. T. nada mais são do que indicativos para a descoberta e penetração compreensiva duma personalidade. Qualquer autobiografia como o simples protocolo são igualmente uma linguagem.

Ontem como hoje, os estudos sobre a linguagem podem situar melhor e mais operacionalmente os protocolos. Como diria H. Ey (1973, 4-20), quer na alucinação quer nos sonhos, a dormir ou acordado, o que nos chega em termos de análise são elaborações verbais quer se trate duma narração quer se trate de qualquer outra forma de comunicação. Sem cair em extremos de a linguagem ser apenas a manifestação externa do "pensamento", veículo do pensamento ou apenas — o outro extremo — de o próprio pensamento ser apenas a linguagem e nada mais. Com as investigações de Piaget (1923), a linguagem aparece como a expressão das vivências (conhecimentos e valores ?!) do sujeito. E assim qualquer protocolo será uma linguagem. Para o sujeito e para o técnico não passa duma expressão pessoal[53]. Na medida em que a maior parte das técnicas projectivas conduzem ou pressupõem uma expressão verbal, expressa no próprio idioma do sujeito, esta expressão é, por sua vez, uma forma de profunda

---

53 Há quem proponha uma correlação entre os quatro modos gramaticais — imperativo, indicativo, conjuntivo e optativo — e a divisão tradicional dos temperamentos —colérico,fleumático,melancólico e sanguíneo (E.E. Southard — On the Application of grammatical Categories to the Analysis of Delusions, *Phil. Rev.*, N. Y., 1916, 25: 424-55). Por seu lado, Balken e Massermann propõem outro tipo de análise que praticam com sucesso em doentes neuróticos a quem aplicaram o T. A. T., concluindo que a relação verbo-adjectivo se encontra altamente associada com a ansiedade e a instabilidade. (E. R. Balken & J. H. Massermann, The language of Fantasy: III The Language of Fantasy of Patients with conversion Hysteria, anxiety State and obsessive compulsive Neurosis, in S. S. Tomkins, *Contemporary Psychopathology*, Cambridge-Harvard, 1943: 244-53). Seria uma enumeração quase indefinida, se fosse a realçar os trabalhos que tocam neste problema da relação entre a linguagem e a personalidade. Por ex.: S. Neumann, Personal Symbolism in language Patterns, *Psychiatry*, 1939, 2: 177-83; L. L. Vigotsky, Thougth and Speech, *Psychiatry*, 1939, 8: 29-54.

referenciação ao grupo cultural. O aprofundamento semântico e semiótico da linguagem, assim como a referência cultural podem dar uma compreensão mais adequada, porque profunda e situada, da personalidade de alguém. Se da linguagem, vista na sua generalidade, passarmos para a língua, enquanto algo de aprendido e convencional adentro do grupo de referência, porque cultural, enquanto manifestação típica de actividade simbolizante, contributo indispensável para a estruturação do mundo imaginal, estaríamos em parte na hipótese anterior e em parte fora dela. Em ambos os casos, tudo o que nos aproximar da compreensão da língua, ajudar-nos-á a melhor servir alguém em termos de técnicas projectivas.

Associação de palavras e/ou de ideias: já vimos a relação íntima entre a palavra e a ideia. Esta prática, apesar da sua ambiguidade, lançada por Jung, em termos de instrumento técnico, teve uma grande importância para as futuras técnicas projectivas, se é que ela própria já não o é[54]. Até porque tentativas várias, posteriormente feitas, haviam conduzido a um interesse crescente na prática teórica e na prática aplicada (1929). Jung e o seu método associativo representa, efectivamente, o ponto de partida para a descoberta-utilização duma técnica experimental em análise das manifestações pessoais inconscientes[55]. O próprio Jung o afirma claramente[56] e a sua diversificação aplicativa posterior foi notável(1911). É claro que hoje se observa largamente praticado e tecnicamente fundamentado, a ponto de se encontrar

---

[54] Opinião insuspeita o afirma, Anzieu: "A psicanálise encontra-se na origem dos testes projectivos pois foi Jung, um dos primeiros discípulos de Freud, que inventou o primeiro teste projectivo em 1904, o teste de associação de palavras". *Psicologia*, 1975, 2: 30.

[55] C. G. Jung, *Diagnostische Assoziations- Studien*, 2 vol. Leipzig, 1903. Esta foi a razão do convite dirigido por S. Hall, para se deslocar aos U. S. A. em companhia de Freud e de S. Ferenczi.

[56] "Debruçando-me sobre os doentes e seu destino, consegui convencer-me que as ideias de perseguição e as alucinações envolvem um núcleo significativo. Em pano de fundo, encontram-se os dramas duma vida, duma esperança, *ein Wünschen* (aspiração)... Pela primeira vez foi claro para mim que se encontra e se esconde na psicose uma psicologia da personalidade e nela se encontram todos os eternos conflitos da humanidade" C. G. Jung, *Erinnerungen, Träume, Gedanken*, Olten, ²1982.

na origem de tantas outras técnicas, principalmente do género de frases a completar, a principal e a mais rica das quais, na sequência da perspectiva de Jung, é a M. I. M. (Motivational Induction Method) de J. Nuttin[57]. E, deste modo, parece que podemos afirmar ter chegado ao início inicial de todos estes estudos — autobiografia, linguagem e associação de palavras. Trata-se, é bom de ver, desse outro elemento histórico, um dos acompanhantes na designação de técnicas projectivas e que melhor e mais especificamente nos pode levar a compreender tais métodos: o interesse dedicado à imaginação e à fantasia. Como já acima referi em análise histórica monograficamente representativa, desde longa data, a imaginação e a fantasia foram tidas em grande relevo. Esta, predominantemente até aos séculos XIV e XV, posteriormente foi desconsiderada e desconhecida, substituída até, sistematicamente por imaginação, apesar da investigação de fundo e da obra considerável de Frohschammer[58].

Ambas representam muito para a prática dos métodos projectivos. No entanto, só a partir de 1930, algo começa no sentido dum aprofundamento. Até aí apenas, em material incaracterístico, por análise de casos em escolástica freudiana, apontando para fantasias universais, muito discutíveis, na sua universalidade, como sejam a fantasia em torno do Rei Édipo, em torno da ilegitimidade com Lehrmann (1927), Duff (1926), Robinson (1920), Clark (1926), a fantasia do renascer e tantas outras. Chegou-se mesmo a diversificar consideravelmente o simbolismo das fantasias, em relação mais ou menos directa com os sonhos e os mitos, como aconteceu progressivamente em

---

57 J. Nuttin, *Human Motivation and Time Perspective*, Part II: *The motivational Induction Method (M. I. M.) and the motivational Inventory*, Leuven, 1976 (Multigr. 163 pgs.).

L. Meyer e R. Grammen, Etude comparative de la motivation et de la perspective temporelle chez des groupes tanzaniens et belges, *Univ. of Leuven, Psychological Reports*, 1975, n. 6.

O Centro de Orientação vocacional da Fac. de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra prepara para breve aproveitamentos vários da aplicação prática do M. I. M..

58 A. M. Santos, *Fantaisie et Avenir*, Leuven, 1977 (multigr., 151+LXVI). A. M. Santos, A fantasia em redescoberta, *Biblos*, 54: 303-21.

Zurich sob a orientação de Jung (1963, 1964). No entanto, até ao trabalho de H. Murray, em 1935, diversas tentativas aconteceram de determinação da actividade subjacente às "fantasias", descobertas e/ou definidas. Alguns marcos, o primeiro dos quais foi o multímodo F. Galton com as suas investigações sobre as imagens em 1883, e outros experimentalistas que se lhe seguiram, atacaram preferencialmente os aspectos cognitivos e quase nada os aspectos de valoração, dando a estas pesquisas uma ambiguidade gnoseológica e, consequentemente, à fantasia, como oportunamente pormenorizarei. Outras pesquisas orientam-se preferencialmente e quase exclusivamente para a imaginação, em análise a partir de estampas em 1907 e em 1916. Até que a iniciativa de H. Rorschach, começada em 1911, foi publicada em 1921, com o primeiro grande grupo de aplicações concretas e convergentes[59].

Falar dos outros "aristocratas" da pesquisa sobre a imaginação e a fantasia, Ch. Morgan/H. Murray foi feito noutro momento, directamente monográfico. Tema central desta pesquisa, merecem um largo desenvolvimento, até porque eles se preocuparam inicialmente, duma forma quase exclusiva da fantasia e da imaginação[60].

Se passarmos à actualidade, seria de enfatizar uma vez mais um elemento, por virtude da importância que as análises sobre ele praticadas lhe vieram a atribuir: a linguagem. A impor-

---

59 H. L. Brittain, A Study of Imagination, *Ped. Sem.*, 1907, 14: 137-207. F. C. Bartlett, An experimental Study of some Problems on perceiving and imagining, *Brit. J. Psychol.*, 1916, 8: 222-6. H. Rorschach. Psychodiagnostic — *Méthodes et résultats d'une expérience de diagnostique de perception*, Paris, 1947.

A bibliografia sobre e de aplicações é quase inumerável. Daria apenas uma amostra de síntese, quase modelar, por ser apenas 20 anos depois: M. R. Hertz, Rorschach: twenty years after, *Psychol. Bull.*, 1942, 39, 8: 529-72, com 346 títulos de bibliografia.

Outras actualizações do mesmo género: M. R. Hertz — The Rorschach: Thirty years after, in D. Brower & L. E. Abt *Progress in clinical Psychology*, I vol. 108-48, N. Y., 1952. — Rorschachbound: a 50-Year Memoir, *J. Person. Assess.*, 1986, 50 (3) : 396-416.

60 "Historically, as well as from the point of view of standardization these two methods (the ink blot and the picture-test) are the aristocrats of a growing clan". H. Sargent, Projective Methods: their origins, theory and applications in personality Research, *Psychol. Bull.*, 1945, 42, 5: 264.

tância e o significado das aquisições técnico-científicas no domínio da linguagem são de evidenciar para a compreensão da prática psicológica e para a clarificação da hipótese aqui equacionada. Com efeito, se na linguagem podemos considerar, a par da sua estrutura, mais ou menos convencional, ou seja, a língua na sua faceta de aprendida, enquanto sons e conteúdos vivenciais do grupo por e para desenvolvimento da capacidade simbólica, a actividade simbolizante de alguém ou a criação expressa por cada personalidade da relação possível entre os objectos num espaço-tempo físicos e os objectos num espaço-tempo pessoal ou representativo-imagético. E esta, em concretização plena duma actividade específica de cada personalidade que é a língua. Como expressão duma personalidade é manifestação, passível duma análise, a contribuir para a adequação dum serviço a prestar a alguém. Em suma: uma compreensão diferente da linguagem e da língua, da de há cinquenta anos ou mais, e um conhecimento muito mais aperfeiçoado na actualidade da comunicação humana na sua globalidade, permite o seu mais completo aproveitamento em termos de utilização das técnicas psicológicas e das projectivas dum modo muito particular. Não apenas porque são técnicas e se encontram na dependência da sua base científica mas também, dum modo particular e por isso mesmo, para um mais adequado e objectivo psicodiagnóstico acerca de alguém. De alguém como costumava dizer Jung duma forma global: cada personalidade constitui um núcleo significativo de aspirações, de esperança e de vida, na contextura do que é, *mundo imaginal.*

No seu conjunto, as diversas circunstâncias que rodearam a eclosão do vocábulo — *métodos projectivos* — em ressonância consideravelmente alargada nos meios tecnico-científicos, denotam algo de importante e de significativo. A ser tido em conta. Principalmente, se a preocupação duma ciência e duma prática psicológicas for demonstrar que a globalidade da personalidade, enquanto mundo imaginal que é, mais fácil e adequadamente pode ser compreendida, válida e valiosamente: validamente, em termos de instrumento de análise-observação; valiosamente, em termos de serviço a ser prestado. A partir da possibilidade única que as técnicas projectivas oferecem de "sondar" o mundo pes-

soal, conjunto de imagens-realidade vivencial de alguém. O que fica claramente realçado no imediatamente antes do texto de L. Frank é a ênfase dada à actividade de fantasia, enquanto base de toda a construção imaginal dum sujeito, em termos de vivência pessoal.

V — A PROJECÇÃO EM PERSPECTIVA
(prospecção bibliográfica)

O ambiente historico-cultural realça algo com evidente interesse para situarmos claramente a intervenção de L. Frank. Este, por sua vez, enfatiza a originalidade de Morgan e Murray. Em complemento, apresentar uma amostra das aplicações do vocábulo, em termos de prática, permite um melhor diagrama da operacionalidade de projecção na prática psicológica.

Em 1936 pela via da *atribuição de características*, Sears desenvolve uma tentativa original de *estudos experimentais*, curiosamente, sobre a *personalidade*. Ao mesmo tempo aparece um título singular: *Sobre a Projecção*. Das primeiras vezes a aparecer a palavra quando havia referências ao "mecanismo". O mesmo havia acontecido, isoladamente e quase grito num deserto, o de Jelgersma (1926) sobre *Projecção*. Só em 1932, a meio caminho, acontece uma diversificação com interesse e, por assim dizer, original e básica para futuras reflexões, em variação, às vezes repetitiva sobre uma orientação parcial, pois invoca o *super-ego*, por causa da ligação *projecção e introjecção* em Weiss.

E, inevitavelmente, a moda encontra-se lançada (1929) pois coincide com os esquemas de pensamento tradicionais e tradicionalistas mais vulgarizados: nas neuroses, ao ver até que medida a *projecção* tem operacionalidade, surge a sua qualificação de *mecanismo*. E isto, ao contrário de algo que tinha muito de original, aparecendo quatro anos antes, 1925, mas que pelo mesmo facto caiu no esquecimento total e quase incompreensivelmente, pois o *eu*, mero compromisso na 2ª. tópica freudiana, é visto como algo em desenvolvimento, o que faz contraste, e isto em relação com a *projecção*. E a prova acontece pouco depois (1934) em que a temática da sexualidade aparece nomeada e nas suas

manifestações quase antitéticas de *heterosexualidade e homosexualidade* em ligação com a *projecção*, ao passo que depois não se nomeará, mas estará presente.

Outra vertente que se perdeu, infelizmente, para a prática psicológica, ligada ou desligada da investigação fundamental em Psicologia, são os *estudos experimentais sobre a projecção*, realçando aquilo que é muito importante que são as *ideias de referência*. (Sears, 1936/37). Neste período de futuras intuições como de afirmações poderosas e, por isso mesmo, chocantes senão mesmo desmascarantes do ritual tradicionalizante, algo aparece de subido interesse, vitimado por completo silêncio que se prolonga até hoje sem despertar o mínimo interesse da parte dos técnicos assim como dos investigadores, tirando uma que outra excepção com Depuydt-Berte. Com efeito, embora numa aplicação parcial como são os termos do *dinheiro* e da *fama* em relação às *crianças*, aparece a ambição da parte dos progenitores em manifestação clara de *projecção*. Esta é uma das grandes facetas ainda hoje bastante esquecida, quer pela negativa quer pela positiva, apesar de a relação entre pais e filhos ser temática estafada e balofa, até por vezes, na actualidade (Young, 1927).

Dos poucos trabalhos em língua alemã, nesta época — 1924 — um apresenta-se de interesse na medida em que fala sobre a *projecção* e seu *conteúdo* (Hoop, 1924). Começa pela primeira vez a palavra *método projectivo* a vir ao de cima. Aparece, timidamente, pela pena de Horowicz (1938), embora a partir dum domínio restritivo de aplicação, constituído pelo *estudo das crianças*. Um pouco mais tarde, aparece o mesmo domínio em foco: a expressividade *nas crianças normais em idade pré-escolar, revelada por alguns métodos projectivos*; no entanto, aparece em relacionamento, algo que alarga a perspectiva de intervenção, colocando em foco um dos conteúdos que podem cair sob a sua alçada: os conteúdos das *experiências em família*.

Há até quem procure demonstrar que os *exames das atitudes verbais*, num alargamento da aplicação dos métodos projectivos, podem ser *previstos a partir de respostas às técnicas* agora e não métodos como atrás, *projectivas*. Mas não ficamos por aqui pois os domínios de aplicação vão-se alargando, até porque antes,

na confusão entre o psíquico e o moralizante chegou-se ao ponto de relacionar duas técnicas: o *teste de representação*, com ressonâncias tão curiosas, aplicações tão discutíveis, perspectivas curiosamente problemáticas e aquilo que é novo, diferente, quase revolucionário, *as técnicas projectivas* (Tuddenheim, 1931) que já haviam recebido em 1926 um tratamento-explicitação por Jelgersma.

Com efeito, *as nossas percepções* e as *imagens da memória* são apresentadas como susceptíveis de merecer grande interesse em termos de *início* inicial, filo e ontogeneticamente. Esta perspectiva revela-se curiosa, até porque ainda tem acesso entre nós e incide negativamente na compreensão da vida mental. E isto para desenvolver o vocábulo *projecção*.

Em 1936 surge algo de interessante. Singelamente: *On Projection* (Feigenbaum). Curiosamente: todas as formas de projecção são redutíveis a um mecanismo fundamental de defesa, presente em várias gravuras na prática clínica, correspondendo a uma gama de estádios específicos do desenvolvimento... Trata-se dum paradoxo curioso: desenvolvimento e mecanismo. Pior ainda, se tivermos em conta as manifestações abarcadas por essa ideia de projecção: "desde o" normal "nos sonhos, nas crenças, na superstição, no preconceito, na actividade criativa até ao anormal na histeria, na hipocondria, na fobia, na repressão e na paranóia" (319).

1939 - *Lawrence Frank*. É a referência como acima realcei. Em torno dele, muitas ideias viram a luz do dia, em diversificações variadas.

E assim começa algo de mais definido, clarificado e clarificante quer para a teoria quer para a prática. Pena é ser apenas uma excepção o trabalho de Balkan (1941). E isto por vários motivos: quer porque a designação de *técnicas projectivas* é a mais provavelmente adequada para este tipo de instrumento da prática psicológica, quer porque se trata dum estudo, ou seja, é uma problemática de aplicação porque a prática deve levar a teoria a reformular-se para maior rigor na observação e na prática; quer ainda e principalmente porque, qualquer que seja o conteúdo, o vocábulo empregue e a realidade em foco é a personalidade. Um pouco no mesmo sentido há algumas indicações. Estudo e(ou

investigação sobre a *personalidade*) como propõe Kelly (1942) a partir dos *métodos projectivos*, constitui algo de inovador, infelizmente esquecido, senão suprimido pela tentação e insidiosa clínica diagnóstica, em penetração abusiva na vida dos outros. Em 1951, na mesma ocasião (1951) Symonds vem à perspectiva de *estudo* do que sumamente interessa em teoria e prática psicológica, a personalidade e (o tema é comum nesta reflexão) através dos *métodos projectivos*.

Mas desde cedo começa o grande pendor para a exclusividade da perspectivação freudiana. Em 1949 aparece com J. Bell a *tentativa (approache) dinâmica*, claramente referenciada à doutrina freudiana, dentro da convicção de alguns ao início e de muitos, ainda hoje, para quem só a perspectiva freudiana é dinâmica, simplesmente porque pratica um acto de fé no dogma do conflito, mais tarde, intrapsíquico. Para quê, tal tentativa?

Para explicar as *Técnicas projectivas* (Bell, 1948). Ainda com Rosenzweig se encontra em 1949 mais ou menos a mesma versão: Uma retrospectiva e uma prospectiva adentro da reflexão sobre as *técnicas projectivas*, enquanto progresso na aplicação às *manifestações psico-dinâmicas*. Do mesmo modo em *Normas aperceptivas* para o *teste de aplicação temática*. Haverá ou não, o *problema das normas nesses mesmos métodos projectivos*? Em contraposição e/ou ambiguamente Thomsen (1941) devido à ambiguidade da própria *perspectiva cognitiva*, avança para o interesse da *projecção*, enquanto amostra de *racionalização*. Na mesma sequência se não na mesma ambiguidade, Cattell (1944) propõe uma série de *variedades de projecção*, não em si mesmas ou por si mesmas mas numa situação concreta ou mesma actividade concreta que é a *atribuição de traços* ou características. Factor de confusão mais do que esclarecimento são as temáticas de *identificação*, *projecção* e *formação* em Muhl (1943) com manifestos atavismos do fim do século, pela universalização - generalização ao longo do século XX da perspectiva de imitação-contágio e pela mistura do senhor-dominante e do escravo-dominado; do mesmo modo, as temáticas tratadas por Weiss (1947) numa conjugação das preposições *extra-jecção*, *ob-jecção* e *pro-jecção* a mostrar a dependência do exterior ou do meio em que se encontra o sujeito,

como se dum organismo se tratasse.

Um outro grupo de reflexões diz respeito a aplicações diversas, a partir de práticas as mais variadas a começar pelas *respostas cinestésicas* para realçar o interesse da projecção, não em si mesma nem dentro dos cânones tradicionais, mas *em relação* com algo muito diferente, quer em relação à projecção, como principalmente entre si, como sejam o carácter, por um lado, as atitudes por outro e ainda por outro, mais desviado, a *criatividade* (Schachtel, 1950). Ainda no realce para as *atitudes*, mas agora na sua forma *verbal* aparece o trabalho de Dubin (1940) para mostrar o seu *escore, predito pelas respostas numa técnica projectiva*. Ainda as *atitudes* e agora especificamente, a serem *estudadas* por Proshansky (1943) usando *um método projectivo*.

Passando a uma diferenciação técnica e etária, haverá a realçar, nesta década, alguns trabalhos significativos enquanto aplicação e ambíguos enquanto perspectiva, no que toca à projecção. Assim, em 1945, Elkish serve-se duma técnica projectiva, para compreender, interpretando, os desenhos de crianças. E agora vem a *pintura digital* ou dactilo-pintura que serve a Kadis (1950) como *técnica projectiva*, para a análise de comportamentos. Do mesmo modo, S. Ledys (1950) através do *desenho da figura humana*, tenta praticar uma *técnica projectiva*. Aquela que a todos precedeu na utilização da figura humana, Machover (1949), procurou daí extrair não propriamente uma técnica projectiva mas, (será sinónimo?) *uma projecção da personalidade*. E ainda o seguinte: o caso das *crianças* em *idade pre-escolar*, segundo Wolff (1942) presta-se para uma utilização dos *métodos projectivos* em termos de *análise da personalidade* enquanto *comportamento expressivo*. Não se vê bem qual a coerência interna de tal reflexão. Mas acontecem reflexões deste género. No mesmo sentido encontrámos em 1940, pela mão de Murphy, algumas *medidas projectivas a revelarem a interiorização* — infeliz cedência e tortuosa aplicação, por atavismo socio-cultural de origem biológica — das *experiências em família* por parte de *crianças em idade pré-escolar normal,* o que representa uma despsicopatologização das técnicas projectivas.

Uma aplicação curiosa é a de Zucker, (1949) num caso de

obesidade. Provavelmente muito haveria a descobrir em termos de aprofundamento do serviço a prestar, a partir do próprio conhecimento diferencial das situações vivenciais, mesmo nas que afectam predominantemente o domínio do orgânico, agarrando as vivências através de *técnicas projectivas*, aplicadas *antes e depois do tratamento*. Haverá uma relação directa entre esta perspectiva e a perspectiva adoptada por Maslow (1943)? Tratar-se-á duma irradiação da sua teoria das *necessidades* básicas, ligando-as ou aproveitando-se da importância operacional da expressão projectiva?

Uma perspectiva rigorosamente adequada e de grande projecção no futuro é a proposta por Benassy, o qual já em 1947 a apresentava para uma prática de grande serviço como é a *orientação profissional*, ao lidar com situações claramente do dia a dia, utilizando *testes de projecção*. Indo um pouco mais longe, Cox em 1950 propõe descritivamente o seu "Cox S - R Test" *como técnica projectiva para avaliar o pessoal de supervisão na indústria*. Melhor ainda se encontra em 1950 com Ammons, o qual lança a única perspectiva adequada e anunciadora dum futuro diferente que é a investigação vocacional e de orientação a nível do "College", a partir do uso desse instrumento de que nos ocupamos que é o *teste de projecção*.

Para englobar tudo num só título, Sargent (1944) afirma ser necessário em termos de *aplicação experimental* ter em conta aquilo que constitui os *princípios projectivos* aplicados aos *testes de personalidade* para conseguir um melhor aproveitamento dos próprios testes, ditos de nível como sejam os testes *de papel e lápis*. Talvez se chegue a melhor situar a projecção se conseguirmos um processo experimental estandardizado, como propõe Raven (1944), para chegar a uma espécie de *projecção controlada*.

Para quê tantas reflexões-divagações se é tão simples: são *técnicas projectivas* e nada mais, como o mostra Bell (1948)? No entanto, Rapaport (1942) confirma e infirma esta simplicidade afirmando os *princípios que sublinham as técnicas projectivas* como dois e nada mais nem menos. Talvez não baste e daí esta proposta de Bellak (1944), significativa e valiosa na formação. *O conceito de projecção* carece e, por isso, merece um melhor trata-

mento, o único válido, uma *investigação experimental*. Há, no entanto, uma investigação que muitas vezes se esquece e que, em Ciências Psicológicas, se reveste duma operacionalidade maior do que em qualquer outra ciência anterior. Com efeito, as ciências psicológicas, por se encontrarem em momento momentoso de cientificação especificante, são impedidas disso por uma linguagem fortemente eivada, nos vocábulos e nos conteúdos semânticos, das perspectivas e das aplicações das outras ciências.

Importava, importa, portanto, na *investigação sobre a personalidade* procurar determinar, nesses vocábulos e nesses conteúdos, as incidências, quase sempre negativas, isto é, analisar os *métodos projectivos*, já em relação às *suas origens*, já em relação à teoria subjacente como à aplicação praticada (Sargent, 1945). Isto, para dizer tudo numa só palavra: seria de afirmar como Macfarlane (1942) que o *problema* de futuro inerente aos *métodos projectivos* é o da sua *validação*.

As reflexões continuam a multiplicar-se. Na década 50-60 quase duplicaram no que se reporta às fontes inventariadas neste breve apontamento. Representativo, apesar de tudo. Notar-se-ia alguma novidade?

É o que vou tentar averiguar. Será uma outra forma de aproveitar daquilo que Murstein e Pryer mostram no fim da década (1959). Esta sua *visão de conjunto* fica mais ou menos pela singela enumeração, a propósito do *conceito de projecção*. Tratar-se-á dum conceito, no sentido quer pejorativo quer mais ou menos gnoseológico? Talvez lhes tenha faltado algo de interessante, complementar se não superante que seria, será, é considerar a projecção como actividade da e duma personalidade. Este critério ou paradigma pode ajudar a compreender e melhor aproveitar - quer seja pró quer seja contra — da averiguação efectuada sobre o emprego do vocábulo que significa uma actividade pessoal. Seria de acrescentar a breve sinopse da literatura, praticada por Jensen (1959) sob o prisma da validade ou *fidelidade das técnicas projectivas* para ir ao fundo do problema que pode levantar uma simples descrição ou enumeração à Murstein e Pryer. No mesmo plano colocaria a tentativa de *classificação das técnicas projectivas*, levada a efeito por Lindzey pela mesma ocasião (1959).

Estaremos num momento crucial, neste fim de décadas? Parece que sim. Terá havido resultados notórios no sentido dum caminhar para algo diferente, por prática duma especificidade mais específica? Parece que não. Apesar do processo mais ou menos laudatório do volume especial consagrado a Murray: *O aparecimento do T.A.T.: um tributo aniversarial a H.A. Murray* (1958). Em título ao menos, um outro trabalho apareceu tentando um apanhado de conjunto em torno dos *problemas correntes*, decorrentes da aplicação dos *testes projectivos* na análise da globalidade da *personalidade individual* (Hult, 1951). Do mesmo modo, Pichot (1955) tentou evidenciar os *problemas gerais*, que de perto ou de longe tocam na *validade das técnicas projectivas*. Mais vasto e mais directo, ao mesmo tempo, Rosenzweig (1951) realiza uma *referência especial aos métodos projectivos* para mostrar, numa perspectiva mais ou menos de teoria freudiana sobre a personalidade, quais os "ideodynamics" em presença.

Seria de afirmar que os problemas mais frequentemente tratados nesta década acontecem em torno da teoria ou das teorias (quase meia centena). Isso vem a mostrar que a problemática de fundo ainda não recebeu tratamento adequado ou específico e além disso, provavelmente ainda nem sequer foi aflorada. Assim, acontece uma interrogação em final da década, formulada por Hocan (1959): quais as *bases teóricas* minimamente respeitantes da realidade vivencial, em termos objectivos, para a análise do conteúdo *dos testes de projecção*? Tal análise, com efeito, constitui o fulcral de qualquer prática, minimamente adequada, em termos de serviço.

A partir duma prova de desenho, embora seja bastante parcial, conseguiu Tonnac (1954) apresentar *os primeiros resultados estratégicos* no sentido de mostrar a presença dum *factor de projecção afectiva*. Mais do que isso, haverá a ter em conta *os fundamentos de proposta* que podem entrar em jogo de equívocos nos *testes projectivos* porque são ditos de "misperception", no que toca directa ou indirectamente à *personalidade*. Um dos assuntos a preocupar quem pensa ou actua, seria ou será o que propõe Norman (1954): em *perspectiva de operacionalidade* há que referir as relações entre *projecção*, *empatia*, *realidade* e *"ajusta-*

mento", até porque neste sector as equivocidades são bastante numerosas a perpetuar a vaguidade das actuações dos praticantes da psicologia. Em 1955, Cowden formula claramente o dilema: *empatia ou projecção*? Numa visão de síntese, Murstein (1957) tece *alguns comentários*, curiosamente problematizantes, no que toca à *avaliação* da *projecção* e da *empatia*. Num outro tom e num outro domínio, o tema reveste-se também de interesse porque a teoria do *pensamento ou da razão* — melhor, racionalização na perspectiva do A. — estaria em relação com as *técnicas projectivas*, como o "quer" Rapaport (1952). E Cattell (1952) vai de realçar, além do que já foi dito e numa espécie de convergência, os *factores dinâmicos* (é, ao menos, equívoco) e *cognitivos* (é, ao menos, ambivalente) e, talvez por isso, continua a insistir sobre a *constelação da "misperception"*. No mesmo sentido e em termos de *investigação* aparece Fabian (1954) a mostrar as *relações entre as avaliações do discernimento e as avaliações da projecção* por um lado e pelo outro a *disposição nas classificações*. Continuando em *alguns distinções*, Jenkin (1956) estabelece-as entre os *testes projectivos*, o *comportamento e a percepção*. Sem distinções, mas apontando para algo de conjunto como é o "Self", Friedman (1955) realça os três elementos desse mesmo *Self* que seriam as concepções *fenoménicas, ideais e projectadas*, e isto para agarrar um conteúdo mais profundo da prática psicológica. Goss (1957) por seu lado, vai para outra direcção ao realçar os *conceitos* de *estímulo-reacção*, da grande tradição, "sacralizada" pela sistemática behaviorista, e os *fundamentos aplicados ao teste comportamental de projecção*. Quase a finalizar e em passagem, seria de brincar com o jogo universalista do *papel do conflito*, como o mostra Zimner (1955), nas *procuras, interiorizadas em projecção*. Ao contrário, Dana(1955) preocupa-se com a *objectivação das técnicas projectivas*: *racionalização*. Enfim e magnificamente, venhamos a L. Frank (1960) com a sua proposta *para uma teoria da projecção* que seja claramente projectiva e personalizada, que seja abertamente orientada para algo de mais especificamente humano. Já antes fora anunciada tal proposta com um título que se tornou marco para todas as bibliografias. Ainda que deturpado.

E assim poderíamos passar à prática psicológica e/ou às

aplicações. Será ainda de proceder em termos de investigação, a partir duma problemática de aplicação, ou seja, em problematizar as teorias, quaisquer que elas sejam, para conduzir uma análise mais adequada se não objectiva, do que se passa nos humanos, digno de ser conhecido para melhor serviço aos humanos. Assim a *figura humana* para Bermann, Klein e Sippman (1951, 1953) pode ser, compreensivelmente uma *técnica projectiva*. Para Hagenhauer, Gladston, Bare e Picard é o *estudo da imagem do eu*. Parece interessante este estudo a partir de *quatro testes projectivos* por incidir em situações existenciais do tipo de experimentação dada como *grupos de esquizofrénicos e grupos de deprimidos*, em que no primeiro caso se trata do fim dum projecto pessoal quando começava a gizar-se e no segundo caso, trata-se da ausência ou perda da perspectiva de futuro, pedra fundamental da personalidade actuante. Ainda no domínio da experimentação dada, temos os resultados de Helman (1957) sobre a *mentalidade projectiva* e a *epilepto-sensorialidade*. Em experimentação quase provocada, em geral pelo próprio, será de considerar a *"performance"* de *alguns testes projectivos sob o efeito do L.S.D. 25*, analisada por Van Lennep (1960). Ainda outra situação tecnicamente interessante, a insónia ou *privação de dormir*, com os *seus efeitos* a ser analisados pelos *contributos dum teste projectivo* como o praticou Loveland (1959).

De novo, venhamos ao que o propõe Brower (1955), a partir da *aplicabilidade das técnicas projectivas*. Hipótese das mais valiosas, a praticar. Há nesse sentido esta ideia de Goldings (1954) ainda que acentuando um vocábulo assaz ambíguo, a *felicidade* enquanto agarrada, *na sua declaração e na sua projecção*.

A figura humana foi analisada por outros em aspectos parciais. Deste modo tentou-se mostrar a influência que pode ter *na projecção*, entre outros factores, *a semelhança corporal* (Weinkop, 1952) entre o sujeito e a figura central no T.A.T. ou (Weinkop, 1953) a *semelhança facial*. Dum modo mais geral, Borgatta (1955) tenta analisar em conjunto a *projecção*, o *jogo de papéis*, a *interacção social*, ao passo que a *projecção* e a *entrevista técnica* eram analisadas em conjunto por Lutts (1956). E toda uma série de estudos sobre o desenho: particularizando, Gernzberg

(1955) estuda um caso quase exemplar, para mostrar o interesse da *projecção através dos desenhos*. Em 1953, Hammer a partir da *interpretação de desenhos projectivos* mostra que podem ser o *efeito da hostilidade*, intervindo na *personalidade do clínico*, e daí alarga o debate (1958) para mostrar o como, o porquê e o para quê *da aplicação clínica dos desenhos projectivos*. Johnson (1955) mostra, por seu lado, como é que *um teste projectivo do tipo H.T.P.* pode medir os *efeitos* provocados sobre a *personalidade pelo desporto de competição*.

Será que a competição tem algo a ver com o nível de *aspiração*? Talvez, pois através da *técnica projectiva* com o uso do "grafomotor", é possível determinar com relativa segurança as diferenças entre as *reacções perante o sucesso e o insucesso* (Reyes, 1953). Mais concretamente haveria a realçar as situações da *indústria e dos negócios*, agarradas *através das técnicas projectivas*, como o mostra Brower (1952) assim como Taylor (1957). Este tenta levar a situação de *níveis de administração*, o *uso das técnicas projectivas*. Uma prova de grande futuro embora de difícil construção e mais difícil é a que constitui o protótipo das *técnicas projectivas rápidas* como é o caso *teste das frases a completar*. (Bonnet, 1953). Um problema de fundo, que volta a aparecer, embora em surdina ainda, é o da *personalidade e vocação*, a propósito do *teste projectivo de Wartegg* (Ucha, 1954).

Sendo ou não sendo diferente a problemática da aplicação em relação à prática, alguns autores deram particular atenção a essa prática, com particular incidência na faceta da predição.

Meltzer (1955) e Vernier (1955) procuram a *partir de três técnicas projectivas* produzir uma hipótese de *predições diferenciais de comportamento específicas*. Ainda no domínio das predições, a *partir duma bateria de técnicas projectivas* foi experimentada por Schler (1957) a *predição da interacção em família*. Zimmer (1955), por seu lado, *através de dois testes projectivos* procura formular uma *predição da perseverabilidade de avaliações*. Parece possível ir mais longe e determinar *perfis analíticos*, em pura interpretação ortodoxa, pura repetição de modelos do passado, *de traumatismo de técnica projectiva* (Stern, 1953). Por outro lado, temos uma série de termos de aplicação como o que

praticou Homberger (1960) a *partir da classificação dos desenhos* evidenciando os *efeitos projectivos do medo e do despertar sexual* ou o que praticou Mintz (1956), anteriormente, analisando a *projecção da hostilidade no Rorschach* duma forma curiosa adentro da escolástica freudiana, ou seja, como resultante do eu ameaçador. E dum modo geral a *medição do medo ou do insucesso* (falha) *em termos de projecção* (Moullon, 1958) ou ainda analisar a *motivação sexual* (Clark, 1952) ou a sexualidade (1956) a partir de *níveis* de motivações, *experimentalmente induzidas* em termos de *medição projectiva* ou determinando a *relação* entre as *projecções simbólicas e as manifestações da sexualidade* e seus correlatos meramente pontuais. Haveria a considerar além disso que *papel* desempenha o *lugar* e *as extremidades do desenho na medição da projecção nos motivos de realização.* Também foi possível construir um *esquema projectivo*, como o de Campbell (1956), para *ajuizar de características* comportamentais *a partir de fotografias.* E dum modo geral há que ter em conta a vastidão das *aplicações clínicas das técnicas projectivas*, já mais ou menos possível de determinação em 1958, em trabalho realizado por Hammer.

Interessante é a perspectiva de assimilação, glosada por diversos autores de formas variadas. Por um lado *a projecção assimilativa* entra em confronto com a predição numa modalidade específica, constituída pelas percepções em situação interpessoal (Lundy, 1956). Mintz (1956), por seu lado, fornece *um exemplo* (para ele paradigmático) *de percepção assimilativa.* Um outro exemplo, aplicativo a uma situação particular que é a *mudança de atitude*, realizado por Lundy ainda (1957), tenta comparar senão confrontar a complexidade cognitiva — demasiado complexa, a cognitividade em moda, senão equívoca — *e a projecção assimilativa.* Um pouco na mesma linha situa-se Shipley (1952) com a *necessidade de aplicação*, tão discutível como perspectiva e como conceito, captável por uma *medição projectiva.*

As referências claras a teorias psicológicas características são poucas. Compreensívelmente, a grande maioria das análises pegam no sentido banalisado de projecção tal qual foi proposto por Freud e repetido escolasticamente pelos freudianos, confessos ou

simples seguidores. Claramente, encontramos uma referência à *teoria behaviorista*, e aos seus contributos para os testes projectivos (Auld, 1954). Indirectamente, *através da percepção defensiva*, encontramos na pena de Eriksen (1957) algo em relação com os testes projectivos. Directamente, em relação a Freud, encontramos nesta década Forer (1956) a mostrar as relações entre *a teoria psiconalítica e os métodos projectivos* assim como Bellak (1956) a postular uma relação directa e insubstituível, uma quase dependência entre *Freud e as técnicas projectivas*.

Duma forma geral, são pouco frequentes os temas de fundo ou os temas especificamente pessoais em que os aspectos, as dimensões ou as actividades da personalidade sejam contemplados. Alguns exemplos dos temas tratados, ainda que isoladamente. Antes de tudo, os aspectos estéticos, tão pouco tratados em psicologia, foram analisados numa primeira vez em 1954 por Segy em *apreciação artística e projecção*. Talvez pela mesma razão é que a personalidade, enquanto tal, tão poucas vezes é objecto específico de análise ou de aplicação. Alguns exemplos raros aparecem nesta década. Directamente claro, antes de tudo, Van Lennep (1957) assume frontalmente a problemática, a partir das suas observações e da sua reflexão sobre a perspectiva da expressão: *projecção e personalidade*. Na mesma direcção, embora não no mesmo contexto, aparece Rothney (1953) a falar dos testes *projectivos de personalidade* para mostrar o seu *desenvolvimento e aplicações*. Fica um pouco mais no geral como toda uma outra série de trabalhos, os quais só indirectamente podem ser considerados como apontando para a personalidade. Realçar alguns vale a pena. Se testes projectivos forem, mais ou menos especificamente testes de personalidade, pensar os *métodos projectivos* nas suas *relações recíprocas* em geral como o fez Morali-Daninos (1952) ou então, para ver o que dá, tentar avaliar os *métodos projectivos*, dado que sejam específicos ou para os pôr à prova, a partir de *critérios psicométricos* (Rosenzweig, 1956). Apesar disso torna-se necessário não esquecer, como o sugere Heimann (1959), o que é possível ainda e muito mais o será, avaliar as *técnicas projectivas* a partir de novos atrevimentos no que diz respeito ao *desenvolvimento*, para aprofundar e no que diz

respeito às aplicações, para diversificar e problematizar. Torna-se cada vez mais claro que a proposta de Zucker (1952) vale a pena ser tida em conta já que não é apenas a *projecção* em termos de *investigação experimental*. Um dos correlatos mais ricos se não fundamentais não merece ainda o interesse que a sua importância técnico-científica impõe. Realça-o Byers (1954) duma forma bem clara: há uma *relação* a estabelecer entre as *respostas aos testes projectivos* e os membros de grupos subculturais. Mais restritamente, Masling (1960) tenta mostrar a *influência* que podem ter nos *testes projectivos* as *variáveis situacionais e interpessoais*. Problema de fundo, insuficientemente debatido, parcialmente formulado para um dos extremos é este: Até que medida é uma simples questão de actividade perceptiva ou algo mais? O problema foi levantado e equacionado um pouco ambiguamente por Eriksen (1957) os *testes projectivos* e a *percepção defensiva*. Mais claramente, McFerland (1954) tenta mostrar a *consistência perceptiva no Rorschach e os testes projectivos semelhantes*.

Os problemas, dificilmente equacionáveis, continuam a interessar. Duas amostras, desta década. Por 1953, Lazarus volta à *ambiguidade* ou não nos *testes projectivos* e Murstein (1959) propõe novo *modelo conceptual*, para ver se salva a riqueza da prática ou das *técnicas projectivas aplicadas*, ao passo que Chase, ao fechar da década escreve uma simples *nota sobre a projecção*, isto é, será que só em *psicologia concreta* é que podem interessar as *técnicas projectivas*? (Kramer, 1960).

Desloca-se o problema: o que é a psicologia concreta?

Na década 60-70 aparece pela primeira vez o interesse sobre a perspectiva transcultural. Como já frisei noutro passo, importa ter em conta a relevância destas pesquisas. Não é a novidade que lhe atribui validade mas a importância fundamental para uma psicologia verdadeiramente psicológica, na medida em que a constância da actividade acontece na variância das culturas. Lindzey preocupou-se em reflectir sobre a *pesquisa transcultural* a partir das técnicas projectivas (1961)

Compreende-se este pouco interesse pois é relativo ao mesmo pouco interesse sobre a personalidade como globalidade, reduzindo a sua análise às formas de análise dos organismos. Dois

exemplos apenas, se compararmos com o grande número das perspectivações adentro da teoria freudiana. Ainda é Murstein que se ergue para falar no background, no estímulo e nas variáveis da personalidade em evidência ou não, na *projecção da hostilidade*. Já mais vagamente na reflexão de Sherwood (1966) a *auto-imagem* (self-report) e *a avaliação do "achievment" e da afiliação*.

Ainda algo de muito interessante embora ainda sem o relevo que, indiscutivelmente, merece teríamos dois outros temas: a *dinâmica das relações interpessoais*, mais ou menos vagamente consideradas embora numa situação concreta da *passação num teste projectivo* (Wernett, 1963) e, por outro lado, Maussner (1961) e a análise dos *efeitos situacionais num teste projectivo*.

Terá ainda relação, talvez muito parcial apenas, a temática da projecção dos grupos (Anzieu, 1963). Pesa ainda um pouco, pesará mais ou menos sempre, como por exemplo na reflexão de Kohlmann (1961) o problema:em que medida o *teste de Rorschach* pode ou não ser uma *possibilidade de projecção do psicopático*. Também se encontra sub-jacente em Corman (1963), com os famosos *mecanismos de defesa do eu*. Será possessivo ou será determinativo, é a pergunta constante, porque é claramente equívoca a fórmula de origem mais ou menos patológica, mecanismos do eu *nos testes projectivos*.

Torna-se necessário apontar para a técnica. Mas, antes disso, é vantajoso realçar o facto de muita ambiguidade e bastante equivocidade provirem das teorias, quase sempre absolutizantes de dados reais como inegavelmente parciais. Assim, Meigniez (1962) aponta para a *fenomenologia*, para dela extrair algumas reflexões a propósito dos *testes projectivos*. Como não podia deixar de ser, dada a sua divulgação, graças à sua equivocidade, *a teoria da dissonância* foi aproveitada por Brammel (1962) para melhor compreender a *projecção defensiva*. Esta mesma projecção serve ao mesmo autor para seleccionar um *alvo* que permita ao sujeito *defender-se*. Ainda porque segundo Edlow (1966) há *facilidade* em se servir da *projecção*, para *negar, defendendo-se* ou defender-se negando. A perspectiva cognitiva ainda serve a Singer para reflectir sobre a *projecção racionalizada*.

Como se poderia esperar, a teoria freudiana leva a melhor neste contexto. Blumberg (1965) propõe a *atribuição de características*, uma das projecções de que se fala, como um instrumento capaz de a levar a bom termo *em estudo da projecção freudiana*. Do mesmo modo Jeffe (1968) utiliza os mecanismos do inconsciente de que faz parte a *projecção* para enfatizar o seu *papel bi-polar* em tema tão vago ou igual como *as relações de objectos*. Tinha que aparecer, uma vez mais, o tema *da identificação e da projecção*. Adentro do tradicional freudiano, tem particular valor no *processo terapêutico* (Malin, 1966). E Novick (1969) brinca com outro mecanismo, a *externalização*, em relação íntima com a *projecção*. Como o *conceito freudiano de projecção* é de enriquecimentos sucessivos, tentam por isso *delimitar* o seu espaço. Anzieu (1963) prefere aumentar o alcance da *defesa e ilustração da psicologia projectiva*.

Dum modo particular, Morali-Daninos (1962) analisa os *métodos projectivos* a partir do seu primeiro grande promotor que foi Rorschach. A teoria behaviorista aparece pela pena de Holmes (1961) para mostrar, indirectamente, que *projecção* pode corresponder a um simples acontecer de *estereótipos ou de estímulos*. Estímulos que aparecem num trabalho de Weirskopf-Joelson (1970) a mostrar a sua influência, a qual resulta, seguramente, da *semelhança entre o sujeito e os mesmos*.

De entre as aplicações haveria a realçar algumas, particularmente significativas. Começando pela *selecção e orientação profissional*, evidenciaria Schlegel a apontar para um dos grandes domínios do *emprego dos testes projectivos* e passando por uma particularidade da utilização do Rorschach e do T.A.T. que é afirmada porque praticada por Ponfort e diz respeito *aos exames dos detidos*, embora com uma forma específica de grande interesse que é o da *projecção-écran*.

Duma forma geral, Bejarano (1963) mostra abundantemente uma forma promissora de aplicação dos *testes de projecção*, desvinculando-os do patológico e orientando-os para dar realce, grandemente proveitoso para todos e cada um, à *vocação*, fundamentalmente, humana e secundariamente profissional. Quer a vocação humana quer a actividade profissional podem ser prece-

didas por uma *formação*, para a qual, contribuirá poderosamente uma rigorosa perspectiva psicológica como o mostra Katz (1963) ao relacioná-la com a projecção. Por seu lado, Pruschi (1963) tece *considerações desencontradas* sobre o tema da *clínica e testes projectivos*. O tema da *hostilidade*, enquanto conteúdo de *projecção*, interessou Kiesler (1963) ao procurar, em aproximação curiosa, os efeitos *da semelhança e do Guilt*. Pegando nas diferenças sexuais com o objectivo de as analisar em certa profundidade, Murstein (1966) mostra a influência exercida pela *ambiguidade, a hostilidade e a projecção*. Arrancando apenas da *ambiguidade*, Epstein (1966) tece *algumas considerações técnicas* sobre a sua natureza assim como particularmente o *uso das particularidades dos estímulos nas técnicas projectivas*.

Vindo às pesquisas de índole mais teórica, encontramos ainda Murstein (1963,4) a realçar a conjugação de sempre, entre a *teoria e a investigação* em *técnicas projectivas*, em sentido ou em contra-sentido do *nível de assunção* em decisão e iniciativa e de *adaptação*. O que é projectado é uma característica própria, diferente ou complementar, encontrando-se ou não o sujeito, consciente disso, é o que se pergunta Holmes (1968) no tema geral *dimensões da projecção*. Em termos gerais ainda, Muchielli interroga-se já em 1963, sobre a *noção de projecção*. No trabalho *réplicas e crítica* trata-se dum debate de grande interesse pois se Wells (1964) é o autor, Sears no seu *estudo sobre a projecção* é o visado.

Para finalizar, duas reflexões sobre técnicas propriamente ditas: Beizmann (1969) tenta, a partir duma *prova gráfica*, determinar operacionalmente o *valor de diagnóstico da projecção*. Num outro tom e noutro domínio, mais concreto e específico, Nathan (1963) *pratica uma sondagem*, curiosamente servindo-se *dum teste projectivo*, o T.A.T. para se questionar sobre o significado, a incidência pedagógica, negativa, real e positiva, possível no toca à culpabilidade escolar. Depois da década de 70 os trabalhos multiplicam-se consideravelmente e as linhas programáticas avolumaram-se, engrossando numa repetitividade teórica sem grande interesse e numa multiplicação de cálculos que podem valer no caso duma reflexão de estilo renovado e renovador

que projecte o sentido da investigação para novos horizontes. Doutro modo, não passam de cálculos, sem operacionalidade.

A perspectiva freudiana continua a ser a referência maior como o mostra Halpern (1977) ao afirmar a *projecção como um teste da hipótese psiconalítica*. Em 1971, Holmes volta e insiste na *função defensiva da projecção*, fazendo disso a grande certeza, ao menos no que respeita ao mecanismo do inconsciente. Continua, no entanto, a ser o grande problema.

E isso apesar do que Juni (1979) procura afirmar na sua reflexão, verdadeira tentativa de apelo à ortodoxia. *Fundamentos teóricos da projecção como mecanismo de defesa*. Apontaria uma excepção, em que joga a diferença cultural provavelmente. Trata-se de Kim-chi Nguyen (1979) com o seu novo *modo de analisar a personalidade, recorrendo a uma situação de teste projectivo*.

Talvez uma outra excepção, e esta mais honrosa e/ou significativa ainda, até porque se trata de alguém adentro da nossa cultura, W. Sears: a partir de alguns *exemplos* com carácter tecno-científico, realiza um *estudo comparativo* dos *conteúdos motivacionais* nas técnicas *projectivas* e em *afirmações directas de primeira pessoa*.

Nada se encontra aqui que possa servir para tomar posição pro ou contra a validade ou a valiosidade desta prática com as técnicas projectivas. Seria de concluir com Depuydt-Berte: "la multiplicité des clés d'interprétation... apparait comme un signe de la richesse potentielle de l'instrument plutôt que comme un signe de sa faiblesse". (1969, 419-20). O mesmo diria, ainda que duma outra forma, o próprio autor do T. A. T., ao qual se refere Depuydt-Berte. E diz assim, no seu manual (1943, 6) "the future of the TAT hangs on the possibility of perfecting the interpreter (psychology's forgotten instrument) more than it does on perfecting the material".

Técnicos a servir-se (mesmo no sentido pejorativo) de técnicas, apenas enquanto técnicas sem ter em conta a sua base científica, sempre aprofundável, contribuem para a desconsideração da ciência subjacente e do serviço a que os humanos têm direito.

VI — DE NOVO, PROJECÇÃO

Encontramo-nos em presença duma espécie de paradoxo, um paradoxo deveras curioso senão de muito "mau prognóstico" no que diz respeito às técnicas ou métodos ou testes projectivos. É assim que o formula Murray (1951): "If projection means everything it means nothing". No entanto, dois grupos podem ser caracterizados. Para uns o seu valor tecnico-científico é fortemente contestável e efectivamente muito contestado. A tal ponto que nos podemos interrogar: haverá qualquer interesse, qualquer valor operacional nas conclusões obtidas a partir dos resultados conseguidos com estas técnicas? Para outros, no entanto, a sua operacionalidade é inegável, o seu estatuto prático é elevado, a aceitação da parte de técnicos diferentes e o seu emprego é de todos os momentos para todas as situações. Principalmente, para além da patologia: na observação "da dinâmica das relações interpessoais do decurso da passação dum teste projectivo", na prática da "orientação vocacional" e na de "selecção e/ou orientação profissional", senão mesmo até na "selecção de educadores"[61]. Por nosso lado, recentemente podemos apresentar alguns títulos: na observação "da angústia, enquanto conceito operatório", na detecção da "actividade perceptiva e da actividade fantasmática", como forma de analisar "a representação de si e a relação de objecto", ou de definir o famoso "conflito adolescente" ou a não menos famosa "dimensão narcísica"[62]. O recurso a estes métodos é tão frequente que se pode afirmar serem as técnicas projectivas as mais empregues desde há quase meio século por toda a espécie

---

[61] *Bulletin de Psychologie*, 1963, 17, 225: 84-90, 94-7, 98-102, 115-25, 148-54.

[62] *Análise psicológica*, 1983, 4ª série, 1: 5-16, 17-22, 31-40, 41-54, 71-88.

de "clínicos"[63].

Em que ficamos? As técnicas projectivas são mesmo válidas em si mesmas e valiosas para os objectivos que nos propomos, em especial para a análise da personalidade como estrutura dinâmica em estruturação constante de níveis de actividade, aspectos e dimensões ou pelo contrário, trata-se de instrumentos pouco fiáveis sem qualquer relação com as ciências psicológicas e, portanto, a rejeitar definitivamente? Se se trata mesmo dum dilema com sentido ou se se trata dum paradoxo, quer seja devido às técnicas projectivas quer seja devido aos técnicos que delas se servem, em ambos os casos seria de nos perguntarmos: onde poderá encontrar-se a origem deste dilema ou a razão deste paradoxo? A partir da resposta a tal pergunta estaríamos aptos a formular o problema duma forma mais adequada se não radical.

Hipótese: é a linguagem de que nos servimos para lançar os resultados das nossas observações que se mostra demasiado restrita, claramente limitada, abusivamente redutora e reducionista, numa só palavra, pouco ou nada psicológica, seja, pouco ou nada adequada à especificidade das ciências psicológicas, pouco ou nada adequada à inventariação das realidades vivenciais ou referência para a observação, pouco ou nada adequada enquanto forma de se expressar ou de expressar as vivências próprias, do dia-a-dia. Com efeito, trata-se duma linguagem insuficientemente aberta ou demasiado fechada aos dados colhidos na observação directa das vivências pessoais e interpessoais e, principalmente, insuficientemente aberta ou demasiado fechada aos dados passíveis de ser colhidos numa ou por uma observação mais fina ou minuciosa e principalmente, específica. Se a isto juntarmos, como agravante ou como factor negativo, os pressupostos teóricos, claramente reducionistas que se encontram presentes no vocábulo projecção, fácil se torna verificar as limitações senão negações do valor operacional das técnicas

63 Não é difícil encontrar uma clínica ou um consultório de certo grupo de técnicos, para além dos próprios médicos, em que se apresentam as estampas de Rorschach, por inteiro ou em formas abreviadas ou retocadas ou as estampas de Murray ou, sobretudo, as de Bellak e outras de menor gabarito que estas ou delas derivadas.

projectivas, do seu interesse experimental. Em contrapartida, a descoberta da validade e da instrumentalidade dessas técnicas e a sua afirmação dependem duma purificação que vai ser uma restituição do conteúdo etimológico do vocábulo: *projecção*.

Há que re-descobrir as "intuições" iniciais ou originantes de um Jung (1904), Libb (1908), Rorschach (1921), Goodenough (1932), Murray (1935), bem sintetizadas por L. Frank, como acima ficou evidenciado, em termos de imaginação, fantasia, criatividade da personalidade e, por isso, em abertura ao aspecto futuro ou teleológico, característico dessas potencialidades, para afirmar a validade e a operacionalidade dessas técnicas, no sentido de captar tecnico-cientificamente os dados observacionais, principalmente os diferentes, os inéditos e tantos são na análise *da* e de *cada* personalidade.

A hipótese que vou tentar desenvolver, com vistas principalmente à prática, consiste em duas perspectivações da projecção, em contraste, pela negativa e pela positiva. Singelamente, seria de hipotetizar: as técnicas projectivas não definem a personalidade mas são chamadas a esclarecer a personalização[64]. Não descrevem a personalidade mas são chamadas a evidenciar a

64 Convém uma clara distinção entre a *definição tradicional*, meramente lógica ou dicotómica, por somatório do género próximo e da diferença específica última, tipo animal+racional ou os seus sucedâneos, animal+político ou social, ou o mais moderno animal+simbolizante ou a outra meramente metafísica de corpo+alma, matéria+espírito, substância extensa+substância pensante e os seus sucedâneos mais ou menos sociologizantes indivíduo e sociedade, id ou isso (base cromossomática) e super-ego ou super-eu (base societal) prolongada em numerosos atavismos culturais dentro das ciências bio-fisiológicas e bio-sociais, no prolongamento duma psicologia do passado que nunca foi ciência psicológica, pela sua perspectivação de nítida estaticidade metafisicizante; e a *perspectiva genética*, por vezes confundida com a psicologia dos genes por outros dita evolutiva, de conotações negativas, quer pelo lado da hipótese da evolução com a sua outra face da involução, até aplicada aos organismos sociais, tipo império, quer pelo lado da hipótese do passado, de degenerescência, de decadência e, por isso, mais correctamente dita *psicologia do desenvolvimento*, quer quantitativo quer qualitativo em clara distinção do crescimento, perspectiva meramente biológica de multiplicação celular em cumprimento relativo do programa genético e não menos clara distinção de socialização ou encaixe em estruturas/instituições societais pre-estabelecidas e tidas por quase imutáveis.

expressividade[65]; principalmente não mostram as "mazelas" da personalidade quando acontecem mas são chamadas a fornecer elementos para a sua superação[66] ainda e principalmente não focam apenas conteúdos passados, mais ou menos patogénicos/patológicos, antes são chamados a desvendar/sugerir possibilidades futuras de maior ou menor libertação/autonomia[67].

---

65 Convém esclarecer o valor relativo da *perspectiva estatico-descritiva* ou de análise dos diversos tipos de actividades, dos diversos aspectos e das dimensões ou potencialidades já determinadas e das que falta ainda determinar como é patente na comparação com os computadores ou as investigações sobre a "inteligência artificial" e que já tive oportunidade de equacionar, nas suas linhas gerais em "Informática e psicologia (Lisboa, 1971)*e a perspectiva dinâmico-estruturante*, por tentar analisar "o mundo pessoal" enquanto dinamismo constante ou actividades diversificadas perante a variabilidade do "mundo objectivo e social" a partir dessa riqueza inesgotável que é o "mundo potencial", próximo do id mas sem as suas características de exclusividade e muito menos de insondabilidade ou imprescrutabilidade mas sim e só como um dos componentes dinâmicos em estruturação constante e daí a sua característica de base, de inesgotável em termos de expressão ou seja, de expressividade ou conjunto de expressões diversas e diversificadas.

66 Convém uma clara distinção entre *o diagnóstico* por e para identificação da "doença", em si ou na sua causa, adentro duma perspectiva psiquiátrica em termos de raciocínio fisico-matemático de antecedente-consequente, de causa-efeito claramente presente no esquema S-R e mesmo S-O-R: toda a reacção se explica pelo estímulo e todo e estímulo dá origem a uma reacção e só essa; e o *prognóstico* que não se preocupa tanto com a destruturação, embora lhe interesse em termos de análise, nem com a despersonalização, embora possa fornecer informações sobre ela, nem ainda com os recalcamentos de algo que se ignora ou seja o id, mas se preocupa preferencialmente com as possibilidades de re-estruturação, de re-personalização ou com o desenvolvimento num sentido de criatividade, de re-criação duma estrutura própria, constantemente, na variedade e variabilidade das circunstâncias, objectais e pessoais.

67 Convém esclarecer o *valor relativo do passado*, enquanto patológico/patogénico, numa perspectivação meramente etiológica de causalidade fisicista, da ideia tradicional das marcas mais ou menos traduzidas em traços bio-físicos ou bio-químicos - toda a psicologia dos traços do século XIX - ou estoutra ideia tradicional dos hábitos, perspectiva moralizante dos bons hábitos contra as más tendências, para as dominar - auto-controle e auto-domínio, tudo isto pseudo-cientificamente confirmado pela teorização reflexológica à Pavlov ou à Watson e seus diversíssimos derivados-prolongamentos da psicologia animal do passado, nem mais nem menos que fisiologia, em super-valoração da adaptação; *e o passado* sem o qual nada haveria, aquele passado que constitui a nossa história pessoal, a

Em síntese: as técnicas projectivas, pelas propriedades da sua construção e da sua estrutura, permitem prestar um serviço específico e insubstituível às pessoas na comunidade; levam a realçar a originalidade do caminhar da personalidade ou a possibilidade de desenvolvimento constante de cada personalidade; evidenciam a especificidade relacional desse mesmo caminhar e desse mesmo desenvolvimento, numa só palavra, a originalidade específica *da* e de *cada* personalidade. Na comunidade.

Com a particularidade de *a* personalidade acontecer enquanto *cada* personalidade, num espaço-tempo de significações, variáveis e variadas a serem analisadas, em serviço e por serviço, para o *projecto* que se factualiza ou *projecção*.

A projecção é expressão concreta de cada personalidade, a ser analisada sempre que tal se proporcione ou se procure. Até porque só se pode compreender enquanto actividade expressiva, consequentemente expressão significativa e/ou significação expressiva, num espaço-tempo durável e variável, por isso, espacialização e temporalização. Trata-se de compreender a personalidade *não apenas* pelos antecedentes, por realce exclusivo dum passado que se repete, para alguns "compulsivamente", apenas porque passado, apenas porque aconteceu. Não apenas pelo passado, nem principalmente. *Sim*, principalmente, embora *não exclusivamente*, pelo objectivo, pelo futuro, pelo que é possível criar, re-criando, ou re-criar-criando em termos de expressividade significativa.

Se fosse lícito, por um lado, vantajoso, pelo outro — penso que o será pelos dois — partiria desta perspectivação para reflectir, sobre alguns modelos tradicionais da mesma projecção no

---

construção que fomos fazendo, conforme nos foi possível ou proporcionado, sempre em iniciativa, sempre em termos de aprendizagem, isto é, de tirar proveito do que se vai vivendo ou da famosa "experiência" que só o será na medida em que for fecundada pela reflexão, pelo equacionamento dos dados, quer o resultado da acção tenha sido um sucesso quer tenha sido um insucesso, pois antes de tudo e acima de tudo são fontes de informação para novas iniciativas.Com efeito, esta iniciativa é a base de toda a construção da autonomia a qual na conjugação com a heteronomia e a reflexão é a base radical de qualquer libertação.

sentido de falsificar esta hipótese.

Para conseguir determinar o conteúdo do vocábulo *projecção* que se encontra subjacente às técnicas ditas projectivas, Abt (1967, 57) na sua reflexão produz uma afirmação que merece uma atenção particular: "a psicologia projectiva apoia-se numa base de conceitos bastante firmes, de ampla generalidade e importância teórica e de considerável aplicação". Esta última característica é, indubitavelmente, um facto. É essa demasia da aplicação que leva a afirmar a equivocidade do conceito de projecção a que se refere Murray. Com efeito, a sua demasiada extensão retira todo o interesse ao mesmo —"ampla generalidade" — por nada oferecer de específico, nada de interessante para uma observação adequada à realidade que se procura observar. Tal equivocidade, teórica e aplicada, leva autores como Anzieu, por um lado, e Cattel, pelo outro, a achar que se trata duma quase ilusão falar, pensar ou aplicar a projecção.

Assim, Cattel (1955, 77), depois de verificar o facto incontestável de que "as técnicas projectivas tiveram uma tão larga difusão num tão curto lapso de tempo" acrescenta que tal facto, até porque é incontestável, "não deveria esconder uma verdade salutar: o seu estudo científico permanece num balbuceio dos mais elementares". Menor não é a impressão de Anzieu (1966, 246) pois que o leva a afirmar que "os praticantes destes testes ao ser tocados pelo sentimento da insuficiência dos seus instrumentos" escolhem um remédio que é claramente pior que o próprio mal. Deixando de lado a crítica severa de Eysenck[68], seria de referir a reflexão crítica de Anderson (1955, 23) a qual vai no sentido de fazer notar que as técnicas projectivas adquiriram ultimamente significados tão largos ou vastos que parecem

---

[68] H.J. Eysenck, *La validité des techniques projectives*, Symposium de l'Ass. intern. de Psychol. appl., *Rev. Psychol. Appl.*, 1955,5,4: Apela para uma anedota literária: "sob muitos aspectos, a validação das técnicas projectivas faz pensar na história famosa de Tartarin de Tarascon". (p.231) Por outro lado afirma, em jeito de comparação histórica, que as técnicas projectivas apresentam "uma desagradável semelhança com o termo "santo império romano". Nem era propriamente um império nem inteiramente romano e estava longe de ser santo". *The scientific Study of Personality*, London, 1952, p.39.

simplesmente indiferenciados. E isso faz com que "os testes projectivos já não são propriamente testes de projecção mas testes de mecanismos mentais ou de processos dinâmicos da personalidade, adentro dos quais se pode incluir a projecção". A ambiguidade desta reflexão é extremamente curiosa. E útil para a problematização do emprego do vocábulo e subsequente revisão do conteúdo do mesmo. Justifica-se a pergunta radical: vale a pena conservá-lo? Para quê? Tenhamos presentes as reflexões a que chegam M. Mayman, R. Schaffer e D. Rapaport (1955, 1952) demonstrando a possibilidade de uma "interpretação da W.I.S.C. como avaliação da personalidade". Com Hanfman (1952, 345) insistem em que basta o próprio psicólogo operar "a mudança do material obtido em material projectivo", ou seja, basta olhar os resultados como manifestações de ou da personalidade e não como desvios em relações a uma média. No mesmo sentido ainda abona J.E.Bell (1948) e Komer (1965), mostrando que qualquer material pode ser visto como amorfo consequentemente a ser estruturado activamente e espontaneamente.

Uma questão singela: o que se encontrará subjacente a esta hipótese extrema de tudo poder ser projecção? Será apenas a ambiguidade das técnicas projectivas? Ou, principalmente, a equivocidade de alguns "praticantes"? Talvez mesmo de bastantes práticas. Importaria ainda perguntarmo-nos: não será também uma certa prática de aplicação das técnicas de nível, fazendo jogar apenas os resultados quantificados e comparáveis estatisticamente que desvaloriza a prática psicológica? Qualquer matemático ou físico se pode julgar apto a trabalhar os dados e a fazer "psicologia". Para além de jogar com os dados quantificados, tantas vezes nem isso acontece, pois se suprime pura e simplesmente a comparação estatística com o grupo padrão, dando exclusividade aos resultados directos, obtidos por alguém, os quais em si mesmo nada dizem porque nada podem dizer.

Em suma, uma problemática de fundo: insuficiente fundamentação ou deficiente clarificação dos fundamentos quer das técnicas de nível, quer das técnicas de personalidade. E para quê? Se "psicologia cada um tem a sua", como cada cristal tem a sua cristalografia! Ou por outra fórmula: "a psicologia existe,

desde que existe o homem", como se a astronomia existisse desde que existem os astros!

A uma fundamentação científica, rigorosa, a uma renovação constante da prática psicológica, em consonância com o avanço da própria investigação, é que se torna prioritário dar atenção numa Faculdade. Não parece ser uma competência técnica simples ou competição laboral directa com os "comerciantes" dos exames psicológicos que se pode conseguir uma mais adequada e rigorosa análise da personalidade. Mas antes e só uma sólida competência para a observação científica é que deve constituir a tarefa prioritária, porque específica, específica porque epistemologicamente válida numa Faculdade de Psicologia.

Recuando quase um século, deparamos com esta formulação curiosa: "A crença na existência do mundo exterior está baseada numa expectativa, é uma projecção de causalidade, ao passo que a vida psicológica n'outrem é ainda um objecto de crença, é uma projecção de paralelismo"[69]. Revela-se uma posição bastante curiosa tendo em conta que se trata duma concepção ou acepção do vocábulo, contemporânea dos primeiros conteúdos realçados por Freud. Quase pela mesma ocasião, embora numa formulação um pouco posterior e tendo mais em conta a perspectiva e os objectivos do que propriamente o vocábulo, poderíamos ver na escala de Binet-Simon (1905) algo que se aproxima bastante, no ponto de vista do material, de várias técnicas recentes. Refiro-me à prova das três gravuras: "a mudança", "o pai e o filho" e "o homem enclausurado".

Para além do significado meramente físico em que a projecção diz respeito à refracção da luz ou em perspectiva de química enquanto transmissão do influxo e adentro da biofisiologia em que projecção aparece como recepção cortical das mensagens

---

69 Aars Birch-Reichenwald, *Zur psychologischen Analyse der Welt Projektions Philosophie*, Leipzig, 1900. O autor propõe-se estudar os enigmas da alma, quer dizer, os problemas psicológicos relativos à existência do mundo exterior, à dos outros homens, àquilo que apelida de noções de projecção, noções de nada e de existência objectiva que ultrapassam os limites da alma. É confusão persistente entre psicologia e gnoseologia e entre psicologia experimental e a antropologia metafisica.

sensoriais e mesmo enquanto fenómeno psíquico — perspectiva gnoseológica — ou o reconhecimento do real, haveria o significado especificamente psicológico que é polivalente. Deste modo se pode compreender a legitimidade da conclusão de Cattel (1955, 71): perante esta diversidade de perspectivas, se houver vantagem em realizar algo com interesse e capaz de validação, nesse caminho, "a primeira etapa positiva consiste em reconhecer que o vocábulo *projectivo* constitui um erro sério de designação".

Aceita-se, razoavelmente, que não seja apenas por atitudes de humor despeitado nem por crítica sobranceira mas por baralhação perante a considerável variedade de concepções acerca da projecção que se deram ao trabalho de ordenar e catalogar, que Murstein e Pryer (1959, 353) afirmem e mostrem com a segurança dos dados informativos: "sem a menor sombra de dúvida, este conceito teve mais interpretações que o sorriso de Mona Lisa". Isso mesmo leva o próprio Murray (1955, 2) a escrever com uma força assaz significativa, numa espécie de convite à reflexão: "se o vocábulo projecção significa todas as coisas que se querem, já não significa nada".

Para uma panorâmica quase exaustiva, por volta de 1960, temos a investigação-inventário de Murstein e Pryer (1959). Aí, os autores excluem os conteúdos vincados por Bellak (1967 e 1954, 1956), Murray (1938), Van Lennep (1955,1957), Rapaport (1942, 1952), Schachtel (1950) e Cossa (1957). E mesmo assim ainda encontram quatro grandes grupos de conteúdos para o vocábulo projecção, para além duma miscelânea em que o conceito aparece pouco claramente empregue ou na diversidade maior ou menor das suas acepções. Aqui se poderiam englobar as manifestações anteriores a Freud e que continuam paralelas à divulgação do conteúdo freudiano, as quais se situam nas teorias mais ou menos gnoseológicas do associacionismo e da guestalteoria.

Desta quase oposição histórica, destacam-se manifestações que podem representar algo com interesse para a reflexão, hoje, por virtude de se prolongarem em modelos socio-culturais, tantas vezes estereotipias tenazes, vários, variados e igualmente perniciosos. Trata-se de algo a ter sempre em conta para compreender convenientemente as atitudes dos ou de certos praticantes assim

como dos ou de certos utentes. Particularmente, interessa compreender e situar no seu devido tópico aqueles, utentes ou não, praticantes ou não que adoptam uma condenação global tanto mais inadequada ou radical quanto mais alheia a uma informação mínima, para se ser honesto a condenar. Com efeito, o que aparece ao de cima é sempre a mesma e infundamentada relação-oposição, relação-confusão entre percepção e projecção e a confusão entre percepção e sensação.

Se, para a teoria associacionista, a projecção serve para colmatar as lacunas que acontecem entre os elementos sensíveis, os quais se apresentam como uma espécie de mosaico, para a teoria da forma encontramos uma relação algo complexa e, por vezes, arbitrária entre a memória e a projecção. Esta, com efeito, ao "projectar" as lembranças na actualidade já pressupõe uma certa organização perceptiva (Sami Ali, 1970, 235). Seria de trazer para aqui, por se encontrar nas proximidades, sob vários pontos de vista, a concepção "realista" de M. Klein (1948), em renovação curiosa da perspectiva associacionista da projecção das lembranças, tomando como semelhantes imagem e percepção. Verifica-se neste modo de pensar um esquecimento bastante grave sob o ponto de vista da mais moderna perspectiva em torno da imagem: esta, com efeito, precede a elaboração perceptiva. E a elaboração perceptiva pode deixar de lado elementos quer da imagem, quer da mensagem sensorial, quer das duas. Por outro lado, como veremos mais em pormenor, a concepção "dinamista" de Bellak aproxima-se da tese guestáltica, pois embora a percepção possa parecer que deforma a realidade sensível é nessa mesma realidade que ela se apoia.

Por outro lado, seria de falar, ainda que brevemente, da tão celebrada empatia (intropatia: *einfühlung*) particularmente na formulação de Lips, com as achegas de fundo de Max Scheller: em contacto com os gestos e movimentos dos outros, desenvolve-se em nós a experiência subjectiva que os acompanha e, ao projectar esta, no gesto observado, acontece a empatia: "nós podemos pensar do mesmo modo os nossos pensamentos e os dos outros,

experienciar os nossos sentimentos como os dos outros.[70] Verdadeiramente não se trata dos movimentos físicos, dos gestos ou outros. Só se pode tratar dos movimentos enquanto expressivos, enquanto dizem algo acerca de alguém. Murray diria que o homem só pode verdadeiramente compreender o que ele próprio experienciou e daí poder encontrar-se magnificamente situado para compreender aquelas reacções que se assemelham às suas (R. Pagés, 1963).

Vindo ao mais actual, durante e após Freud, haveria a referenciar com Murstein e Pryer, o sentido *clássico* de projecção: "atribuição de características desfavoráveis aos outros e raramente favoráveis". Trata-se dum sentido frequente e frequentemente empregue, até no dia-a-dia e em muitos técnicos: Rokeach (1945), Calvin e Holzmann (1953), Zucker (1952), Zimmer (1955), Norman e Ainsworth (1954), Norman e Leiding (1956), Murstein (1956 e 1957). A projecção *atributiva*, por seu lado, segundo o próprio qualificativo, consiste "em atribuir os sentimentos próprios, motivações e comportamentos a outras pessoas". Trata-se da acepção mais vulgarizada adentro dos manuais de psicologia e mesmo na vida corrente. Assim se exprime Weiss (1947): "projecção refere-se a qualquer espécie de exteriorização, particularmente naquele processo em que ideias, impulsos ou qualidades, pertencentes a alguém são atribuídos a outrem". Muita gente a adopta. Muitos autores a analisaram: Wallen (1941), Goldings (1954), Mintz (1956), Halpern (1955), Fiedler (1951,2,3), Lundy (1956), Weingarten (1949), Friedman (1955), Hastorf, Bender e Weintraub (1955), Bieri (1955). O próprio Freud, em *Totem e tabu*.

---

[70] Max Scheller, *Nature et formes de la sympathie. Contribution à l'étude des lois de la vie affective*, p.357, Paris, ^{2}1971. Wolf diz que interculturalmente a semelhança se encontra acima do acaso. Mas Stoetzel mostra que é de puro acaso. Uma experiência já antiga, a de Landis (The interpretation of facial expression in emotion, *J. Genet. Psychol.* 1929,2:59-72) que consistia em submeter os sujeitos a situações emocionais bem reais, as surpresas foram surpreendentes. Exemplos: um sujeito a cortar a cabeça a um rato vivo com uma faca romba: 47% dos observadores ao classificarem, apenas a expressão da face, identificaram-na com a alegria. A face dum sujeito metendo a mão num vaso com uma rã viva: 38% dos observadores classificaram a expressão como sentimento maternal. *La Psychologie sociale*, Paris, 1963, p.86-7.

Compreensivelmente, K. Horney (1939) abona no mesmo sentido, apelidando-a de projecção ingénua. Ficaria para dizer uma palavra no resumo de Murstein e Pryer: há ainda a projecção *autística*, no sentido global ou geral de satisfação de necessidades: Murray (1933) Sanford (1936,7) McClelland e Atkinson (1948), Levine, Chein e Murphy (1942). E ainda a projecção *racionalizada*, ou seja, aquela que pode acontecer como forma de defesa perante alguém constituído em autoridade, o próprio examinador, por exemplo: Frenkel-Brunswick (1939), Posner (1940), Murstein (1957).

Para além de todos estes sentidos, encontram-se dois particularmente vulgarizados e com aplicações diversas na prática psicológica: a projecção enquanto defesa e a projecção enquanto distorção.

O modelo mais frequentemente apontado senão praticado é o de *mecanismo de defesa*. Enquanto *mecanismo*, enquadra-se sem dificuldade nas estereotipias mecanicistas, pois o mecanicismo, enquanto sistematização da perspectiva mecânica em física, remonta há já três séculos e constitui já em química, já em biologia, mesmo em fisiologia e até em sociologia o modelo sistémico mais geral, simplesmente porque melhor aceite e melhor aceite porque, devido à sua divulgação e ao peso do passado, caracteriza-se por uma compreensão mínima e por uma extensão máxima, neste caso, sempre crescente ao longo dos séculos. A psicologia nascente, nos finais do século XIX — W. Wundt, Th. Ribot, S. Freud — não podia escapar. Particularmente nos seguidores, escolasticizantes, do genial pensador, S. Freud, a escrever no seu tempo um "esboço de psicologia científica" em perspectiva bio-mecânica, nada genialmente mantido pelos seus "escolásticos" ao pensar ainda dentro do automatismo irresistível que é "a compulsão de repetição", tão perto dos modelos behavioristas. Diferentemente.

Defesa constitui uma estereotipia, fortemente reforçada pelo escolasticismo cartesiano, particularmente em Portugal, secundada por certas correntes místicas, directa ou indirectamente em tradução do jansenismo, ele próprio repetição de pelagianismos e semi-pelagianismos, catarismos e outros ismos do género. Para o

sistema cartesiano há uma separação senão oposição entre substância pensante (res cogitans) e substância extensa (res extensa). A sua manifestação mais importante nos finais do século XIX — houve incidências várias no plano gnoseológico, até aí — e por todo o século XX, em reforço entre nós, no último quartel em que nos encontramos, é a oposição entre consciente e inconsciente. Esta oposição, encontra-se claramente presente na 1ª tópica, transformando-se em oposição entre id e super-ego na 2ª tópica de Freud, senão mesmo naquilo que alguns consideram a 3ª tópica, os "instintos de vida" (Eros) e os "instintos de morte" (Thánatos). Da oposição resulta a luta, sendo o dominador o consciente na psicologia tradicional, sendo o dominador o inconsciente embora aos encontrões com o princípio de realidade na perspectiva sistémica do freudismo.

Esta oposição foi luta, foi conflito entre indivíduo e sociedade. E ainda o é actualmente e claramente, quando se "fala" liberdade. Na actualidade há ainda aqueles que querem estender esse conflito à relação entre personalidade e cultura, esquecendo que a cultura é personalidade como diversas vezes tive oportunidade de o demonstrar experimentalmente.[71] Esta oposição foi luta entre o bem e o mal no maniqueismo tradicional, entre os bens e os maus instintos, entre as boas e as más tendências, adentro duma certa "educação", melhor dita, adestramento, a qual se propunha como objectivo criar bons hábitos, uma espécie de "segunda natureza" sobreposta a primeira, tida às vezes por intrinsecamente má; adestramento que se propunha contrariar os maus hábitos os quais quase fatalmente poderiam acontecer, atendendo ao peso da hereditariedade, convicção científica ou modelo biológico, senão mesmo às possibilidades trazidas "doutra incarnação". Esta oposição foi e é luta para muitos entre o senhor e o escravo, entre os detentores do "poder" e/ou dos "meios de produção" e os grupos "minoritários".

Este mecanicismo geral não podia deixar de aparecer em Psicologia e muito mais do que era para desejar. Aparecer e

[71] Algumas reflexões, de resumo, e alguns aspectos historico-culturais podem ser encontrados em interacção e seu tópico *Rev. port. Ped.*, 1979,12:171-84.

manter-se poderosamente. Pela força ou pelo "hábito" dos próprios psicólogos. Ou que se dizem. Na actualidade, trata-se dum vocábulo que se apresenta como o mais inútil dos avatares, numa demonstração de rotunda estereotipia, qual seja, a dos "conflitos intra-psíquicos" em abundante circulação adentro do escolasticismo freudiano.

Este mecanismo geral de defesa será mecanismo de quê? De quem (se for possível a hipótese)? Defesa contra quê? Contra quem (se houver lugar para a hipótese)?

No que à Ciências psicológicas diz respeito, o próprio vocábulo defesa reveste-se duma certa ambiguidade senão equivocidade. Com efeito, na intenção dos teóricos e dos praticantes freudianos e seus repetidores, como em qualquer repetidor, a defesa é simultaneamente, uma forma de ocultação e uma forma de revelação. De revelação para os técnicos pela via da interpretação — e o esquema-sistema da personalidade é a chave, detida pelos eleitos e só aquisível depois de longo aprendizado[72] — apesar da ocultação que os sujeitos tentam, por vezes com pesados custos, para cúmulo, inutilmente, está bom de ver. Na prática vivencial de cada um, a defesa salda-se por uma vigorosa traição a si próprio e encontramo-nos no máximo do "conflito", qual seja, esta contradição vital. Com efeito coloca face a face as forças "pulsionais" ou os "impulsos" e o meio e/ou a razão e/ou o ego e/ou os modelos parentais, etc.. Mais curioso ainda: os próprios impulsos ou forças pulsionais, face a face, acontecem frontal e irremediavelmente na contradição entre "Eros e Thánatos".

Neste extremo da contraditoriedade não se encontra

---

[72] Assim se exprime o mestre incontestado e incontestável, com mérito, João dos santos, no primeiro número da *Rev. port. de Psicanálise* e na Introdução: "O registo está para o inconsciente como o sonho que se conta para a emoção primária que lhe deu origem...Tudo isto me leva a pensar que, sendo a Psicanálise uma *forma de estar, de pensar e de agir* (sublinhado meu: isto é importante) verbalmente ela não é traduzível em palavras escritas. E, no entanto, o escrito é, na nossa cultura, inevitável. Os psicanalistas têm explicado muita coisa sobre o seu próprio funcionamento mas creio que ainda não foi por eles explicado o significado desta traição inevitável que consiste em passar a escrito - como se fosse possível - uma experiência relacional". Texto que merece uma atenção simpática e séria pelas contrapartidas que pode sugerir, mesmo quanto à própria prática freudiana e seus enredos.

qualquer solução ou qualquer saída: nem sequer a tradicionalíssima e quase "sagrada" adaptação, mais ou menos "mecanismo" biológico, nem também a mais actual socialização, por um lado mecanismo biológico, à sua imagem pelo menos, e pelo outro mecanismo social, sociológico ou societal; muito menos a inútil ocultação pois quanto mais alguém tenta encobrir mais descobre, ao menos na opinião e na prática daqueles que se dizem capazes de "adivinhar" para além do "manifesto", o "oculto" ou ocultado.

Todas as considerações anteriores recebem uma certa confirmação a partir daquilo que foi um dos sucessos "intelectuais" e comerciais mais famoso, assim como divulgação informativa mais generalizada: *O eu e os seus mecanismos de defesa* (Ana Freud, 1937). Resta situar este último elemento em termos de conteúdos semânticos. Qual eu? Uma análise minimamente adequada e impossivelmente exaustiva, levaria longe em espaço e tempo, o que não se coaduna com a breve referência esquemática, suficiente para o presente propósito[73]. Seria de referir, em primeiro lugar, o eu de certa antropologia filosófica e/ou de certa psicologia metafísica ou metafisicizante, a qual constitui o suporte, mais ou menos técnico ou teórico, do individualismo do século XIX, senão mesmo de todos os tempos, assim como um certo tipo de subjectivismo, sempre em foco nas oposições senão lutas conflituosas das "morais". Um eu que se afirma perante senão contra outro eu; um eu que tenta escapar das opressões das regras, das imposições, coerções e quejandos tais, mais ou menos "arbitrárias" da sociedade, quando não da cultura. Um eu que afivela facilmente a máscara de entidade metafísica e, por vezes, metafórica como acontece nas afirmações mais ou menos tidas por reflexões, em torno da realmente fundamental e tantas vezes equívoca liberdade. Quando o eu é mais ou menos identificado por alguns biologistas, fisiologistas e seus seguidores em sociologia, com organismo, como acontece em certos autores norte-americanos de psicologia, a sua afirmação perante, senão contra, o meio

73 Só em termos bibliográficos é quase inesgotável a referenciação e incontroláveis os conteúdos semânticos atribuídos a esta simples pronome. Basta consultar qualquer dicionário, mesmo sem ser técnico ou qualquer vocabulário técnico.

físico, principalmente societal e mesmo cultural ("corpo social", "organização social", "função social") é uma luta inglória porque em perspectiva biológica a adaptação, em termos sociológicos a socialização ou integração ou ajustamento ao pre-estabelecido é a única saída em detrimento do suporte eu-organismo.

Encontramos, no entanto, um outro conteúdo semântico para o eu: o do racionalismo. De igual modo, fortemente arreigado em termos de estereotipias, a pretenderem direitos exclusivos de cidadania. Uma certa psicologia racionalista já de cariz lógico, já de cariz preferentemente gnoseológico ou ainda de cariz logico-epistemológico, mais recente, sob estas três formas encontra-se presente na actualidade, pelos mais diversos instrumentos, nos mais diversos escritos, principalmente nos de índole literária e nas mais diferentes afirmações e reflexões. Com tão grande diversidade ninguém se pode admirar das confusas confusões que afectam este pronome pessoal. Numa perspectiva estritamente historico-cultural. Gramaticalmente, outras coisas haveria a dizer. Mas não interessa para o propósito aqui presente.

No caso da epistemologia ou do eu-epistemológico, encontra-se presente senão enfatizada a característica oposição, talvez luta, conforme os prismas, do tradicionalismo e do progressismo, a partir da possibilidade rejeição-aceitação do sobejamente conhecido e glosado "corte epistemológico", a partir da afirmada, em vice-versa, incapacidade ou capacidade, compulsiva ou não, de ser e tornar-se esclarecido. No fundo, ainda nas glosas da actualidade, uma questão de razão, de neo-cortex, de seguir ou não "os ventos da história". E isto tudo constitui formas diversas de análise de comportamentos. Dos outros pela negativa; dos próprios, pela positiva.

No que toca ao eu-gnoseológico, outro é o som e outro é o tom. Particularmente interessante e relevante, negativamente, é encontrar-se proposta, com certa frequência nos meios intelectuais, uma aprendizagem psicológica, como indispensável para qualquer cientista. Acrescentaria, para qualquer um. E a razão é a seguinte, sob variadas formas: "o cientista, praticante da descoberta da verdade, que é adequação entre o raciocínio e a realidade externa" deve conhecer como é que acontece essa rela-

ção, adequada ou em tentativas de adequação; deve conhecer como é que "o eu se relaciona com os objectos", "como é que acontece a relação entre o sujeito e objecto, na procura da verdade".

No que diz respeito ao eu-lógico, encontramos duas conotações particularmente relevantes. Pela via da coerência, tanto podemos pender para a característica da lógica interna no raciocínio, na base dum mínimo de pressupostos para um máximo de conclusões, as quais serão aplicações ou aplicabilidades possíveis; como podemos também pender para a característica de coerência externa ou moral: ou seja da ligação mais ou menos convencional entre o que se diz pensar ou pensa efectivamente e a acção concreta, levada a efeito, como da ligação entre as mais diversas acções concretas, em termos de coerência prática; como podemos ainda pender para uma certa coerência interna, frequentemente dita ética e ainda hoje com uma certa frequência na caracterização do comportamento dos outros ou próprio: é a caracterização de "homem de carácter", é a aplicação em termos de "fidelidade" ou de "honestidade", ter-se "um só rosto e uma só fé", o ideal dos estóicos de todos os tempos, como aconteceu com Sá de Miranda.

Seria de perguntar: estas estereotipias do eu no racionalismo positivista, em que medida se encontrarão presentes no eu de compromisso da 2ª tópica freudiana? O eu, enquanto instância, apertado entre um "id" (isso), impetuoso e exigente e um "super-ego" (super-eu) coercitivo e não menos exigente, constitui uma solução de compromisso ou não se encontra dotado de lugar próprio, mas apenas referencial em função das duas outras instâncias, essas claramente definidas, até porque simples transposição para a análise da personalidade, da análise da sociedade em termos de conflito (finais do século XIX) entre o indivíduo-organismo e sociedade-super-organismo[74]. Por aí se compreende a sua característica de regressão-repetição adentro da história

[74] Em perspectiva psicosociológica torna-se fácil compreender a demasiado fácil aceitação pelo público em geral e pelo público intelectual desinformado, dum modo particular, de tudo aquilo que constitui o linguajar dos freudianos, pois enquadra-se perfeitamente dentro dos seus esquemas de reflexão ou de interpretação da "vida".

individual assim como a sua conotação com o paleo-cortex e instintividade, por um lado, e a sua dependência em relação aos "modelos parentais". Daí a polémica em torno da diferença ou não-diferença entre o "eu-ideal" e o "ideal do eu" e ainda a diferença destes dois em relação ao super-eu. Adentro dos escritos de Freud a confusão campeia. Mas não é confusão. Pode e deve ser vista como procura duma análise mais adequada e minimamente correcta, como sempre foi timbre de Freud. Deste, poderíamos enumerar os seguintes modelos os quais cada freudiano ou cada grupo de freudianos escolasticamente absolutiza. E isto acontece porque se pode apresentar como plataforma generalizada pela divulgação maciça, a ter claramente em conta, a seguinte oposição, termo a termo entre o id e o super-ego:[75].

Quadro 1

ID	SUPER-EGO
inconsciente	"consciente (ao menos no início)
desconhecido	conhecido
latente	manifesto
fundo real	epifenómeno (fenómeno paralelo)

O eu seria uma como que tentativa de resposta ao ideal do eu, o eu que o sujeito gostaria de ser, as aspirações morais do eu (voltamos à tal coerência externa ou interna) que se encontram na base ou são tidas por responsáveis dos estados patológicos, derivados do luto. No entanto, o ideal do eu não esgotaria a totalidade do eu, ou seja, haveria uma diferença entre o eu, mais vasto e o ideal do eu mais restrito. Até porque o ideal do eu talvez partilhe algo do super-ego (super-eu), pode chegar mesmo a ser identificado com ele quer na sua faceta de interditivo quer na sua

[75] Torna-se claro que aqui se encontra, em identificação modelar o id com organismo, base biótica, talvez hereditariedade e o supor-ego com o meio, a sociedade ou os "modelos parentais".

faceta de activante. No entanto, a partir de outros escritos, haveria que diferenciar o super-ego do ideal do eu. Na realidade, passar-se-ia assim: o super-ego englobaria o ideal do eu. Por isso mesmo é que pode acontecer o seguinte: à medida que o eu se afronta com o super-eu, compara-se com ele e nessa medida tende inevitavelmente para ele, tenta ou esforça-se por cumprir as suas exigências e, em consequência, vai-se aperfeiçoando sempre mais. O pior é que pode, igualmente, aperfeiçoar-se cada vez menos ou negando-o cada vez mais. Aparece nitidamente a faceta patológica deste tipo de reflexão e o abuso da sua extensão ao quotidiano. Além disso, seria interessante ir além, na medida em que todas estas hesitações representam uma procura séria e sincera e não um achado acabado.

Eu-individualista, eu-racionalista, eu-comprometido e os diversos matizes de cada um, particularmente na sua divulgação maciça e quase contraditória de grupo para grupo, compreendem-se, por inteiro pois tal pronome representa a conquista radical do desenvolvimento humano assim como a prática mais frequente, quantitativamente: tantos eus quantos quem se afirma eu. Não podem ser mais. No entanto, em termos mais teóricos não se pode esquecer o eu da corrente psicológica, dita significativamente, *ego-psychology*. Qual poderá ser o conteúdo semântico de eu para um seguidor-utilizador do esquema de A. Freud, E. Erikson ou E. Fromm ou Hartmann ou M. Klein ou M. Mannoni, ou...? Seria muito difícil, seguramente impossível encontrar um menor denominador comum entre todos eles[76].

[76] Para exemplificar, situemos apenas os mecanismos evidenciados por A. Freud: podemos determinar dois grupos, perfeitamente identificáveis: um grupo compreende os mecanismos que operam manifestamente dentro do "núcleo do eu", i.é, caracterizam-se por uma espécie de força ou tendência centrípeta: recalcamento, regressão, introjecção, ansiedade e outros; o outro grupo engloba a formação relacional: projecção, sublimação, no quais se verifica uma periferização em relação ao eu, demonstrando uma tendência ou força centrífuga. Aparece claro que a projecção se encontra e se situa entre os mecanismos de defesa do grupo *periférico-activo*, em contraste com o grupo *central-passivo* podendo dizer-se que se manifesta como o mais "agressivo" de todos. Se compararmos esta arrumação com a de S. Freud, haveria anotações interessantes a evidenciar. Diria apenas, deixando para outra oportunidade um aprofundamento, que o recalcamento constitui a "pedra angular" da

Torna-se indispensável ter presentes estas diferenças, principalmente na prática psicológica, em termos de serviço, perante um dado sujeito. Torna-se indispensável, se possível, ter em conta o conteúdo semântico e qual, para um sujeito dado, será o correcto ou o vivido. Principalmente, porque muitos autores actuais ou divulgadores, na actualidade, tiram elementos daqui e dali em misturas curiosas por vezes equívocas.

Em suma: *de que eu é mecanismo de defesa a projecção*? Do eu, por hipótese de cada um ou que cada um é? Então seria de perguntar, qual o conteúdo semântico que cada um coloca no eu que é? Como lá chegar na prática psicológica? E lá chegando, verificá-lo, singelamente e deixá-lo em paz, pois ninguém tem nada a ver com o que cada um é. Parece que tudo converge para lançar fora esta forma de falar da projecção não apenas porque é pouco ou nada operacional mas, principalmente, porque é inútil e mesmo prejudicial pois se apresenta radicalmente equívoca.

Não será o que se passa também com *The second Self*? (Sh. Turkle, 1983)[77]. A mente como multiprocessador (250) é o modo mais simples de negar não apenas o eu mas, principalmente, a ideia de unidade que lhe está subjacente, ao menos em perspectiva das vivências de quem quer que seja. E a pergunta é directa: "o 'eu' existe mesmo ou virá a ser dissolvido na fragmen-

---

compreensão das nevroses, assim como da vida do dia-a-dia, pois serve de elo de ligação para toda a doutrina freudiana (1925, p. 46, 1926, passim). A regressão, essa é "puramente descritiva" (1915, p. 369), a introjecção e a identificação são do mesmo género (1938, p. 83). Do mesmo modo, se poderiam situar o "retorno contra si", a "conversão orgânica", a "restrição do eu", e seu semelhante o "isolar-se", a "transformação em contrário", a "idealização" e a "anulação por simbolização motriz" são outros tantos mecanismos. Resta o mais confuso de todos e o mais aceite, paradoxalmente, pelo grande público, principalmente nos domínios da mística: a sublimação (1909, p. 176, 1905, p. 178, 1923, p. 185, 201-3). Finalmente, a projecção, o que diversas vezes foi referido.

[77] Ao menos na tradução portuguesa: *O segundo eu*. E podemos passar em julgado a tradução, escrava e compreensível de *os computadores e o espírito humano*, a realçar a confusão reinante entre alma e/ou espírito, realidades metafísicas, com o eu (?) , o Self ou o Selbst ou ainda, embora passível de equivocidade, personalidade, realidades que tendem a ser demonstradas como científicas.

tação de processadores em disputa"? (249) E a resposta encontra-se nesta reflexão: um modelo da mente como multiprocessador deixa-nos com um eu "descentralizado": não existe um "eu, um actor unitário. O que o eu representa é apenas uma série de processadores... a executar uma pequena tarefa... uma espécie de conjunto de corpúsculos". Trata-se de uma nova forma de vermos o humano ou de nos vermos como humanos. Em contraste-contradição com o "eu" dos freudianos, reconstituído como herói psíquico a lutar com o id e o super-ego. É deste modo que Turkle resume o que diz respeito ao eu nesta nova problemática: "A minha interpretação do impacte cultural do computador baseia-se na sua capacidade de fazer algo semelhante. Para mim, um dos mais importantes efeitos culturais da presença do computador é o facto de as máquinas estarem a intervir na maneira de pensarmos a nós próprios. Se, para além do fascínio popular com a teoria freudiana, havia uma preocupação ansiosa e, muitas vezes, culposa com o ego como sexual, para além do interesse crescente nas interpretações computacionais da mente, está uma preocupação, igualmente ansiosa, com a ideia do ego como máquina" (24).

Uma outra noção mais antiga, talvez não menos divulgada em relação à projecção é a de mecanismo de defesa do inconsciente[78]. E aqui, de novo, a pergunta inevitável pelas mesmas razões que já acima valeram e de outras que serão praticadas: de que inconsciente é mecanismo de defesa a projecção? No entanto, agora, ao contrário do que aconteceu com o eu, o conteúdo semântico é quase exclusivamente técnico e só secundariamente vivencial, por virtude de certa moda, a partir de certa divulgação sistemática, razoavelmente equívoca.

De que inconsciente se trata, efectivamente, ao afirmar a projecção como mecanismo do inconsciente ou de defesa incons-

[78] S. Freud, utilizou-a a quando da sua colaboração com Breuer. Por 1900 substitui-a por recalcamento. Por 1926 em "Inibição, sintoma e angústia", retomou-a, englobando nela, mecanismo de defesa do inconsciente, o próprio recalcamento. Parece, na actualidade, a palavra mais empregue por todos para designar a estratégia de defesa que consiste em o inconsciente se encontrar munido de certos mecanismos claros de defesa. Que, por vezes, surpresa, viram ataque.

ciente ou mecanismo inconsciente de defesa? Só por esta fórmula verbal tão diversificada, no linguajar técnico e intelectual se pode supor os equívocos que virão a acontecer no diálogo quando se juntarem os três: defesa, mecanismo, inconsciente.

De ou do inconsciente. Se *de* inconsciente se trata, o peso irá para o qualificativo verbal. Se *do* inconsciente, irá para o substantivo[79]. Quer num caso quer no outro de que inconsciente se trata? Pode tratar-se dum inconsciente bio-anatómico, o das reflexões tradicionais sobre os automatismos do comportamento ou dum inconsciente orgânico, como acontece com as actividades de assimilação e desassimilação ou dum outro inconsciente orgânico, como acontece ao falar-se de "memória celular". Em linguagem mais comum, o hábito seria uma forma inconsciente de comportamento, assim como o reflexo no sentido tradicional. Este recebe um estatuto quase científico ou pseudo-científico em ciências fisiológicas, pelas investigações de Pavlov, pelas opções de Watson e pelas utilizações do esquema anterior por Freud e os freudianos.

Uma outra "ideia" divulgada de ou do inconsciente é a sua identidade com recalcado. Neste caso, muito claro na obra e nos comentários à obra de Freud: seria sinónimo de id ou das pulsões, dos impulsos, talvez "forças instintivas e/ou tendências (*Trieb*, Instinkt)[80]. Uma outra identidade acontece ainda: com recalcante. Efectivamente, o super-ego que se encontra dotado, segundo os princípios freudianos, do papel principal de recal-

---

79 Inconsciente: *in*, preposição de negação, *não*; *cum*, preposição de simultaneidade, *com*; *sciente*, particípio presente, qualificativo verbal do verbo *scire*, mantendo o s etimológico na forma composta e perdendo-o, por virtude da reforma ortográfica portuguesa (mantendo-se em outras línguas novo-latinas, science, por ex.), em termos de simplificação na palavra simples: ciência=conhecimento.

Qual será a legitimidade semântica e/ou filológica de substantivar um qualificativo verbal? Até pode ser legítimo. Mas em termos científicos, tomar como realidade independente aquilo que não passa de qualificativo de realidades vivenciais é que se encontra destituído de qualquer significado ou supremamente equívoco.

80 Quanto à polémica, em torno das discussões "escolásticas" dos freudianos sobre estes dois vocábulos um de raiz saxónica e outro de raiz latina, reflectiu com um certo acerto J. Ferreira da Silva em "Instintos ou pulsões: uma questão de terminologia?" *Rev. port. ped.*, 1984, 18:175-93.

cante das "pulsões", segundo os mesmos princípios é ele próprio inconsciente. Até porque o próprio mecanismo de recalcamento é radicalmente inconsciente. Haveria ainda uma outra identidade: com o arquetipal. Lançado por K. Jung em "Metamorfose e símbolos da Libido" e adoptado, posteriormente por Freud, encontra-se, numa certa medida (a menos interessante) nessa obra menos representativa da força do pensamento freudiano que é "Totem e tabu".

Fica ainda uma pergunta: é normal ou anormal, factor de saúde ou de perda de saúde, a presença-actuação do inconsciente? Embora a pergunta envolva demasiados elementos em equacionamento possível — radicalmente, a diferença entre normal e anormal — vou passá-lo em julgado pois algo foi dito acerca da despsicopatologização das técnicas projectivas. Em todo o caso, seria de contrapor todo um conjunto de perguntas, por contraste, entre inconsciente (inconsciência) e consciente (consciência). De que se trata, efectivamente: de conteúdos vivenciais? De potencialidades? De actividades? De tudo se encontra um pouco na literatura técnica e na de divulgação. Curioso se me afigura o facto de alguns qualificativos poderem facilmente entrar nos já famosos avatares do dualismo cartesiano do século XVII e dos dualismos dele decorrentes, proliferando ao longo de século XIX, desde o "bios+socius" de A. Comte até ao indivíduo ↔ sociedade do biologismo socializante à Lilienfeld e do sociologismo biologizante à Espinas. Por outro lado, uma certa prática de docência levou-me à hipótese de, em História da Psicologia, realizar todo um percurso sob o lema de consciência-inconsciência (Quadro 2).

Isto faria lembrar um outro inconsciente: aquele que se aplica, esse sim, em sentido qualificativo quando se diz de alguém que ele "é um inconsciente", no sentido de irresponsável, sem sentido do dever ou dos compromissos ou das afirmações, sem se poder assumir como autor destes ou daqueles actos, destas ou daquelas atitudes. Em síntese, adentro do pensamento de Freud, seria de focalizar os diversos momentos da sua reflexão: a projecção é um mecanismo de defesa do inconsciente ou do eu, o que permite a cada um não se dar conta dum fenómeno

Quadro 2

INCONSCIENTE	CONSCIENTE
neuro-vegetativo	neo-cortical
orgânico	espiritual
instintivo	moralizante
inibido	menifesto
recalcado	à-luz-do-dia
afectivo	cognitivo
dinâmico	estático
irracional	racionalizante
de difícil captação	fácil de captar

indesejável que nele se passa (1896), ou seja, projecta no mundo exterior a excitação sexual endógena (1894). A própria homosexualidade do "Presidente", ora se projectava noutro sentimento, o ódio, por exemplo, ora se encontrava em todos e cada um menos nele próprio (1911). As próprias ideias morais e religiosas não passam de mecanismos de defesa contra a ansiedade (1913) o que provoca no sujeito verificar sem poder resistir, que tudo isso nada mais é do que uma ilusão em desaparecimento (1923). Por outro lado, a projecção é algo mais do que defesa, pois verifica-se em situações que nada tem de conflitual (1913).

Para mais clara evidenciação da hipótese, como acima ficou referido, depois de analisar os modelos divulgados acerca da projecção enquanto mecanismo de defesa, muitos dos quais constituem autênticos estereótipos, seria vantajoso analisar a mesma projecção enquanto *distorção*. Isso vai-nos encaminhar para uma outra perspectiva muito diferente das entidades quase metafísicas das defesas e dos mecanismos para, singelamente, analisar a prática psicológica enquanto debruçando-se sobre as actividades e/ou as aptidões de cada personalidade.

Aqui, de novo, a observação de Cattel (1955) reveste-se de grande interesse e podia servir de base para reflexão. Ao tentar

arrumar as diversas formas de "medir" a personalidade, foca a avaliação por meios dos "testes objectivos". Das cinco categorias colocadas neste grupo, realça os "testes de distorção da percepção". Adentro dos testes de distorção distingue ainda três categorias, duas das quais, na sua opinião, constituiriam o "domínio dos verdadeiros testes projectivos". Tem interesse o qualificativo de verdadeiro, embora ou apesar de ou ainda que os projectivos se encontrem entre os objectivos. Até porque o são. Objectivos. Sem a menor dúvida. Com uma condição, formulada pelo próprio Cattell e acima lembrada,: o "erro da denominação". Melhor dizendo: o reducionismo praticado sobre o conteúdo semântico de vocábulo projecção. Para Cattell, ainda neste grupo dos projectivos, haveria que distinguir dois sub-grupos: um primeiro que diz respeito mais "à medida das deformações da percepção e da lembrança", com nítido realce, segundo a opinião do autor para "os aspectos cognitivos"; o outro, o segundo, refere-se "às medidas de dinacepção ou das dinâmicas da distorção", com realce, ainda segundo o autor, para os "aspectos dinâmicos". Deixando de lado esta divisão tradicional de cognitivos e dinâmicos, a qual seria sem inconveniente, se não estivesse simplesmente ultrapassada, consagremos um pouco de atenção à "deformação" e à "distorção".

A primeira manifestação a realçar seria a aparente contradição no próprio texto de Cattell. Por um lado, fala de "percepção diferencial duma situação". No entanto, o que é mais curioso e interessa realçar é o facto de ele opor a percepção diferenciada à "percepção verdadeira ou normativa". Como se poderá entender apelidá-la de verdadeira *ou* normativa, ou seja, como pode ser verdadeira, sendo normativa? Como é que sendo normativa pode ser verdadeira? Tal equivocidade não pode deixar de lançar largas dúvidas sobre toda esta forma de perspectivar a projecção. Por outro lado, falar da "deformação da percepção e da lembrança" é ver as actividades do sujeito em termos de verdade e de erro, quer na percepção quer na lembrança. Ou seja, seria ver, como é muito frequente, por atavismos gnoseológicos do empirismo, a percepção como reprodução, pura e simples, da realidade "exterior" e a lembrança seria também reprodução do já

vivido, da representação "interior".

É em Bellak, no entanto, que a equivocidade adquire facetas curiosas, a partir da própria originalidade da designação: "distorção aperceptiva".[81] Se dermos atenção, no entanto, ao que propõe querer significar, até podemos achar um certo interesse. Directa ou indirectamente, representa algo de muito importante para esclarecer tudo o que se encontra em relação com as técnicas projectivas. Em dependência clara da predominância do passado na concepção da personalidade. Parece mais interessante, apesar de tudo, a posição de W.James que reputa sem interesse as demasiadas reflexões em torno da apercepção. Nada mais representa do que o acto de consciencializar uma coisa (Lalande, ^{10}1968). Querendo legitimamente fugir a um certo sentido de percepção — o associacionista, esquecendo o guestáltico — Bellak opta claramente pela apercepção.

Com efeito, para Bellak apercepção é "a interpretação, dinamicamente significativa que um organismo faz duma percepção". Falando-se quer duma interpretação quer duma significação atribuída, estamos longe, muito longe mesmo do aspecto gnoseológico da conformidade do "intelecto e da coisa" no que consistiria a verdade. No entanto, o que de mais curioso se me

---

81 Apercepção ora parece ora não parece tributária do sentido do seu lançador, Leibniz, o qual a contrapos directamente a percepção, bem compreensível devido à sua luta anti-empirismo. Para ele é o conhecimento reflexivo ou consciência do estado interior que é a simples percepção. (*Princípios da natureza e da graça*, § 4) Talvez se possa manter a dúvida, atendendo aos sentidos que apercepção toma em Wundt. Apercepção é a maior clareza que caracteriza um certo conteúdo de consciência. Por outro lado, trata-se dum princípio geral de explicação a nível das "formas superiores da vida mental", principalmente as "estéticas e as lógicas, para além das meras associações mecânicas", (*Psicologia fisiológica*, índice analítico). Para Kant e com interesse: apercepção pura ou transcendental é a consciência de si ou o eu penso; apercepção empírica é a referência duma representação à consciência de si próprio. (*Crítica da razão pura*, § 16 ss.) É curiosa e reveladora dum presente que é passado ou dum passado que se mantem presente, a mistura do pedagógico e do psicologico-gnoseológico, esta afirmação de Herbart: "apercepção é o processo pelo qual uma nova experiência - "appercipirte Mass der Vorstellungen" - é assimilada e transformada pelo resíduo da experiência passada - "appercipirende Mass der Vorstellungen" - para constituir uma nova totalidade. (*Psychologie als Wissenschft*, v. III, s. lk. 5, p. 15 ss.) Cf. Dictionary of Philosophy, D.P.Runes.

afigura é tomar a projecção como o *máximo da distorção*. Isto corresponde a dizer que a projecção se encontra diametralmente oposta à percepção a qual, por hipótese, seria totalmente objectiva, ou percepção pura, puro dado. A projecção seria meramente interpretativa, puramente subjectiva, em consequência. E a prova de que não há percepção puramente cognoscitiva, acontece, por exemplo, na prática do T. A. T., de modo a podermos fazer um diagnóstico. A maioria dos sujeitos, perante a lâmina 1 do T. A. T. vê uma criança (jovem) e um violino. Mas, se um sujeito diz que se trata dum jovem que se encontra junto dum ribeiro ou junto dum lago, haverá uma distorção para Bellak. E assim constrói toda uma tabela de distorções.

Desse modo, também, define toda uma série de formas de distorção. De todas elas: sensibilização, externalização, percepção em estímulo-resposta, a projecção constitui a forma principal e, por isso, merece-lhe uma atenção especial. Sugere mesmo que "o termo projecção fique reservado para o *grau máximo de distorção aperceptiva* (realce meu). Em contraposição, é claro, com uma percepção totalmente objectiva ou percepção pura, dada. Como vimos na sequência histórica da evidenciação dos conteúdos em Freud, há que distinguir o sentido de projecção aqui contemplado do que Bellak apelida de *projecção invertida*, o qual seria o sentido marcadamente prático, por compreender a intervenção do mecanismo de defesa, ou seja, a formação reactiva. Isto é a reter para a sequência.

Por seu lado, aquela distorção aperceptiva que pode acontecer no dia-a dia, que acontece nas mais diversas circunstâncias e nas mais diversas culturas, representa algo de muito importante e o passo mais positivo para arrancar as técnicas projectivas à perspectiva patológica, a qual depende ou é em seguimento-aplicação da perspectiva bio-fisiológica. Esta projecção sem ser projecção, sendo projecção simples até se pode assemelhar com a sensibilização. Este vocábulo dá conta das experiências com actividades simples, como seja, reconhecer, melhor ou pior, alimentos ou reconhecer alimentos em situação de fome (Levine, Chein & Murphy, 1943).

Todos estes mecanismos, por virtude da sua característica

de inconscientes se distinguiriam da externalização ou da percepção puramente cognoscitiva. Em ambos estes últimos casos, a resposta seria sempre directa e imediatamente em relação com o estímulo. Por virtude do que Allport (1942) apelida de "conduta adaptativa" pois haveria uma espécie de adaptação à realidade objectiva. No entanto, fica assente que para Bellak, em suma, partindo de investigações próprias, é inadequado perspectivar a percepção como mecanismo de defesa. Pelo contrário, é fecundo e a observação experimental comprova que é válido, considerar a projecção como uma distorção aperceptiva[82].

Outro é o modo de pensar de Cattell (1955) ao considerar igualmente a projecção como distorção perceptiva, incluindo-a no conjunto dos mecanismos de defesa, deixando de ser aperceptiva para ser simplesmente perceptiva.

Venhamos às técnicas projectivas. Trata-se dum facto de fácil verificação, de fácil concordância como afirmação de conjunto: as técnicas projectivas comportam um material ambíguo, bastante indefinido, facilitador, por isso mesmo, dum "trabalho" de definição, de objectivação, manifestando, pelo facto mesmo, algo do próprio sujeito. Algo, *o quê*? Algo, *porquê*? Algo, *como*? Algo, *para quê*? Perguntas estas que enfatizam claramente o serviço *específico e qualificado*, prestado a todo o sujeito que o requeira e que é a prática psicológica, paradoxal, equívoca e mimeticamente dita psicologia clínica. Efectivamente, trata-se duma *situação* concreta, original na perspectiva, específica nos objectivos e marcadamente própria pelo facto mesmo de ser uma actividade globalmente *interpessoal*.

Seria de intitular assim a armadilha do psicodiagnóstico: a ilusão do erro. Com efeito, na maior parte senão totalidade dos

---

82 A reforçar esta posição viria uma observação de tipo bio-fisiológico apoiada na função da substância reticulada. Cf. Magoun e Moruzzi. Elements de Psychophysiologie, Burer *Bull. Ps.*, ^{2}1958, p. 53 ss. É comummente aceite que as entradas sensoriais se encontram sujeitas a alterações e moldagens, vindas de duas fontes: os modelos cognoscitivos, impostos pela aprendizagem anterior e os impulsos ou mensagens afectivas, provindas do funcionamento orgânico. Tudo isto é mediatizado pela função reticular e contribui para a distorção e grosseiras contaminações da percepção em todas as modalidades. Será assim tão simples?

casos, em consonância com os modelos correntes e os seus autores, o "trabalho" dum sujeito vai mostrar as suas formas de captar a realidade ou esse material, sempre ambíguo, em maior ou menor proporção, apresentado com instruções ("consignes") suficientemente gerais para favorecer o maior espaço possível de manobra, ou evitar a suposta "angústia" realçada de certos autores. Estas formas de alguém captar esse material são denominadas pela maior parte dos autores de distorção, como vimos, aperceptiva ou perceptiva. Ch. Morgan e H. Murray (1935) falou apenas de "apercepção temática". Seria de perguntar singelamente: qual o significado desta mudança? Talvez este. Talvez válido. E valioso. Se houver tantas distorsões quantos os sujeitos é que não acontece nenhuma distorção: *onde tudo é distorção nada o é*. Se houver tantas distorsões quantos os sujeitos em observação experimental é que não há uma só percepção correcta, um só conhecimento-representação exacto ou verdadeiro. Se assim for, encontra-se claramente demonstrada a característica suposta de que o material é de si mesmo, indefinido, ambíguo, inestruturado. Mantendo-se esta característica do material, a distorção não é distorção mas simplesmente a percepção própria de alguém, isto é, elaboração pessoal a partir duma impressão sensorial e tendo em conta toda a sua aprendizagem existencial e a sua forma de estar presente na situação experimental e em qualquer situação de existência, por hipótese. Mantendo-se a ideia de distorção, encontramo-nos perante o emprego directo e uniforme do modelo patológico a partir do qual a análise dos dados fornecidos pelo sujeito ou protocolos é feita tendo em vista a sua classificação a partir das situações extremas e paradigmáticas que são as alterações de personalidade.

No entanto, na hipótese de se tratar também, senão principalmente numa prática psicológica do futuro, de prestar um serviço a alguém ao qual tem pleno direito como projecto existencial em desenvolvimento, de que interesse se pode revestir uma etiqueta, uma "sábia" descrição, simplesmente de índole e conteúdo patológico? Para a prática psicológica pouco ou nenhum interesse pode ter. Além disso, já outros o fizeram e o fazem e com mais aceitação, com mais "autoridade", principalmente,

quer para quem usa o modelo quer para quem nele confia, seja como prática, os psiquiatras, seja como recurso, os consulentes. E, no entanto, é real, é possível algo mais.

Por outro lado, se o campo de percepção ou o material em definição é de si mesmo indefinido como pode haver *uma verdade*, uma percepção verdadeira? Só por média estatística em base de "natureza humana", como se esta fosse real, observável, independentemente da cultura do grupo de referência e de pertença. Assim sendo, uma alternativa é inevitável porque claramente desejável. Para que apareça com mais clareza, clarifiquemos ainda melhor a perspectiva de distorção aperceptiva.

L. Bellak define claramente a apercepção como uma "interpretação dinamicamente significativa que um organismo faz duma percepção" (1967, 27). Acrescentar dinamicamente pode ser por acontecer antes uma referência à percepção em termos de gnoseologia e, consequente, o Autor entender que isso é estático. Mas, talvez, não fosse a despropósito, porque é aplicável em outras situações e citações, ligar a vantagem do dinamicamente ao emprego da palavra organismo. Ao menos, psicologicamente falando, o organismo só manifesta o dinamismo que se lhe imprime. Outra hipótese poderia ser avançada e com fundamento: este dinamismo terá, tem por origem a situação de conflito, talvez conflitos intra-psíquicos, no submeter-se do Autor à teoria freudiana.

Mas algo mais interessante acontece na definição de apercepção a justificar a perspectiva de distorção. A distorção é interpretativa. Tal pode levar a supor que a percepção o não é. No entanto, hoje e, melhor ainda, amanhã haverá outras formas de realçar a mesma "ideia" e mais operacionalmente: com a actividade de apreciação ou atribuição de valor. Mas, o que mais importa focalizar é o que Bellak afirma logo a seguir: "pode haver um processo hipotético de percepção não interpretativa". Tal afirmação reveste-se dum grande interesse para a compreensão da prática psicológica. Torna-se claro que se admite a hipótese de haver percepções sobre as quais incide uma interpretação e percepções sobre as quais não incide essa interpretação. O que poderia ser interessante, se não fosse mera e lamentável dependência

historico-cultural dum passado por vezes, mesmo no nosso meio, actual, que consiste em confundir psicologia com gnoseologia, em confundir análise experimental do comportamento, melhor dito, da expressividade com a validade, mesmo a possibilidade senão a essência do conhecimento. Com esta forma de falar, percepções interpretativas e percepções não interpretativas, admite-se e pratica-se a dicotomia tradicional: existe um conhecimento válido, certo, verdadeiro e um conhecimento errado, não válido, falso. *Curiosamente*: na estruturação-configuração dum material propositadamente ambíguo. *Inacreditavelmente*: na observação das expressões de alguém, enquanto sujeito de análise em si mesmo, como é na variedade e originalidade das suas actividades.

Há que o realçar: efectivamente, trata-se de algo fundamental adentro duma perspectivação epistemologicamente correcta, adentro duma prática actualmente válida em termos de observação experimental em ciências psicológicas, muito particularmente no que toca às técnicas projectivas e adentro dum objecto-objectivo tecnicamente bem definido. Pela negativa, o realce fica realçado se tivermos presente o que nos diz Bellak: "toda a interpretação subjectiva constitui uma distorção aperceptiva, dinamicamente significativa". A projecção, como vimos, constitui o máximo da distorção, porquanto no oposto da percepção totalmente objectiva[83]. Outras formas de distorção seriam a sensibilização ou captação valorativa de algo que acontece ou está presente, e a externalização ou o dar-se conta de algo dito, só a posteriori reconhecido como sendo próprio.

Em termos de prática psicológica, perante um material por característica ambíguo, o que mais e melhor pode interessar é a "interpretação subjectiva", dinamicamente presente num sujeito, enquanto significativa. Mas nunca por ser distorção, a não ser gnoseologicamente, segundo a qual haveria uma percepção cor-

---

[83] Fica claro no caso exemplar do presidente Schreber, formulado pelo próprio Bellak, em quatro etapas:

— amo-o (objecto homossexual) =impulso inaceitável;

— odeio-o, formação reactiva secundária; igualmente inaceitável porque agressão, rejeição;

— ele odeia-me. A acusação é "projectada" no outro.

recta, verdadeira e uma só. Todas as outras seriam falsas, incorrectas. Na estampa III do Rorschach: em posição (∨) trata-se de dois macacos. Verdadeiro. Em posição (∧) é uma rã. Distorção. Porquê? Apenas, por critério estatístico. Se a referência cultural e/ou vivencial do sujeito não comporta macacos e sempre contactou e viu rãs porque há-de ser distorção não descobrir macacos? Na estampa VIII: ver um emblema, um escudo, uma medalha é correcto. E quem não tem essas referências, não vê, não lhe atribui significado, será distorção, será falha?

Em perspectiva psicológica, qualquer percepção do "material" constitui sempre e apenas uma manifestação pessoal, "subjectiva" no sentido de elaboração pessoal dos dados sensoriais. Nessa elaboração, enquanto actividade duma personalidade pode ir mais ou menos de interpretação. A interferência de interpretação é que pode ser ainda mais personalizada, mais individualizada, mais profissionalizada, mais culturalizada, etc., conforme as circunstâncias de vida e conforme o próprio estilo de personalidade, numa gama extensa de variabilidade. Daí que a palavra mais adequada para traduzir o que acontece ser a palavra, *expressão* pessoal. Na medida em que é pessoal, engloba todos os seus conteúdos, quer presentes quer futuros quer passados. Mas, todas estas facetas de temporalidade encontram-se igualmente envolvidas por uma atitude de fundo, especificamente humana e decisivamente específica de criação-construção pessoal.

Para ir ao fundo da problemática, ou seja, para encontrar nas técnicas projectivas a sua operacionalidade própria, o seu tipo de serviço específico e a sua fundamentação experimental é indispensável, porque correcto, ter em conta que a actividade da personalidade dita percepção é sempre e diferencialmente perante as outras, uma elaboração. E, na medida em que acontece enquanto elaboração, é expressão dum sujeito, desta personalidade concreta: por um lado, enquanto expressão perante os outros, é objectiva e, consequentemente, passível de análise; por outro lado, é subjectiva ou construção expressiva de alguém, consequentemente única, original. Os protocolos, enquanto expressividade, isto é, enquanto elaboração dum real, sensorialmente

dado, e enquanto atribuição dum significado a partir do imaginal, não podem ser confundidos ou aferidos a partir apenas da convenção-média, menos ainda a partir do rigor objectivante dos dados sensoriais ou, pior, da materialidade de apresentação. O valor expressivo e preditivo dos protocolos advém-lhe do facto de serem expressão originante e original de criatividade pessoal, compreendida num contexto, especificamente e rigorosamente psicológico.

Neste contexto, projecção pode e deve ser vista como actividade expressiva duma personalidade a partir da actividade percepcionante ou percepção e da actividade significante ou apreciação[84].

Adentro da hipótese de *cada* personalidade e *a* personalidade ser mundo imaginal e para sua mais clara evidenciação podia ser legítimo lançar aqui alguns tópicos de alternativa. Tanto mais interessante este lançamento quanto é certo começar a ouvirem-se vozes, ainda que isoladas, a dizer algo com muito real possível interesse. Assim, Cattell (1955, 15) já há tempos era bas-

---

[84] Seria de realçar como paradigmático, no contexto tradicionalista, o trabalho de Sears: Experimental Studies of Projection - I Attribution of Traits, in S.S. Tomkins *Contemporary Psychopathology*, Cambridge, 1943, 561-71. E ainda parte dos trabalhos de Healy, Bronner & Bowers *The Structure and Meaning of Psychoanalysis* (N.Y., 1930), os quais reforçam o aspecto de "mecanismo inconsciente" como forma de ver a projecção ou seja: "um desejo ou atitude ou hierarquia de hábitos que não são compatíveis com outras atitudes ou hábitos desse mesmo sujeito podem ser atribuídas por esse alguém a outras pessoas mais do que a si próprio. Tal processo é inconsciente, isto é, o sujeito não fornece qualquer manifestação verbal de saber que a percepção é falsa". Sears prefere retirar o vocábulo duma referência metapsicológica para lhe dar um outro sentido. Principalmente através da distinção a estabelecer entre a aplicação do termo à manifestação basicamente paranoica e a sua aplicação no que toca às técnicas projectivas. Por outras palavras, seria de lembrar aqui a distinção entre o qualificativo verbal e o substantivo, já referida. Para Sears o qualificativo diria respeito às manifestações mais largas nos seus efeitos observáveis deste género ou de outros processos pessoais assim como dos métodos conseguidos e usados para a sua análise. O substantivo seria restrito a um certo tipo de defesa.

Indo mais longe seria de insistir: o substantivo não reveste qualquer operacionalidade, sendo como é um abuso gramatical, ao passo que o qualificativo qualifica conteúdos vivenciais, perfeitamente identificáveis em qualquer personalidade, até porque constituem o seu quantitativo vivencial maior.

tante severo: apesar de reconhecer como um facto o sucesso fulgurante e a larga difusão das técnicas projectivas, ainda para cúmulo em tão curto espaço de tempo, é de subido interesse não esquecer "a verdade salutar segundo a qual o seu estudo científico parou nos mais rudimentares balbuceios".

Trata-se duma verificação correcta e, para mais, facilmente confirmada pela análise da mais variada literatura, como em pequena amostra tentei realizar. Há quem comente e fale mesmo duma ausência altamente lamentável, duma psicologia projectiva, como acontece com Abt (1967). Por seu lado, Cattel avança com duas propostas de subido interesse, ainda que gerais ou formais: "seria desejável, em primeiro lugar, que o esforço científico esteja em proporção equilibrada com a actividade clínica". Esta, com efeito, chega a exageros extremos de deixar a interpretação dos dados à mera "intuição" do "psicólogo", em função da sua personalidade (R. Perron, 1968) ou, pior ainda, à ingénua aplicação de alguns elementos de informação, tanto mais fracos e incaracterísticos quanto parcelares, parciais e parcializantes, e o que é ainda pior, condimentados com uma ousadia que só a ignorância pode explicar. "Em segundo lugar, continua Cattell, seria desejável que as investigações empreendidas possam vir a ser mais sistematicamente estabelecidas e à luz de hipóteses psicológicas válidas..."

Aqui encontrar-se-ia o princípio justificativo de algumas alternativas que a reflexão histórica, a exigência epistemológica e a prática clínica permitem avançar. No entanto, parece-me de todo o interesse, valor teórico e operacional esta condição proposta por Cattell: "a primeira etapa positiva consiste em reconhecer que o termo projectivo é um erro sério de designação". Principalmente, se mantivermos as confusões que a análise semântica em base psico-sociológica nos permite realizar acerca do vocábulo projecção. A mesma análise permite lançar para já duas alternativas, em formulação singela, síntese de variadas reflexões, várias vezes produzidas ao longo deste texto.

Relativamente ao inconsciente, enquanto suporte dum mecanismo de defesa que *seria* a projecção, atendendo à sua faceta de qualificativo verbal, esse inconsciente constitui a carac-

terística mais importante, fundamental mesmo, de grande parte dos conteúdos vivenciais que somos, que é *a* personalidade e *cada* personalidade. Os conteúdos vivenciais inconscientes é estoutra parte de nós próprios, fundamental no seu dinamismo, dinâmico no seu modo variado de intervir nas expressões *da* e de *cada* personalidade. Encontra-se longe, portanto, das suas raras manifestações patológicas ou dos seus efeitos puramente patogénicos. Os conteúdos vivenciais inconscientes são a presença mais importante e igualmente real e significativa nos protocolos das técnicas projectivas. No entanto, tal verificação que é correcta e de algo que é correctamente real, não pode levar a esquecer que a personalidade, enquanto vivência de unidade significante, comporta igualmente e com igual força de intervenção a faceta consciente, é conteúdos vivenciais conscientes e a faceta inconsciente, é conteúdos vivenciais inconscientes. Ambas as facetas se revertem de real significado para a prática do dia-a-dia e para a compreensão da mesma em termos técnicos e, principalmente, constituem centro catalizador da acção-interacção de cada um.

Relativamente ao eu torna-se mais difícil formular uma alternativa interessante, claramente operacional. Mesmo uma certa distinção que em tempos formulei em termos de "distância psíquica" (1972) me aparece hoje como razoavelmente duvidosa. Duvidosa, relativamente aos vocábulos empregues. Talvez ainda operacional relativamente à perspectiva. Com efeito, a distinção estabelecida levava a diferenciar que não a separar — muito diferente — o "eu-sujeito e o eu-objecto". *Eu -objecto* seria — será? — a diversidade das expressões, em cada tipo de actividade, em cada aspecto fundamental e na variedade das potencialidades *da* e de *cada* personalidade. Eu-objecto porque até certa medida essas diversas manifestações quase poderiam ser consideradas produtos ou produções dum eu-sujeito. Tratar-se-ia de algo objectivado, objectivável, oferecido à observação, principalmente dos técnicos, especificamente preparados para tal. Uma espécie de *overt behavior*. O *covert behavior* seria — será? — nesta perspectiva *o eu-sujeito*, aquilo ou aquele que sub-jaz que é base de projecção, talvez simplesmente projecção, entre outras manifestações; por outras palavras, factor e facto, simultaneamente, de

unidade a qual, numa perspectiva dinamico-estruturante e numa perspectiva de desenvolvimento, é unificação, pois cada personalidade é desenvolvimento constante. Em prática psicológica de técnicas projectivas acontecerá a evidenciação, através das actividades, aspectos e dimensões ou potencialidades comuns, dos conteúdos próprios, quer conscientes quer inconscientes, já culturais já pessoais.

Deste modo, ficaria enfatizada a projecção, enquanto manifestação da personalidade em termos de expressividade, sempre estruturável, em concretização dum projecto: *projecção*.

Projecção, síntese-expressão do conhecer e do valorar, aspectos básicos do mundo imaginal.

VII — A PRÁTICA PSICOLÓGICA

Ao procurar determinar um mínimo de credibilidade para uma prática especificamente psicológica, seria vantajoso partir da possibilidade seguinte, cada vez mais confirmada pela prática aplicada em qualquer ciência: apenas se reveste de significado a intervenção técnica que se encontra apoiada em observação-análise, pela utilização de instrumentos adequados, a qual fundamenta objectivos específicos. Quer em análise, quer em intervenção, é a interpretação que decide das modalidades futuras de nova análise e de nova intervenção. Apenas porque não se trata duma interpretação nem sistémica nem sistemática, em respeito absoluto dum sistema pre-formado, pre-dotante de significações. Pelo contrário, trata-se duma interpretação que é criatividade ou dotação renovada de significações, mais adequadas à situação em observação ou aos objectivos da intervenção.

Essa preocupação de credibilidade em prática psicológica teria de partir duma outra possibilidade ainda: em ciências psicológicas apenas se reveste de significado a colheita de dados que for praticada por observação tecnico-científica, rigorosa e adequadamente enquadrada na ciência psicológica que se vai fazendo e não numa ciência psicológica já feita, em geral não específica, isto é, por simples transposição de esquemas e instrumentos de outras ciências. Por outras palavras: em ciência psicológica, específica, só vale uma perspectivação em termos de problemática de aplicação e não em termos de simples aplicação uniformizada ou maciça dum paradigma, mais ou menos teórico, da própria ciência nem, muito menos, por transposição doutras ciências para uma ciência específica que é a psicologia.

Torna-se indispensável conseguir uma presença atitudinal nova e inovadora, atitude de investigação na prática psicológica e

perspectiva de prática na investigação psicológica.

Com efeito, podemos formular a pergunta: que género de objectividade ou de realidade se pode encontrar na prática psicológica? É paradoxal a pergunta. Porque é paradoxal a situação: a prática psicológica tem características estranhas, entre as quais a de se encontrar sempre confrontada com um objecto diferente, simultaneamente problemático e duma imediatidade que cega. E aqui a possibilidade radical, comum a qualquer investigação ou prática científica, como inicialmente referi: o objecto científico, definido pela prática experimental é simplesmente diferente do objecto sensorial ou dado imediatamente aos sentidos. Sob este prisma, o paradoxo da situação de prática psicológica deixa de ser paradoxo, para ser simplesmente o que é: relação entre duas personalidades.

E aqui, de novo, uma problemática: *Nova*. Ninguém, até agora, aprende o que é ou a ser o que é. Até porque nada aprende. Tudo é o que é, estruturalmente ou por virtude do programa genético. Nenhum humano até agora, aprende o ser o que é: personalidade. Nem sequer o praticante de psicologia. Este, quando se enfrenta com os dados, mais ou menos cientificamente adequados para a compreensão do que é, em geral e para já — o futuro será diferente? — prefere as perspectivas e os dados que foi observando e criando a partir da sua experiência experiencial. O mesmo acontece com o público em geral e, em particular, o que tem de recorrer aos serviços de psicologia. Já diz a antiga-actual sentença: "Psicologia, cada um tem a sua", por isso é que se diz: "existe, desde que existe o homem". Cada um é o que "se sente" ser. Cada um sente-se ser o que a "experiência", reflectida à luz do que observa à sua volta, lhe "ensinou". Ninguém fica à espera das investigações, quer em prática teórica, quer em prática aplicada, para se sentir "bem na sua pele", perante si e perante os outros. Por isso, sabe. O que é. O que os outros são. Isto no que diz respeito a si próprio. No que diz respeito às informações sobre as rochas, sobre o direito ou a engenharia, mesmo o cálculo integral ou infinitesimal e ainda até aos organismos, principalmente em alteração, isso é outra coisa. Ninguém se julga ou reputa "sabedor". Por isso, respeita, acata o que dizem "os que sabem", "os que

estudaram".

"Que fazes?" — "Sou psicólogo...". E pára o diálogo. Como se fosse impossível dizer algo mais. Explicável, em termos de reciprocidade, embaraçante: o interlocutor receia ser descoberto se se atreve a insistir. "Eu sinto-me apreensivo se me pedem para esclarecer ou fundamentar uma prática que muito receio não ser capaz de precisar". Daí, mal-estar, indefinição: "ninguém me considera, tenho medo, sinto-me vazio, não posso mais, não sei onde me situo, nem o que sou, não há lugar para mim, não aprendi nada na Faculdade..." toda uma ladainha "de lamentações", inventário de "frustrações"...

Hipótese: simples jogo de "introjecção" de modelos desfavoráveis por favorabilidade atribuída aos modelos das ciências e das práticas tradicionais? Alternância em perda de identidade entre a "identidade ideal" e a "identidade da prática", tantas vezes sem identidade de qualquer espécie?

A operacionalidade de uma tal hipótese parece muito reduzida, por virtude da problemática se revestir dum leque bastante considerável de opções. Dum lado, poder-se-ia situar J. Barus-Michel (1985-6) com a reflexão "o investigador, primeiro objecto de investigação", com a seguinte afirmação: "este artigo procura mostrar que o investigador apenas se procura a si próprio e que, em qualquer hipótese, se procura atingir o outro, tem de passar, antes de tudo, por si próprio" (801). E exemplifica: "qualquer investigação, como a do Édipo, coloca três perguntas fundamentais que dizem respeito ao investigador, em primeiríssimo lugar: acerca da origem, acerca da natureza e acerca do destino (donde venho? quem sou? para onde vou?). Perguntas angustiantes, arriscadas, talvez mortais e, por isso, o investigador num processo de evitamento, finge que o seu objecto é radicalmente outro, até ao ridículo, até aos atípodas, até aos confins do universo...se fosse astrofísico" (803). Não passa dum sonho narcísico, imposto aos outros... Mais curiosa e a propósito é a posição de R. C. Kohn (1985-6): "a investigação, levada a efeito pelos práticos: a implicação como modo de produção dos conhecimentos". "Torna-se impossível implicar-me num trabalho intelectual que não interpele a minha pessoa e a minha prática, que não extravase

sobre outros aspectos da minha vida; por outro lado, os movimentos da minha vida alimentam as minhas investigações" (817).

Dum outro modo, encontramos um pouco antes outro som em R. Perron (1968): "a situação de exame psicológico enquanto problematização do valor pessoal". De quem? seria de perguntar. Do sujeito. Com efeito, "o teste constitui uma problematização das possibilidades de acção, isto é, das qualidades pessoais valorizadas" (1002). Por outro lado e num outro passo, encontramos ainda: "A objectividade clínica não pode passar pela cegueira voluntária sobre os factores em jogo (na relação). Passa, pelo contrário, pela evidenciação e controle das mesmas" (1007). Muitos outros exemplos poderiam ser aduzidos[85]. Não vem a propósito equacionar toda a problemática em torno deste tema. Muito mais haveria a aduzir, contra e a favor, em termos de mais funda problematização ou de tentativas de superação.

O extremo da situação consiste na oscilação entre uma "crença" a roçar a "magia" na operacionalidade absoluta das provas psicológicas e uma crítica ironizante, relativizando até ao ponto da negação da ciência psicológica, enquanto conjunto de conhecimentos experimentais, específicos que se encontram na sua base. E já nem se fala dos que se contentam com simples transposição de outras ciências, particularmente a biologia e a sociologia, para a actividade "clínica" ou ainda por utilização duma teoria mais ou menos vaga, aplicando-a a todos os casos e situações, em pura interpretação, tantas vezes subjectiva. Curiosamente, reforça-se a ideia de que a prática psicológica, depende da "força" ou da "personalidade" do técnico. Acredita-se nisso, com bastante facilidade. Seria de perguntar singelamente: só

---

85 Antes de tudo este título, curioso: l'exemple est la chose même" de P. L. Assoun; Mais curioso é "le retournement du sujet et de l'objet" de C. Assouly-Picquet, para se chegar à conclusão que a clínica talvez seja pura metapsicologia. Verdadeiramente contundente é este outro artigo de C. Samalin-Amboise: "La prise de distance, autre scène de l'implication". Não se pode ser mais directo que a distância é ilusão, pois ainda implica mais as pessoas. Tanto observador como observado, tanto prático como sujeito. Já não falando na situação, por demais concreta e actual, atendendo às críticas maciças que ainda se tecem à prática psicológica, mesmo na actualidade ou em certos meios, pelo menos: "Le contre-transfert dans l'analyse des idéologies politiques" de P. Ansart. Artigos de 1986.

pode praticar medicina quem possuir uma "saúde de ferro"? Só pode ser cardiologista ou pneumologista ou neurologista quem tiver um coração ideal, uns "pulmões de aço" ou uns "nervos impecáveis"? Que importa o que se tem ou é, se a aplicação ou intervenção depende, correctamente e em última análise, da formação-informação tecnico-científica? Qualquer intervenção, para ser minimamente adequada tem de se encontrar fundamentada na informação, obtida por observação experimental e concretizada em técnicas correctas.

Uma tal perspectivação comporta exigências de fundo em relação à interpretação e seus diversos conteúdos programáticos. Aqui seria de realçar três de entre eles, talvez os principais para a reflexão que nos ocupa. Viria em primeiro lugar, talvez a mais frequente e a mais importante, a interpretação quer em termos de estética, quer em termos de ética. Em termos de estética teríamos a considerar a estética literária, em jogo de analogias e palavras e a estética plástica em jogo de sons, cores, formas ou linhas em atenção privilegiada ou preferencial ao padrão Beleza. Em termos de ética, teríamos a considerar por atenção privilegiada ou preferencial ao padrão Bondade, a ética fundamental uma espécie de fundamentação metafísica das morais, assim como a moral ou ciência positiva dos costumes e ainda, tudo o que reveste uma certa característica de convencional. Num caso como no outro — até porque são convertíveis — podemos facilmente encontrar uma dimensão ética da Beleza na medida em que todas as suas manifestações comportam uma real presença de harmonia, assim como uma dimensão estética da Bondade na medida em que todas as suas manifestações comportam uma real presença de agradabilidade. Num caso como no outro, trata-se de uma actividade humana de considerável interesse à qual tem sido atribuído um interesse diminuto senão mínimo, em termos de observação, até hoje: a actividade de apreciação. Desse modo, sempre que acontece essa actividade, sempre presente em qualquer acção, tanto é "vista" como "vivida" em termos de imposição dum padrão, particularmente quando se interpretam as acções dos outros em juízo desfavorável aos princípios que lhe serviram de base, como é "vista" enquanto objectivável em termos

de absolutização dum padrão, só porque constitui a nossa opção. Consequentemente, trata-se duma interpretação inadequada porque não dá a atenção devida à expressão concreta de alguém, enquanto tal.

Viria em segundo lugar, a interpretação lógica ou de coerência interna, em salvaguarda da verdade da afirmação, adentro dum sistema filosófico de conjunto. Com efeito, este caracteriza-se por, a partir dum mínimo possível de pressupostos conduzir a um máximo de conclusões-aplicações, segundo uma lógica interna sem falhas nem deslizes, sem interpolações nem extrapolações e muito menos interrupções.

Viria, finalmente, a interpretação psicológica, eventualmente psicoterapêutica. A interpretação psicológica é aquela em que se procura rigorosamente, uma grande fidelidade aos dados da observação, como aliás é próprio e acontece em qualquer tipo de ciência experimental. Tais dados correspondem a uma colheita, praticada a partir de métodos e instrumentos adequados, por e para ajuizamento da realidade vivencial, *cada* personalidade — *mundus imaginalis* — sendo irrelevante a adequação aos objectos sensoriais. Merece particular realce a situação técnica na qual os elementos propostos para percepção-estruturação, por requisito de base, são indefinidos ou incaracterísticos, quer como formas, quer como cenas. Isto acontece, particularmente, nas provas experimentais ditas métodos ou técnicas projectivas,. A interpretação psicológica consiste num ajuizamento da realidade, de índole tecnico-científica — o ajuizamento e a realidade — por observação directa e quanto possível adequada a uma investigação rigorosa.

Avançando para a análise-descrição da situação concreta que é a própria prática psicológica, seria de propor uma diagrama que, sem preocupações de originalidade, tendo ou não tendo algo de original, pode comportar algo de interessante. A ser discutido. Reflectido. Ao menos procura, vincadamente, realçar o que a situação comporta de específico. Com efeito, é evidente que a situação dual, englobando um técnico e um sujeito não reveste nada de específico. Acontece, claramente, em variadíssimas situações, de um frente a frente de facto. O que acarreta um risco,

por vezes, grave da parte do técnico de abusar senão mesmo manipular a dependência do sujeito, enquanto carente de algo ou a braços com uma situação, interna ou externa que lhe escapa. O sujeito pode encontrar-se carente de informação para sua defesa (prática do direito), carente de local de trabalho, em busca de emprego (selecção-orientação), carente de saúde pessoal, porque a sente ameaçada, porque a perdeu, porque não consegue recuperá-la (prática bio-fisiológica), etc.. Deste modo a situação do técnico é de queda fácil na dominação (sem intenção de a praticar), na medida em que possui soluções: informação, instrumentos de análise, de intervenção e de decisão.

Torna-se claro que a prática psicológica comporta aspectos comuns e aspectos próprios. Comporta principalmente, *ainda* bastante ambiguidade no que diz respeito à relação entre técnico e sujeito, praticamente englobando, em doses variáveis, elementos presentes nas outras situações mais ou menos consagradas por uma longa prática. No entanto, o risco de dominação da parte do técnico é simultaneamente maior e menor. Maior é o risco, por virtude do recurso intempestivo ou forçado aos modelos tradicionais da relação, para afirmação pessoal por meio da informação técnica, desbobinando teorias a esmo ou uma teoria com a qual e na qual se sente bem e mais ou menos fechada ou esotérica. Menor é o risco se tivermos presente a atitude do sujeito que poderá consistir em vir apenas ouvir uma opinião, sem qualquer estatuto de validade, para dizer não, se não estiver de acordo, indo ao ponto de desconsiderar o técnico. Em todo o caso, o sujeito pode procurar apenas uma informação, para melhor compreender os outros, para melhor se entender com eles ou para conseguir saber por onde lhe "pegar". Também pode acontecer procurar compreender-se a si próprio ou fazer face a uma problemática de apreciação comparativa ou, mesmo, de decisão. Talvez ainda, pode procurar o técnico para prevenir a perda de saúde pessoal que sente periclitante ou mesmo ameaçada por qualquer elemento parasita que não consegue identificar ou não percebe simplesmente o que se passa. Raramente procurará um técnico para re-adquirir a unidade pessoal, ou seja, a saúde pessoal perdida. Numa palavra, o recurso ao técnico, em psico-

logia, pode responder a uma procura de saída duma situação problemática que envolve o sujeito ou resolver um problema concreto. A ambiguidade pode atingir o máximo quando se repete o tradicional desabafo, ou seja, o sujeito procura apenas alguém que o ouça — compreenda-aceite — mesmo alguém que lhe dê razão, contra outros, em geral, em todo o caso, repetindo o que já sabe ou reformulando o que sente pouco claro.

A ambiguidade "espreita" por todos os lados na situação de prática psicológica. Vamos tentar situá-la concretamente, para conseguir, o melhor que se puder, diminuir a ambiguidade.

Assim: os dois, sujeito e técnico encontram-se presentes, num espaço-tempo determinado, aceite em princípio pelos dois intervenientes. Encontram-se diferentemente: ao passo que o sujeito se situa nesse espaço-tempo vivencialmente, o técnico deveria situar-se o mais possível experimentalmente. Encontram-se: o sujeito perante um material, adrede preparado e o técnico perante uma resposta. Face a esse material diferente ambos exercem igualmente, uma actividade de percepção, cada um por si, a partir de sensações, mais ou menos semelhantes. Como personalidades que são, não exercem apenas essas actividades de percepção. As sensações, ao serem elaboradas diferenciadamente por cada personalidade vão, além disso, ser submetidas a uma actividade mais importante ainda: à atribuição de significações ou actividades de contacto-diferenciação de valores. Sujeito e técnico, ambos percepcionam e ambos apreciam. Diferentemente. E é na diferença, aqui, como em qualquer outra modalidade de interacção, particularmente em termos de educação, que se encontra a possibilidade dum serviço a receber e a prestar.

O sujeito encontra-se face a um material. Na sua apresentação meramente sensorial, ele ali está. Igual e diferente, para ambos. O material é algo de sensorial, sem consistência própria, quase sempre ambígua. Pelo facto mesmo, não faz apelo a nenhuma espécie de modelos de comportamento nem a referências sensoriais, a não ser reduzidas ao mínimo, nem muito menos a paradigmas personalizados, com maior ou menor clareza. O protocolo, por seu lado, constitui um labirinto de ele-

mentos dispersos, quase sem consistência, aparentemente alógicos, por vezes inverosímeis. Para qualquer que os capte apenas na sua aparência. Para o técnico, no entanto, que dispõe de sistemas referenciais variados para a sua análise, tudo pode vir a ser diferente. Com efeito, esses elementos referenciais, mais ou menos sistematizados, foram experimentalmente construídos, tratados a partir de cálculos matemáticos rigorosamente conduzidos, numa tentativa de determinação de medidas de convergência e dos cálculos de desvios, exercitadas sobre grupo ou grupos-padrão.

O protocolo é constituído por todo o tipo de construções ou de elaborações imagéticas, praticadas pelo sujeito, em cumprimento das instruções, breves, propostas pelo técnico. No entanto, atendendo à ambiguidade do material experimental, as construções imagéticas são da total autoria do sujeito. São elas que vão constituir o material de trabalho de análise para o técnico. Ou seja, o técnico, perante o protocolo e o sujeito perante o material exercem, diferentemente, as mesmas actividades de percepção e de apreciação. Diferentemente, porque para o sujeito trata-se dum momento experiencial, vivência e para o técnico, sem deixar de ser momento vivencial, em certo modo, sem vantagem nem desvantagem, é principalmente momento de observação objectiva. Ou seja: o técnico se não pode esquecer que é personalidade, muito menos pode esquecer que é e que se encontra a actuar, principalmente, como técnico. Isto implica que é da sua preparação tecnico-científica, bem presentificada em síntese operacional, que depende o serviço a prestar e não da sua personalidade, quer enquanto vivência, quer enquanto ideia mais ou menos vivencial que dela se faz.

Para o técnico através da sua preparação curricular específica, o material é conhecido na sua feitura, na sua textura, claramente na sua finalidade e, principalmente, na possibilidade de levar o sujeito a expressar-se perante o mesmo, particularmente no caso das técnicas projectivas. Nestas, com efeito, por característica própria, o material é fortemente ambíguo, sem a mínima correspondência com qualquer realidade sensorial no caso das manchas de tinta; sem definição precisa quer pelos

elementos quer pela estruturação com cenas do dia-a-dia no caso das figuras, particularmente se focaliza as cenas com animais. Porque se trata dum material não estruturado ou não definido o sujeito, a partir da "norma" (consigne) vai estruturá-lo, vai estabelecer relações entre os elementos, componentes duma cena, a maior parte das vezes enfatizando alguns elementos apenas ou algumas formas apenas ou isolando diversas formas como se fossem independentes. E ao elaborar as formas ou cenas, ou as percepciona na sua globalidade e depois passa a analisar no pormenor ou vai direito ao pormenor e realça diversos pormenores, ou ainda pratica alternadamente as duas formas de percepção. Em todo o caso, quer em globalização quer em parcialização, a actividade que o sujeito desenvolve é sempre em percepção ou elaboração dos dados sensoriais[86], a partir ou não duma selecção. Desde que acontece selecção, claramente se pode considerar o sujeito como exercitando a sua actividade de apreciação.

Claro se torna, deste modo, que o sujeito define o material, atribuindo-lhe igualmente uma significação ou porque lhe atribui uma significação. Tendo presente que pratica uma percepção e uma apreciação de todo o material, torna-se compreensível que o sujeito se encontra presente em actuação conjunta dos dois aspectos fundamentais da personalidade e, por isso, ou nessa medida, *expressa-se* exprimindo o seu mundo imaginal: *projecção*. É a sua *expressão*. Expressão global e englobante. Expressão própria. Nessa medida revela-se, revelando os conteúdos do *mundo imaginal* que é. Radicalmente ou fundamentalmente.

Esta expressão-revelação que é experiência experiencial para o sujeito compreende igualmente conteúdos vivenciais conscientes e conteúdos vivenciais inconscientes, quer digam respeito

---

86 Evidentemente, encontro-me a propor como dado fundamental e/ou fundamentado, a diferença — e apenas a diferença — entre a actividade sensitiva e a actividade perceptiva. Na universalidade ou identidade das bases bio-fisiológicas acontece uma considerável variedade e variabilidade de percepções como a Psicologia social da percepção e até mesmo da inteligência o demonstra, como particularmente e ainda, a da memória. Para além disso, qualquer um o pode verificar no mais banal do seu dia-a-dia, em si ou nos outros. Como acima o frisei, seria de ter ainda em conta os "erros dos sentidos" que o não são.

ao seu passado quer digam respeito ao seu futuro, quer se trate de opções pessoais quer se trate de elementos grupais, etc.. Esta mesma expressão-revelação, por outro lado, constitui experiência experimental para o técnico, ou seja, o protocolo. Assim como da experiência experiencial resultou uma manifestação pessoal ou expressão própria em base imaginal, da experiência experimental vai resultar uma interpretação técnica em referência pessoal-grupal. Esta interpretação técnica só o pode ser na medida em que assentar numa base científica, rigorosa e objectiva = *observação* = tendo presente que para o sujeito a interpretação do material é rigorosa e subjectiva = *projecção* = e enquanto tal constitui manifestação da sua mundividência e da sua mundivivência, o seu mundo imaginal, em base das actividades de conhecer e de valorar[87].

Este mundo imaginal, a ser interpretado tecnicamente, só o poderá ser duma forma rigorosa, isto é, adequada em função *da* personalidade, enquanto objecto científico da psicologia, para mais rigorosamente e adequadamente compreender *esta* personalidade ou a personalidade *deste* sujeito. Aqui interferem principalmente as duas facetas de fundo das ciências psicológicas: a análise da personalidade e a análise do desenvolvimento da

87 Aqui o problema mais problema, em toda a sua agudeza. Como já frisei noutro lugar (Miranda Santos, 1982) torna-se indispensável para a prática teórica da investigação e para a prática aplicada da intervenção, distinguir que não separar, diferenciar que não opor as actividades da personalidade que consistem em entrar em contacto com o real sensorial, experimental ou metafísico, por um lado e por outro, entrar em contacto com o valor sensorial, experimental ou metafísico.

A dificuldade em admitir esta clara diferenciação, em virtude de estereotipias vigentes, é considerável. Como o demonstrei a partir duma observação de campo, em amostra representativa do país inteiro, não se pode adiar por mais tempo a aplicação em prática psicológica desta distinção-diferença entre cognitivo e afectivo. O racionalismo cientista e/ou o positivismo racionalista assim como o gnoseologismo lógico pesam pesadamente sobre nós, sob a forma dos atavismos culturais dominantes. Para complicar, encontram-se presentes no tipo de raciocínio empregue pelos freudianos, recebendo larga confirmação, ao usar e abusar do vocábulo afecto, insistindo na redução, assaz perniciosa, da afectividade à emotividade. Uma análise psicossociológica da afectividade demonstra o não sentido dessa confusão, simplesmente através do facto incontestável da variação cultural da mesma.

personalidade. Uma descrição rigorosa do desenvolvimento pressupõe uma compreensão exigente, experimentalmente, da própria personalidade. Para o caso presente da problemática de aplicação, a perspectiva mais importante é a do desenvolvimento da personalidade, por estar atenta aos momentos "sensíveis" das transformações que vão acontecendo nas actividades de conhecer e do apreciar.

As observações precisas que se encontram da base da psicologia do desenvolvimento e/ou da psicopedagogia (A. M. Santos, 1986) impõem como facto inegável o seguinte: qualquer personalidade acontece graças à intervenção ou à sinergia de três factores fundamentais, quer enquanto forma quer enquanto conteúdo[88]. Tais factores, para os designar duma forma objectiva, a partir das ciências que os definem tecnicamente, seriam o factor *biótico* e a sua característica fundamental de maturação, em cumprimento dum programa genético básico, ou seja, de todo um equipamento hereditário, cuja importância se pode verificar em base experimental na situação de co-educação de bebés humanos e de bebés macacos; o factor *ambiencial* cuja característica fundamental consiste no desenvolvimento da capacidade de interacção, o mesmo é dizer, da socia*bi*lidade a partir da partilha personalizada dos conteúdos culturais do grupo em que aparece primeira-

88 Duma forma geral e generalizada, nos manuais, acontece um prolongamento repetitivo de dicotomias tradicionais de origem metafísica, sob a forma: "somos produto da hereditariedade e do meio". Essa dicotomia, várias vezes frisada e agora aduzida, a propósito, é a de substância pensante/substância extensa que reveste formas variadas, das quais as mais divulgadas são as seguintes: id (isso) / super-ego (super-eu) ou estoutra fortemente arreigada nos meios intelectuais e de "carácter" cientista organismo/meio, na sua vertente de filosofia da história, indivíduo/sociedade ou mais recentemente personalidade (=organismo)/cultura (= produtos culturais mais ou menos institucionalizados). Tais dicotomias, divulgadas pelos manuais, insistem ou consistem em afirmar que o crescimento (maturação, cumprimento do programa genético, multiplicação celular) é o resultado da hereditariedade e do meio. É curioso verificar que raramente se fala de desenvolvimento e quando tal acontece é em sinonímia com crescimento.

Sem negar valor/reconhecimento ao que *já foi* conhecimento científico, exactamente porque já foi converteu-se apenas em informação-divulgação. Isto é: "foi-se" como conhecimento científico para permanecer apenas como vago elemento ideológico.

mente, assim como de todos os outros grupos subsequentes, por e para uma maturação própria, acabada do próprio código genético. Trata-se dum factor especificamente humano, consequentemente, indispensável como fica demonstrado pelas observações de experiências ocasionais das "crianças selvagens", largamente estudadas desde o início do século XIX.

Até aqui, nada de novo. Dir-se-á mesmo: nada se alterou, a não ser um tudo nada, os nomes atribuídos. Havendo diferença de nomes é porque se encontram realidades em foco que se apresentam como diferentes, apesar de tudo. Com efeito, psicofisiologia não é o mesmo que biofisiologia, no seu sentido rigoroso de análise das "funções" humanas, não propriamente funções, mas expressões humanas, a não ser para os seguidores da perspectiva de somatório, os quais, no entanto, em química distinguem claramente composto de mistura. E a psicossociologia não é o mesmo que sociologia e, muito menos, que todo e qualquer sistema de bio-sociologismo, sociologismo biológico ou darwinismo social, em boa tradição darwinista ou comteana, escolasticamente mantidas (A. M. Santos, 1968, 1978).

Nesta sequência haverá a considerar ainda outra observação experimental. Ou seja: hoje é possível a partir da prática científica em psicologia que é a situação dos gémeos monozigóticos (univitelinos) e mesmo das situações extremas da esquizofrenia, síndroma específico (demência precoce) assim como da catatonia, entre outros, afirmar a existência e demonstrar a importância dum terceiro factor do desenvolvimento. Este factor é decisivo e não apenas básico ou específico, como decisiva se apresenta a experiência vivencial da unidade pessoal. Podemos dizer unidade pessoal e podíamos também dizer estrutura dinâmica que nós somos ou estruturação permanente, em sempre possíveis novas facetas, novas em descoberta do conhecer e do apreciar, por isso sempre passíveis de alterações que podem ser paragens. Um tal factor poder-se-ia apelidar de factor de unidade ou de unificação, factor de estrutura ou de estruturação, factor de projecto ou de projecção. Provisoriamente, apelidá-lo-ia, singelamente, factor *estrutural*.

Partindo das considerações sobre o factor ambiencial,

compreende-se que se torna indispensável da parte do técnico, introduzir na interpretação dos protocolos uma atenção matizada para o grupo de pertença e o grupo de referência, possuindo uma ideia clara, o melhor possível, acerca dos seus conteúdos culturais e das suas formas de comunicação. Com efeito, a cultura, ingrediente de fundo para o desenvolvimento da personalidade e manifestação da sua actividade criativa, por originalidade original, por vezes, recriação pessoal sempre ou ainda simples transformação ocasional, compreende como elemento de base a língua. Esta, desde a sua característica de composição de sons, em palavras, de composição de palavras em frases e de frases em "discurso" constitui uma das formas da linguagem, especificamente humana. E, como tal, acontece na comunicação humana que é a observação psicológica, principalmente em técnicas projectivas. No entanto, a língua compreende principalmente os conteúdos vivenciais, conscientes e inconscientes, constituídos basicamente por informações e apreciações, as quais se encontram presentes nas mais diversas formas de expressão cultural. Essas informações e apreciações encontram-se presentes e revelam-se em ritos e mitos, transmitidos por práticas; presentes ainda, umas e outros, nos mais diversos produtos culturais, desde a arquitectura até à poesia, da escultura e da pintura aos produtos de ficção, romances, contos, lengas-lengas e em tudo o que é formação científica e técnica e até metafísica[89].

[89] A tentativa melhor tentada é a de R. Depuyt-Berte, em relação ao T.A.T., em texto mimeografado pelo Departamento de Psicologia clínica da Universidade de Lovaina e o de R. McCully, em relação ao Rorschach: *Rorschach: Theory and Symbolism* (Baltimore, 1971). Uma perspectivação do Rorschach adentro da Psicologia analítica de Jung. Acerca desta obra, um testemunho insuspeito, o de Piotrowski: "Este livro provocante, inédito e não convencional constitui um passo decisivo, não apenas no sentido de enriquecer o teste de Rorschach, mas também, rumo à elevada meta de objectividade, num campo bastante árido e interessante do estudo da personalidade". Já se escrevia em 1971 na apresentação da obra de McCully. E dizia ainda algo mais que vem a propósito, como peso duma autoridade de fora do círculo junguiano: "Sólidas teorias (referência à psicologia analítica de Jung) da personalidade, adequadamente aplicadas, aumentam o alcance e a profundidade das conclusões inferidas dos testes... Tudo depende da prática e dos conhecimentos do indivíduo que faz a interpretação". Com mais força para o nosso propósito de diagrama da problemática de aplicação: "*É uma pena que*

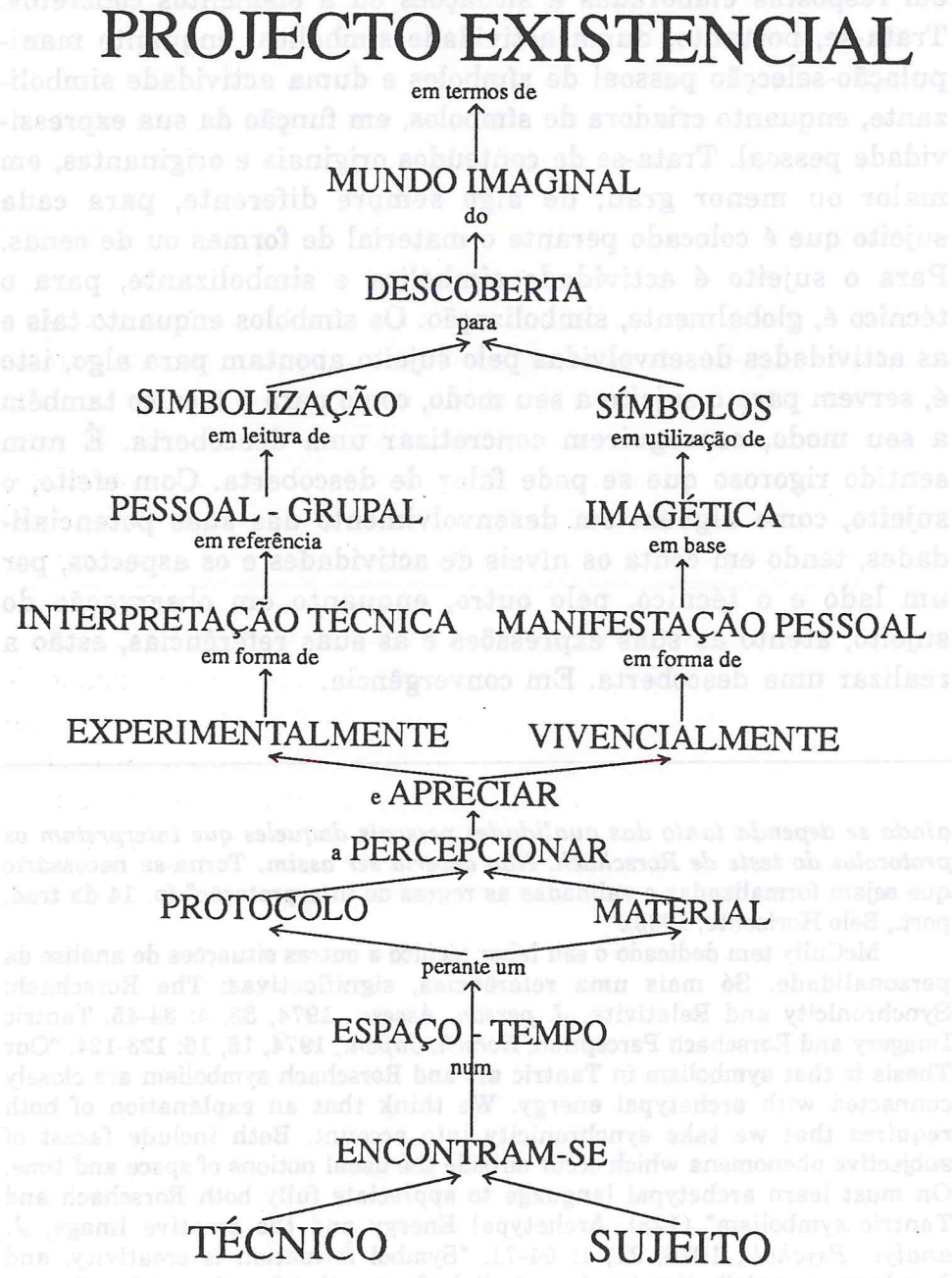
A expressão pessoal, tendo por base o imaginal, resulta do mundo imaginal que é cada e a personalidade. Esse mundo imaginal projectado é constituído por uma selecção de símbolos em respostas elaboradas a situações ou a elementos concretos. Trata-se, portanto, duma actividade simbólica, enquanto manipulação-selecção pessoal de símbolos e duma actividade simbolizante, enquanto criadora de símbolos, em função da sua expressividade pessoal. Trata-se de conteúdos originais e originantes, em maior ou menor grau, de algo sempre diferente, para cada sujeito que é colocado perante o material de formas ou de cenas. Para o sujeito é actividade simbólica e simbolizante, para o técnico é, globalmente, simbolização. Os símbolos enquanto tais e as actividades desenvolvidas pelo sujeito apontam para algo, isto é, servem para o sujeito a seu modo, como para o técnico também a seu modo, conseguirem concretizar uma descoberta. É num sentido rigoroso que se pode falar de descoberta. Com efeito, o sujeito, como alguém em desenvolvimento das suas potencialidades, tendo em conta os níveis de actividades e os aspectos, por um lado e o técnico, pelo outro, enquanto em observação do sujeito, atento às suas expressões e às suas referências, estão a realizar uma descoberta. Em convergência.

---

ainda se dependa tanto das qualidades pessoais daqueles que interpretam os protocolos do teste de Rorschach. Não deveria ser assim. Torna-se necessário que sejam formalizadas e validadas as regras de interpretação" (p. 14 da trad. port., Belo Horizonte, 1980).

McCully tem dedicado o seu labor técnico a outras situações de análise da personalidade. Só mais uma referências, significativas: The Rorschach: Synchronicity and Relativity, *J. person. Assess.*, 1974, 38, 4: 34-45. Tantric Imagery and Rorschach Perception, *Rorsch. Japon.*, 1974, 15, 16: 123-124. "Our Thesis is that symbolism in Tantric art and Rorschach symbolism are closely connected with archetypal energy. We think that an explanation of both requires that we take synchronicity into account. Both include facest of subjective phenomena which occur outside the usual notions of space and time. On must learn archetypal language to appreciate fully both Rorschach and Tantric symbolism" (128). Archetypal Energy and the creative Image, *J. analyt. Psychol.*, 1976, 21, 1: 64-71. "Symbol formation is creativity, and Jung's great contribution has been to link the creative function with collective forces in man. For purposes for greater understanding, he separated symbol from symptom" (70).

Gráfico 1


PROJECTO EXISTENCIAL
em termos de
MUNDO IMAGINAL
do
DESCOBERTA
para
SIMBOLIZAÇÃO
em leitura de
SÍMBOLOS
em utilização de
PESSOAL - GRUPAL
em referência
IMAGÉTICA
em base
INTERPRETAÇÃO TÉCNICA
em forma de
MANIFESTAÇÃO PESSOAL
em forma de
EXPERIMENTALMENTE
VIVENCIALMENTE
e APRECIAR
a PERCEPCIONAR
PROTOCOLO
MATERIAL
perante um
ESPAÇO - TEMPO
num
ENCONTRAM-SE
TÉCNICO
SUJEITO

Na diferença: o sujeito em termos vivenciais, enquanto esta personalidade, em termos de individualidade, unidade pessoal, em expressão-síntese do mundo imaginal que é. O técnico em atenção às referências do sujeito, principalmente àquelas que mais ou melhor contribuíram para a estruturação desse mundo imaginal. E isto sem esquecer o factor biótico e a sua história pessoal, em termos de passado, assim como de futuro, em projecto, na certeza de que qualquer desses dados constituem principalmente a "leitura" que o sujeito deles se faz, através dos esquemas de pensamento e acção ou cultura.

Esta descoberta, quer no sujeito quer no técnico, resulta duma hermenêutica, no sentido pleno do vocábulo, "jogando" com todos os dados, por inteiro, na diferença e na semelhança entre todos, na diferença e na semelhança entre os dois intervenientes nessa "hermenêutica". Essa descoberta desse mundo pessoal-mundo imaginal, porque se trata de técnicas projectivas vai ser uma descoberta, principalmente em termos de futuro. Se é em termos de futuro, perspectiva-se sob o ângulo do desenvolvimento, em evidenciação dum projecto subjacente o qual constitui o elemento unificante desse mundo imaginal que é a personalidade.

Para o sujeito só se pode conceber a situação em termos de clarificação, a qual mais não pode ser do que re-descoberta sucessiva da sua aspiração de fundo e de topo a perfazer-se, através da conjugação da variedade e variabilidade diversificantes do mundo sensível e do mundo intelectível que se lhe apresenta com a variedade e variabilidade unificantes do mundo imaginal que é *cada* porque é *a* personalidade.

A prática psicológica, em geral e aquela, específica, que se apoia nas técnicas projectivas só pode ter validade, por si mesma, e valiosidade em termos de serviço a alguém, se for psicológica. O mesmo é dizer, se se apoiar em dados rigorosamente experimentais e exigentemente específicos. Quanto à especificidade só a perspectiva de projecção-expressão oferece garantias, pois só ela tem em conta todo o vivencial de *cada* personalidade: é expressão e expressa, enquanto mundo imaginal, os seus conteúdos vivenciais, quer sejam conscientes quer sejam inconscientes, na tridimensionalidade temporal que a caracteriza.

Com efeito, qualquer actividade dum sujeito, de alguém é uma expressão: expressão de algo próprio, característico, talvez de fundo; ao mesmo tempo, algo que se mostra e se esconde. Mostra-se, graças a uma observação tecnico-científica, mais ou menos geral ou generalizável; esconde-se, pois o vivencial de alguém, em termos de tridimensionalidade, ou seja, de desenvolvimento e inovação expressivos, encontra-se para além do que mostra, nos seus elementos pessoais e personalizados, enquanto projecto existencial. Ninguém, por isso mesmo, pode ser reduzido a um esquema ou a um modelo ou parâmetro, dado, fixo, repetitivo, portanto, pre-determinado pelo passado, da espécie, próximo ou remoto, adentro do grupo ou dos grupos, quer de referência, quer de pertença. Ninguém é, igualmente, apenas insondabilidade, originalidade, mistério.

Em qualquer tipo de circunstância, alguém será sempre símbolo, sentido, orientação para uma escatologia. Símbolo: há sempre outra face, algo mais, sempre possível. A partir de algo observado. Uma outra face que vai até ao ponto de referenciar algo ou alguém, sempre mais além: o "numen", "sagrado", "transcendente"; algo ou alguém sempre mais além: *selbst* ou "o centro que abarca a totalidade do humano, referenciadamente" (Jung, 1952).

Em suma:duas grandes vertentes estão presentes em toda e qualquer prática psicológica: *o técnico*, em caminhada orientada com um objectivo ou razão de ser, fundamento específico da sua actividade profissional: praticar uma *hermenêutica*, o mais compreensível possível. Para isso, é chamado a actualizar o mais e melhor possível a sua especialização, apoiado numa síntese curricular constantemente recriada, para ou em serviço a alguém; *o sujeito*, em caminhada orientada com um objectivo ou razão de ser, fundamento específico da sua característica de humano: praticar um desenvolvimento o mais vasto possível, em concretização do seu *projecto existencial* em dinamismo constante, em vivência da sua aspiração a perfazer-se ou humanizar-se. Como diria o poeta: "cegar com outra luz/ a luz do dia" que já passou, "ensinar a cada alma/a sua rebeldia" (M. Torga).

Esta a hipótese.
Em e para a prática psicológica.
Pois a personalidade é especificamente,

MUNDO IMAGINAL.

AFIRMADO

(abertura ao futuro)

— Fica demonstrado, em definitivo:
A PERSONALIDADE
É MUNDO IMAGINAL.

— Fica implicitamente demonstrado:
A PERSONALIDADE-MUNDO IMAGINAL
É DESENVOLVIMENTO-EXPRESSÃO DE
POTENCIALIDADES.

— Fica claro, a demonstrar melhor:
A PROJECÇÃO
É CONCRETIZAÇÃO DUM PROJECTO PESSOAL.

— Fica esboçado, a clarificar-demonstrar no futuro:
A FANTASIA
É A ACTIVIDADE-CHAVE
NA FORMULAÇÃO-CLARIFICAÇÃO
DO PROJECTO NO PRESENTE
RE-CRIANDO O PASSADO
A PARTIR DO FUTURO.

Duma outra forma:

Em prática psicológica: A REALIDADE É A IMAGEM.

Em ciência psicológica: A REALIDADE É A EXPRESSIVIDADE.

Em prática psicológica: A REALIDADE É VIVÊNCIA
DO QUE RODEIA
CADA PERSONALIDADE.

Em ciências psicológicas: A REALIDADE SÃO AS EXPRESSÕES

Oxalá
tenha, ao menos, sugerido
ou
tenha acontecido, ao menos, em esboço:

UMA POSSIBILIDADE MAIS
na caminhada

para um conhecimento do

REAL HUMANO.

Mais correcto,
experimentalmente;
mais adequado,
operacionalmente:
mais específico,
epistemologicamente.
Cada humano
só consegue ser "entendido"

enquanto

EXPRESSÃO DUM PROJECTO EM PROJECÇÃO.

ANEXOS

Quadro 1

Palavras significativas por história e por sujeito

SUJEITOS / ESTAMPAS		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	MÉDIA
Banto	1	11	9	23	14	18	25	13	22	10	5	15,0
"	2	13	12	20	18	13	18	19	28	23	10	17,4
"	3	14	12	25	20	16	27	26	13	30	17	20,0
"	4	9	11	10	8	18	18	18	12	14	8	12,6
"	5	6	6	18	11	16	23	16	16	21	11	14,4
"	6	9	9	18	7	15	23	20	13	20	12	14,6
"	7	15	13	23	11	13	19	19	13	16	12	15,4
"	8	7	12	16	6	13	22	13	14	16	5	12,4
"	9	14	15	23	16	15	18	23	17	23	11	17,5
"	10	24	22	23	8	18	21	22	23	23	14	19,8
"	11	10	14	11	9	15	22	22	15	17	13	14,8
"	12	9	15	20	12	8	21	18	15	17	10	14,5
"	13	10	13	25	5	8	30	17	13	18	9	14,6
"	14	10	10	21	4	17	23	18	15	17	11	14,6
"	15	9	20	26	8	17	37	18	20	21	9	18,5
MÉDIA		11,3	12,9	20,0	10,5	14,6	23,1	18,8	16,6	19,1	10,5	15,7

Quadro 2

Palavras significativas por história e por grupo experimental

T. A. T. / ESTAMPA		BANTO	BANTO GRECO-LATINO	GRECO-LATINO BANTO
1		15,0	16,8	18,5
2		17,4	15,6	22,4
3		20,0	16,9	18,1
4		12,6	15,2	17,5
5		14,4	15,7	16,2
6		14,6	17,3	15,9
7		15,4	14,9	16,8
8		12,4	18,4	13,1
9		17,5	15,5	15,4
10		19,8	15,2	19,3
11		14,8	15,3	15,4
12		14,5	16,4	16,6
13		14,6	14,5	18,3
14		14,6	14,8	19,5
15		18,5	17,5	16,5
MÉDIA	BANTO	15,7	16,0	17,3
	GRECO-LATINO	—	16,1	16,9
	TOTAL	15,7	16,0	17,1

Quadro 3

Palavras significativas por história e por sujeito

SUJEITOS / ESTAMPAS		A"	B"	Ç"	D"	E"	F"	G"	H"	I"	J"	MÉDIA
Banto	1	9	19	15	21	18	12	13	14	25	22	16,8
"	3	13	20	16	17	22	10	14	20	20	17	16,9
"	5	15	13	10	23	22	11	15	15	17	16	15,7
"	7	14	11	12	15	12	20	14	18	12	21	14,9
"	9	10	22	15	19	21	11	14	17	13	13	15,5
"	11	9	14	21	14	22	11	15	16	16	15	15,3
"	13	8	16	7	14	22	12	20	13	22	11	14,5
"	15	21	25	15	24	22	16	6	18	20	8	17,5
MÉDIA		12,4	17,5	13,9	18,4	20,1	12,9	13,9	16,4	18,1	15,4	15,9
Euro-americano	2	17	22	13	19	17	8	10	17	16	17	15,6
"	4	20	6	12	18	21	7	16	16	18	18	15,2
"	6	6	23	19	12	28	16	16	19	18	16	17,3
"	8	16	16	33	21	22	14	12	15	18	17	18,4
"	10	7	21	13	17	25	6	17	14	18	14	15,2
"	12	17	21	14	13	23	8	17	15	19	17	16,4
"	14	9	16	7	15	19	7	13	18	18	28	15,0
MÉDIA		13,1	17,9	15,9	16,4	22,1	9,4	14,4	16,3	17,9	18,1	16,15
MÉDIA TOTAL		12,7	17,7	14,8	17,5	21,1	11,3	14,1	16,3	18,0	16,7	16,2

Quadro 4

Elementos culturais portugueses nas histórias do T. A. T. banto

ELEMENTOS / ESTAMPAS				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	TOTAL
MUNDO MATERIAL	Casa- lar			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Objectos			3	-	-	6	-	2	1	-	2	-	-	1	-	-	-	15
	Deslocações			-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	-	20
	Global			3	-	-	7	-	2	1	-	2	-	-	1	-	19	-	35
MUNDO HUMANO	Família			2	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	7
	Relação	Apreciação (moldes)	Positivos	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
			Negativos	1	-	2	-	-	-	-	-	2	-	-	6	1	-	-	12
		Promoção Instrução		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	9	10
	Acção	Castigos		1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3
		Roubo		-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
		Dinheiro		-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-	9
		Saúde		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Relações interculturais			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Global			4	1	4	-	-	1	-	1	3	9	-	6	3	1	10	43
MUNDO TRANSCENDENTE		Justiça		-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
		Bondade		-	-	3	-	-	5	-	-	1	-	-	-	-	-	3	12
	Diabo			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Global			-	-	4	-	-	5	-	-	1	-	-	-	-	-	3	13
TOTAL				7	1	8	7	-	8	1	1	6	9	-	7	3	20	13	91

Quadro 5

Elementos culturais portugueses nas histórias do T. A. T. banto (Passação mista)

ELEMENTOS	ESTAMPAS			Banto — Greco-latino									Greco-latino — Banto								TOTAL
				1	3	5	7	9	11	13	15	Global	2	4	6	8	10	12	14	Global	
MUNDO MATERIAL	Casa- lar			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3	3
	Objectos			1	1	-	-	-	-	-	-	2	-	6	4	-	1	-	-	11	13
	Deslocações			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20	20	20
	Global			1	1	-	-	-	-	-	-	2	-	6	4	-	1	3	20	34	36
MUNDO HUMANO	Família			-	-	-	1	-	-	4	1	6	2	-	-	-	-	1	-	3	9
	Relação	Apreciação (moldes)	Negativos	-	-	-	-	-	1	1	-	2	3	-	1	4	1	1	1	11	13
			Positivos	1	1	-	-	-	-	3	-	5	1	-	1	5	-	8	10	25	30
		Promoção Instrução		1	-	-	-	-	-	-	11	12	1	-	1	1	-	-	-	3	15
	Acção	Castigos		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
		Roubo		-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-	2	-	1	-	-	4	5
		Dinheiro		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	5	-	-	8	8
		Saúde		-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	1	2
	Relações interculturais			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Global			2	1	-	2	-	1	8	13	27	8	2	6	10	8	10	11	55	82
MUNDO TRANSCENDENTE		Justiça		-	-	-	-	-	1	2	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
		Bondade		-	4	2	-	-	1	-	2	9	-	-	1	1	-	-	-	2	11
	Diabo			-	-	1	1	1	1	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
	Global			-	4	3	1	1	3	2	3	17	-	-	1	1	-	-	-	2	19
TOTAL				3	6	3	3	1	4	10	16	46	8	8	11	11	9	13	31	91	137

Quadro 6

Palavras significativas

SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS	VALOR DE U	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Globais:		
Banto/Greco-latino — Banto	65,00	0.467*
Banto/Banto — Greco-latino	85,50	0.481*
Banto — Greco-latino/Banto	63,00	0.466*
Parciais		
Banto/Banto — Greco-latino	37,00	0.417*
Banto — Greco-latino/Banto	33,50	0.493*
Prancha a Prancha:		
1	41,00	0.479*
2	23,50	0.438*
3	39,00	0.474*
4	23,00	0.435*
5	48,00	0.495*
6	41,50	0.479*
7	45,50	0.489*
8	45,00	0.488*
9	33,50	0.462*
10	44,50	0.487*
11	45,00	0.488*
12	44,50	0.487*
13	48,50	0.497*
14	41,00	0.479*
15	48,50	0.497*

Quadro 7

Conteúdos culturais

SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS	VALOR DE U	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Globais:		
Banto/Greco-latino — Banto	111,50	0.499*
Banto/Banto — Greco-latino	88,50	0.482*
Banto — Greco-latino/Banto	93,00	0.485*
Prancha a Prancha:		
1	102,00	0,48*
2	81,50	0,47*
3	105,50	0,48*
4	112,00	0,50*
5	97,50	0,18*
6	87,00	0,14*
7	97,50	0,49*
8	89,00	0,48*
9	89,00	0,48*
10	85,00	0,47*
11	82,50	0,45*
12	97,50	0,48*
13	95,50	0,48*
14	104,50	0,49*
15	99,50	0,46*

BIBLIOGRAFIA

I PARTE

ABRANCHES, C. (1958) A causa exemplar em Pedro da Fonseca, *Rev. Port. Fil.*, 14: 3-10.

ALQUIÉ, Fernand (1950) *La découverte métaphysique de l'homme chez Descartes*, Paris.

ANCIAUX, E. (1907) La cause exemplaire, *Rev. August.*, 11: 695-709.

ARISTÓTELES (1900) *Traité de l'âme*, Trad. G. Rodier, Paris.

ARISTÓTELES *Metafísica*

ARREAT, L. (1895) *Mémoire et imagination*, Paris.

AUGUSTINUS (1887) *De 83 Questionibus*, Migne, 40, Paris.

AUGUSTINUS (1887) *De genesi ad litteram, imperfectus liber*, Migne, 34, Paris.

BACHELARD, G. (1938) *Psychanalyse du feu*, Paris.

BACHELARD, G. (1943) *L'air et les songes*, Paris.

BACHELARD, G. (1957) *La poétique de l'espace*, Paris.

BACHELARD, G. (1961) *La poétique de la rêverie*, Paris.

BERGERON, M. (1932) La structure du concept latin de persona. Comment chez les latins "persona" est venu à signifier "relatio". *Arch. hist. litt. et doctrinale*, 2: 121-61.

BERGSON, H. (^{43}1944) *Essai sur les Données immédiates de la conscience*, Paris, (^{1}1998).

BERGSON, H. (^{60}1959) *Matière et mémoire. Essai sur la relation du corps à l'esprit*, Paris (^{1}1939).

BLANC-GARIN, J. (1974) Recherches récentes sur les images mentales: leur rôle dans les processus de traitement perceptif et cognitif, *Année Psychol.*, 74: 533-64.

BOAVENTURA, S. (1981) Opera omnia, T. V — Collationes in Hexaemeron

BOAVENTURA, S. (^{2}1970) *Redução das ciências à teologia*, Coimbra.

BOETIUS, (1882) *De consolatione philosophiae*, Migne, 63, Paris.

BOETIUS, (1891) *In librum de interpretatione*, Migne, 64, Paris.

BOWERS, H. (1931) Memory and mental imagery, *Brit. J. Psychol.*,21: 271-82.

BRENTANO, Fr. (1944) *Psychologie du point de vue empirique*, Paris (tr. fr).

BRETON, S. (1966) *Idée du monde et philosophie de la nature*, Paris.

BRUNNER, F. (1955) Le conflit des tendances platoniciennes et aristoteliciennes au Moyen-Âge, 5: 179-92.

BRUYER, R. (1982) Neuropsychologie de l'Imagery mentale, *Année psychol.*, 82: 497-512.

CABANIS, P. J. G. (1802) *Les rapports du physique et du moral dans l'homme*, Paris.

CARUSO, I. (1959) Le symbole, *Cahiers Rech. Débats*

CASELLAS, J. C. (1983) Un paradigma interdisciplinar de formación: El hombre educable, *Rev. esp. Pedag.*, 41: 608

CASTIGLIONE, PICCOLOMINI & BANDELLO (1980) *Images de la femme dans la litérature italienne de la Renaissance*, Paris.

CHATEAU, J. (1972) *Les sources de l'imaginaire*, Paris.

CHAUCHARD, P. (1957) *La création évolutive*, Paris.

CHENU, M. D. (1950) *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*, Paris.

CHENU, M. D. (1952) L'homme et la nature. Perspectives sur la renaissance au XIIème siècle, *Arch. hist. littér. doctrinale*, 19: 39-66.

CHENU, M. D. (1953) Nature ou histoire? Une controverse exégétique sur la création au XIIème siècle, *ibid. 20: 25-30.*

CLEMENTE de Alexandria (1877) *Stromates*, Migne, 22, Paris, 19

CORBIN, H. (1964) Mundus imaginalis ou l'imaginaire et l'imaginal, *Cah. I. Symbolisme*, 6: 3-26.

CORBIN, H. (1980) *Temple et contemplation*, Paris.

CORBIN, H. (1983) *Cyclical Time and Ismaili Gnosis*, London.

CORBIN, H. ([2]1977) *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn-Arabî* ([1]1958).

DAMASCENUS, (1864) *De imagine*, Pro sacris Imaginibus, 94, Migne, Paris.

DELACROIX, H. (1924) *Le langage et la pensée*, Paris.

DELACROIX, H. (1927) *Psychologie de l'art. Essai sur la créativité artistique*, Paris.

DELACROIX, H. (1931) La mémoire affective, *J. de Psychol.*, 321-44.

DELACROIX, H. (1936) Les opérations intellectuelles: la pensée et les images. *In* G. Dumas (Ed.), *Nouveau traité de Psycologie*. Paris.

DENIS, M. (1979) *Les images mentales*, Paris.

DENIS, M. (1989) *Image et cognition*, Paris.

DENIS, M. et DUBOIS, D. (1976) La représentation cognitive; quelques modèles récents, *Année Psychol.*, 76: 541-62.

DEPUYDT-BERTE, R. (1975) Le monde imaginal: introversion, rêve,mythe et archétype.Éclairages sur.*Rev. Psychol. Sc. de l'Éduc.* 10, 2-3: 161-385. Numero spécial en Hommage à K. G. Jung (1875-1975).

DILTHEY, W. (1883) *Einleitung in die Geisteswissensachften*, Berlin.

DILTHEY, W. (1895) *Die geistige Welt*, Berlin.

DURAND, G. (1963) L'occident iconocolaste. Contribution à l'histoire du symbolisme, *Cahiers intern. Symbolisme*, 2: 3-18.

DURAND, G. (1963) *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris.

DURKHEIM, E. (1897) La prohibition de l'inceste, *Année soc.* 1: 69-70

DURKHEIM, E. (1898) Les représentations individuelles et les représentations collectives, *Rev. Met. Morale*, 6: 273-302.

DURKHEIM, E. ([17]1968) *Règles de la méthode sociologique*, (1896).

EBBINGHAUS, H. (1902) *Grundzüge der Psychologie*, Leipzig.

ECHCVERRIA, B. (1948) *El problema del alma en la Edad media*, Buenos Ayres.

ERCILLA, J. de (1959) *De la imagen à la ideia*, Madrid.

ERNEST, C. H. (1977) Imagery Ability and Cognition: a critical Review, *J. Mental Imagery*, 2: 181-216.

EY, H. (1973) *Traité des Hallucinations*, Paris.

FECHNER, W. (1860) *Elemente der Psychophysic*, Berlin.

FLOREN, A. (1907) La causa exemplaire, *Rev. augustinienne*, 11: 685-709.

FONSECA, P. da (1577) *Libros metaphysicorum Aristotelis Stagiritae*, Romae.

FRANZ, S. I. (1899) After-images, *Suppl. Psychol. Rev.*, 3, 2: 61 pgs.

FRÉTIGNY, R. et VIREL, A. (1968) *L'imagerie mentale. Introduction à l'onirothérapie*, Genève.

GARRIGOU-LAGRANGE (?)*La synthèse thomiste*, Bruge.

GARRIGOU-LAGRANGE (1932) *Le réalisme du principe de finalité*, Paris.

GOICHON, A. M. (1960) *L'homme et son destin d'après les penseurs du Moyen-Âge*, Louvain.

GONÇALVES, J. C. (1970) *O homem e o mundo em S. Boaventura*, Braga.

GORDON, R. (1972) A very private World. *In* P. W. Sheehan (Ed.),*The Function and Nature of Imagery*. New York, 64-82.

GREGORIUS NISSENUS (1863) In verba: *Faciamus*, Migne, 44, Paris, 19

GUSDORF, G. (1953) *Mythe et Métaphysique*, Paris.

HALBWACHS, M. (1941) *La topographie légendaire des Évangiles en Terre sainte*, Paris.

HALBWACHS, M. (1950) *La mémoire collective*, Paris.

HALBWACHS, M. (^{2}1950) *Les cadres sociaux de la mmoire*, (^{1}1925).

HEISENBERG, W. (1953) *Physics and Philosophy*, New York.

HILARIUS (1845) *De symbolo*, Migne, 15, Paris.

HILARIUS (1845) *De Trinitate*, Migne, 10, Paris.

HILLMAN, J. (1972) *The Myth of Analysis*, Evanston.

HOENRNLEY, (1907) Image, idea and Meaning, *Mind*, 73-81.

HOLT, R.-R. (1964) Imagery. The Return of the ostracized. *Amer. Psychol.*, 12: 254-64.

HOLT, R.-R. (1972) On the Nature and Generality of mental Imagery. *In* P. W. Sheehan (Ed.), *The Function and Nature of Imagery*. New York, 6-35.

IRENAEUS (1882) *Adversus Hereses*, Migne, 7, Paris.

JACOB, F. (1970) *La logique du vivant*, Paris.

JADOT, L. (1975) Les structures du monde imaginal: introduction théorique du Test d'Archétypes (A. T. 9) de Durand, *Rev. Psychol. Sc. de l'Éduc.*, 10, 2-3: 367-74.

JAKOBOVITS, L. A. & OSGOOD, C. E. (1967) Connotations of twenty psychological Journals to their professional Readers, *Amer. Psychol.*, 22: 792-900.

JAMES, W. (1890) *The Principles of Psychology*, New York.

JAVELET, R. (1967) *Image et ressemblance au XII ème siècle. De Saint Anselme à Alain de Lille*, Paris.

JODL, F. (1924) *Lehrbuch der Psychologie*, Stuttgart.

JOLY, H. (1877) *L'imagination. Étude psychologique*, Paris.

JUNCK, R. (1969) Imagination and Future, *Intern. Soc. Sc. J.* 21, 4: 557-62.

JUSTINUS (1905) *Dialogos*, Migne, 61, Paris.

KOYRÉ, A. (1957) *From the closed World to the infinite Universe*, Baltimore.

LALANDE, A. ([11]1968) *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris.

LAVOISIER (1789) *Traité de chimie, présentée dans un ordre nouveau et d'après les découvertes modernes*, Paris.

LEUNER H. K. (1954) Kontrolle der Symbolinterpretation im experimentellen Verfahren, *Z. Psychother. Med. Psychol.*, 4, 201 ss.

LEUNER H. K. (1955) Experimentelles katathimes Biderleben als ein kliniches Verfahren der Psychotherapie, *Ibid.*, 5: 186-233.

LEUNER H. K. (1955) Symbolkonfrontation, ein nicht-interpretierendes Vorgehen in der Psychotherapie, *Schw. Arch. Neurol. Psychiatr.* 76: 23 ss.

LEUNER H. K. (1957) Symboldrama, ein aktives nicht analysierendes Verfahren der Psychotherapie, 7: 221 ss.

LEUNER H. K. (1969) Guided affective Imagery, *Amer.J. of Psychoth.*,33:4-22.

LILIENFELD, P. V. (1977) *Gedanken über Socialwissenschaften der Zukunft*, (em 4 tomos) Mitau.

MALRIEU, Ph. (1967) *La construction de l'imaginaire*, Bruxelles.

MARITAIN, J. ([3]1940) *Distinguer pour unir ou les degrés du savoir*, Paris.

McKELLAR, P. (1957) *Imagination and Thinking*, N. York.

McKELLAR, P.(1972) Imagery from the Standpoint of Introspection. *In* Sheehan (Ed.), *The Function and Nature of Imagery* , 36-63, N. York.

McLUHAN, M. (1962) *The Gutenberg Galaxy*, Toronto.

McLUHAN, M. (1964) *Understanding Media*, New York.

MESLIN, M. (1973) *Pour une science des religions*, Paris.

MEYERSON, I. (1934) Les images. *Nouveau Traité de Psychologie* (Ed. G. Dumas), T. II, Paris.

MEYERSON, I. (1929) Images-éclaires, *J. de Psychol.*, 569-76.

MEYERSON, I. ([3]1926) *Identité et réalité* (1908).

MEYNERT, Th. (1884) *Psychiatrie. Klinik der Erkrankungen des Vorderhirns*, Wien.

MILL, J. S. (1843) *System of Logic*, London.

MINKOWSKI, E. (1950) La réalité et les fonctions de l'irréal (le troisième monde), *Evol. Psychiat.*, 59-136.

MOELLER, Ch. (1984) *Sagesse grecque et paradoxe chrétien*, Leuven.

MORIN, E. (1973) *Le paradigme perdu: la nature humaine*, Paris.

MORUJÃO, A. F. (1961) *Mundo e intencionalidade*, Coimbra.

MÜLLER, M. (1864) *La Science du langage*, Paris (tr. fr.).

NEISSER, U. (1969) *Cognitive Psychology*, New York.

NEISSER, U. (1972) Changing Conceptions of Imagery. *In* P. Sheehan (Ed.), *Function and Nature of Imagery*, N. York.

NUYENS, F. J. C. (1948) *L'évolution de la psychologie d'Aristote*, Paris.

PAIVIO, A. (1971) *Imagery and verbal Processes*, N. York.

PAULHAN, Fr. (1885) Les phénomènes affectifs, au point de vue de la psychologie générale, *Rev. Phil.*, 20: 440-84; 21: 583-600.

PAULHAN, Fr. (1887) *Les phénomènes affectifs et les lois de leur apparition*, Paris.

PAULHAN, Fr. (1888) La finalité comme propriété des phénomènes psychiques, *Rev. Phil.*, 13, 26:105

PAULHAN, Fr. (1902) Sur la mémoire affective, *Rev. Phil.*, 22, 54

PEPIN, J. (1964) *Théologie cosmique et théologie chrétienne*, Paris.

PEREIRA, M. O. Gouveia (1981) Análise Psicossociológica da relação médico-doente na prática clínica, *Psiquiatria clínica*, 2, 2

PIAGET, J. & INHELDER, B. (1966) *L'image mentale chez l'enfant*, Paris.

PIÉRON, H. (1923) *Le cerveau et la pensée*, Paris.

PIÉRON, H. (^{3}1963) *La sensation, guide de vie*, Paris.

POPPER, K. (^{2}1959) *The logic of scientific Discovery*, London (1946).

PYLYSHYN, Z. W. (1973) What Mind's Eye tells the Mind's Brain: a critique of the mental Imagery, *Psychol. Bull.*, 80: 1-24.

PYLYSHYN, Z. W. (1981) The Imagery Debate: analogue Media versus tacit Knowledge, *Psychol. Review*, 88: 16-45.

REDFIELD, R., HERSKOVITS, M. LINTON, R. (1936) Memorandum for the Study of Acculturation, *Amer. Anthropol.*, 38: 149-52.

REGNON, P. de (1898) *Études sur laSainte Trinité*, Paris.

RIBOT, T. (1894) Recherches sur la mémoire affective, *Rev. Phil.*, 19, 38: 376-401.

RIBOT, T. (1896) *La Psychologie des sentiments*, Paris.

RIBOT, T. (1900) *Essai sur l'imagination créatrice*, Paris.

RIBOT, T. (1902) Imagination créatrice affective, *Rev. Phil.*, 25, 52: 598-630.

RIBOT, T. (1904) La logique des sentiments. Le raisonnement imaginaire, *Rev. Phil.*, 29, 58: 38-71.

RICHARDSON, A. (1969) *Mental Imagery*, New York.

RICOEUR, P. (^{2}1967) *Philosophie de la volonté: I — Le volontaire et l'involontaire*, Paris.

SANTOS, A. Miranda (1968) *Missão e história*, Lisboa.

SANTOS, A. Miranda (1975) Da ou duma História da Psicologia, *Biblos*, 45: 103-51.

SANTOS, A. Miranda (1977) *Fantasie et avenir. Enquête psychosociologique auprès des jeunes portugaises*. Mémoire, Louvain.

SANTOS, A. Miranda (1990) Os "outros" factos científicos, *Psychologica*, 3: 123-42

SANTOS, A. Miranda ([2]1989) *Expressividade e personalidade*, Coimbra (1972).

SARTRE, J.-P. ([9]1983) *L'imagination*, Paris (1936).

SEGOND, J. (1916) La dynamique de l'imagination pure, *Rev. Phil.*, 41, 82: 401-30, 571-85.

SEGOND, J. (1919) L'imagination pure et la pensée scientifique, *Rev. Phil.*, 45, 88: 297-321.

SHEEHAN, P. W. (1972) *The Function and Nature of Imagery*, N. York.

SHEIKH, A. A. & PANAGIOTOU, N. C. (1975) Use of mental Imagery in Psychotherapy: a critical Review, *Percep. and Motors Skills*, 41: 555-85.

SHORR, J. E. (1967) The existential Question and the Imagery Situation as Therapy, *Exist. Psychiatry*, 6: 443-62.

SHORR, J. E. (1972) *Psycho-imagination Therapy*, New York.

STRASSER, S. (1967) *Phénoménologie et Sciences de l'homme*, Louvain.

STUMPF, K. (1873) *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung*, Berlin.

STUMPF, K. (1883) *Psychology of Tone*, N. York.

TITCHENER (1901) *Experimental Psychology: a Manual of laboratory Practice*, New York.

TOMÁS D'AQUINO (1952) *Summa contra gentiles*, Madrid.

TOMÁS D'AQUINO (1952) *Summa Theologica*, T. 2, sc. 66-81, Madrid.

TOMÁS D'AQUINO (1960) *L'oeuvre des six jours*, Paris.

TOMÁS D'AQUINO (1961) *L'Âme humaine*, Paris.

VADÉE, M. (1973) *L'idéologie*, Paris.

VAN DE WIELE, J. (1976) Schopenhauer et le volontarisme, *Rev. phil. Louvain*, 74: 23-382.

VASCHIDE, N. (1900) Le IVème Congrès international de psychologie, *Rev. Met. Morale*, 8, 6: 794-820.

VIERKANDT, A. (1896) *Naturvoelker und Kulturvoelker. Ein Beitrag zur Socialpsychologie*, Leipzig.

VIGNOLI (1900) Mito e Scienza. *In* Ribot, T. *Essai sur l'imagination créatrice*, Paris.

VITORINUS, M. (1844) *Adversus Arium*, I, 8, Migne, Paris.

WIENER, N. (1948) *Cybernatics*, New York.

WOODWORTH, (1938) *Experimental Psychology*, New York.

WUNDT, W. (1900-20) *Völkerpsychologie: eine Untersuchung der Entwiclugsgesetze von Sprache, Mythus und Sitte*, Leipzig, Essays, Leipzig, 1885.

II PARTE

ADLER, L. L. (1982) *Cross-cultural Research at Issue*, New York.

ALLONSO-FERNANDEZ, F. (1968) *Fundamentos da la Psiquiatria actual*, Madrid.

AMARAL, I. (1960) *Aspectos do povoamento branco de Angola*, Lisboa.

ANDERSON, H. H.& G.L.(1961)Image of the Teacher by Adolescent Children in seven Countries, *Amer. J. Orthopsychiatry*, 7: 481-2.

AUDÍSIO, M. (1968) La psychiatrie face au mouvement biologique contemporain, *Évolut. psychiat.*, 449-66

AULD Jr., F. (1954) Contributions of behavior Theory to projective Testing, *J. proj. Techniques*, 18: 421-6.

BACHELARD, G. (1949) *Psychanalyse du feu*, Paris.

BAILLARGER, (1842) *Mémoire à l'Académie de Médicine*, Paris.

BAILLARGER, (1853) *Recherches sur les maladies mentales*, (2 Tomos) Paris.

BAKES-THOMAS, M. (1969) *Le test des trois personnages*, Neuchatel.

BAKES-THOMAS, M. (1986) Les miroirs de l'invisible, *Bull. Psychol.*, 39, 376: 503-8.

BARAHONA FERNANDES, H. (1966) *Filosofia e psiquiatria*, Coimbra.

BARBOSA, C. (1978) *Folclore angolano - Contos quiocos* (mimeografado), Singeverga.

BARROSO, D. António (1888-9) O Congo: seu passado, presente e futuro, *Bol. Soc. Geogr.* Lisboa, 6, 3-4:

BARUK, H. (^{2}1950) *Psychiatrie morale experimentale, individuelle et sociale. Haines et réactions de culpabilité*, Paris (1945).

BASTIDE, R. (1972) Introduction à *Les sciences de la folie*, 9-36. Paris-La Haye.

BAUMANN, H. (1930) *Lunda*, Berlin.

BELLAK, L. (1954) A Study of limitations and "Failures" toward a Ego-psychology of projective Techniques,*J. proj. Techniques*, 18:279-93.

BELLARDINELLI, M. O. (1971) *Identificazione e proiezione, natura e caratteristiche*, Bologna.

BENEKE, E. (1877) *Lehrbuch der Psychologie als Naturwissenschaften*, Berlin.

BERLYNE, D. E. (1980-82) Psychological Aesthetics. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

BERNHEIM, (1884) *De la suggestion dans l'état hipnotique et dans l'état de veille*, Nancy.

BERNHEIM, (1891) *Hypnotisme, suggestion et psychothérapie*, Paris.

BERRY, J. W. & DASEN, P. P. (1974) *Culture and Cognition. Readings in cross-cultural Psychology*, London.

BERRY, J. W. (1980-2) Social and cultural Change. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

BETENCOURT, J. S. (1965) Subsídio para o estudo sociológico da população de Luanda. Sep. *Bol. Inst. Invest. Ang.*, 2, 1: 83-130.

BETTELHEIM, B. (1976) The uses of the enchantment. (Paris, tr. fr.) New York.

BICHAT, X. (1805) *Recherches physiologiques sur la vie et sur la mort*, Paris.

BIESHEUVEL, S. (1949) Psychological Tests and their Application to non-european Peoples, *The Year-book of Education*, London.

BIESHEUVEL, S. (1958) Methodology in the Study of Attitudes of Africans, *J. soc. Psychol.*,47: 169-84.

BIESHEUVEL, S. (1958) Objectives and Methods of african psychological Research, *J. soc. Psychol.*, 47: 161-8.

BIESHEUVEL, S. (1959) *Race, Culture and Personality*, Johannesburg.

BLANC, Cl.(1968) Les modèles ontologiques em Psychiatrie, *Évolut. psychiat.*, 421-48.

BOCHNER, S. & LEE, S. (1980-82) Experiments in cross-cultural Research. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol*, Boston.

BOISSIER DE SAUVAGES (1771) *Nosologie méthodologique dans laquelle les maladies sont rangées par classes suivant le système de Sydenham et l'ordre des botanistes*, Lyon.

BONNET, Ch. (1783) *Essai analytique sur les facultés de l'âme*, Paris.

BOPE, P. (s/d) *Test de vocabulaire pour faible niveau*, Paris.

BOPE, P. (1969) *Test d'intelligence générale*, Paris.

BOWERMAN, M. (1980-82) Language and Development. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

BRADLEY, J. E. & LISAKER, R. L. (1957) *Ambiguity as a Variable in the Use of a projective Technique*, Minneapolis.

BRAMAUD DU BOUCHERON, G. (1970) Classification d'objets et comportement verbal chez les enfants de 6 à 14 ans. *In* (A. vários) *Le comportement verbal*, Paris, 89-127.

BRAU, J. L. (1968) *Histoire de la drogue*, Paris.

BRESSON, F. (1953) Langage et communications, *Ann. Psychol.*, 53: 477-502.

BRESSON, F. (1963) La signification. *In Problèmes de Psycholinguistique*, Paris, 9-50.

BRISLIN, R. W. (1980-82) Translation and content Analysis of oral and written Material. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of social Psychol.*, Boston.

BRISLIN, R. W., LONNER, W. J. & THORNDIKE, R. M. (1973) *Cross-cultural Research Methods*, New York.

BROWN, R. W. (1958) *Words and Things*, Glencoe.

CABANIS, G. (1802) *Les rapports du physique et du moral dans l'homme*, Paris.

CAILLIÉ, R. (1930) *Voyage à Tombouctou*, Paris.

CAPELO, H. & IVENS, R. (1886) *De Angola à contracosta*, Lisboa.

CARDONEGA, A. O. (1942) *História geral das guerras angolanas*, Lisboa.

CARDOSO, L. (1960) Contribuição para o estudo crítico da bibliografia do conto popular das etnias angolanas, *Est. Etnográficos*, I, Luanda.

CARDOSO, L. (1964) *Olumbali do Distrito de Moçâmedes*, Luanda.

CARDOSO, L. (1965) Algumas observações sobre o termo e o costume *Osando*, *Bol. Inst. de Angola*, 21-23: 5-21 (Separata).

CARVALHO, H. de (1890) *Ethnographia e História tradicional dos povos da Lunda. Expedição portuguesa ao Muatianva*, Lisboa.

CAUDILL, W. (1949) Psychological Characteristics of acculturated Wisconsin Ojibwa, *Amer. Anthropol.*, 2: 409-27.

CÉSAIRE, A. (1952) *Cahier d'un retour au Pays natal*, Paris.

CÉSAIRE, A. (1967) *Une saison au Congo*, Paris.

CHATELAIN, H. (1894) *Folk-tales of Angola*, New York.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1969) *Dictionnaire des Symboles*, T. 4, Paris.

CHILDS, G. M. (1949) *Umbundu Kinship and Character*, Oxford.

CHOMBART-DE-LAUWE, P.- H. (1970) *Aspirations et transformations sociales*, Paris.

CLARK, H. H. & LUCY, P. (1975) Understanding what is meant from what is said: a Study in conversationally conveyed Requests, *J. verbal Learning and verbal Behavior*, 14: 56-72.

CLARK, H. H. (1979) Responding to indirect Speech Acts, *Cogn. Psychol.*, 4: 430-77.

COELHO, A. (1880) Os dialectos romanicos ou novi-latinos na África, Ásia e América, *Bol. soc. de Geographia*, 3: 129-74.

CORTEZ, J. (1960) A habitação dos axiluanda. *Estudos etnográficos*, I:145-76+22 ills.

DALBIEZ, R. (1949) *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, Paris (2 t.).

DANTAS, R. S. (1965) *África difícil*, Rio de Janeiro.

DARWIN, Ch. (1859) *The Origin of Species by Means of natural Selection or the Preservation of favored Races in the Struggle for Life*, London.

DARWIN, Ch. (1872) *Expression of Emotions in Man and Animals*, London.

DASEN P. & HERON, A. (1980-82) Cross-cultural Tests of Piaget's Theory. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

DE CLÉRAMBAULT, G. (1942) *Oeuvre Psychiatrique*, T.I e II, Paris.

DE FELICE, Ph. (1936) *Poisons sacrés. Ivresses divines*, Paris.

DE MATOS, J. (1884) *Manual das doenças mentais*, Porto.

DE MATOS, J. (1890) *Pathogenia das hallucinações*, Porto.

DE MATOS, J. (1892) *Allucinações e illusões, Ensaio de psychologia médica*, S. Paulo.

DE MATOS, J. (1898) *A paranóia*, Lisboa.

DEKINDT e LANG (1962) Ondyelwa, *Portugal em África*, 19, 113: 314-7.

DEREGOWSKI, J. B. (1980-82) Perception. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

DEREGOWSKI, J. B., DZIURAWIEC, S. & ANNIS, R. C. (Eds.) (1983) *Explications in cross-cultural Psychology* (6th I. Conference),Lisse.

DESCARTES, R. (1649) *Traité des passions de l'âme*, Paris.

DESPINE, P. (1868) *Psychologie naturelle*, (3 T.), Paris.

DEYFUS, F. e VIDAL, C. (1964-5) Espace socialisé et "réseaux sociaux":la société Tiv, (polic.) *Semin. Sociol. Afrique noire*, Balandier, É. P. H. É., Sorbonne.

DÉVÉREUX, G. (1972) *Ethnopsychologie complémentaire*, Paris.

DIAGNOSTIC and Statistical Manual of mental Disorders (D. S. M. III), 1980.

DIAS, C. A. (1980) *A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano*, Coimbra.

DIAS, J. (1971) *Ensaios etnológicos*, Lisboa.

DU BOIS, C. (1944) *The people of Alor*, Minnesota.

DURKHEIM, E. (1898) Représentations individuelles et représentations collectives, *Rev. Met. Morale*, 6: 273-302.

DURKHEIM, E. (1925) *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris.

DURKHEIM, E. ([17]1968) *Les règles de la méthode sociologique*, Paris (1895).

EDWARDS, A. (1962) *The Ovimbundu under two Sovereignities*, London.

EHRLICH, M.- F. (1970) Les théories de l'apprentissage verbal. *In* (A. vários) *Le comportement verbal*, 5-87, Paris.

ELIADE, M. (1956) *Forgerons et alchimistes*, Paris.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1934) La tribu Kwanyama en face de la civilisation moderne, *Africa*, 7.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1934) Les forgerons Kwanyama, *Bull. Soc. Neuchatel. de Geographie*, 44, 2.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1934) Les twa du sudouest de l'Angola, *Anthropos*, 37: 465-74

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1939) Coutumes des Mbali du sud d'Angola, *Africa*, 9, 4: 240-9.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1939) Os boschimanes do sul de Angola, *Apostolado*, n.211, 212 e 214 (Luanda).

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1940) Um reconhecimento dos Boschimanes do baixo Cunene, *Apostolado*, n. 269-270 (Luanda).

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1941)Quem são os curocas, *Apostolado*, n. 279-280.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1946) Manifestação tardia do monoteismo na evolução da humanidade? (Comentário a Flausino Torres: Religiões primitivas) *Portugal em África*, 3: 135-48.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1946) Quelques observations sur les Bochimanes !kung de l'Angola méridionale, *Anthropos*, 49: 41-4.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1947) Etnografia e linguística, *Portugal em África*, 4: 200-9.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1951) Os Watwa, *Mens. administr.*, 49:158 e ss.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1951) Terminologia cristã na diocese de Nova Lisboa, *Portugal em África*, 13: 358-64.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1954) Culte des esprits et magie chez les bantous du sud-ouest de l'Angola, *Anthropos*, 49:201-11; 50: 1-26.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1956) *Etnografia do sudoeste de Angola*: T. I - Os povos não bantos e o grupo étnico dos Ambós, Lisboa.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1957) *Etnografia do sudoeste de Angola*: T II - Grupo étnico Nhaneca-Humbi, Lisboa.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1957) O cortejo anual do boi sagrado na terra dos Nhanecas, *Portugal em África*, 82: 212-18 c/ 1 ill..

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1961) *Etnografia do sudoeste de Angola*: T III - Grupo étnico Herrero, Lisboa.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1961) O sentido da justiça como reflexo de alguns contos, colhidos entre os bantos do sudoeste de Angola, *Bol. Inst. de Angola*, 15: 1-15 (separata).

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1963) Aculturação linguística no Sul de Angola, *Portugal em África*, 20: 8-14.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1964) Das Wort für Gott Kalunga in einigen südwestafrikanischen Sprachen, *Anthropos*, 59.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1965) O tocoismo como fenómeno religioso, *Garcia da Horta*, 93: 327-42.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1966) Inovações recentes no culto dos espíritos no sul de Angola, *Ultramar*, 23, 3: 12-24.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1969) Uma notável monografia sobre os Bochimanes de Angola, *Portugal em África*, 26: 317-20.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1971) *Cinquenta contos do sudoeste de Angola*, Luanda.

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1972) Problema de terminologia cristã: o vocábulo Evangelho, *Ocidente*, 84:

ESTERMANN, c. s. sp., C. (1983) Observações etnográficas entre os Ambós, *Etnografia de Angola*, 1: 107-15.

EY, H. (1957) Les hallucinations, *L'Encéphale*, 40: 563-73.

EY. H. (1973) *Traité des hallucinations*, T. I e II, Paris.

FALRET, J.- P. (1824) *Les maladies mentales*, Paris.

FARGES, A. (1890) *Le cerveau, l'âme et les facultés*, Paris.

FECHNER, W. (1860) *Elemente derPsychophysic*, Berlin.

FINÉ, R. (1955) Manual for a scoring Scheme for verbal projective Techniques (Tat, Maps, etc. *J. Proj. Techn.*, 19: 310-6.

FORTES, M. (1974) *Oedipe et Job dans les relations Ouest-africaines*, Paris.

FRAISSE, P. (1963) La perception des mots. Étude sur les relations entre le seuil de reconnaissance et le temps de dénomination. *In Problèmes de Psycho-linguistique*, Paris, 169-78.

FRAISSE, P., NOIZET, G. et FLAMENT, C. (1963) Fréquence et familiarité du vocabulaire.*In Problèmes de Psycho-linguistique*, Paris,157-68.

FREUD, S. (1953) *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, (1905). Standard Ed., 8, London.

FREUD, S. (1953) *Die Zukunft einer Illusion*, (1927). Standard Ed. 21, London.

FREUD, S. (1953) *Massenpsychologie und Ich-analyse*, (1921). Standard Ed. 18, London.

FREUD, S. (1953) *Metapsychologie Ergänzugen zur Traumlehre*, (1917). Standard Ed., 14, London.

FREUD, S. (1953) *Toten und Tabu*, (1913). Standard, Ed. 3, London.

FREUD, S. (1953) *Traumdeutung*, (1900). *Ibid.*, 4-5.

FREUD, S. (1953) *Zur Psychopathologie des Alltagsleben*, (1901). Standard Ed. 6, London.

FREYRE, G. (1958) *Integração portuguesa nos trópicos*, Lisboa.

FROBENIUS, L. (1931) *Schicksalskunde im Sinne des Kulturwerdens*

FROBENIUS, L. (1940) *Destin des civilisations*, Paris (t. fr.).

GALDWIN, Th. & SARASON, S. B. (1953) *The Viking Fund*, New York.

GARNIER, Ch. & FRALOU, J. (1956) *Le fétichisme en Afrique noire*, Paris.

GILLESPIE, J. M. & ALLPORT, G. W. (1955) *Youth's Outlook on Future*, New York.

GOLDEN, Ch. J. (1978) Cross-cultural second order Factor Structures of the 16 PF, *J. Personality Assess.*, 42, 2: 167-70.

GONÇALVES, J. J. (1967) O tocoismo perante a sociedade angolana, *Ifan*, 298, 3-4: 678-94.

GOSS, A. E. & BROWNELL, M. H. (1957) Stimulus-response Concepts and Principles applied to projective.Test behavior,*J.Pers.*,25: 234-53.

GUERREIRO, M. V. (1966) *Os Macondes de Moçambique*, Lisboa.

GURVITCH, G. (^{2}1957) *Vocation actuelle de la Sociologie*: I *Sociologie différentielle*, Paris (1950).

GUTHRIS, G. M. & TANCO, P. P. (1980-82) Aliennation. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

HALBWACHS, M. (^{2}1952) *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris (1925).

HAMBLY, W. D. (1934) *The Ovimbundu of Angola*, Chicago.

HARRISON, R. (1965) Thematic apperceptive Methods. *In* Wolman, B. B. (Ed.) *Handbook of clinical Psychology*, New York.

HAUENSTEIN, A. (1960) Le serpent dans les croyances de certaines tribus de l'Est et du Sud de l'Angola, *Mem.Trab. I. I. C. Angola*, 2:218-34.

HAUENSTEIN, A. (1962) Noms accompagnés de proverbes, chez les Ovimbundu et les Humbi du sud de l'Angola, *Anthropos*, 57: 97-120.

HAUENSTEIN, A. (1964) La poterie chez les Ovimbundu, *Acta Tropica*, 21: 48-81.

HAUENSTEIN, A. (1967) Rites et coutumes liés au culte de la pluie parmi différentes tribus du Sud-Ouest de l'Angola, *Bol. Inst. Angola*, 27: 5-32; 29: 5-27.

HAUENSTEIN, A. (1978) Le serpent dans les rites, cultes et coutumes de certaines ethnies de Côte d'Ivoire, *Anthropos*, 73: 525-60

HENRY, W. & GARDNER, B. B. (1951) Group Projection Sketches for the Study of small Groups, *J. soc. Psychol.*, 33: 77-102.

HENRY, W. (1947) Art and cultural Symbolism: a psychological Study of greetings Cards, *J. Aestetics and Art Crit.*, 6, 1: 27-32.

HENRY, W. (1965) Le T.A.T. dans l'étude des problèmes de groupe et des problèmes culturels, *Introduction to Projective Techniques*, Anderson & Anderson, trad. fr., Paris.

HENRY, W. (^{2}1963) *The Analysis of Fantasy. The Thematic Apperception Technique in the Study of Personality* , New York (1956).

HERON, H. & KROEGER, E. (1980-82) Introduction to Developmental Psychology. *In* Triandis (Ed.) *Handbook soc. Psychol.*, Boston.

HOLTZMAN, W. H. (1980-82) Projective Techniques. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

HOLTZMAN, W., DIAZ-GUERRERO, R. & SWARTZ, J. (1975) *Personality Development in two Cultures; a cross-cultural and longitudinal Study of school Children in Mexico and U. S.* Austin.

IRVINE S. H. & CARROLL, W. C. ((1980-82) Testing and Assessment across Cultures: Issues in Methodology and Theory. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

IZARD, C. E. (1980-82) Cross-cultural Perspectives on Emotion and Emotion. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

JACOBS, Fr. (1970) *La logique du vivant*, Paris.

JAHODA, G. (1980-82) Theoretical and systematic Approaches in cross-cultural Psychology. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

JANET, P. (1889) *L'automatisme psychologique: Essai de Psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*, Paris.

JANET, P. (1905) *Les obsessions et la psychasthénie*, Paris.

JANET, P. (1930) *La force et la faiblesse psychologique*, Paris.

JOSEPH, A., SPICER, R. B. & CHESKI, J. (1919) *The Desert People: a Study of the Papago indians*, Chicago.

JUNG, K. G. ([2]1982) *Erinnerungen, Träume, Gedanken*, Olten (1961).

JUNG, R. (1967) *Psychiatrie der Gegenwart*, Berlin.

JUNOD, H. (1936) *Moeurs et coutumes des Bantous*, Paris.

KAPLAN, B. (1961) Personality Study and Culture. *In* KAPLAN, D. (Ed.) *Studying Personality cross-culturally*, Evanston.

KAPLAN, M. F. (1969) Reply to Murstein's Commet on "the Ambiguity of T.A.T. Ambiguity", *J. proj. Techniques, Personality Assess.*, 34: 486-8.

KAPLAN, M. F. (1969) The Ambiguity of T.A.T. Ambiguity, *J. proj. Techniques, Personality Assess.*, 33: 25-6.

KARDINER, A. (1939) *The Individual and his Society*, New York.

KARDINER, A. ([7]1959) *The Psychological Frontiers of Society*, New York (1945).

KENNI, D. I. & BIJOU, S. W. (1963) Ambiguity of Pictures and extent of personality Factors in Fantasy Responses, *J. consult. Psychol.*, 17, 4: 283-8.

KLEIN, M. (1946) *Contributions to Psychoanalysis*, London.

KLUCKHOHN, C. & MOWRER, O. H. (1944) Culture and personality - A conceptual Scheme, *Amer. Anthropol.*, 46, 1: 1-29.

KORNADT, H.- J., ECKENSBERGER, L. H. & EMMINGHAUS, W. B (1980-82) Cross-cultural Research on Motivation and its Contribution to a general Theory of Motivation. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

KÖBBEN, A. J. (1952) New Ways of presenting an old Idea: the statistical Method in social Anthropology, *J. royal anthrop. Inst.*, 82, 2: 129-46.

LAMARCK (1802) *Philosophie zoologique*, Paris.

LAMBERT, W. E. & KLINEBERG, O. (1966) *Children's Views of foreign Peoples: a cross-nation Study*, New York.

LANCELOT, M. (1968) *Je veux regarder Dieu en face*, Paris.

LASKOVITS, D. (1959) *The Effect of a varied Degree of pictural Ambiguity on Fantasy Evocation*, New York.

LAZARUS, M. (1882) *Das Leben der Seele*, Berlin.

LAZARUS, R. S. (1953) Ambiguity and Nonambiguity in projective Testing, *J. abnormal soc. Psychol.*, 48: 443-5.

LE BON, G. (1900) *Psychologie des foules*, Paris.

LE ROY, A., c. s. sp. (^{5}1925) *La religion des primitifs*, (^{1}1908). Paris.

LEBLANC, M. (1960) *Personnalité de la femme Katangaise*, Louvain-Paris.

LEE, S. G. (1953) *Manual of a thematic Apperception test for african Subjets*, Natal.

LEENHARDT, M. (^{12}1971) *Do Kamo. La personne et le mythe dans le monde mélanésien*, Paris (1947).

LEIGHTON, D. & KLUCKHOHN, C. (1948) *The Children of the People*, Cambridge.

LEWIN, L. (1928) *Les paradis artificiels*, Paris (tr. fr.). Em 1971, nova ed. sob o título: Phantastica.

LÉVY-BRÜHL, L. (1910) *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, Paris.

LÉVY-BRÜHL, L. (1921) *La mentalité primitive*, Paris.

LÉVY-BRÜHL, L. (1931) *Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*, Paris.

LIMA, M. (1956) *Tatuagens da Lunda*, Luanda.

LIMA, M. (1971) *Fonctions sociologiques des figurines de culte Hamba dans la société et dans la culture tshokwé*, Luanda.

LINTON, R. (1945) *Cultura y personalidad*, Mexico (tr. esp.)

LINTON, R. (1968) *De l'homme*, Paris (tr. fr.).

MAHONEY, Fr. (

MALEBRANCHE, N. (1674-5)*Recherche de la vérité*, Paris.

MANN, L. (1980-82) Cross-cultural Studies of small Groups. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

MARGARIDO, A. (1966) *Mois en Afrique*, 5: 80-97.

MARSELLA, A. J. (1980-82) Depressive Experience and Disorders accross Cultures. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

MARTINS, J. (1961) O simbolismo entre os pretos do Distrito de Cabinda, *Bol. Inst. de Angola*, 15: 1-25 (da Separata).

MAUDSLEY (1867) *The Physiology and Pathology of Mind*, London.

McCLELLAND, (1961) *The Achieving Society*, Princeton.

McCLELLAND, D. C. & Others (1949) The projective Expression of needs. The effect of need for achievement on Thematic Apperception, *J. exper. Psychol.*, 39: 242-55.

McCLELLAND, D. C., ATKINSON, J. M., CLARK, R. A. & LOWEL, E. L. (1935) *The Achievement Motive*, N. York.

McCULLOCH, M (1952) *The Ovimbundu of Angola*, London.

McGREGOR, G. (1946) *Warriors without weapons*, Chicago.

MEAD, M. (1928) *Coming of Age in Samoa*, New York.

MEAD, M. (1963) *Growing up in New Guinea*, New York.

MERCIER, P. (1961) Remarques sur la signification du "tribalisme" actuel en Afrique noire, *Cah. intern. Sociol.*, 31: 61-80.

MOREAU DE TOURS (1970) *Du haschich et de l'aliénation mentale*, Paris (1845).

MORGAN, L. H. (1877) *The ancient Society*, N. York.

MPLA (1965) *História de Angola*, Argel.

MUNROE, R. L. & MUNROE, R. H. (1972) Obedience among the Children in an East african Society, *J. cross-cul. Psychol.*, 3: 395-9.

MUNROE, R. L. & MUNROE, R. H. (1980-82) Perspective suggested by anthropological Data. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

MURDOCK, G. P. (1940) The cross-cultural Survey, *Amer. soc. Review*, 5, 3: 361-70.

MURDOCK, G. P. (1975) *Cross-cultural human Development*, Monterey.

MURDOCK, G. P. (1975) Levels of Obidience among U. S. and East-african Children on an experimental Task, *J. cross-cul. Psychol.*, 6: 498-503.

MURRAY, H. A. (1938) *Explorations in Personality*, N. York.

MURSTEIN, B. I. & SCHWABE, A. (1959) *The Effect of Variation on the Stimulus Properties of a thematic Test on the clinical Usefulness of thematic Stories*, Oregon.

MURSTEIN, B. I. (1958) Non-projective Determinants of Perception on TAT. *J. consul. Psychol.*, 22: 195-9

MURSTEIN, B. I. (1958) The Relationship of Stimulus Ambiguity on TAT to the Productivity of Themes, *J. consul. Psychol.*, 22: 348-52.

MURSTEIN, B. I. (1959) A conceptual Model of projective Techniques aplied to stimulus Variation with thematic Techniques, *J. consul. Psychol.*, 23: 3-14.

MURSTEIN, B. I. (1960) The Measurement of Ambiguity in thematic Cards, *J. proj. Techniques*, 24: 419-23.

MURSTEIN, B. I. (1963) *Theory and Research in projective Techniques, emphasizing the TAT*, N. York.

MURSTEIN, B. I. (1964) A normative Study of TAT Ambiguity, *J. proj. Techn. & personal. Assess.* 28: 210-8.

MURSTEIN, B. I. (1969) Comment on "the Ambiguity of TAT Ambiguity", *J. proj. Techn. & personal. Assess.*, 34:483-5.

MÜLLER, M. (1864) *La Science du langage*, Paris (tr. fr.).

NOBLE, C. E. (1952) An Analysis of Meaning, *Psychol Rev.*, 59: 421-30.

NOGUEIRA, A. F. (1885) O lu'n kuwbi dialecto do grupo O'n Bundo que se fala no interior de Moçâmedes,*Bol. Soc. Geogr. de Lisboa*, 4, 4:350-67.

OLIEVENSTEIN, Cl. (1978) *Não há drogados felizes*, Lisboa (Paris, 1977).

OMBREDANE, A. (1969) *L'exploration de la mentalité des noires: le Congo - TAT*, Paris.

OSGOOG, Ch. (1967) On Strategy of cross-national Research into subjective Culture, *Inform. sur les Sc. Sociales*, 6, 2: 6-37.

OSGOOG, Ch., MAY, W. H. & MIRON, M. S. (1975) *Cross-cultural Universals of affective Meaning*, Urbana.

PAREEK, U. & RAO, T. V. (1980-82) Cross-cultural Surveys and Interviewing. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

PEARLIN, L. I. & KOHN, M. L. (1966) Social Class, Occupation and parental Values: a cross-cultural Study, *Amer. soc. Rev.*, 31, 4: 466-79.

PEREIRA, M. O. Gouveia (1967) Pintura psicopatológica africana, *Rev. port. med. militar*, 1-15 da Separata com ilustrações.

PEREIRA, M. O. Gouveia (1972) A psicologia como base da psicopatologia, *Rev. port. Psicologia*, 10-12: 163-84.

PICK, A. D. (1980-82) Cognition: Psychological Perspectives. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

POITU, D. (1971-2) Enquête sur la déliquance juvénile à Niamey (Niger), polic., *Semin. Sociol. Afrique noire*, Balandier, É. P. H. É, Sorbonne.

POROT, A. (^{3}1964) *Manuel alphabétique de Psychiatrie*, (1952)

PRINCE, R. (1980-82) Variations in psychotherapeutic Procedures. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

RABKIN, R. (1969-70)Do you see Things that aren't there? Construct Validity of the Concept "Hallucination", *C. R. 14th Meeting of the Eastern Psychiatric Association*, N. York.

RAPAPORT, D. (1946) The Thematic Apperception Test, *Diagnostic psychological Testing*, T. II, (Rapaport, D. ed.) Chicago.

RATZEL, Fr. (1899) *Anthropogeographie*, Stuttgart.

REDINHA, J. (1964) *Lendas e lagos do Nordeste*, Luanda.

REDINHA, J. (1964) *Subsídios etnográficos*, Luanda

REDINHA, J. (1965) *Máscaras e mascarados angolanos*, Luanda

REDINHA, J. (1972) *Ethnologie régionale, I - Angola*, 722-72, Paris.

REGINA, M. Goff (1962) Psychology and intercultural interaction, *J. soc. Psychol*, 58: 235-40.

REVAULT d'ALLONES, C. (1986) Avant-propos à Le test des trois personnages, utilisation dans la recherche, *Bull. Psychol.*, 39, 376: 482 e 483-639.

RIBAS, O. (1964) A religiosidade angolana, *Mensário Administr.*, 4/6:51-67.

RIESMAN, M. P. (1969-70) La réalisation de la liberté individuelle: concepts et pratique des Peuples de la région de Ojibo (Haute-Volta), *Polic. du Sémin. Sociol. Afrique noire*, Balandier, É. P. H. É., Sorbonne.

ROGOFF, F. (1980-82) Schooling and Development of cognitive Skills. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

ROKKAN, S. (1970) Recherche transculturelle, transsociétale et transnationale, *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines* (Ed. Unesco), 765-824, Paris.

ROMANES, G. J. (1882) *Animal Intelligence*, London.

ROMANES, G. J. (1883) Mental Evolution in Animals, London (tr. fr. Paris, 1884).

SANTOS, A. Miranda (1960) Um determinismo optimista e um indeterminismo pessimista, *Filosofia*, 1-19 da Separata.

SCHMIDT, W. (1926) *Der Ursprung der Gottesidee*, Wien.

SCHNEIDER, K. (1938) *Lições de psiquiatria para médicos*, tr. port., Coimbra.

SCHNEIDER, K. (1955) *Klinische Psychopathologie*, Stuttgart, (tr. fr. Louvain, 1957).

SEGALOWITZ, N. S. (1980-82) Issues in the cross-cultural Study of bilingual Development. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

SILVA, A. (1965) Diálogo religioso em Angola, *Brotéria*, 80, 3:

SILVA, B. da (1968) Arte popular angolana

SILVA, J. P. Ferreira (1981) Psicanálise e método patológico,*Rev. port. Ped.*, 15: 129-61.

SILVA, L. (1960) As embarcações e utensílios de pesca dos ilhéus de Luanda, *Estudos etnográficos*, I: 177-215 e 10 ills.

SMITH, M. G. (1959) The Hausa System of social Status, *Africa*, 29, 3: 220-50.

SMYTHIES, J. R. (1956) A logical and cultural Analysis of Hallucinatory Sense-experience, *J. Mental Sc.*, 102, 427: 336-42.

SPENCER, H. (^{2}1870) *Principles of Psychology*, London (1855) (tr.fr. 1875).

SPINDLER, G. D. (1955) *Sociocultural and psychological Process in Menomini Acculturation*, Berkeley.

SPITZER, R. L. JANET, P. & WILLIAMS, B. M. (^{3}1980) Classification of mental Disorders and D. S. M. III. *In* Kaplan, Freedman & Sadok (Eds.) *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, Baltimore-London.

STEINTHAL, H. (^{2}1881) *Abriss der Sprachwissenschaft*, Berlin.

SUPER, Ch. M. (1980-82) Cross-cultural Research on Infancy. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychology*, Boston.

SUTTON-SMITH, H. & ROBERTS, J. M. (1980-82) Play, Toys, Games and Sports. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

TANNENBAUM, A. S. (1980-82) Organizational Psychology. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

TAPP, J. (1980-82) Studying Personality Development. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

TEDESCHI, J. T. & KIAN, M. (1962) Cross-cultural Study of T.A.T. Assessment for Achievement Motivation: american and persian, *J. soc. Psychol.*, 58:227-34.

THOMPSON, L. & JOSEPH, A. (1944) *The Hopi Way*, Chicago.

THOMPSON, W. R. (1980-82) Cross-cultural Uses of biological Data and Perspectives. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

THURSTONE, L. L. (1954) Theory and Techniques of Assessment, *Ann. Rev. Psychol.*, 5: 290-302.

TORRES, F. (1944) *Religiões primitivas*, Lisboa.

TRIANDIS, H. (1980-82) *Handbook of cross-cultural Psychology*, Boston.

TRIANDIS, H. C., MALPASS, R. L. & DAVIDSON, A. (1972) Cross-cultural Psychology, *Biennal Rev. of Anthropology*, 1-84.

TSENG, W.- S. & HSU, J. (1980-82) Minor psychological Disturbances of everyday Life,. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

VALENTE, J. F. (1964) *Selecção de provérbios e adivinhas em Umbundu*, Luanda.

VAZ, J. M. (1969) *Filosofia tradicional dos Cabindas*, Lisboa.

VAZ, J. M. (1970) *No mundo dos Cabindas*, Lisboa.

Van WING, P. (1953) L'homme congolais, *Bull. des Séances de l'I. R. C. B.*, 25: 1102-21.

VILHENA, H. (1895-6) *Ethnographia e história tradicional dos povos da Lunda*, Lisboa.

VINAVER, B. (1955) *Les hallucinations n'existent pas*, Amiens.

VOGT, E. Z. (1952) Navaho Veterans: a Study of changing Values, *Papers of the Peabody Museum of Amer. Archeol. Ethnology*, XLI, 1, Cambridge.

WAGNER, D. A. (1980-82) Culture and memory Development. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

WALLEN, R. W. (1956) *Clinical Psychology. The Study of Persons*, New York.

WARNER, W. L. & HENRY, W. E. (1948) The Radio Day Time Serial: a symbolic Analysis, *Genet. Psychol. Monographe*, 37: 3-71.

WARWICK, D. P. (1980-82) The politics and ethics of cross-cultural Research. *In* Triandis (Ed.) *Handbook of soc. Psychol.*, Boston.

WATZLABICK, P. (Ed.) (1981) *Die erfundene Wircklichkeit*, München.

WEISSKOPF, E. A. (1950) A transcendence Index as a proposed Measure in the T.A.T., *J. Personal.*, 29: 379-90.

WEISSKOPF, E. A. (1950) An experimental Study of the Effect of Brightness and Ambiguity on Projection in T.A.T., *J. Psychol.*, 29: 407-16.

WEISSKOPF-JOELSON, E. A. & LYNN, D. B. (1953) The Effect of Variations in The Ambiguity on Projection in the T.A.T., *J. cons. Psychol.*, 17: 67-70.

WHITING, B. B. & WHITING, J. W. (1975) *Children of six Cultures: a psycho-cultural Analysis*, Cambridge.

WHITING, J. & CHILD, I. (1953) *Child Training and Personality*, New Haven.

WINICOTT, D. W. (1957) *The Child and the family*, London.

WINICOTT, D. W. (1957) *The Child and the Outside World*, London.

WINOGRAD, T. (1980) What does it means to understand Language, *Cogn. Science*, 4: 209-41.

WINTER, W. L. (1967) Size Constancy, relative size Estimation and Background: a cross-cultural Study, *Psychol. afr.*, 21: 42-58.

XIDIAS, N. (1955) Un test de situation appliqué au Congo Belge, *Trav. Humain*, 18, 1-2: 109-23.

ZAHAN, D. (1969) *Sociétés d'initiation Bambara. Le N'domo, le Kon*, Paris-La Haye.

ZAJONC, R. B. & WAHI, N. K. (1961) Conformity and nied-achievement under cross-cultural norm Conflict, *Hum. Rel.*, 14: 241-250.

ZAVALLONI, M. (1980-82) Values. *In* Triandis (Ed.) *handbook of soc. Psychol.*, Boston.

III PARTE

ABREU, M. Viegas (1978) Campo psicológico - Sujeito e interacção ou a actualidade de Kurt Lewin, *Biblos*, 84: 163-85. (*Questões de Psicologia e Pedagogia*, c. 3, Lisboa, 1979).

ABREU, M. Viegas (1978) *Tarefa fechada, tarefa aberta: motivação, aprendizagem e execução selectivas*, Coimbra.

ALEXANDER, F. (1948) *Fundamentals of Psychoanalysis*, New York.

ALEXANDER, F. (1959) *The Psychoanalysis of the total Personality*, New York.

ALEXANDER, F. (1961) *The Scope of Psychoanalysis*, New York.

ALI, Sami (1970) *De la projection. Étude psychanalytique*, Paris.

ALLPORT, G. (1942) Personal Documents in psychological Science, *Soc. Sci. Research Cours. Monograph.*, nº 49

ALLPORT, G. (1959) *Personality: a psychological Interpretation*; New York (Buenos Ayres, ^{3}1970).

AMACHER, (1965) P. Freud's neurological Education and its influence in psychoanalytical Theory, *Psychol. Issues*, IV, 4, Monograph., 16: 5-93.

AMMONS, R. B., BUTTLER, M. N. & HERZIG, S. A. (1950) A projective Test for vocational Research and Guidance at College Level, *J. appl. Psychol.*, 34: 198-205.

ANSAPT, P. (1985-86) Le contre-transfert dans l'analyse des idéologies politiques, *Bull. Psychol.*, 39, 277: 805-8.

ANZIEU, D. (1960) *Les méthodes projectives*, Paris.

ANZIEU, D. (1963) Défense et illustration de la psychologie projective, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 58-61.

ANZIEU, D. (1963) La projection des groupes, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 94-7.

ASSOULY-PICQUET, C. (1985-86) Le retournement du sujet et de l'objet, *Bull. Psychol.*, 39, 277: 783-90.

ASSOUN, P. L. (1985-86) L'exemple est la chose même: clinique et meta-psychologie, *Bull. Psychol.*, 39, 377: 777-782.

AULD, F. (1954) Contributions of behavior Theory to projective Testing, *J. proj. Techniques*, 18: 643-58.

BALKEN, E. R. & MASSERMANN, J. H. (1943) The Language of Fantasy: III The language of Fantasies of Patients with conversion Hysteria, anxiety State and obsessive compulsive Neurosis. *In* S. S. Tomkins (Ed.) *Contemporay Psychopathology*, Cambridge, 244-53.

BALKEN, E. R. (1961) Projective Techniques for the Study of Personality, a critique, *Psychol. Bull.*, 38: 359 (Abstract).

BARTLETT, F. C. (1916) An experimental Study of some Problems of perceiving and imagining, *Brit. J. Psychol.*, 8: 222-6.

BARUS-MICHEL, J. (1985-86) Le chercheur, le premier objet dans la recherche, *Bull. Psychol.*, 39, 277: 801-4.

BEIZMANN, C. (1963) Portée diagnostique de la projection dans une épreuve graphique, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 240-7.

BEJARANO, A. & MISSENARD, A. (1963) Vocation et tests de projection, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 98-102.

BELL, E (1948) *Projective Techniques. A dynamic Approach*, New York.

BELL, J. E. (1948) *Projective Techniques*, New York.

BELLAK, L. (1944) The Concept of Projection, *Psychiatry*, 7: 353-70.

BELLAK, L. (1950) On the Problem of the Concept of Projection: a Theory of apperceptive Distorsion. *In* Abt & Bellak *Projective Psychology*, New York (tr. esp. , Buenos Ayres, 1967).

BELLAK, L. (1954) The thematic apperception Test and the children's apperception Test in clinical Use, New York.

BELLAK, L. (1956) Freud and projective Techniques, *J. proj. Techn.*, 20: 5-14.

BENASSY, M. (1947) Tests de projection en orientation professionnelle. In *L'Étude objective du caractère*, Paris.

BERMANN, A., KLEIN, A. & LIPPMAN, A. (1951) Human figure drawings as a projective Technique, *J. gen. Psychol.*, 45: 57-70.

BERNSTEIN, J. ([2]1958) Introdução e Apendices a H. A. MURRAY: *Test de apercepcion temática*, Buenos Ayres.

BIERI, J. (1955) Cognitive Complexity-simplicity and predictive Behavior, *J. abn. & soc. Psychol.*, 51: 263-8.

BINET, A. & SIMON, Th. ([8]1954) *La mesure du développement de l'intelligence chez les jeunes enfants*, Paris (1905).

BIRCH-REICHENWALD, A. (1900) *Zur psychologischen Analysis der Welt Projections Philosophie*, Leipzig.

BLUMBERG, S. & MAHER, B. A. (1965) Trait Attribution as a Study of freudian Projection, *J. soc. Psychol.*, 65: 311-6.

BONNET, D. (1953) Les tests de phrases à compléter. Techniques projectives rapides, *Rev. psychol. appl.*, 3: 407-39.

BORGATTA, E. (1955) Analysis of social Interaction Role playing and projective technique, *J. abnormal soc. Psychol.*, 3, 51: 394-405.

BRAMEL, D. A. (1962) A dissonance theory Approach to defensive Projection, *J. abnormal & soc. Psychol.*, 62: 121-9.

BRAMEL, D. A. (1963) Selection of a Target for defensive Projection, *J. abnormal & soc. Psychol.*, 66: 318-24.

BRELET, F. (1983) A dimensão narcísica no T.A.T., *Anal. psicol.*, 4, 1: 71-6.

BRITTAIN, H. L. (1907) A study of Imagination, *Ped. Sem.*, 14: 137-207.

BROWER D. & WEIDER, A. (1952) Projective Techniques in Business and Industry. *In* Abt & Ballak, *Projective Psychology*, New York.

BROWER, D. (1955) The Applicability of projective Techniques to personal Appraisal, *Person. Psychol.*, 8: 235-43.

BUCK, J. (1942) The H.T.P. test, *J. clin. Psychol.*, 2, 4: 151-9.

BUCK, J. (1947) The H.T.P. projective Device, *Amer. J. ment. Def.*, 51: 606-18.

BUYTENDIJK, F. J. J. (1959) Le corps, situation motivante. *In La motivation*, Paris.

BYERS, J. (1954) The Relationships between sub-cultural Group Membership and projective Test Responses, Unpublished Thesis (Cit. por D. Silva).

CALVIN, A. D. & HOLTZMAN, W. H. (1953) Adjustment and Discrepancy between self Concept and the inferred Self, *J. cons. Psychol.*, 17: 39-44.

CAMPBELL, D. T. & BURWEN, L. S. (1956) Trait Judgements from Photographes as a projective Device, *J. clin. Psychol.*, 12: 215-21.

CAMPBELL, D. T., MILLER, N., LUBETSKY, J. & O'CONNEL, E. C. (1964) Varieties of Projection in trait Attribution, *Psychol. Monograph*, 78, n. 15.

CARUSO, I. (1956) Psychanalyse ouverte et psychanalyse fermée, *Bull. Psychology*, 1: 31-4.

CARUSO, I. (1962) *Psychanalyse pour l'homme*, Paris.

CATTELL, R. B. & WENIG, P. W. (1952) Dynamic and cognitive Factors controlling Misperceptions, *J. abn. & soc. Psychol.*, 47: 797-809.

CATTELL, R. B. (1944) Projection and the Design of projective Tests of Personality, *Charact. and Personality*, 12: 177-94.

CATTELL, R. B. (1951) Principles of design in "projective" or misperception tests of Personality. *In* Anderson & Anderson *An Introduction to projective techniques*, New-York (Ref.tr. fr. Paris, 1955).

CHASE, P. H. (1960) A Note on Projection, *Psychol Bull.*, 57: 289-90.

CLARK, L. P. H. (1926) The Phantasy Method of analysing narcisistic Neuroses, *Med. J. Rec.* 123: 154-8.

CLARK, R. A. & SENSIBAR, M. R. (1955) The Relationship between symbolic and manifeste Projections of Sexuality with some incidental Correlates, *J. abn. & soc. Psychol.*, 50: 327-34.

CLARK, R. A. (1952) The projective Measurement of experimentally induced Levels of sexual Motivation, *J. exp. Psychol.*, 44: 391-9.

CORMAN, L. (1963) Les mécanismes de défense du moi dans les tests projectifs, *Bull. Psychol.*, 17, 225:103-12.

COSTA, I. L. DA (1949-50) O test de desenho de Prudhommeau, *Bol. I. A. A. Costa Ferreira*, 9: 299-308.

COWDEN, R. C. (1955) Empaty or Projection? *J. clin. Psychol.*, 11: 188-90.

COX, K. J. (1950) A Description of the Cox S—R Test: a projective technique for evaluating supervisory Personal in Industry, *Amer. Psychologist,* 5: 330 (Summary).

CROSSLAND, H. R (1929) The psychological Method of Word--Association, *Univ. Oregon psychol. Service.*

CUTTS, R. (1956) A projective Interview Technique, *Amer. J. ment. Defic.*, 1, 61: 191-7.

DAIM, W. (1951) *Umvertung der Psychoanalyse*, Wien.

DALBIEZ, R. (1949) *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, 2 T., Paris.

DANA, R. H. (1954) Personality Orientation: an organizational Focus for current Research, *J. Psychol.*, 37: 139-50.

DANA, R. H. (1955) Clinical Diagnosis and objective TAT Scoring, *J. abn. soc. Psychol.*, 50: 19-25.

DANA, R. H. (1955) The Objectivation of projective Techniques, *RationalPsychol. Rep.*, 1: 93-102.

DANA, R. H. (1956) An Application of objective TAT Scoring, *J. proj. Techniques*, 20: 159-63.

DANA, R. H. (1956) Cross Validation of objective TAT Scoring, *J. cons. Psychol.*, 20: 33-6.

DAVIDS, A. (1955) Comparison of three Methods of personality Assessment: direct, indirect and projective, *J. Personality*, 23: 423-40.

DEPUYDT-BERTE, R. (1969) Propos sur le TAT, *Rev. Psychol. Sc. de l'Éduc.*, 4, 4: 413-24.

DEPUYDT-BERTE, R. (1975) Le monde imaginal: introversion, rêve, mythe et archetype, Éclairages sur. *Rev. Psychol. Sc. de l'Éduc.*, 10, 2-3: 161-385. Numéro spéciale en hommage à K. G. Jung (1875-1975).

DEPUYDT-BERTE, R. (1975-77) Símbolos e simbólicas no TAT (Mimeogr. Dep. Psicol. clin., Fac. Psicologia e de Ciências da Educação, Univ. de Lovaina.

DUBIN, S. S. (1940) Verbal attitudes Scores predicted from Responses in a projective Technique, *Sociometry*, 3: 24-48.

DUFF, I. F. (1926) A psychoanalytical Study of a Fantasy of S.te Thérèse de l'Enfant Jésus, *Brit. J. Med. Psychol.*, 5: 345-53.

EDLOW, D. & KIESLER, C. (1966) Case of denial and defensive Projection, *J. exper. soc. Psychol.*, 2:56-69.

EICHLER, R. M. (1951) A comparison of the Rorschach and Behn-Rorschach inkblot Tests, *J. cons. Psychol.*, 15:185-8.

ELKISCH, P. (1945) Children's Drawings in a projective Technique, *Psychol. Monograph.*, 1, 58:1-31.

EPSTEIN, S. (1966) Some theoretical Considerations on the Nature of Ambiguity and the Use of Stimulus Dimensions in projective Techniques, *J. cons. Psychol.*, 30: 183-92.

ERIKSEN, C. W. & LAZARUS, R. S. (1952) Perceptual Defense and projective Tests, 47: 302-9.

ERIKSON, E. H. (1968) *Identity - Youth & Crisis*, London.

ERIKSON, E. H. (^{2}1953) Crescimento e crises da "personalidade sadia". *In* Kluckhohn, Murray & Schneider (Eds.) *Personality in Nature, Society and Culture*, T. I c. 12, New York.

EY, H. (1973) *Traité des hallucinations*, 2 T., Paris.

EYSENCK, H. J. (1952) *The scientific Study of Personality*, London.

EYSENCK, H. J. (1955) La validité des techniques projectives. Une introduction, *Rev. psychol. appl.*, 5, 4: 231-3.

FABIAN, W. A. (1954) An Investigation of Relationship between Measures of insight and Measures of projection and distortion on Ratings. Unpublished Thesis (cit. de Murstein, 1959).

FEIGENBAUM, D. (1936) On Projection, *Psycholanal. Quartl.*, 5: 303-19.

FIEDLER, F. E. (1951) A method of objective Quantification of certain couter-transference Attitude, *J. clin. Psychol.*, 7: 101-7.

FIEDLER, F. E. (1953) The psychological Distance Dimension in interpersonal Relations, *J. Personal.*, 22: 142-50.

FIEDLER, F. E., BLAISDELL, F. J. & WARRINGTON, W. G. (1952) Unconscious Attitudes and the Dynamics of sociometric Choice in a social Group, *J. abn. & soc. Psychol.*, 47: 790-6.

FIGUEIREDO, E., FERRONHA, J., VAZ, J. M., COSTA, M. E. & FLEMING, M. (1983) Conflito adolescente - progenitores e autonomia: abordagem psicológica, *Anál. psicol.*, 4, 1: 41-54.

FONSECA, A. C. (1983) Temas dominantes no CAT numa população de crianças portuguesas de 6 anos. Estudo preliminar, *Anál. psicol.*, 4, 1: 56-70.

FONTES, V. (1950) Interprétation psychologique du dessin anthropomorphique infantile, spécialement observé chez les oligophrènes, *Sauv. de l'Enfance*, 6: 403-35.

FRANK, L. K. (1939) Cultural Coercion and individual Distortion, *Psychiatry*, 2: 11-17.

FRANK, L. K. (1939) Projective Methods for the Study of Personality, *J. of Psychology*, 8: 389-113.

FRANK,L. K.(1960) Toward a projective Psychology,*J. proj. Techn.*, 24: 245-53.

FRANZ, M.- L. von (1978) *Spiegelungen der Seele: Projektion und innere Sammlung*, Stuttgart (tr. ingl., La Salle, 1980).

FRENKEL-BRUNSWIK, E. (1939) Mechanisms of Sel-deception, *J. soc. Psychol.*, 10: 408-20.

FREUD, A. (1937) *The Ego and the Mechanisms of Defense*, London.

FREUD, S. (1894) Die Abwehr-Neuropsychosen, *Neurol. Zenralbl*, 10:362-4; 11: 402-9.

FREUD, S. (1895) *Entwurf einer Psychologie.* (S. E. 1).

FREUD, S. (1895) *Studien über Hysteria*, Coll. J. Breuer. (S. E. 2)

FREUD, S. (1896) Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen, *Neurol. Zentralbl.*, 10: 434-48 (S. E. 2).

FREUD, S. (1911) *Psychoanalytischen Bemerkungen über eine autobiographisch beschriebenen Fal von Paranoia (Dementia paranoides).* (S. E. 12).

FREUD, S. (1912-13) *Totem und Tabu.* (S. E. 13).

FREUD, S. (1915) *Die Verdrängung.* (S. E. 14).

FREUD, S. (1921) *Massenpsychologie und Ich-Analyse.* (S. E. 18).

FREUD, S. (1925) *Selbstdarstellung* (S. E. 20).

FREUD, S. (1926) *Hemmung, Symptom und Angst.* (S. E. 20)

FREUD, S. (1927) *Die Zukunft einer Illusion.* (S. E. 21).

FREUD, S. (1930) *Das Unbeagen in der Kultur.* (S. E. 21).

FREUD, S. (1933) *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse.* (S E. 22, London, 1953)

FREUD, S. (1938) *Abriss der Psychoanalyse* (S E. 23).

FRIEDMAN, I. (1955) Phenomenal, ideal and projected Conceptions of Self, *J. abn. & soc. Psychol.*, 51: 611-5.

FROMM, E. (1947) *Man for himself*, New York.

GALTON, Fr. (1923) *Inquires into human Faculty and its Development*, London.

GOLDINGS, H. J. (1954) On the Avowal and Projection of Happiness, *J. Pers.*, 23: 258-66.

GOLDSTEIN, K. ([5]1951) *Der Aufbau des Organismus*, (tr. fr.) Paris.

GOSS, A. E. & BROWNELL, M. H. (1957) Stimulus-response Concepts and Principles applied to projective Test Behavior, *J. Pers.*, 25: 505-23.

GUITON, P. (1953) Esquisse d'une méthode d'interprétation des dessins d'arbres, *Bull. Psychol. scol.*, 2: 44-60.

HABER, R. N. & ALPERT, R. (1958) The Role of situation and picture Cues in projective Measurement of the achievement Motive. *In* Atkinson (Ed.) Motives in Fantasy, Action and Society, Princeton.

HAGGARD, E. A. (1942) A projective Technique using comic strip Characteres, *Charact. & Person.*, 10: 289-95.

HAGUENAUER, G., GLADSTON, E.,BARRE, D. & PICARD, M. (1959) Étude de l'image du moi au moyen quatre tests projectifs, pratiqués sur un groupe de schyzophrènes et un groupe de déprimés, *Ann. med. Psychol.*, 117, 1: 307-42.

HALLOWELL, A. I. (1941) The Rorschach Test as a Tool for Investigating cultural Variables and individual Differences in the Study of Personality in primitive Societies, *Rorschach Res. Exch.*, 5: 314.

HALLOWELL, A. I. (1942) Acculturation Processes and personality Changes as indicated by the Rorschach Technique, *Rorschach Res. Exch.*, 6: 42-50.

HALPERN, J. (1977) Projection: a test of psychoanalytic Hypothesis, *J. abn. Psychol.*, 86, 5: 536-42.

HALPERN, N. (1955) Empathy, Similarity and Self-satisfaction, *J. cons. Psychol.*, 19: 449-52.

HAMMER, E. & PIOTROWSKI, Z. (1953) Hostility as a Factor in the clinician's Personality as its effects his iInterpretation of projective Drawings (H.T.P.), *J. proj. Techn.*, 2, 17: 218-16.

HANFMANN, E. & STERN, W. (1952) Projective Techniques, *J. Personal.*, 21: 345-75.

HARRISON, R. (1943) The Thematic Apperception and Rorschach Methods of Personality Investigation in clinical Pratice, *J. Psychol.*, 15: 49-74.

HARTMAN (1964) *Essays on Ego-Psychology*, New York.

HARTMANN, H. (1935) *Comments on the psychoanalytic Theory of the Ego. Psychoanalytic Study of Child*, New York.

HASTORF, A. H., BENDER, I. E. & WEINTRAUB, D. J. (1955) The influence of response Patterns on the "Refined Empathy" Score, *J. abn. & soc. Psychol.*, 51: 341-3.

HEALY, W., BRONNER, A. P. & BOWERS, A. M. (1930) *The Structure and Meaning of Psychoanalysis*, New York.

HEBRARD, J. (1963) Étude sur le test de Rorschach utilisé pour la sélection de candidats à une école d'éducateurs, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 148-54.

HEIMANN, R. & ROTHNEY, J. (1959) Development and Applications of projective Techniques, *Rev. educ. Research*, 29: 73: 73-83.

HEISENBERG, W. (1969) *Physics and Philosophy - The Revolution in modern Science*, New York.

HELMAN, Z. (1957) Mentalité projective et épilepto-sensorialité, *Ann. med. Psychol.*, 12: 1-12.

HENRY, W. E. & GUETZKOW, H. (1951) Group projections Sketches for the Study of small Groups, *J. soc. Psychol.*, 33: 77-102.

HENRY, W. E. (1953) The Language of Fantasy. A problem in Instruction and Supervision, *Amer. J. Orthopsychiatry*, 23, 2: 315-21.

HENRY, W. E. (1956) *The Analysis of Fantasy - The thematic Apperception Test: Technique in the Study of Personality*, New York,

HERTZ, M. R. (1942) Rorschach: twenty years after, *Psychol. Bull.*, 39, 8: 529-72.

HERTZ, M. R. (1952) The Rorschach: thirty years after. *In* D. Brower & L. E. Abt *Progress in clinical Psychology*, T. I. 108-48, New York.

HERTZ, M. R. (1986) Rorschachbound: a 50-Year Memoir, *J. person. Assess.*, 50, 3: 96-416.

HOEHN, E. (1959) Bases théoriques de l'analyse du contenu des Tests de Projection, *Psychol. Forsch.*, 26:13-74.

HOFFMAN, E. P. (1935) Projektion und Ich-Entevicklung, *Int. Z. Psychoan.*, 21: 342-73.

HOLMES, D. (1967) Projections: Uses of Stereotypes or Stimulus Generalisation, Unpublished (Cit. de Holmes, 1968).

HOLMES, D. S. (1968) Dimensions of Projection, *Psychol. Bull.*, 69: 248-68.

HOLMES, D.S. & HOUSTON, K. B. (1971) The defensive Function of Projection, *J. pers. soc. Psychol.*, 20: 208-13.

HOLTZMAN, W. H. (1959) Objective Scoring of projective Techniques. *In* Bass & Berg (Eds.) *Objective Approaches to Personality Assessment*, Princeton.

HOOP, J. H. van der (1924) Über die Projektion und ihre Inhalte, *Int. Z. Psychoan.*, 10: 276-88.

HORNEY, K. (1939) *New Ways in Psychoanalysis*, New York.

HOROWICZ, R. & MURPHY, L. (1938) Projective Methods in the psychological Study of Children, *J. exp. Educ.*, 7: 133-40.

HURLOCK, E. (1934) Children's drawings: an experimental Study of Perception, *Child Developm.*, 2, 5: 127-38.

HURLOCK, E. (1946) The spontaneous Drawings of Adolescents, *J. genet. Psychol.*, 69: 97-120.

HUTT, M. L. (1945) The Use of projective Methods of personality Measurement in Army medical Installations, *J. clin. Psychol.*, 1: 134-40.

JAFFE, D. S. (1968) The mechanism of Projection, its dual Role in object Relations, *Int. J. Psychoan.*, 49: 662-77.

JELGERSMA, G. (1926) Projection, *Int. J. Psychoan.*, 7: 353-8.

JENKIN, N. S. (1956) Some Relationships between projective Test behavior and Perception, *J. clin. Psychol.*, 11: 278-81.

JENSEN, A. R. (1959) The Reliability of projective Techniques; review of Literature, *Acta Psychol.*, 16: 108-36.

JOHNSON, W. & HUTTON, D. (1955) Effects of a combative Sport upon Personality Dynamics as measured by a projective Test (H.T.P.), *Amer. Ass. Hlth. Phys. Education*, 26: 49-53.

JUNG, K. G. (1903) *Studien zur Wortassoziation*, G. W. 2, 1979 (tr. amer., New York, 1919)

JUNG, K. G. (1916) *Die Beziehungen Zwischen. Dem Ich und dem Unbewusstein*, G. W. 7, 2º.

JUNG, K. G. (1955-7) *Mysterium conjunctionis*, 2 T., G. W. XIV, 1968.

JUNG, K. G. (1964) *Zwei Schriften über Analytische Psychologie*, G. W., 7, T. 1.

JUNG, K. G. (^{2}1982) *Erinnerungen, Träume, Gedanken*, Olten (1971).

JUNG, K. G., von FRANZ, M.- L., MORRIS, M., DOEL, G. & LLOYD, M. (1964) *The Man and his Symbols* (original), London.

JUNI, S. (1979) Theoretical Foudations of Projection as a defense Mechanism, *Rev. Psychoanalytic*, 6: 115-30.

KAPLAN, M. F. (1967) The Effect of cue Relevance, Ambiguity and self-reported Hostility on TAT Responses, *J. proj. Techniques Personal. Assess.*, 31: 45-50.

KATZ, J.- Ph. (1963) Projection et formation, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 91-3.

KAUFFMAN, M. R. (1934) Projection, heterosexual and homosexual, *Psychoan. Quartl.*, 3: 131-36.

KELLY, G. A. & BISHOP, F. (1942) A projective Method of personality Investigation, *Psychol. Bull.*, 39: 599 (Abstract).

KENNI, D. T. & BIJOU, S. W. (1953) Ambiguity of Pictures and extent of Personality Factors in Fantasy Responses, *J. cons. Psychol.*, 17, 4: 283-8.

KENT, G. M. (1938) Use and Abuse of mental Tests in clinical Diagnosis, *Psychol. Rec.*, 2: 391-400.

KEYES, E. & LAFFAL, J. (1953) The Use of a graphomotor projective Technique to discriminate between failure and success reactions in a level of aspiration Situation, *J. clin. Psychol.*, 1, 9: 69-71.

KLEIN, M. (1948) *Contributions to Psychoanalysis*, London.

KLUCKHOHN, Cl., MURRAY, H. A. & SCHNEIDER, D. M. (^{2}1953) *Personality in Nature and Culture*, 2 T. New York (1948).

KNIGHT, R. P. (1940) Introjection, Projection and Identification, *Psychoan. Quartl.*, 9: 334-41.

KOHLMANN, T. (1961) La possibilité de projection du psychopathologique dans le test de Rorschach, *Rev. Psychol. appl.*, 3: 222-31.

KOHN, R. (1985-86) La recherche par les praticiens. L'implication comme mode de production de connaissances, *Bull. Psychol.*, 39, 277: 817-26.

KRAMMER, C. (1960) Les techniques projectives en Psychologie concrète, *Proceedings XVI C. I. Psychologie.*

LALANDE, A. ([10]1968) *Vocabulaire technique et critique de la Philosophie*, (en fascicules) (1902-23).

LANDIS, C. (1929) The interpretation of facial Expression in Emotion, *J. Gen. Psychol.*, 2: 59-72.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.- B. (1963) Délimitation du concept freudien de projection, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 62-67.

LAZARUS, R. S. Ambiguity and Nonambiguity in projective Testing, *J. abn. & soc. Psychol.*, 48: 443-5.

LEBLANC, M. (1956) Adaptation africaine du P - F - test, *Rev. psychol. appl.*, 6: 91-109.

LEBLANC, M. (1960) *L'acculturation de la femme katangaise*, Louvain.

LEE, D. ([2]1953) São finais as necessidades básicas? *In* Kluckhohm, Murray, Schneider (Ed.) *Personality in Nature, Society and Culture*, T. I. c. 20, New York.

LEENHARDT, M. ([2]1971) *Do Kamo: la personne et le mythe dans le monde mélanésien*, Paris (1947).

LEHRMANN, P. R. (1927) Phantasy in neurotic Behavior, *Med. J. Rec.*, 126: 342-4.

LEHRMANN, P. R. (1927) The Phantasy of not belonging to one's Family, *Arch. Neur. Psychiatry*, 18: 1015-25.

LENNEP, J. van (1951) The four Pictures test. *In* Anderson & Anderson *An Introduction to projective Techniques*, E. Cliffs.

LENNEP, J. van (1957) Projection and Personality. *In* David and von Bracken (Eds.) *Perspective in Personality Theory*, New York.

LENNEP, J. van (1960) Performance of some projective Tests under LSD 25, *Fortschr. Psychosom. Med.*, 1: 219-22.

LENS, W. (1974) A comparative Study of motivational Contents in projective and direct, first Person thought Samples, *Psychol. Belg.*, 14, 1: 31-54.

LESSER, G. S. (1961) Discussion of Dr. Murstein Paper. *In* Kagan & Lesser (Eds.) *Contemporary Issues in thematic apperceptive Methods*, Springfield.

LEVINE, R. CHEINI & MURPHY, G. (1942) The Relation of Intensity of a Need to the Amount of perceptual Distortion: a preliminary Report, 13: 283-93.

LINDZEY, G. (1959) On the Classification of projective Techniques, *Psychol. Bull.*, 56: 158-68.

LINDZEY, G. (1961) *Projective Techniques and cross-cultural Research*, New York.

LOVELAND, N. T. & SINGER. M. T. (1959) Projective Test Assessment of the Effects of sleep Deprivation, *J. proj. Techn.*, 23: 323-4.

LUNDY, R. M. & BERKOWITZ, L. (1957) Cognitive Complexity and assimilative Projection in attitude Change, *J. abn. & soc. Psychol.*, 55: 34-7.

LUNDY, R. M. (1956) Assimilative Projection and accuracy of Prediction in interpersonal Perceptions, *J. abn. & soc. Psychol.*, 52:33-8.

MACHOVER, K. (^{2}1953) *Personality Projection in the Drawing of the human Figure*, Springfield (1949).

MALIN, A. & GROTSTEIN, J. S. (1966) Projective Identification in therapeutic Process, *Int. J. Psychoan.*, 47: 26-31.

MANNONI, M. (1970) *Le Psychiatre, son "fou" et la psychanalyse*. Paris.

MASLING, J. (1960) The Influence of situational and interpersonal Variables in projective Testing, *Psychol. Bull.*, 57: 65-85.

MASLOW, A. H. & MITTELMANN, B. (1941) Projective Methodes of Examination. In *Principles of abnormal Psychology*, Appendix I, New York.

MASLOW, A. H. (1943) Dynamics of personality Organisation, *Psychol. Bull.*, 50: 514-39 e 541-53.

MAUSNER, B. (1961) Situational Effects on a projective Test, *J. appl. Psychol.*, 45: 186-92.

MAYMAN, M., SCHAFFER, R. & RAPAPORT, D. (1958) Interpretation of Weschler-Bellevue intelligence Scale in personality Appraisal,

McCLELLAND, D. C. & ATKINSON, J. W. (1948) The projective Expression of Needs: I - The effect of different Intensities of hunger Drive on Perception, *J. Psychol.*, 25: 205-22.

McCULLY, R. (1971) *Rorschach: Theory and Symbolism*, Baltimore (tr. port. Belo Horizonte, 1980).

McCULLY, R. (1974) Tantric Imagery and Rorschach Perception, *Rorsch. Japon.*, 15, 16: 123-34.

McCULLY, R. (1974) The Rorschach: Synchronicity and Relativity, *J. person. Assess.*, 38, 4: 34-45.

McCULLY, R. (1976) Archetypal Energy and creative Image, *J. analyt. Psychol.*, 21, 1: 64-71.

McFARLANE, J. W. (1942) Problems of Validation inherent in projective Methods, *Amer. J. Orthopsychiatry*, 12: 405-11.

McFARLANE, J. W. (1954) Perceptual Consistency in Rorschach-like projective Tests, *J. proj. Techniques*, 18: 368-78.

MEAD. M. ([2]1953) Dados antropológicos sobre o problema do instinto. *In* Kluckhohne, Murray e Schneider *Personality in Nature, Society and culture*, T. I, c. 7, New York.

MEIER, C. A. (1954) Projektion. Übertragung und Subjekt-Objekt Relation, *Dialectica*, 8, 29. 4.

MEIGNIEZ, R. (1962) Réflexions phénoménologiques sur les tests projectifs, *Bull. Assoc. Psychol. de l'Ouest*, 3: 9-13.

MELTZER, M. (1955) Differential Predictions of specific Behavior from three projective Techniques, *J. Consult. Psychol.*, 3, 19: 175-82.

MERLEAU-PONTY, M. ([4]1960) *La structure du comportement*, Paris (1942).

MEYER, L. & GRAMMEN, R. (1975) Étude comparative de la motivation et de la perspective temporelle chez des groupes tanzaniens et belges, *University of Leuven Psychological Reports, n. 6.*

MINTZ, E. (1956) An Exemple of assimilative Projection, *J. abn. & soc. Psychology*, 52: 279-80.

MOELLENHOFF, F. (1942) A Projection returns and materializes, *Amer. Imago*, 3: 3-13.

MOITA, V. (1983) A angústia como conceito operatório na técnica projectiva de Rorschach, *Anal. psicol.*, 4, 1: 5-16.

MORALI-DANINOS, A. (1952) Relations réciproques des méthodes projectives, *Bull. Goup. fr. du Rorschach*, 1: 15-18.

MORALI-DANINOS, A. (1962) Rorschach et méthodes projectives, *Bull. Soc. fr. Rorschach et Meth. proj.*, 13-14: 1-4

MORGAN, C. D. & MURRAY, H. A. (1935) A Method for investigating Fantasies. The Thematic Apperception Test, *Arch. Neur. and Psychiatry*, 34: 289-306.

MOULTON, R. W. (1958) Notes for a projective Measure for Fear and Failure. *In* Atkinson (Ed.) *Motives in Fantasie, Action and Society*, Princeton.

MUCCHIELLI, R. (1963) La notion de projection, *Bull. Psychol.*, 17, 225:67-72.

MUHL, A. M. (1943) Identification-projection-domination, *Med. Wom. J.*, 50: 219-28.

MURPHY, G. (1958) *Historical Introduction to modern Psychology*, New York (Buenos Ayres, ^{3}1971).

MURPHY, L. B. (1940) Interiorization of Family Experiences by normal preschool Children as revealed by some projective Methods, *Psychol. League J.*, 4: 3-5.

MURPHY, L. B. (1942) Patterns of Spontaneity and Contraint in the Use of projective Materials by preschool Children, *Trans. N. Y. Acad.*, 4: 124-38.

MURRAY, H. A. & KLUCKHOHN, Cl. (^{2}1953) Esboço duma concepção de personalidade. *In* Kluckhohn, Murray & Schneider (Eds.) *Personality in Nature, Society and Culture*, T. I, c. 1, New York.

MURRAY, H. A. (1933) The Effect of Fear upon Estimates of the maliciousness of other Personalities, *J. soc. Psychol.*, 4: 310-29.

MURRAY, H. A. (1938) *Explorations in Personality*, New York.

MURRAY, H. A. (1945) An Investigation of Fantasies. *In* H. Sargent *Projective Methods*, Psychol. Bull., 42: 257-93.

MURRAY, H. A. (1951) Foreword to *Introduction to projective Techniques*, Anderson & Anderson, New York.

MURRAY, H. A. (1959) Preparations for Scaffold of a comprehensive System. *In* S. Koch (Ed.) *Psychology: a Study of a Science*: T. 3. *Formulations of the Person and the social Context*, New York.

MURSTEIN, B. I. & PRYER, R. S. (1959) The Concept of Projection: a review, *Psychol Bull.*, 56: 353-74.

MURSTEIN, B. I. (1957) Some comments in the Measurement of projection and Empathy, *J. cons. Psychol.*, 21: 81-2.

MURSTEIN, B. I. (1957) The Projection of Hostility on the Rorschach, and as a Result of Ego-threat, *J. proj. Techniques*, 20: 418-28.

MURSTEIN, B. I. (1960) The Measurement of Ambiguity for thematic Cards, *J. proj. Techniques*, 24: 419-23.

MURSTEIN, B. I. (1964) A normative Study of TAT ambiguity, *J. proj. Techniques Personal. Assess.*, 28: 210-8.

MURSTEIN, B. I. (1965) New Thoughts about Ambiguity and the TAT, *J. proj. Techn. Person. Assess.*, 29, 2: 33-9.

MURSTEIN, B. I. (1965) Projection of Hostility as Function of Stimulus, Background and personality Variables, *J. cons. Psychol.*, 29, 43-8.

MURSTEIN, B. I. (1966) Sex Differences in TAT Ambiguity, Hostility and Projection, *J. gen. Psychol.*, 108: 71-80.

NATHAN, R. & MAUCO, G. (1963) La culpabilité scolaire (Sondage utilisant le test projectif T.A.T., 17, 225: 223-32.

NEUMANN (1939) Personal Symbolism in Language Patterns, *Psychiatry*, 2: 177-83.

NGUYEN, Kim-Chi (1978-79) Un mode d'approche de la dynamique de la personnalité dans une situation de test projectif, *Bull. Psychol.*, 32, 339: 291-3.

NORMAN, R. D. & AINSWORTH, P. (1954) The Relationships among Projection, Empathy, Reality and Adjustement operationaly defined, *J. cons. Psychol.*, 18: 53-8.

NORMAN,R.D.& LEIDING, W. C. (1956) The Relationship between Measures of individual and mass Empathy, *J. cons. Psychol.*, 20: 79-82.

NOVICK, J. & HURRY, A. (1969) Projection and Externalisation, *J. Child. Psychol. Ther.*, 2: 5-20.

NUTTIN, J. (1976) *Human Motivation and Time Perspective*, Part II: *The motivational Induction Method and the motivational Inventory*, (Multigraph.) Leuven.

PAGÉS, R. (1953) Psychologie dite projective, *Bull. Psychol.*, 7, 61: 77-86.

PERRON, R. (1967-68) La situation d'examen psychologique, *Bull. Psychol.*, 21: 1001-7.

PIAGET, J. (1923) *Le langage et la pensée chez l'enfant*, Paris.

PICHOT, P. (1955) La validité des techniques projectives: problèmes généraux, *Rev. Psychol. Appl.*, 5: 235-44.

PONTFORT, M. (1963) La projection-écran, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 113-4.

POSNER, B. A. (1940) *Selfishness, guilt Feeling and social Distance*, Unpubl. Thesis (cit. por B. Murstein, 1959).

PROSHANSKI, H. M. (1943) A projective Method for the Study of Attitudes, *J. abn. & soc. Psychol.*, 38: 393-5.

PRUSCHY, R. (1963) Clinique et tests projectifs, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 73-83.

RAND, Per (1963) *Distortion and Selectivity. A Study of Behavior toward achievement- related Information*, Oslo.

RAPAPORT, D., (1942) Principles underlying projective Techniques, *Charact. & Personal.*, 10: 213-9.

RAPAPORT, D., (1967) Projective Techniques and Theory of Thinking. *In Collected Papers of D. Rapaport*, New York.

RAPAPORT, D., SCHAFFER, R. & GIL, M. (1945) *Manual of diagnostic psychological Testing*, Chicago.

RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1983) Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Test de Rorschach. O Rorschach, espaço de interacções, *Anal. psicol.*, 4, 1: 17-22.

RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1983) Representação de si e relação de objecto. Grelha de representação de si, 4, 1: 31-40.

RAVEN, J. (1944) *Controlled Projection. Standard experimental Procedure*, London.

RICOEUR, P. (1965) *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris.

ROBINSON, E. E. (1920) The compensatory Function of Make-believe Play, *Psychol. Rev.*, 27: 434-8.

ROKEACH, M. (1945) Studies in Beauty: II Some Determiners of the Perception of Beauty in Women, *J. soc. Psychol.*, 22: 155-69.

RORSCHACH, H. (1921) *Psychodiagnostik*, Berne (tr. fr. Paris, 1947, ^{2}1953).

ROSENZWEIG, S. (1948) Projective Techniques: their Progress in Application of Psychodynamics — Retrospect and Prospect, *Orthopsychiatry*, 25: 456-69.

ROSENZWEIG, S. (1949) Apperceptive Norms for the thematic Apperception test, *J. of Person.*, 17: 475-82.

ROSENZWEIG, S. (1951) Idiodynamics in Personality Theory with special Reference to projective Methods, *Psychol. Rev.*, 58, 3: 213-23.

ROSENZWEIG, S. (1956) Projective Methods and psychometric Criteria, *Australian J. Psychol.*, 8: 152-5.

ROSENZWEIG, S. (^{2}1953) O espectro de H. James: estudo de apercepção temática. *In* Kluckhohn, Murray & Schneider (Eds.) *Personality in Nature, Society and Culture*, T. II, c. 29, New York.

ROTHNEY, J. W. M. & HEIMANN, R. A. (1953) Development and Applications of projective Tests of Personality, *Rev. educ. Research*, 23, n. 1.

SAMALIN-AMBOISE, C. (1985-86) La prise de distance, autre scène de l'implication, *Bull. Psychol.*, 39, 277: 809-16.

SANFORD, R. N. (1936) The Effects of Abstinence from Food upon imaginal Processes: a preliminary Experiment, *J. Psychol.*, 2: 129-36.

SANFORD, R. N. (1937) The Effects of Abstinence from Food upon imaginal Processes: a further Experiment, *J. Psychol.*, 3: 143-59.

SANTOS, A. Miranda (1969) O paradoxo da adaptação. *In* A. Miranda Santos *Missão e História*, Lisboa.

SANTOS, A. Miranda (1971) *Informática e psicologia*, Lisboa.

SANTOS, A. Miranda (1972) *Expressividade e personalidade*, Coimbra (^{2}1979).

SANTOS, A. Miranda (1972) Facteur structurel. *In Milieu et développement*, Paris.

SANTOS, A. Miranda (1977) *Fantaisie et Avenir*, (multigraph.) Leuven.

SANTOS, A. Miranda (1978) A fantasia em redescoberta, *Biblos*, 54: 303-21.

SANTOS, A. Miranda (1979) A interacção e o seu tópico, *Rev. port. Ped.*, 12: 171-84.

SANTOS, A. Miranda (1980) Em torno do Arreton, *Biblos*, 56: 705-62.

SANTOS, A. Miranda (1982) Em torno da/duma Personalidade, *Rev. port. Ped.*, 16: 227-50.

SANTOS, A. Miranda (1986) Factor estrutural e desenvolvimento, *Rev. port. Ped.*, 20:247-60.

SANTOS, A. Miranda (1988) *Sociogénese*, Lisboa.

SANTOS, A. Miranda (1990) Os "outros" factos científicos, *Psychologica*, 3:123-42

SANTOS, João dos (1988) Introdução, *Rev. port. Psican.*, 1:2.

SARGENT, H. (1944) An experimental Application of projective Principles in a paper and stencil personality Test, *Psychol. Monograph*, 57, n.5: 1-57.

SARGENT, H. (1945) Projective Methods: Their Originis, Theory and Application in personality Research, *Psychol. Bull.*, 42, 5: 257-314.

SCHACHTEL, E. G. (1950) Projection and its Relation to character attitudes and creativity in the kinesthetic Responses, *Psychiatry*, 13: 69-100.

SCHELLER, M. (^{2}1971) *Nature et formes de la sympathie. Contribution à l'étude des lois de la vie affective*, (1913 em al.) Paris.

SCHLEGEL, J. (1963) L'emploi des tests projectifs en sélection et orientation professionnelle, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 115-25.

SEARS, R. R. (1936) Experimental Studies of Projection: I — Attribution of Traits, *J. soc. Psychol.*, 7: 151-63.

SEARS, R. R. (1937) Experimental Studies on Projection: II — Ideas of Reference, *J. soc. Psychol.*, 8: 389-400.

SEARS, R. R. (1943) Survey of objective Studies of Psychoanalytic Concepts, *Soc. Sci. Res. Counc. Bull.*, n. 51.

SEGY, L. (1954) Art Appreciation and Projection, *Etc. Rev. Gen. Semant.*, 12: 23-32.

SHERWOOD, J. J. (1966) Self-report and projective Measures of Achievement and Affiliation, *J. cons. Psychol.*, 30: 329-37.

SHIPLEY, T. E. & VEROFF, J. A. (1952) A projective Measure of Need for Affiliation, *J. Exp. Psychol.*, 43: 349-56.

SILVA, J. P. Ferreira da (1984) Instintos ou pulsões: uma questão de terminologia, *Rev. port. Ped.*, 18: 175-93.

SILVERMAN, L. H. (1959) A Q-sort Study of Validity of Evaluations made from projective Techniques, *Psychol. Monographs*, 73, n. 477.

SINGER, R. D. (1963) A cognitive View of rationalized Projection, *J. proj. Techniques*, 27:236-43.

SOUTHARD, E. E. (1916) On the Application of grammatical Categories to the analysis of Delusions, *Phil. Rev.*, 25: 424-55.

STAGNER,(1936) *Psychology of Personality*, New York.

STERN, M. (1953) Trauma Projective Technique and analytic Profils, *Psychoanal. Quartl.*, 22: 221-52.

STERN, W. (1938) Cloud Pictures: a new Method for testing Imagination, *Charact. & Personal.*, 6: 132-46.

STEVENS, H. A. & REITZ, W. E. (1970) An experimental Investigation of projection as a Defense Mechanism, *J. clin. Psychol.*, 26: 152-70.

STOETZEL, J. (1963) *La Psychologie sociale*, Paris.

SYMONDS, P. & SAMUEL, E. A. (1941) Projective Methods in Study of Personality, *Rev. Educ. Res.*, 11: 80-93.

TAT Issue: a Birthday Tribute to Henry A. Murray, *J. proj. Techniques*, 1958, 22, n. 2.

TAYLOR, E. K. & NEVIS, E. C. (1957) The Use of projective Techniques and management Levels. *In* Dooher & Marting *Selection of management Personel*, T. I, New York.

TEDESCHI, J. T. & KIAN, M. (1962) Cross-cultural Study of the TAT Assessment for Achievement Motivation: americans and persians, *J. soc. Psychol.*, 58: 227-34.

THOMSEN, A. (1941) Psychological Projection and the Election: a simple class experiment, *J. Psychol.*, 11: 115-7.

TOLMAN, E. C. (1932) *Purposive Behavior in Animals and Men*, New York.

TUDENHEIM, R. (1931) The reputation test as a projective Technique, *Psychol. Bull.*, 38: 749 (Abstract).

UCHA, S. (1954) Le Test projectif de Wartegg (Personnalité et vocation), *J. intern. Psychol. de l'Enfant*, 2: 80-2.

VIGOTSKY, L.L. (1939) Thought and Speech,*Psychiatry*, 8: 29-54.

VIREL, A. (1965) *Histoire de notre image*, Genève.

VOCABULAIRE DE LA PSYCHANALYSE (J. Laplanche et J. B. Pontalis) Paris.

WALLEN, R. (1941) Individual Estimates of group Attitudes, *Psychol. Bull.*, 38: 539-40.

WALLON, H. (1956) La psychologie génétique, *Bull. Psychol.*, 10, 1: 3-10.

WALLON, H. (1959) Kinesthésie et image visuelle du corps propre, *Enfance*, 3-4: 258-71.

WEINGARTEN, E. M. (1949) A Study of selective Perception of clinical Judgement, *J. Personal.*, 17: 369-96.

WEISS, E. (1932) Regression and Projection in the Super-ego, *Int. J. Psychoanal.*, 13: 449-78.

WEISS, E. (1947) Projection, Extrojection and objection, *Psychoan. Quartl.*, 16: 357-77.

WEISSKOPF, E. A. & DUNLEVY, C. P. (1952) Bodily Similarity between Subject and central Figure in the T.A.T. as an influence on Projection, *J. abn. & soc. Psychol.*, 47: 441-5.

WEISSKOPF-JOELSON, E. A. & MONEY, L. (1953) Facial Similarity between subject and central Figure in the T.A.T., as an Influence on Projection, *J. abn. & soc. Psychol.*, 48: 341-4.

WELLS, F. L. & WOODWORTH, R. S. (1911) Association Tests, *Psychol. Rev. Monographs, Supl.*, n. 57.

WELLS, W. & GOLDSTEIN, R. (1964) Sear's Study of Projection: Replications and Critique, *J. soc. Psychol.*, 64: 169-79.

WERNERT, M. & DURAND DE BOUSINGEN, R. (1963) La dynamique des relations interpersonnelles au cours de la passation d'un test projectif, *Bull. Psychol.*, 17, 225: 84-91.

WOLFF, W. (1942) Projective Methods for Personality Analysis of expressive behavior in preschool Children, *Charact. & personal.*, 10: 309-30.

WRIGHT, B. A. (1945) Experimentally created Conflict expressed by means of a projective Technique, *J. soc. Psychol.*, 21: 229-45.

ZIMMER, H. (1955) The Roles of Conflict and internalized Demands in projection, *J. abn. & soc. Psychology*, 50: 188-92.

ZIMMER, H. (1956) Validity of Sentence completion Tests and human Figure Drawings. *In* Brower & Abt *Progress in clinical Psychology*, New York.

ZUCKER, A. (1949) A case of Obesity: projective Techiques before and after treatment, *J. proj. Techn.*, 13: 155-205.

ZUCKER, K. (1952) Experimental Investigation of correlates of Projection (Unpublished Thesis, cit. de Murstein, 1959).

ÍNDICE

SIGNIFICAÇÃO DE CONJUNTO XIII

I Tomo

REALIDADE DO IMAGINAL

Introdução 29

I Parte

PROBLEMÁTICA TEÓRICA

a hipótese e as suas coordenadas

Capítulo I — **"Mundus imaginalis"** 43
Capítulo II — **Imagem-realidade** 93
Capítulo III — **Vias do imaginal** 107
1. Prenúncios do imaginal 107
2. Diversificação do imaginal: entre a cruz e o crescente 115
3. Aprofundamento diversificante do imaginal 137
4. Imaginal e imagem nos séculos XIX e XX 151
5. O imaginal, hoje e seus avatares 170

II Parte

PROBLEMÁTICA EXPERIMENTAL

fundamentação da hipótese

A) EXPERIMENTAÇÃO PROVOCADA

Pesquisa de "campo"

Capítulo I — **Transculturalidade em pesquisa psicológica** 205
Capítulo II — **Espaço humano e/ou cultural da experiência** 221

Capítulo III — **T. A. T. e sua problemática** 259
Capítulo IV — **Significado da iniciativa de W. Henry** 279
Capítulo V — **O instrumento da observação** 295
Capítulo VI — **Os dados da pesquisa de "campo"** 323

B) EXPERIMENTAÇÃO DADA
Pesquisa clínica

Capítulo VII — **Psicossociologia (esquema)** 357
Capítulo VIII — **Psicopatologia — Panorâmica geral** 361
Capítulo IX — **Alucinação e suas interpretações** 389
Capítulo X — **Em jeito de síntese** 411

III Parte
PROBLEMÁTICA DE APLICAÇÃO
operacionalidade da hipótese

Capítulo I — **A prática psicológica em re-equação** 435
Capítulo II — **De Murray a Murray** 447
Capítulo III — **L. Frank, a referência** 465
Capítulo IV — **Ambiente historico-cultural das técnicas projectivas** 487
Capítulo V — **A projecção em perspectiva — Prospecção bibliográfica** 501
Capítulo VI — **De novo, projecção** 519
Capítulo VII — **A prática psicológica** 555
Final: **o afirmado e o sugerido** 574

ANEXOS 577

BIBLIOGRAFIA 585

ÍNDICE 635

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

ÁLVARO MIRANDA SANTOS

CURRICULUM VITÆ

Para a Biblioteca do ISDA
um dos antigos a trabalhar
sempre. 93.05.17
Miranda Santos

COIMBRA
1991

CURRICULUM VITÆ

ÁLVARO MIRANDA GOMES DOS SANTOS,
filho de António José Gomes dos Santos
e de Arminda Miranda do Vale Souto,
nascido a 14 de Julho de 1925,
em Vila-Cova, Barcelos.

ÍNDICE

I — PREPARAÇÃO RECEBIDA

A — PERÍODO DA PALAVRA REFLECTIDA

B — PERÍODO DA IMAGEM REFLECTIDA

- componentes de base
- componentes subsidiárias

II — ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

A — ACTIVIDADE PEDAGÓGICA

B — ACTIVIDADE CLÍNICA

C — OUTRAS ACTIVIDADES

III — REFLEXÕES CIENTÍFICAS PUBLICADAS

A — EM REVISTAS

B — EM BROCHURA

IV — REFLEXÕES APRESENTADAS EM REUNIÕES CIENTÍFICAS

A— ADENTRO DA PSICOLOGIA SOCIAL

B — ADENTRO DA PSICOLOGIA PEDAGÓGICA

C — ADENTRO DA PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE

D — ADENTRO DA PSICOPATOLOGIA

V — INTERVENÇÕES-SERVIÇO À COMUNIDADE

VI — MISSÕES OFICIAIS

VII — DIVERSOS

I — PREPARAÇÃO RECEBIDA

A — Período da palavra reflectida

1º Ciclo: Vila-Cova — 2 anos
Curvos — 2 anos

2º Ciclo: Silva - Barcelos — 1 ano
Godim - Régua — 2 anos
Fraião - Braga - 2 anos

3º Ciclo: Fraião - Braga — 3 anos

Formação específica: Silva - Barcelos — 1 ano

Os 2º e 3º Ciclos assim como a formação específica aconteceram nas casas de Formação da Congregação dos Padres do Espirito Santo.

B — Período da imagem reflectida

1 - Componentes de base

— Licenciatura em Ciências teológicas
Tese: "De vocatione omnium gentium ab fidem et salutem apud S. Augustinum"
Aprovado: Summa cum Laude
Salamanca,1952

— Licenciatura em Ciências históricas e filosóficas
Acto de licenciatura: 1964
Tese: "Para uma fenomenologia da expressividade"
Aprovado: 16 valores.
Coimbra, 1956

— Frequência do 2º ano do Institut de Psychologie
Sorbonne
Paris , 1957-59

— Escolaridade para o "Doctorat d'Université"
Tema de investigação:"La réussite sociale au Portugal"
Sorbonne
Paris, 1966-67

— Diploma do Institut de Psychothérapie: Onithérapie ou d'imagerie mentale
Paris, 1971-75.

— Bacharelato em "Sciences familiales et sexologiques"
Te Leuven, 1975-77.

— Licenciatura em Psicologia
Mémoire: "Avenir et fantaisie: enquête psycho-sociale auprès des jeunes portugaises".
Te Leuven, 1977.

2. — Componentes subsidiárias

— École des psychologues praticiens
Institut catholique
Paris, 1956-58.

— Curso de Ciências pedagógicas
Lisboa, 1959-1961.

— Curso sobre "Éducation et planification des ressources humaines" no "Institut d'Études du développement économique et social".
Paris, 1966-67

— Seminário anual de "Sociologie africaine"
École pratique des hautes études — VI Section.
Sorbonne, 1966-67.

II — ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

A) Actividade pedagógica

— Docente de Antropologia científica
Instituto Superior Missionário do Espírito Santo
Carcavelos, 1960-70.

— Docente no Instituto Superior de Serviço social
Psicologia da personalidade - 1º ano
Psicologia do desenvolvimento - 2º ano
Psicologia social - 3º ano
Psicopatologia - 4º ano
Lisboa, 1961-74.

— Docente no Instituto Superior de Psicologia aplicada
História da Psicologia - 1º ano
Psicologia social - 2º ano
Psicologia do desenvolvimento II: Adolescente e adulto - 3º ano
Lisboa, 1964-74.

— Docente "extraordinário" no Instituto de Educação e Serviço Social
Psicologia da personalidade - 1º ano
Psicologia do desenvolvimento - 2º ano
Psicologia social - 1º ano
Filosofia social - 2º ano
Luanda, 1961-65

— Docente no Instituto de Educação infantil
Psicologia do desenvolvimento - 2º ano
História da educação - 1º ano
Cultura filosófica - 1º ano
Lisboa, 1961-74

— Docente de Psicopedagogia
na Maternidade Alfredo da Costa
Lisboa, 1961-66.

— Docente na Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação
Psicologia social - 1977
Diagnóstico psicológico e técnicas projectivas -1979-90
(extinta)
Questões especiais de Psicologia social - Opção - 1981
Coimbra.

B) Actividade clínica

— Análise técnica para orientação dos candidatos às Casas de formação da Congregação dos Padres do Espírito Santo:

Braga, 1961-66

Godim, 1961-66

— Análise técnica para orientação das candidatas ao Instituto de Educação Infantil

Lisboa, 1968-74

— Entrevista de orientação para as candidatas ao Instituto de Educação infantil

Lisboa, 1968-74

— Psicoterapia analítica

Lisboa, 1964-74

Paris, 1966-67

— Psicoterapia analítica e/ou de "imagerie mentale"

Bruxelas, 1974-1977

Coimbra, 1980-

C) Outras actividades

— Técnico de Psicologia patológica no Hospital psiquiátrico St. Jean de Dieu
Montréal (Canadá), 1967 (Junho-Julho e Agosto).

— Bolseiro da Colúmbia University - Investigação historicoepistemológica em torno da Psicologia social
New York, 1967 (Setembro e Outubro).

— Bolseiro do Instituto de Alta Cultura para a escolaridade do "Doctorat d'Université"
Paris - Sorbonne, 1966-67.

— Bolseiro do Governo Francês, a convite do Prof. Jean Stoetzel, para estagiar no "Institut français d'opinion public".
Paris, 1967-68

— Bolseiro da Junta de investigações do Ultramar, para a experiência com o T. A. T. banto.
Angola, 1971 (Maio, Junho e Julho)

— Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para a escolaridade de Doutoramento na Universidade de Louvaina
Te Leuven, 1974-77

— Coordenador (nomeado por Despacho ministerial) da "Experiência pedagógica de auto-gestão das matérias e dos tempos lectivos" em quatro Escolas de Educadores de Infância: Coimbra, Guarda, Viana do Castelo e Viseu.
1979-82

— Supervisor dos Estágios de Orientação vocacional
na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Coimbra, 1981-84.

— Bolseiro do I.N.I.C. para o
II Encontro hispano-luso de Psicologia social
Escurial, 1989

— Bolseiro do I.N.I.C. para o
XII Congresso internacional do Rorschach
e das Técnicas projectivas
Paris, 1990

III — REFLEXÕES CIENTÍFICAS PUBLICADAS

A) Em Revistas

— Aviation et géographie humaine
Coimbra, 1955

— Elementos humanos e presença divina na Igreja
Coimbra, 1956

— A um desabafo, uma pergunta ou os jovens na Universidade
Coimbra, 1956

— Manufactura popular do Junco em Forjães
Coimbra, 1957

— Manufactura popular da Madeira em Forjães
Coimbra, 1957

— Criação e descriação
Ensaio de Psicologia existencial da liberdade
Coimbra, 1958

— A ascensão dos povos de cor
Lisboa, 1958

— A Psicologia social na América do Norte
Lisboa, 1959

— Duma descoberta à outra
ou "a individualidade socio-cultural".
Lisboa, 1959

— Para além dos nacionalismos
Lisboa, 1959

— Um determinismo optimista e um indeterminismo fatalista - Paralelo entre Janet e S. Freud
Lisboa, 1960

— Traição aos testes
Lisboa, 1960

— Caminhos da esperança
Lisboa, 1961

— A sinandria
Aspectos quânticos das estruturações psicossociais
Lisboa, 1961

— A somatognósia
História e fundamento experimental duma noção
Lisboa, 1961

— Intransigência *versus* fidelidade
Lisboa, 1962

— Sentido de renovação
Lisboa, 1962

— No rescaldo ou na brecha? A propósito das relações humanas entre sexos
Lisboa, 1963

— Da socialidade à sociabilidade - Transformações psicossociais por virtude da entrada na Escola
Lisboa, 1963

— Para além da personagem - Carácter decisivo dessa manifestação no desenvolvimento humano
Lisboa, 1963

— Ao ritmo do Vaticano II - Considerações psicossociais sobre o facto e a perspectiva
Lisboa, 1963

— A imagem - Considerações e perspectivas histórico-sociais
Lisboa, 1964

— Educação: rumo da criança ao futuro
Lisboa, 1965

— Un récit de spiritain: de l'Est et de l'Ouest
Paris, 1967

— A paz, arma de guerra? Modelos socio-culturais e societais em torno do tema: paz
Lisboa, 1968

— Significado possível do movimento hippy
Lisboa, 1968

— Problemas da Psicologia em Portugal
Lisboa, 1968

— Expo 67 - Terra dos homens ou das máscaras?
Lisboa, 1968

— Aspectos sociais da deficiência mental
Lisboa, 1969

— A tradição que progride, nega-se ou afirma-se?
Lisboa, 1969

— Sintoma e doença
Contributo para a especificidade da Psicologia
Lisboa, 1969

— Interesse pelo deficiente mental em Portugal
Lisboa, 1970

— Religiões de substituição - Significado humano do mito
Lisboa, 1970

— Un troisième facteur différentiel du développement
Paris, 1970

— Nostalgia do paraíso: Origens ou escatologia?
Lisboa, 1970

— A autoridade: em problema ou em promoção?
Lisboa, 1972

— Linguagem e língua
Lisboa, 1972

— Da ou duma História da psicologia - Impossível a História da Psicologia?
Coimbra, 1975

— Anti-science - anti quoi? anti qui?
Bruxelas, 1976

— A fantasia em re-descoberta; um centenário:
Frohschammer
Coimbra, 1977

— Futuro e personalidade
Problemática em psicologia aplicada
Coimbra, 1977

— A interacção e o seu tópico
Coimbra, 1978

— Inexistência da adultez
Coimbra, 1979

— A fantasia no adolescente
Lisboa, 1979

— Em torno do "Arrheton"
Significado do centenário de K. G. Jung
Coimbra, 1980

— Formação inicial de Professores do Ensino pre-primário
Aveiro, 1981

— Em torno duma personalidade
Coimbra, 1981

— Corpo - situação motivante
Coimbra, 1981

— Hoje e aqui, a criança
Lisboa, 1986

— Factor estrutural e desenvolvimento
Coimbra, 1986

— Comunicação e/na Empresa
Coimbra, 1986

— O ensino da Psicologia nos meios da enfermagem
Lisboa, 1987

— Psicossociologia da iniciação
Coimbra, 1988

— Adolescência: crise ou projecto?
Coimbra, 1988

— Psicologia: Bem-estar e mudança
Olhão, 1989

— Os "outros" factos científicos - Clínica, a Psicologia?
Coimbra, 1990

B) Livros

1 — ACULTURAÇÃO
Aspectos gerais da interpenetração de culturas
Pref. de Jean Stoetzel, Prof. na Sorbonne
Lisboa, [1]1961, [2]1970

2 — MITIFICAÇÃO DA COR
Perspectiva psicossociológica das relações humanas a partir da cor
Prof. de Gilberto Freyre
Lisboa, 1966

3 — MISSÃO E HISTÓRIA
Fenomenologia duma criatividade aplicada
Lisboa, 1968

4 — INFORMÁTICA E PSICOLOGIA
A Psicologia na e para a era da informática
Lisboa, 1971

5 — EXPRESSIVIDADE E PERSONALIDADE
Um século de Psicologia: para onde caminhamos?
Coimbra, 1972
Pref. de M. O. Gouveia Pereira
Coimbra, [2]1989

6 — O MILITAR E A SOCIEDADE (folheto)
Lisboa, 1970

7 — SOCIOGÉNESE (Caderno E. S. E. Infância)
Lisboa, 1988

8 — ENCICLOPÉDIA POLIS

1 Aculturação, 2 - Festa, 3 - Família, 4- Grupo e pedagogia, 5 - Infância, 6 - Idade, 7- Juventude, 8 - Moda, 9 - Mulher, 10 - Personalidade, 11- Pornografia.

Lisboa, 1981-84

IV — REFLEXÕES APRESENTADAS EM REUNIÕES CIENTÍFICAS

A) Adentro da Psicologia social

1. AS RELAÇÕES HUMANAS
   — Momentaneidade dessa investigação.
   Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências
   Sevilha, 1960.

2. A AUTORIDADE
   — Em decadência ou em promoção?
   Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências
   Porto, 1962.

3. A PERTENÇA RELIGIOSA E CULTURAL
   — Aspectos psicossociais e implicações humanas.
   I Semana missiológica de Lisboa,
   Lisboa, 1965.

4. La distance sociale
   — Análise do "Youth's outlook in the Future"
   XVIII Congresso internacional de Psicologia
   Moscovo, 1966.

5. Personnalité et acculturation chez les Bakongo
6. La perspective acculturaliste au Portugal
   à la fin du XIX ème siècle.
   XX Congresso internacional de Psicologia,
   Tóquio, 1972

7. L'image de soi chez les Bakongo.
XV Simpósio da "Ass. de Psychologie sc. de langue française,
Paris, 1973.

8. Saúde mental e contacto cultural.
9. Imagem do mundo e aculturação.
Symposium on transcultural Psychiatry,
Macau, 1981.

10. O corpo, situação motivante.
II Simpósio da relação médico-doente na prática clínica
Coimbra, 1981.

11. Inseminação e/ou adopção em perspectiva psicossociológica.
Jornadas internacionais da reprodução humana,
Espinho, 1982

12. Meios de comunicação social
— Incidência na opinião pública.
Conferência-debate no I. S. Serviço Social,
Coimbra, 1984.

13. Rito, rituais e comunicação.
IV Semana Cultural africana,
Coimbra, 1985

14. Um perfil de perfil.
— Aspectos psicossociológicos da criatividade estética.
Simpósio Manuel Boaventura,
Esposende, 1985

15. Símbolos, simbologia e cultura.
V Semana Cultural africana,
Coimbra, 1986.

16. Comunicação e / na Empresa,
— Psicossociologia das organizações.
IV Jornadas luso-hispano-brasileiras de Direito do trabalho,
Coimbra, 1986.

17. Investigação transcultural em Angola.
I Encontro luso-espanhol de Psicologia social,
Tomar, 1987.

18. Brinquedo e desenvolvimento na infância
Conferência na Câmara Municipal de Paredes de Coura, 1988

19. A interacção afectiva e seus conteúdos.
20. Epistemologia da Psicologia social.
II Encontro hispano-luso de Psicologia social,
Escurial, 1989.

21. A sociabilidade e seu conteúdo-significação.
I Jornadas da E. S. Educação,
Beja, 1989.

22. Projection dans la situation d'acculturation: des exemples africains
XIII Congrès international du Rorschach et des méthodes projectives
Paris, 1990

B) Adentro da Psicopedagogia ou psicologia do desenvolvimento

1. A criança e o meio familiar
2. A crise da adolescência:
   Realidade e/ou pseudo-realidade?
   I Congresso nacional de Psicopedagogia
   Évora, 1962

3. O jovem-adulto: Um problema-situação
   ou uma situação problema diferente?
   Congresso luso-espanhol para o progresso das Ciências
   Porto, 1962

4. Un troisième facteur différentiel du développement
   XIII Simpósio da "Ass. de Psychologie scientifique de langue française".
   Lille, 1970

5. A fantasia no adolescente
   I Congresso nacional de Psiquiatria da adolescência
   Figueira da Foz, 1979

6. Família-educação em perspectiva temporal
   I Jornadas da Família (Secr. de Estado da Família)
   Coimbra, 1982

7. A relação professor - aluno: reciprocidade.
   Coimbra, 1983

8. Coordenadas da Justiça e da paz
   Encontro: Escola, caminho para a paz
   Braga, 1985

9. Vectores para uma política de educação da infância
   Conferência no 1º Encontro da A. P. E. I.
   Lisboa, 1987

10. Para uma compreensão actual-futura da adolescência
    Seminário na Escola Superior de educação
    Santarém, 1987

11. Das técnicas pedagógicas à técnica pedagógica
    Jornadas da Escola Superior de Educação
    Viseu, 1987

C) Adentro da Psicologia da personalidade

1. Comportement ou signification?
   XII Simpósio da Ass. de Psychologie scientifique de langue française"
   Roma, 1967

2. La perception de l'espace
   XIV Simpósio da "Ass. de Psychologie scientifique de langue française"
   Bruxelles, 1972

3. Psychologie et metapsychologie
   XV Simpósio da "Ass. de Psychologie scientifique de langue française"
   Paris, 1973

4. Tempo e temporalidade. Entre o círculo e a recta exemplos africanos
   III Semana de cultura africana
   Coimbra, 1984

5. Existir e (é) espiralidade
   Sessão de encerramento dum Curso de Enfermagem
   Coimbra, 1986

6. O ensino da Psicologia em meios de enfermagem
   I Encontro nacional de Psicologia militar
   Lisboa, 1986

7. Sexualidade e maternidade
   II Congresso nacional de Sexologia
   Coimbra, 1987

8. Psicologia: bem-estar e mudança
Olhão, 1989.

9. Projection, cours et parcours:
cours passés et parcours possibles
XIII Congrès internationale du Rorschach
et des techniques projectives
Paris, 1990

D) Adentro da Psicopatologia

1. A doença em perspectiva temporal
   I Simpósio da relação médico-doente na prática clínica
   Coimbra, 1980

2. A outra face possível do Stress
   I Congresso nacional do Stress
   Coimbra, 1987

3. Personalidade e afectividade - Psicoses afectivas,
   um possível equívoco
   Conferência-debate no Hospital do Lorvão
   Lorvão, 1988

4. Sintoma e sintomas. Doença
   Ciclo de conferências da Gulbenkian
   Lisboa, 1969

5. A saúde pela adolescência
   1º Encontro de saúde na comunidade
   Tomar, 1989

V — INTERVENÇÕES - SERVIÇO À COMUNIDADE

— Adolescência e meio
Seminário de Almada
Almada, 1960

— Educação para a personalização
Museu de Angola
Luanda, 1963

— Reflexões psicopedagógicas
Para dois grupos: pais e educadores
estudantes
Funchal, 2-7 Janeiro de 1966

— Colóquios sobre "Problemas dos jovens"
Educação e personalidade
Relações intra-familiares
Educação e sexualidade
Cooperativa Ludus
Lisboa, 1968

— O movimento hippy e o seu significado
Rotary Club Lisboa-Norte
Lisboa, 1968

— O movimento hippy e as suas incidências
Associação dos Médicos católicos
Lisboa, 1968

— La perspective de Jung sur le "ÁRRHETON"
Centro de Psicodiagnóstico e psicoterapia
Te Leuven, 1975

— Palavra e Missão
Círculo de cultura
Setúbal, 1979

— O casal, realidade de amanhã
Associação do planeamento familiar
Coimbra, 1979

— Conflito de gerações ou diferença nas vivências?
Rotary Club de Coimbra
Coimbra, 1979

— Personagem e adolescência
Centro de Medicina Pedagógica
Coimbra, 1979

— Casal, realidade contemporânea;
— Aspectos psicossociológicos da transsexualidade;
— Aspectos éticos e psicossociais da sexualidade;
— A família e o casal na actualidade;
— Erotismo e pornografia;
— Erótico e erotismo.
Curso de Sexologia Médica — Faculdade de Medicina,
Coimbra, 1979 a 1984.

— Objectivos gerais e específicos das Escolas Normais de Educadores de Infância;
— Programação da cadeira de Psicologia.
Diário da República, 1ª Série, Portaria nº 26-G/80, de 9.1.1980.

— Curso de Psicologia do desenvolvimento para inspectores do Ensino Básico, oficial e particular.
Lisboa, 1980 e 1981.

— Educabilidade, característica esquecida.
E. N. Educadores de Infância,
Viseu, 1980.

— Aspectos da pré-adolescência e relação professor-aluno.
E. Preparatória,
Águeda, 1982.

— Adolescência, apenas ruptura-contraste?
E. Secundária Infanta D. Maria,
Coimbra, 1982.

— Centenário do primeiro Jardim de Infância em Portugal.
E. N. Educadores de Infância,
Faro, 1982.

— Formação de quê, Educação para quê.
E. N. Educadores de Infância,
Faro, 1982.

— Valores tradicionais — Novos valores.
E. N. Educadores de Infância,
Guarda, 1983.

— Comunicação: formas e conteúdos.
Seminário na A. R. Saúde,
Leiria, 1983.

— Actuar e observar: Observar, actuando.
E. N. Educadores de Infância,
Faro, 1983.

— Educação e educabilidade.
No centenário de Fröebel,
Porto, 1983.

— Saúde e higiene na infância.
E. N. Educadores de Infância,
Faro, 1984.

— Dinâmica das relações interpessoais
Seminário para profissionais da saúde,
A. R. Saúde,
Leiria 1984.

— Psicologia das claques.
Reunião Nacional das Claques — Queima das Fitas,
Coimbra, 1985.

— Vectores para uma política de Educação da Infância.
Conferência final do I Encontro da A. P. E. Infância,
Lisboa, 1985.

— Motivação e Educação.
Seminário na E. N. Educadores de Infância,
Beja, 1985.

— Técnica pedagógica e atitude.
Conferência na Escola de Educadores,
V. N. Famalicão, 1985.

— Meio e desenvolvimento.
Seminário na E. N. Educadores de Infância,
Beja, 1986.

— Educação e Anos 2000.
Seminário na Direcção Regional de Educação.
Angra do Heroísmo, 1986.

— Tempo e audio-visuais;
— Computador e Novas imagens.
I Jornadas da Escola de Educadores,
Lisboa, 1987.

— Auto-Educação *verus* auto-transcendência.
Conferência na Escola de Educadores,
Lisboa, 1987.

— Os serviços de saúde mental em Portugal:
presente e futuro.
Participação em representação da
Faculdade de Psicologia
Hospital Júlio de Matos,
Lisboa, 1987.

— Educação permanente ou permanência na educabilidade.
II Jornadas da Escola de Educadores,
Lisboa, 1987.

— Animar a comunidade: formas e conteúdos.
Conferência na Escola de Educadores,
Lisboa, 1987.

— Humanização dos cuidados de saúde.
Palestra para profissionais de saúde.
Hospital Central dos Covões,
Coimbra, 1987.

— Adolescência e personagem.
E. Secundária,
Albergaria-a-Velha, 1988.

— Humanização dos cuidados de saúde.
Palestra para profissionais de saúde.
Figueira da Foz, 1988.

— Relações humanas numa comunidade de saúde.
Seminário no Hospital Regional,
Faro, 1988.

— O mito e o rito na Educação de Infância.
Conferência no Curso pós-básico de educadores de infância.
Coimbra, 1988.

— Projecto educativo e atitude educativa.
Seminário na E. S. de Educação,
Guarda, 1988.

— Educação e educabilidade: só educa quem se educa.
Seminário para Educadores de Infância.
S. Miguel, 1988.

— Sociabilidade e seu conteúdo.
Conferência nas I Jornadas da E. S. Educação,
Beja, 1989.

— Grupo e seu lider.
Conferência final no III Encontro de enfermeiros especialistas.
Figueira da Foz, 1990.

— Jardim de Infância, caminho para o sucesso.
Seminário para Educadores de Infância.
Caldas da Rainha, 1990.

VI — MISSÕES OFICIAIS

Ao Brasil
a convite do governo do Estado da Guanabara, 1965:

— Realização de alguns encontros e colóquios sobre problemas atinentes à aculturação, à Psicologia da arte, arte e psicopatologia

— Investigações, principalmente bibliográficas, no Centro latino-americano de Pesquisas sociais de colaboração com o Prof. Dr. Diègues Junior.

VII — DIVERSOS

— Membro titular da
Association de Psychologie scientifique de langue française desde 1964.

— Membro titular da
Sociedade portuguesa de Psicologia
desde o início

— Sócio efectivo do agora
Sindicato livre dos Psicólogos (cédula profissional n. 10).

— Membership in the
American Association for Advancement of Science
desde 1973.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA